

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TESE DE DOUTORADO

ENTRE MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS

UMA ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES COTIDIANAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

IGOR MARTINS MEDEIROS ROBAINA

IGOR MARTINS MEDEIROS ROBAINA

ENTRE MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS

UMA ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES COTIDIANAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do titulo de Doutor em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (PPGG/UFRJ)

IGOR MARTINS MEDEIROS ROBAINA

ENTRE MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS

UMA ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES COTIDIANAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

provada em:
Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (PPGG/UFRJ)
Anamantons
Prof Dr Ana/Maria Lima Daou (PPGG/UFRJ)
Wing bang
Prof. Dr. William Ribeiro da Silva (PPGG/UFRJ)
Prof. Dr.Alvaro Luiz Heidrich (POSGEA/UFRGS)
John Salant
Prof. Dr.Rogério Haesbaert da Costa (POSGEO/UFF)

CIP - Catalogação na Publicação

Re

ROBAINA, Igor Martins Medeiros ENTRE MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS UMA ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES COTIDIANAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO / Igor Martins Medeiros ROBAINA. --Rio de Janeiro, 2015. 380 f.

Orientador: Paulo Cesar Da Costa Gomes. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2015.

- 1. Geografia Humana. 2. Espacialidade Humana.
- 3. População em Situação de Rua. 4. Vida Cotidiana.
- 5. Área Central da Cidade do Rio de Janeiro. I. Da Costa Gomes, Paulo Cesar, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Aos meus pais, o senhor Manoel Robaina e a senhora Jeanete Robaina.
Ao meu pai, o fato de ter vivido nas ruas da cidade do Rio de Janeiro nunca extraiu sua
solidariedade, compaixão e amor. Estas qualidades me ensinaram a ver um mundo com outros olhos e a possibilidade permanente de transformá-lo por meio das singelas
ações cotidianas. A minha mãe, sua infância e adolescência em um centro para menores não lhe retiraram os afetos, e o seu amor por mim é incomensurável, assim
como, o seu rigor nos aspectos referentes à justiça. O homem que me tornei hoje é
graças a vocês. Meu carinho e minha gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

Reconheço que os agradecimentos desta tese são simbólicos, pois as ajudas que me foram dadas nunca conseguirão ser representadas ou retribuídas por meio de palavras. Ainda assim, deixo esse meu registro como forma de gratidão. De fato, esta tese pode ser entendida como um longo caminho marcado por inúmeros encontros de mobilidades e permanências. Várias foram as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e temo, de antemão, esquecer algumas delas, e, portanto, já me desculpo por qualquer eventual omissão.

Antes de falar das pessoas, gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa de doutorado que proporcionou uma enorme segurança durante os 48 meses da pesquisa. É importante salientar que os agradecimentos pessoais aqui presentes não possuem qualquer ordem hierárquica, mas agradeço inicialmente ao meu orientador, o Professor Paulo Cesar da Costa Gomes. Sem dúvida alguma, sua pessoa e o seu apoio representam muito para mim, pois, além de aceitar o desafio de orientar uma pesquisa sobre este tema, (o qual me proporcionou muitas dificuldades de dialogar com outros geógrafos e programas de pós-graduação em Geografia no Brasil) sua posição crítica vinculada com a produção do conhecimento e em defesa da Geografia, principalmente por meio de permanentes questionamentos e autonomia dada a mim, garantiram a esta pesquisa uma maior profundidade, complexidade e relevância tanto para a Geografia quanto para o fenômeno em análise.

Em seguida, agradeço, incansavelmente, às professoras Ana Marcela Ardilla Pinto e Leticia Parente Ribeiro. Sem a coorientação de ambas, cada uma a sua maneira, esta tese não poderia ter chegado onde chegou. Inúmeros foram os diálogos, questionamentos, proposições, indicações, leituras e releituras do texto e do contexto sócio-espacial. A disponibilidade e a doação das mesmas me garantiam um caminhar com maior firmeza, e foram tão importantes quanto a própria figura do orientador.

Não posso esquecer-me de três companheiros de doutorado e amigos de vida. Espero um dia ter a mesma maturidade e qualidade dos mesmos. Assim, destaco a figura de Marcos Góis, que, além de excelente companheiro de turma, foi um interlocutor incansável e extremamente crítico das aproximações espaciais que procurei analisar. Da mesma forma, posso falar de Karina Fioravante. Sua amizade leal, as inúmeras conversas sobre epistemologia e a leitura das diferentes versões do material me ajudaram a consolidar esta tese. Ressalto, ainda, o papel de Ana Brasil Machado e os diálogos sobre metodologia e a arte de escrever, que proporcionaram a este trabalho maior clareza diante das minhas recorrentes confusões de ideias.

Ainda vinculado ao Grupo de Pesquisa Território e Cidadania, desejo agradecer ao geógrafo Rafael Gomes pela leitura minuciosa do texto, assim como a Renan França, Nikolas Zanette, Thomaz Menezes, Paula Trojan e Rafaela Alcântara pelas transcrições das entrevistas e outras ajudas; a Amanda Fernandes, pelos desenhos técnicos das representações e esquemas e ao Gilson Ribeiro pela produção dos mapas.

Mudando de escala, mais especificamente ao período de estágio no exterior, gostaria de agradecer a professora Fátima Loureiro de Mattos pelos inúmeros diálogos e discussões metodológicas na Universidade do Porto. Na Universidade de Valladolid, o professor Fernando Manero teve um papel fundamental na minha formação, apontando os desafios decorrentes desta pesquisa e da minha atuação como geógrafo. Na Espanha, também agradeço ao acolhimento dos Geógrafos e amigos Daniel Herreiro Luque, Norma da Silva e Carlos Hugo Sória. Na Alemanha, mais especificamente na Universidade de Hamburgo, agradeço a geógrafa Katharina Schmidt, que também enfrenta o desafio de realizar uma tese sobre o mesmo tema. Inúmeros foram os diálogos sobre a dimensão espacial, aspectos metodológicos e éticos. Sua posição diante do fenômeno me fez refletir sobre a minha própria prática diante no âmbito deste trabalho.

Voltando novamente ao Brasil, quero agradecer ao amigo Enéas Cavalcante pela total solidariedade e disponibilidade para me apresentar o mundo das ruas, os caminhos e sua complexidade. Sem você, nada disto teria sido do modo que foi. Agradeço também aos professores Elias Neves, que acompanha minha trajetória estudantil desde muito jovem, inclusive antes da Geografia, e Marcelo Coelho, que me apresentou e me fez amar esta ciência tão maravilhosa. Agradeço ao professor Rogério Haesbaert pelo permanente envio de matérias e artigos sobre o tema e, ainda, à professora Maria Lucia Cunha Lopes de Oliveira, que me fez entender que a ciência deve estar permanentemente vinculada aos princípios éticos e de compromissos com a sociedade. Sou eternamente grato por tudo que fizestes por mim.

Por fim, agradeço a minha esposa, e amada, Kelly Maria de Jesus. O calor dos teus braços me protegeu diante dos inúmeros momentos de fraqueza e me fizeram seguir em frente. Assim, todos vocês, de diferentes maneiras, graus, momentos e intensidades, participaram desta trajetória e eu não poderia esquecê-los. Muito Obrigado!!!



RESUMO

O tema central da tese é a discussão da população em situação de rua, sua vida cotidiana e das múltiplas relações mantidas com o espaço. O objetivo principal foi analisar o papel da espacialidade na vivência dessa população. De fato, muitas são as discussões e análises sobre este fenômeno, entretanto, pouquíssimas destas se dedicaram, especificamente, a essas relações. Difunde-se assim, a ideia de que este segmento populacional não se organiza segundo qualquer ordem espacial e, portanto, estariam perambulando, vagueando ou perdidos nos espaços públicos. O desafio contido nessa tese foi, nesse sentido, o de compreender se existia algum vínculo com a dimensão espacial, sobretudo nas práticas cotidianas mantidas por essa população. Metodologicamente, o procedimento central na pesquisa foi a organização de um minucioso trabalho de campo que se mostrou um eficiente instrumento da prática de pesquisa geográfica, aqui concebida como um contínuo processo. As visitas ao campo ocuparam quase dois anos e foram realizadas mais de uma centena de longas entrevistas nos espaços públicos com essa população. Por meio da enunciação dos próprios sujeitos emergiram categorias vinculadas ao cotidiano, principalmente aquelas relacionadas às suas atividades diárias. A espacialidade foi entendida como o conjunto das lógicas de mobilidades, permanências e ritmos espaciais na execução dessas práticas. Constatamos que, mesmo diante de um conjunto complexo de adversidades, esta população não opera de modo aleatório, pelo contrário, possui uma série de lógicas, marcadas por práticas e estratégias espaciais que produzem lugares, territórios, trajetórias e circuitos espaciais cotidianos. Por fim, concluímos que a espacialidade se constitui em um elemento-chave para a interpretação deste fenômeno e necessita ser incorporado nas análises sobre o tema, pois demonstrou possuir uma dimensão essencial na organização da vida desta população.

Palavras-chave: Espacialidade Humana, População em situação de Rua, Mobilidades, Permanências e Ritmos Espaciais.

ABSTRACT

The central topic of this Ph.D. thesis is the debate around the homeless, their everyday life and the multiple connections maintained with space. The main objective was to analyze the role performed by spatiality on this population's life experience. There are indeed many ongoing discussions and analysis on this phenomenon, although very few of them are strictly dedicated to such relations. One thereby propagates the idea that this population does not organize accordingly to any spatial order being therefore wandering or lost in the public spaces. In that sense the challenge in this research was understanding if there was any link between the homeless population and the spatial dimension, especially those regarding everyday practices. Methodologically the central approach in this research was the organization of a detailed fieldwork that also turned out to be an effective tool in geographical research, here conceived as a continuous process. The field trips took almost two years and in total more than one hundred interviews were conducted with homeless population in public spaces. Through the subject own speech categories related to their daily life and activities emerged. Spatiality was understood as the set of logics in mobility, stays and spatial flow for the fulfillment of such practices. We observed that even in front of a complex set of adversities this population does not operate randomly. On the contrary, it has a series of logics marked by practices and strategies that produces places, territories, trajectories and daily spatial circuits. Finally, we have concluded that spatiality constitutes itself a key-element to interpret such phenomenon and it needs to be embodied in the analysis regarding this thematics since it has demonstrated to be an essential dimension in this population's life organization.

Keywords: Human Spatiality; Homeless; Mobilities, Stays and Spatial Rhythms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1	Tipologia de precariedade habitacional			
Figura 2	Zonas de proteção social			
Figura 3	Possibilidades de pensamentos sobre a ideia de espacialidade	p.93		
Figura 4	Tipologia dos Lugares de Permanência	p.99		
Figura 5	Componentes da mobilidade Humana	p.102		
Figura 6	Tipos de Trajetórias de mobilidade	p.104		
Figura 7	Padrão de deslocamento dos catadores em itinerância	p.165		
Figura 8	Padrão de deslocamento dos catadores territorializados	p.172		
Figura 9	Aspectos variáveis das práticas de mendicância	p.182		
Figura 10	Padrões espaciais de imprevisibilidade laborais	p.184		
Figura 11	Modelos de fogareiros adaptados pela população em situação de rua encontrados na área central da cidade do Rio de Janeiro	p.224		
Figura 12	Percepção hierárquica de integração sócio-espacial da alimentação			
Figura 13	Quadro subjetivo das percepções de limpeza das roupas	p.248		
Figura 14	Aspectos Gerais das Necessidades Fisiológicas	p.258		

IMAGENS

Imagem 1	Recorte Especial da Pesquisa		
Imagem 2	Localização das Áreas Morais		
Imagem 3	Localização dos Ferros-velhos na área central		
Imagem 4	Localização do Restaurante Popular e dos Terminais de	p.196	
	Transportes na Área Central da cidade do Rio de Janeiro		
Imagem 5	Localização dos Espaços Fixos de Solidariedade	p.202	
Imagem 6	Localização dos Restaurantes na Praça da Cinelândia	p.206	
Imagem 7	Estabelecimentos Públicos utilizados pela População em	p.212	
	situação de Rua		
Imagem 8	Principais pontos de distribuição das carreatas	p.218	
Imagem 9	Locais de Refeições Improvisadas e a Feira da Glória	p.223	
Imagem 10	Atuação da Ordem dos Franciscanos aos domingos à noite	p.225	
Imagem 11	Principais lugares reapropriados para o banho nos espaços	p.235	
	públicos		
Imagem 12	Localização do Abrigo de Antares e o recorte espacial de	p.290	
	análise		
Imagem 13	Recorte espacial da pesquisa e as Praias frequentadas pelos	p.313	
	entrevistados		

QUADROS

~ C1122100		
Quadro 1	Tipos de adequação Habitacional	p.33
Quadro 2	Tipologia europeia de exclusão relacionada com habitação	p.34
Quadro 3	Tipologia de grupos	p.35
Quadro 4	Tipologia Continuum de Hertzerberg	p.36
Quadro 5	Níveis de Situação de rua	p.36
Quadro 6	Tipologia baseada nos riscos de se tornarem Homeless	p.37
Quadro 7	Zonas Sociais de Robert Castel (1997)	p.42
Quadro 8	Categorias de análise e Variáveis	p.88
Quadro 9	Tipologia dos catadores de materiais recicláveis	p.175

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Onde você guarda os seus pertences?	p.119			
Gráfico 2	Rendimentos Semanais dos entrevistados	p.159			
Gráfico 3	Tipos de Práticas laborais e de aquisição de recursos	p.159			
Gráfico 4	Trabalho e renda (Adaptado da <i>PNPSR</i> – 2008)				
G (6: 5	Diversificação das atividades laborais ou de aquisição de	p.161			
Gráfico 5	recursos, segundo os entrevistados nos últimos sete dias				
Gráfico 6	Atividades laborais, aquisição de recursos e Mobilidade	n 162			
Granco	Espacial	p.162			
Gráfico 7	Frequência dentre os que utilizaram o Restaurante	p.199			
Granco /	Popular nos últimos sete dias	p.177			
Gráfico 8	Estabelecimentos Públicos utilizados para beber água	p.211			
Gráfico 9	Fatores que levaram os sujeitos a não jantarem nos	p.216			
Granco	últimos sete dias	p.210			
Gráfico 10	Frequência de Banho nos últimos sete dias	p.230			
Gráfico 11	Relação Entre a Frequência de Banho e a Renda	p.231			
Granco 11	Semanal	p.231			
Gráfico 12	Relação entre a utilização de substâncias que causam	p.233			
Granco 12	dependência química e a frequência de banhos	p.233			
Gráfico 13	Locais utilizados como pontos de banho nos últimos sete	p.234			
	dias				
Gráfico 14	Onde ou como você lavou as suas roupas?	p.246			
Gráfico 15	Temporalidade da Lavagem das Roupas	p.248			
Gráfico 16	Locais de realização das necessidades fisiológicas do	p.252			
Giuneo 10	sistema excretor	p.232			
Gráfico 17	Você carrega consigo todos os seus pertences?	p.258			
Gráfico 18	Onde você guarda os seus pertences?	p.260			
Gráfico 19	Relações de violência no cotidiano	p.268			
Gráfico 20	Motivos do Medo nos Espaços Públicos	p.275			
Gráfico 21	Espaços de Medo pela população em situação de rua	p.276			
Gráfico 22	Locais de Pernoite nos últimos sete dias p.278				
Gráfico 23	Qual foi à razão você optou ir ao Abrigo de Antares? p.293				
Gráfico 24	Perfis de percepção desta população em relação ao	p.294			
Granco 24	Abrigo de Antares	p.274			
Gráfico 25	Lugares frequentados para as práticas de ócio e lazer?	p.310			
Gráfico 26	Praias frequentadas pelos entrevistados	p.312			
Gráfico 27	Variação dos lugares de lazer e diversão	p.335			

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - ELUCIDANDO UMA REALIDADE COMPLEXA: REFLEXÕES SOB FENÔMENO DA POPULAÇÃO "EM SITUAÇÃO" DE RUA	RE C
1.1 – Terminologias e classificações: divergências, lutas e tensões em torno da construção espacial de uma população	
1.1.1 - A mendicância e o mendigo: da depreciação ocupacional à depreciação como car social	-
1.1.2 – Da desconstrução do estigma à construção da política: a emergência da populaç situação de rua	
1.1.3 – Diferentes tipologias e classificações de "um mesmo" fenômeno	33
1.2 – Temas convergentes nas análises sobre a população "em situação" de rua	
1.2.2 – As ações assistenciais: possibilidades e limites	46
1.2.3 – A população "em situação" de rua nos espaços públicos	50
1.3 – A Geografia e a população "em situação" de rua	
1.3.1 — Algumas considerações sobre as análises da população "em situação" de ru Geografia brasileira	_
CAPÍTULO 2 - "IDAS, VINDAS E IDAS NOVAMENTE": A CONSTRUÇÃO TEÓRI METODOLÓGICA DE UMA PESQUISA	
2.1 - O trabalho de campo como elemento transformador da pesquisa	62
2.1.1 - Aprendizagens e dificuldades cotidianas da assistência social: o caso do Centr	ro Pop
Bárbara Calazans2.1.2 – O informante: suas práticas, comportamentos e sensibilidades	
2.2 – A importância da vida cotidiana: a definição do objeto da pesquisa e a construç instrumento de análise	ção de
2.3 – Os referenciais teóricos da pesquisa	
2.3.1 – As permanências como lugares de referência	
2.3.2 – As mobilidades	
2.3.3 – Os ritmos espaço-temporais	
CAPÍTULO 3 - A RUA COMO UNIDADE FEDERADORA, SUAS DIFERENTES ESCAI REFERÊNCIAS SÓCIO-ESPACIAIS	LAS E
3.1 – A rua e a casa: diferentes relações, vínculos e permanências	110
3.2 – A Área Central como referência sócio-espacial	121
3.3 – Heterogeneidades, moralidades e distinções sócio-espaciais	125
3.3.1- "No Largo São Francisco só tem alemão"	
3.3.2 - "Na Central do Brasil só tem cracudo"	136
3.3.3 – "A Lapa é lugar de coroa cachaceiro"	143
3.3.4 – "Só para ladrão na Praça dos Professores"	149
CAPÍTULO 4 - <i>"CADA QUAL COM A SUA ARTE"</i> : AS ESPACIALIDADES DAS PRÁT LABORAIS E A AQUISIÇÃO DE RECURSOS	ΓΙCAS 158
4.1 - "Garimpando": entre territorialidades itinerantes e mobilidades territorializadas	163
4.2 – Mangueando: a mendicância como permanência simbólica de um fenômeno em movimento	17 <i>€</i>

4.3 – "Vi um trabalho no meio do caminho, no meio do caminho peguei um trabalho": sobre imprevisibilidades e oportunidades nos espaços públicos
CAPÍULO 5 - "SACO VAZIO NÃO PARA EM PÉ E É PRECISO CORRER ATRÁS": SOBRE ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS ESPACIAIS DA ALIMENTAÇÃO E DO CONSUMO DE ÁGUA
5.1 - A alimentação diurna: A centralidade do almoço no Restaurante do "Garotinho"194
5.2 – Comprando, pedindo ou sendo "agraciado": outros ritmos e microcentralidades espaciais da alimentação diurna200
5.3 – "Procurando uma fonte": beber água é muito mais que a ingestão de líquidos209
5.4 – "A comida que chega de Deus": a centralidade das carreatas e as mobilidades na alimentação noturna
5.5 – Entre a autonomia e a fé: a abertura e a produção de novas espacialidades aos finais de semana221
CAPÍTULO 6 – SOBRE OS CUIDADOS DE SI E AS ESPACIALIDADES DA HIGIENE, EXCREÇÃO E DOS PERTENCES PESSOAIS
6.1 – "Como manter um corpo limpo em uma rua suja?" O lugar do banho nos espaços públicos230
6.2. – "Entre a limpeza e o descartável": as diferentes espacialidades em relação ao papel das roupas na vida cotidiana
6.3 - "As ruas não tem banheiros": entre (in)visibilidades e ritmos nas práticas das necessidades excretoras
6.4 – Ter ou não ter? Carregar ou não carregar? Repensando o lugar dos pertences pessoais na vida cotidiana258
CAPÍTULO 7 - "A NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS E TEM MEDO DE ÁGUA QUENTE": SOBRE AS PRÁTICAS DE DORMIR E O SENTIMENTO TOPOFÓBICO NO PERÍODO NOTURNO
7.1. O período noturno como risco: a topofobia e a violência como objetos concretos aplicados ao espaço265
7.2. Entre a segurança e topofobia: modos de dormir nos espaços públicos278
7.3 — "Vou e não vou": múltiplas espacialidades em torno do Abrigo de Antares289
CAPÍTULO 8 - "NEM TUDO SÃO DORES E EU VOU SAIR PRA ZOAR": SOBRE AS PRÁTICAS DO LAZER E DO TEMPO LIVRE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS306
8.1. O sol, a praia e o futebol: elementos de convergências diurnas aos finais de semana311
8.2. O sexo, as drogas e o "batidão" nas noites cariocas: Outras mudanças e convergências dos ritmos nos finais de semanas
8.3. Nas mesmas praças, mas de outro modo: o lazer e o tempo livre "entre iguais" nos espaços públicos
CONSIDERAÇÕES FINAIS
9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
Anexo 2 - Ficha de observação
Anexo 3 - Guia de Entrevista
Anexo 4 - Lista dos Pseudônimos

INTRODUÇÃO

Enquanto este trabalho está sendo lido, milhões de pessoas continuam vivendo nas ruas de todo o planeta¹. A crescente expansão e visibilidade deste fenômeno na paisagem urbana exige uma reflexão sobre a complexidade e a contradição das próprias cidades, pois a produção e a concentração de riquezas, prosperidades e de uma fascinante multiplicidade de belezas vinculadas às formas, movimentos, cores e vidas, cheiros e sabores coexistem com inúmeros problemas, desigualdades e penúrias no espaço urbano.

A população "em situação" de rua constitui um fenômeno paradoxal, emblemático e que merece atenção especial. A despeito das profundas transformações pelas quais a cidade passou ao longo de sua história, o fenômeno permanece e, portanto, descartá-lo ou colocá-lo em uma posição periférica nas análises sobre o espaço urbano parece ser um grande equívoco.

De fato, este segmento populacional configura um dos mais graves problemas no espaço urbano contemporâneo, seja devido às próprias configurações sócio-espaciais das condições de vida destes sujeitos, seja pelo enfoque das políticas de controle e ordem urbana. A presença deste fenômeno nos espaços públicos não é algo recente e, no Ocidente, remonta à Antiguidade, como atesta a figura de Diógenes na Grécia antiga, e os diferentes registros no campo das artes².

No presente trabalho, o tema da população em situação de rua é abordado a partir de um viés geográfico, associando-o à sua dimensão espacial. Às preocupações de

¹ A presença desta população ganha uma maior visibilidade nas grandes metrópoles. Segundo a *Coalition for the Homeless* (2010), existem 39.256 pessoas em situação de rua na cidade de Nova Iorque. De acordo com a *Communities and Local Government, Homelessness* Statistics (2007), a cidade de Londres registra 13.650 moradores sem residência fixa. No *Censo de Populações de Rua na cidade São Paulo*, elaborado pela FIPE – *Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas* (2003), constatou-se a existência de 10.399 em condição de desabrigo na cidade. Na região metropolitana de Sidney, a *Law and Justice Foundation* identificou 15.456 moradores de rua. Segundo KAKITA (2004), observa-se nas cidades Japonesas de Tóquio e Osaka, respectivamente, 6.361 e 7.775 pessoas.

² No cinema, podemos destacar o filme *Com mérito* (With Honours - 1994) que narra a historia de um universitário que perde a cópia de sua tese e a mesma é encontrada por um homem em situação de rua. No cenário brasileiro, o filme *Topografia de um desnudo* (2010) narra as inúmeras mortes de pessoas em situação de rua na cidade de Rio de Janeiro na década de 1960. Na literatura, obras como *O príncipe e o mendigo* (1881) de Mark Twain; *Os miseráveis* (1862) de Victor Hugo e a obra brasileira *A alma encantadora das ruas* (1908), de João do Rio são alguns exemplos importantes. Na pintura, destacam-se as obras *O jovem mendigo* (1650), do pintor francês Bartolomé Esteban Murillo, e *Os mendigos* (1568), do pintor holandês Pieter Brueghel.

natureza acadêmica acresceram-se outras de caráter pessoal. Em alguma medida, talvez inconscientemente, estas preocupações tenham participado da minha própria trajetória acadêmica e intelectual ao longo dos anos e se desdobrem, finalmente, nesta investigação.

O fato concreto é que, no final da década de 1960, meu pai esteve em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro. Nos diálogos que tivemos sobre suas experiências nas ruas, ele me relatou algumas histórias, fragmentos de um antigo vaso de porcelana que precisava ser remontado, e que revelavam a imagem de outra cidade e de distintas configurações do próprio fenômeno. A despeito da distância espaço-temporal, ele parecia narrar episódios do tempo presente, enaltecendo-os como "atos homéricos", vivenciados e vencidos nas ruas da "cidade maravilhosa".

Os eventos relacionados à violência se destacavam, sempre com um tom bemhumorado, mesmo diante de algo que poderia tê-lo levado à morte. Sua trajetória como "menino de rua" foi resultado de um movimento migratório quando ele ainda tinha nove anos de idade, junto com dois primos mais velhos (13 e 15 anos), todos vindos de um longínquo povoado no pequeno município de Cambuci, localizado na Região Noroeste Fluminense.

Chegando à capital, outros fragmentos se revelaram importantes em suas narrativas. Em particular, as estratégias cotidianas para aquisição de recursos que, segundo os seus relatos, eram marcadas por grandes dificuldades e estavam vinculadas, especialmente, às práticas de engraxate e de ajudante de venda nas feiras-livres e aos seus respectivos processos de disputa, controle e territorialização. Esta situação marcada por idas e vindas aos espaços públicos somente terminou quando ele aprendeu o tradicional ofício de barbeiro, aos 13 anos de idade, o que possibilitou uma maior estabilidade de recursos e de moradia, ainda que tenha permanecido, durante alguns anos, dormindo no interior das próprias barbearias.

No entanto, além destas aventuras em fragmentos e do momento de sua saída das ruas, poucos aspectos foram contados com riqueza de detalhes. Ele se orgulhava, contudo, de nunca ter ido para qualquer instituição assistencial para menores, diferentemente de minha mãe e de meu tio materno, que não tiveram outra escolha. Quando perguntado sobre outros temas, o silêncio ou a mudança de conversa pareciam responder que esta experiência não fora marcada somente por travessuras e aventuras

que pudessem ser relatadas sem qualquer constrangimento. Este comportamento foi também observado em alguns dos diálogos e entrevistas que realizei durante os trabalhos de campo para a presente pesquisa.

Para um geógrafo que realiza uma observação direta de seu próprio pai (ainda que eu tenha dificuldades de refletir sobre o que isto significa moralmente), é fácil perceber as inúmeras cicatrizes no corpo, como marcas na paisagem, a própria *grafia* de uma trajetória que aos poucos era revelada em fragmentos estanques, que evocavam perfurações e golpes de facas, de vidros, de barras de ferros e até mesmo de lápis. Uma *cartografia das adversidades* situada em outro espaço-tempo de sua vida.

Por outro lado, além dos aspectos emocionais e operacionais, esta investigação é o resultado de um grande desconforto como cientista social, especialmente, como geógrafo. Muitas vezes, quando o fenômeno da população em situação de rua é tematizado em reportagens, no senso comum e até mesmo no meio acadêmico, é tratado como se estivesse totalmente deslocado e perdido espacialmente. Com alguma recorrência, expressões como "perambular", "vaguear" ou "andar sem destino" são ideias que se associam com este segmento populacional.

Ainda como um jovem estudante de graduação em Geografia na Universidade Federal Fluminense, localizada na cidade de Niterói, realizei minhas primeiras observações sobre este tema e sua relação com o espaço. Como morador da cidade do Rio de Janeiro, eu era obrigado a realizar um movimento pendular diário entre a universidade e a minha casa. Em virtude da sensação de insegurança que o cenário de violência na área central da cidade do Rio de Janeiro provocava, na saída da estação das barcas, especialmente no período noturno, eu optava por realizar uma *trajetória de proteção*, ainda que esta fosse somente um elemento de conforto psicológico, para tomar o transporte de volta, em um ponto na movimentada Avenida Presidente Vargas.

Nestes deslocamentos diários, era possível observar a regularidade da concentração deste fenômeno em determinados lugares no período noturno, uma organização diferenciada do período diurno, observada quando eu realizava o movimento contrário para ir à universidade. Com o passar do tempo e com o aumento do interesse pelo tema, realizei outros percursos exploratórios, mesmo sem saber ao certo o que eu desejava pesquisar. As práticas cotidianas, como alimentação, dormir,

tomar banho e secar roupas, chamavam a minha atenção, mesmo que as bases da pesquisa ainda não estivessem consolidadas.

Conforme os meus interesses se tornavam cada vez mais fortes, foi necessária uma aproximação teórica com os trabalhos produzidos sobre o tema, a maioria esmagadora deles fora da Geografia. No entanto, ainda que uma parte destes trabalhos contribuísse significativamente para uma melhor compreensão do fenômeno e seus diferentes aspectos, suas reflexões pareciam não contemplar os anseios de um geógrafo e suas preocupações acerca da espacialidade deste fenômeno na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Nestes trabalhos, o espaço ora era invisível, ora figurava como um mero receptáculo ou como recurso retórico. Quando estava presente, limitava-se ao aspecto etológico de controle de recursos. Além disso, em muitas análises o fenômeno da população "em situação" de rua servia somente exemplo ilustrativo para discutir os aspectos estruturais de problemas econômicos. No máximo, estes sujeitos se apresentavam ou ganhavam forma nas fotos de capa dos livros.

Conferir centralidade aos aspectos espaciais relacionados ao tema era, justamente, o que eu desejava fazer. E isto se tornava uma grande responsabilidade como geógrafo e pesquisador. Pois, ainda que a população "em situação" de rua constitua um fenômeno de extrema visibilidade e um grave problema social, os geógrafos brasileiros não dedicaram atenção suficiente ao tema, apesar de seu grande comprometimento social e político com as questões e desigualdades sócio-espaciais urbanas. Além da Geografia brasileira, que não possui muitos trabalhos dedicados ao tema, as outras ciências sociais que buscam compreender melhor esta população, se dedicam, especialmente, à tipificação e à explicação da origem e da evolução do fenômeno, suas relações com a assistência social e outras políticas públicas urbanas.

Uma característica comum a vários trabalhos que analisam direta ou indiretamente o fenômeno é a postura pouco horizontal e dialógica. Partem, em geral, de categorias e instrumentos de coleta de dados previamente consolidados, reservando aos sujeitos apenas a possibilidade de preencher os espaços vazios que, em muitos casos, não possuem qualquer ligação com sua vida cotidiana. Este tipo de concepção e prática intelectual impossibilita que as vozes dos próprios envolvidos ganhem forma e

visibilidade por meio de suas próprias experiências, concepções, percepções e classificações do mundo em que vivem.

Neste sentido, buscamos caminhar sobre outras bases e o trabalho de campo se configurou como um elemento transformador para pensar a espacialidade cotidiana deste fenômeno. Ao longo dos dois primeiros anos de pesquisa, a questão central da investigação e as categorias de análise utilizadas foram sendo progressivamente construídas a partir das enunciações destes sujeitos acerca da organização de suas vidas cotidianas. Este processo envolveu, além da observação, o diálogo com outros segmentos sociais que interagem de modo direto ou indireto com esta população, como comerciantes, policiais, guardas municipais, integrantes de instituições filantrópicas, políticas e profissionais da assistência social.

O mais importante, sem sombra de dúvidas, foi o contato direto com cada um dos sujeitos que compunham o fenômeno no momento da pesquisa. A partir de suas posições, eles revelavam fragmentos de como operavam as suas lógicas espaciais cotidianas na área central da cidade do Rio de Janeiro. Para operacionalização da pesquisa, utilizamos, além da observação direta, uma guia de perguntas para compreender melhor a espacialidade das atividades cotidianas desta população. O instrumento foi aplicado com 108 sujeitos que se dispuseram a conversar sistematicamente.

Cabe ainda justificar o uso do termo *sujeito*, utilizado ao longo de todo este trabalho. Trata-se de uma forma de reconhecer cada um daqueles que compõem esta população, na medida em que os mesmos se constituem como os agentes centrais das próprias práticas que os definem. De fato, não posso negar que fui atingido por cada um dos olhares, diálogos, imagens, comportamentos, estratégias e práticas que compunham diferentes cenários, muitas vezes inacreditáveis, e que participaram da minha compreensão do fenômeno. Uma verdadeira trama, um drama no espaço urbano.

Não restam dúvidas que esta análise não é neutra e nem poderia ser, pois a todo o momento me eram testados o corpo, os sentidos, os comportamentos e os sentimentos, além do fato que todo pesquisador está fortemente carregado de posições ideológicas no mundo em que coexistimos. Assim, medo, ansiedade, alegria, desespero, aflição, inconformidade, esperança, desânimo, surpresa e tristeza estiveram presentes, fosse nos

diversos trabalhos de campo e nos diálogos com o orientador e outros pesquisadores, fosse nos momentos de isolamento, reflexão e redação do presente de trabalho.

Faz-se necessário ressaltar, todavia, que, mesmo não ocultando os aspectos emocionais e ideológicos que são parte integrante de todo o processo que envolveu a investigação durante este período, esta análise é, antes de tudo, um trabalho científico que busca atender às exigências, normas e rigores de uma pesquisa de doutorado e suas respectivas preocupações com a produção do conhecimento.

Desta maneira, estamos diante de uma reflexão sobre a cidade e seus espaços (ruas, calçadas, esquinas, avenidas, praças, becos, pontes, estações rodoviárias, bares, delegacias entre outros). Mais do que isto, esta é uma reflexão sobre a espacialidade humana, ou seja, está diretamente relacionada à compreensão da capacidade humana de habitar e dar sentido ao espaço cotidiano, por mais adverso que este possa parecer, sobretudo para o caso específico da população em situação de rua. Em termos práticos, esta análise também significa a experiência urbana de um geógrafo que passou vinte meses em trabalho de campo observando, percebendo, dialogando e participando, em alguma medida, nos diferentes espaços, trajetórias, ritmos, comportamentos, práticas e interelações sócio-espaciais deste fenômeno.

Ao longo deste processo, com base nas reflexões resultantes de diferentes leituras, observações e diálogos permanentes com a população em situação de rua, a questão norteadora foi se delineando: analisar geograficamente, a espacialidade do fenômeno da população "em situação" de rua. O objetivo central da presente pesquisa é compreender as diferentes espacialidades desta população por meio de suas atividades cotidianas, a partir das múltiplas interações entre lugares e trajetórias e seus intervalos temporais, ou seja, entre *Permanências*, *Mobilidades* e *Ritmos* na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Para isto, a vida cotidiana e a espacialidade se constituíram como os pilares centrais da presente análise. A *vida cotidiana* proporcionou compreender o caráter ordinário do conjunto de atividades que eram considerados centrais para esta população, assim como os seus projetos e intencionalidades. Assim, estes elementos, que poderiam ser julgados como fúteis ou banais e, portanto, poderiam ser esquecidos, foram integrados e ganharam um destaque central. A *espacialidade*, por sua vez, constituiu um

elemento alternativo para a compreensão deste fenômeno, por meio do cotidiano enunciado pelos próprios sujeitos.

Por outro lado, era necessário estabelecer uma série de limites, principalmente, relacionados à ideia de espacialidade humana, porque a mesma possui um caráter extremamente amplo, difuso e movediço, e, portanto, era necessário estabelecer alguns parâmetros mais precisos e que se tornariam relevantes para a presente análise. Assim, a espacialidade humana foi definida como o conjunto indissociável das diferentes lógicas, interações, práticas e estratégias cotidianas que se expressam por meio de *permanências*, *mobilidades* e *ritmos espaciais*. Estas três categorias integradas permitem compreender diferentes aspectos desta população no espaço urbano e, portanto, contribuir de modo inovador para o tema.

Neste sentido, a espacialidade, como uma forma de agir no mundo e, portanto, participando diretamente na própria organização espacial da vida cotidiana, no plano cognitivo ou material, produz uma série de justaposições, complementaridades, substituições e antagonismos de comportamentos, posições, posturas, atitudes e apresentações em um complexo jogo de interações sócio-espaciais no espaço urbano.

A tese foi dividida em oito capítulos. Em um primeiro momento, podemos achar que esta longa estrutura foge aos padrões de grande parte de outras teses doutorais. No entanto, esta forma de organização pareceu ser a opção mais coerente para não comprometer a sistematização dos dados referentes a cada uma das atividades cotidianas analisadas ainda que, em muitos momentos, pareça não ser possível dissocialas, tendo em vista a complexidade da espacialidade da vida cotidiana.

O primeiro capítulo realiza uma discussão teórica sobre o fenômeno a partir de três grandes eixos que orientam grande parte das análises sobre o tema. A parte final deste capítulo discute como a Geografia Brasileira vem lidando com a população "em situação" de rua, tendo como base publicações acadêmicas em periódicos, monografias, dissertações e teses.

O segundo capítulo se dedica às bases explicativas do trabalho. Apresenta os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa, a espacialidade, a vida cotidiana, as permanências, mobilidades e os ritmos, e seus caminhos metodológicos, ou seja, a experiência dos trabalhos de campo e a construção dos instrumentos de análise.

O terceiro capítulo procura refletir sobre a *rua* como uma categoria espacial de análise, uma unidade federadora para a compreensão desta população. Discute também as formas pelas quais esta referência sócio-espacial opera em diferentes escalas da vida cotidiana, inclusive em relação aos seus aspectos morais. Neste capítulo já estão presente os primeiros resultados das análises na área central da cidade do Rio de Janeiro.

O quarto capítulo se dedica aos aspectos relacionados às espacialidades das práticas laborais e das formas de aquisição de recursos. O quinto capítulo às práticas da alimentação, e o sexto aos *cuidados de si*, mais especificamente às questões de higiene, às necessidades excretoras e à relação com os pertences pessoais. Estes aspectos bastante expressivos rompem com alguns dos imaginários sobre esta população e se configuram como importantes elementos na organização espacial de suas vidas.

O sétimo capítulo se debruça sobre a prática do dormir no período noturno e sua relação direta com o medo e a violência. Por fim, o oitavo e último capítulo reflete sobre as dinâmicas do lazer e do tempo livre desta população, desestabilizando a imagem de permanente sofrimento e de incapacidade de subverter determinadas configurações no espaço urbano que estaria associada a esta população.

Acreditamos que a análise deste fenômeno pelo viés geográfico na área central da cidade do Rio de Janeiro seja capaz de ampliar os debates sobre a espacialidade humana e a compreensão do fenômeno da população "em situação" de rua e, até mesmo, fornecer subsídios para as políticas públicas. De fato, a associação entre vida cotidiana e espacialidade humana é de extrema importância para as ciências sociais, embora ainda subsistam importantes lacunas que merecem ser preenchidas com pesquisas empíricas e novos modelos de análise.

CAPÍTULO 1 - ELUCIDANDO UMA REALIDADE COMPLEXA: REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO DA POPULAÇÃO "EM SITUAÇÃO" DE RUA

Com o objetivo de refletir a respeito do fenômeno da população "em situação" de rua e inseri-lo na agenda das preocupações geográficas, buscou-se, em primeiro lugar, identificar os aspectos centrais e convergentes da bibliografia sobre o tema. Para isto, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico em diferentes campos do conhecimento (Antropologia, Economia, História, Psicologia, Serviço Social e Sociologia).

A primeira parte deste capítulo dedicará atenção às transformações na abordagem do fenômeno, desde a figura icônica do mendigo³ até que essa população se tornasse alvo do interesse das políticas sociais e das análises acadêmicas sobre o espaço urbano.

A segunda parte identifica três linhas recorrentes nas pesquisas acadêmicas das ciências humanas e sociais, a saber: a) a passagem do espaço da casa às ruas da cidade; b) as ações assistenciais: soluções e limites, e c) a população "em situação" de rua nos espaços públicos.

Os diferentes fatores que levam certas pessoas a uma situação duradoura nos espaços públicos e assistenciais constituem uma das bases para a compreensão deste fenômeno. As reflexões sobre o tema adotam diferentes posicionamentos políticos e ideológicos, os quais se organizam em torno das ideias de estrutura, agenciamento, exclusão, desfiliação e vulnerabilidade. Em relação às ações assistenciais, cada unidade político-espacial (país, região, estado, município, província etc.) adota um marco jurídico específico para orientar a atuação junto a esta população. A tensão direta entre as ideias de escala, ordem pública, direitos humanos e assistência social⁴ que subjazem a essas ações faz com que a reflexão sobre elas seja de grande relevância. Quanto à presença desta população nos espaços públicos, destacam-se os debates acerca dos conflitos e tensões e, por conseguinte, das normas e políticas públicas que participam direta ou indiretamente da relação desta população com o espaço urbano.

⁴ Mesmo reconhecendo a importância destes aspectos, a presente pesquisa não analisará a dimensão multiescalar das políticas públicas. Trata-se de um tema que será objeto de investigações futuras.

³ A palavra mendigo será utilizada no presente trabalho como uma categoria sociológica e não com o seu significado pejorativo e estigmatizante.

A terceira e última parte apresenta as contribuições da Geografia para este debate. Reconhecer as perspectivas das análises geográficas sobre um tema tão expressivo nas cidades auxilia na compreensão de sua incontornável dimensão espacial.

1.1 – Terminologias e classificações: divergências, lutas e tensões em torno da construção sócio-espacial de uma população

Compreender o que constitui a população "em situação" de rua não é uma tarefa fácil. Estabelecer critérios e variáveis que identifiquem, delimitem e classifiquem esta população é um verdadeiro risco, ainda que, muitas vezes, necessário. A maior parte dos esforços classificatórios dialoga diretamente com as políticas assistenciais voltadas para esta população. Aliás, o uso da ideia de *população* para definir o fenômeno resultou de um processo histórico de luta pelos direitos humanos; dos esforços analíticos empreendidos pelas ciências sociais sobre este fenômeno, e das necessidades do Estado de conhecer e intervir sobre este segmento concebido como uma "população problema".

De fato, do *mendigo* à *população em situação de rua*, inúmeras são as tensões inscritas em um quadro que, ao longo do tempo, incorporou novas formas, práticas e significados. Sendo assim, as transformações nas formas de nomear e classificar acompanham as transformações do fenômeno e das respectivas leituras sobre ele. Dada a complexidade interna que caracteriza este conjunto de pessoas, seus modos de vida e suas relações sócio-espaciais, muitos são os enfrentamentos teórico-conceituais. Como afirma Cooper (1995), os processos de classificação deste fenômeno são, ao mesmo tempo, um exercício político e semântico. Entretanto, apesar dos diferentes tratamentos e nomenclaturas, é possível identificar uma lógica espacial inerente aos sistemas classificatórios empregados.

1.1.1 - A mendicância e o mendigo: da depreciação ocupacional à depreciação como categoria social

O tema da mendicância vem sendo analisado por diversos autores, em diferentes contextos (CASTEL, 1998; GEREMEK, 1989; MOLLAT, 1989, NEVES, 1983, 1999, 2010A e 2010B e STOFFELS, 1977) e se constitui como uma peça fundamental para a compreensão histórica deste fenômeno na cidade. Trata-se de uma das possíveis modalidades para aqueles que estão vinculados permanentemente aos espaços públicos.

Contudo, esta prática não está unicamente associada ao fenômeno da população em situação de rua, pois são muitas as pessoas inseridas em um modelo formal de família e detentoras de um espaço domiciliar fixo que realizam esta prática como meio de vida. Marie-Ghislaine Stoffels (1977) produziu o primeiro grande trabalho sobre este tema no Brasil e se tornou uma importante referência sobre o assunto. Segundo a autora, a mendicância é internamente heterogênea e composta por três subsegmentos: os *Profissionais*, os *Ocasionais* e os *Vadios*.

Para os primeiros, dedicados exclusivamente à prática do pedido, mendigar constitui "um meio de vida". Todavia, a autora afirma existir uma subdivisão: alguns têm nesta prática um meio de subsistência, enquanto outros realizam esta atividade para fins de poupança⁵. O segundo subsegmento alternaria a mendicância com o trabalho, sendo que para alguns a prática laboral seria a principal fonte de renda e a mendicância uma atividade complementar; enquanto outros teriam na mendicância a principal fonte de renda e, no trabalho, a atividade esporádica e complementar. O terceiro segmento se aproximaria da ideia do fenômeno da população "em situação" de rua. Segundo a autora, este subsegmento possui uma particularidade, pois "transformam determinado lugar da cidade em habitat" (Ibidem, 1977, p.136).

Este último subsegmento também seria dividido em: *Legítimos*, compostos por desempregados e ambulantes⁶; *Delinquentes*, compostos por condenados, reincidentes e simuladores; *Mórbidos*, compostos pelos convalescentes, os mutilados e os idosos; e, por fim, os *Psíquicos* e *Alienados*, que seriam os neuróticos, os intoxicados, os místicos e os epiléticos (*Ibidem*, 1977, p.41).

A mendicância pode ser entendida a partir de um jogo interacional no qual o mendicante busca convencer o transeunte da dependência direta da solidariedade alheia para sobreviver. Nesta interação faz-se necessário apresentar os estigmas que os abateram e os colocaram em situação de marginalidade nos espaços públicos. Assim, são expostas as terríveis histórias de vida (desemprego, abandono, tragédias, destino, separação), os problemas físicos e de saúde (mutilações, deficiências, chagas e doenças irreversíveis), os documentos comprobatórios (receitas médicas e atestados de pobreza)

⁵A autora compreende a poupança como uma forma de acumular as esmolas para a realização de um projeto. Alguns mendicantes por ela analisados adquiriram residências ou negócios a partir desta prática.

⁶A partir do trabalho da autora, interpretamos a categoria de *ambulante* como correspondente à categoria de *andarilho*.

associados à humildade e à incapacidade de trabalhar (CASTEL, 1998, STOFFELS, 1977). Aspectos visuais, como o uso de vestimentas precárias e a falta de asseio, também podem participar deste jogo sócio interacional.

Mesmo possuindo alguma marca que lhe garanta legitimidade, o mendicante ainda terá que sensibilizar o outro, para garantir o desprendimento material por meio da solidariedade em forma de esmola/doação. O processo de dissimulação também é recorrente. Em alguns casos, o mendicante pode simular o porte de doenças e feridas (CASTEL, 1998, p. 87), e até mesmo produzir a arte de ser um falso cego, um deficiente físico ou um desvalido economicamente como uma forma de obtenção de recursos.

Assim, se o *mendigo* não tem a marca explícita do infortúnio ou da crise (doença, velhice, deficiência física), ele deve justificar sua posição apresentando versões sobre as causas da fatalidade que sobre ele se abateu. Deve justificar a utilização da esmola como forma de colaboração ou recurso que lhe permita superar a situação de infortúnio. Na medida em que só admitimos o *mendigo* como um destituído, ele deve trazer aparentes as marcas da desordem que a privação de recursos acarreta – ser sujo, maltrapilho, humilde e agradecido. (NEVES, 2010, p.107).

Entretanto, segundo Stoffels (1977) e Ocobock (2009), em vários países europeus, entre os séculos XV e XIX, caso fosse descoberto que um mendicante era, na verdade, um falsário, o mesmo era punido por meio de marchas forçadas, envio para as galeras, trabalhos compulsórios, ações de desterro, castigos públicos em pelourinhos, estigmatizações físicas e prisões⁷. Para a Europa do século XIX, com suas profundas transformações decorrentes dos avanços técnico-científicos da Revolução Industrial, destacam-se as reflexões de Marx e Engels acerca dos problemas sociais. Para os autores, esta população seria totalmente desprestigiada como classe trabalhadora (ENGELS, 1986), marginalizada e irrelevante como agente de mudança (*Lumpemproletariado*)⁸ por não apresentarem consciência de classe e por não se

pena para amendicância variava entre 15 dias e 3 três meses de detenção. Caso se exercesse a prática: a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento; b) mediante simulação de moléstia ou deformidade; c) em companhia de um portador de necessidades especiais ou de um menor de dezoito anos, seria acrescida, variavelmente, entre um sexto a um terço da pena.

⁷No caso europeu, talvez, os mais emblemáticos exemplos sejam o das "*Poor Law*", de 1601 e do "*Vagrancy Act*", de 1547. Neste último o Estado condenaria qualquer um que vivesse em condições de mendicância (OCOBOCK, 2009). No caso brasileiro, a prática da mendicância deixou de ser um delito, somente a partir do ano de 2009, quando foi revogado o artigo 60 das *Leis das Contravenções Penais*. A pena para amendicância variava entre 15 dias e 3 três meses de detenção. Caso se exercesse a prática: a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento; b) mediante simulação de moléstia ou deformidade; c) em

⁸Esta categoria possui uma forte carga estigmatizante na língua alemã, pois parte da ideia de trapo (*lappen*) ou maltrapilho (ragamuffin), como o elemento unificador desta população.

constituírem como parte da força produtiva (MARX, 1974, 1988) e, portanto, totalmente depreciada sócio-historicamente (CABRERA, 1998).

É importante salientar que a categoria *mendigo* perdurou por séculos, principalmente, pelo pouco conhecimento que se tinha deste fenômeno. Segundo Neves (2010b), no Brasil, a permanência desta terminologia se estendeu até o final da década de 1980, quando gradativamente passou por um processo de transformação.

A partir do início da década de 1990, a categorização social pelo termo mendigo vai desaparecendo da literatura construída por objetivos políticos, isto é, aquela elaborada para fins de denúncia das condições miseráveis ou inumanas. Ela também desaparece da literatura sociológica, até porque também foi, em grande parte, produzida pelo mesmo engajamento, tendo muitas vezes por objetivo a construção da consciência pública, a saber: elaborada visando à compreensão do que se apresentavam como grandes formas de injustiça e desigualdades socioeconômicas. Em correspondência, os autores passaram a acentuar o peso dos fatores sociais e econômicos, em detrimento dos fatores individuais, pelos quais geralmente reportagens jornalísticas e diversos ensaios se pautavam até então. De qualquer forma, mesmo para os olhares mais inocentes, a expansão da presença de pobres vivendo e trabalhando na rua já não podia ser entendida tão somente por fatores individuais ou pessoais. (*Ibidem*, 2010b, p.19)

No entanto, durante as décadas de 1980 e 1990, surgiram inúmeras outras classificações que concorriam com a categoria de mendigo, o que, segundo Rosa (2005), dificultou a compreensão mais geral do próprio fenômeno:

Homens da caverna, moradores de rua, sem-teto, trabalhadores sem-teto, boias-frias, catadores de papel, desempregados, ex-trabalhadores, trabalhadores no limite de mendigos, vagabundos, itinerantes, nômades, nômades urbanos, população flutuante, população itinerante, trecheiro, bêbados, doentes mentais, maltrapilhos, sujos, homem de rua, povo de rua, sofredor de rua, bandidos, contraventores e marginais (ROSA, 2005, p.53).

(...) Habitantes de rua, maloqueiros, desocupados, desempregados industriais, garis-mendigo, mendigos-gari, guardadores de carro, trabalhadores de curta duração, andarilhos, loucos, loucos de rua, albergados, desassistidos, ladrões, descolados, excluídos, fauna de deserdados, flagelados, homens-barata, homens-rato, homens-tatu, ofendidos, idosos e velhos de rua (Ibidem, 2005, p.62-63).

Nesse sentido, pouco a pouco, o termo mendigo foi caindo em desuso e estes novos termos foram sendo unificados como resultado, principalmente, de lutas políticosociais, seja no âmbito acadêmico, assistencial ou militante que buscavam novas orientações para o tratamento do fenômeno e, especialmente, para a sua inserção no campo das políticas sócio-assistenciais.

1.1.2 – Da desconstrução do estigma à construção da política: a emergência da população em situação de rua

A definição teórica de população em situação de rua tem alargado daquela somente relacionada ao dormir na rua, para incluir a questão do risco e da causalidade. Definições mais abrangentes de *homeless* são mais úteis para a política e mais controversas. Interpretações mais amplas de *homelessness* incluem habitações superlotadas, precárias e abaixo do padrão; aqueles forçados a partilhar o abrigo ou submetidos a altos níveis de poluição sonora ou infestações (UN-HABITAT, 2006, p.85).

A partir da década de 1990, a utilização do termo *mendigo* foi perdendo força na literatura brasileira, sendo gradativamente substituída por *população de rua*, *população na rua* e, por fim, *população em situação de rua*. Este movimento, como já relatado anteriormente, foi resultado de profundas lutas políticas e sociais que denunciavam as péssimas condições de vida destas pessoas. Por outro lado, representou o reconhecimento público, por parte do Estado, de um problema sócio-espacial que necessitava de intervenção por meio de uma política pública.

Para todos os casos, as discussões terminológicas se apoiam na ideia do lugar de habitação como forma de existência. A casa, como sinônimo do habitar, se vincula a uma série de adjetivações positivas, em contraposição aos espaços externos. Neste sentido, a casa, desde a cabana mais primitiva em um rincão afastado ao *flat* na grande metrópole, passou a ter sua imagem remetida à *confiança*, à *intimidade*, à *tranquilidade*, à *privacidade*, à *proteção*, ao *refúgio*, ao *repouso*, ao *sossego*, etc. (BACHELARD, 1988)⁹. A ausência ou a negação da casa como um espaço de referência fundamental remeteria à antonímia destas representações. Para Smith (2000, p.148), "a falta da casa é uma perda dramática de poder sobre a maneira como a identidade é construída, (...) não há mais casa para protegê-lo do olhar público".

Assim, diferentes são as formas de tratamento ou denominação deste fenômeno, segundo as diferentes línguas e países. No caso português, esta população é tratada como *Sem-abrigos* (BENTO e BARRETO, 2002). Nos países de língua espanhola, a expressão recorrentemente utilizada pela comunidade científica e assistencial é *Sin Hogar*. No caso dos países de língua inglesa, a expressão *Homeless* domina o cenário terminológico, ainda que apareçam as expressões *Houseless* ou *roffless*. Por fim, no

_

⁹ Esta visão sobre a casa pode se associar a uma dimensão imaginária, do onírico: a casa se converte em uma *concha*, em um *ninho* ou em um *canto* (BACHELARD, 1988), assim como na perspectiva psicanalítica de um espaço quente e intocável, associado à ideia do ventre materno (FELLIPE, 2010).

caso da língua francesa, os termos mais frequentemente utilizados são *Sans-abri* e *Sans Domicile Fixe*. É interessante notar que os termos empregados estão diretamente vinculados à negação da casa ou do lar, como espaço físico normativo ou como espaço de abrigo, proteção e intimidade.

No caso brasileiro, as dimensões da casa como um espaço de proteção física e simbólica perdem espaço e significado. A rua emerge, então, como a categoria de referência para a denominação e unificação desta população. Diferentemente da maioria das classificações existentes em outros países e idiomas, no Brasil, estas representações da casa e do lar parecem ser menos centrais na discussão sobre o fenômeno¹⁰.

No caso brasileiro, a *rua* é o elemento federador de um segmento populacional específico. Tomar a rua como principal espaço de referência para denominar uma população é um dado importante para a compreensão do fenômeno. Efetivamente, a relação, muitas vezes dualística, entre a *casa* e a *rua* participa diretamente dos valores morais, das percepções e das experiências individuais e coletivas na sociedade brasileira (DA MATTA, 1997). No Brasil, a ideia de casa constitui um pilar sócio-espacial historicamente produzido, tanto por meio de um conjunto de valores morais, como da própria noção e vivência dicotômica entre as esferas pública e privada.

Tão importante quanto a espacialidade inerente à denominação da população estudada, é a própria noção de *população* como uma unidade central para a análise dimensão política e territorial desse fenômeno. Segundo Foucault (2005, 2008), a emergência da população é um advento das próprias lógicas racionais do Estado, da arte de governar, especialmente sob a lógica da biopolítica.

A noção de população destoa da simples ideia da soma de indivíduos que habitam um território (*Ibidem*, 2008, RAFFESTIN, 1993) e das lógicas disciplinares do controle. A população é uma nova tecnologia de poder e um instrumento nas mãos do Estado que potencializará a racionalidade da *governamentalidade* (FOUCAULT, 2005) sobre o território. Neste sentido, diferentemente da ideia de disciplina, que pressupõe uma centralidade da relação indivíduo-corpo, a população pressupõe a reunião de múltiplas variáveis no espaço e no tempo que façam emergir padrões para intervenções eficazes no território.

¹⁰ Em alguns países latino-americanos de língua espanhola, ainda que com menor expressão, a *calle* (rua) divide alguma atenção com o Hogar (lar) na classificação e atuação das políticas públicas sociais.

Neste contexto, ganham destaque a estatística e a cartografia. Estes instrumentos garantirão informações precisas sobre as populações, seja como recurso, seja como risco para o Estado, que deverá, permanentemente, ser administrado sócio-espacialmente. Assim, o autor aponta para alguns elementos da dinâmica populacional e sobre as possíveis ameaças da não intervenção do Estado em relação à população (FOUCAULT, 2008). Foucault destaca as taxas de natalidade, mortalidade e morbosidade 11.

Acerca deste último elemento, o autor chama atenção de estratégias como a vacinação, a construção de perfis de vulnerabilidade e processos de isolamento como formas de controlar epidemias, garantir a segurança da própria população e o bem do Estado. Assim, o número de afetados, as faixas etárias, o sexo, a distribuição e concentração geográfica se tornaram variáveis fundamentais para a organização da política e de seu território. No entanto, ainda que esta nova forma de administração reduza o papel do indivíduo como base de análise, a figura da família e do espaço domiciliar continuam sendo os alicerces para esta nova forma de saber, de controle e de organização. Nesse sentido, a figura da casa como unidade domiciliar garantiria maior regularidade, estabilidade e padrão para o conjunto demográfico como base normativa da própria sociedade.

Desse modo, a ideia de população ganha forma como um instrumento nas mãos do Estado, seja em relação aos conhecimentos que se detêm, seja em relação aos processos de intervenção. Assim, determinadas populações, poderiam ser mais ou menos favorecidas com base nas intervenções político-territoriais. Quando um conjunto de pessoas é transformado em população se busca um maior conhecimento sobre a sua realidade e, posteriormente, são desenvolvidas intervenções junto às mesmas. Todavia, diferentes intervenções são propostas e levadas a cabo, e se distinguem, sobretudo, em suas dimensões espaciais. Para o fenômeno da população "em situação" de rua, transformada em população por meio de seu reconhecimento como um problema social, foram concebidas intervenções que variam desde a criação de espaços assistenciais até espaços de contenção, controle e isolamento/exclusão, na lógica de *fazer viver ou deixar morrer* (*Ibidem*, 2008).

No caso brasileiro, a designação "*População de Rua*" surge ligada à presença de crianças e adolescentes nesta situação. De tal modo, ainda que se garantisse a ideia de

_

¹¹ Característica, condição ou estado daquele que está enfermo.

população, ocorria, paralelamente, a tentativa de desconstrução da expressão "de rua", com base nas disposições estabelecidas pela *Convenção dos Direitos da Criança* - Organização das Nações Unidas, de 1989. Neste sentido, Rosa (2005) aponta que para a população adulta a expressão "*de rua*" possibilitou, ainda que de modo estigmatizado, novas estratégias de organização política, mesmo diante de uma categorização extremamente ampla, genérica e insuficiente frente à complexidade do que seria viver nas ruas.

Novamente relacionado ao tratamento às crianças e adolescentes, alguns teóricos optam pelo termo "Na rua", em contraposição a "De Rua". Para estes autores (ALVIM, 1993; LUCCHINI, 2003 e RIZZINI et al 2003), muitas são as crianças e os adolescentes que, mesmo permanecendo nas ruas, possuem residências e referências familiares, o que tornaria o fenômeno ainda mais problemático. As discussões que avançaram em relação às crianças e aos adolescentes foram sendo progressivamente apropriadas para as discussões sobre o perfil da população adulta.

Diante desse conjunto de classificações, ainda se insere, no Brasil, a questão dos *Sem-Teto*, muitas vezes confundidos com as demais classificações. Este grupo, mais conhecido como integrantes de um *movimento social*, pode ser compreendido a partir das lutas políticas por habitação social. Suas ações ocorrem por meio da ocupação de prédios e terrenos, públicos ou privados, que não cumpram função social e que servem, muitas vezes, ao processo de especulação imobiliária nas grandes cidades. Cabe ressaltar que os envolvidos politicamente com estes movimentos no Brasil são, principalmente, moradores de ocupações irregulares que foram expulsos pelo poder público ou que vivem de aluguel em espaços de favelas. Assim, poucos são os exemplos de integrantes dos movimentos sem-teto que estejam, propriamente, "*em situação de rua*", assim como pessoas "em situação" de rua raramente se integram a este movimento¹².

Diante desse contexto, a partir da década de 2000, esta população (adultos e crianças e adolescentes) passou a ser tratada pela designação *Em Situação de Rua (In Street Situation*). No caso brasileiro, esta categorização também foi incorporada pelo

31

-

¹² Uma tese que reflete sobre a relação desta população com os movimentos sociais foi produzida por JUSTO (2005): "Exculhidos": ex-moradores de rua como camponeses num assentamento do MST.

Estado, por meio da Política Nacional da População em Situação de Rua¹³. O termo *Em Situação de Rua* estabeleceria em comum, para esta população, a permanência (momentânea/temporária) nas ruas, ou seja, nos espaços públicos, ocasionada por um conjunto complexo de adversidades. A partir da proteção do Estado e das políticas assistenciais, os indivíduos nesta situação retornariam a um esperado padrão sócioespacial de vida. Com base nestes aspectos, esta população foi definida do seguinte modo:

Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar. (PESQUISA NACIONAL SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, 2008, p.8-9.).

No entanto, o termo *em situação de Rua* (sem aspas), mesmo buscando desestigmatizar o fenômeno por atribuí-lo uma dimensão passageira, parece não levar em consideração que as políticas sócio-assistenciais existentes não conseguem reverter a presente "situação"¹⁴. Neste sentido, com base neste conjunto de críticas, optou-se, para a presente pesquisa, pela denominação *População "em situação" de Rua*. A opção por este termo (com aspas), ainda que não solucione a questão anterior, reinsere a continuidade das lutas pelo reconhecimento dos indivíduos "em situação" de rua, além de chamar atenção para a necessidade de uma melhor compreensão espacial do fenômeno.

Esta escolha (com aspas) também é resultado de reflexões que ultrapassam o possível discurso sobre um estado transitório desta situação. O que se constata é que em muitos casos, a "ida" para os espaços públicos e assistenciais acaba representando "um caminho", muitas vezes, sem volta, onde qualquer retorno passa a ser representado somente como um sonho e, inclusive para alguns, deixa até mesmo de existir. Todavia, as categorizações deste fenômeno, seja como uma *população* ou por meio da expressão *rua*, permanecem em aberto, especialmente devido às dificuldades de se estabelecer

 $^{^{13}}$ Decreto Presidencial Nº 7.053 De 23 de Dezembro de 2009.

¹⁴ Muitos profissionais de assistência social apontam para a existência de pessoas "em situação" de rua que fazem parte da segunda ou de terceira geração, ou seja, nascidos e criados nos espaços públicos e assistenciais. Portanto, o termo *em situação* parece ser pouco eficiente para pensar estes casos, além daqueles que transitam entre períodos "integrados" laboral e familiarmente e períodos nos espaços públicos e assistenciais.

parâmetros, classificações e possíveis formas de intervenção por meio das políticas públicas sociais.

1.1.3 – Diferentes tipologias e classificações de "um mesmo" fenômeno

Se há um ponto de concordância em relação aos moradores de rua, é que eles não constituem uma população homogênea. Mas a questão permanece sem resposta: exatamente como, se não demograficamente, eles se diferenciam e em que medida? (SNOW e ANDERSON, 1998, p.71).

Os esforços no sentido de classificação parecem ser uma marca característica e em permanente transformação deste fenômeno. Este movimento está longe de possuir alguma consensualidade entre a comunidade acadêmica. Diferentes são os trabalhos que propõem, a partir de inúmeras vertentes, processos classificatórios por meio de tipologias sociais.

É necessário reconhecer que estas tipologias não se configuram como "uma realidade em si mesma", mas sim, como resultado de um esforço teórico-conceitual e explicativo sobre os fenômenos. A criação de tipologias pode ser compreendida como:

Processo pelo qual os membros de algum domínio empírico são classificados e ordenados em termos de suas semelhanças e diferenças é chamado de tipologização. O esquema classificatório resultante dirige a atenção do observador para certos aspectos do fenômeno em estudo. Uma tipologia funciona, portanto, como um instrumento conceitual. (Snow e Anderson 1998, p.74).

Uma das propostas foi elaborada pela FEANTSA (*European Federation of National Organisations Working with the Homeless*) (1999) e possui como base, o nível de segurança e a qualidade em relação ao nível habitacional da população europeia.

Quadro 1 – Tipos de adequação habitacional

	Alta Segurança	Baixa Segurança
Alta Qualidade	1	2
Baixa Qualidade	3	4

Fonte: Adaptado de FEANTSA, 1999

Como resultado desta tipificação chegou-se a quatro grandes perfis. O primeiro tipo (1) inclui os cidadãos plenamente integrados, para os quais o espaço habitacional seria seguro e com excelentes condições sociais, psicológicas e culturais. Os tipos (2) e

(3) incluem pessoas que não dispõem de padrões mínimos de qualidade habitacional (superlotação, falta de privacidade e problemas de saúde e conforto). O tipo (4) descreve situações onde se observam inúmeros problemas e permanentes possibilidades de despejo, afetando diretamente os aspectos psicológicos de seus habitantes.

Outra elaboração mais específica foi proposta por esta mesma instituição, a *ETHOS - Tipologia europeia de exclusão relacionada com habitação* (2005). Nela, os sujeitos também são classificados a partir de quatro grandes perfis e suas respectivas situações.

Quadro 2 - Tipologia europeia de exclusão relacionada com habitação

Categoria conceitual		Categoria Operacional		Definição Geral	
Sem Abrigo	1	Pessoas que vivem na rua	1.1	Dormir na rua (sem acesso a alojamento de emergência) / Sem abrigo	
Sem Adrigo	2	Pessoas em alojamento de emergência	2.1	Alojamento de Emergência	
	3	Pessoas em lares de alojamento, para pessoas sem domicílio	3.1 3.2	Lar de alojamento em fase de inserção Alojamento provisório	
	4	Pessoas em lares de alojamento para mulheres			
Sem	5	Pessoas em alojamento para imigrantes	5.1 5.2	Alojamento provisório / Centro de Acolhimento (requerentes de asilo) Lar para trabalhadores migrantes	
Alojamento	6	Pessoas que saíram de instituições	6.1 6.2	Instituição Penal Instituição Médica	
	7	Beneficiário de um acompanhamento em alojamento	7.1 7.2 7.3 7.4	Instituição de cuidados destinada às pessoas sem domicílio; Alojamento acompanhado; Alojamento de transição acompanhado; Alojamento assistido.	
Habitação	8	Pessoas em habitação precária	8.1 8.2 8.3 8.4	Provisoriamente alojado pela família ou amigos; Sem arrendamento (sub)locação; Ocupação ilegal de uma construção; Ocupação ilegal de um terreno.	
Precária	9	Pessoas à beira de despejo	9.1 9.2	Aplicação de uma decisão de expulsão (aluguel); Pareceres de apreensão (propriedade).	
	10	Pessoas vítimas de violência doméstica	10.1	Incidentes registrados pela polícia ligada à violência doméstica	
	11	Pessoas que vivem em estruturas provisórias e não se adequam às normas sociais.	11.1 11.2 11.3	Habitação móvel/caravana Construção não conforme com as normas Estrutura provisória	
Habitação Inadequada	12	Pessoas em alojamento indigno	12.1	Habitação (ocupado) declarada inabitável em conformidade com a legislação nacional.	
	13	Pessoas vivem em condições de sobrepopulação severa	13.1	Normas nacionais mais severas	

Fonte: ETHOS (2005)

Ainda sobre as questões habitacionais para o caso dos países centrais, Spring (2000) propõe outra importante tipologia com base em uma relação entre a *inadequação* e a *ausência* habitacional. Assim, o autor propõe uma tipologia flexível e transitória, em que os indivíduos poderiam transitar entre o estar *dormindo nas ruas, em abrigos* e estar diante de situações de riscos e inadequações habitacionais.

Inadequação Habitacional

Abaixo dos padrões

Em uma situação Risco de se tornar um indivíduo em Situação de rua

Mobilidade

Dormindo em Abrigo:

Figura 1 - Tipologia de precariedade habitacional

Fonte: Adaptado de Springer (2000, p.482).

Em situação de rua

Dormindo nas ruas

Sem considerar a flexibilidade do fenômeno e sem ter como base os países centrais, Olufemi (1998) se posiciona a partir da realidade africana, mais especificamente a partir da cidade de Johanesburgo, na África do Sul. Como resultado da pesquisa, chegou a uma classificação de três grupos situados na área central da cidade.

Quadro 3 - Tipologia de grupos

Grupo A Aqueles que vivem no chão duro, calçadas, meio-fio, caixas de papelão etc.			
Grupo B Aqueles que vivem em abrigos temporários, como estações ferroviárias, rodoviárias, abertos e pontos de taxi.			
Grupo C	Aqueles que vivem em abrigos públicos ou filantrópicos		

Fonte: OLUFEMI (1998, p. 229)

Diferentemente das propostas anteriores, Hertzberg (1998) propôs uma tipologia denominada de *continuum*, na qual a caracterização partiria das próprias trajetórias individuais, vinculadas à dimensão temporal. Assim, a autora divide esta população em três tipos: os *resistentes*, que buscam sair desta situação; os *desequilibrados*, que estão no limiar entre os antigos padrões de estabilidade e um espiral descendente para a vida nas ruas, e os *acomodados*, aqueles que não possuem mais força para lutar, e, portanto, aceitaram "a situação" de rua.

Quadro 4 - Tipologia Continuum de Hertzerberg

Características	Resistentes	Desequilibrados	Acomodados
Tempo de situação de rua	(2 - 4 anos)	(4 - 10 anos)	(+10 anos)
Atitude	Lutando	Ambivalente	Aceitação
Onde se encontram	Dentro	Alguns Fora	Fora
Razões	Não foi uma decisão Própria	Não foi uma decisão Própria	Foi uma decisão para alguns
Desejo por qualificação	A maioria deseja	Alguns desejam	Poucos desejam
Instrução	Média Nacional	A maioria possui a média nacional	Metade da média Nacional
Graves conflitos familiares	Alguns	Quase todos	A maioria
Viram a sua Infância positivamente	Quase Todos	Alguns	Quase nenhum
Desejo de um lugar próprio	Quase todos	Alguns	Poucos
Esperanças do futuro	Alguma	Poucas	Nenhuma

Fonte: Adaptado de Hertzerberg (1998)

Kunh e Culhane (1998) propuseram um modelo similar ao de Hertzberg (1998). Sua tipologia se baseia na frequência do uso dos espaços assistenciais. Segundo os autores, esta população estaria dividida em *Transitórias*, *Esporádicas* e *Crônicas*. Uma quarta tipologia deste gênero é proposta Burke (1993 *apud* Cooper 1995). Esta sistematização segue, do mesmo modo, uma lógica processual. Sua construção é baseada em degraus que variam da menor vulnerabilidade até a situação absoluta de "situação" de rua.

Quadro 5 - Níveis de Situação de rua

Degraus de Situação de Rua	Características
3º Degrau de relativa Situação de Rua	Com habitação, mas fora dos padrões de um "lar" (Segurança e Estabilidade).
2º Degrau de relativa Situação de Rua	Pessoas constrangidas a viver permanentemente em quartos individuais de pensões
1º Degrau de relativa Situação de Rua	Deslocando-se entre diferentes formas, sejam elas temporárias ou de médio prazo em abrigos, pensões ou na casa de amigos.
Em Total Situação de Rua	Pessoas que aceitaram viver nas ruas, embaixo das pontes e em prédios abandonados.

Fonte: BURKE, 1993 apud COOPER, 1995.

Daly (1996), analisando comparativamente os casos canadense, norte-americano e britânico, propôs uma tipologia baseada no *risco* e no *potencial* para se tornar população "em situação" de rua. O autor estabeleceu cinco grandes perfis.

Quadro 6 - Tipologia baseada nos riscos de se tornarem Homeless

Tipos	Características
Tipo A	Pessoas que possuem riscos ou são vulneráveis à situação de rua em um futuro próximo, talvez no período de um mês.
Tipo B	Pessoas cujas necessidades iniciais estão na questão habitacional. Frequentemente são trabalhadores pobres que episodicamente necessitam de ajuda econômica e assistencial, mas não possuem outros problemas sociais.
Tipo C	Pessoas quase independentes, mas necessitam de habitação e outros suportes, como apoio educacional, profissional e outros aspectos específicos para gerirem suas vidas.
Tipo D	Pessoas com múltiplas dificuldades, mas com ajuda, podem viver autonomamente ou em centros. Incluem aquelas que foram violentadas ou institucionalizadas e precisam permanecer assistenciadas até estarem autossuficientes
Tipo E	Pessoas que precisam de contínuos cuidados institucionais. Estas pessoas necessitam de orientação e serviços adequados. Somente algumas seriam capazes de viverem autonomamente em espaços de abrigo ou semelhantes

Fonte: DALY, 1996

Por fim, Snow e Anderson (1998) desenvolveram, talvez, a mais complexa tipologia já produzida sobre o fenômeno, ainda que tenham sido esquecidos no balanço tipológico realizado pela UN-Habitat (2006). A construção, desenvolvida pelos autores norte-americanos na década de 1980, envolveu três dimensões de análise com oito variáveis, com, no mínimo, duas sub-variáveis. Como resultado, chegou-se a cinco grandes tipos de população "em situação" de rua, alguns com subdivisões. Estes tipos são: *Recém-deslocados, Vacilantes (regulares* ou *adaptados), Andarilhos (tradicionais* ou *hippies), mendigos (tradicionais* ou *rednecks*¹⁵) e *doentes mentais* (SNOW e ANDERSON, 1998, p.85).

Mesmo reconhecendo os esforços destas classificações como importantes ferramentas para as políticas públicas, principalmente diante das grandes dificuldades em lidar com a heterogeneidade deste fenômeno, são necessárias algumas reflexões críticas. A primeira delas é que, mesmo não havendo um consenso em relação aos processos que geram fortes diferenciações internas, muitas das classificações engessam as próprias políticas assistenciais.

37

¹⁵ Segundo os autores, esta expressão é usada para se referir aos trabalhadores rurais brancos dos Estados Unidos. Caso fosse possível uma tradução para o português do Brasil, não somente no sentido literal, mas também simbólico, seria a figura do caipira.

Como desdobramento da questão anterior identifica-se, na maioria destas classificações, um caráter não dialógico: as tipologias são concebidas hierarquicamente somente pelo pesquisador. Muitos dos trabalhos estão fortemente afastados desta população e, alguns deles, são realizados somente por meio de questionários pouco explicativos, em que os envolvidos não possuem escolhas que não as próprias classificações já estabelecidas. Deste modo, os indivíduos categorizados, os quais seriam os maiores beneficiados por estas pesquisas, além de viverem com suas cidadanias negadas cotidianamente nos espaços urbanos, não lhes é permitido expor suas demandas, desejos e necessidades, assim como suas próprias experiências e classificações no mundo em que vivem.

1.2 – Temas convergentes nas análises sobre a população "em situação" de rua

A população "em situação" de rua recebe algum destaque no interior das ciências humanas e sociais. Entretanto, estas análises tendem a se concentrar em determinados aspectos. Sobressaem os fatores que levam à situação de desabrigo, as ações assistenciais e os conflitos nos espaços públicos, sejam com o Estado ou com a sociedade civil.

1.2.1 - Do espaço domiciliar às ruas da cidade

A vida nas ruas assume configurações espaciais já tradicionalmente consolidadas como a apropriação de marquises, viadutos, praças e calçadas, e outras pouco registradas como a ocupação de árvores, cemitérios, galerias de águas pluviais e sistemas de esgoto. Estas configurações espaciais desviantes produzem significativo desconforto para a sociedade. De fato, elas alteram uma série de representações e subvertem as lógicas e relações entre o público e o privado; a casa e a rua; o interno e o externo. Ao fazerem isso, conferem grande visibilidade ao fenômeno, relacionando-se, principalmente, com a desordem urbana e a desigualdade sócio-espacial.

Buscam-se, então, as possíveis explicações para tal fenômeno. Por que estão nas ruas? Quais foram as suas trajetórias de vida? Foi um desejo ou não tiveram outras escolhas? Será que desejam permanecer nas ruas? Diante destes questionamentos, três perspectivas merecem destaque, mesmo que fora das apreciações acadêmicas. Segundo Stoffels (1977, p.31), a primeira delas segue uma lógica "que enfoca essencialmente a

responsabilidade individual, encara a situação do indivíduo como um justo castigo, fruto de uma vida de vício e de preguiça". A segunda perspectiva desresponsabiliza estas pessoas pelas suas situações. A responsabilidade estaria na estrutura socioeconômica e, portanto, as forças desiguais e contraditórias do sistema socioeconômico os lançariam às margens dos direitos e da dignidade humana. A terceira perspectiva evoca situações extraordinárias que envolvem tragédias e histórias mirabolantes que caracterizam a vida daqueles que compõem esta população.

Estas perspectivas, principalmente as duas primeiras, reforçam a dualidade entre fatores explicativos *estruturais-econômicos* e *relacionais-pessoais*. Embora didática, esta é uma forma simplificada de elucidação. É necessário refletir sobre os riscos de se reproduzir estas divisões sem nenhum tipo de crítica, levando em consideração a complexidade que envolve a vida e que não permite divisões. Como resultado de esforços acadêmicos, grande parte dos autores evita assumir e reforçar esta dualidade, trabalhando de modo integrado, buscando explicação mais abrangente do fenômeno 16.

Uma das explicações baseia-se nas dimensões estruturais e fraturas socioeconômicas, colocando a dinâmica laboral no centro das relações. Com o fortalecimento da corrente marxista, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, muitos trabalhos se dedicaram a analisar os problemas sob a lógica de grupos, dentre estes, a população "em situação" de rua. Nesse sentido, a visão de responsabilidade individual como explicação do fenômeno perde força em detrimento das explicações com base na estrutura socioeconômica.

Sobre estas bases, Zaluar (1995 p.57) aponta que "é preciso abandonar a retórica romântica de apontá-los como pessoas livres que escolheram estar na rua como um exercício de liberdade", pois esta visão desresponsabilizaria o papel do Estado, das políticas públicas, assim como, das contradições do capital. Di Flora (1985), pensando o fenômeno sob a classificação de mendigo e orientada pelos referenciais marxistas, insere as discussões com base nas ideias do desenvolvimento periférico. Sua hipótese se orientou por uma lógica de reprodução das estruturas, mais especificamente através das instituições da assistência social.

39

-

¹⁶Snow e Anderson (1998) optaram por analisar os fatores explicativos com base em uma divisão entre *raízes estruturais* e *determinantes biográficos*. Echenberger e Jensen (2012) optaram pelas dimensões *individuais* e *estruturais* e Cooper (1995) optou por uma divisão entre fatores *geracionais* e *perturbadores*.

A formação da mendicância como uma forma alternativa de vida revela as contradições da ideologia liberal, defendida pela sociedade em questão, que se diz livre e proporcionadora de igualdade de oportunidade para todos. A presença da miséria, da pobreza, do mendigo provoca a emergência das contradições advindas das relações de produção e da forma como se dá a divisão do trabalho. (Ibidem, 1985, p.15).

Neves (1983, 2010a) também aponta a dimensão econômica e laboral como elemento fundamental para a explicação do surgimento desta população. Segundo a autora, a situação de desemprego prolongado desestruturaria a noção de indivíduo e de família, diante da adversidade econômica.

Para estes autores, o trabalho possui uma dimensão central, a ponto de fazer com que os indivíduos "temam as situações de desemprego prolongado e a doença, devido ao receio de 'cair na mendicância' ou de 'acabar como mendigos'"(Ibidem, 1983, p. 32). Diante desta proposição, Neves:

O desemprego prolongado produz a desmoralização social e a perda de autoridade familiar, inviabilizando o papel de esposo. Alguns homens colocados em situação de constante desemprego reordenam sua vida familiar agregando-se como companheiro ou agregado; desistem de perseguir a posição de autoridade ou de esposo; e são comumente expulsos desse convívio. Sem apoio, tendem a se agregar aos desempregados que sobrevivem da prestação de pequenos serviços diários, trabalham e habitam na rua. (NEVES, 2010a, p.118).

Bursztyn (2003), a partir dos catadores de materiais recicláveis na cidade de Brasília e do conceito de desfiliação social, compreende este fenômeno processualmente, de maneira que o indivíduo transitaria da *pobreza à miséria e da miséria à exclusão*.

Um lado perverso da exclusão do trabalho é que as pessoas vão sendo conduzidas no sentido do rebaixamento na hierarquia social. Acabam perdendo vínculos que possam permitir uma reinserção. Perdem a proteção social, perdem a referência de lar, frequentemente perdem os vínculos familiares, perdem auto-estima. Dificilmente conseguem um caminho de volta. Deixam de pertencer ao mundo oficial e passam a ser vistas como "problema" E, nessa categoria, são objeto, na melhor das hipóteses, da caridade. (Ibidem, 2003. p.51-52).

Escorel (1999, 2003) estabelece um diálogo com o Brasil urbano pelo prisma da exclusão social. Sua abordagem considera as trajetórias desta população e o trabalho também se configura como um elemento explicativo.

O desemprego é um dos principais motivos que conduzem as pessoas a viverem nas ruas. Relacionar processos de vulnerabilidade e desvinculação na dimensão do trabalho e rendimentos com a condição de morador de rua é estabelecer até que ponto são originários da esfera ocupacional os estímulos que podem levar o indivíduo a atingir o "ponto zero", definido como esgotamento dos recursos sócio-econômicos suscetíveis de manter sua sobrevivência. (Ibidem, 1999, p.175).

É importante destacar que a figura de Castel (1997, 1998 e 2007) a partir do seu conceito de *desfiliação social*, se configura como uma grande referência na maioria destes trabalhos, principalmente, junto a ideia de "*desestabilização dos estáveis*".

Zona de Zona de Vulnerabilidade Desfiliação Zona de Integração Trabalho Fragilidade Não-Trabalho Isolamento Relacional Precário Trabalho Inserção Relacional Estável Forte Zona de Assistência Estabilidade Ruptura Sócio-econômica Sócio-econômica

Figura 2 - Zonas de proteção social

Fonte: Adaptado de Castel (1997)

Segundo o autor, este modelo explicativo está baseado em zonas de proteção social que possuem um caráter flutuante e que podem sofrer uma dilatação ou contração, a partir das conjunturas socioeconômicas. Cabe ressaltar que este modelo foi proposto para pensar o caso francês. Desse modo, estas trajetórias devem ser ponderadas em alguns aspectos para o caso brasileiro. Neste sentido, faz-se necessário salientar que no Brasil, e na maioria dos países periféricos, jamais existiu o *Welfare State* ou uma zona de proteção social consolidada. Ou seja, partes significativas das massas trabalhadoras já nasceram na *Zona de vulnerabilidade*, ou mesmo na própria *Zona de desfiliação social*. Em linhas gerais, estas zonas podem ser compreendidas a partir do quadro a seguir:

Quadro 7 - Zonas Sociais de Robert Castel (1997)

Categoria	Definição
Zona de Integração	O indivíduo ocupa um espaço de forte inserção socioeconômica, a partir do estabelecimento de uma rede de "sociabilidade primária". Esta rede se constitui a partir do pertencimento de fortes relações familiares, de vizinhança, de amizade e, principalmente, da esfera laboral que garante uma estabilidade social.
Zona de Vulnerabilidade	O indivíduo ocupa uma posição sócio-espacial de instabilidade, onde ocorre um processo de precariedade nos padrões de vida, seja em relação a dimensão do trabalho ou das interelações de sociabilidade primária. Este quadro faz com que os indivíduos sejam mais frágeis e vulneráveis, ficando assim, suscetíveis a turbulências econômicas e/ou sociais que podem ocasionar a desfiliação.
Zona de Desfiliação	O indivíduo se tornou incapaz, a partir de um conjunto de fatores que promoveram uma desestruturação processual dos vínculos econômicos e sociais. Assim, por não conseguir garantir a sua autonomia e independência das condições de sobrevivência foi inserido em uma configuração sócio-espacial de marginalidade e ruptura com os antigos vínculos laborais e familiares existentes.
Zona de Assistência	O indivíduo inserido em uma situação de vulnerabilidade ou de desfiliação passa a ser protegido, principalmente, pelo Estado. Esta assistência busca de diferentes formas, a reestabilização do indivíduo na zona de vulnerabilidade ou em um processo de reinserção dos dois polos (trabalho e sociabilidade primária) que compõe a integração social.

Fonte: Adaptado de Castel (1997)

A questão migratória também aparece em alguns trabalhos como um fator explicativo para o fenômeno, embora algumas vezes imbricada com os aspectos relacionais e as decisões individuais. De fato, diferentes problemas de ordem política, ambiental e desigualdades regionais promovem movimentos migratórios entre cidades, regiões ou países e implicam em reestruturação das redes de proteção, que envolvem amigos, família e o próprio espaço cotidiano.

Daly (1996), tomando como recorte espacial a Europa Ocidental, afirma que muitos imigrantes, principalmente ilegais, se inserem em uma "economia das sobras", na qual os baixos salários e a ausência de proteções sociais, associados aos altos preços das habitações e às dimensões legais de cidadania, levam à marginalidade¹⁷.

Cabrera e Malgesini (2002), pensando o caso espanhol, revelaram que nos abrigos públicos de algumas cidades a proporção de vagas ocupadas por imigrantes ultrapassa 40%, e, nos *comedores sociales*¹⁸, a proporção atinge 80%. Bosch (2010) também chama atenção para o peso dos imigrantes na composição da população "em situação" de rua, que fica 50% e 75%. Cordero Del Castilho (2007) sintetiza a situação de migração do seguinte modo:

¹⁷ Daly (1996, p.14) aponta que, para o caso britânico, a probabilidade de um imigrante negro ou de outras minorias étnicas se tornar um *homeless* é quatro vezes maior que a de um cidadão nativo.

¹⁸ São espaços assistenciais que oferecem refeições gratuitamente ou a um preço simbólico.

Muitos imigrantes, diante da falta de oportunidade e de um futuro em seus países de origem vêm fugindo da fome sem nenhuma qualificação e somente com a decisão de seguir adiante. Entretanto, diante da situação de ilegalidade administrativa, sem papéis, desconhecendo a língua e a cultura, com a falta de redes sociais e familiares que os apoiem e, em alguns casos, com a descriminação e o rótulo vão ter grandes dificuldades para conseguir trabalho e se verão forçados a entrar para o mundo das populações de rua. (CORDERO DEL CASTILHO, 2007, p.68).

No caso brasileiro, as migrações internacionais possuem pouco impacto sobre o fenômeno, ainda que não seja possível refletir sobre as mudanças recentes. Entretanto, os movimentos inter-regionais possuem alguma relevância. Bursztyn (1999), analisando a cidade de Brasília, com base em 249 famílias "em situação" de rua, revelou que 52% eram provenientes do estado da Bahia.

Nestas análises, outros temas são trazidos à baila, como a fragilização e precarização do trabalho, o permanente avanço do desemprego estrutural, a lógica perversa da globalização econômica, a expansão do modelo neoliberal e as profundas transformações econômicas, políticas e sociais a ela associadas. Se para alguns autores o peso da estrutura parece incontestável, para outros, ela é apenas um dos fatores explicativos para a compreensão do fenômeno. Snow e Anderson (1998), tentando explicar a força dos fatores individuais, insere a dimensão *biográfica* como parte constitutiva deste processo. Segundos os autores, os *fatores biográficos* estariam divididos em quatro tipos, que seriam: o *voluntarismo, as deficiências e patologias, a falta de apoio familiar* e o *azar*.

O voluntarismo seria uma espécie de opção frente ao tédio ou à incompatibilidade com o modelo formal. No entanto, os autores apontam que menos de 3% dos entrevistados pertenciam a essa categoria. Assinalam ainda que a ênfase no voluntarismo corre o risco de "atribuir o desabrigo à escolha sem uma compreensão do contexto no qual aquela escolha é feita e se envolver numa forma insidiosa de culpar a vítima" (Ibidem, 1998, p.407). Acerca das deficiências e patologias, os autores argumentam que essas pessoas seriam mais suscetíveis a esta situação porque teriam menor capacidade de negociar com o mercado de trabalho e menor apoio familiar. A falta de apoio familiar seria um elemento-chave deste processo, sendo indicado por mais de 40% dos entrevistados. Este aspecto estaria relacionado à inexistência de vínculos familiares e conflitos que resultaram na expulsão ou no abandono do lar. Por fim, o aspecto do azar descreve situações inesperadas, como um acidente ou um

infortúnio. Segundo os autores, os indivíduos categorizados como "azarados" estavam tão marginalmente situados socioeconomicamente que estariam, de fato, "vulneráveis ao azar".

A questão do uso do álcool e de outras drogas também aparece em diferentes pesquisas. Schor e Vieira (2010) mostraram que, na área central da cidade de São Paulo, 74,4% dos entrevistados utilizavam álcool e/ou drogas (*Ibidem*, p.19). Beck, Legleye e Spilka (2006), tendo como referência a cidade de Paris, revelaram que 60% dos indivíduos do sexo masculino possuíam fortes relações com o álcool e que na faixa etária entre 45 e 54 anos esta taxa aumentava para 70%. No entanto, alguns autores justificam o uso do álcool como um elemento de fuga e sociabilidade.

Pelo conjunto dos significados atribuídos ao consumo de álcool, verifica-se que os entrevistados trazem à tona uma conceituação genérica que relaciona o uso do álcool a válvula de escape, fuga ou um jogo de faz de conta por onde circulam desejos e frustrações, abrangendo inúmeras situações relativas a perdas, à solidão, à falta de emprego, à necessidade de esquecimento e anestesia dos problemas e do sofrimento: para não ficar lembrando tanto. (Vieira, Bezerra e Rosa, 2005, p.160).

As questões de ordem psiquiátrica também se inserem na discussão. Segundo Cabrera (1998) inúmeras análises sobre o fenômeno da população "em situação" de rua nas décadas de 1970 e 1980 apontavam os desvios e transtornos psíquicos como principal causa explicativa para a existência deste segmento.

Segundo Lougon (1993) a associação desta população com as questões psiquiátricas estaria relacionada às transformações radicais no campo político-social do tratamento psiquiátrico, principalmente depois das duras críticas ao modelo de violência e isolamento nos antigos espaços manicomiais.

Os pontos fundamentais dessas críticas ao modelo assistencial baseado na hospitalização podem ser sumariados: dependência crescente e consequência da 'síndrome do hospitalismo'; agravamento ou cronificação da doença pela permanência no hospital; características desumanas, 'desrespersonalizantes' da instituição; e o estigma gerado pela estadia em um hospital. (LOUGON, 1993, p.141).

O tratamento em âmbito familiar seria possível para a maior parte dos pacientes e garantiria, teoricamente, uma melhor qualidade de vida. De fato, segundo o autor, o processo de desinstitucionalização representou mais uma preocupação com a redução dos gastos sociais do que propriamente uma preocupação com a qualidade de vida destes pacientes, mesmo reconhecendo a humanização deste novo modelo. Por outro

lado, como resultado da falta de estrutura familiar e do próprio Estado, muitas pessoas seriam abandonadas e teriam a rua como "destino".

Cabrera (1998, p.352), analisando a cidade de Madri, afirma que, dependendo das configurações socioeconômicas das famílias, os portadores de problemas psiquiátricos se tornam mais vulneráveis, acentuando a situação de marginalização social. Ainda segundo o autor, 25% dos entrevistados afirmavam *ouvir ruídos ou vozes que outras pessoas não podiam ouvir;* 18% diziam possuir *visões ou capacidade de sentir coisas que outras pessoas não poderiam ver ou sentir;* 18% afirmavam possuir *poderes especiais* e 14% afirmavam que *suas mentes eram dominadas por forças que eles próprios não eram capazes de dominar* (1998, p.360).

Schnabel (1992), analisando diferentes cidades holandesas, demonstrou que entre 25 e 35% dos entrevistados apresentavam algum histórico de problemas psiquiátricos. Nos EUA, segundo a *National Coalition for the Homeless* (2006), entre 20 e 25% da população adulta "em situação" de rua sofre, de alguma forma, com problemas psiquiátricos. Goodman, Saxe e Harvey (1991) apontam, por outro lado, que as adversidades vividas por esta população podem desencadear problemas de ordem psiquiátrica. Assim, o aspecto do desabrigo, a busca de alimentos em lixeiras e a violência física ou sexual podem gerar desestabilização psicológica e acarretar graves problemas psiquiátricos. No caso brasileiro 19, Botti *et al* (2010), analisando o perfil adulto e masculino da população "em situação" de rua na cidade de Belo Horizonte, constataram que 49,48% dos entrevistados apresentavam algum transtorno psiquiátrico. Heckert e Silva (2002), em um estudo acerca dos transtornos psiquiátricos graves nesta população, na cidade de Juiz de Fora, constataram que 9,6% dos entrevistados foram diagnosticados com esquizofrenia.

Segundo Daly (1998) e Mayock e Sheridan (2012), a violência doméstica e os abusos sexuais desempenham um papel importante, principalmente entre mulheres e crianças. Abramovich (2012) acrescenta que as questões relacionadas à homossexualidade e à transexualidade também podem fazer com que o indivíduo seja expulso da zona de proteção familiar ou opte pela pelo abandono do lar em virtude da não aceitação parental²⁰ e às constantes humilhações e violências sofridas. Este aspecto

²⁰No Brasil, segundo a PNPSR (2008, p.7), 29,1% dos entrevistados afirmaram que os conflitos familiares

¹⁹ Segundo a Política Nacional para a Inclusão da População em Situação de Rua (2008, p.11), 6,1% dos entrevistados afirmaram possuir algum tipo de problema psiquiátrico.

também é endossado por Escorel (1999) ao apontar as questões da separação conjugal como um fator significativo, sobretudo, para aqueles que não possuem uma rede de proteção próxima.

Por outro lado, O'sullivan (2007) destaca uma grande vulnerabilidade entre expresidiários, pois mesmo depois de resolverem os seus conflitos com a lei, grandes são as chances de viverem nas ruas. Isto se deve, em muitos casos, à vergonha de retornar à casa dos familiares, mas, principalmente, às dificuldades de se reinserir no mercado de trabalho. No caso norte-americano, Perl (2012) afirma que os veteranos de guerra enfrentam diferentes transtornos e acabam vivendo nas ruas das cidades.

Observa-se, portanto, que os fatores que explicam a ida para as ruas são diversos e respondem a lógicas complexas. Nesse sentido, é necessário integrar os aspectos estruturais e relacionais para a compreensão do fenômeno. A presente pesquisa, no entanto, mesmo reconhecendo a importância destes fatores, parte de situações já concretizadas e se interessa pelas lógicas espaciais cotidianas da população "em situação" de rua. As trajetórias de vida possuem, portanto, uma dimensão periférica neste trabalho.

1.2.2 – As ações assistenciais: possibilidades e limites

Um segundo eixo recorrente nas análises sobre o tema enfatiza as relações dessas populações com as políticas de assistência social. Dada a existência dessa população como o Estado deve "tratá-la"? Como "protegê-la"? Quais as possibilidades de reinseri-la nos antigos padrões de vida e de sociabilidade? Dois elementos centrais fazem parte deste debate: os abrigos como referências espaciais importantes e a relação entre os cuidados com a saúde desta população e a atuação dos profissionais da assistência.

O Estado, assim como diferentes organizações religiosas e filantrópicas, produz abrigos públicos para prestar apoio assistencial às pessoas "em situação" de rua. Estes espaços se constituem, em teoria, como uma alternativa frente às péssimas condições de vida destas pessoas, para que não fiquem expostas às inúmeras intempéries²¹ e às

foram o principal motivo de terem ido para as ruas.

Em algumas regiões do globo e em certos períodos do ano, devido às baixas temperaturas e à alta pluviosidade, estes espaços se tornam a principal referência para esta população.

visibilidades estigmatizantes nos/dos espaços públicos. A ideia central é garantir o descanso no período noturno, com o mínimo de conforto e segurança. Grande parte dos abrigos também oferece outros serviços básicos, como a alimentação e higiene²².

Giorgetti (2010) estudou as representações e práticas sociais entre profissionais²³ que lidam diretamente com esta população e suas dificuldades nas cidades de São Paulo e Paris. A autora afirma que eles "(...) reconhecem que não possuem uma formação técnica para lidar com o morador de rua e que necessitam completar a sua formação nesta área" (Ibidem, 2010, p.174). Entre as questões destacadas pela autora estão a falta de formação específica que, na maioria das vezes, é transmitida pelos profissionais mais antigos, e a frustração destes profissionais devido aos baixos salários e às dificuldades infraestruturais, o que leva a uma sobrecarga de funções e à piora na qualidade dos serviços²⁴. O espaço físico também é um ponto de destaque. Uma parte considerável dos abrigos é instalada de modo improvisado em antigos galpões de fábricas, em velhos casarões e outros espaços não utilizados pelo Estado ou alugados de proprietários privados. Acrescente-se a isto as dificuldades para manter estes espaços por longos períodos, devido às pressões das associações de bairro ou pela necessidade de utilizá-los para outros fins. Isto gera um constante deslocamento dos abrigos, o que reforça a estigmatização.

Snow e Anderson (1998) indicam ainda outros problemas nos espaços assistenciais, como a presença de muitos usuários com problemas de saúde. Segundo Varanda e Adorno (2004), em muitos abrigos a sensação de insegurança é forte. Inúmeros são os relatos de roubo, uma vez que não existem armários para os usuários e os pertences ficam expostos coletivamente no chão²⁵. Além disso, o desconforto, a tensão e a exposição à luz dificultam o sono e a disposição para o dia seguinte²⁶. Assim,

²² Alguns abrigos ofertam também atividades recreativas e de qualificação profissional, cuidados médicos, apoio jurídico e serviços de documentação pessoal.

²³ Os profissionais abordados na pesquisa foram os policiais, médicos e assistentes sociais.

²⁴ Giorgetti (2010) apontou que 68,5% dos Assistentes Sociais na cidade de São Paulo que trabalham com esta população jamais tiveram um contato profissional com este segmento antes de chegarem aos abrigos. Entre os Agentes Sociais de formação técnica esta proporção chegava aos 75,5%.

²⁵ Segundo Snow e Davis (1998), devido a estes aspectos, alguns abrigos optam por permanecerem com as luzes acessas no período noturno.

²⁶ No caso brasileiro, a falta de infraestrutura dificulta a permanência de parte desta população nos abrigos. Aqueles que se dedicam à coleta de materiais recicláveis possuem veículos improvisados como suporte para esta atividade, mas, na maioria dos abrigos, estes veículos não podem ser guardados e, portanto, estas pessoas optam por não abandoná-los nas ruas, por medo de serem roubados. Existe ainda o caso dos que possuem animais de estimação, os quais são interditados em muitos abrigos.

na prática, estes espaços rompem com os modelos originais que orientaram a sua criação.

A questão da saúde ganha um significativo destaque, como afirma Cefaï (2010, p.73) "A vida na rua é dura! E ataca o corpo!". As adversidades sofridas por esta população, como a falta de recursos materiais, a exposição às intempéries climáticas nos espaços públicos e a rotina ligada ao consumo de álcool e outras drogas, têm um efeito direto sobre as suas condições de saúde:

Os corpos mais intactos, mesmo os que não exageram na bebida, mesmo os que não são corroídos pelo mal do desleixo, aparecem cambaleantes, pouco tonificados, desgastados pela comida ruim, exalando muitas vezes um cheiro de tabaco e álcool. Os rostos têm os traços cansados e fundos, a pele pálida ou a tez opaca. As barbas são mal cortadas, os cabelos são como crinas, os dentes, estragados ou ausentes... Alguns se mantêm por milagre (CEFAÏ, 2010, p.74).

Segundo Raoult *et al* (2001), esta população, devido à grande exposição nos espaços públicos associada à falta de higiene, é abatida por diversas doenças infecciosas de pele²⁷. Além disso, uma parte desta população utiliza drogas injetáveis e mantém relações sexuais sem preservativo, o que aumenta a chance de contrair hepatite, HIV e outras doenças. A exposição ao frio também pode acarretar complicações pulmonares, como a pneumonia e a tuberculose.

Somam-se a estas enfermidades os problemas associados aos membros inferiores. Os pés descalços ou o uso de calçados velhos, de pares diferentes ou de tamanho inadequado, bem como sua utilização ininterrupta por semanas, pode ocasionar feridas. Essas feridas, quando não tratadas, podem levar à proliferação de bactérias e até mesmo a quadros de erisipela e, consequentemente, trombose, gangrena e amputação do membro.

A maioria das feridas problemáticas vem dos pés. Um morador de rua que não pode se deslocar, que perde sua mobilidade, não é mais capaz de procurar seu alimento, de se dirigir aos locais de tratamento ou de albergue por seus próprios meios e, ainda por cima, se torna presa fácil para colegas mal-intencionados. 'Um pé ou uma perna que não funciona ou está dolorida, é o começo do fim'. (CEFAÏ, 2010, p.103).

Este problema se relaciona diretamente com o aspecto da mobilidade e da organização espacial da vida cotidiana desta população. Segundo Carneiro Junior *et al* (1998), para esta população "*estar doente diz respeito à incapacidade de locomover-se*

²⁷ Ainda se destaca a infestação de piolhos, sarnas e verminoses, assim como, diarreias e anemias.

na vida" (Ibidem, p.54). Segundo Raoult et al (2001), os problemas relacionados aos membros inferiores acometem aproximadamente 20% deste segmento.

Em países como o Brasil, onde o sistema público de saúde sofre com graves problemas estruturais, esta população se torna ainda mais vulnerável. Giorgetti (2010) identificou uma série de dificuldades e irregularidades no atendimento a esta população pelo sistema público de saúde brasileiro. Segundo a autora, muitos médicos somente realizavam os atendimentos mediante pressão dos assistentes sociais (*Ibidem*, p.110). Além disso, 50,7% dos médicos entrevistados pela autora, afirmaram possuir certa resistência em realizar o atendimento a esta população, especialmente, pelo mau cheiro e o estado de embriaguez.

Os coordenadores dos abrigos afirmam que, quando liberados, alguns indivíduos precisam de cuidados médicos específicos e as instituições não estão qualificadas para trata-los²⁸. Já os diretores de hospital afirmam existir uma forte carência de leitos para toda a população. Cabe ainda destacar que, segundo Cefaï, (2010) o alto grau de dependência química e o processo de isolamento social podem fazer com que o indivíduo não seja capaz de pedir ajuda aos serviços médico-assistenciais. Por outro lado, Raoult *et al* (2001) afirma que muitos indivíduos têm medo, principalmente aqueles com transtornos psiquiátricos, que temem a "manicomização". Muitas vezes, quando levados aos serviços de saúde, pouco pode ser feito do ponto de vista médico-hospitalar.

Um grande número de pessoas que vivem nas ruas, raramente procura o serviço de saúde, enquanto suporta a presença dos sintomas de doenças, recorrendo à rede ambulatorial em último caso, com a acumulação de vários problemas de saúde. Muitas pessoas só se submetem aos tratamentos de saúde quando são conduzidas pelo serviço de resgate ou por meio de instituições de assistência, portanto encontram dificuldades em recorrer a eles espontaneamente e ou ainda pela reincidência de doenças mal tratadas, como tem acontecido com casos de tuberculose. (VARANDA e ADORNO, 2004, p.67).

As questões referentes à saúde e ao abrigo são extremamente complexas e se relacionam diretamente aos riscos e às fragilidades desta população. As questões de saúde parecem incontornáveis devido à impotência física destas pessoas em diferentes momentos. Já os abrigos constituem importantes espaços de referência, embora dotados

-

²⁸Soma-se a esta questão, o acesso aos medicamentos, o controle dos horários do tratamento, a necessidade de alimentação específica, além da autonegligência do paciente.

de significados distintos, os quais orientam a organização espacial da vida cotidiana desta população.

1.2.3 – A população "em situação" de rua nos espaços públicos

O terceiro aspecto recorrente nas pesquisas acadêmicas sobre o tema consiste na identificação de diferentes problemas, conflitos e tensões decorrentes da presença desta população nos espaços públicos. De fato, alguns espaços públicos se tornam referência para esta população, seja como lugar de abrigo, seja para a realização de atividades cotidianas. Snow e Anderson (1998) afirmam que, de maneira geral, esta população, além da própria estigmatização social, também é alvo de intolerâncias que dificultam o convívio sócio-espacial com outros segmentos.

São objetos de medo e desprezo porque se considera terem escolhido esse modo de vida e que, portanto, deveriam ser expulsos da cidade ou pelo menos restringidos ecologicamente para que não contaminem os cidadãos respeitáveis. (SNOW e ANDERSON, 1998, p.159).

Smith (1998), debruçado sobre o caso norte-americano, constata que inúmeras associações de moradores, por meio de abaixo-assinados, buscam a retirada desta população de determinados espaços públicos ou impedir a criação de abrigos públicos próximos aos seus bairros. Já Mitchell (1997, 2003) afirma que alterações na legislação nos EUA, como a proibição de esmolar e dormir nos espaços públicos afetou diretamente a vida cotidiana desta população. Para o autor, estas alterações geraram uma *aniquilação do espaço pela lei*, uma vez que esta população se via compelida a burlar as determinações jurídicas para sobreviver, passando à condição de criminosos.

Para o caso europeu, Doherty *et al* (2008) afirmam que esta população se constitui como um dos principais alvos das políticas de controle nos espaços públicos. Com base no conceito de exclusão e influenciados pelas leituras foucaultianas, os autores enfatizam três mecanismos para controlar, punir e restringir um conjunto de práticas cotidianas desta população: *o controle das fronteiras e a disciplina; a dissuasão* e a *legislação*.

Ainda pensando o caso europeu, mais especificamente, a Espanha, se destacam os trabalhos de Bachiller (2009) e Cabrera (2006). Segundo Bachiller (2009), uma das bases da exclusão deste segmento é o processo contínuo de mobilidade forçada, que o impede de permanecer nos espaços públicos. Este processo é composto por detenções,

recolhimento dos pertences, perseguições contra a mendicidade e deslocamento para outras áreas. Cabrera (2009) enfatiza a construção do medo em relação aos grupos marginalizados para legitimar ações de vigilância e controle dos espaços públicos.

A pesquisa de Tosi (2007) reflete sobre os espaços públicos e a população "em situação" de rua na Itália a partir de discursos relativos à ordem urbana. Segundo o autor, estes discursos justificam as políticas de controle e até mesmo de criminalização deste segmento. Assim, esta população passa a ser responsabilizada quase que unicamente por determinados comportamentos indesejáveis nos espaços públicos, como os pequenos delitos, a realização de necessidades fisiológicas nas ruas, a mendicância, a produção de lixo e a prática das relações sexuais.

Para Snow e Anderson (1998), este conjunto de estratégias e práticas busca impedir, coibir e afastar esta população "indesejada" dos espaços públicos, especialmente por meio de processos que envolvem a contenção territorial²⁹.

Aplicada aos moradores de rua, a contenção é uma modalidade de resposta que busca minimizar a ameaça que eles representam ao senso de ordem pública. Seu objetivo, como disse um policial sem pensar, "é manter os moradores de rua longe das vistas dos outros cidadãos" (Ibidem, 1998, p.167).

No entanto, se algumas destas medidas buscam ocultar suas verdadeiras intencionalidades, outros autores destacam o crescimento de medidas explícitas, como a implantação de dispositivos físico-materiais de contenção ou dispersão nos espaços públicos, mais conhecidos como *arquiteturas anti-homeless*.

Frangella (2005), sobre estes dispositivos na cidade de São Paulo, afirma que estas ações são realizadas tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil. De um modo em geral, os equipamentos urbanos são reduzidos em seus tamanhos ou têm as suas formas alteradas. São exemplos os bancos, que ganham divisórias individuais e perdem os encostos, tornando-se desconfortáveis para um uso mais longo, e as novas latas de lixo, que dificultam a introdução dos braços para a coleta de alimentos e outros materiais. Varanda e Adorno (2004) sugerem que lâmpadas e refletores são projetados em determinadas calçadas para dificultar a permanência e o sono desta população.

²⁹ Na Geografia, Haesbaert (2009), ainda que não dedique atenção para a população "em situação" de rua, analisa os processos de contenção que, em sua perspectiva, possuem uma dimensão territorial. O autor destaca que mesmo estabelecendo barreiras físicas de exclusão, o processo de contenção envolve sempre a impossibilidade de reclusão ou fechamento integral em virtude da resistência dos sujeitos envolvidos neste processo.

Em relação à sociedade civil, alguns comerciantes e condomínios residenciais implantam, por exemplo, sistemas de canos ou chuveiros que são ligados com o objetivo de molhar o chão ou a própria população³⁰ como uma forma dispersão espacial, além da utilização de seguranças privados com o mesmo objetivo. Assim, são discutidos novos ajustes arquitetônicos, como a construção de prédios sem marquises e a ressignificação de monumentos, como os chafarizes, que ganham uma versão "seca e luminosa" ou recebem gradeamento e segurança perante qualquer aproximação (FRANGELLA, 2005).

Apresentam-se ainda dispositivos mais agressivos com o objetivo de desterritorialização, como é o caso das rampas antimendigos. Segundo Kunsch (1998, p.2) esta rampa "é construída de modo a cobrir toda a área entre a calçada e o teto dos túneis/viadutos onde antes moravam pessoas. Sua superfície é bastante inclinada e chapiscada, de maneira que impede que alguém experimente deitar na rampa para dormir".

Por fim, questões relacionadas à violência e à criminalidade nos espaços públicos têm destaque na análise de alguns autores. De Lisi (2000) comparou as taxas de criminalidade deste segmento com as da população domiciliada no estado do Colorado, Estados Unidos, e demonstrou que são semelhantes. No entanto, a pesquisa ressalta que esta população apresenta maior posse de armas, o que poderia ser justificado pela necessidade de autodefesa frente a eventuais violências cotidianas. Daly (1998) afirma que mesmo que parte deste segmento cometa pequenos delitos, os indivíduos nesta situação são acusados de todo tipo de crimes hediondos que, na verdade, não cometeram.

Snow, Baker e Anderson (1989), também analisando comparativamente taxas de criminalidade entre este segmento e a população domiciliada, utilizaram com base os registros de detenções policiais na cidade norte-americana de Austin. Os dados revelam que os crimes de desobediência às condutas e aos códigos da cidade estão relacionados ao uso excessivo de álcool, drogas e outros fatores. Estes delitos apresentaram números superiores entre a população "em situação" de rua. Todavia, crimes de maior expressão, como homicídios, assaltos e crimes contra a propriedade são cometidos, em sua maioria,

³⁰ Observa-se também a prática de despejar óleos e outros materiais sobre as ruas, com o objetivo de impedirem a permanência desta população (FRANGELLA, 2006).

por indivíduos domiciliados, apontando para um menor "potencial" criminoso desta população.

A presença desta população nos espaços públicos é entendida, geralmente, como prejudicial à ordem urbana, tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil. A crítica a esses discursos e práticas ocupa a maioria dos trabalhos sobre o tema. Entretanto, ignoram, em grande medida, os usos e os significados dos espaços públicos construídos pela própria população "em situação" de rua. As práticas e valores desta população são elementos fundamentais para a compreensão do fenômeno, assegurando à pesquisa um caráter dialógico, tomando estes indivíduos como sujeitos dotados de intencionalidades e escolhas, dentro de um conjunto de possibilidades, estratégicas e práticas que precisam ser conhecidas. No intuito de descrever a espacialidade do fenômeno, a presente pesquisa buscou se aproximar de trabalhos produzidos pela Geografia, os quais destacam os aspectos sócio-espaciais desta população.

1.3 – A Geografia e a população "em situação" de rua

Os problemas sociais urbanos ganharam força e visibilidade a partir da década de 1970, com a emergência das *Geografias Radicais*³¹. A *Geografia Crítica* e seu referencial marxista revelavam as contradições do capital e os diferentes processos de marginalização, violências e desigualdades sócio-espaciais. No entanto, os indivíduos e suas práticas constituíam aspectos periféricos para muitos destes autores que priorizavam a dimensão estrutural. Por outro lado, os intelectuais da *Geografia Humanista* contribuíram sensivelmente para a valorização das experiências, sentimentos e das percepções de determinados grupos e segmentos sociais frente a diferentes configurações sócio-espaciais. Suas pesquisas ampliaram o campo da disciplina, incorporando temáticas até então desconhecidas ou pouco valorizadas na Geografia³².

No entanto, somente a partir da década de 1980 é que o tema da população "em situação" de rua começa a ser discutido entre os geógrafos anglófonos. O geógrafo norte-americano Michael Dear talvez seja o grande precursor do tema na Geografia, e,

³²Sobre rupturas, continuidades e reflexões paradigmáticas na Geografia, ver BUNGE (1962), CAPEL (1981), CLAVAL (1974, 1999, 2011), CORREA (2011), GOMES (1996), PEET (1982) e TUAN (1982).

³¹ No caso brasileiro, as preocupações com os problemas sociais, em um período anterior a esta mudança paradigmática na Geografia, já se destacavam nas obras *A Geografia da Fome* (1946) e a *Geopolítica da Fome* (1951) de Josué de Castro.

juntamente com Martin Taylor, produziu a primeira obra que o abordava, em 1982³³. Michael Dear, em parceria com Jeniffer Wolch, escreveu o primeiro grande trabalho sobre o tema na Geografia, intitulado *Landscape of despair: from deinstitutionalization to homelessness* (1987). Este importante trabalho, também preocupado com as políticas públicas e com serviços de proteção social no espaço urbano, aborda as questões da guetificação, da lógica organizacional dos serviços assistenciais, e da expansão desta população no espaço urbano.

Na década de 1990, ocorreu um significativo crescimento do tema nas análises geográficas. O periódico norte-americano *Urban Geography*, em 1991, organizou o dossiê *Geografia Urbana e a população "em situação" de rua*. Esta edição marca, talvez, uma ruptura e insere oficialmente o tema no campo de interesses da Geografia. Nos anos 2000, o crescimento do tema na Geografia continua, ainda que seja bastante tímido quando comparado com outros assuntos no interior do subcampo da Geografia Urbana.

A geógrafa espanhola Maria Losa, em trabalho de 2010, analisou como o tema foi tratado pela Geografia nos países centrais. A autora realizou um levantamento nos periódicos norte-americanos e europeus que estavam incluídos na base de dados no *Social Science Citation Índex*, do *Institute for Scientific Information* (ISI), e que apresentavam fator de impacto superior a 0,5, entre o período de 1999 e 2008. Além disto, também foram integradas as 20 revistas mais relevantes da Geografia espanhola, além de alguns periódicos italianos e portugueses. Por fim, a autora também inseriu o específico *European Journal of Homelessness*, que mesmo não sendo uma revista de Geografia, possui uma participação ativa de alguns geógrafos em suas publicações.

Ao final da busca, a autora registrou 56 trabalhos: 38 artigos científicos no conjunto dos periódicos geográficos e 18 trabalhos no *European Journal of Homelessness*. A concentração de trabalhos em determinadas revistas foi um dos destaques da pesquisa. Segundo Losa, 71% destas publicações se concentraram em somente sete periódicos³⁴. Alguns aspectos temáticos também se destacam. Sobre os

3

³³ Na obra intitulada *Not on our street: community attitudes to mental health care*, os autores buscaram compreender a dimensão das políticas públicas no processo de desinstitucionalização psiquiátrica nos Estados Unidos e suas relações com os espaços públicos.

³⁴ Os periódicos foram: Gender, Place and Culture, Urban Studies, Antipode, Social and Cultural Geography, Environment and Planning A, Environment and Planning D: Society and Space, Habitat International.

conceitos de *Espaço* e *Lugar*, foram encontrados 21 artigos (37,5%); sobre as *Políticas de gestão*, 17 artigos (30,4%); sobre as *Metodologias*, 5 artigos (8,9%); sobre as *Mobilidades*, 3 artigos (5,4%); sobre as *Imagens e percepções*, também 3 artigos; outros temas, 7 artigos (12,6%). Esse balanço, mesmo desatualizado, revelou que o tema possui pouca expressão entre os geógrafos dos países centrais.

Para esta pesquisa, realizamos um balanço sobre o tema nos periódicos da Geografia brasileira e latino-americana. Considerando as dificuldades de realizar o levantamento de todas as revistas de Geografia Brasileiras e latino-americanas, optou-se por usar como base o sistema *Qualis*, utilizado pela *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior* – CAPES. O sistema que estabelece níveis de impacto dos periódicos produzidos no Brasil com base na regularidade, capacidade de alcance, diversidade de autores e instituições envolvidas³⁵.

Inicialmente, optou-se, então, por analisar os periódicos de Geografia classificados como A1 e A2, no período de 2003 a 2012³⁶. Como resultado da pesquisa, chegou-se ao número de oito periódicos nacionais³⁷. Neste levantamento, analisou-se cada um dos números e volumes, os títulos dos artigos, palavras-chaves e os seus respectivos resumos. Ao final do levantamento, foram encontrados diversos trabalhos relacionados aos problemas sociais, aos grupos marginalizados e às questões de violência. Temas como prostituição, favelização, trabalho informal, entre outros, fazem parte do campo temático da Geografia Brasileira. Todavia, nenhum artigo relacionado aos termos *população de rua, população na rua, população em situação de rua, mendigo, vagabundo* ou outras classificações foi encontradas.

Considerando os periódicos de menor impacto, optou-se por realizar o levantamento naqueles classificados como B1, B2 e B3³⁸. Nestes periódicos apareceram

³⁵

³⁵Este sistema classifica os periódicos em níveis: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. De fato, reconhecemos que o sistema *Qualis* é apenas uma das bases nacionais e que existem inúmeros outros sistemas de classificação internacionais. A ideia central deste balanço é compreender a centralidade deste tema nos periódicos de maior expressão e visibilidade na Geografia Brasileira.

³⁶ Foram excluídos os períodos de Geografia dedicados, exclusivamente, à área física.

³⁷ Os periódicos foram: *Geousp* (Universidade de São Paulo – USP), *Geografia* (Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Rio Claro), *Geographia* (Universidade Federal Fluminense - UFF), *Geosul* (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), *Mercator* (Universidade Federal do Ceará), *Sociedade e Natureza* (Universidade Federal de Uberlândia), e *Terra Livre* (vinculado à Associação dos Geógrafos Brasileiros).

³⁸ Foram identificados 32 periódicos, que são: Ateliê Geográfico (UFG), Boletim de Geografia (UEM), Boletim Gaúcho de Geografia, Boletim Paulista de Geografia, Caderno Prudentino de Geografia,

temas como o dos movimentos sociais de luta pela habitação, mas, especificamente em relação à população "em situação" de rua, foram encontrados somente dois artigos³⁹, e ambos escritos por mim⁴⁰. Optou-se também por ampliar o levantamento, incluindo alguns periódicos de geografia na América Latina. Foram selecionados cinco periódicos de maior visibilidade regional⁴¹, também classificados no sistema *Qualis*.

Da mesma forma, assim como nos principais periódicos brasileiros, nenhum periódico latino americano apresentou qualquer artigo relacionado ao tema. Por fim, foi realizada uma busca nos anais dos cinco últimos *Encontros de Geógrafos da América Latina* – EGAL⁴² e, mais uma vez, o tema não esteve presente em nenhum dos eventos. Deste modo, constatou-se a grande marginalidade do tema em relação aos interesses dos geógrafos brasileiros e latino-americanos, mesmo sendo um fenômeno com grande visibilidade na região.

1.3.1 – Algumas considerações sobre as análises da população "em situação" de rua pela Geografia brasileira

Ainda que o tema da população "em situação" de rua não esteja presente nos principais periódicos, algumas são as monografias, dissertações e teses na Geografia brasileira que tratam do assunto. Por meio de um levantamento realizado na *Plataforma Lattes* e com base no mesmo recorte temporal, foram identificadas 17 trabalhos: três

Caminhos de Geografia (UFU), Geotextos (UFBA), GeoUERJ, Revista do Departamento de Geografia (USP), Acta Geográfica (UFPR), Caderno de Geografia (PUCMG), Cadernos Geográficos (UFSC), Ciência Geográfica (AGB-Bauru), Espaço e Geografia (UNB), Estudos Geográficos (UNESP), Geografiares (UFES), Geografia, Ensino e Pesquisa (UFMS), Geografia (UEL), Geografias (UFMG), Revista de Geografia (UFPE), Geografia (UFPR), Terr@Plural (UEPG), Abordagens Geográficas (PUCRJ), Boletim Campineiro de Geografia, Espaço Aberto (UFRJ), Geografia em atos (UNESP), Geografia em Questão (UNIOESTE), Geografia e Pesquisa (UNESP), Revista da Casa da Geografia de

Sobral, Revista Tamoios (UERJ-SG), Territórios e Fonteiras (UFMT), e Sociedade e Território (UFRN).

³⁹Os artigos são: "A invisibilidade como estratégia espacial de sobrevivência das populações de rua na cidade do Rio de Janeiro" (Revista Espaço Aberto - UFRJ, 2012) e "As populações de rua nas grandes metrópoles: reflexões sobre tensões, conflitos e territorialidades nos espaços públicos" (Revista Tamoios - UERJ, 2010).

⁴⁰ Em relação aos demais periódicos, classificados como B4, B5 e C, devido a enorme quantidade, optouse por não realizar qualquer levantamento.

⁴¹ Os periódicos foram: *Investigaciones geográficas* (Universidade Nacional Autônoma do México), *Cuadernos de Geográfia* (Universidade Nacional de Colômbia), *Revista Geográfica Venezuelana* (Universidade de Los Andes), *Revista de Geográfia de Norte Grande* (Pontifícia Universidade Católica de Chile), e *Revista Geográfica de América Central* (Universidade Nacional da Costa Rica).

⁴² Os respectivos encontros bienais ocorreram em Mérida (México, 2003), São Paulo (Brasil, 2005), Bogotá (Colômbia, 2007), Montevidéu (Uruguai, 2009), e San José (Costa Rica) 2011.

teses de doutorado, três dissertações de mestrado, uma monografia de especialização e dez trabalhos monográficos de conclusão de curso.

Algumas abordagens se destacam na análise sobre o tema. Diferentemente de Losa (2010) e sua matriz para os países nos países centrais, o perfil da Geografia brasileira segue uma lógica bastante distinta. Nove trabalhos se dedicaram a compreender o fenômeno a partir da ideia de *pobreza*, *miséria e exclusão*; quatro trabalhos utilizaram as ideias de *território*, *territorialidades e territorializações*; dois trabalhos se basearam nas perspectivas dos *movimentos sociais*, e outros dois trabalhos se ocuparam da dimensão dos *espaços públicos e da vida cotidiana*.

Sobre os trabalhos relacionados à *pobreza, miséria e exclusão*, uma forte característica é a influência da *Geografia Crítica* e das discussões sobre as contradições do capital e a produção de desigualdades. Dentre as matrizes teóricas destacam-se os autores David Harvey, Edward Soja e Henri Lefebvre. Do ponto de vista da construção empírica, a população "em situação de rua" serviu mais como um exemplo ilustrativo do que o objeto destas pesquisas, ainda que alguns autores tenham realizado aproximações dialógicas com esta população – buscando compreender diferentes questões sociais, como a desigualdade, a exclusão, a vulnerabilidade, a violência, a pobreza e a migração (MARTINS, 2001; FURINI, 2003; e MONTEIRO, 2012).

Os trabalhos que abordam o fenômeno a partir dos conceitos de *território*, *territorialidades e territorializações*, filiam-se a uma importante perspectiva analítica da Geografia Brasileira atual⁴³. Assim, a análise de conflitos e ações de resistência de determinados grupos tradicionais e/ou marginalizados passaram a ser a base dos interesses de muitos geógrafos enquanto o *território* tornou-se o conceito fundamental destas abordagens.

Destacam-se também, ainda que de modo periférico, as referências ao geógrafo norte-americano Robert Sack e à sua obra *Human territoriality* (1986), principalmente por sua ênfase na capacidade humana de influenciar ou afetar o espaço (SACK, 1986, p.6) e ao geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2009, 2004, 1995), em virtude de sua visão multidimensional do poder em relação ao espaço, ou seja, do território. Ainda que

⁴³ Destacam-se alguns importantes trabalhos, como o do geógrafo Carlos Walter Porto Gonçalves (1998) Geografando: nos varadouros do mundo (da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira; do seringal à reserva extrativista) e de Rogério Haesbaert (1995) Gaúchos e Baianos: modernidade e desterritorialização.

alguns destes trabalhos apresentem uma abertura em relação ao conceito de território, acabam oscilando entre uma perspectiva restrita ao controle e outra restrita à dimensão existencial, muitos deles não atingiram a ideia de multidimensional por meio do território.

Apenas dois trabalhos se dedicaram aos movimentos sociais. Malta (2011) analisou as formas de organização política espacial deste segmento marginalizado a partir do *Movimento Nacional da População em Situação de rua* na cidade de São Paulo. Em sua tese de doutorado, Justo (2005) analisou os conflitos internos da luta campesina a partir do *Movimento dos Trabalhadores Sem-terra — MST*. O autor se associou a um assentamento no qual algumas pessoas "em situação" de rua haviam sido integradas (JUSTO, 2005, p.224), buscando compreender as interações deste segmento com os outros integrantes do movimento. Esta tese também possui fortes influências da geografia marxista, como dos autores Ariovaldo Umbelindo de Oliveira e Bernardo Mançano Fernandes.

Por fim, os dois trabalhos que abordam o tema a partir dos *espaços públicos* e da *vida cotidiana* enfatizaram as ideias de desvio, transgressão e sobrevivência nos espaços públicos. Miranda (2006) realizou sua pesquisa em três espaços públicos de três bairros na cidade de Salvador, sendo um deles, na área central. Sua lógica foi compreender os processos de apropriação dos espaços públicos a partir das categorias lefebvrianas de *vivido*, *concebido* e *percebido*. O trabalho propõe uma releitura do *Direito à cidade* de Henri Lefebvre, valorizando as dimensões humanas deste fenômeno no espaço urbano.

Para concluir é necessário apontar dois aspectos importantes. O primeiro deles é que a marginalização e o estigma relacionados a estas pessoas acabaram por afastar os pesquisadores do contato com este segmento populacional. Na maior parte dos casos não foram realizados trabalhos de campo e, quando ocorreram, a observação e o diálogo foram feitos de modo episódico ou rápido⁴⁴. Os instrumentos de pesquisa foram, em geral, construídos a partir de categorias pré-definidas e não das experiências e vivências espaciais cotidianas das pessoas observadas. Devido a isto, algumas pesquisas reproduziram representações e imaginários preexistentes.

-

⁴⁴ Alguns destes trabalhos, ainda que se baseiem em questionários e entrevistas, não descrevem as experiências relacionadas aos trabalhos de campo.

Um segundo aspecto está relacionado ao caráter periférico que a dimensão espacial ocupa nestas pesquisas. Embora categorias como território, lugar, espaço, rede e escala sejam utilizadas, não desempenham um papel relevante nos modelos de análise. Por exemplo, a *rua*, categoria espacial unificadora desta *população*, é empregada de maneira tão ampla e fluida que oculta a heterogeneidade das relações que estes indivíduos estabelecem com os espaços públicos e assistenciais.

A presente pesquisa reitera, portanto, a necessidade de compreensão da espacialidade desta população, por meio de suas práticas cotidianas, e a partir da emergência dialógica e enunciativa dos próprios sujeitos. Assim, os elementos vinculados às múltiplas experiências e vivências se convertem em categoriais analíticas e ganham diferentes formas e significados espaciais, possibilitando novas aberturas e frentes ainda pouco exploradas para a compreensão deste fenômeno no espaço urbano e, mais especificamente, na área central da cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 2 - "IDAS, VINDAS E IDAS NOVAMENTE": A CONSTRUÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA DE UMA PESQUISA

"Tu tem" que viver. Não adianta você me perguntar. Você tem que viver os lugares que eu vivo. É isto aqui ó. É esta praça, as pessoas. (...) "Tu tem" que experimentar. Experimentar é bom. "Tu tem" que pegar um cobertor e "botar ele" na mochila. Deitar na grama ou no chão "tranquilão", sem se preocupar com a vida. Aí você vai entender. Tem que ficar o dia todo com fome. Sentar aqui e esperar a comida chegar. Comer aquela comida. Conviver com as pessoas e aí você vai entender o que é. Porque que você viveu. Por que quem não vive, não pode aprender só com a história. Por que a história vai te ensinar o que aconteceu, ela não vai te mostrar o que é realmente é. Tem que sentir. É isso aí. (Osmar, 35 anos).

A pesquisa, compreendida como algo dinâmico e complexo, reúne múltiplos aspectos que necessitam ser pensados de modo imbricado, o que constitui um desafio para a produção do conhecimento. Assim, teoria, método, metodologia, trabalhos de campo, trajetórias de vida, posições éticas, estéticas e a própria complexidade da vida por meio de encontros, desencontros, diálogos, olhares, tensões, desacordos, conflitos, solidariedades e indiferenças são partes constituintes do processo de pesquisa.

Este capítulo apresenta as bases teóricas, metodológicas e éticas da presente pesquisa. Alguns aspectos mais tradicionais da produção de conhecimento foram reorientados e ressignificados, no intuito de possibilitar o diálogo entre as dimensões teóricas e empíricas, por meio de enunciações do próprio segmento populacional abordado acerca de sua vida cotidiana. O aspecto dialógico possui um destaque central neste trabalho, uma vez que esta população, nas análises científicas e no mundo social, apresenta um caráter marginal, estigmatizado e sem voz.

Com mais perguntas que respostas e diante das inúmeras pesquisas já realizadas, é fácil reconhecer que o fenômeno da população "em situação" de rua é extremamente complexo. Analisá-lo envolve múltiplas adversidades e, no caso da presente tese, não foi diferente. A primeira adversidade se relaciona ao conhecimento e às informações oficiais sobre esta população. Ainda que o Estado reconheça este segmento como uma população e, portanto, reconheça também a necessidade de produção de informações sobre a mesma, poucos são os dados oficiais existentes. Raros são os relatórios e dossiês. Mais raros ainda são os levantamentos, censos ou estimativas.

Embora reconheçamos as dificuldades para a produção destes conhecimentos, sobretudo se considerarmos o caráter flutuante desta população, - seja em relação às

suas mobilidades e permanências, seja em relação às suas estratégias e práticas de invisibilidades (ROBAINA, 2012), acreditamos que estas questões são menos importantes que o pequeno esforço, os interesses e desinteresses e os conflitos políticos. No caso brasileiro, os poucos documentos produzidos pelos governos em suas diferentes escalas, principalmente, a partir da década de 1990, carecem de maiores rigores técnicos e metodológicos em relação às definições conceituais e as espaçotemporalidades. Cada novo levantamento, censo ou estimativa parece partir "do zero", negando os esforços anteriores e, portanto, tornando esta população "desconhecida".

A busca pelo conhecimento desta população, especialmente nas escalas municipais e estaduais esteve ligada, muitas vezes, à posição de determinados grupos políticos ou indivíduos à frente de determinadas secretarias. Estas vinculações pessoais ou partidárias, dependendo das continuidades ou rupturas nas configurações políticas, se desfazem, são negadas ou simplesmente abandonadas. Ou seja, desestruturam a continuidade das pesquisas, projetos e programas junto a esta população.

Alguns destes esforços oficiais possuem critérios metodológicos duvidosos, além de resultados que parecem camuflar aspectos quantitativos e qualitativos desta população. Produzir e publicar estas pesquisas oficiais é sempre um risco para os governos, principalmente, pelas possíveis novas necessidades de intervenção e pelo risco de determinada gestão ser marcada pelo mau desempenho nas questões sociais.

Assim, juntamente com o resultado destes esforços analíticos, o pronunciamento oficial justifica e legitima a sua inoperância através da afirmação de que esta população é resistente em aceitar ajuda, não deseja frequentar os abrigos públicos (quando existem) e não conseguem se integrar ao mundo do trabalho formal. Dessa maneira, o Estado minimiza suas responsabilidades sobre esta população e frente à sociedade civil.

Constatando a insuficiência de dados oficiais para a compreensão desta população, sobretudo em relação à dimensão espacial de sua vida cotidiana, a esta pesquisa de impôs a necessidade de produzir dados de maneira direta. Foi necessário estabelecer uma série de aspectos e questões que orientariam a pesquisa, como o recorte espacial da análise e as questões centrais relacionadas às interações da vida cotidiana desta população. Diante destas orientações, reconheceu-se que não haveria outra forma para obtenção e produção do conhecimento que não fosse por meio dos trabalhos de campo.

Os trabalhos de campo possuem uma importância histórica na formação dos geógrafos. Abreu (1994, p.205) aponta que "a Geografia Brasileira fez do trabalho de campo, do contato direto com a observação, uma atividade não apenas fundamental de pesquisa, como também de aprendizado". Segundo Pires do Rio (2011), o trabalho de campo se configura como um "tradicional instrumento de investigação". Ainda segundo a autora, este instrumento vem paulatinamente perdendo força. Ou, quando estão presentes nas investigações geográficas, possuem, muitas vezes, um caráter formal, (des)problematizado e carente de maiores esforços que integrem a investigação como um todo em processo. Acabam gerando, assim, impactos negativos sobre as próprias pesquisas produzidas.

Do reconhecimento dessa importância não deriva, todavia, questionamento sobre a própria produção de dados, as contingências de observação ou as hipóteses levantadas. Nas defesas de teses e dissertações, em muitas das apresentações, o trabalho de campo é praticamente ignorado, quando muito mencionado de modo rápido ou, no máximo, como referência que localiza e situa a origem do material coletado, os procedimentos de laboratório ou o lugar da realização de entrevistas ou aplicação de questionários. Como, por que e quando de sua realização não integram os elementos mobilizados para a construção do objeto, ou ainda, o campo em nada contribui para a objetividade da análise. (PIRES DO RIO, 2011, p. 49).

Deste modo, foram assumidas a experiência e a prática do trabalho de campo como pontos de partida e fontes reflexivas, na tentativa de pensar de modo integrado e indissociado, os aspectos teóricos e práticos da pesquisa. Esta experiência configurou-se como peça-chave para a investigação. Não serviu somente como um instrumento para a coleta de dados, mas também como um elemento transformador da própria pesquisa e da formação do pesquisador. O que se conhecia até então sobre esta população advinha de fontes históricas e dados institucionais. Os trabalhos de campo possibilitaram uma abertura fundamental para a compreensão da organização espacial da vida cotidiana desta população.

2.1 - O trabalho de campo como elemento transformador da pesquisa

A tarefa era reconhecidamente complexa e a experiência de pesquisas anteriores apontavam dificuldades de aproximação e diálogo com determinados segmentos e grupos sociais, dentre eles, a população "em situação" de rua. Este aspecto participou da postura receosa de alguns pesquisadores sobre o possível fracasso desta investigação.

Por outro lado, ainda se apontava uma relativa dificuldade em lidar com pequenos grupos e segmentos sociais na Geografia; além dos riscos pessoais, uma vez que a população em questão possuiria um "caráter perigoso e violento".

Outros pesquisadores que tentaram ajudar sugeriram estratégias indiretas para a abordagem do fenômeno, dado o quadro hostil. Propuseram análises que teriam como base reportagens de jornal, produções cinematográficas ou a permanência nos espaços assistenciais. No entanto, decidi que o espaço de análise seria o das ruas, que investigaria a população "em situação" de rua nos espaços públicos, ainda que sentisse receio e ansiedade frente a esta decisão. Colegas mais próximos e conscientes dos objetivos do trabalho apoiaram a decisão, mesmo reconhecendo as múltiplas e possíveis adversidades existentes e seus possíveis impactos sobre a pesquisa.

Uma vez estabelecendo que a ideia central era compreender as dimensões espaciais da vida cotidiana desta população, e que os trabalhos de campo nos espaços públicos seriam a base fundamental de todo o processo, determinei o recorte espacial-analítico para a realização da pesquisa: a cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, a sua área central. Esta escolha se justifica por dois aspectos. O primeiro é o da permanência espaço-temporal deste fenômeno nas ruas da área central da cidade. Esta permanência pode ser atestada com base em fontes que personificavam esta população e a tornavam parte integrante de um cenário/paisagem na/da cidade.

Inúmeros são exemplos que podem ser sintetizados por meio da transcrição de trechos da obra de dois autores icônicos da cidade do Rio de Janeiro: Machado de Assis, com *Dom Casmurro* (1899), e João do Rio, com a sua mais importante crônica, *A Alma Encantadora das ruas* (1904-1907).

Ao portão do Passeio, um mendigo estendeu-nos a mão. José Dias passou adiante, mas eu pensei em Capitu e no seminário, tirei dois vinténs do bolso e dei-os ao mendigo. (ASSIS, 1997, vol. I, p.837)

A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de polícia acompanham o movimento da política indígena, oposicionista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço. A perda que os tornou inválidos é uma espécie de felicidade, a indolência e o sustento garantido. À beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de ler os jornais. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentável vão para outros, e há entre eles relações, morféias 45 que se

⁴⁵ Sinônimo de elefantíase, doença resultante da obstrução na circulação do sistema linfático.

ligam às úlceras, olhos em pus que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova vida com a saudade da vida passada. (RIO, 2007, p.169-170).

Mas não é apenas na literatura que a permanência do fenômeno se torna aparente. Nota-se uma expressiva visibilidade deste fenômeno nos principais periódicos matutinos, considerando a área central da cidade. Nas reportagens, nas colunas sobre a cidade ou na seção de opinião dos leitores, a população "em situação" de rua sempre foi apresentada como um incômodo que deveria ser retirado do espaço público, como nos títulos de reportagens do jornal *O Globo*:

O Problema da Mendicidade e as ideias radicais do Sr. Chefe de polícia (O GLOBO, 15-09-1926)

Movimentada caça aos mendigos: várias prisões no Centro da cidade (O GLOBO, 08-08-1939)

Novo Prédio para recolher mendigos: solução de um problema que aflige a população – fala a O GLOBO o Chefe do Serviço de repressão à Mendicância (O GLOBO, 12-07-1956)

Mendigos vivem acampados em frente ao MAM (O GLOBO, 16-03-1980)

Praça Quinze vira acampamento de mendigos: população de rua chega a montar tendas na região; batalhão tem PMs à paisana na área para combater assaltos. (O GLOBO, 11-06-2010)

O segundo aspecto, associado ao anterior, diz respeito aos conflitos e às tensões desta população com os demais segmentos e grupos na área central da cidade. Como decorrência destes desajustes, inúmeras são as ações de intolerância e violência frente a este segmento social nos espaços públicos. Dois eventos são significativos compreender estas tensões: a "operação mata-mendigos" e a "chacina da Candelária".

O primeiro ocorreu entre os anos de 1962 e 1963, quando integrantes desta população desapareceram da área central e foram encontrados mortos às margens do Rio Guandu⁴⁶. Muitos destes corpos estavam com os braços e pernas amarrados e a causa das mortes constatada foi afogamento⁴⁷. Ainda hoje, muitas são as especulações, mas, praticamente todas, indicam as ações do Estado e o processo de "limpeza social", conhecido popularmente como "*Operação mata-mendigos*" ⁴⁸.

O segundo evento emblemático ocorreu na noite de 23 de julho de 1993 e foi intitulado "A chacina da Candelária". No ocorrido, aproximadamente cinquenta moradores de rua, entre crianças e adultos foram atacadas a tiros quando dormiam

⁴⁸ Uma referência importante a este evento aparece no filme *Topografia de um desnudo* (2008).

64

 $^{^{46}}$ É o mais importante rio que corta e abastece inúmeros municípios da área metropolitana do Rio de Janeiro.

⁴⁷ Não há consenso entre o Estado e a imprensa sobre o número de mortes neste período.

próximos à Igreja Nossa Senhora da Candelária, localizada na área central da cidade do Rio de Janeiro. O resultado foi a morte de oito pessoas. Ao final da investigação, chegou-se à conclusão de que os cinco homens que cometeram as ações eram policiais.

Estes eventos e registros indicavam a permanência e continuidade desta população na área central da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, era necessário mais algum tipo de informação oficial que legitimasse a escolha. Para a cidade do Rio de Janeiro, o último documento produzido sobre esta população era o *Levantamento da População em Situação de Rua na cidade do Rio de Janeiro* (2008). E foi a partir deste documento que a definição do recorte espacial da pesquisa ganhou forma, no ano de 2010.

O referido levantamento definiu como população "em situação" de rua, "as pessoas que têm a rua como local de moradia e pessoas que as usam como local de pernoite provisório, uma vez que possuem referência domiciliar e encontram nas ruas, suas estratégias de sobrevivência" (2008, p.8)⁴⁹. Foram identificadas 1906 pessoas, sendo que 73,33% (1405) eram adultos, 7,08% (135) adolescentes, 3,57% (71) idosos e 3,46% (66) crianças. Cabe ressaltar que, neste documento, foram excluídos os que estavam nos abrigos públicos, aqueles fora da circunscrição das 16 áreas de concentração, assim como os que permaneciam em pensões ou hospedarias e que poderiam, a qualquer momento, retornar para as ruas ou para os espaços assistenciais.

A informação decisiva para o recorte espacial analítico foi a de que 35,1% desta população (670 pessoas) foram localizadas na área central da cidade. Deste modo, menos de 0,5% da área do município do Rio de Janeiro, segundo dados oficiais, concentrava mais de um terço de toda esta população. O dado da densidade demográfica desta população foi fundamental para pensar espacialmente o fenômeno, pois a área se apresentava como um espaço notável para esta população, suas práticas e interações sócio-espaciais.

Cabe ressaltar que a área já apresentava relevância em um antigo projeto de doutoramento, levando em consideração aspectos da organização interna das cidades. Segue um trecho do projeto (ROBAINA, 2010, p.4-5):

⁴⁹ Este levantamento optou metodologicamente por analisar 16 áreas, entendidas como as de maior concentração do fenômeno, nas quatro diferentes regiões (zonas) da cidade (Centro, Norte, Sul e Oeste).

(...) o presente trabalho possui como base espacial da pesquisa, para a análise das populações de rua, a área central da cidade do Rio de Janeiro. A escolha desta área se explica pela centralidade, ou seja, pelo fato da concentração de bens, serviços, instituições, capitais, entre outros fatores que são marcas características de muitas áreas centrais; e pela enorme convergência de fluxos em um espaço centrípeto e caracterizado como a segunda mais importante região metropolitana do país50. Na área central da cidade do Rio de Janeiro se concentram importantes escritórios de advocacia, assim como um importante centro financeiro e bancário. Além disso, observa-se a presença de centros universitários (UFRJ, IBMEC, Cândido Mendes, Estácio de Sá, Gama Filho, UNIGRANRIO); uma forte concentração de Comércio (lojas de departamento e varejistas) e Serviços; de espaços culturais, como museus (Centro Cultural Banco do Brasil, Casa França-Brasil, Centro Cultural dos Correios, Museu do Paço Imperial, Museu Histórico Nacional, Museu de Belas Artes etc), bibliotecas (Biblioteca Nacional e o Real Gabinete Português de Leitura), teatros e cinemas (Cinema Odeon, Teatro Carlos Gomes, Teatro Municipal, Teatro João Caetano, Sala Cecília Meireles etc). A área central da cidade do Rio de Janeiro também se destaca como um importante espaço político, tendo em vista a presença da Câmara Municipal dos Vereadores da Cidade do Rio de Janeiro, a Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro e inúmeras embaixadas e/ou consulados gerais (Estados Unidos da América, França, Grã-Bretanha, Itália, etc.). Desse modo, esse conjunto de fatores faz com que milhares de pessoas se desloquem em direção à área central da cidade do Rio de Janeiro cotidianamente, principalmente, por conta da grande oferta/concentração de empregos. Contudo, essa centralidade também atrai contraditoriamente inúmeras formas de marginalidades sócio-espaciais para o próprio centro, destacando-se, dentre elas, as populações de rua. A escolha da área central pelas populações de rua se deve ao fato do centro garantir alguma condição de sobrevivência, tendo em vista as possibilidades de diferentes atividades laborais (coletas de materiais recicláveis, carretos, "vigilância ou lavagem de automóveis", pequenos biscates, prática da mendicância etc), bem como a concentração de ajudas institucionais do Estado e da Igreja (observância da atuação de ONG's e de outras ações isoladas promovidas pela sociedade civil na área central da cidade do Rio de Janeiro em detrimento a outras áreas ou zonas espaciais). Assim, mesmo diante da precariedade e deteriorização das condições de vida, a área central da cidade do Rio de Janeiro proporciona aparentemente um conjunto de serviços – alimentação, higiene, saúde e abrigo – utilizado como verdadeiras estratégias espaciais de sobrevivência, o que constitui ainda, uma particularidade das áreas centrais, pois, ficando menos movimentado à noite, confere a estas populações uma maior privacidade doméstica. (...).

Enquanto o recorte espacial da pesquisa progressivamente ganhava forma, o perfil a ser analisado ainda carecia de maior detalhamento. Como apontado anteriormente, esta população também se caracteriza pela heterogeneidade em termos de faixa etária e sexo. Assim, crianças, adolescentes, adultos e idosos, do sexo feminino

⁵⁰ Segundo o censo do IBGE (2010), a Região Metropolitana do Rio de Janeiro possui 17 municípios e uma população de 11.711.233 de pessoas. Já em 2014 e também segundo o IBGE, a mesma Região possuía **11.973.505 de habitantes.**

ou masculino, seriam as primeiras divisões possíveis e resultariam em múltiplas diferenciações relacionadas às dimensões espaciais da vida social, elemento central da presente investigação.

Segundo o levantamento de 2008, a população "em situação" de rua adulta correspondia a 73,77% (1406) do total, enquanto as pessoas do sexo masculino correspondiam a 79,64% (1517). Para as áreas de análise do levantamento, *Av. Presidente Vargas* e *Grande Centro*⁵¹, que juntas correspondem quase totalmente à área central, o levantamento indicou, respectivamente, 80,85% e 80,50% de adultos, e 90,96% e 81,12% do sexo masculino. Nesse sentido, optou-se por analisar a população "em situação" de rua *adulta*, do *sexo masculino* e "*localizada*" na área central da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que representam o perfil mais significativo do fenômeno ⁵².



Imagem 1 - Recorte Especial da Pesquisa

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

⁵¹ Na delimitação espacial proposta na metodologia do levantamento de 2008, a *área Presidente Vargas* corresponde exatamente a toda extensão da avenida em questão. Já a *área Grande Centro* corresponde à Central do Brasil, Campo de Santana, Praça Mauá, Lapa, Largo da Carioca, Avenida Rio Branco, Praça XV, Rua Santa Luzia, Avenida Beira Mar e Praça Cruz Vermelha.

⁵² A partir da justaposição destas duas áreas e de alguns ajustes sobre a extensão da área, que tomaram em conta o aspecto da contiguidade, este referencial da Secretaria Municipal de Assistência Social passou a ser o recorte espacial-analítico da presente pesquisa.

O primeiro movimento de aproximação ocorreu sem o prévio estabelecimento de qualquer tipo de vínculo ou contato institucional. A estratégia adotada foi a de observar o fenômeno e, aos poucos (com esperança), estabelecer os contatos que facilitassem minha aproximação das pessoas "em situação" de rua na área central. As visitas iniciais tiveram um caráter totalmente exploratório, com base em um "mapa" da área, que não possuía qualquer pretensão de delimitação a priori. Nelas, foram registradas, com um gravador, uma caderneta de campo e alguns croquis, algumas práticas, interações e aspectos vinculados às formas e funções dos espaços ocupados por essas pessoas.

A partir destas visitas exploratórias foram identificadas áreas com maior visibilidade do fenômeno (algumas delas reuniam mais de 50 pessoas "em situação" de rua), que passaram a concentrar os esforços de descrição. De maneira discreta, observava-se à distância, identificando o local, o entorno e suas características morfológicas, e contabilizando o conjunto de pessoas em relação ao sexo e à idade.

Como resultado da primeira semana de pesquisa, mesmo com poucos elementos explicativos, foram identificadas inúmeras áreas que apresentavam um caráter bastante efêmero ou descontínuo. Assim, estas informações iniciais possibilitavam muitas interpretações e hipóteses como, por exemplo, que a espacialidade do fenômeno da população de rua se organizaria espacialmente através da produção de territórios efêmeros (SOUZA, 1995). Ainda que se buscasse as principais áreas de concentração e visibilidade desta população, foi possível observar permanências isoladas, em duplas ou em grupos de, no máximo, cinco pessoas. Sobre as trajetórias, estas eram intensas e pareciam não ter fim ou quaisquer lógicas espaço-temporais.

A chegada da noite produzia novas configurações, inclusive para esta população. Determinadas áreas despertavam sentimentos topofóbicos, que podiam ser lidos nas preocupações de meus familiares, nos noticiários, e na lembrança de situações de assaltos e outras violências anteriormente vividas. Assim, além dos aspectos que envolvem os espaços de representação e as representações do espaço do próprio pesquisador, a área central estava longe de ser um lugar seguro, o que depois seria constatado junto à própria população "em situação" de rua.

De fato, a observação era a principal ferramenta, pois nenhum tipo de contato havia sido realizado nas duas primeiras semanas. No entanto, como resultado da reflexividade que caracteriza os espaços públicos, enquanto observava, também era

observado. Na terceira semana buscou-se um contato direto com esta população. De modo descompromissado, sentava em um dos bancos, mais ou menos próximos e, mesmo sem ser fumante, carregava um maço de cigarros e um isqueiro, caso alguém se aproximasse e desejasse estabelecer um diálogo.

Tanto no Largo São Francisco, como no Largo da Carioca e na Praça XV, ninguém realizou qualquer tipo de aproximação. No Campo de Santana e na Cinelândia, alguns indivíduos sentaram-se ao lado e compartilharam os bancos, mas sem maiores aproximações. Desta maneira, decidi tentar iniciar diálogos. O resultado foi frustrante e, na maioria das investidas, o silêncio como resposta era constrangedor. Somente na Praça João Pessoa, localizada na Lapa, foi possível estabelecer alguma conversa e prosseguir com a investigação nos moldes inicialmente pretendidos⁵³.

Alguns dos indivíduos que abordei durante estas duas semanas apresentaram inicialmente algum grau de agressividade e se negavam completamente a conversar; outros permaneciam em silêncio, como se não tivessem sido abordados. Também houve aqueles que afirmavam de antemão não serem moradores de rua, ou seja, já haviam sido abordados por outros pesquisadores ou interessados pelo tema, mesmo que não tenha sido pelo viés acadêmico. Curiosamente, uma das pessoas abordadas chegou a me dizer que não vivia na cidade do Rio de Janeiro e, portanto, não poderia me ajudar. Todavia, algumas pessoas foram receptivas e estabeleceram alguma forma de diálogo. Um dos aspectos importantes foi que grande parte apresentava como característica um padrão defensivo, no qual buscava sintetizar ao máximo a conversa e finalizá-la o mais breve possível⁵⁴.

Este tipo de blindagem social era bastante compreensível, principalmente pelas inúmeras desconfianças e riscos que este segmento vivencia nos espaços públicos. De fato, esta população está permanentemente em exposição em situação de vulnerabilidade às múltiplas violências sofridas cotidianamente.

A violência simbólica, resultado do estigma (GOFFMAN, 1975), é, em parte, caracterizada pelo desprezo, pela indiferença, mas, principalmente, pela intolerância, que se traduz na ideia de que esta população precisa ser retirada das ruas de uma maneira ou de outra. Sua presença é associada à barbárie, à degradação das belas paisagens da cidade, das praças, parques e monumentos, produzindo, assim, uma espacialidade que interditaria simbolicamente a circulação dos "cidadãos de bem" que

⁵³O tema que proporcionou alguma abertura junto a estes grupos esteve sempre relacionado às ações de acolhimento/recolhimento compulsórios realizados pelas operações da *Secretaria Especial de Ordem Pública*, conhecida popularmente como "*choque de ordem*".

⁵⁴ Transcrição de gravação realizada em campo (24/10/2011).

pagam os seus impostos. Por outro lado, esta população é acusada de realizar ações violentas e crimes, ainda que estejam extremamente vulneráveis a eles (PAIN e FRANCIS, 2004; SNOW, BAKER e ANDERSON, 1989). Com bastante frequência é noticiado na imprensa, o espancamento ou a morte de integrantes desta população em alguma cidade brasileira. Todos estes elementos dificultam enormemente qualquer tipo de aproximação.

Como resultado, um desconhecido que se aproxima para conversar ou conhecer as dinâmicas do fenômeno, caso não esteja na mesma situação, apresenta, no mínimo, uma atitude suspeita. Como afirmam Silva e Milito (1995, p.171), "[a] curiosidade é traço que, infelizmente, os pesquisadores compartilham com os policiais, alcaguetes e eventuais membros de redes rivais de controle". Desse modo, após iniciativas frustradas e com medo que a insistência pudesse resultar em um fechamento ainda maior e na consequente inviabilização da abordagem pretendida, decidiu-se buscar outra estratégia de aproximação: por meio da Secretaria Municipal de Assistência Social⁵⁵.

Naquele momento, a aproximação junto a Secretaria Municipal da Assistência Social era uma forma de rendição. Era considerada como a última opção, uma vez que havia construído alguns preconceitos com relação às ações do Estado junto a esta população, principalmente pelo acompanhamento dos fóruns públicos, reportagens da imprensa, documentários, postagens em redes sociais e publicações científicas sobre o tema. Afinal, fiz uma carta, assinada pelo orientador da tese e pelo programa de pósgraduação, que apresentava os objetivos do trabalho, os procedimentos metodológicos, e os aspectos de comprometimento ético com a pesquisa, com a instituição e seus funcionários. A carta foi entregue e, uma semana depois, fui convocado para um diálogo.

No dia do encontro, a profissional responsável pelo setor falou sobre as dificuldades de atuação da secretaria e sobre a complexidade que envolve a população "em situação" de rua. Apontou também a falta de compromisso e ética por parte de alguns pesquisadores anteriormente contemplados pelo apoio da secretaria. Ao final do diálogo, me foi entregue uma carta de encaminhamento para o *Creas Pop* (Centro de Referência Especializada em Assistência Social para a População em Situação de Rua)

70

⁵⁵ Como resposta a estas ansiedades e possíveis frustrações cheguei a considerar dormir nas ruas da área central para uma maior aproximação desta população. Esta pretensão gerou grande estranhamento por parte dos familiares e dos colegas na universidade.

Bárbara Calazans, mais conhecido como Centro Pop, a partir de onde a pesquisa tomou novos rumos.

2.1.1 – Aprendizagens e dificuldades cotidianas da assistência social: o caso do Centro Pop Bárbara Calazans

Uma vez autorizado me apresentei à coordenadora da unidade, que foi bastante solícita e solidária. Após apresentar os meus interesses e os objetivos da pesquisa, fui por ela apresentado a cada um dos profissionais, seus respectivos campos do conhecimento e suas atribuições. Efetivamente, o *Centro Pop Bárbara Calazans* possuía graves problemas infraestruturais e os profissionais tinham consciência disto. Este Centro havia sido realocado para uma única sala no interior da Subprefeitura do Centro, o que impossibilitava a realização das atividades previstas com base nos parâmetros propostos pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

A frustração parecia ser um ponto em comum nos diálogos iniciais com os profissionais. Já não havia as salas para recreação e convívio, assim como os banheiros e refeitórios, onde parte desta população na área central permanecia durante o período diurno, não ficando exposta nos espaços públicos. Por outro lado, os profissionais do Centro Pop, se posicionaram, inicialmente, de modo defensivo. Isto porque muitos pesquisadores, em suas análises e relatórios finais sobre os espaços assistenciais, teciam duras críticas ao trabalho da assistência social. Este tipo de notícia propagava-se rapidamente entre os profissionais de diferentes unidades e alguns novos pesquisadores poderiam sofrer as sanções dos comportamentos e experiências anteriores⁵⁶.

Deste modo, era preciso explicar para cada um dos profissionais que a investigação se propunha a analisar a espacialidade da população em "em situação" de rua nos espaços públicos, e o Centro Pop seria o mediador para a realização da mesma. Os profissionais, de diferentes modos, reconheceram que eu não oferecia grandes riscos, principalmente por ser de um geógrafo. Afinal, nunca um pesquisador de Geografia havia passado pelo Centro Pop para realizar qualquer tipo de trabalho.

56

⁵⁶ Por também atuar como professor na Educação Básica já conhecia este tipo de dinâmica, principalmente, porque já havia orientado jovens licenciandos em programas de estágio em Geografia. Era comum, entre os próprios licenciandos, relatos que apontavam os péssimos trabalhos dos docentes e a culpabilização dos professores pela crise da educação pública no Brasil.

Como as variáveis a serem analisadas ainda não haviam sido claramente estabelecidas, a coordenadora do Centro sugeriu o acompanhamento permanente do trabalho dos profissionais. Desta maneira, durante todo o mês de novembro e parte do mês de dezembro de 2011, acompanhei todos os tipos de abordagens (diurnas e noturnas) realizadas pelo *Centro Pop.* Visitei o Campo de Santana, os arredores da Lapa, a Central do Brasil, a Av. Presidente Vargas, o perímetro do mercado popular da Uruguaiana, a Avenida Rio Branco, o Largo da Carioca, as Praças da Cinelândia e Tiradentes, o Passeio Público, a área no entorno do Aeroporto Santos Dumont e do Museu de Arte Moderna, e a Avenida Beira-mar. Fora da área central, visitei, em atividades conjuntas com outras unidades, alguns "ferros-velhos" no eixo que compreende os bairros de São Cristovão, Mangueira e Benfica. Nele, durante as abordagens noturnas nos deparamos com a questão dos usuários de *Crack*, que representa uma importante dinâmica da constituição do fenômeno.

Acompanhei as ações de Educadores Sociais de Rua, pedagogos, psicólogos e assistentes sociais. Para a minha surpresa, e rompendo com os estereótipos e preconceitos, quando estes profissionais chegavam em determinados espaços da área central, muitos dos indivíduos ficavam contentes, os abraçavam, apertavam suas mãos e travavam longos diálogos com eles. O Centro Pop era diferente, pois não possuía como objetivo promover o acolhimento. Orientava-se pelo intuito de estabelecer vínculos por meio de diálogos e possibilitar algum tipo de assistência nos próprios espaços públicos. A população "em situação" de rua sabia disto, mas este vínculo é construído nas relações interpessoais entre um indivíduo "em situação" de rua e um dos profissionais da assistência social⁵⁷.

Em meio a abordagens, diálogos, deslocamentos com profissionais e à própria população "em situação" de rua, eu era um estranho. Nos primeiros encontros, quando a equipe permanecia em determinada área, minha presença era negada por todos aqueles que estavam presentes. De alguma maneira, me foi conferida certa invisibilidade, uma vez que não era reconhecido pelos demais. Reconhecendo esta situação e desejando que esta se alterasse, os profissionais do Centro Pop me apresentavam como um "amigo" que estava trabalhando com eles, na tentativa de que eu "voltasse a existir" ⁵⁸. Ainda

⁵⁷ É interessante destacar que alguns indivíduos preferiam conversavam com alguns profissionais em detrimento de outros, mesmo que não houvesse ocorrido qualquer desentendimento anterior.

⁵⁸ Este processo de invisibilidade e resistência foi apontado pelos profissionais da assistência social como

assim, algumas vezes, ocorria somente um aperto de mão formal sem maiores consequências.

De fato, o desejo de todo pesquisador em campo é ser aceito por aqueles que compõem o grupo social ou segmento de seu interesse para que possa realizar os procedimentos de coleta de dados da pesquisa. Na prática cotidiana não é bem assim. No caso do *Centro Pop Bárbara Calazans*, os profissionais da assistência construíram uma forte relação de confiança. Muitos daqueles "em situação" de rua já eram conhecidos há anos. O surgimento de alguém que não fazia parte da equipe, com uma roupa diferente e que observava tudo era um elemento destoante naquele cenário mais ou menos consolidado.

A população "em situação" de rua reconhece que a assistência social é parte integrante do Estado e muitas pessoas nesta situação temem qualquer tipo de aproximação, principalmente se ela for de policiais. Com o avançar da investigação foi revelado, com alguma recorrência, que as forças policiais promovem incursões junto a esta população para buscar informações sobre alguns crimes ocorridos, principalmente no período noturno. Sabe-se também que parte desta população apresenta conflitos com a lei, ou seja, são fugitivos, procurados pela justiça e acabam optando pela "situação" de rua como uma estratégia de fuga, de liberdade e resistência. Foi muito comum também o relato sobre agressões ou humilhações realizadas por policiais. Assim, a polícia é, em grande parte, vista negativamente por esta população.

Acompanhar a rotina da assistência social possibilitou conhecer novos elementos do fenômeno, para além dos aspectos presentes nas literaturas especificas sobre o tema, o que me permitiu tecer novas reflexões e modificações na própria pesquisa. Com o passar dos dias, os profissionais da assistência social foram apontando alguns espaços, tipos e eventos que se repetiam, assim como ritmos e trajetórias desta população. Embora não fossem treinados nos fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia Humana, acompanhar estes profissionais enriqueceu profundamente o meu conhecimento sobre a espacialidade da população "em situação" de rua.

Pouco a pouco, e em diferentes medidas, os profissionais aceitaram a minha presença e começaram a se interessar sobre a pesquisa, perguntando sobre os seus diversos aspectos. Como ainda construía os pilares centrais da investigação, estes

diálogos faziam parte da própria pesquisa. As categorias e conceitos por mim apresentados eram questionados e confrontados com aqueles advindos de outros de outros campos do conhecimento científico. Este processo dialógico e dialético foi de fundamental importância para a análise.

De fato, o apoio do Centro Pop foi decisivo para a entrada no campo e para a consolidação da pesquisa. Os esforços de alguns profissionais em buscar soluções para as pessoas "em situação" de rua eram admiráveis, ainda que o sistema e a estrutura não possibilitassem voos maiores. A simples convivência com estes profissionais já possibilitaria a produção de uma tese. No entanto, a minha aproximação com um profissional específico assegurou um significativo avanço frente aos objetivos iniciais da pesquisa.

2.1.2 – O informante: suas práticas, comportamentos e sensibilidades

Ainda posso me lembrar de minha primeira saída com Doc. Nos encontramos uma noite no Centro Comunitário da Norton Street e saímos de lá para um ponto de jogo a alguns quarteirões de distância. Segui Doc ansiosamente, por um longo e escuro corredor nos fundos de um prédio de apartamentos. Eu não me preocupava com a possibilidade de uma batida policial. Pensava em como me encaixar e ser aceito. (WHYTE, 2005, p.299).

Em A Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada, do norte-americano Willian Foot Whyte, o informante Doc teve um papel fundamental. No caso da presente pesquisa, não foi diferente. Sem um informante, a investigação não seria concluída do modo que foi. No caso de Whyte (2005), o informante fazia parte do próprio grupo a ser analisado pelo investigador. No meu caso, o informante, mesmo não fazendo parte da população "em situação" de rua, possuía um histórico de excelentes relações com a mesma na área central.

Um primeiro aspecto que diferenciava *Emanuel*⁵⁹ dos demais profissionais da assistência social era a aproximação espontânea desta população, que o tratava pelo nome e sempre fazia uma série de pedidos. Como resposta, *Emanuel* também chamava a maioria destas pessoas pelos seus respectivos nomes e, de modo bem-humorado, também questionava os motivos da ausência destas pessoas em seus respectivos

⁵⁹ Optou-se por utilizar este nome fictício para este profissional que foi o sujeito-chave durante o período dos trabalhos de campo.

compromissos com a assistência social⁶⁰. De fato, havia uma relação de respeito e, ao longo de seus deslocamentos pela área central, esta população se aproximava, como uma espécie de imã assistencial⁶¹. Ao longo do período dos trabalhos de campo não presenciei qualquer conflito ou desentendimento entre este profissional e qualquer um dos indivíduos "em situação" de rua. Era conhecido em todas as áreas de concentração desta população, ainda que, para mim, estes percursos fossem marcados por uma grande apreensão⁶².

Por inúmeras vezes, foi observada a aproximação de Emanuel junto a grupos que possuíam crianças pequenas, até mesmo de colo, os quais temiam que estas fossem levadas aos juizados de menores⁶³. Este quadro delicado não impedia o diálogo⁶⁴ uma vez que, de fato, tratava-se alguém que conhecia a complexidade das relações produzidas nas ruas por esta população. Por algumas vezes, o mesmo buscou acalmar os ânimos em algumas áreas de concentração e evitar que os conflitos chegassem às vias de fato.

Por outro lado, e talvez de maneira inconsciente, *Emanuel* sabia que a área central é marcada por uma sobreposição de territorialidades e poderes, alguns deles pouco explícitos, mas com grande atuação, que colocam limites à ação da assistência social nos espaços públicos. Deste modo, as ações deste profissional oscilavam conforme as situações, ora atuando com descontração, ora com cuidado e perícia, demonstrando entender as mensagens claramente ou fazendo-se de desentendido em relação aos recados e aos comportamentos alheios. Neste sentido, esta vivência complexa converge com os apontamentos de Silva e Milito (1995) sobre o espaço urbano.

 $^{^{60}}$ Estes compromissos estavam relacionados a encaminhamentos para apoio jurídico e hospitalar e à documentação.

⁶¹ Certa vez, no Campo de Santana, um indivíduo que estava em recente "situação" de rua chegou procurando este profissional, porque assim havia sido orientado por alguém na mesma situação há mais tempo.

⁶²A primeira vez que visitei a área da Central do Brasil no período noturno com o informante senti um forte impacto. Chegando ao local, muitas pessoas estavam deitadas no chão, sem o uso de papelão ou lençol. Alguns deles apresentavam tosses frequentes e mutilações, principalmente nas pernas. Diante deste cenário, para mim aterrorizante, não consegui dormir naquela noite.

⁶³ Segundo alguns profissionais da assistência social, estas ações são bastante traumatizantes e marcadas por grande tensão, pois, algumas vezes, devido à resistência das mães, se faz necessário, a presença de força policial para garantir a execução da medida.

⁶⁴ Uma vez foi possível observá-lo pegando uma das crianças no colo, conversando com a mãe sobre o risco que era permanecer na rua com uma criança tão pequena, e propondo algum tipo de apoio institucional.

As malhas tensas que se sobrepõem em nossos logradouros – a ordem social, a ordem policial, a ordem do tráfico, a ordem do jogo de bicho, a ordem da prostituição, a ordem do assalto. Toda a questão se rebate numa transordenação, na harmonização desses sintagmas que nem sempre se correspondem. Os deslizamentos e desajustes entre eles geram tensões e conflitos, negociações e rearranjamentos, explosões violentas e intimidações. (Ibidem, 1995, p.28).

Além de possibilitar o maior conhecimento da vida cotidiana das pessoas "em situação" de rua na área central da cidade, o encontro com o informante tornou os trabalhos de campo mais seguros. Aos poucos, consegui me aproximar e cumprimentar as pessoas sem receio, ainda que a formalidade fosse um traço marcante na relação.

Devido à presença sistemática no campo e ao acompanhamento das atividades da assistência social, a própria população passou a reconhecer a minha presença, mesmo sem saber exatamente o que ela significava naquele contexto. Todos os demais profissionais utilizavam coletes e crachás como um padrão de identificação. Com uma estratégia parecida de reconhecimento no espaço, busquei produzir uma imagem facilmente reconhecível. Assim, a partir do terceiro mês de pesquisa, adotei uma vestimenta comum para a atividade de campo: calça *jeans*, camisa *t-shirt* branca, tênis, bolsa lateral de pano azul e uma prancheta.

Esta estratégia era uma via de mão dupla. Possuir um mesmo padrão de apresentação pessoal durante os trabalhos de campo possibilitava o reconhecimento nos espaços públicos. Este reconhecimento poderia facilitar as observações e conversas, mas também me marcar como uma figura indesejada. De fato, a partir de alguns meses, algumas pessoas já me cumprimentavam e trocavam algumas palavras sobre o cotidiano. No entanto, o momento mais decisivo para a minha aceitação junto à população "em situação" de rua na área central ocorreu de modo bastante inusitado. É pouco provável que conste em alguma referência sobre procedimentos metodológicos para a pesquisa qualitativa. Como mais uma das estratégias de pesquisa, ingressei no "mundo do futebol". Segue o registro desta entrada, que realizei no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ⁶⁵:

⁶⁵ Com alguma recorrência, ao término de um trabalho de campo, me dirigia ao IFCS, onde registrava as minhas observações de campo com o a ajuda de um gravador ou das clássicas cadernetas de campo em um dos bancos no *hall* do prédio.

Fui convidado pelo Centro de População de Rua Bárbara Calazans para acompanhar uma atividade alternativa de abordagem social. Esta atividade não é típica da Secretaria Municipal de Assistência Social da Cidade do Rio de Janeiro, mas sim, resultado da iniciativa de um Educador Social de Rua do Centro Pop Bárbara Calazans. Encontramo-nos às 10:00 horas da manhã na própria sede e fomos na viatura da unidade para o Aterro do Flamengo. Estavam, além de mim, o educador social que desenvolve esta atividade desde 2010, outra educadora social e uma psicóloga.

O motorista parou o carro do outro lado da rua e o Educador Social saiu e pediu que eu fosse com ele. Sem entender muito bem o motivo pelo qual não fomos com o restante do grupo que se dirigiu para o campo, permaneci calado e atento ao seu lado. Ele se afastou do campo de futebol e caminhou em direção a algumas árvores e tudo começou a fazer sentido. Ele estava procurando alguns moradores de rua que ainda estavam dormindo. Ele passava falando — Vamos Acordar!!!, Futebol Rapaziada!!! Alguns olhavam desanimados e parecia que a proposta não fazia sentido. Outros já mostravam um sorriso no rosto e saiam rapidamente debaixo dos cobertores velhos e rasgados. Fizemos isto por aproximadamente vinte minutos.

Quando chegamos ao campo de futebol, para a minha surpresa, outros moradores de rua já estavam presentes, para além daqueles que havíamos acordado. Mais impressionante que isto foi ver que indivíduos que estavam lá haviam sido convidados no dia anterior, em uma abordagem que acompanhei no Campo de Santana e no Restaurante Popular. De fato, uma boa parte dos presentes já era conhecida dos educadores sociais de longa data, mas eu não acreditava que aqueles convites surtiriam qualquer efeito. No final das contas, tínhamos dezessete indivíduos que foram acordados, se deslocaram exclusivamente para o evento ou estavam passando por ali coincidentemente.

As bolas de futebol foram lançadas no campo, mas tínhamos um impasse. Dos dezessete presentes, somente seis apresentavam condições ou queriam jogar. Uns alegavam que estavam com problemas ósseos, um deles estava, inclusive, com uma bandagem e afirmava ter sido espancado pela polícia; outros que o excesso de drogas na noite passada não permitia esforços físicos; além de uma mulher que não foi cogitada como possível integrante do evento, mas que também apresentava um enorme curativo no braço, e um rapaz que estava de "banho tomado" e não queria suar.

Enfim, eram seis. O educador social, com receio que a atividade não acontecesse, o que geraria frustração, tirou a camisa e, assim, somavam-se sete atletas. Concomitantemente, chegou um grupo de jovens. Um dos indivíduos, logicamente o mais empolgado, que nos contava suas incríveis histórias sobre partidas futebolísticas no Abrigo de Paciência/Antares (Rio Acolhedor), convidou os jovens para uma partida. Assim, ficava de um lado o time dos jovens, de outro, o time da população de rua, no qual o educador social também estava presente. No meio de tudo isto, um detalhe: faltava um jogador. Como em um passe de mágica, todos olharam para mim. Se eu falasse não, numericamente, aquela partida ficaria assimétrica, por mais assimétrica que já parecesse ser, pois um time de moradores de rua dificilmente venceria um time formado por jovens em boa forma física.

Além disto, tinha mais uma questão: eu estava com a mão fraturada e imobilizada com gesso. Como eu poderia jogar? Não teve jeito, tentei argumentar, mas todos pediram para que eu jogasse, exceto o educador social, preocupado com a figura do pesquisador com um braço quebrado que poderia se machucar ainda mais, especialmente em uma atividade oficial do Centro Pop. Entrei no time da população "em situação" de rua. Ficou convencionado assim: o Time dos jovens jogaria de camisa e a população "em situação" de rua, sugestivamente, sem camisa.

Tirei o sapato, a camisa e arregacei a calça jeans na altura dos joelhos. Quando olhei para o lado, além do Educador Social, mais dois atletas do time estavam com este mesmo "uniforme". Curiosamente, o nosso "atleta" mais empolgado estava com um short esportivo, meias coloridas e calçados apropriados. Ele estava preparado e esperando o evento desde o dia anterior.

Depois de muitas questões, enfim, o jogo começou. O time dos jovens iniciou com a posse de bola. Os minutos iniciais foram apreensivos para mim, pois eu não tinha a mínima ideia do que seria aquela partida. Espantosamente, eu não acreditava no que via, pois mesmo diante de um forte sol às onze horas da manhã de uma terça-feira, aqueles homens aparentemente tão precarizados, fosse pela dependência química, fosse pela alimentação muitas vezes insuficiente, ou pelas noites de sono perdidas e pelos diversos problemas de saúde, ainda conseguiam correr com grande vigor atrás da bola. E foi assim que aconteceu um lançamento e o nosso jogador, com calça jeans, descalço e chamado de "neguinho" fez um a zero.

Com o passar do tempo, eu, engessado, descalço e mal fisicamente ficava cada vez mais cansado. Os jovens, por outro lado, pareciam não querer perder para aquele time que, além de um homem engessado, um educador social acima do peso, era composto por indivíduos que possuíam, visualmente, uma carga de inferioridade social. Em geral, a população "em situação" de rua é vista assim. Por outro lado, os atletas do nosso time não queriam perder aquele jogo, pois parecia ter enorme importância para eles. A torcida que ficara de fora por não ter condições de jogo, gritava nos lances de perigo de gol.

Eu estava esgotado, mas aquele jogo parecia ser tão importante para ambos os lados que eu não poderia sair, pois não teria ninguém para me substituir do nosso lado. Em um dos poucos momentos que tive prestígio no jogo, toquei uma bola para o "neguinho" que, novamente, fez o gol. Como retribuição ao passe, recebi um abraço, como um comportamento bastante tradicional no futebol. Mas foi um momento diferente na condição de pesquisador, pois as aproximações junto a esta população têm sido bastante complicadas e difíceis no âmbito acadêmico, inclusive, gerando um desestímulo por parte de alguns pesquisadores. Eu havia recebido um abraço, logicamente eu não estava realizando uma entrevista e perguntando sobre as dimensões espaciais da sua vida cotidiana.

Curiosamente, algo que também chamou a minha atenção foi a questão das faltas. Como não tinha um árbitro, as faltas eram marcadas através de um acordo construído a partir do conhecimento das regras e da interpretação dos envolvidos. Mais do que isto, neste tipo de situação, a falta é sempre marcada por aquele que a sofreu. Era interessante notar que os jovens ficavam extremamente receosos de marcar as faltas, talvez por alguma reação violenta de um dos atletas do time adversário. Quando acontecia a falta, o Educador Social mediava a situação e marcava a irregularidade.

Depois de aproximadamente cinquenta minutos ininterruptos de jogo, todos os corpos apresentavam sinais de cansaço e o resultado era um empate com doze gols. O Educador Social fosse pelo cansaço, mas também pelos ofícios que tinham que ser realizados no período da tarde, se utilizou de um recurso muito comum nesta situação: Quem fizer ganha o jogo!

Alguns minutos se passaram e, como em uma das maravilhosas crônicas de Nelson Rodrigues, o nosso atleta, vestido como um verdadeiro jogador de futebol, realizou um perfeito lançamento que cruzou todo o campo, encobrindo a defesa e encontrando

sozinho, ele, que naquele jogo, parecia o predestinado a ser o goleador, que não perdoaria, colocando novamente a bola no fundo do gol e saindo comemorando com uma daquelas "dancinhas" típicas do futebol brasileiro. Aquele homem negro, magro, sujo e com as calças rasgadas tinha sido o herói, com quatro dos sete gols do time. Eu estava na defesa quando tudo aconteceu. Vi de longe e agradeci, pois já não tinha mais pernas para correr e nunca teria imaginado realizar um trabalho de campo nestes moldes.

Depois do término, reunimo-nos e falamos sobre a partida. O educador social, em meio a um clima de descontração perguntou se alguém precisava regularizar a documentação, de algum apoio jurídico, de encaminhamento de saúde ou acolhimento nos abrigos. Uns poucos pediram ajuda, principalmente em relação às drogas, mas ainda estavam excitados com o jogo. Perguntaram se teria na próxima semana e o educador social respondeu que sim. O nosso atleta mais empolgado já fazia planos relativos a um possível jogo da equipe do Centro Pop, que me incluía, com o time do Abrigo de Paciência. Ele dizia que chamaria outros indivíduos para a próxima semana. Com o passar do tempo, eles foram se dispersando, pois afirmavam que voltariam para o garimpo, outras atividades ou compromissos. Recolhemos os materiais, entramos na viatura e encerramos a nossa atividade do dia. A minha relação com o trabalho de campo, com a população de rua e com a Geografia jamais seriam as mesmas. (Diário de Campo –IFCS-UFRJ - 24/01/2012)

Passei a acompanhar semanalmente esta atividade, até o término do período dos trabalhos de campo. De fato, esta prática foi fundamental para a minha inserção junto aos meus possíveis entrevistados. Mesmo aqueles que estavam ausentes no dia do evento sabiam da minha presença, o que me chamou atenção para a rede de informações desta população na área central. Com isso e ao passar do tempo, a minha imagem também foi associada a este evento, principalmente porque eu garantia algum apoio aos responsáveis pela atividade. Carregava as bolas, o garrafão de água e os coletes esportivos. E como esta atividade era vista positivamente pelos envolvidos, me beneficiei enormemente desta associação.

No entanto, durante a realização das partidas, os tons acalorados, inclusive com discussões ríspidas, faziam parte do processo. O jogo de futebol, afinal, é uma das expressões da masculinidade brasileira e funciona como uma espécie de catarse para

esta população. Assim, estava diante de uma situação bastante complexa, pois não poderia entrar nestas celeumas da prática esportiva. Mas, ao mesmo tempo, não poderia "afinar", ou seja, apresentar receio dos contatos corporais típicos da partida, ou ainda não jogar seriamente, pois seria "cobrado" pelos demais companheiros de equipe e, finalmente, perderia o prestígio conquistado. Em síntese: era preciso ser um "verdadeiro" jogador de futebol sem esquecer que era pesquisador e ser um verdadeiro pesquisador sem esquecer que era preciso ser um "jogador" de futebol.

Na prática, quando o pesquisador-jogador, ou vice-versa, realizava uma falta, automaticamente pedia desculpas e assumia publicamente que realizara uma infração. Quando eventualmente fazia um gol e, principalmente, ganhava uma partida, comemorava sem muitas emoções para não gerar maiores problemas com os adversários e possíveis entrevistados futuros. A seriedade e o comprometimento como "jogador" eram indispensáveis, principalmente nas derrotas, quando era muito comum buscar um culpado. Então, cometer qualquer tipo de erro "dentro das quatro linhas" poderia gerar uma instabilidade. Assim, tentava não falhar como atleta, ainda que, algumas vezes, fosse inevitável e acabasse me desculpando com os outros jogadores.

Enfim, o futebol possibilitou a aproximação da população "em situação" de rua e consolidou os meus interesses e curiosidades pela área central. Depois de um mês, as relações já estavam ficando mais estreitas e fui convidado por alguns indivíduos para, almoçar no Restaurante Popular, algo que ocorria somente com os profissionais da assistência social. A curiosidade desta população foi outro aspecto bastante interessante. Mesmo em contato direto e quase diário comigo, os mais interessados começaram a perguntar ao *Emanuel* sobre as origens e as intenções daquela presença atípica. Como resposta, *Emanuel* afirmou que se tratava de um professor da UFRJ e que estava escrevendo um livro sobre as pessoas que viviam nas ruas.

Como as questões específicas da pesquisa ainda estavam em construção e eu não possuía a confiança dos indivíduos a ponto de me aproximar para uma entrevista, a estratégia possível era continuar observando e conversando sobre os mais diversos assuntos. Perguntar qualquer coisa sobre a vida destas pessoas em um momento inadequado poderia abalar os vínculos que ainda estavam em construção. Estes ensinamentos foram vividos de modo tenso por Whyte (2005), que precisou ser

chamado à atenção pelo seu informante, e foram por ele valorizados na escritura do trabalho final:

Doc explicou a lição da noite anterior. "vá devagar, Bill, com essa coisa de 'quem', 'o quê', 'por que', 'quando', 'onde'. Você pergunta coisas e as pessoas se fecharão em copas. Se te aceitam, basta que você fique por perto, e saberá as respostas a longo prazo, sem nem mesmo ter que fazer as perguntas". Descobri que isso era verdade. Sentando e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido a ideia se colhesse minhas informações por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela. (Ibidem, 2005, p.303-304).

Ainda que não realizasse perguntas diretas e estivesse longe de empreender as entrevistas, a curiosidade era enorme, mas, conforme elucidaram Silva e Milito (1995) demonstrar curiosidade e interesse excessivo pode inviabilizar a tarefa do campo. Assim, buscava demonstrar um aparente desinteresse sobre questões mais concretas. Falava da ausência de alguém no futebol ou em algum local, sobre as condições do tempo ou sobre os animais do Campo de Santana. Estes temas deflagravam o relato de uma série de experiências, práticas e estratégias espaciais desta população, e o crescente interesse por parte de alguns indivíduos possibilitava o aprofundamento dos diálogos sobre as questões da pesquisa.

Entre novembro de 2011 e junho de 2012, os trabalhos de campo tiveram um caráter exploratório. As inúmeras experiências de convívio e observação possibilitaram reflexões para a construção da pesquisa. Antes de descrever as *dimensões*, *categorias* e *vetores* de análise que estruturaram a pesquisa e, consequentemente, as entrevistas, é necessário refletir sobre a construção do principal instrumento de análise, os referenciais teóricos espaciais e o objetivo central da pesquisa.

2.2 — A importância da vida cotidiana: a definição do objeto da pesquisa e a construção do instrumento de análise

Tudo o que necessitamos fazer é abrir nossos olhos, e deixar o escuro mundo da metafísica e das falsas profundidades da 'vida interior' para trás, e descobriremos a imensa riqueza humana que os fatos que a vida cotidiana contém. (LEFEBVRE, 1991, p.132).

Com base nas observações, nas vivências e na postura dialógica durante a realização dos trabalhos de campo - assumido inicialmente como um período

exploratório da presente pesquisa - foi possível perceber a complexidade da espacialidade desta população. Deste modo, como elemento central e articulador para a compreensão deste fenômeno e suas relações com a dimensão espacial foi utilizada a *vida cotidiana* como uma importante categoria para a análise do mundo social.

De fato, no âmbito acadêmico, a ideia de *vida cotidiana* carregou durante muito tempo significados que a colocaram em uma situação de desprestígio e marginalização no campo das ciências humanas e sociais. No entanto, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, alguns intelectuais se debruçaram sobre diferentes aspectos vinculados à organização da sociedade pelo viés cotidiano, articulando diferentes atividades ordinárias, escalas e ritmos espaço-temporais. Estas perspectivas rompem com as ideias reducionistas de banal, comum, trivial, fútil que estavam vinculadas a esta categoria academicamente. (BERGER e LUCKMAN, 2003; DE CERTEAU, 1998, 1999; GOFFMAN, 2012, 1985; HELLER, 1972, 1991; LEFEBVRE, 1980, 1991; WOLF, 1979).

Para o intelectual francês Henri Lefebvre, a *vida cotidiana* possuía algo de misterioso e admirável que escapava dos sistemas mais elaborados pelos filósofos da época e, por isso, era refutada (*ibidem*, 1980, p.28). Assim, de maneira vanguardista e até certo ponto arriscada, disparou sua posição: "*pois fica aberto um só caminho:* descrever e analisar o cotidiano a partir da filosofia, para mostrar sua dualidade, sua decadência e sua fecundidade, sua miséria e sua riqueza" (*ibidem*, 1980, p.23).

Outro aspecto destacado pelo autor é a relação entre a *miséria* e a *riqueza* desta categoria. A ideia de *miséria* estaria relacionada às reproduções da vida cotidiana, principalmente, a partir da ideia de alienação. A riqueza estaria vinculada às possibilidades de ruptura, ou seja, da produção, no sentido da invenção e da criatividade social. Ainda ressalva o autor que a ideia de *miséria* não elimina a de *riqueza*, pois mesmo existindo um sistema estruturante, este não chega a fechar-se. E isto ocorre porque algo irredutível se opõe a tal fechamento: os próprios elementos da produção social (*Ibidem*, 1980, p.95). Assim, o desafio seria analisar e compreender este conjunto de aspectos coexistentes e indissociáveis e, ao mesmo tempo, contraditórios da complexa organização da vida cotidiana.

Outros autores também se dedicaram e contribuíram para estas reflexões. Agnes Heller, também apoiada no Materialismo Histórico-dialético, ganhou bastante visibilidade a partir de 1970 por romper com as lógicas binárias que envolviam as ideias de cotidiano e de reprodução social. Esta autora avançou nas discussões ao apontar as possibilidades e até mesmo a relativa autonomia relacionada à vida cotidiana. As tomadas de decisões seriam baseadas em habilidades e aspectos psicológicos e morais (HELLER, 1972, p.42). E, para além das próprias decisões, e ainda que a vida cotidiana seja marcada por uma estrutura, esta possui uma abertura, onde eventos e ações inesperadas rompem com a lógica habitual dos costumes, da repetição e da reprodução.

Por outro lado, a autora afirma que o indivíduo não tem capacidade de refletir sobre a complexidade do cotidiano, sobre todas as suas ações e, principalmente, sobre as suas probabilidades de sucesso.

Aquele que desejar proceder com uma absoluta segurança, tendo em conta todos fatores possíveis e prevendo qualquer eventualidade, seria incapaz de tomar qualquer decisão (Ibidem, 1991, p.298).

Desse modo, a autora e sua ideia de uma estrutura inacabada e de uma heterogeneidade da vida cotidiana, ainda que balizada com uma visão da sociedade como campo de luta entre classes, vai além do dualismo, identificando, em diferentes escalas, distintos projetos, fases, necessidades, hierarquias, conflitos e mudanças sociais (HELLER, 1991, p.395). Possibilita, assim, pensar de maneira bastante ampla sobre as potencialidades desta categoria para a análise social.

Outros autores contribuem para a discussão da categoria. Erving Goffman, seguindo uma linha distinta e sobre as bases do *Interacionismo simbólico*, trabalhou o *cotidiano* a partir das múltiplas situações dos indivíduos como atores e suas representações no jogo social. O cotidiano, nas suas diferentes obras (1975, 2002, 2012), está vinculado aos processos de interação, representação e apresentação nos espaços sociais, e é entendido não somente como recipiente das ações, mas também como componente do jogo social.

Segundo Wolf (1979, p.29), à luz do pensamento de Goffman:

Cada vez que estamos em presença do outro, damos lugar a uma série de comportamentos, movimentos e ações regulamentadas (muitas vez além da nossa consciência), a fim de sustentar a realidade social do tipo de encontro no qual estamos. Diálogos casuais e informais, encontros oficiais, cerimoniais, ocupando um espaço limitado junto com desconhecidos durante um tempo, os comprimentos entre conhecidos e muitas outras anedotas cotidianas perdidas na memória coletiva se desenvolvem em situações definidas através de um conjunto de movimentos regulados.

Peter Berger e Thomas Luckmann (2003), a partir da influente obra *A construção social da realidade*, a vida cotidiana estaria marcada pela presença de um conjunto de lugares, escalas, significados e mobilidades.

A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde os abridores de latas até os automóveis de esporte, que têm na sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; vivo dentro de uma teia de relações humanas, de meu clube de xadrez até os Estados Unidos da América, que são também ordenadas por meio do vocabulário. Desta maneira a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação. A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do 'aqui' de meu corpo e do 'agora' do meu presente. Este 'aqui e agora' é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. (...) A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes 'aqui e agora'. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distancia, espacial e temporalmente. (Ibidem, 2003, p.38-39).

Já na década de 1980, o cotidiano possuía uma significativa visibilidade acadêmica e Michel de Certeau se destacou neste novo cenário, principalmente através da obra *A invenção do cotidiano: a arte de fazer.* O autor apontava um conjunto de atividades ordinárias, que envolviam a simulação, a criatividade, a astúcia e a oportunidade, estruturadas a partir de um jogo de forças e marcados por claras relações de poder, aspectos centrais para a presente pesquisa.

No caso da Geografia, esta maior visibilidade também ocorreu a partir da década de 1980, especialmente a partir da obra *time-geography* de Hägerstrand (1985)⁶⁶. Além das produções deste autor sobre as permanências, mobilidades e ritmos, ainda que sobre outras configurações e métodos, também destaca-se as contribuições da geógrafa argentina Alicia Lindón e do geógrafo espanhol Constâncio de Castro. Efetivamente, as produções destes três geógrafos possibilitam refletir acerca da vida cotidiana na cidade em sua dimensão espacial.

Constâncio de Castro, influenciado pela Psicologia Social tem, como um de seus objetivos, inserir a Geografia no interior das ciências comportamentais. Para isto, a Geografia deveria, através da observação direta e da utilização de dados primários,

⁶⁶A importância de Hagerstrand para o presente trabalho será ainda apresentada neste capítulo.

buscar um conjunto de informações. E o geógrafo, como uma espécie de arqueólogo, investigar as marcas, ainda que muitas vezes efêmeras, presentes cotidianamente no espaço.

Como um saber cultivado desde os tempos antigos, a Geografia sempre respondeu a curiosidade humana. A curiosidade humana, por outro lado, possui outros desafios. A curiosidade, entretanto, aviva uma atitude de alerta permanente frente às mudanças do entorno. O geógrafo sem outro norte que a observação pode reconhecer imediatamente que nada permanece imóvel ao seu entorno, que a poderosa e fascinante cidade, longe de uma construção mumificada é um cenário incitante. Este outro estilo de Geografia perene que estamos vislumbrando propõe uma tomada de contato com a vida cotidiana e seu enraizamento na observação. (CONSTÂNCIO DE CASTRO, 1997, P.8).

A geógrafa argentina Alícia Lindón também tem se dedicado ao tema do cotidiano em suas diferentes obras (2000, 2006, 2007). A autora reconhece que este ainda é um desafio para a Geografia, principalmente por não fazer parte das "tradições" geográficas, se comparada a outras ciências sociais (LINDÓN, 2006, p.427). Lindón afirma que o cotidiano se configura como o lugar fundamental da interseção entre o indivíduo e a sociedade, pois seriam nestes espaços onde as alteridades seriam metabolizadas de modo sócio-espacial (*Ibidem*, p.9, 2000). Assim, a Geografia poderia permitir o conhecimento das espacialidades da vida social (*Ibidem*, 2006, p.426).

As práticas cotidianas postas no centro da experiência espacial, o desafio é identificar estes comportamentos, ações, gestos, às vezes minúsculos, outras vezes nem tanto, e em muitas ocasiões repetitivos, nas quais as pessoas fazem os seus lugares, os transformam material e/ou simbolicamente, se apropriam deles, outorgando certas funções, evitando, abandonando ou os fazendo seus. Um desafio deste tipo resulta atrativo, porem também complexo, quando é analisado o mundo urbano, nas cidades, porque nelas a diversidade de práticas, autores, e espaços materialmente definidos é enorme. Este é o desafio que assumimos: pensar em alguns fragmentos das experiências espaciais nas grandes cidades. (LINDÓN, 2006, p.428).

Este conjunto de referências contribuiu para a presente pesquisa a partir da ideia de *Organização Espacial da Vida Cotidiana* e sua configuração como um sistema aberto, que tende a conservar e a reproduzir inúmeros aspectos do mundo social, mas permitindo novas aberturas e rupturas. Estes movimentos são resultados das próprias intencionalidades, que se formalizam em estratégias e práticas sócio-espaciais que coexistem em diferentes escalas de tempo e nos mais variados lugares, desde o período de um dia até a longa trajetória de toda uma vida. Isto parece bastante importante para o caso da presente pesquisa, uma vez que a espacialidade da vida cotidiana da população

"em situação" de rua não pode ser descrita pelas ideias de aleatoriedade, perambulação e "sem-destino".

Ao longo deste processo, com base nas reflexões derivadas das leituras, da observação direta e dos diálogos permanentes com a população "em situação" de rua, a questão norteadora se definiu: analisar geograficamente a espacialidade do fenômeno da população "em situação" de rua, por meio da compreensão das diferentes espacialidades de suas atividades, e a partir das múltiplas interações entre lugares e trajetórias, segundo determinados intervalos de tempo, ou seja, entre *Permanências*, *Mobilidades* e *Ritmos* na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Uma vez definidos a questão central e os trabalhos de campo como base dialógica e reflexiva para a obtenção de informações primárias para a compreensão espacial desta população, se fazia necessária a construção de um instrumento de análise. De fato, ao longo deste período exploratório, foi identificado, por meio das próprias enunciações diretas ou indiretas desta população, um conjunto de atividades que possuíam maior recorrência e visibilidade na organização de suas vidas cotidianas. Assim, estas atividades se tornaram guias para a compreensão das lógicas espaçotemporais desta população.

Através de um processo dialógico que considerou as reflexões dos entrevistados⁶⁷, buscou-se uma categorização das próprias análises. Deste modo, cada um dos entrevistados que comporia esta população era entendido como um sujeito, posto que seriam consideradas as suas identificações, diferenciações, escolhas, classificações e posicionamentos sobre as suas próprias vidas. Como afirmou Freire:

Não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. (FREIRE, 1999, p35)

A reflexividade acerca de suas dinâmicas, estratégias e práticas se constituiu como um elemento central para analisar a complexidade cotidiana deste segmento na área central da cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, emergiram categoriais que

87

⁶⁷ Este processo de construção esteve principalmente apoiado por elementos da Sociologia Fenomenológica de Schutz (1979), Schutz e Luckmann (2003), Berger e Luckmann (2003) e da etnometodologia de Garfinkel (2006).

garantiram uma compreensão da *organização espacial da vida cotidiana* destas pessoas "em situação" de rua⁶⁸. Com base nestes elementos, chegou-se a um conjunto de categorias de análise que, identificadas, sistematizadas e vetorizadas, são apresentadas no seguinte quadro:

Quadro 8- Categorias de análise e Variáveis

Categorias de Análise (Atividades Cotidianas)		Variáveis
Alimentação		 Frequência Locais de realização Horários Facilidades e dificuldades Práticas e estratégias espaciais Importância do Restaurante Popular
Consumo de Água		1. Frequência
Cuidados de Si	Lavagem de Roupa	Locais de realização Horários Facilidades e dificuldades Práticas e estratégias espaciais
	Higiene pessoal	
	Necessidades Fisiológicas	
	Pertences Pessoais	 Relações de posse; Relações de mobilidade (guardar ou carregar consigo).
Abrigo	Topofobia	Locais Motivações
	Espaços Públicos e Assistenciais	1. Locais
Lazer e Entretenimento		 2. Frequência 3. Fatores de escolha 4. Facilidades e dificuldades 5. Práticas e estratégias espaciais
Trabalho e aquisição de recursos (dinheiro)		 Frequência Tipo(s) de atividade(s) Renda Mendicância Facilidades e dificuldades Práticas e estratégias espaciais

Embora estas categorias possuam como base as atividades cotidianas, a estratégia da pesquisa era compreender a sua espacialidade em relação às práticas, às estratégias, aos comportamentos, por meio das permanências, mobilidades e ritmos espaço-temporais. Assim, era necessário um instrumento que orientasse a obtenção das informações primárias com base nestas categorias, levando em consideração que se optou pela realização de entrevistas.

Em relação à dimensão espaço-temporal, incluindo os ritmos que envolviam a organização espacial da vida cotidiana desta população, as entrevistas se basearam no modelo do *International Physical Activity Questionnaire* (*IPAQ*). Esta metodologia, utilizada recorrentemente por pesquisadores na área da saúde⁶⁹, funciona

⁶⁹ No caso específico da *IPAQ*, as principais questões estão associadas às atividades físicas, aos regimes

88

⁶⁸ Cabe ressaltar ainda que foram inseridas informações gerais como: *idade, nível educacional, local de origem, vínculos familiares* e se *já estiveram outras vezes em situação de rua*.

através de um processo temporal-regressivo que procura compreender como está organizada a vida cotidiana de um indivíduo, grupo ou segmento social, com base nos últimos sete dias em uma *Semana Típica Normal* (STN)⁷⁰. Diante destas bases e evitando períodos extraordinários, como períodos festivos e feriados prolongados, durante os meses de junho de 2012 e agosto de 2013 foram realizadas 132 entrevistas, dentre as quais somente 108 estavam completas e puderam ser analisadas de modo sistemático⁷¹.

Em relação à realização das entrevistas, é interessante destacar os múltiplos aspectos que participam desta prática. Devido a diferentes fatores, como compromissos, eventualidades e até mesmo conflitos, algumas entrevistas tiveram que ser interrompidas e passaram a não fazer parte da amostra. Por outro lado, se a guia de entrevistas se organizava segundo as atividades cotidianas no intuito de facilitar as análises posteriores, na prática, a vida cotidiana é indivisível, o que ficou muito claro com a realização das entrevistas.

Durante as entrevistas, as respostas uniam informações sobre mais de uma atividade cotidiana. Por não desejar interromper, permitia que os entrevistados explicassem livremente as suas estratégias, práticas e significados⁷². Era necessário, portanto, ter cuidado para que determinadas categorias e vetores não ficassem ausentes durante as entrevistas, o que fazia com que tivesse que perguntar novamente sobre os aspectos ainda ausentes, sobretudo porque não seria fácil realizá-las em outro momento⁷³.

Outro aspecto fundamental se relaciona com o nível de envolvimento, disposição, percepção, reflexão, segurança e confiança que os entrevistados tiveram

alimentares e a qualidade de vida.

⁷⁰ No caso da presente pesquisa, foi definida como uma **Semana Típica Normal** um período de sete dias em que não tivessem ocorrido grandes modificações atípicas na cidade, bem como na dinâmica cotidiana destes indivíduos como, ter deixado o sistema prisional, ter sofrido um grave acidente ou ter chegado exatamente naquele dia à "situação" de rua.

⁷¹ Cabe destacar que, como não possuímos precisão sobre o universo do fenômeno em questão, optou-se por realizar a maior quantidade de entrevistas possíveis.

⁷² Esta estratégia resultou das grandes dificuldades de aproximação e do receio que, por algum descuido ou erro meus, as entrevistas fossem interrompidas pelos próprios sujeitos, o que impactaria enormemente a análise.

⁷³ A complexidade que envolveu as entrevistas podem ser sintetizadas pela heterogeneidade da extensão do diálogos realizados. Assim, 7% dos entrevistados (7) dialogaram entre 10 e 15 minutos, 24% (26) entre 16 e 25 minutos, 34% (37) entre 26 e 35 minutos, 19% (20) entre 36 e 45 minutos e 16% (17) falaram por mais de 45 minutos.

com os temas presentes nas entrevistas. Assim, para alguns dos entrevistados, falar sobre determinados assuntos poderia proporcionar complexas explicações por longos minutos, enquanto para outros, as respostas eram breves, pontuais e extremamente funcionais. Ainda em relação à realização das entrevistas, alguns desejavam se afastar e se posicionar de modo isolado e em áreas com menor visibilidade, alguns deles, inclusive, em segredo. Para outros, a entrevista tinha que ser realizada junto a seus pares e, em alguns casos, a entrevista se dava com a participação de outros sujeitos, quase como em um grupo focal.

Ainda sobre a realização das entrevistas, algumas, mesmo depois de longos meses de trabalhos de campo e significativa convivência com esta população, tiveram que aguardar momentos especiais, pois "sempre" existia algum compromisso ou eventualidade, inclusive, quando estava próxima de ser realizada⁷⁴.

A noção de entrevista como algo hermeticamente fechado e perfeito não se aplica ao caso da população "em situação" de rua, principalmente nos espaços públicos. E há ainda que se reconhecer o seu caráter altamente seletivo, pois se escolhe aquilo que se quer perguntar e responder, além da maneira de narrar os acontecimentos⁷⁵.

Ainda em relação à metodologia, faz-se necessário apontar três aspectos. O primeiro deles está relacionado às dimensões éticas da pesquisa. Buscou-se garantir, durante todo o período da investigação, uma postura respeitosa, comprometida e transparente com todos os envolvidos. Desta maneira, a atividade apresentada e explicada, bem como os seus possíveis desdobramentos.

No momento da gravação, o nome original de nascimento do entrevistado foi substituído por um nome fictício, no intuito de proteger a identidade pessoal de cada um dos envolvidos⁷⁶. Por fim, em relação às questões éticas, mas também morais, apesar de

⁷⁴ Uma das entrevistas com um sujeito-chave na área da Central do Brasil teve que ser cuidadosamente planejada e a negociação para que fosse realizada durou mais de seis meses. Outros entrevistados, principalmente aqueles dependentes químicos de álcool, ainda que estivessem dispostos a realizar as entrevistas, não apresentavam condições plenas para a realização de um longo diálogo, e, portanto, optouse pelo período das primeiras horas da manhã, quando os mesmos ainda não estavam sob o efeito do álcool. Alguns sujeitos, mesmo com boas relações dialógicas, nunca desejaram conceder uma única palavra gravada.

⁷⁵ Estes aspectos podem ser percebidos na duração das entrevistas. A menor durou 10 minutos e a maior delas 80 minutos. Em relação ao total destas entrevistas, 7% (8) duraram entre 10 e 15 minutos; 24% (26) duraram entre 16 e 25 minutos; 34% (37) duraram entre 26 e 35 minutos; 19% (20) entre 36 e 45 minutos, e 16% (17) mais de 45 minutos.

⁷⁶ Em relação a este aspecto em particular, muitos aceitaram a substituição, demonstrando maiores conforto e segurança. Com alguma recorrência, ouvi a frase "como meu nome não está aí mesmo!". Outros entrevistados se negaram a substituir seus nomes porque "não deviam nada para ninguém". Outros

ter reunido um grande número de fotografias ao longo dos vinte meses de pesquisa, por não possuir autorização dos sujeitos retratados, essas imagens, assim como os nomes dos entrevistados, não serão apresentados na presente pesquisa⁷⁷.

Em relação à localização das entrevistas, estas foram aplicadas somente nos lugares de permanência⁷⁸. Não foram analisadas as entrevistas que não discorriam sobre todas as categorias estipuladas, bem como não foram entrevistados aqueles que não apresentavam condições, coerências dialógicas ou não desejavam qualquer tipo de contato.

Após a validação das cerca 108 (cento e oito) entrevistas, iniciou-se a sistematização das informações. A primeira tarefa foi quantificação segundo as categorias e vetores de análise construídos ao longo da pesquisa. Desta maneira, se buscou conciliar a objetividade e a legitimidade dos métodos quantitativos com a fecundidade, a potencialidade do subjetivo e do narrativo presente nas experiências dos sujeitos nas entrevistas.

Após a transcrição das gravações, as entrevistas foram divididas em trechos transferidos para o banco de dados de acordo com as categorias pré-definidas. Ao final de todo o processo de audição e classificação, foram realizadas análises individuais e agregadas para cada um das categoriais da vida cotidiana que, combinadas com as informações advindas da observação e dos demais diálogos, resultaram nas conclusões acerca das espacialidades cotidianas desta população. Este esforço de sistematização teve como objetivo controlar as "evidências" do senso comum e as minhas possíveis ingenuidades e pré-concepções acerca do objeto de estudo.

A análise resultante desta sistematização será apresentada na segunda parte da tese, composta por seis capítulos e intitulada *Permanências, mobilidades e ritmos:* práticas, estratégias e lógicas espaciais das atividades cotidianas na área central da cidade do Rio de Janeiro. Nesta, serão abordados os elementos vinculados à organização espacial das atividades cotidianas em relação às permanências, às

91

ainda preferiram utilizar seus nomes verdadeiros, mas, dias ou até mesmo semanas depois, me procuraram para dizer que seus nomes, na verdade, eram outros.

⁷⁷ Ainda cabe ressaltar, a tensa relação desta população na área central da cidade do Rio de Janeiro com as imagens fotográficas. Muitos indivíduos demonstraram desconforto em tirar fotografias, principalmente, porque em muitas operações policiais foram fotografados de maneira compulsória, segundo eles, como se fossem criminosos em potencial.

⁷⁸ Esta ideia será mais bem explicada na próxima sessão.

mobilidades, aos ritmos e aos significados, que envolvem possibilidades, escolhas, diferenciações, distinções e moralidades sócio-espaciais cotidianas desta população.

Espera-se que por meio desta extensa apresentação sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, tenham sido elucidados os processos de coleta, construção e tratamento dos dados. Desse modo, como parte complementar e não menos importante, serão apresentados abaixo os referenciais teórico-espaciais que orientaram a pesquisa. As construções, apontamentos e proposições que se seguem resultam de tessituras dialógicas entre as categorias de análise propostas pela Geografia e as experiências e transformações oriundas dos trabalhos de campo tomados como espaços, tempos e vivências em movimento para a produção do conhecimento.

2.3 – Os referenciais teóricos da pesquisa

A espacialidade social, como ela veio a ser definida, é simultaneamente real e imaginada. Ela opera como forma, configurada materialmente como algo no espaço, assim como, pensamentos sobre o espaço; mas também como processo, como uma força dinâmica que está sempre sendo ativamente produzida e reproduzida. Neste sentido, a forma e a formação da espacialidade social são inseparáveis da sociedade, parte do que, anteriormente eu descrevi como uma dialética sócio-espacial, na qual relações sociais (formas e processos) configuram e são simultaneamente configuradas pelas relações espaciais (formas e processos). (SOJA, 2001, p.5).

As experiências dos trabalhos de campo, que envolveram observações diretas, diálogos e entrevistas junto à população "em situação" de rua, foram marcadas pelas reflexões teóricas da Geografia e das demais ciências humanas e sociais. O que era observado empiricamente no espaço material, dialogava permanentemente as teorias e suas representações. Por outro lado, muitas destas experiências vividas careciam de melhores explicações, pois não se aproximavam dos modelos ou estruturas teórico-conceituais utilizados nos trabalhos sobre esta população ou sobre a própria complexidade do mundo social.

Nesse sentido, era preciso refletir de modo crítico e processual sobre algumas categorias que pudessem subsidiar a própria análise em questão, e, portanto, avançar sobre a dimensão espacial deste fenômeno. Assim, a espacialidade se configura como ideia central das construções teóricas da presente pesquisa.

A ideia de espacialidade está de tal modo ligada à noção de espaço, que é impossível pensá-las de maneira dissociada. Com base na língua portuguesa, o sufixo

dade estaria vinculado às noções de "qualidade, modo de ser, estado e propriedade" (PEZATTI, p.156, 1990).

Espacialidade

O Fato de ser Espacial

A propriedade/qualidade de ser Espacial

A atitude/ação de quem é Espacial

Aquele/aquilo que é Espacial

Figura 3 - Possibilidades de pensamentos sobre a ideia de espacialidade

Ainda que o espaço e a espacialidade se apoiem sobre as mesmas bases, não se constituem teoricamente como uma mesma ideia. Por outro lado, mesmo que a espacialidade esteja recorrentemente presente nos textos produzidos pelos geógrafos e demais cientistas sociais, sua utilização parece, muitas vezes, não receber qualquer tipo de tratamento, delimitação ou atenção especial do ponto de vista teórico ou conceitual e, portanto, correndo-se o risco de banalizar e enfraquecer esta importante categoria para a análise do mundo social.

Não restam dúvidas que o espaço, como uma categoria filosófica (SANTOS, 1988), garante as bases para as reflexões sobre a espacialidade e, no caso do presente trabalho, não é diferente. Quase que hegemonicamente, o espaço é compreendido como um conceito-chave (CORREA, 1995), palavra-chave (HARVEY, 2012), conceito fundamental (SOUZA, 2013) ou objeto e domínio por excelência da Geografia (SANTOS, 1978, 1988, 2004).

De fato, o espaço e a espacialidade possuem grande peso para a Geografia, assim como para as reflexões sobre a Teoria Social (LEFEBVRE, 1974; MASSEY, 2008; SOJA, 1993; WERLEN, 2003). O Geógrafo brasileiro Milton Santos produziu ideias que ganharam força por meio da perspectiva técnica do espaço, configurado "como um conjunto de fixos e fluxos" (SANTOS, 1978) ou "formado por um conjunto

indissociável, solidário e também contraditório, de sistema de objetos e sistemas de ações" (Ibidem, 2004).

As reflexões do geógrafo britânico David Harvey em torno da dimensão relativa e relacional do espaço, muitas delas influenciadas pelas proposições de Lefebvre (1974) sobre os conceitos de espaços materiais, espaços de representação e representações do espaço, possibilitam inúmeras aberturas reflexivas para se pensar o mundo social⁷⁹.

(...) o espaço torna-se o que fazemos dele durante o processo de análise mais do que antes. Posteriormente, o espaço não é nem absoluto, relativo ou relacional em si mesmo, mas pode transformar-se em um ou em outro, dependendo das circunstâncias. O problema da correta conceituação do espaço é resolvido através da prática humana em relação a ele. Em outras palavras, não há respostas filosóficas para as questões filosóficas que surgem sobre a natureza do espaço – as respostas estão na prática humana. A questão 'o que é o espaço' é, além disso, substituída pela questão 'o que é isso que as diferentes práticas humanas criam, fazendo uso das distintas conceituações de espaço?' (HARVEY, 1980, p.5).

O geógrafo norte-Americano Edward Soja também produziu suas bases teóricas partindo de uma dimensão materialista, mas não reduzida à materialidade. O autor aponta para as armadilhas relacionadas ao espaço, seja em relação ao empirismo puro e absoluto, entendido como uma "Ilusão da opacidade" (Ibidem, 1993, p.150), ou a um idealismo totalmente desconexo do mundo social, entendido como uma "Ilusão da transparência" (Ibidem, 1993, p.152). A partir destes elementos, o autor tece as seguintes críticas:

Em todas essas abordagens, a espacialidade reduz-se a objetos e formas físicos e volta a ser naturalizada numa primeira natureza, de modo a se tornar susceptível à explicação científica vigente, sob a forma de uma descrição ordenada e reprodutível e da descoberta de regularidades empíricas (principalmente na covariação espacial das aparências fenomenais) (...) Torna-se ilusória, entretanto, quando a descrição geográfica substitui a explicação da produção social do espaço e da organização espacial da sociedade, ou, em outras palavras, quando as aparências geográficas são afirmadas como a fonte de uma epistemologia da espacialidade (Ibidem, 1993, p.151).

A espacialidade é reduzida unicamente a um constructo mental, a um modo de pensar, a um processo ideativo em que a 'imagem' da realidade ganha precedência epistemológica sobre a substância e a aparência tangíveis do mundo real. O espaço social dobra-se no espaço mental, em conceitos diáfanos da espacialidade que, com demasiada frequência, afastam-nos das realidades sociais marginalizadas. (Ibidem, 1993, p.153).

⁷⁹ David Harvey preferia utilizar a ideia como conceito ao invés de categoria, como optava Milton Santos.

Neste sentido, seria o esforço de associar o empírico ao abstrato que garantiria este pensar geograficamente e, por conseguinte, pensar a própria espacialidade humana. Com base nesta dimensão dialética, Soja propõe algumas bases para a espacialidade. É interessante notar que, segundo o autor, a "espacialidade está presente na origem da consciência humana" (Ibidem, 1993, p.162), fazendo parte da sua existência e se constituindo como um dos elementos fundamentais da vida social. Assim, o autor propõe oito premissas que deveriam ser tomadas em conjunto e que definiriam o conceito de espacialidade:

- 1. A espacialidade é um produto social consubstanciado e reconhecível, parte de uma "segunda natureza" que incorpora, ao socializá-los e transformá-los, os espaços físicos e psicológicos.
- 2. Como produto social, a espacialidade é, simultaneamente, o meio e o resultado, o pressuposto e a encarnação da ação e da relação sociais.
- 3. A estruturação espaço-temporal da vida social define o modo como a ação e as relações sociais (inclusive as relações de classe) são materialmente constituídas, concretizadas.
- 4. O processo de constituição/concretização é problemático, repleto de contradições e de lutas (em meio a muitas coisas recorrentes e rotinizadas).
- 5. As contradições decorrem, primordialmente, da dualidade do espaço produzido, como resultado/encarnação/produto e meio/pressuposto/produtor da atividade social.
- 6. A espacialidade concreta a Geografia Humana efetiva é, pois, um terreno competitivo de lutas pela produção e reprodução sociais, de práticas sociais que visam, quer à manutenção e reforço da espacialidade existente, quer a uma reestruturação significativa e/ou a uma transformação radical.
- 7. A temporalidade da vida social, desde as rotinas e eventos da atividade cotidiana até a construção da história em prazo mais longo (évènement e durée, para usarmos a linguagem de Braudel), radica-se na contingência espacial, exatamente do mesmo modo que a espacialidade da vida social se enraíza na contingência temporal/histórica.
- 8. A interpretação materialista da História e a interpretação materialista de Geografia são inseparavelmente entremeadas e teoricamente concomitantes, sem nenhuma priorização intrínseca de uma em relação à outra. (Ibidem, 1993, p.158-159).

Estes elementos orientam a base compreensiva da espacialidade para a presente pesquisa como um processo de produção e representação social, uma vez que as dimensões físicas e cognitivas do espaço são indissociáveis (SOJA, 1985), sobretudo se considerados as diferentes escalas, poderes, grupos e segmentos sociais e seus inúmeros conflitos, contradições e lutas. No entanto, para o presente trabalho, o conceito de

espaço que será central para se pensar a espacialidade está baseado na consideração de Gomes (2012, p.39) acerca de Geografia enquanto prática e reflexão sobre a ordem espacial do mundo e nos apontamentos de Massey (2008). Acerca das reflexões de Gomes:

Enquanto atividade, a Geografia é ação no mundo, é a perpétua geração de nexos na ordem espacial das coisas, é sentido e comunicação, discurso e intervenção. Assim procedendo, abandonamos definitivamente a concepção do espaço sob a perspectiva da forma formata, do dado fixo, da palavra imóvel e, ao contrário, concebemos o espaço como composição de forma formans, de contínuo processo de produção de sentidos e ações. (GOMES, 2012, p.39).

Massey (2008), orientada mais especificamente à espacialidade, possibilita uma série de pontes com as reflexões sobre a população "em situação" de rua. Suas ideias permitem aberturas sobre as ideias de mobilidade e permanência, que estão interligadas em infinitas conexões e sobreposições possíveis no espaço, inclusive na escala do indivíduo. Deste modo:

Na medida em que o espaço é o produto de relações sociais, você também está ajudando, embora neste caso, de maneira bem mais sutil, a alterar o espaço. Você é parte do processo constante de estabelecer e quebrar elos, que é um elemento na constituição de você mesmo (...) e assim, do próprio espaço. (MASSEY, 2008, p.175):

Ainda com base na autora, salientamos alguns aspectos flexíveis e abrangentes na tentativa de compreender a espacialidade da população "em situação" de rua na Área Central da Cidade do Rio de Janeiro.

Reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. (...) Compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade e da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual, distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade (...) como estando sempre em construção (...) ele está sempre em processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está acabado. (MASSEY, 2008, p.29).

Por fim, o presente trabalho também está baseado na ideia de *coetaneidade*. Trata-se de uma noção que busca reconhecer os convívios, as trajetórias e as práticas mesmo que balizadas, permanentemente, por conflitos, diferenças e desigualdades (MASSEY, 2008). Por meio das diferentes reflexões se faz necessário pensar a espacialidade como um conjunto de experiências, comportamentos e práticas associadas diretamente à coetaneidade destes indivíduos no espaço. Sua complexidade se dá pelas

escolhas ou possibilidades de permanecer, ocupar, apropriar ou mesmo imaginar o espaço. Tudo isto está carregado de diferentes lógicas, ritmos e significados materiais e imateriais que reforçam e reorientam as próprias vivências e retroalimentam, permanentemente, a dinâmica social do espaço geográfico.

É necessário destacar que, na presente pesquisa, os conceitos de espaço e de espacialidade participam da vida cotidiana e, para o caso da população "em situação" de rua, são descritos por meio de *permanências*, *mobilidades* e *ritmos espaço-temporais*.

2.3.1 – As permanências como lugares de referência

Como já apontado anteriormente, a organização espacial da vida cotidiana está marcada por uma série de arranjos que envolvem diferentes tipos e significados de mobilidades e permanências no espaço.

A ideia de perambular, vaguear, deambular, ou seja, deslocar-se de modo aleatório e sem projetos definidos está longe de ser um fato entre a população "em situação" de rua. Por que algumas praças, parques e jardins nunca possuem tal população, enquanto outras concentram até dezenas de sujeitos nesta situação? Por que alguns espaços somente são ocupados em determinados períodos do dia, da noite ou mesmo da semana?

Pode-se afirmar que a vida cotidiana desta população se organiza segundo intencionalidades, e a dimensão espacial desempenha um papel fundamental neste processo. É necessário ressaltar que as opções estão inseridas em um quadro bastante frágil e flexível de possibilidades, que podem se alargar ou estreitar-se a partir das práticas e estratégias individuais ou desta população como um todo na relação com o Estado, os demais grupos e segmentos no espaço urbano.

A ideia de *permanência* é imprescindível para compreender que a vida humana não está em contínua mobilidade (HAGERSTRAND, 1985, 1991, 1991a; PRED, 1982). É necessário produzir no espaço referências, sejam elas funcionais ou existenciais, sejam elas definidas pela intencionalidade, acessibilidade, valores, projetos, comportamentos, moralidades, práticas ou estratégias individuais. Embora algumas práticas sócio-espaciais sejam realizadas em mobilidade, outras dependem de uma

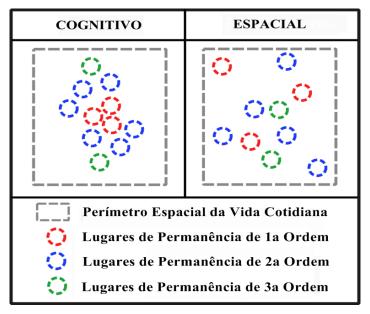
maior estabilidade e fixidez. Este fato faz da permanência um dos pilares da *organização espacial da vida cotidiana*, que se materializa em *lugares de permanência*.

No caso da população "em situação" de rua, alguns desses espaços produzidos possuem qualidades distintas e se diferenciam no conjunto geral de espaços que compõem o fenômeno. A opção pelo conceito de *lugar de permanência* se justifica pelo fato de que estes espaços se configuram teoricamente de modo complexo e são dotados de certo hibridismo, principalmente, em relação aos conceitos de território e lugar. Assim, era preciso superar a dicotomia entre estes dois conceitos e a complexidade que envolvia uma multiplicidade de aspectos e distintas configurações, ou seja, não era possível classificá-los unicamente como nenhuma das possibilidades anteriores.

Desse modo, faz-se necessário salientar que estas permanências por meio de lugares se configuram como espaços de referência dotados de inúmeras formas e com múltiplos significados na organização da vida cotidiana desta população. Todavia, estes espaços não devem ser entendidos unicamente a partir de uma ideia de singularidade para a constituição identitária e existencial desta população, pois neles se acumulam e sobrepõem inúmeros outros aspectos diferenciais, contraditórios, ambíguos e conflitivos que ultrapassam a noção de lugar somente em uma perspectiva humanista e/ou cultural. Assim, foi possível observar que um mesmo *lugar de permanência* possuía fortes diferenciações internas em relação às concepções, representações e vivências dos sujeitos "em situação" de rua.

Avançando um pouco mais sobre este aspecto, é interessante notar que a organização espacial da vida cotidiana é formada por uma rede de lugares de permanência. Para o caso desta população, mesmo a partir de um reconhecimento destes espaços, muitas são as variações em relação à frequência, participação e envolvimento pessoal junto aos mesmos. Cada um destes lugares têm um potencial de atração e um conjunto de significados atrelados a ele. Esta combinação de elementos materiais e simbólicos está associada aos diferentes ritmos e permanências que coexistem nesses espaços. A partir daí surge uma hierarquia de importância dos lugares, o que está associado à localização de cada um desses lugares, mas também à valorização subjetiva dos sujeitos e à reconstrução cognitiva dessas localizações cotidianamente por esta população.

Figura 4 - Tipologia dos Lugares de Permanência



Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Desenho Técnico) Grupo de Pesquisa Território e Cidadania.

Assim, os *lugares de permanência de 1ª Ordem* são aqueles que funcionam como alicerces centrais para a organização espacial da própria vida e todos os demais espaços orbitam em torno dele. Qualquer impacto sobre eles modifica ou compromete diretamente as intencionalidades e os projetos de vida, por mais frágeis que os mesmos possam parecer.

Os *lugares de permanência de 2^a Ordem* são aqueles que dão suporte às necessidades/desejos cotidianos periféricos. Suas funções e significados apresentam menor importância, são frequentados esporadicamente e podem funcionar como substitutos aos *lugares de permanência de 1^a ordem* em determinados momentos, situações ou configurações sócio-espaciais.

Os *lugares de permanência de 3ª Ordem* são os de caráter ainda mais periférico ou suplementar. Estão fortemente marcados pelo caráter extraordinário, pois são acessados esporadicamente e dependem de diversos fatores para a sua realização. Estes espaços, mesmo não sendo centrais, possuem significativa importância e se inserem nos planos ou projetos de futuro em dadas configurações.

É importante destacar a complexidade que envolve a posição destes *lugares* na própria rede de lugares que organizam espacialmente a vida cotidiana. Cada indivíduo

pode acessar, substituir ou desatar tais posições, realçando as dimensões relativa e relacional no/do espaço.

Cabe ressaltar ainda que estes *lugares de permanência* se diferenciam também em função do modo como são produzidos e organizados internamente, seja em relação às regras de acesso, seja em relação às práticas e aos comportamentos permitidos para neles permanecer. Os *lugares de permanência* são construídos pelos próprios sujeitos nos espaços públicos – nas ruas, calçadas, praças e parques, – nos espaços assistenciais (do Estado, de organizações religiosas e filantrópicas) ou nos espaços privados. Os diferentes *lugares de permanência* são, por esta população, conectados por meio de complexos sistemas *de mobilidade* e *ritmos* que animam e garantem a própria materialidade e existência da vida cotidiana.

2.3.2 - As mobilidades

A mobilidade é o segundo pilar que orienta os referenciais teóricos do presente trabalho. De fato, inúmeros são os autores e diferentes são os debates em torno desta categoria nas ciências humanas e sociais (CRESSWELL, 2006, 2011; LEVY, 2001; HANSON, 2005; KAUFMANN, 2002; URRY, 2009). John Urry (2009) afirma que todo o planeta parece estar em movimento e, portanto, em mobilidade. Olhando para qualquer parte se identifica algo que está em movimento e buscando ocupar novos espaços. Mercadorias, cartas, trabalhadores e viajantes em terminais de transportes e a população "em situação" de rua nas grandes cidades, são exemplos da riqueza sócio-espacial proporcionada, de algum modo, pela ideia de mobilidade.

A complexidade que envolve a mobilidade pode ser pensada a partir de três aspectos. O primeiro deles se relaciona à extensão dos movimentos, que pode variar desde poucos metros em uma escala local, até milhares de quilômetros e romper com as noções de fronteiras internacionais. O segundo se relaciona à dimensão temporal, ou seja, aos diferentes ritmos e frequências com que ocorrem no espaço, desde a repetição cotidiana, cíclica ou processos de longa duração. O terceiro atua concomitantemente com as duas dimensões anteriores e está relacionado com os significados envolvidos nos possíveis processos de mudança.

Büscher e Urry (2006) dentro deste quadro complexo estabelecem e delimitam cinco grandes tipos de mobilidades existentes:

- A) O movimento corporal (Corporal Travel) de pessoas (dos deslocamentos diários até uma vida no exílio);
- B) O movimento físico (Physical Movement) de objetos (produtos, documentos, entre outros);
- C) O movimento imaginativo (Imaginative Travel) realizado através de uma conversa ou até mesmo por um contato visual com uma imagem;
- D) O movimento realizado virtualmente (Virtual Travel) (conferências, compras on-line, transferências bancárias realizadas pela internet);
- E) O movimento de informações interpessoais (Communicative Travel) através de mensagens, textos, cartas, telégrafos, telefone, fax etc. (BÜSCHER e URRY, 2006, p.101-102).

Para o presente trabalho, a ideia de mobilidade refere-se especificamente à mobilidade humana. Diferentes são as possibilidades e os suportes para a realização deste tipo de mobilidade (à pé, bicicleta, cadeiras de rodas, veículos rodoviários, ferroviários, hidroviários e aeroviários ou a utilização de animais, como cavalos, camelos, elefantes, entre outros.).

No caso da Geografia e sua relação com o movimento/mobilidade é interessante destacar as produções de Torsten Hägerstrand (1985, 1991, 1991a). Suas preocupações se voltaram para a compreensão dos programas de atividades cotidianas, que teriam como resultado um prisma espaço-temporal. Sua ideia de "geografia-tempo" se centrava na indissociação entre as ideias de movimento e de estabilidade.

As pessoas necessitam possuir algum tipo de residência-base, ainda que seja temporal, na qual possam descansar em intervalos regulares, guardar os objetos pessoais e poder ser localizados para receber mensagens. E uma vez que é julgado um lugar como este, já não pode evitar a consideração da forma mais próxima de como o tempo se mescla com o espaço em uma entidade espaço-temporal indivisível. (HAGERSTRAND, 1991, p.99).

Cresswell (2011) aponta, a partir de um olhar geográfico, a importância das motivações e dos significados destas mobilidades, para além da ideia de um movimento puro e desenraizado de outros aspectos do mundo social. Deste modo, o autor enfatiza seis aspectos fundamentais relacionados às mobilidades humanas:

- 1-Por que as pessoas e os objetos se movem?
- 2- Qual é a velocidade do movimento destas pessoas? (Dromologia)
- 3-Qual é o ritmo deste movimento? (Repetição/intervalo)
- 4-Qual é o caminho feito?
- 5-Qual é o sentido desta mobilidade para o indivíduo (Sentimentos, experiências e significados)
- 6-Quando e porque elas param? (Limite) (CRESWEELL, 2011, p.163)

No caso da população "em situação" de rua, a mobilidade é um imperativo, ainda que varie significativamente segundo as diferentes atividades cotidianas. A ideia de *residência-base* proposta por Hagerstrand (1991), como um espaço formal de permanência e referência que garanta uma estabilidade para as atividades a serem realizadas e suas respectivas trajetórias de mobilidades, para o caso desta população é fortemente alterada. Emerge, então, uma das hipóteses do trabalho: as mobilidades da população "em situação" de rua seguem padrões distintos daqueles vividos pelos "citadinos comuns e domiciliados".

Por outro lado, mesmo orientados por outras bases, estes movimentos não podem ser compreendidos fora do contexto social e apartados de aspectos como *necessidade/desejo, tempo, distância, risco, custo* e *acessibilidade*.

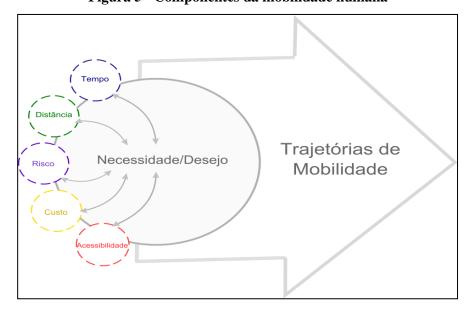


Figura 5 - Componentes da mobilidade humana

Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Desenho Técnico). Grupo de Pesquisa Território e Cidadania

Para a presente pesquisa, estes movimentos assumem a forma de *trajetórias de mobilidade*. Os seis componentes apresentados na Figura 6 funcionam de modo

integrado, afetando diretamente uns aos outros. Deste modo, estes deslocamentos são resultados das decisões sobre as ações no espaço, tomadas a partir da interação dos componentes. Todavia, é interessante pensar que, em determinados momentos, a força de um único componente pode anular todos os demais, garantindo a materialização ou não desta mobilidade. Assim, nos aproximamos das ideias de Constâncio de Castro (1997):

O desejo, o impulso humano em conhecer e explorar o meio que nos envolve é um impulso básico da nossa existência, uma vez que somos seres dotados de e para o movimento. Necessitamos conhecer onde estão os homens e as coisas em nosso entorno; necessitamos conhecer como chegar a estes com segurança e com um mínimo de riscos. Os seres do nosso entorno constituem uma malha de contatos e nossa observação vai mais além dos indivíduos para a captura deste tecido relacional. Isto significa que necessitamos organizar em nossas mentes, um conhecimento que nos envolve. Em outras palavras, não somos ilhotas em um mar eriçado de ilhas fechadas e impenetráveis. Além disso, a este conhecimento do mundo incorporamos nossas experiências passadas, nossa vida afetiva, nossas expectativas de futuro. Este impulso em direção ao exterior de nossas mentes vem acompanhado de uma fecunda habilidade para adquirir e manejar informações geográficas que nos conduza a nos mover pela vida, esquivando-se das dificuldades, incertezas e riscos. (CONSTÂCIO DE CASTRO, 1997, p.19).

Cabe ressaltar que o componente *necessidade/desejo* possui uma centralidade diante de todos os outros cinco componentes, pois sobre ele incidirá o peso dos demais. Se, em uma dada configuração, o *desejo/necessidade* for menor, por exemplo, que os *riscos* e os *custos*, provavelmente, se optará pela permanência, em detrimento da aventura da mobilidade. Entretanto, para a mesma configuração, se o *desejo/necessidade* for fundamental ou obrigatório, os *riscos*, os *custos* ou quaisquer outros componentes serão enfrentados, ainda que as consequências possam ser traumáticas ou irreversíveis para aquele que realizou a trajetória de mobilidade.

Mesmo estas *trajetórias de mobilidade* sendo resultado de complexas escolhas relacionais e de difícil tipificação, foi possível identificar, para o caso da população "em situação" de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro, quatro tipos destes movimentos espaciais.

Espaço de Referência
Trajetória de Percurso
Trajetória de Possibilidade
Trajetória Direta-objetiva

Figura 6 - Tipos de Trajetórias de mobilidade

Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Desenho Técnico). Grupo de Pesquisa Território e Cidadania

A) Trajetória Direta-objetiva

Descreve um movimento que opera francamente em direção a um fim específico, ou seja, de atingir uma *necessidade/desejo* em um determinado *lugar de permanência*, como um espaço de referência.

B) Trajetória de esquiva

Descreve um movimento de fuga ou de saída imediata de um determinado *lugar* de permanência. Deve-se a problemas/conflitos diretos ou a consequências esperadas de determinadas ações nos espaços públicos ou assistenciais, como o fato de presenciar um crime ou de se antecipar a uma operação da assistência social.

C) Trajetória de Percurso

Descreve um movimento que envolve um deslocamento entre alguns espaços de referência, com um fim específico (laboral, assistencial, de sociabilidade, etc.). Aqueles que realizam este tipo de trajetória possuem algum conhecimento prévio sobre a organização e os ritmos dos lugares de permanência e, portanto, possuem um percurso/circuito próprio a ser realizado.

D) Trajetória de Possibilidade

Descreve um movimento baseado na ideia de uma "imprevisibilidade controlada". Ou seja, ainda que não se tenha quaisquer garantias, o deslocamento por estes espaços, principalmente com base em experiências anteriores positivas, permite

para aqueles que o empreendem uma possibilidade ou uma esperança de sucesso através da empreitada realizada.

Participam destes movimentos inúmeros aspectos que não apenas aqueles relacionados a uma maior eficiência. Nem sempre a menor distância, o menor tempo ou os maiores benefícios destes movimentos são determinantes para a escolha, seja porque "os atalhos" podem envolver riscos, seja porque os caminhos mais longos abrem outras possibilidades. Neste sentido, apontamos a necessidade de pensar a mobilidade da população "em situação" de rua a partir das relações estabelecidas por cada um dos indivíduos, (suas experiências e capacidades diferenciais e/ou possibilidades de realizar um conjunto diferenciado de movimentos/deslocamentos intencionais) entre os *lugares de permanência* (referências espaciais) e os diferentes ritmos que compõem a cidade, os quais constituem um elemento fundamental na organização da vida cotidiana.

2.3.3 – Os ritmos espaço-temporais

Os ritmos espaço-temporais também constituem um aspecto fundamental *organização espacial da vida cotidiana*. A vida humana e o mundo social são marcados por diferentes ritmos. A respiração, os batimentos cardíacos, a alimentação e o sono possuem ritmos próprios que são vivenciados por cada um dos indivíduos no planeta. Juntamente com os ritmos da natureza, participam do mundo social e estabelecem ciclos e repetições, como as dinâmicas cíclicas dos dias e das noites e as estações do ano.

De fato, os ritmos são marcados por medidas e repetições que atuam de modo fundamental na organização do mundo social, principalmente nas diferentes e inúmeras atividades humanas no espaço. Segundo Lefebvre (1992), levando em consideração que não há tempo para se realizar todas as atividades cotidianas necessárias ou desejadas de uma única vez, é preciso estabelecer ritmos para cada uma delas no espaço-tempo social.

Assim, o trabalho, o sono, a alimentação, o lazer, entre outras atividades, possuem uma dinâmica estabelecida espaço-temporalmente, ainda que não sejam exatamente iguais para todas as pessoas e em todos os lugares. Estes ritmos possuem uma força tão expressiva na vida cotidiana que somente são percebidos quando ocorre algum tipo de irregularidade ou ruptura, ou seja, quando se alteram, de algum modo, as repetições, os movimentos e as atividades cotidianas.

No caso do espaço urbano, este aspecto rítmico apresenta significativa força e, algumas áreas centrais, como a da cidade do Rio de Janeiro, parecem ser ainda mais influenciadas por estas dinâmicas. Os ritmos são marcas fundamentais na organização destes espaços e, portanto, os dias laborais e os "horários comerciais" atraem e densificam o espaço, em relação às atividades e à própria configuração demográfica.

Esta mesma regularidade que promove a concentração e a convergência da chegada de pessoas, veículos de transportes, mercadorias e serviços, ao final de um dia laboral, ocasiona a paulatina diminuição e dispersão desta população para os seus respectivos espaços de residência em toda área metropolitana. Deste modo, ocorrerá, como consequência, a permanência/descanso ou o lazer/diversão no período noturno, dentro de um modelo ideal de vida associada centralmente ao mundo do trabalho.

No caso da população em "situação" de rua, estes ritmos espaço-temporais na cidade afetam e participam diretamente no conjunto das atividades realizadas. Principalmente, porque sua organização espaço-temporal da vida cotidiana se distingue dos padrões e tendências relacionadas às mobilidades e às permanências da população domiciliada. Neste sentido, as próprias atividades e as relações casa-trabalho, por exemplo, não podem ser reproduzidas da mesma forma, porque possuem, na maior parte das vezes, um caráter descontínuo espaço-temporalmente para a satisfação de algumas necessidades/desejos.

Desse modo, a casa, como lugar referenciado e convergente para a realização de algumas atividades cotidianas como, por exemplo, a alimentação, a higiene e o dormir, para a população "em situação" de rua, é substituída por outro conjunto de práticas, estratégias e lugares cotidianos, baseados em outros ritmos, para que estas atividades sejam realizadas e satisfeitas no espaço urbano. Somam-se a estes aspectos, outras dinâmicas e seus ritmos particulares, como os finais de semana, os dias festivos e feriados. Deste modo, as diferentes atividades cotidianas desta população são orientadas por outras ordens e arranjos espaço-temporais particulares, os quais incidem sobre a organização de suas mobilidades e permanências.

Por fim, ainda cabe ressaltar que os *lugares de permanência*, as *trajetórias de mobilidade* e os *ritmos espaço-temporais* são animados pelas diferentes *estratégias* e *práticas espaciais*. Acerca das *estratégias espaciais*, para o caso da população "em

situação" de rua, é necessário, de antemão, reunir um conjunto de informações e conhecimentos sobre as múltiplas dinâmicas da cidade.

No presente trabalho, a ideia de *estratégia* se afasta daquela proposta por De Certeau (1998). Para este autor, existe uma relação dualística entre estratégia e tática. Enquanto a primeira descreve um conjunto de medidas capazes de controlar e circunscrever um espaço, como produzir limites frente a possíveis concorrentes e inimigos sobre uma base cartesiana (*Ibidem*, 1998, p.99), a *tática* seria a "arte do mais fraco" (*Ibidem*, 1998, p.100), dotado de um não-lugar, que, somente por meio das falhas ou brechas, conseguiria obter alguma vantagem no interior do próprio sistema.

Algumas são as críticas sobre esta abordagem. A primeira delas se relaciona aos detentores das táticas: além de não possuíssem um lugar para estabelecerem suas lutas, ainda sucumbiriam, inexoravelmente, independentemente de suas habilidades e artimanhas⁸⁰. Sobre as dimensões espaciais, estas táticas são vistas como tão frágeis que se aproximam da ideia de "ausência de poder" (*Ibidem*, 1998, p.100) frente a um postulado já estabelecido, onde as próprias astúcias, como enuncia o autor, parecem não surtir qualquer efeito na consolidação de uma nova ordem.

Deste modo, o presente trabalho, também orientado pela teoria da complexidade, compreende a *estratégia* como uma forma de enfrentar o mundo. Não unicamente no sentido de guerrear com ele, mas de participar diretamente da sua produção, mesmo que de modo assimétrico nas relações de poder, força, intencionalidades, projetos, desejos e necessidades. Segundo Edgar Morin:

(...) A estratégia é a arte de utilizar as informações que surgem durante a ação, integrá-las, formular subitamente esquemas de ação e ser capaz de reunir o máximo de certezas para defrontar o incerto. (MORIN, 2002, p. 149)

A palavra estratégia não designa um programa predeterminado que baste para aplicar, sem variação no tempo. A estratégia permite, a partir de uma decisão inicial, imaginar um certo número de cenários para a ação, cenários que poderão ser modificados segundo as informações que nos cheguem no curso da ação e segundo os elementos aleatórios que sobrevirão e perturbarão a ação. (...) Mais ainda, a estratégia não se limita a lutar contra o azar, trata também de utilizá-lo. (MORIN, 2008, p116).

⁸⁰Sobre a possibilidade de um pensamento complexo acerca dos quadros de dominação, ver: Scott (2003) *Los dominados y el arte de la resistência*.

Assim, a estratégia seria o resultado das experiências e das capacidades cognitivas que permitem calcular, mesmo que sem total exatidão, as possibilidades de sucessos e os riscos envolvidos.

Já as *práticas espaciais* são as ações concretas, tributárias de um conjunto de estratégias, que se vinculam ao espaço social. Esta noção está fortemente presente nas reflexões teóricas de alguns geógrafos brasileiros, como Corrêa (1992, 2007 e 2011) e Souza (2010 e 2013), sob a influência da perspectiva lefebvriana da produção do espaço (LEFEBVRE, 1974). Ainda que estes autores se preocupem, respectivamente, com os grandes agentes modeladores do espaço e as formas de mobilização e resistência, seus trabalhos possibilitam profundas reflexões sobre o fenômeno em questão.

Assim, a presente pesquisa compreende estratégias e práticas espaciais como formas de agir no mundo. Participam na organização espacial da vida cotidiana da população "em situação" de rua, seja no plano cognitivo, seja no plano das ações Este série de concretas. agir no mundo produz uma justaposições, complementariedades, substituições e antagonismos de comportamentos, posições, posturas, atitudes que se apresentam em um complexo jogo de interações sócioespaciais no espaço urbano.

Em suma, no presente trabalho, a *organização espacial da vida cotidiana* da população "em situação" de rua será analisada a partir de um conjunto de atividades e suas lógicas espaciais, que envolvem diferentes *permanências, mobilidades* e *ritmos*, e a partir das estratégias e práticas espaciais que orientam estas atividades. Espera-se, assim, contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno na área central da cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 3 - A RUA COMO UNIDADE FEDERADORA, SUAS DIFERENTES ESCALAS E REFERÊNCIAS SÓCIO-ESPACIAIS

Em muitos países, este fenômeno está associado a uma ideia de carência, precariedade e/ou ausência residencial-habitacional. No Brasil, ele se constrói a partir da ideia de presença, permanência e vínculos destas pessoas com a rua. A rua é, portanto, o aspecto federador, que, inclusive, transforma o conjunto de pessoas na "mesma situação" em uma população. Neste sentido, a rua se constitui como um elemento-chave para a reflexão deste fenômeno. Esta categoria espacial unifica teoricamente todos aqueles que mantêm uma relação, ainda que em diferentes graus, de maior permanência, regularidade e frequência na realização das principais atividades cotidianas com a rua se comparados com os demais cidadãos.

Independentemente das trajetórias de vida que as levaram a tal situação, o tempo de permanência nas ruas, o modo como organizam suas vidas cotidianas nos espaços públicos, as relações com as atividades laborais e os vínculos familiares são, muitas vezes, desprezados na construção desta unidade populacional. Assim, é reproduzido um pensamento simplista sobre esta população, a partir de uma lógica binária entre a casa e a rua, como se todos os indivíduos que integrassem este fenômeno tivessem rompido completamente com os vínculos com a casa como um lugar de referência e com os próprios familiares.

A ideia de um homem só, abandonado e sem qualquer referência espacial, necessita ser relativizada, principalmente porque, individualmente, as relações com a rua são heterogêneas, produzindo diferentes espacialidades cotidianas desta população. Sua organização espacial se expressa de maneira mais marcante na rua e a partir dela se funda. E é também nela que se engendram seus diferentes projetos e intencionalidades, inclusive para a ruptura com a própria situação, a partir de um conjunto de práticas, valores, atitudes e moralidades. A rua é, para esta população, um verdadeiro caleidoscópio.

O objetivo do capítulo é demonstrar como a rua se constitui como o principal elemento federador desta população e, ao mesmo tempo, como produtora de uma série de heterogeneidades e distinções na área central da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que cada indivíduo com ela mantém diferentes interações sócio-espaciais.

3.1 – A rua e a casa: diferentes relações, vínculos e permanências

Dentre os muitos aspectos vinculados a este fenômeno, a relação entre a casa e a rua se constitui como um marco referencial. No caso da presente pesquisa, faz-se necessário refletir sobre o caráter relativo e relacional entre estas duas categorias. Sobretudo porque esta população pode ser compreendida a partir de uma "situação" sócio-espacial onde a rua se constitui como referência principal, em detrimento da casa. A partir da pesquisa foi possível perceber como estas permanências e relações com os espaços da casa e da rua possuem diferentes intensidades e ocupam posições e lugares distintos na organização espacial da vida cotidiana desta população.

A partir da análise dos dados, nota-se que esta população tende a se dividir em dois grandes padrões em relação aos espaços residenciais. O primeiro padrão é aquele que descreve os indivíduos que já estão completamente desvinculados das famílias e dos respectivos espaços domiciliares. O segundo descreve aqueles que possuem algum vínculo com o ambiente familiar. Antes de maiores aprofundamentos sobre estes dois padrões, é necessário apresentar os resultados da variável *lugares de origem* destes indivíduos e de seus familiares⁸¹.

Com base nas informações coletadas através das entrevistas, revelou-se que, dos 108 entrevistados na área central, 57% (61) eram oriundos dos municípios que compõem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro⁸², sendo que 36% (39) nasceram e foram criados na própria cidade⁸³. Como complementaridade deste fato, 64% dos entrevistados (69) afirmaram possuir familiares na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, sendo que, dentre estes, 65,2% (45) possuíam estes vínculos na própria cidade do Rio de Janeiro e 34,7% (24) nos demais municípios da Região metropolitana.

_

⁸¹ Sobre as informações gerais dos entrevistados, mais especificamente, em relação ao perfil etário, 30% dos entrevistados (32) integravam a faixa entre 18 e 25 anos, 26% (28) entre 26 e 35 anos, também apresentando 26% (28) a faixa entre 36 e 45 anos, 11% (12) entre 46-55 anos e 7% (8) entre 56 e 65 anos. Sobre o grau de instrução, 15% dos entrevistados (16) eram analfabetos, 51% (56) possuíam o Ensino Fundamental incompleto, 8% (9) possuíam o Ensino Fundamental Completo, 11% (12) possuíam o Ensino Médio incompleto, 11% (12) o Ensino Médio Completo e 4% (3) passaram pelo Ensino Superior.

⁸² Dentre os indivíduos oriundos dos municípios que compõem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, estiveram na presente pesquisa os municípios de Nilópolis (4), Duque de Caxias (3), Nova Iguaçu (3), Queimados (3), São João de Meriti (2), Belford Roxo (2), Mesquita (2), Niterói (2) e São Gonçalo (1).

⁸³ Os outros 43% dos entrevistados (47) são oriundos de outras sub-regiões do estado do Rio de Janeiro (9), de outros estados da federação (37) e de outros países (1).

Ainda sobre os aspectos familiares, é interessante notar que dentre aqueles que possuem familiares na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 84% (58) possuem parentes de primeiro grau e 16% (11) de segundo grau⁸⁴. Deste modo, os dados apontam para o fato de que estes indivíduos não estão totalmente desprovidos de referências espaciais e familiares, e que estas referências estão extremamente próximas da própria área onde esta população organiza sua vida cotidiana. Entretanto, possuir familiares ou a proximidade dos mesmos pode não significar qualquer importância para se pensar o vínculo desta população com o espaço da casa como uma forma de referência habitacional⁸⁵.

No caso daqueles que não possuem qualquer vínculo, distintas são as formas de ruptura com os espaços residenciais, e a rua passa a ser o lugar de permanência por excelência para esta parte da população. É interessante notar que tal ruptura afeta diretamente a organização espacial da vida cotidiana deste perfil, pois o espaço da casa não está somente vinculado à ideia de lar ou de suas dimensões físicas e simbólicas de proteção contra as intempéries e os riscos externos, mas também às ideias gerais dos direitos e do estatuto do cidadão.

O endereço, como designador do local de moradia, é uma referência fundamental da vida na cidade. Pode condicionar desde a abertura de uma conta bancária até a conquista de um emprego ou o benefício de ações assistenciais, uma vez que, para estes fins, é demandada a comprovação de uma fixidez e, portanto, uma estabilidade no quadro sócio-espacial da cidade.

Na presente pesquisa, foram identificados três processos distintos de fraturas com o espaço residencial. O primeiro deles está vinculado à ausência histórica de qualquer referência a um modelo familiar ou do lugar da casa como referência de lar. Destacam-se, como exemplos, os órfãos cujas trajetórias de vida estiveram vinculadas aos espaços assistenciais e que, depois de atingirem a idade adulta, não conseguiram apoio institucional, econômico e/ou estabelecimento de bases formais para uma vida em uma casa como espaço habitacional. Também foi possível caracterizar aqueles que perderam as referências familiares e da própria casa devido à morte de seus familiares.

-

⁸⁴ Foram considerados como parentes de primeiro grau os pais e irmãos. Como parentes de segundo grau os avós, tios e primos.

Um dado obtido durante a pesquisa e tornando o lugar da casa, da rua e do próprio fenômeno se deve ao fato que 61% dos entrevistados (66) já estiveram outras vezes "em situação" de rua.

Nasci na Bahia e vim pra ser, como é que se diz, abandonado aqui no Rio. Minha mãe me teve e aqui me abandonou, pois não tinha condições. Eu tinha uns três meses. Aí eu fiquei no colégio de freiras na Marquês de Abrantes, lá em Botafogo. Eu fiquei até uns 15 anos. Aí depois eu fui pra FUNABEM⁸⁶ fiquei com 16, 17 e só sai de lá com 18 anos. A minha vida foi assim, eu nunca tive uma casa, nem mãe, irmão, nunca tive nada. Nunca tive nada. Só Deus. Mãe eu não tenho, eu não sei nem quem é. Tem um nome aqui, Josefa. Quem é Josefa? Tá aqui no documento. Ela é preta, ela branca? Eu não sei. A minha vida é assim. (Edir, 49 anos).

Eu não conheci meus pais e eu nunca me lembro de ter tido uma casa. Com 8 anos de idade, mais ou menos, eu comecei a fugir do abrigo e "tô" aí até hoje (Mário, 32 anos).

Eu fui criado em colégio interno, não conheci os meus pais. Eu sou órfão. Eu fiquei no orfanato até os 12 anos. Depois eu fui pra uma instituição de menores até os 18 anos. Eu me alistei, mas não passei. Depois, eu comecei a minha vida sozinho. Já passei por cada coisa. Uma época eu dormi na rua (adolescente). Depois, eu vivia na casa dos outros por prato de comida. O que a pessoa mandava eu fazia, limpava quintal, lavava as coisas. O que mandava fazer eu fazia em troca de um prato de comida. Era terrível. De verdade, eu nunca tive casa de família. Sempre eu vivi em casa dos outros. (Marcos, 38 anos).

O segundo processo está vinculado aos conflitos familiares e à ruptura total com o espaço domiciliar. Nestes casos, a família já não permite sequer o acesso ao antigo espaço habitacional ou o próprio indivíduo não deseja retomar o contato.

Eu vim pra rua por causa de guerra de família. Eu sou o sujo. Todo mundo é certinho, eu que sou é sujo. Esta é a teoria. Eu não peço nada pra eles, mas eles querem me cobrar. Conclusão, ele, o meu irmão mais velho, o general não fala comigo, ela falava com a minha mãe e ela começava a chorar. Eu já mando logo ir tomar no cu. Ele usava a minha mãe pra vir falar comigo. Aí virou uma bola de neve. (Danilo, 43 anos).

Meu pai é muito rigoroso, ele quer horário pra entrar em casa, também eles são cristãos. É muito diferente. É difícil. (Nelson, 31 anos).

Ainda sobre esta configuração, a própria vergonha de ter *caído* nesta "situação" participa diretamente nas atitudes de alguns destes sujeitos com a rua. Este sentimento de desonra e humilhação produz uma atitude de continuidade nas ruas, sendo observado tanto entre aqueles oriundos da própria Região Metropolitana do Rio de Janeiro, quanto de outros municípios do estado do Rio de Janeiro ou de outros estados do Brasil⁸⁷. A esperança de se "levantar", de se reestabelecer economicamente, ou seja, regressar em

_

⁸⁶ A Fundação Nacional de Bem Estar ao Menor – FUNABEM – foi criada em 1964 com a responsabilidade de proteger os direitos dos cidadãos em situação de risco social entre 0 e 18 anos, e funcionou até o final da década de 1980.

⁸⁷ Dentre as origens daqueles não oriundos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 8% (9) eram de outros municípios do estado do Rio de Janeiro, 34% (37) de outros estados e 0,92% (1) de outro país.

uma situação "melhor" é uma condição básica deste processo. Todavia, este sentimento pode ser ainda mais aprisionador, uma vez que as adversidades da vida nas ruas geram maiores frustrações que dificultam a "ascensão".

Curiosamente, também foi observada a utilização de subterfúgios para o não retorno à casa. Os entrevistados afirmaram não conseguirem voltar, ainda que alguns estivessem a menos de cinquenta quilômetros de distância e pudessem acessar os meios de transporte. Outros apontaram a necessidade de esperarem "o momento certo". Alguns destes elementos estão presentes nos trechos a seguir:

Eu queria mostrar pra minha família que eu consegui alguma coisa. Eu não quero voltar pra casa sem nada, é o meu orgulho entendeu? Eu quero fazer uma parada de 50 mil, pra abrir um negócio, tá entendendo? (...) Eu não sei se eu sou maluco, porque a minha família me apoiando, me bancando e esperando tirar a pulseirinha. Tenho casa, computador, internet. E eu ia vim na VEP e acabei tomando uma cerveja, dando um teco e aí eu decepcionei minha família. Minha mãe, meu padrasto, a mãe do meu filho e a mim mesmo. Eu já estou cansado. (Thiago, 29 anos).

Neste momento, a minha vida, ela tá (silêncio) eu sou uma pessoa triste. Eu queria ser mesmo é feliz, né cara. Eu sou alegre porque eu acredito em Deus. Eu sei que existe um Deus. Quando ele está em silencio, ele está trabalhando. Mas eu quero voltar pra casa, mas eu não consigo voltar pra casa. Eu não consigo. Eu não consigo. (Lázaro, 28 anos).

Faz tempo que eu não tenho contato com a minha mãe. Ela tem diabete, e tá com as pernas muito ruim. Tá doentinha. Está quanto tempo sem ver a sua mãe? Têm uns cinco anos. Eu "tô" doido pra voltar a ficar do lado dela. Quando eu falei com ela por telefone, ela pediu pra voltar e tomar conta do comércio. Falou que a casa dela é velha, mas eu posso ficar. Eu acho que eu estando lá, eu traria um pouco de paz pra ela. (silêncio e choro) tá emocionado? É rapaz, mãe é uma só. Se eu perder minha mãe, aí que eu desando mesmo no mundo. (Davi, 34 anos).

O que você acha que o levou para as ruas? As drogas e a consequência mesmo. Muito inconsequente. Não mede a consequência. Vai usando. Vai usando. Pega dinheiro com um, pega emprestado com outro e não paga. Aí você não paga e não pode voltar em mais determinados lugares, por que as pessoas vão te cobrar. Aí você vai ficando com vergonha da família, dos amigos, da sociedade. Vai se afastando e quando vê já está na rua. Aí você começa a criar outros vínculos, com pessoal de rua, com bandido, com traficante, assaltante, com puta, travesti. Tu vai fazer seu circulo. Seu circulo vai mudando. Fica negro e você não consegue mais voltar. É como pessoal fala, uma é pouco e mil não é o bastante. Você usa, usa, usa e não consegue sair. Quando você vê está no abrigo dentro de um galpão, brigando por um prato de comida e um pedaço de pão. (Antônio, 44 anos).

Um terceiro processo está vinculado a interdições espaciais. Nestes casos, o retorno do indivíduo, devido a ameaças e riscos à própria vida, não é permitido, ainda

que os vínculos familiares possam ser mantidos. Este processo mereceu um maior destaque na presente pesquisa, o que se deve à presença marcante das territorializações de organizações criminosas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Nos trabalhos de campo exploratórios, seja por meio da observação ou dos diálogos estabelecidos diretamente com esta população, alguns indivíduos apontaram indicações do rebatimento das dinâmicas destas organizações criminosas sobre as suas vidas. Deste modo, foi possível constatar que os conflitos pessoais com estas organizações configuraram-se como o principal fator para a saída do espaço da casa e passagem para o espaço da rua.

De fato, 19% dos entrevistados (21) apontaram como justificativa algum tipo de conflito com organizações criminosas. Estes conflitos se diferenciam entre si, mas têm em comum a ruptura com os espaços habitacionais e o modo de relação com os próprios familiares. De fato, todos aqueles que apresentaram conflitos com organizações criminosas eram moradores de favelas e tinham em suas casas e famílias uma zona de proteção sócio-espacial. Como fatores para estes conflitos e rupturas com o antigo espaço habitacional, foram identificadas duas motivações principais.

A primeira delas está relacionada com as *mudanças na ordem do Poder* e são decorrentes de disputas e tomadas territoriais (favelas) pelas organizações criminosas. Antigos paramilitares que abandonaram seus territórios, principalmente se perderam armas e drogas, podem ser classificados como traidores. Outro aspecto decorrente desta mudança de poderes é o fato de que os familiares destes integrantes que vivem nas favelas conquistadas também podem ser expulsos com o novo controle implantado pelas facções rivais.

A segunda delas está vinculada a atitudes e comportamentos inapropriados ou inaceitáveis nos espaços das favelas. Esta configuração se impõe tanto aos narcotraficantes, quanto aos moradores submetidos a estas forças locais. Para os primeiros, a entrega de valores ou quantidades incorretas da venda de drogas; dormir no ponto designado para a observação noturna; delação; realizar ações sem prévia autorização da autoridade superior ou desaparecimento de armamentos podem resultar em morte ou, em alguns casos, espancamentos, torturas e expulsão da favela. Diante da incerteza sobre o tipo de punição que será aplicada, a fuga passa a ser uma opção

segura, antes mesmo da sua condenação mas, ao mesmo tempo, ocasiona uma ruptura com o antigo ambiente familiar⁸⁸.

Por outro lado, os moradores submetidos a estes poderes também estão vulneráveis a estas ações e podem ser julgados pela prática do estupro, do roubo no interior da favela, da delação, da agressão familiar ou até mesmo por discussões pessoais com criminosos e seus familiares, acarretando nas mesmas penas. Acerca destes aspectos, seguem as falas de alguns entrevistados:

Você costuma visitar a sua família? Não. Porque eu tenho conflito com o tráfico. Foi a questão da droga que levou tudo isso. Fiquei devendo mais de dois mil pros caras. Não posso voltar lá. Se eu voltar lá eu morro. Só meu pai. De vez em quando ele vem me ver. Moro seis anos na rua (Beto, 24 anos).

Depois que pacificaram, estes "cracudos" vieram tudo pro centro. Mexem nas "cracolândia", eles sobem tudo. É foda. Eu tenho problema com o tráfico, não posso voltar não. (Ivo, 25 anos).

Eu tive envolvimento com drogas. Eu estava de olheiro. Eu estava lá pra que não acontecesse nada com os demais. Eu tinha o papel de dar o primeiro sinal. Eu tive um problema com o tráfico. Eu tive falta de consciência. Passei dos limites usando a droga e dormi no ponto e fui pego pelos vapores. Tomei uma surra de ferro maciço. Eu tentei me defender com o braço, pois você tenta se defender pra que não pegue na cabeça. Tu tem que tentar saber entrar e tentar saber sair. Eles só me deixaram viver, por que não foi das coisas mais graves, como roubar a boca, estuprar alguém ou roubar na favela. Mas o meu braço foi totalmente esmagado, pois tive que operar e botar uma chapa (Luciano, 34 anos).

Eu não posso voltar pra casa, por que os caras de lá querem me pegar. Os caras me deram vários tiros e eu não posso voltar mais. Você tem várias marcas de tiro. Eu tenho várias marcas, eu tenho ainda uma no peito. Esta aqui entrou na cara e quebrou os dentes todinhos. Esta grande aqui nas costas foi tiro também. (Cristiano, 33anos).

Tive uma treta com a vizinha e eu tive que sair. O tráfico me expulsou da favela. (Oscar, 23 anos).

Eu me envolvi com agiota. O agiota queria me matar. O ponto chave foi este. Eu peguei empréstimo pra cheirar. Eu não paguei o agiota. Ele queria que eu pagasse só os juros. Falei com o meu pai. Ele não quis me ajudar. Então eu meti o pé. Eu não posso voltar. Os caras foram lá botaram a arma na minha irmã e no meu pai. Minha irmã diz que pagou a dívida, mas eu tenho medo. Meu pai não quer me deixar voltar pra casa. Depois disto, minha irmã fechou a minha casa e ele comprou uma casa pra minha irmã. (Ignácio, 47 anos).

Neste sentido, é interessante ressaltar que, mesmo diante destes processos de expulsão dos antigos espaços habitacionais, pode não haver rompimento dos vínculos

-

⁸⁸ Durante a pesquisa, alguns entrevistados afirmaram que possuíam algum vínculo direto com estas organizações e os conflitos internos foram decisivos para esta rupturas sócio-espacial

familiares. Alguns entrevistados em situação de conflito com estas organizações criminosas afirmaram não possuir outros familiares fora da favela onde moravam, ou afirmaram ter familiares localizados em outras favelas da mesma facção ou de facção rival, e, portanto, correriam o risco, caso retornassem fossem descobertos. Estes conflitos não inviabilizam completamente o contato destes indivíduos com os seus familiares. Alguns dos entrevistados relataram encontros com alguma regularidade nos espaços públicos, principalmente, na área central. No entanto, como consequência dos conflitos, se ampliam os vínculos e as permanências espaço-temporais destas pessoas com a própria rua.

Mesmo diante de inúmeros aspectos, parte desta população ainda possui vínculos diretos com os espaços habitacionais e com os seus familiares. Segundo a Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua (2008, p.10), 34,3% dos entrevistados mantinham *contatos frequentes* (diários, semanais ou mensais) com os familiares, e 14,5% afirmaram manter *contatos espaçados* (de dois em dois meses até um ano). Esta mesma pesquisa apontou que 39,2% dos entrevistados afirmaram ter *bom* ou *muito bom* relacionamento com os parentes que vivem na mesma cidade.

Como apontado anteriormente, grande parte desta população mantém contatos familiares e com o próprio espaço domiciliar. Todavia, é necessário salientar que estes vínculos, com a casa ou com os familiares, podem não ser suficientemente estáveis e, portanto, participam diretamente da não permanência dos mesmos no espaço domiciliar. Determinados comportamentos, atitudes e valores inseridos em uma relação assimétrica de poder entre os integrantes do núcleo familiar geram uma série de conflitos que podem impossibilitar a permanência contínua destes indivíduos no espaço habitacional, ou estabelecer uma condição temporária ou cíclica de estadia para os mesmos. Assim, para alguns, deve ser buscado um novo lugar o quanto antes. Para outros, uma vez dada a impossibilidade da permanência contínua, são estabelecidas restrições para o acesso e durações para a estadia.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, onde se observam altos valores dos gastos cotidianos, alguém com pouca qualificação e sozinho tem maiores dificuldades para arcar com todas as despesas ordinárias (alimentação, aluguel, transportes, vestimentas, etc.). Assim, para alguns, a permanência com data para a saída se apresenta como um cenário de terror, fazendo com que os vínculos com a rua sejam inevitáveis. Outros,

levando em consideração que não desejam afetar as rotinas cotidianas de seus familiares ou serem vistos como um incômodo ou um objeto de conflito, optam por outra lógica de vínculos espaciais, ainda que possam acessar a casa e seus familiares em algumas circunstâncias⁸⁹.

Estes vínculos com a casa são complexos e heterogêneos. Variam desde relações de permanência por alguns meses no espaço habitacional, o que produz uma rotina cíclica entre os espaços da casa e da rua, passando por outros que mantêm uma forte relação com a visitação aos finais de semana, até os que somente visitam a casa de seus familiares em datas especiais, como aniversários, feriados religiosos e ano novo. Seguem abaixo alguns trechos das entrevistas relacionados ao acesso aos espaços habitacionais e aos familiares:

Ontem, eu "fui na" casa do meu pai ver meu filho. Quando voltei eu fiquei doidão na Lapa e quase rodei. Na quarta-feira, eu liguei pra esta mina e fiquei em frente ao Amarelinho a tarde toda. De noite fui pra praça zoar com a rapaziada. (...) O problema na casa da minha mãe é que também eu não posso levar mulher. (...) Qual é a sua relação com a sua irmã? Eu amo minha irmã mais que a minha mãe. Tem contato com ela? Tenho. Ela quis que eu morasse com ela. Quando foi a última vez que você viu sua irmã? Foi na quinta-feira, eu dormi lá na casa dela, o capixaba também dormiu lá, não foi capixaba? Amanhã eu vou lá de novo. Vou ver minha irmã e vou ver minha mãe. (Eduardo, 24 anos).

Droga nunca foi problema na minha vida não. Tanto é que eu vou pra casa. Quando eu vou pra casa, nem mexo com nada. Nada, nada, nada, nada. Porque a maioria da minha família é tudo evangélica. (Everaldo, 39 anos)

Eu vou pra casa da minha mãe. Todo o final de semana, eu ajudo a fazer a casa da minha irmã com o meu cunhado. (Sandro, 25 anos).

Eu fico na pista de segunda a sexta. Eu fico aqui e sábado de manhã eu volto pra casa. É na casa da minha mãe. Domingo à noite, eu vou embora. Eu pego o Japeri direto. (Jorge, 30 anos).

Eu vou pra casa e fico duas semanas. Eu meto a mochila nas costas e volto pra rua. Eu chego em casa e dá tipo fobia. Qualquer coisinha me dá nervoso. Igual cadeia. Eu não sei não. Eu não tinha este bagulho não. Depois que eu fiquei preso foi que eu fiquei assim. (Joaquim, 31 anos).

É interessante notar em algumas falas, como as de *Eduardo*, 24 anos, Nelson, 31 anos e *Everaldo*, 39 anos, que, mesmo mantendo relações com o espaço familiar, os conflitos ainda estão presentes. Para os casos de *Sandro*, 25 anos e *Jorge*, 30 anos, a

-

⁸⁹ Foi possível observar nos discursos de alguns deles que a própria família é contrária aos vínculos destes indivíduos com as ruas e, portanto, são permanentemente cobrados a regressarem para casa. Este aspecto pode participar como um elemento para os próprios conflitos familiares.

permanência na rua apresenta uma temporalidade bem definida: aos finais de semana retornam à convivência do ambiente familiar. No caso de *Joaquim*, *31 anos*, nota-se um aspecto interessante: este sujeito não "pode" permanecer em casa devido à experiência de encarceramento, o que o fez ampliar as relações com a rua⁹⁰.

Outro aspecto importante neste contexto de vínculos espaciais dessa população é o papel da mochila como mediadora entre a casa e a rua. A mochila se configura como um importante objeto técnico e como uma solução frente aos impasses da própria organização material da vida cotidiana nas ruas. Em função de sua compleição física e da ausência de residência fixa, os indivíduos devem conseguir levar consigo apenas alguns objetos importantes para a organização da vida cotidiana. A mochila, portanto, fica nesta posição intermediária, que leva à rua aquilo que, fora da "situação" de rua, poderia estar na casa.

E os seus pertences? No momento tá lá no quarto, mas se eu não estivesse no quarto estaria na mochila, porque é a nossa casa de quem tá na rua, a casa é a mochila. Se roubar tua mochila roubou a tua casa. Por que isto? Porque na tua mochila tem tudo. Tem todas as suas roupas, tem tudo. Se eu perder o quartinho, a minha casa é a mochila. Se eu voltar pra rua, tu vai me ver com a mochila. Se um dia ou outro eu voltar pra rua, você vai me ver com mochila. Você vai me ver com escova, pasta de dente, meu cobertor, meu lençol. Tudo o que eu tenho. Cortador de unha e tudo que eu gosto. Se roubar aquilo ali é como perder a minha casa. É a minha casa. (Edir, 49 anos).

Deste modo, a mochila é um símbolo identificador para aqueles que estão federados pela rua. Ela ganha um caráter tão expressivo na vida cotidiana desta população que, entre os próprios indivíduos, a mochila é identificada como *casulo* ou *caramujo*, remetendo, assim, às aproximações simbólicas propostas por Bachelard (1998) acerca das múltiplas noções que a casa como lar pode possuir.

Os caras que estão na pista, tu conhece na rua, um conhece o outro. Ainda que você não fale, você conhece de vista. Mesmo que tu não fale, um com outro. Já sabe. Tá com mochila nas costas, sandália e bermuda. É o casulo. (Ignácio, 57 anos).

um gato que fica preso".

-

permaneci no quarto menos de uma hora. Olhei pela janela e não consegui ficar. É uma agonia. É como

⁹⁰ Ainda que a presente pesquisa não se dedique especificamente aos aspectos psicossociais da vida nas ruas e suas relações espaciais, a questão do encarceramento e de crises claustrofóbicas parecem manter algum tipo de relação e merecem destaque como um registro para investigações futuras. Sobre este aspecto também elucida Michel, 60: "Eu tenho claustrofobia. Eu não consigo ficar em lugar fechado. Um dia eu estava sozinho aqui na praça. Eu estava com dinheiro. Comprei o cigarro, a cachaça e um tira gosto. Paguei, olhei o quarto e entrei. Tinha uma cama e uma mesinha. Fui tomar um banho. Sai. Deitei

Diferentes são as relações desta população com este objeto. Para aqueles que perderam os vínculos com antigos espaços domiciliares e com quaisquer outras redes de proteção, a mochila se transfigura, em alguma medida, na própria casa, onde se concentram, junto ao corpo, todos os pertences pessoais, como documentos, roupas, produtos de higiene e objetos de defesa. Deste modo, 53% dos indivíduos (57) afirmaram carregar todos os seus pertences na mochila, independente dos vínculos que mantêm com os espaços domésticos e seus familiares.

Vou te fazer uma pergunta: seus pertences estão todos nessa mochila ou tem guardado alguma coisa em outro lugar? Não! Tá tudo aqui. Tem uma coberta, que ver?, Tem uma coberta. Uma bermuda, uma camiseta, uma blusa, tem um lençol, um espelho. Tem um espelhinho? Não, não precisa mostrar. Não precisa mostrar. Tem um espelho... Aqui ó, xampu anti-caspa que eu tenho problema de caspa. Aí você tem aí um xampu? Ah, isso aqui é de hospital. Me deram aqui ó. Tem aqui ó. (Hélio, 28 anos).

(...) O que eu carrego tá tudo aqui. Tem meu e ainda tem dos outros. Tem parada do Jerônimo também. Eu carrego bermudas. Tem uma bermuda, blusa, escova de dente, pasta, perfume. Um pente pra pentear o cabelo. (Joaquim, 31 anos).

Eu só tenho esta. Eu só tenho esta mochila, este cobertor. Este livro que eu gosto de ler. Tem o meu creme de cabelo. Tem um xampu e um condicionador. Ah, tem uma água oxigenada que eu jogo nas perebas. Deu bolha no pé de tanto que eu andei. (Salomão, 36 anos).

Por outro lado, 35% dos entrevistados (38) afirmaram não carregar todos os seus pertences, guardando-os com alguém ou em algum local. Esta configuração possui grandes diferenças internas, principalmente em relação às redes estabelecidas na própria rua ou com aqueles que não fazem parte desta realidade.

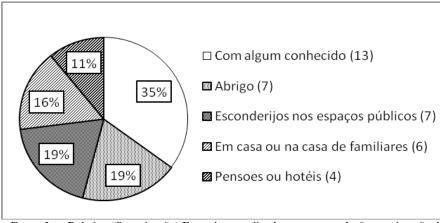


Gráfico 1 - Onde você guarda os seus pertences?

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013

É interessante notar que, para estes sujeitos, estes espaços funcionam como uma base de apoio, onde se pode guardar alguns objetos com maior valor (material ou simbólico) e trocá-los, conforme a necessidade, principalmente, as roupas. Contudo, se a mochila se configura como "um tipo de casa", estes indivíduos temem que suas mochilas sejam roubadas, principalmente, nos momentos de sonolência ou drogadição no período da noite. Um dos entrevistados relata a sua própria situação: "Casa de vagabundo é mochila nas costas, mas agora nem mochila eu tenho mais" (Sandro, 25 anos).

Neste sentido, a mochila, como objeto material e simbólico, pode garantir a satisfação de algumas *necessidades/desejos* e reduzir o grau de vulnerabilidade. Desempenha um papel central também na apresentação pública e na autoestima. Ela possibilita a posse de materiais para o cuidado com os dentes, com o cabelo ou com a desodorização do próprio corpo. Acerca deste aspecto, seguem alguns trechos:

De pertences, eu só tenho as minhas cobertas e as coisas de higiene. Sabão, sabonete, escova e pasta de dente. Roupa mesmo, eu só tenho duas peças (Sílvio, 38 anos).

Eu tenho uma calça preta, uma camiseta branca e outra verde. Tem também um creme de corpo que eu acho que já passou da validade. Tem também uma escova. O chinelo eu tiro e boto na bolsa, porque senão os caras levam e os documentos eu coloco na cueca. (Luciano, 34 anos).

Por fim, 12% dos entrevistados (11) revelaram não possuir mochilas e, portanto, não carregam nenhum tipo de pertences consigo. Justificam esta situação pelo fato de já terem sido roubados e por não desejarem ter mais um motivo para preocupações.

Deste modo, é possível afirmar que mesmo a rua sendo a unidade federadora desta população, os vínculos, as permanências, as redes e as próprias estratégias espaciais produzidas são distintas. Estas distinções tornam o fenômeno diverso e complexo, fazendo com que as reflexões a seu respeito superem a simples dicotomia entre a casa e a rua.

3.2 – A Área Central como referência sócio-espacial

Eu vou falar pra você. Eu conheço o Centro da cidade desde os sete anos de idade. Desde os sete anos que eu estou na rua. Eu conheço todo mundo. Aqui no Centro da cidade, eu estou durinho, mas eu pego esta caixa e saio daqui pra lá e boto um dinheiro. Eu "tô" com fome, eu vou ali peço alguma coisa e como. Eu quero ir embora pra casa e tenho que ter um dinheiro, eu vou ali e dou uma volta e volto pra casa. Aqui eu tenho meu modo de vida. Meu modo de sobrevivência. Aqui eu tenho como sobreviver. Se eu for pra Tijuca ou pra Copacabana, as condições de arrumar dinheiro ou comida tão rápida não são como aqui. (Humberto, 35 anos).

No caso da cidade do Rio de Janeiro, a área central, ou melhor, o Centro, como espaço vivido, se constitui como uma importante referência. Assim, parte desta população que se define vinculada ao Centro assume uma escolha e, ao mesmo tempo, uma série de justificativas com base em múltiplos aspectos que organizam, em diferentes graus, a permanência espacial de suas vidas cotidianas neste recorte espacial específico da cidade. Como já apontado anteriormente, o tamanho bastante reduzido da área central se comparado à extensão total da área do município, e o expressivo adensamento e visibilidade apontam a importância desta área para a organização espacial da população "em situação" de rua.

O primeiro aspecto mais significativo para a concentração desta população neste recorte específico da cidade é resultado das próprias enunciações dos entrevistados, que apontam que a vida no centro seria mais *fácil*. De fato, ainda que a ideia de facilidade se desdobre em diferentes percepções sobre a vivência cotidiana, ela esteve presente nas falas de 56,5% (61) entrevistados⁹¹. Um dos elementos vinculado à *facilidade*, segundo parte desta população, se relaciona às convergências econômicas da área central em relação à obtenção de recursos.

Assim, estes indivíduos se organizam em torno das inúmeras oportunidades existentes nas diferentes atividades informais como, por exemplo, a coleta de materiais recicláveis, os pequenos serviços esporádicos (carga, descarga e deslocamento de mercadorias), os comércios ambulantes e outras atividades, como a de "guardador de carros" e a prostituição. Por outro lado, o enorme fluxo diário e a grande convergência de pessoas em direção a este pequeno recorte da cidade também possibilitaria um maior

_

⁹¹ Os aspectos vinculados às facilidades são: oportunidade de emprego, assistência social, prática de mendicância, prática de pequenos delitos, mobilidade e anonimato.

sucesso nas práticas de mendicância por parte desta população. Acerca destes aspectos vinculados a facilidades de recursos, enunciam alguns entrevistados.

Aqui geralmente não falta nada pro cara que tá na rua não, mané! Aqui sempre tem um barraqueiro pedindo pra tu levar uma barraca. Sempre tem como arrumar um dinheirinho. Tem lata e papel pra arrumar um dinheiro. Eu já montei uma estratégia que dá pra mim tomar um banho todo dia, dá pra eu almoçar todo dia. Dá pra dormir, não dormir tranquilo, mas da pra dar uma descansada. A única coisa que é muito ruim é o que o cara na rua usa droga direto (Arthur, 32 anos).

Tipo assim, isto aqui é um local que eu acho totalmente diferentes dos outros. Eu já estive em todos os lugares que tem moradores de rua eu já tive. Aqui é um local que te dá mais de defesa. Aqui você pode correr mais atrás. Tá entendendo? Tipo assim, você dá uma garimpada, você bota uma barraquinha, você pode almoçar, você toma um banho, você tem uma hospedaria para dormir. (Cícero, 42 anos)

Aqui que rola o dinheiro cara. Aqui é o local que circula o dinheiro. Qualquer coisinha você tá ganhando dinheiro. Porque eu "tô" catando uma lata, eu "tô" ganhando dinheiro, um papel, um ferro, aqui é o local do dinheiro. Onde a minha família mora não tem nada. É lugar pobre. (Cristiano, 33 anos).

Porque no Centro você não fica duro. Tem caminhão pra descarregar. Você compra doce e vende. Não fica duro aqui no Centro. Vende água. Eu não estou desesperado, porque eu tenho o meu dinheiro. Eu tenho que me controlar pra ser um novo homem. (Ignácio, 57 anos).

O Centro é mais fácil pra arrumar dinheiro. É mais fácil de pedir. Até problema se quiser, aqui você encontra mais. (Ivo, 25 anos)

Eu vou te explicar por que o Centro? No centro da cidade tem gringo, tem playboy bobão que nós rouba eles. Eu vou fazer o que lá no Méier, área de militar. Vou roubar lá em Cascadura, se é área de milícia. Vou roubar o que em Antares, área do tráfico, eu "tô" morto. Aí eu venho pra cá. Aqui você arruma alguma coisa pra comer. Arruma amizade, arruma confusão, arrumar dinheiro, cachaça, droga. É o Centro. Tem de tudo. (Pedro, 32 anos)

É interessante salientar que mesmo que o Centro se configure como um espaço de referência para a aquisição de recursos para esta população, as percepções e as práticas são bastante diversas. Atividades mais tradicionais, como a mendicância e o comércio informal, e a prática das ilegalidades, como assaltos, passam a corresponder, para determinados indivíduos, a este recorte espacial da cidade. Por outro lado, estas facilidades possuem um forte caráter relacional, levando a comparação com experiências anteriores em outras áreas/setores da cidade do Rio de Janeiro, conforme indicam alguns entrevistados:

Aqui, como eu te falei, quando eu vim pra rua, eu já estava aqui. Olha só, o meu primeiro dia de rua, eu fui pra Copacabana. Aí fiquei em Copacabana. Passei até fome em Copacabana. Eu não sabia, fiquei no banco da praça, mas

aí eu pensei, tive que usar a cabeça, o que você está fazendo comigo, eu fazia com os moradores de rua. Eu já chegava e falava, o moço tu mora na rua há quanto tempo? Ele falava que morava há dez anos. Eu perguntava como eu faço pra comer? E eles diziam e onde eu conseguia. Como eu faço pra ir ao banheiro? E pra tomar banho? Eles falavam que tinha que se virar e dava pra tomar banho ali em certo lugar. Eles falavam e assim, eu fui aprendendo. Sai de Copacabana. Larguei Copacabana e fui parar na Lapa. Aí na Lapa passei um pouco mais ou menos. Fui fazendo amizade e ganhando força. Fui conhecendo os lugares e fui ficando forte. Eu tive que me virar e usar a cabeça. Eu "tô" na rua, mas não sou burro, não sou ignorante. Tive que fazer tudo que "tu estava" fazendo comigo na prática. (Edir, 49 anos).

Rapaz, eu vou te explicar, porque é o Centro, aqui é mais fácil de você arrumar uma reciclagem. Se eu "tô" lá em Santa Cruz, eu vou arrumar o quê? Se eu "tô" lá na Nova Holanda, eu vou arrumar o quê? Aqui é o foco. Você consegue uma lata aqui, um papelão ali. Eu lá, eu vou arrumar o quê. Eu posso até ir pra lá, mas quem vai conseguir meu cigarro e a minha cachaça. (Fabiano, 44 anos).

Bom, o Centro é o foco. Se você observar, o centro é o foco pra tudo. É o centro. Aqui é o foco pro transporte. Tem a central, tem trem e metrô. Na minha cabeça, o que me vem logo é a questão do trabalho. Tu tá aqui no Centro é bem mais fácil, pela questão da Central, do Garotinho, a alimentação. É por que eu conheço mais o Centro e você desembarca em qualquer lugar aqui no Centro. De tudo, eu conheci a Central. Sair daqui pra Barra da Tijuca é foda. É um bairro que é mais nobre e a situação pra ajuda é mais difícil. (Oseias, 43 anos).

Outro aspecto das *facilidades* vinculadas ao Centro, presente na fala de *Oseias*, 43 anos, se relaciona à mobilidade e foi indicado por 12% dos entrevistados (13). A organização espacial desta população, vinculada a diferentes lógicas de permanências, mobilidades e ritmos, encontra na *distância* um entrave para a vida. Determinados indivíduos optam, então, pela área central, ainda que mantenham uma série de vínculos com outros setores da cidade⁹².

Na minha percepção, as coisas aqui são mais fáceis. Na outra vez aqui, eu precisava de tudo. Eu não tinha documento, não tinha nada. Foi uma mão na roda pra poder tirar a minha documentação. Por que aqui no Centro tem vários locais. Ali no Poupa Tempo⁹³. Mais fácil pra lidar com a área social, assim. Tem estas outras igrejas que ajudam. É mais fácil por isto. Você tem mais praticidade para resolver estas coisas que você tá em pendência. Geralmente o cara que tá na rua não tem documentações. E você está perto de

_

⁹² Com base nas entrevistas, 75% dos entrevistados (81) saíram pelo menos, uma única vez da área central da cidade do Rio de Janeiro. Sendo que dentre estes, sendo que 43% (47) visitaram a Zona Sul, 21% (23) visitaram a Zona Norte, 19,4% (21) visitaram a Zona Oeste e 7,5% (8) visitaram outros municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁹³ O Rio Poupa Tempo se configura como um espaço mantido pelo governo estadual que garante uma série de serviços, como expedição de documentação pessoal, pedidos e pagamentos de taxas públicas, assistência jurídica entre outros.

uma rodoviária e é mais fácil de você ir pra outro lugar, entendeu? (Otávio, 38 anos).

O Centro tem de tudo que você quiser, pra onde que você quiser ir tu pode ir, tá no Centro da cidade. Tá no Centro da cidade. Pra onde você quiser ir, exemplo, se eu quiser ir pra Copacabana agora eu não preciso ter dinheiro, Copacabana pra mim é daqui ali. Não preciso ter dinheiro. É só eu atravessar o túnel de Botafogo e eu já "tô" em Copacabana. Se eu quiser ir, "vão bora!". pra Ilha, eu posso ir ali "pô", pegar um ônibus ali "pô", "coé" motorista, pra Ilha?!" "Pô", "tô" no Centro da cidade, é o Centro de tudo. Centro da cidade. Então, isso é o que tem de melhor, e o que tem de pior pra você, no Centro? Pra mim acho que não tem nada de pior no Centro da cidade. Você saiu do Centro, nesses últimos 7 dias? Deixa eu ver, pá, pá, não. Não saí não. (Edgar, 38 anos).

Neste sentido, é interessante destacar a importância que a mobilidade possui para esta população, ainda que virtualmente. *Edgar, 38 anos*, mesmo não tendo saído da área central nos últimos sete dias, atribuiu ao Centro da cidade do Rio de Janeiro este valor. Além da grande variedade de meios de transporte que garantem os deslocamentos, a própria localização da área central e a sua proximidade com outros setores da cidade se apresenta como mais um elemento que valoriza este recorte.

Por fim, o último aspecto vinculado à Área Central possui uma forte dimensão simbólica e se relaciona à ideia de *anonimato*. De fato, a grande concentração de fluxos neste recorte extremamente dinâmico da cidade, associado a um histórico de permanência do próprio fenômeno, parece minimizar o impacto e o estigma da presença destes indivíduos nos espaços públicos, se comparado com outros setores da cidade. Assim, muitos dos deslocamentos para a área central se dão como uma maneira de romper e "apagar" os antigos laços, vínculos, redes e lugares cotidianos. A vergonha dos familiares, dos amigos e dos conhecidos, como uma marca de identificação, tem como resposta a busca por um novo estatuto de um *homem sem história* em um espaço onde esta presença/permanência não seja extraordinária, como mostram os relatos a seguir:

Por exemplo, na Tijuca, lá virou uma terra de barão. O choque de ordem passa direto. "Tu vê" garimpeiro, mas dormir na rua é pouco, porque o Choque de Ordem passa direto. Copacabana mais ainda, no Méier também. Aqui no Centro é o local onde para todos os maloqueiros. E o povo da Tijuca, eu não paro por que tenho família e tenho conhecidos lá. Aí eu não gosto de ficar lá não. (Danilo, 43 anos).

Eu já conheço o Centro desde criança e aqui eu arrumo minhas paradas de dinheiro. Tem também que eu não posso ficar lá em Nova Iguaçu, porque eu tenho família lá (Isaías, 33 anos).

No Centro é um lugar mais fácil pra você poder ficar, pra quem tá fora de casa. Olha só, Magé e Baixada Fluminense é um local assim, é estranho pra quem mora na rua. Então, você fica tipo na mira de um sniper. As pessoas te visam com outro olhar. No centro Você é só mais um morador de rua. Aqui todo mundo é livre, até a Guarda Municipal não mexe com você. Aqui é mesmo no ritmo. O ritmo é este. Na Baixada não serve. Você sai pra procurar e pra pedir, você te quem ter um sangue de barata. (Isaac, 30 anos).

Por que se eu ficasse em Bangu ou em Campo Grande é a área da minha família e me ver na rua. Quanto mais longe eu pudesse ficar perto deles eu ficaria. Por que aqui em si, tem uns lugares que dá pra tentar arrumar um emprego. Em outros bairros não tem nada. Aqui você tá no centro de tudo. Você tem o hospital, você tem um centro de trabalho, assistência social, o apoio dos irmãos que tão dando uma força. Se você quer melhorar a sua situação, você tem que vir pro Centro. (Marlon, 47anos).

Deste modo, ainda que a rua seja o elemento unificador para se pensar esta população, na prática cotidiana, ela produz diferentes espacialidades em múltiplas escalas. Temos, como exemplo, a opção pela permanência na área central da cidade do Rio de Janeiro, em detrimento dos demais espaços da Região Metropolitana. O processo de diferenciação geográfica na organização interna das cidades ganha outros aspectos e significados para a população "em situação" de rua. A área central da cidade do Rio de Janeiro garante oportunidades de trabalho, assistência social, prática de mendicância, prática de pequenos delitos, mobilidade e anonimato. As espacialidades desta população estão baseadas, portanto, no conhecimento das múltiplas dinâmicas sócio-espaciais que têm lugar na cidade, no intuito de garantir certa estabilidade nas condições vida, seja para reproduzir, seja para romper com a "situação" de rua.

3.3 – Heterogeneidades, moralidades e distinções sócio-espaciais

Quando a população "em situação" de rua, por meio de suas estratégias e práticas cotidianas, produz suas próprias espacialidades nas ruas, gera, consequentemente, uma série de transformações na cidade. A presença destes corpos, suas materialidades e cargas simbólicas, com seus cobertores, caixas de papelão, barracas ou quaisquer outros objetos, gera impactos diretos no espaço urbano.

De um modo geral, um dos primeiros resultados destas espacialidades "daninhas" ⁹⁴ é o abandono da vivência espacial de certos logradouros pelos demais

_

⁹⁴ Acerca das ideias da população "em situação" de rua como uma população "daninha" para as políticas públicas e, consequentemente, um conjunto de ações na forma de contenções territoriais, ver Robaina (2011).

cidadãos, uma vez que a população "em situação" de rua "é" poluidora e perigosa. O compartilhamento e a copresença em um mesmo espaço são, portanto, indesejados e impossibilitados⁹⁵. Esta lógica pode alterar as dinâmicas de mobilidade e permanência da população domiciliada, que busca evitar qualquer forma de contato e aproximação com este segmento marginalizado nos espaços públicos.

Por outro lado, como resposta moralizadora, para a qual o contato se transforma em uma forma de risco e contaminação social (DOUGLAS, 1966) pelas cargas estigmatizadoras que esta população carrega, buscam-se desde "reivindicações" formais por via política, até "retomadas" violentas, como as ações de *skinheads* ou "*vingadores*" que realizam espancamentos e chacinas contra esta população nos espaços públicos.

Grande parte da população domiciliada percebe na população "em situação" de rua um problema homogêneo a ser afastado de suas redes cotidianas nos espaços públicos. Entretanto, quando se pensa a própria população "em situação" de rua a partir de suas experiências, práticas, estratégias e comportamentos, emergem, internamente, outras lógicas de distinção e diferenciação sócio-espacial.

Assim, para a presente pesquisa, a população "em situação" de rua caracteriza a área Central da cidade do Rio de Janeiro como um lugar *sui generis* na escala municipal e metropolitana. Ainda que as ruas do Centro sejam um elemento em comum, diferentes são os valores e significados na vida cotidiana desta população, mesmo que marcadas por fortes tensões e conflitos. A coexistência dos indivíduos "em situação" de rua é marcada por significativos processos classificatórios e de justificações produzidas geograficamente em torno de moralidades sociais. Um exemplo é o posicionamento distintivo, apontado em suas falas: "eu caio aqui/lá", "eu sou de aqui/lá", "a minha quebrada é aqui/lá", "eu fecho aqui/lá".

É interessante destacar que estas diferenciações classificatórias emergiram durante a pesquisa como uma espécie de "necessidade" dos próprios entrevistados para que pudessem justificar suas práticas e comportamentos, apontando aspectos diferenciais de moralidades em relação aos demais indivíduos localizados em outras áreas do Centro. Assim, este elemento esteve presente em todos os aspectos da vida cotidiana desta população, fosse em relação à alimentação, à higiene, ao trato com as

⁹⁵ Esta configuração ganha maior destaque em praças, parques e jardins públicos.

roupas, às formas de dormir, ao trabalho, à violência, à sociabilidade e, até mesmo, ao lazer.

Como resultado direto foi identificada uma série de moralidades que participavam de modo indissociado nas dinâmicas de mobilidade e permanência desta população nos espaços públicos. Este processo se apresenta de modo mais expressivo em quatro áreas distintas associadas às suas respectivas marcas morais: a) O Largo São Francisco; b) A Central do Brasil; C) A Praça João Pessoa, e d) A Praça dos Professores. Estas quatro áreas serão descritas e analisadas ao final do capítulo.



Imagem 2 - Localização das Áreas Morais

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

É importante salientar que estas construções sociais são extremamente complexas e inseridas na própria organização do espaço. No caso da presente análise, assumem diferentes significados, muitas vezes distintos entre a própria população em questão. Como afirma Sack (1999), os lugares (espaços) podem ser moralmente ambivalentes. De fato, pensar as coletividades, seja por meio de concentrações,

densidades, segmentos, grupos ou qualquer outro tipo de organização sócio-espacial, é um grande desafio para as ciências sociais.

No caso desta seção, que analisa os processos internos de distinção sócioespacial da população "em situação" de rua na área central, optou-se por utilizar não uma, mas três linhas teóricas. Estas, embora marcadas por diferenças em relação às formas de concepção e abordagens, não são propriamente contraditórias e apresentam fortes complementaridades.

A Psicologia Social possui, como uma de suas preocupações, compreender como os indivíduos e grupos, por meio de suas interações sociais, elaboram teorias, crenças e visões de mundo. Assim, a partir da *Teoria da Identidade Social*, como uma das perspectivas teóricas, se desdobra uma série de reflexões sobre os processos de diferenciação/distinção social.

(...) é recorrentemente invocada para explicar fenômenos de discriminação e antagonismo entre grupos. Mas esta teoria oferece igualmente bases para o entendimento da construção do pensamento social, normalmente, a partir da hipótese segundo a qual os grupos procuram uma diferenciação positiva entre, o que levará os seus membros a diferenciarem e investirem de mais valor as suas crenças comparativamente às do exogrupos. (VALA e CASTRO, 2013, p.577)

De fato, as discussões em torno do conceito de *grupo* possuem grande complexidade e divergências. Neste sentido, partindo das próprias referências desta corrente, Brown (1988, p.3) define que "um grupo existe quando duas ou mais pessoas se auto-definem como membros de uma categoria, e quando a existência dessa categoria é reconhecida por pelo menos, uma outra". A ideia de grupo não é consensualmente na academia e, portanto, está longe de fechar-se em si e não pode ser entendida como uma entidade essencializada, pois os próprios envolvidos, em suas diferentes escalas, produzem permanentemente processos classificatórios no espaço social.

Quando pensamos nos espaços urbanos, principalmente nas metrópoles cosmopolitas, o princípio de alteridade ganha ainda mais força. Como resultado, se materializam dois importantes elementos, as ideias de generalização com base no estereótipo e no preconceito e a segregação (ALLPORT, 1971). O estereótipo se configura como um processo de super-generalização, no qual determinado indivíduo ou grupo "recebe" um ou alguns aspectos que se traduzem em formas rígidas de

classificação, ainda que os mesmos possam carregar outros aspectos positivos ou negativos socialmente.

Estereotipar envolve um ato de percepção social por parte de um observador que percebe-se manifestando/manifestado ou em pensamento - a qualidade disposicional (trato, atitude, motivo, intenção) sobre um outro indivíduo ou grupo. O estímulo para o estereótipo consiste em algumas características do indivíduo - em princípio, qualquer característica, mas tipicamente uma qualidade/uma relacionada a identidade psicológica ou biológica do indivíduo (raça, idade, sexo, aparência física) ou um aspecto identitário social ou comportamental do indivíduo (religião, etnia, histórico de doenças mentais cárcere) qualquer particularidade possa disparada/percebida). Estereótipos são vistos como adornos, como extrapolações ou teorias em miniatura construídas em torno do pertencimento ou identidade social em detrimento do "efeito de ovelha negra". (MILLER, 1982, p. 28-29).

O segundo aspecto deste processo é a segregação. Segundo Allport (1971, p.71), trata-se de "uma forma de discriminação que coloca limites espaciais de algum tipo, para acentuar a situação de desvantagem dos membros de um exogrupo". Com base nestes dois mecanismos, se justificam as práticas cotidianas, que variam desde a rejeição verbal até o extermínio físico destas diferenças (ALLPORT, 1972), sempre com base moral nos discurso da segurança, da liberdade e dos direitos.

Uma segunda linha teórica está vinculada às interfaces da Antropologia com a Sociologia. Estas preocupações já estavam presentes em Durkheim (1999, p.XLIII)⁹⁶, quando o mesmo apontava que "os fatos morais são fenômenos como os outros; eles consistem em regras de ação que se reconhecem por certas características distintivas; logo, deve ser possível observá-los, descrevê-los, classificá-los e procurar as leis que os explicam".

Por outro lado, já na primeira metade do século XX, Robert Park (1967 [1915]), propõe o conceito de *região moral*. Em linhas gerais, e fazendo um paralelo com as perspectivas geográficas, estas regiões tenderiam a se desenvolver de modo diferenciado no espaço, principalmente, por meio dos resultados morais dos impulsos, paixões e ideais reprimidos de determinados grupos na sociedade, que buscam se emancipar da ordem moral dominante. Neste sentido, identificar estas regiões, conhecer as suas características, o que oferecem, e como se organizam estas interações sociais

⁹⁶ Trecho do prefácio da primeira edição da obra *De la division du travail social*, de 1930.

neste espaço garantiriam algumas das bases para os estudos sobre desvios e transgressões no espaço urbano.

Pierre Bourdieu também contribui para o debate, com as ideias de distinção social, estrutura e classe social. Assim, "em um mundo em que tudo é classificado, portanto classificante" (Bourdieu, 2013, p.111), a distinção seria uma busca intencional com o objetivo da manutenção ou o reforço das fronteiras sociais. Neste sentido, o autor aponta que a distinção seria "a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo as categorias apropriadas a essa estrutura" (Ibidem, 1989, p. 144), especialmente, por meio das ideias de habitus e capital simbólico.

Distinções, como transformações simbólicas de fato e mais geralmente, posições, ordens, graus, e todas as outras hierarquias simbólicas, são o produto da aplicação de esquemas de construção, como (por exemplo) o par de adjetivos usados na maioria dos julgamentos sociais, são o produto da internalização das estruturas nas quais eles são aplicados; e o mais absoluto reconhecimento da legitimidade é nenhum outro além da apreensão do mundo cotidiano como obviedade que resulta da quase-perfeita coincidência das estruturas objetivas e estruturas personificadas. (Ibidem, 1985, p.731).

Nos últimos vinte anos, um conjunto de autores, principalmente apoiados em algumas ideias do Interacionismo Simbólico de Goffman e da Etnometodologia de Garfinkel, buscou compreender como a moralidade era produzida socialmente. As bases centrais deste pensamento estariam apoiadas nas estratégias sociais discursivas de "justificação" e "desculpas" para a operacionalização de tais práticas no mundo social. Scott e Lyman (2008) sintetizam estas construções por meio dos *accounts*.

Um *account* é um dispositivo linguístico empregado sempre que se sujeita uma ação a uma indagação valorativa. Tais dispositivos formam um elemento crucial na ordem social, visto que, construindo pontes sobre o vão entre a ação e a expectativa (...), portanto, uma afirmação feita por um ator social para explicar um comportamento imprevisto ou impróprio – seja este comportamento seu ou de outra pessoa, quer o motivo imediato para a afirmação parta do próprio ator ou de alguém mais. (Ibidem, 2008, p.140).

Neste contexto, o acusador e o acusado constroem um discurso coerente com base em suas moralidades, buscando reduzir ou intensificar as responsabilidades, principalmente, para condenar ou isentar tal operador do seu próprio contexto.

Esse imperativo contém ele próprio um imperativo, interno: na justificação, tanto a crítica quanto a defesa dependem de um procedimento de comprovação: os atores que defendem estar de acordo com algum princípio de bem comum precisam apresentar provas, os objetos do mundo (dispositivos), portanto, que interliguem a situação e as grandezas a serem

justificadas (ou criticadas) com uma metafísica moral reconhecida. Essas provas são, no final de contas, formas incorporais do universal, dispositivos preenchidos de princípios metafísicos morais, voltadas para a afirmação situada da agência de si (WERNECK, 2014, p.33).

Assim, a responsabilização em meio à situação ocorrida seria uma forma de dever "que lança sobre o criticado a lembrança de um compromisso: caso se queira pertencer a esse meio, a vida social, é preciso se explicar, dar conta do que fez, e de forma expressiva legível, compreensível para o outro" (Ibidem, 2014, p.37).

De fato, o papel dos indivíduos e suas moralidades possui grande centralidade no mundo social. As reflexões em torno da moral também estão presentes no debate da Geografia, especialmente, entre os geógrafos norte-americanos e britânicos (PROCTOR e SMITH, 1999, SACK, 1997, 1999; LEE e SMITH, 2008; TUAN, 1989).

Lee e Smith (2008) afirmam que a Geografia e a moralidade estão fortemente interconectadas, ainda que, muitas vezes, não seja clara e imediata esta relação. Tuan (1989) talvez seja o grande precursor desta discussão na Geografia. Segundo o autor, as moralidades vão sendo construídas processualmente na sociedade, através de aspectos filosóficos, religiosos, imaginários e outros mais concretos e sensíveis.

Robert Sack (1997, 1999) apresenta, de modo mais sistemático, como se organizam espacialmente as moralidades. Segundo o autor, os lugares, como espaços construídos e delineados pelas ações humanas, possuem uma série de julgamentos morais. Sua ideia em torno das dinâmicas do lugar ganha contornos específicos a partir das ideias de *natural*, *verdade* e *justiça* (*Ibidem*, 1997). Estas três forças, em conjunto e de modo assimétrico, produziriam a própria dimensão moral no espaço. Portanto, esta Geografia seria produzida justamente a partir destes julgamentos que definem e classificam e, portanto, produzem limites e fronteiras espaciais.

Este conjunto de referências, sejam elas produzidas no âmbito da Geografia ou não, possibilitam a reflexão em torno de uma questão bastante específica. Esta questão diz respeito à diferenciação espacial por aspectos morais da população "em situação" de rua e sua vida cotidiana, que será tratada por meio da descrição de quatro espaços na área central da cidade do Rio de Janeiro.

O Largo São Francisco é uma área histórica de permanência desta população na área central da cidade do Rio de Janeiro e possui uma série de particularidades. A primeira delas se vincula à presença da Igreja de São Francisco de Assis e sua tradição na assistência dos menos favorecidos. Neste largo, os religiosos realizam diferentes eventos, como missas especiais para esta população e outras atividades sociais. Neste mesmo largo e vizinho a esta igreja, está localizado o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um importante espaço universitário na área central. Um terceiro aspecto é que esta área está circundada pelo maior setor de comércio popular varejista da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o Saara.

Morfologicamente, o Largo São Francisco se configura como um grande espaço aberto, que possui somente uma estátua gradeada ao centro. Ao redor do Largo existem alguns prédios comerciais com grandes marquises, ocupadas por esta população para dormir, principalmente, nos dias chuvosos. Nos demais dias, a população "em situação" de rua dispõe papelões, pequenos colchões e mantas diretamente sobre o chão, no entorno da praça ou próximo à estátua central. Alguns outros buscam estratégias de maior intimidade, utilizando as grades implantadas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro como base para formação de barracas ou tendas, com a utilização de plásticos e cobertores. De fato, existe uma lógica permanente desta população nesta área, ainda que seja intensificada no período noturno.

Entretanto, o aspecto mais característico se relaciona à lógica das construções morais relacionadas a este espaço. Inúmeros são os impactos e as novas ordens resultantes dos processos territoriais das organizações criminosas. Durante o período dos trabalhos de campo, principalmente, nos seis primeiros meses de caráter exploratório, foram observados fortes vínculos identitários de alguns indivíduos com tais facções criminosas. Curiosamente, ainda que os mesmos não estivessem sob a proteção destas facções, já que estavam "em situação" de rua, e alguns, nunca tiveram qualquer participação direta com estas organizações, este aspecto participava diretamente na vida cotidiana desta população.

De modo paradoxal, mesmo esta população não estando mais vinculada a estas facções criminosas, são reproduzidos alguns valores e comportamentos que são transpostos para a lógica espacial do próprio fenômeno nos espaços públicos. Acerca

destas configurações de poder estabelecidos pelas organizações criminosas, identificados por parte da população "em situação" de rua, Silva (2004) elucida:

(...) Todos eles se baseiam em princípios como honra, lealdade, companheirismo, cooperação, solidariedade, que reproduzem a ideia tradicional de uma pacificação entre os iguais (redução do recurso à violência aberta entre os pares), reorientando as práticas violentas para o "exterior". Desta forma, mantém-se também inalterada a compreensão do uso da força como meio de obtenção de interesses e não como princípio de organização das práticas. (SILVA, 2004, p.76).

Efetivamente, a partir dos diálogos e das entrevistas, nenhum destes sujeitos estava "oficialmente" vinculado a qualquer facção criminosa. Mas os discursos, principalmente relacionados aos "outros", identificados como *alemão*, *vacilão*, *inimigo* e outras expressões, demarcavam muito bem um processo de distinção: em quem se poderia confiar, andar junto, ou permanecer em determinados *lugares de referência*, produzindo *áreas de concentrações morais*.

Essa galera que você chama de inimigo é de qual facção? Ah, TCP. CV não? Comando não. Meu problema é TCP. Onde fica essa galera do TCP aqui no centro? (...) Aqui mais da metade é Comando, mas do Sambódromo pra lá, ali é divisa. Sambódromo pra lá é divisa por causa do São Carlos. São Carlos é A.D.A. Qual facção que tem pra lá que é TCP? A Mineira e a Coroa. (Beto, 24 anos).

Acerca desta particularidade na área central, mas estendendo também a toda Região Metropolitana do Rio de Janeiro, cabe destacar o estranhamento daqueles "em situação" de rua que não fazem parte, originalmente, deste cenário. Devido ao peso das próprias configurações territoriais, estes indivíduos não compreendem efetivamente as razões destes conflitos e reforçam que este aspecto intensifica ainda mais na cidade do Rio de Janeiro a dinâmica do medo e da violência nas ruas. Sobre este aspecto, declara um sujeito, oriundo da cidade de Brasília:

A galera aqui no Rio tem esse problema de facção. Lá no meu estado mesmo, lá não tem isso. Você pode rodar por qualquer lugar lá. Qualquer área que você quiser lá. Você pode ir de cabeça erguida, pode fazer o que você quiser que ninguém fala nada. Aqui tem problema. Tem porque a maioria do pessoal do Centro do Rio é Comando né!? Mas tem várias áreas aí que eles falam que é Terceiro, que eles falam que é A.D.A. Onde, por exemplo, que tem estas áreas? Não sei. Isso aí eu não posso te dizer, por que eu não sei. Eu não sou do Rio, aí eu não posso te falar assim o certo, entendeu? O que é aqui, o que é ali, o que é lá, o que é cá. Isso aí eu não posso te dizer, não. Eu não tenho essa informação, mas eu acho que deveria ter união entre eles mesmos né!? Se unir, esquecer essa coisa de facção pra lá, entendeu? Porque facção, o que facção vai dar pra eles? O que o Comando Vermelho tem dado pra eles? O que o Terceiro Comando tem dado pra eles? O que a Milícia tem dado pra

eles? Nada! Só guerra! (...) O que tem dado pra eles? Têm tirado eles da rua, né? Não têm tirado eles. Não tem dado nada pra eles. Só prejuízo, só guerra (Everaldo, 39 anos).

De fato, os discursos acerca das territorializações das organizações criminosas nas favelas marcam fortemente a vida cotidiana desta população. E, no caso da área central, a facção Comando Vermelho apresenta uma hegemonia frente às demais organizações em relação ao controle das favelas, gerando rebatimentos sobre a própria organização espacial da população "em situação" de rua. Sobre esta questão elucida um dos entrevistados:

Olha só, a facção é uma coisa separada. A maioria da população de rua é tudo Comando Vermelho. Uns por que roubaram na favela, outros por que deu volta na boca. Todo mundo fala "é nós". Muitos são bandidos perigosos que foram expulsos pra não morrer. De vez em quando, os caras que é Terceiro Comando ficam na rua dizendo que é Comando Vermelho. Praça dos Professores e Uruguaiana é maioria do Comando Vermelho. (Isaías, 33 anos).

A respeito desta configuração, ainda que grande parte desta população afirme não ter mais qualquer associação com o narcotráfico, para alguns deles, o vínculo identitário com estas organizações pode ser um elemento aglutinador, inclusive gerando ações violentas sobre aqueles "pertencentes" a organizações rivais.

Inimigo de rua, o que você chama de inimigo de rua? Ah, são outras pessoas de outras facções. Que vivem na rua também? Também. Na rua tem um monte de bandido perigoso, cara. Na rua tem pessoas que tem gangue de moradores de rua. Tem uns que andam misturados de bloco, bloco que eu falo é a quantidade de moradores de rua. Só andam de dez em dez, nunca em dois ou três, sempre mais de cinco. São bandidos de outras facções. (Beto, 24 anos).

Deste modo, ter sido morador de uma favela, cumprido pena em alas da facção, frequentar bailes funk ou mesmo comprar drogas em bocas de fumo controladas pelo Comando Vermelho, podem ser elementos para a maior aceitação por parte de alguns destes indivíduos na área central. No entanto, outra parte desta população busca desvincular-se de qualquer relação com facções, seja porque nunca tiveram realmente qualquer envolvimento, como aqueles que são "de fora" do Rio de Janeiro, seja porque admitir qualquer vínculo com facções pode significar algum tipo de risco.

Esta lógica conflitiva nos espaços públicos ganha destaque no Largo do São Francisco. Quase de maneira uníssona, este lugar de permanência da população "em situação" de rua recebe uma carga moral diretamente vinculada à facção criminosa Terceiro Comando.

Em diálogo com os próprios frequentadores do local, alguns negaram esta informação, enquanto outros somente relataram os vínculos de um pequeno número de indivíduos com a Favela do Aço⁹⁷. Todavia, para grande parte da população "em situação" de rua na área central que possui algum vínculo identitário com o Comando Vermelho, o Largo São Francisco se apresenta como uma área de repulsão, de tal modo que este logradouro não participa nas redes de lugares frequentados ou de deslocamentos pelo centro.

É interessante notar que, a partir dos diálogos e das entrevistas, esta carga moral possui um rebatimento direto sobre as permanências desta população, principalmente, naqueles que se sentem ameaçados pela lógica dominante do Comando Vermelho. De fato, também foram identificados naquele espaço alguns indivíduos que tinham suas origens "vinculadas" às áreas de domínio da facção Amigos dos Amigos.

Deste modo, esta área se apresenta quase como um "território de exclusão", pois aqueles que optam por este espaço sofrem, inclusive, com a dinâmica do medo e das restrições na própria mobilidade espacial na área central da cidade⁹⁸. Conforme elucidam dois entrevistados:

Tem gente que tem trânsito livre, mas tem gente que tá preso no lugar. O pessoal do Largo São Francisco, tem gente que é melhor ficar por ali mesmo, por que se eles sair, "dá ruim". A facção deles é diferente. No Largo São Francisco e Tiradentes tem gente que é TCP e ADA. No largo é mais TCP. Então, eles não podem rodar a vontade por aí. (Pablo, 47 anos).

Por que o Largo São Francisco? Porque são todo mundo lá do Aço, facção oposta ao Comando Vermelho. (...) Praça XV é mais suave, mas não gosto de lá não, porque é o primeiro lugar de tu ser acordado é lá. Lá na Praça XV? É, aqui em cima, aqui no Castelo. Na Praça XV mesmo, embaixo do mergulhão, não gosto lá porque também são vários "judas". Tem nego do Terceiro Comando lá também. E no MAM, a galera é o quê? No MAM é a concentração da rapaziada mais leal que tem. Todo mundo é fechamento! Se um errar já tá geral ali no certo pra cobrar e não tem essa de "caô", não. O MAM é mais uma família mesmo. Então, qual que seria a diferença do pessoal do MAM para o pessoal do Largo São Francisco, por exemplo, o pessoal do Largo São Francisco não frequenta o MAM? Não. "Se pintar lá" acontece o quê? Nada pô! Eles só não confiam, não. (risos) (Ezequiel, 23 anos).

_

⁹⁷ A Favela do Aço localiza-se no bairro de Santa Cruz, município do Rio de Janeiro, e está controlada pela Facção Terceiro Comando.

⁹⁸ É importante ressaltar que nesta área também estavam presentes outros sujeitos que não possuem qualquer vínculo com facções criminosas, como é o caso de migrantes nordestinos. Para este perfil, estar no Largo São Francisco não implica em relações conflituosas com o narcotráfico e com a mobilidade espacial, devido a outras configurações identitárias.

Neste sentido, o aspecto relacionado ao lugar de nascimento ou de criação pode determinar, inclusive, a própria posição e, consequentemente, "de qual lado você está". Assim, o indivíduo classificado precisa se justificar caso não aceite a vinculação dada com a facção em questão. Um dos casos mais emblemáticos desta situação ocorreu em um diálogo no qual um indivíduo afirmava, como estratégia, ser do estado do Espírito Santo, quando na verdade, esteve vinculado anteriormente a uma favela controlada pela facção *Amigo dos Amigos*, na cidade do Rio de Janeiro.

O Largo São Francisco sintetiza uma lógica moral associada às territorializações conflituosas do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro sobre esta população. Estas lógicas espaciais produzidas em outra esfera de relações e poderes participam diretamente nas permanências e nas mobilidades destes indivíduos por meio de uma dimensão moral, onde vincular-se identitariamente com uma facção criminosa afeta diretamente nos aspectos de segurança, nas redes de sociabilidade e nas próprias relações com o espaço.

3.3.2 - "Na Central do Brasil só tem cracudo"

Eu vou te falar, pode ser até um pouco arrogante. Se a cidade do Rio de Janeiro fosse um corpo humano, a Central seria a parte do corpo onde só tem merda. Aqui tem de tudo. Se tu for fazer uma reciclagem, são poucas pessoas que vão se salvar. Tu olha o maluco, às vezes tu nem imagina o que o cara pode fazer (Benedito, 22 anos).

A Central do Brasil é uma área extremamente complexa, devido a um arranjo que envolve inúmeras espacialidades sobrepostas, dentre elas, as da população "em situação" de rua. Um primeiro aspecto deve-se ao fato de que, nesta área, está localizado o principal ponto nodal dos sistemas de transporte rodoviário e ferroviário da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Associado a este aspecto, esta centralidade ganha ainda mais expressão devido à concentração de inúmeros serviços localizados no próprio terminal ferroviário. Destacam-se: o Rio Poupa Tempo, a Fundação de Apoio a Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC, uma agência nacional dos correios, o Hotel Popular ⁹⁹ e o

_

⁹⁹ O Hotel Popular serve como um espaço de hospedaria noturna para trabalhadores da área central que não são residentes da cidade do Rio de Janeiro e possuem dificuldades econômicas para retornarem diariamente para as suas casas. O valor diário para o pernoite é de um real e a condição básica é possuir um emprego formal.

Restaurante Popular¹⁰⁰. É interessante destacar também que no entorno deste grande edifício do terminal ferroviário estão localizados, em pontos opostos, os dois terminais de transportes rodoviários. No setor norte, o Terminal Intermunicipal Américo Fontenelle e, no setor sul, o Terminal Intramunicipal Procópio Ferreira¹⁰¹.

Os espaços limítrofes desta área apresentam forte diferenciação. Ao sul, é tangenciada pela Avenida Presidente Vargas, principal via de chegada e saída da área central da cidade do Rio de Janeiro, que conta com uma forte vigilância policial. Ao norte, faz limite com o Morro da Providência, maior favela da área central, que exerce grande influência por meio das forças do tráfico de drogas na região.

Nesta área, a população "em situação" de rua existe também apresenta uma forte diferenciação interna, especialmente, em relação à faixa etária. As crianças e adolescentes "em situação" de rua se concentram, principalmente, junto ao terminal rodoviário na Avenida Presidente Vargas. Durante o período de observação, estes indivíduos, a maioria do sexo masculino, pouco interagiam com os adultos nesta mesma situação. Além disso, o grande fluxo de transeuntes passava com bastante apreensão nesta área ¹⁰². De fato, é importante destacar a permanência da população "em situação" de rua adulta nesta área, que se configura como um importante lugar de referência para a assistência social e filantrópica.

Em relação aos adultos, um primeiro aspecto é que os mesmos evitam maiores aproximações junto aos jovens devido às possíveis complicações com a lei. Parte da população adulta opta por dormir na área coberta do terminal rodoviário. Entretanto, a maior concentração se situa ao longo da Rua Senador Pompeu, mais especificamente no trecho próximo ao Restaurante Popular e ao lado oposto da Avenida Presidente Vargas, devido à menor visibilidade¹⁰³. Nota-se, neste trecho, a presença de uma grande marquise, que protege esta população nos dias de chuva, ainda que alguns permaneçam onde não existe qualquer cobertura.

. .

O Restaurante Popular é a principal referência para a alimentação das pessoas que carecem de recursos econômicos na área central da cidade do Rio de Janeiro. É cobrado o valor de um real pela refeição.
 É interessante destacar que os arranjos espaciais no entorno destes terminais de transportes são

¹⁰¹ É interessante destacar que os arranjos espaciais no entorno destes terminais de transportes são fortemente marcados pelo comercio popular informal, que varia desde barracas com autorização da prefeitura até camelôs vendendo seus produtos diretamente sobre o chão.

prefeitura até camelôs vendendo seus produtos diretamente sobre o chão.

102 A insegurança parece ser um elemento importante nesta área, devido à prática de roubo. Em relação a este perfil, não foi observada, na Central do Brasil, a permanência dos mesmos no período noturno.

¹⁰³ Em uma dia de trabalho de campo, foram contabilizadas 52 pessoas neste trecho da Central do Brasil.

No caso da Central do Brasil, a dinâmica relacionada ao uso do *crack* participa diretamente no processo de classificação moral interna desta população. Ainda que a utilização de drogas (legais ou ilegais) esteja fortemente presente, ocorre uma importante distinção, por parte desta população, associada à imagem do "cracudo". O "cracudo" não é somente como um usuário de *crack*, mas um tipo que representa grande degradação nos comportamentos e práticas na apresentação pública. Seria alguém que permanece sujo por dias ou até mesmo semanas, com as roupas rasgadas, encardidas e, em função do nível de dependência e enfraquecimento do corpo, pode dormir em qualquer espaço, sem qualquer preocupação com a segurança ou exposição ao olhar público.

Este perfil é classificado, internamente, como o mais baixo nível de degradação e rebaixamento entre aqueles que compõem o fenômeno da população "em situação" de rua. Todavia, principalmente devido à grande visibilidade deste perfil nas grandes cidades, os meios de comunicação vinculam reportagens específicas sobre este tipo, projetando sua imagem para todo o conjunto dos indivíduos "em situação" de rua. Assim, esta imagem do "cracudo" é permanentemente negada por esta população, inclusive pelos próprios usuários da droga, uma vez que esta imagem depreciaria a moralidade destes indivíduos, conforme as enunciações a seguir:

Pra sociedade todo mundo é um só. Todo mundo é ladrão e todo mundo é "cracudo". Eles nem falam que nego é mais maconheiro ou cheirador. Agora todo mundo é "cracudo". (Isaías, 33 anos).

Eles aqui humilham muito os usuários de *crack*. Eles humilham muito. Todo mundo é humano. Me chamaram de "cracudo" e o meu sangue subiu. E eu fui em direção do cara e pedi que ele falasse que eu era "cracudo". Os usuários de *crack* estão acostumados a ser humilhado. (Lázaro, 28 anos).

Tem uns caras que chegaram agora e já quer botar a mão na cara dos outros. Eu ganho os outros na humildade. Se não for assim, porque que nós já somos mal vistos, porque não usamos *crack*, mas somos "cracudos". Tá todo mundo ofendendo com isto. É motorista de ônibus chamando um ao outro, é nas buzinas das kombis (silêncio). (Sandro, 25 anos).

Efetivamente, algumas áreas de venda desta droga estão localizadas mais próximas desta área que qualquer outra no Centro, ainda que o consumo não seja restrito aos frequentadores da Central do Brasil. Neste sentido, o estereótipo do "cracudo" acabou recaindo sobre a área da Central do Brasil. Assim, diante desta construção, esta área é evitada por aqueles que não querem qualquer tipo de associação com esta marca.

(...) Eu não gosto de vir na central não. Não gosto da central. Na central, o clima é pesado. Na lapa é pesado, mas na central é mais. É pesado. Sabe, Tem uma cambada de maloqueiro tudo sujo e largado no meio da rua. Eu vou ficar sentado ali, todo mundo ali passa. Passa um parente meu e me vê junto com aqueles caras, entendeu? (Leonardo, 32 anos).

A Central do Brasil eu não gosto, pelo fato, que tu chega lá e os outros acham que tu é um bandido, é um "cracudo". Se uma mulher passar e segurar a bolsa eu fico puto, mando logo ir tomar no cu. Pode ser a idade que for. Eu não roubo não. Tu acha que se eu roubasse eu ia dormir na rua. (Sandro, 24 anos).

É interessante notar que, para o *Leonardo*, 32 anos, ser visto junto com aquela "cambada de maloqueiro tudo sujo e largado no meio da rua" é algo indesejado, principalmente em relação a suas possíveis redes de convívio anteriores. Para Sandro, 24 anos, ser um "cracudo" é ser alguém que comete furtos e, portanto, ser confundido com esta imagem é mais uma forma de violência simbólica. Além da imagem de degradação pessoal, também recaem outros estigmas sobre esta área. Segundo esta população, a Central do Brasil também se configura como um lugar perigoso, violento e, portanto, adquire um caráter topofóbico.

Deste modo, a dependência química dos usuários de *crack* nesta área também seria um fator de risco, principalmente associado ao imaginário do *zumbi*. Este personagem materializado nas ficções possui, como característica principal, a total falta de consciência devido a uma busca descontrolada por cérebros humanos. No caso do estigma do "cracudo", esta busca se daria pela droga e não existiriam limites morais para poder acessá-la. Sobre este aspecto, seguem alguns enunciados:

Lá é o pior tipo que tem. É "cracudo". Nego não respeita. É um esfaqueando o outro. Brigando por causa de merreca. Às vezes até taca fogo no outro. Falo isto por que eu já vi. Aqui tem mais um pouco de respeito. (...) *Mas você já dormiu na central?* Já, mas lá não é lugar de gente. É roubo. É muita violência. É um local que era pra ser bom, porque é bem vigiado com o batalhão ali. Ali só tem roubo, miséria e pobreza. É muita droga, entendeu? (Davi, 34 anos).

Aqui no centro todo lugar é perigoso. Mas a Central do Brasil é o lugar mais perigoso. Tem muito ladrão. É muita violência de madrugada. Eu nunca dormi ali não. Eu ficava ali só de dia. Pouca polícia ali de noite. E tem uma cracolândia perto dali. E eu tô querendo parar também. Eu já perdi tudo, mas não quero perder a vida. Eu quero voltar a ser a pessoa que eu era. (Reinaldo, 29 anos).

Nesta rua colada com o quartel central, tem a cracolândia da Central. A noite é bem mais escuro e destacável. Eu evito. Mesmo vivendo na rua, eu estou preocupado. (...) Eu passo sempre por fora. (Ivan, 42 anos).

A Central do Brasil, eu sinto um lugar pesado do caramba e tem muitas coisas ruins. Tráfico de drogas, criança e maloqueiro, tem muitos cracudos. Aquele lugar é carregado. Eu só vou lá pra almoçar e meto o pé. Não falo com ninguém. (Humberto, 35 anos).

O lugar mais bravo que tem aqui é na Senador Pompeu. Tem muita gente usando drogas. Ali na rua do Garotinho. Ali é só área de zumbi, porque todo mundo fuma *crack*. Fica todo mundo na onda. Naquela agonia. Então, às vezes tu tá passando por ali e as pessoas ficam pedindo um real. É risco até de te roubar. (Hermes, 33 anos).

Reinaldo, 29 anos, mesmo sendo usuário de crack, não permanece na Central do Brasil porque afirma tentar largar o vício. Por outro lado, as demais falas apontam para a violência desta área, sejam apoiadas na ideia de zumbi, como na fala de Hermes, 33 anos, ou por meio de total afastamento espacial, como na expressão utilizada por Ivan, 42 anos, "eu passo sempre por fora", indicando uma ideia de autoproteção relacionada às mobilidades e permanências nas redes de lugares produzidas por esta população na área central.

Um terceiro aspecto moral se apresenta de modo muito semelhante ao que a população domiciliada pratica sobre a população "em situação" de rua. Os indivíduos não vinculados à Central do Brasil acusam os frequentadores desta área de todos os problemas no Centro do Rio de Janeiro. Assim, quando ações de violência, roubos, sujeiras não são identificadas, se responsabiliza automaticamente a figura do "cracudo". Segundo Isaías, 33 anos, "o 'cracudo' rouba mais, porque ele precisa de mais drogas e cada vez mais rápido". Geovane, 42 anos, justifica as suas dificuldades cotidianas, culpabilizando este perfil da seguinte forma: "às vezes tinha um banheiro ali, mas só que os cracudos sujaram lá na Carioca.(....) aí, eles fecharam com cadeado. Agora só na Catedral.".

Outro aspecto interessante é o da inversão dos discursos relacionados às políticas públicas na cidade, inclusive em relação à própria população "em situação" de rua. *Geovane, 42 anos,* novamente, descreve o que seria "morador de rua" e o que seria "cracudo", em relação às ações de acolhimento da assistência social.

(...) "Cracudo" é "cracudo", morador de rua é morador de rua. Eu sou morador de rua. Eu moro na rua, mas sou garimpeiro. (...) É o seguinte: o que adianta, "cracudo" tudo bem, mas você pegar um morador de rua, trabalhando, catando papelão, bebendo uma cachaça. Não tá prejudicando ninguém. Gastou um dinheiro com van, só com van. (Geovane, 42 anos).

Por outro lado, estes indivíduos, por meio de suas experiências, refletem sobre os impactos das políticas de segurança no Rio de Janeiro, mais especificamente sobre as Unidades de Polícia Pacificadora. *Ivo*, 25 anos, sintetiza, de modo problemático, a presença destes sujeitos: "Depois que pacificaram, estes "cracudos" vieram tudo pro Centro. Mexem nas "cracolândias", eles sobem tudo. É foda".

Se este processo classificatório associa a figura do "cracudo" com a Central do Brasil, a população que permanece e possui vínculos com área produz uma série de justificações para o conjunto de comportamentos e práticas nestes espaços. A primeira delas se lança justamente sobre o próprio estereótipo do "cracudo".

Eu não me sinto "cracudo". Eu não sou "cracudo". Se o cara comer e beber, não acontece nada não. Eu conheço uma coroa que fuma *crack*. Uma velha. Se tu comer, beber e dormir, não acontece nada não. Tudo de mais faz mal. Se você beber muita água vai te fazer mal. Se você comer muita comida, vai passar mal e se você usar muita droga você vai passar mal também. Na nossa vida, você tem que ter o limite, não pode ter nada exagerado. Tem que usar a inteligência, a cabeça; muitos fazem o que? Ficam sem se alimentar e só usam drogas. Vira mendigão mesmo. Os caras ficam tudo maluco, batendo palma na rua, por causa do *crack*. (Cristiano, 33 anos)

É interessante notar que o próprio indivíduo que faz uso da substância reconhece o problema da droga e o que a mesma pode representar para o seu usuário. Entretanto, o mesmo aponta uma diferenciação interna na própria área. Alguns estão mais degradados, a ponto de classifica-los como "mendigão". Outro exemplo significativo deste processo classificatório vinculado à Central do Brasil é apresentado por Daniel, em relação as suas redes de amizade:

Você saiu do Centro pra ir à Nova Holanda, mas sem dinheiro pra comprar? Sem dinheiro. Por que eu tinha uns amigos quando eu rodei, que eram "cracudos", "cracudo" em termos, por que os moleques não andavam sujos, "cracudos" por que fumavam *crack* nas "cracolândias" (...). (Daniel, 22 anos)

A consolidação do estereótipo de "cracudo" também decorre do nível de relacionamento que se mantem com outros indivíduos nas ruas. Assim, quanto mais próximo socialmente, "menos cracudo", o que indica que a dimensão relacional está fortemente presente no complexo jogo de classificações morais vinculados ao espaço.

Por fim, a Central do Brasil, mesmo carregando todo um conjunto de aspectos estigmatizantes e topofóbicos, também carrega topofilias. Assim, alguns indivíduos afirmam abertamente se sentirem seguros e protegidos nesta área, principalmente porque não teriam nada o que temer e, portanto, não seriam alvos de ações violentas.

Deste modo, as dimensões de *justiça* e *verdade* (SACK, 1997) seriam importantes elementos morais na organização deste espaço. Seguem três relatos sobre estas dimensões:

Por que o senhor tem escolhido esse lugar pra dormir aqui na Central? É Mais protegido. Mais protegido? É muito mais protegido. Queria que o senhor me explicasse um pouco melhor isso. Porque aqui todo mundo que dorme aqui é unido. Ah, é? Um protege o outro. Um toma conta do outro. Não, não é escolhido certo não! Isso já é o calor da gente memo. Sempre tem alguém acordado vendo. Sempre tem um parceiro. Na rua, lá fora é muita violência. (Cássio, 42 anos).

(...) Por que aqui, desde que eu cheguei na Central, só na central, nesse pedaço aqui há quase 6 anos, nunca gostei de sair pra ir em outro lugar. Porque aqui as pessoas me conheceram, sabem o que eu sou capaz de fazer. Então, isso aqui, que eu conheci, assim, que eu transpiro, eu transmito pra eles. Qual é a minha. Aqui eu fiz minha casa, minha posição, minha vida. Todo lugar tem meu jeito de ser. Conheço gente, vou chegando perto, muitos não têm medo de mim, os que me conhecem, que estão aqui 24h por dia, trabalhadores das barracas, lanchonetes e camelôs ambulantes. Todos me conhecem. "E aí Beto, chega aí, filhão.". Entendeu? (Beto, 24 anos)

Com base nestes relatos, algumas são as considerações. A primeira delas se relaciona com uma ideia de proteção e segurança física. Para *Cássio*, 42 anos, a Central do Brasil possui uma dimensão de proteção pessoal baseada no conhecimento das demais pessoas do espaço. A expressão "lá fora é muita violência" simboliza bem esta questão entre a moral, o espaço e a existência. As palavras de *Beto*, 24 anos, "vou chegando perto, muitos não têm medo de mim" apontam, claramente, um maior vínculo individual e de coexistência, em função de um reconhecimento individual no próprio espaço com a população trabalhadora no local, e uma tentativa, ainda que relativa, de desconstrução estigmatizante da figura do "cracudo", na escala individual cotidiana.

Por fim, o trecho "aqui eu fiz minha casa, minha posição, minha vida" sintetiza o caráter ambíguo que pode assumir o espaço. Para parte significativa da população "em situação" de rua, a Central do Brasil assume uma dimensão topofóbica, enquanto, para outros, esta área se revela como base fundamental para a existência nas ruas e como contraposição frente ao próprio mundo.

Deste modo, a Central do Brasil, associada a figura do "cracudo", se configura como o lugar de maior degradação e estigmatização da área central da cidade do Rio de Janeiro. Assim, os demais sujeitos "em situação" de rua evitam permanecer nesta área, seja devido aos riscos, seja devido às próprias imagens vinculadas ao lugar, suas

práticas, comportamentos e os tipos envolvidos. Portanto, o espaço é de fundamental importância para a caracterização das mobilidades e permanências que organizam espacialmente a vida cotidiana desta população.

3.3.3 – "A Lapa é lugar de coroa cachaceiro"

Por que você escolhe ficar aqui na Praça João Pessoa? Porque o que eu ganho sai daqui. O dinheiro que eu ganho sai daqui e pelas amizades que eu tenho. (...) na Central eu não vou porque tem muito "cracudo" lá. (...) nos Professores só tem maloqueiro lá, ladrão. Castelo é só neguinho entendeu? Neguinho marrento, metido a ser bandido sem ser porra nenhuma. É por isso que eu não paro nesses lugares. (...) mas eu paro aqui, tem uma galera que para aqui, esse cara aí é garimpeiro de brechó. A galera aqui é só de cachaça, entendeu? (...) E a galera aqui é uma galera menos violenta. Aqui, eu me adaptei nisso daqui. Todo mundo se adaptou um com o outro aqui. Com nós não tem briga com ninguém, bebe, briga contra o outro, pode até discutir, mas violência não tem. (Henrique, 34 anos)

A Praça João Pessoa não possui a configuração frequentemente associada a este tipo de logradouro. Localizada no cruzamento de duas ruas importantes no bairro da Lapa, esta área é fragmentada em quatro trechos descontínuos que contam, cada um deles, com um banco de concreto de, aproximadamente, seis metros de comprimento.

Sobre o local, ainda é necessário apontar uma significativa distinção dos ritmos espaço-temporais. Durante o dia, muitos estabelecimentos permanecem fechados, só funcionando à noite, quando a sociabilidade noturna se ativa. Por outro lado, estes estabelecimentos são vizinhos de espaço habitacionais, comerciais e de serviços, sejam eles tradicionais ou frutos de novos processos de requalificação urbana.

Com a chegada da noite, a organização espacial ganha outro ritmo e os jovens vindos de todos os setores da cidade se destacam na paisagem. Os estabelecimentos noturnos abrem as suas portas, com diferentes cores, luzes e sons. No período da presente pesquisa, as principais vias eram fechadas para os veículos, nas noites de sextafeira e sábado, permitindo a circulação e permanência dos pedestres nestes espaços públicos.

Inúmeras barracas do comércio popular também estão presentes neste espaço, principalmente nas proximidades dos Arcos da Lapa, na maioria das vezes, pintado e iluminado, reforçando a sua importância turística e patrimonial, como antigo aqueduto do período colonial. A segurança é bastante reforçada, com a presença das viaturas estacionadas e com seus giroscópios ligados em alguns pontos de grande visibilidade, que reforçam o sentimento de segurança nos visitantes.

De fato, a Lapa se caracteriza como um tradicional espaço de referência para esta população e, ainda hoje, mesmo com todas as políticas de revitalização econômica e turística, este segmento segue presente nos espaços públicos desta área. A Praça João Pessoa, mesmo não sendo o único espaço de permanência da população "em situação" de rua na Lapa, possui uma particularidade em seus ritmos espaço-temporais de uso e permanência. Esta população chega no início da manhã, ainda que sem um horário rígidos. Aos poucos, esta área é ocupada, principalmente por homens 104 com uma idade mais avançada, se comparada com demais áreas do centro.

Suas permanências estão associadas, muitas vezes, aos bancos existentes ou às calçadas dos estabelecimentos que estão fechados, que funcionam exclusivamente no período noturno. É interessante notar que, mesmo que a praça seja fragmentada, os indivíduos não estabelecem quaisquer limites e transitam entre os quatro trechos. Por outro lado, se destaca o fato de que estes indivíduos mantêm relações pessoais com a própria população residente e com trabalhadores locais. Alguns deles são identificados pelos nomes e beneficiados com ações solidárias ou com a oferta de pequenos trabalhos. Também é interessante notar a grande mobilidade destes indivíduos no entorno da área, pois ocorrem permanentes movimentos de idas e vindas, que variam desde poucos minutos a algumas horas, quando os mesmos retornam ao local 105.

Outro elemento se relaciona às fortes interações destes sujeitos com o álcool. Em qualquer um dos quatro fragmentos, há garrafas de cachaça presentes nos permanentes diálogos entre os mesmos. Foram observadas, algumas vezes, estratégias coletivas para a compra de novas garrafas, com as "vaquinhas". A embriaguez também podia ser notada em grande parte dos que estavam presentes, que, por vezes, "dormiam" ao lado dos demais. É interessante destacar que estas permanências sofriam fortes alterações ao longo do dia, devido à busca ou à fuga do sol.

Com a chegada da noite, aproximadamente a partir das 22:00 horas, esta praça se torna uma referência para os diferentes tipos de interações noturnas nos espaços públicos. Deste modo, esta população, que permanecia desde as primeiras horas da manhã, "perde" o seu espaço para os frequentadores da vida noturna da Lapa e se desloca para as ruas vizinhas, sobretudo para a Rua Gomes Freire, uma das transversais

¹⁰⁴ Durante todo o período de investigação foi identificada a presença de uma única mulher, que formava casal com um dos frequentadores deste *espaço de referência*.

Foi observado que alguns destes indivíduos regressavam à praça acompanhados de sacos de latas de alumínio ou afirmavam ter realizado algum tipo de atividade laboral.

desta praça. Grande parte desta população opta por migrar e dormir nesta rua, devido à proximidade com a 5ª Delegacia de Polícia Civil.

Muitas das representações produzidas historicamente sobre o fenômeno da população "em situação" de rua estão vinculadas ao uso do álcool. No caso brasileiro, o 1º Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira (2007) revelou que 65% dos indivíduos do sexo masculino em idade adulta consomem álcool. A presente pesquisa sobre a população "em situação" de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro revelou que 50,1% dos entrevistados (55) afirmaram consumir bebidas alcoólicas frequentemente. Acerca da utilização das outras drogas, 39,8% dos entrevistados (43) afirmaram usar cocaína, 35,1% (38) afirmaram fumar maconha, 23,1% (25) fumavam *crack* e somente 0,9% (1) usava *tinner*. 19% dos entrevistados (20) afirmaram não utilizar qualquer tipo de substância entorpecente.

A moralidade associada não está propriamente vinculada ao consumo de álcool, e, como para o caso do *crack*, o que está em jogo são os estereótipos produzidos por meio da apresentação pública entre a população "em situação" de rua. Este perfil ganha uma série de características sintetizadas a partir das expressões: *cachaceiro*, *papudinho*, *bebum*, *manguaceiro*, *pinguço*, *biriteiro*, entre outras.

Este estereótipo possui elementos semelhantes aos dos usuários de *crack*, seja em relação aos aspectos de degradação, à higiene pessoal, às roupas, aos cortes de cabelo e barba e do dormir em qualquer lugar como consequência da dependência química. Em relação ao álcool, podem ser apontados também os problemas de saúde, como inchaço do corpo, especialmente do rosto, a presença de feridas nos membros inferiores que dificultam a mobilidade e a utilização de encostos ou qualquer tipo de escoras para caminhar.

Deste modo, para o caso da área central da cidade do Rio de Janeiro, a Praça João Pessoa sintetiza espacialmente este estereótipo do "cachaceiro". No entanto, foi possível identificar que este mesmo estereótipo possuía alguma expressão, ainda que com "um caráter misto" com outras representações classificatórias, nas Praças Tiradentes e Cruz Vermelha e em pontos específicos da Central do Brasil e da Praça Cinelândia. Foi observado que estes indivíduos, mesmo optando por vinculações espaciais distintas, estabelecem lógicas específicas de mobilidade e interações sociais entre si, como apresenta *Renan*, 50 anos, vinculado à Praça da Cinelândia:

(...) Eu peguei 15 reais na banca. Pra comprar o cigarro e dez reais pra comprar a pinga. Eu não vou mentir. (...) na segunda-feira, você se lembra de alguma coisa? Na segunda-feira, eu comi bem. Eu recebi o PIS, aí eu comprei uma lata de palmito e uma de azeitona. Lá no Intercontinental da Praça Tiradentes. Comprei também um litrinho e comprei um pão com ovo. Eu adoro pão com ovo. Comprou um pão com ovo? Lá no antigo Bar das Putas (...) Ai você comprou estas coisas e veio pra cá? Não. Eu comi lá na Tiradentes, com o meu amigo Bin Laden, que tem uma barba comprida. Seu Michel? É este mesmo (risos). Estava ele e o Gaúcho, um baixinho. Então, o senhor de vez em quando fica lá com eles também? Fico, mas não fico muito não, porque ali venta muito. De vez em quando eu durmo no hotel. (...) às vezes quando eu estou com dinheiro, eu tô com dinheiro agora. Aí eu vou pro hotel, mas me dá um tédio. Aí eu compro uma cachaça e vou tomar com o Michel. Eu conheço até a casa dele. Já fui três vezes pra casa dele. A mulher dele já até me expulsou uma vez, dizendo que eu que levo ele pra beber (...). (Renan, 50 anos)

É interessante notar que estes vínculos participam diretamente nas mobilidades e permanências, como no caso de *Renan, 50 anos*, que visita com alguma regularidade *Michel, 60 anos*, que, naquele determinado momento, apresentava problemas de mobilidade ¹⁰⁶. Este tipo de relação baseada em visitações foi observado com alguma frequência ao longo da pesquisa.

Retornando ao processo espacial classificatório, ainda que existam outras áreas e suas respectivas interações sócio-espaciais, a Praça João Pessoa é apontada como uma área mais "pura", se comparada a outras categorizações na área central. É curioso notar que indivíduos de outras áreas tratavam os frequentadores da Praça João Pessoa a partir de um sentimento de pena, devido à vulnerabilidade que o álcool a eles confere diante das ações violentas¹⁰⁷. Mesmo diante desta situação, os discursos tratavam o álcool como o único grande aspecto negativo. Dentro deste jogo de acusações, a maior parte dos indivíduos afirmava que os frequentadores da Praça João Pessoa "seriam boas pessoas", pois "não fariam mal para ninguém".

O aspecto etário também reforçava tal julgamento, principalmente devido a um longo histórico nas ruas. Assim, os indivíduos "em situação" de rua de outras áreas afirmaram ter mais respeito pelo tempo de rua e pela idade dos frequentadores deste espaço. Alguns deles relataram vínculos mais simbólicos, considerando certos frequentadores da Praça João Pessoa como "pais", "padrinhos" ou "tios" de "rua". Por

¹⁰⁶ Fato constatado por meio dos trabalhos de campo.

¹⁰⁷ É interessante destacar que, mesmo a degradação sendo um elemento comum aos "cracudos da Central", o sentimento para com estes indivíduos era justamente o oposto.

meio dos diálogos, a Praça João Pessoa também se apresentou como um lugar de passagem e até mesmo de relativa permanência por aqueles que são se vinculam à área, mas fazem questão de passar, cumprimentar algum indivíduo em particular, além de expressar alguma satisfação em revelar este aspecto relacional.

Entretanto, mesmo diante da construção moral desta área como um espaço de alcóolatras, aqueles que estão vinculados a este espaço também buscam justificar uma moralidade sócio-espacial. Uma primeira justificação se relaciona aos comportamentos, principalmente àqueles vinculado ao uso do álcool. Segundo os frequentadores da área, ainda que o consumo seja demasiado, este afetaria somente o próprio usuário, diferentemente de outros perfis, que cometeriam uma série de ilegalidades para a obtenção dos seus vícios. Por outro lado, os mesmos afirmam manter fortes relações de amizade e solidariedade que garantem a própria permanência e a unidade neste espaço.

Uma segunda justificação está vinculada à identidade do trabalhador que, por meio de pequenos biscates, mesmo que irregulares, sustentam, o próprio vício, diferentemente de outros dependentes químicos que roubam. Neste sentido, ressalta-se a negação de qualquer tipo de vínculo com facções criminosas.

Onde que você dormiu hoje? Hoje eu dormi ali na Praça João Pessoa. A Praça João Pessoa é uma praça pequenininha, não é isso? É. Aquela que tem aqueles bancos ali, praticamente, durmo ali perto quase todos os dias. Essa galera da João Pessoa são os coroas que bebem cachaça, gostam de um barzinho, mas a galera não é pilantra, não é de roubar. Assim, lógico que se deixar nossas coisas os cara levam entendeu? Mas são uns caras menos problemáticos, assim, de arrumar confusão com os outros, entendeu? Passou dali pra cima da Lapa, a galera já é mais tensa, briga entre eles mesmos, querem arrumar "caô". Quando você fala mais pra cima da Lapa, você tá falando o que? Depois dos Arcos, cara. Depois dos Arcos, já é o pessoal do Aterro do Flamengo então? Antes do Aterro. Na Lapa mesmo, passou dos Arcos da Lapa ali cara, você vai ver uma galera ali. A galera ali já é mais tensa entendeu? É. Que é tudo uma galera que vem de morro vem de alguma facção, vem de algum lugar, vem de alguma ocupação que tá na rua, os caras que são mais barra pesada. Se vacilar ali os caras cobram mesmo, eu já me familiarizei com essa galera, já vi que a galera é mais garimpeiro, corre atrás das coisas na rua, então mesmo se tá bebendo cachaça, eles tão correndo atrás de fazer alguma coisa pra poder correr atrás. Então eu fico mais tranquilo ali. (Gabriel, 36 anos).

Uma terceira justificação está vinculada ao fato de que na Praça João Pessoa haveria uma menor violência entre os próprios frequentadores. Assim, segundo os mesmos, ainda que houvessem conflitos, ali não existiriam consequências como em outros espaços.

Então me fale três motivos porque você escolhe a Praça João Pessoa. O motivo, cara, porque aqui a gente, às vezes se discute por um negócio aí, mas a gente tem tudo. É a cachacinha da gente, é a comida e o resto tá bom. (...) Porque tem gente que quer brigar. Eu não brigo com ninguém. Se eu ver que o cara quer brigar, minha mãe me falou: não tem coisa melhor do mundo que você virar as costas pra alguém. Vira as costas. (Gérson, 41 anos).

Por que você não fica na Central? Não, na Central eu não vou porque tem muito "cracudo" lá. Então você não vai na central porque lá tem muito "cracudo"? É. Lá eu não paro. Por que você não fica na Praça dos Professores, por exemplo? Oh, Professores só tem maloqueiro lá, ladrão. Castelo é só neguinho ruim entendeu? Neguinho marrento. Metido a ser bandido sem ser porra nenhuma. É por isso que eu não paro nesses lugares. Castelo e Praça dos Professores, mas eu paro aqui, tem uma galera que para aqui, esse cara aí é garimpeiro de brechó. A galera aqui é só de cachaça, entendeu? (Henrique, 34 anos).

Por fim, os próprios frequentadores da Praça João Pessoa justificam uma diferenciação em relação à organização interna desta população na própria "região" da Lapa. Existem outros lugares de permanência com características distintas, principalmente próximas aos Arcos da Lapa, que não são frequentados por eles. Um segundo aspecto distintivo se relaciona à Praça da Cruz Vermelha, que está localizada a menos de quinhentos metros de distância e também possui é ligada ao estereótipo do alcoólatra, ainda que este não seja a única forma de classificá-la. Esta distinção é sintetizada, novamente, nas palavras de *Henrique*, *34 anos*.

Ah, é um negócio mais leve então. Isso, e pra lá é mais pesado. Discuti com o cara, aí o cara já fala que vai te meter o facão na tua cabeça, vai te pegar dormindo. Lá, o negócio é mais pesado, aí pra tu ficar, ou mata o cara ou morre, eu tive que ficar mais afastado, entendeu? E veio pra uma área mais calma? Na Lapa eu não paro, eu não durmo na Lapa não. Porque também é pesado ali. O clima ali é meio pesado. O pessoal da Cruz Vermelha é mais ou menos igual aqui ou não? Ali também eu não durmo, não. Pra mim, pra mim só aqui. Porque eu gosto de vim aqui, quem dorme na rua é aqueles que tá de toca ali oh, aquela rapaziadinha ali é só cachaceiro, aqui não tem maldade nenhuma. Aqui eles bebem, embebedem e dormem. Aí, por isso que eu paro aqui. Eu não paro na Cruz Vermelha porque eu já vi morte na Cruz Vermelha. (Henrique, 34 anos).

Deste modo, a Praça João Pessoa sintetiza o estereótipo do "cachaceiro" na área central e todos os significados vinculados a esta classificação sócio-espacial. Por outro lado, os próprios frequentadores buscam justificar os seus comportamentos e práticas em torno de um espaço de justiça, de tolerância do convívio, onde prevalece a amizade, a solidariedade e a não violência, aspectos que não existiriam em qualquer outro espaço da área central da cidade do Rio de Janeiro.

A galera dos Professores, os caras roubam. Os caras da Central usam *crack*. E na Uruguaiana cata papelão, fuma maconha e cheira pó. Eu fui lá na Praça dos Professores e tinha trinta ladrões contados no dedo. Tinha mais ladrão que vítima na área. (Joaquim, 31 anos).

A Praça dos Professores não é propriamente como uma praça, mas uma rua com uma morfologia diferenciada na área central da cidade do Rio de Janeiro. O espaço público em questão é a Rua Pedro Lessa e a referência toponímia local se deve à localização do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pequena rua composta por dois pequenos quarteirões.

O primeiro trecho, que tangencia a Avenida Rio Branco, mais especificamente entre a Biblioteca Nacional e o Centro Cultural da Justiça Federal é destinado aos pedestres e conta, no horário comercial, com o mais tradicional circuito de venda de discos de vinil da cidade do Rio de Janeiro. O segundo trecho é composto por duas faixas de veículos. Além das calçadas e dos estabelecimentos existentes, há um espaço entre as duas faixas dotado de equipamentos de permanência, como bancos, e alguns pequenos jardins distribuídos ao longo desta extensão. Os altos edifícios em torno desta "praça" garantem um ambiente sombreado em uma área central fortemente marcada pelo calor¹⁰⁸.

Em relação à morfologia, o primeiro trecho é uma via que foi destinada ao trânsito exclusivo de pedestres. Além disso, presença de grandes árvores diminui o impacto das chuvas. No segundo trecho, as calçadas são marcadas pela presença de marquises, ainda que parte desta população opte pelo centro da praça para dormir e para as dinâmicas de sociabilidade nos dias sem chuva.

Em relação à dinâmica sócio-espacial, a Praça dos Professores não é ocupada de forma permanente por esta população. Durante o período diurno, devido às inúmeras atividades, o primeiro trecho é ocupado pelo comércio de vinis e, no segundo trecho, funcionam inúmeros estabelecimentos de serviço e comércio. Assim, esta população encontra-se significativamente dispersa desta área no período diurno.

Com a chegada da noite ocorre um processo de transição que a transforma justamente em um espaço de permanência para esta população. Assim, a partir das

O entorno próximo desta rua está marcado por uma série de escritórios e instituições públicas, por exemplo, a sede local da Previdência Social, o Teatro Municipal, a Câmara dos Vereadores, o Tribunal de Contas do Município, o Museu de Belas Artes e o Consulado dos Estados Unidos da América.

dezoito horas, os indivíduos vindos de diferentes direções chegam aos poucos no local. Alguns trazem colchonetes, papelões e, até mesmo, barracas de camping, enquanto outros retiram de esconderijos existentes no próprio local ou das próprias mochilas, mantas e cobertores. É interessante ressaltar que estes indivíduos mantêm fortes relações de sociabilidade no local, principalmente na área de maior iluminação pública, localizada no segundo trecho que compõe a praça. Assim, foi possível observar, no período noturno, a presença de jogos, como o dominó, mas principalmente carteados¹⁰⁹.

Outro ponto de destaque é a forte presença das ações filantrópicas na área, que tornam a área um ponto chave na rota assistencial da distribuição de alimentos. Foi possível observar, a partir das vinte horas, uma grande quantidade de indivíduos que se concentrava nesta área e que se retiravam do local no exato momento da entrega. Neste sentido, ainda que se reconheça esta área como um lugar de referência para a aquisição de alimentos, somente uma parte permanece no período noturno. Ainda em relação à permanência, pôde ser identificado um caráter diferencial sobre as práticas do dormir, pois nenhuma outra área é marcada pela presença de barracas de campings ou de grandes lonas que buscam reduzir a visibilidade e aumentar o caráter de intimidade no espaço.

A partir das vinte e duas horas, ocorre, progressivamente, a diminuição das interações sociais no local. Parte desta população reduz os diálogos e se prepara para dormir, ainda que alguns continuem conversando em um tom mais baixo ou permaneçam sozinhos acordados. Em relação ao uso de drogas, mesmo não tendo sido observado, alguns sujeitos afirmaram o eventual uso de maconha no local. Com a chegada das primeiras horas do dia, esta população se levanta, recolhe seus pertences e sai do local. Assim, depois das dez horas da manhã, já não se notava mais nenhuma presença desta população na área, a não ser por algumas peças de roupas deixadas ou pedaços de papelão que eram recolhidos pelo serviço de limpeza. Assim, ao final de cada novo dia, esta área novamente se ativa e se torna significativa para a vida cotidiana de parte desta população no centro cidade do Rio de Janeiro 110.

¹⁰⁹ Estes jogos apresentavam um caráter extremamente lúdico, pois não havia nenhum tipo de aposta que envolvesse dinheiro ou qualquer outro tipo de objetos e relações de valor ou troca.

¹¹⁰ Cabe destacar que aos finais de semana, devido ao fato de os estabelecimentos neste setor específico estarem fechados, ocorre uma menor pressão por parte das forças de controle, possibilitando uma maior permanência e o sono desta população até mais tarde do que em dias de semana.

Em relação às dimensões morais no espaço, a Praça dos Professores possui, como estereótipo central, a figura do *ladrão*. A questão do roubo, sobretudo seguida de violência, é veemente criticada por esta população, seja em relação aos aspectos religiosos ou às questões em torno da identidade do trabalhador. Deste modo, grande parte da população na área central que não frequenta esta área, produz esta classificação sobre a Praça dos Professores. Por outro lado, aqueles que lá permanecem buscam negar qualquer aproximação com este estereótipo.

Neste sentido, como consequência destes estereótipos sócio-espaciais, muitos evitam qualquer aproximação, enquanto outros, após receberem suas refeições, saem imediatamente do local, nem chegando a comer na própria praça.

Quem é ladrão tu tem que ficar esperto. A gente aparentemente dorme junto, mas depois que ele dormir, eu saio fora e vou dormir sozinho. (...) Eu vou te falar, particularmente, eu particularmente, eu sai de cadeia e estou limpo, esta é a realidade, eu tô limpo. Eu tô livre meu parceiro. Eu não vou me misturar com ladrão e nem onde tem muito ladrão; na Praça dos Professores eu não volto lá (Plínio, 38 anos).

É interessante notar na fala de *Plínio*, 38 anos, vinculado à Rua Uruguaiana, o fato de que este sujeito não permanece junto a este perfil, assumindo uma postura moral em relação a uma não contaminação sócio-espacial e afirmando não se "misturar com ladrão e nem onde tem muito ladrão", mesmo tendo saído recentemente do sistema carcerário. Trata-se, portanto, de um lugar condenado por aqueles que não o frequentam também devido a possíveis consequências vinculadas ao espaço. Assim, as chances de ocorrer uma chacina nesta área seriam maiores, justamente porque seus frequentadores seriam pessoas "cobradas" pelos comerciantes locais e policiais.

Você possui medo ou evita andar por algum lugar aqui no Centro? As ruas desertas aqui no Centro. As do Castelo, por exemplo, na Rua do México, porque os caras roubam pra caramba ali na Praça dos Professores. É um local de roubo. Nego lá assalta pedestre. Aí as pessoas ficam assustadas com a gente e um policial pode vir e fazer alguma coisa. A gente fica bolado de rodar enganado. (Humberto, 35 anos).

Na rua é foda. Você pode tomar um tiro pelas costas. Ali na Praça dos Professores, o pessoal vai lá pra buscar a alimentação nas carreatas, mas vem um pessoal pra assaltar, pra fazer coisa errada. (Tadeu, 52 anos).

Desta maneira, estar próximo de alguém ou de determinados espaços onde se cometem crimes pode ser um risco, como no caso da Chacina da Candelária, em 1994, fato marcado na memória e no imaginário da violência naquele lugar. Por outro lado,

existe um forte receio em relação a esta área, por ser um espaço "dominado" por ladrões, seus perfis violentos e por andarem armados com facas.

Uma vez postos os processos de acusação e classificação, por meio de um rótulo altamente condenado por parte desta população, os próprios indivíduos classificados também constroem justificativas que os diferenciam dos demais indivíduos "em situação" de rua em outras áreas do Centro da cidade do Rio de Janeiro. Em relação aos aspectos da criminalidade, existe um forte sentimento de não delação, se afirmando, por um lado, e de modo indeterminado, a realização de tais práticas, mas, por outro, que muitas pessoas que frequentam esta área não são "ladrões".

Esses moleques aí, esses daí não roubam não. Nunca vi roubar do meu lado não. Esse pessoal é tranquilo, tu pode confiar. Mas tem. Na Praça dos Professores tem nego que rouba, mas não pode falar nada, porque mora na rua. Nada pode ir contra o ladrão, o cara mora na rua. Vai reclamar daqui a pouco tacam uma pedra na tua cabeça? Dá problema se se mete com nós né, arrumar problema com nós, mas esses bagulhos aí, nós não se mete não. É com eles mesmos. Cada um com a sua. Vai prejudicar nós. Se prejudicar nós, aí vai arrumar problema. A Polícia vai lá, fala, dá a palestra dele. *Vocês tem que andar com esses caras?* Nós não anda com eles não. Deus deu uma vida pra cada um. Cada um faz da sua vida o que quiser. Se eles quiser roubar, problema deles. Quem não pode roubar sou eu. A polícia vai lá direto, mas tem uns polícia que já conhece nós. (Durval, 31 anos).

Durval, 31 anos, mesmo revelando não realizar roubos ou andar com aqueles que roubam, aponta, com um forte tom de ameaça, o caráter desviante destas práticas e comportamentos nesta área moral¹¹¹.

Em meio aos diálogos e entrevistas, aqueles que se identificaram como vinculados à Praça dos Professores afirmavam abertamente suas diferenças com os frequentadores de outros espaços de permanência. Um primeiro aspecto se relacionava a uma forte coesão social frente às violências externas. Assim, optavam por deslocamentos em grupos, seja no próprio centro, ou em direção a outros setores da cidade, principalmente relacionados ao lazer e à sociabilidade. Esta coesão, com base na "união", "fechamento" e em forma de "bonde", se destacava como um elemento central, especialmente contra as *covardias da rua*.

Porque a Praça dos Professores? Porque ali é o paradeiro dos amigos meus. E também tem vários inimigos que nós tem. Eu tenho vários. Eu tenho vários inimigos, porque nós juntos, a gente mete a porrada. Os meus inimigos estão na praça XV, Estácio, Leopoldina. Nós aqui na Praça dos Professores é

¹¹¹ Em outros diálogos na área, mesmo depois de meses, também apresentavam ameaças dissimuladas.

unido. É unido pra caralho. Porque ali na praça, ninguém quer ser melhor do que ninguém. Nós é o que é. Agora nos outros lugares sempre tem um que quer tirar onde e dá uma de brabo e eu não gosto disto. Eu já estou maior tempão com esta galera. Eu ia e depois voltava. Eu não tinha paradeiro não. (Elias, 19 anos).

Violência, tu já sofreu violência na rua? Porra. Bota a mão aqui. Tenho a marca até hoje, foi uma paulada na cabeça. Eu tinha brigado com ele. Ele veio depois e por trás e deu uma paulada na cabeça. Eu fui pro hospital. Aqui todo mundo fecha, até o bracinho fecha. *Rola uma proteção?* Nós fecha dez a dez, lado a lado. Eu nunca ando sozinho na pista, eu sempre ando com alguém, nem que seja em dupla. (Eduardo, 24 anos).

Neste sentido, diferentemente daqueles vinculados à Praça João Pessoa, que revelavam não ter inimigos, aqueles ligados à Praça dos Professores apresentam grandes rivalidades cotidianas. Portanto, estes deslocamentos em grupo funcionam como uma estratégia de segurança frente às necessidades/desejos de mobilidade, como uma espécie de "territorialidade móvel" que se transfere para outros espaços da área central.

Por outro lado, os frequentadores da Praça dos Professores construíram uma ideia distintiva de "espaço/grupo superior" frente aos demais indivíduos que compõem esta população no Centro. A higiene se constitui como um destes componentes de distinção e superioridade, pois as pessoas das demais áreas seriam mais "sujas e "largadas".

Nós todo dia toma banho, lava roupa, hoje mesmo, eu vi um cara ali e até comentei, porque que tinha que levar no lava-jato, porque estava encardido de cima em baixo. E jogar sabão por que sai fácil não. (...) A gente sempre toma banho. Os caras que andam com a gente, andam em bonde. Se um falar que vai tomar banho, vai todo mundo. Agora os "cracudos", não gosta de tomar banho, dorme sujo. Eu escovo os dentes todo dia. Já tá na rua, ainda vai ficar todo sujo, largado, sem escovar os dentes. (...) Teve uma feijoada na Catedral, estava impossível de ficar lá, porque tinha uns caras fedendo demais. Devia estar uns cinco dias sem tomar banho. Tem cara que fica todo mijado. A diferença que eu vejo é esta. Eu não me sinto melhor que eles, porque nós tá tudo na pior. Mas tem que tomar um banho e lavar uma roupa. (Diogo, 28 anos).

Porque a Praça dos Professores? Eu descobri aqui do nada. Eu não andava pra estas bandas aqui. Eu estava catando latinha no carnaval e conheci um parceiro. Ele falou que a área é boa e não falta comida. Pode dormir tranquilo, porque ninguém te perturba e não tem traição. Porque tem muito lugar ali que tem "judaria" e nego tá te roubando. Tu pode deixar o chinelo tranquilo. Eu vim pra cá e fiquei por aqui. É comida é agua. Aqui é uma área tranquila. Aqui nego divide a comida contigo. Se tu tá com fome, sempre tem alguém com uma comida ou até mesmo uma quentinha guardada. Tem a questão da amizade também. Vai fazendo amizade com um e com outro. Eu acho que aqui, a parada daqui é mais vaidosa. Se veste bem. Procura andar

mais limpa, é uma área mais nobre. Até porque aqui tem pessoas mais ricas, entendeu? Mas é isto. (Davi, 23 anos).

Qual é a diferença do pessoal da praça dos professores para a galera das outras áreas, por exemplo, da Central? Os caras são tudo relaxado. Os caras se relaxam. Eles se permitem dormir sujo. Eu tenho meu telefone, ando limpo. Eu gosto de andar limpo. Nós é diferente mesmo. (Eduardo, 24 anos).

É importante destacar que nestas falas a questão da higiene está fortemente presente como um elemento de distinção e de superioridade. *Diogo, 28 anos*, ainda que busque ocultar moralmente este sentimento de superioridade, pois também compartilha da experiência das ruas, deprecia o outro por meio da carga estigmatizante da necessidade de um lava-jato diante da sujeira existente. *Davi, 23 anos* e *Eduardo, 24 anos* expõem mais claramente suas distinções. Para eles os frequentadores da área seriam "mais ricos", pois o entorno está vinculado à dinâmica empresarial, política e cultural da cidade, e, portanto, os colocariam também em uma situação de "nobreza" em relação ao fenômeno na área central.

A questão da higiene não diz respeito somente à da limpeza do corpo. Outros elementos, como o corte de cabelo, a utilização de perfumes, roupas, calçados e acessórios, participariam desta distinção.

"Nós é estiloso". Independente do que for, não estou julgando os outros, mas porque nós anda arrumado, de kenner no pé, relógio, cordão no pescoço, até mesmo de ouro, as vezes, eu estou julgando nós pela aparência. Nós somos da rua, mas daí então, e o dinheiro que nós apanha. Falo por mim. O dinheiro que eu panho, eu seguro, nego fica até bolado comigo. Eu seguro e compro logo uma roupa, compro uma kenner, compro um bonezinho, corto o meu cabelo, boto um dinheiro no bolso e pego uma mulherzinha. Acho uma mulher pra ir no motel comigo. (Elias, 19 anos).

(...) Kenner é Kenner. Dá pra comprar pô, mas tem que juntar dinheiro também né!? *Quanto é uma Kenner dessas aí*? Ah, essa daqui quando eu comprei, quem me deu dinheiro foi minha irmã. Essa aqui foi setenta e oito reais. *Setenta e oito reais*? Tu anda de kenner, tu tem relógio, tu tem boné da Billabong¹¹². Ah! esse boné eu comprei do Alexandre. Comprei dele por cinco reais. O cara daqui então é muito diferente cara das outras áreas? É cara. Porque onde eu ando na Cinelândia. Tem que andar diferente cara. "Nós é" obrigado a andar arrumado ali. Arrumado em termos, limpinho. Porque se tu andar sujo ninguém para do teu lado não. Se eu andar sujo mesmo, nem o vereador que eu conheço para do meu lado (...) (Durval, 31 anos).

Se eu perder um dente, eu me viro, arrumo dinheiro, sei lá, eu vou dar um jeito. Fico sem dente não. Igual eu vejo os caras, tem uns caras que são até apresentável, mas vai e dar aquele sorrisão, abre aquele bocão sem dois dentes. Eu não tenho coragem. As mulheres sempre falam pra mim, seus

¹¹² Trata-se de uma marca internacional que patrocina esportes radicais, especialmente o surf.

sorriso e seus olhos são lindos. Eu vou deixar cair nesta situação. Os caras tudo novos, com vinte e oito ou trinta anos sem dentes. Isto é inadmissível. Eu me viro, mas não fico assim não. Mas é aquilo que te falei, é outra forma de viver na rua. Eu não aceito. (Diogo, 28 anos).

Elias, 19 anos, aponta a necessidade de comprar roupas e acessórios que não são compartilhados por esta população. A fala de *Diogo*, 28 anos, coloca o cuidado com os dentes como um importante aspecto da apresentação pessoal que participa da distinção social frente aos demais sujeitos que integram esta população. Assim, aqueles vinculados à Praça dos Professores possuem, como um valor central, o fato de não serem caracterizados imediatamente como população "em situação" de rua. Deste modo, o fato de ser confundido com um cidadão comum é visto como um trunfo e motivo de orgulho para cada um destes indivíduos.

Existe alguma diferença do pessoal da Praça dos Professores para os outros lugares? Tem! Porque o pessoal dali, não é de falar mal do outro não. E o pessoal dali também toma banho, né! Mas é diferente. Tem um pessoal que fala que a gente nem é da rua. A gente vai lá pedi um negócio eles falam: - Você mora na rua mermo? Eu falo: - moro. O cara: - É por que vocês andam limpos. (...) é totalmente diferente. Depois que eu vim para na rua, que eu comecei a ver aquele pedacinho ali da Cinelândia ali, na Praça dos Professores, foi o melhor lugar que eu parei, melhor lugar. (Durval, 31anos).

É diferente em relação a tudo, tudo mesmo. Eu acho que aqui na praça. Eu acho que a diferença do povo daqui é a diferença de como se veste. Aqui o povo se veste mais na moral, mais bonito. Se você vê no dia a dia na rua, você nem sabe que vive na rua. Quando eu olhava algumas pessoas que chegam aqui, eu nem sabia que era de rua. Aqui ninguém anda fedorento, tem celular. Porque tem morador de rua que tá todo sujo e os daqui tá esperando uma ligação. Eu gosto de andar bonito. Eu não fico esperando os outros cuidar de mim ou ter pena de mim. Eu não espero nada de ninguém, se não eu estou fodido (Fábio, 23anos).

A ideia central destes esforços para a apresentação pública é a busca pela interação com a população integrada. Assim, em suas dinâmicas de sociabilidade, se relacionam com mulheres que não estão em situação de rua e, portanto, não desejam carregar o estigma de um segmento marginalizado.

O que é mais importante pra você dizer que está mais bonito? Os outros na rua olham pra nós diferente. Por que tem maloqueiro que tá igual um lixo. Eu tô perfumado, tô de banho tomado, tô arrumadinho e com celular. Se tu não me conhece e me vê assim. Vai achar que eu vivo na rua? Lógico que não. Eu com celular e arrumado. A gente foi pra igreja ontem, e falamos com as mulheres da igreja que nós estávamos na rua, ela achou que era mentira. (Eduardo, 24 anos).

Existe mais alguma diferença? Tem outro diferencial sim. É as mulheres. Nós gosta de mulher. Tem umas mulheres que sabe que nós tá na rua, mas

perde a linha com nós. Eles são tudo trabalhadeira e se envolve com nós. E não é mulher de pista não. É mulher que trabalha e tem casa. (...) A diferença da mulher de casa é o cheiro, olha a diferença. Uma coisa é você pegar estas mulheres aí largadas e ter que meter na rua. Estas mulheres todas zoadas. Agora a mulher de casa é toda arrumadinha e cheirosinha. A mulher direita não quer ir na rua. Pode ser a casinha mais pobre, uma quitinete. Nós vamos tentar alugar um quartinho, arrumadinho com tudo dentro. (Diogo, 28 anos).

Este conjunto de valores acaba produzindo um "padrão mínimo" para a aceitação de novos indivíduos que se aproximam em busca de um *espaço de permanência*. Conforme o relato de um indivíduo que não está vinculado à Praça dos Professores:

(...) Por exemplo, lá na Praça dos Professores, passa uma comida boa. Ele vai lá uma primeira vez, faz um ambiente. Chega lá e come. Mas se ele quiser fechar com os caras de lá, ele tem que criar vínculo. Se tu for um cara de fácil relacionamento, é mais fácil, mas não é tão fácil. Tu tem que sentir se os caras deram abertura. Se os caras escutarem você falando e achar que é conversa fiada, eles vão te sufocar e é melhor tu ganhar terreno e não ficar ali não. Porque o bagulho lá é doido. (...) (Pablo, 47 anos).

As formas de lazer e diversão dos frequentadores desta área se constituem como um último aspecto de distinção. A expressão "zoar" está permanentemente presente nas falas, mas o uso de drogas é tratado como um meio e não um fim em si mesmo, como em outros espaços de permanência.

Por que a Praça dos Professores? Nós aqui nós é unido. Já falei contigo uma vez. Vai lá na Carioca, na Praça XV? Aqui nós é uma família. Todo dia, podem vir a noite, nós se tiver com dinheiro no bolso, a gente desce guaraná, biscoito. Todo dia a gente tá zoando. (Diogo, 28 anos).

Qual a diferença?(...) Tem diferença, nós da Praça dos Professores é mais unido. No castelo, é um contra o outro. E é o bonde do tinner, da cola. Ali na Praça dos Professores nós troca ideia. Nós é tão unido, que quase todo dia nós desce um lanche pra todo mundo, geral. Rola um baseadinho pra todo mundo. (Cássio, 42 anos).

Sendo assim, por um lado, o estereótipo de "ladrões" carrega os estigmas de degradação moral em torno da violência, "manchando" a própria população "em situação" de rua, que poderia ser sintetizada por este aspecto. Por outro lado, os próprios sujeitos categorizados também constroem uma série de justificações, com base na higiene, na estética, nas formas de interação social com a população integrada e na quantidade de recursos, como elementos de superioridade dentre aqueles que vivem nas ruas.

Á guisa de conclusão, foi possível constatar, ao longo deste capítulo, a complexidade da rua como uma categoria sócio-espacial. Mesmo diante de uma categoria unificadora para toda esta população, são produzidas heterogeneidades internas que participam de diferentes formas na organização espacial da vida cotidiana desta população. As diferentes relações com os espaços domiciliares, o lugar da mochila e os múltiplos recortes morais que marcam as ruas com divisões precisas de identificações, comportamentos, práticas, vínculos, mobilidades e permanências, colaboram para que seja possível observar o quão diverso é o fenômeno da população "em situação" de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Nesta área, estes aspectos produzem múltiplas espacialidades que não podem ser vistas por um transeunte desinteressado. No entanto, outra realidade emerge com o processo de pesquisa, revelando um processo mútuo de reconhecimento por meio dos comportamentos e práticas, mas também pelo espaço. Assim, os valores morais, ainda que fluidos, em diferentes escalas e em permanentes construções, são mais um componente da espacialidade da vida cotidiana, tornando o fenômeno da população em "situação de rua" ainda mais complexo e heterogêneo.

CAPÍTULO 4 - "CADA QUAL COM A SUA ARTE": AS ESPACIALIDADES DAS PRÁTICAS LABORAIS E A AQUISIÇÃO DE RECURSOS

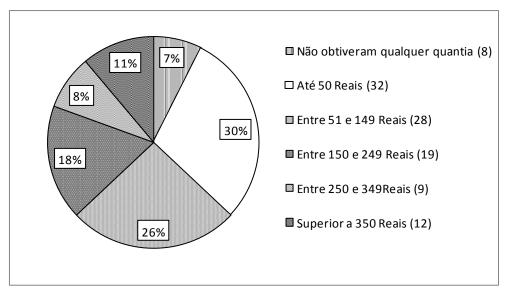
Hoje eu não fiz nada não, mas vou fazer reciclagem. Ontem eu fiz reciclagem. Geralmente à tarde, quando termina o expediente. De cinco horas em diante. A que horas você para? Isto depende muito de quanto cai. Eu costumo parar uma meia noite, mas pode rolar a noite toda, até de manhã. Eu posso virar até de manhã e vender no inicio do dia. Eu começo sempre aqui no Centro, na Central, depois vou subindo pela Presidente Vargas, Uruguaiana, Largo da Carioca e termino na Lapa. Ontem mesmo foi assim. Foi até umas sete e meia da noite. Ganhei oito reais. Na terça-feira eu fiz panfletagem. Foi das oito da manhã às quatro horas da tarde. Ganhei trinta reais. No sábado foi dez reais. Eu acho que foi na terça-feira, um rapaz pediu pra eu ajudar ele a trocar um pneu de carro. Eu ajudei sem intenção, mas como eu estou nesta situação e ele me ofereceu cinco reais, eu aceitei né?! Ontem mesmo fomos resolver um problema de documento e um rapaz me pediu pra eu carregar o carrinho da Lapa até o Teatro Municipal. O cara me deu dois reais. Tu que tá na pista e eu gosto de fazer estas coisas. O cara me ofereceu. Já é. Pedir dinheiro eu não peço não. (Otávio, 38 anos).

Os aspectos laborais e a aquisição de recursos se constituem como importantes aspectos da espacialidade cotidiana da população em situação de rua, ainda que os mesmos se constituam sobre bases pouco formais. Deste modo, o dinheiro como meio de troca e base para o consumo se torna fundamental para cada um dos indivíduos nesta situação, principalmente, a partir do conjunto de suas práticas e de seus valores morais. Aspectos como a compras de cigarros, roupas, alimentação, drogas, álcool, serviços de hospedarias, *lan-houses* e prostituição são somente alguns pontos dentre as infinitas possibilidades que compõem estes *desejos/necessidades* diferenciais da vida cotidiana.

Diferente do que se poderia imaginar este segmento populacional é bastante ativo economicamente e realiza um amplo conjunto de práticas laborais e de aquisição de recursos. No Brasil, segundo a *Política Nacional para a Inclusão da População em Situação de Rua* (2008), 70,9% dos entrevistados realizaram algum tipo de atividade remunerada, sendo que 52,6% apresentava uma renda entre 20 e 80 reais semanais.

No caso da presente pesquisa, 93% dos sujeitos (100) afirmaram ter conseguido algum dinheiro e somente 7% dos indivíduos (8) não conseguiram qualquer quantia nos últimos dias que tinham sido entrevistados. A partir da sistematização das informações referentes aos ganhos semanais dos entrevistados chegou-se aos seguintes dados:

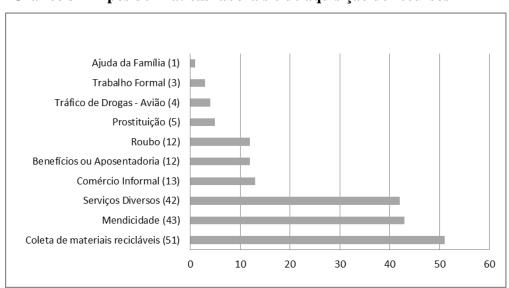
Gráfico 2 – Rendimentos Semanais dos entrevistados



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Cabe salientar que a dinâmica que orienta a vida desta população acaba por estabelecer, para a maioria dos casos, a instabilidade dos ganhos semanais, que variam significativamente de uma semana para outra, principalmente, dependendo do tipo de prática e as distintas dinâmicas da cidade. Neste sentido, observou-se uma variedade de práticas laborais para a aquisição de recursos, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Tipos de Práticas laborais e de aquisição de recursos¹¹³



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

-

¹¹³ Como *Serviços Diversos* considerou-se : pequenos biscates, como de "guardadores de carros", carretos, carga e descarga de caminhões e atendentes em barracas de praia.

Assim, mesmo reconhecendo as diferenças entre a presente pesquisa e a *Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*, sejam relacionadas aos objetivos, aos procedimentos metodológicos e o universo amostral busca-se ver o quadro geral das atividades laborais e as aquisições de recursos em nível nacional.

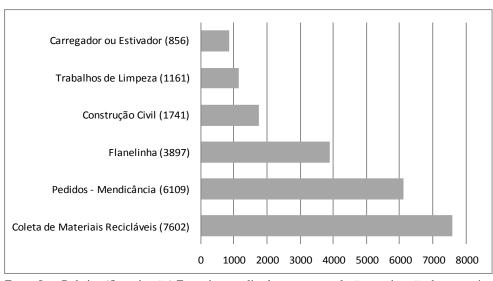


Gráfico 4 – Trabalho e renda (Adaptado da PNPSR – 2008)¹¹⁴

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Um segundo ponto também se relaciona com a ideia de continuidade, pois mesmo com fortes modificações no perfil da população em situação de rua, ao longo do tempo, no caso brasileiro (SILVA, 2009), a mendicância ainda permanece como uma importante estratégia para a obtenção de recursos na vida cotidiana, com respectivamente, 23% e 29% para ambas as pesquisas. Este conjunto de práticas parece estabelecer uma espécie de padrão junto à própria lógica desta população em relação ao trabalho e a aquisição de recursos na dinâmica cotidiana.

Um terceiro ponto vincula-se ao caráter da informalidade. A falta de documentação pessoal, como carteira de identidade e carteira de trabalho, seja por que foram perdidos ou roubados, intensifica ainda mais esta situação¹¹⁵. Deste modo, segundo a *PNPSR* (2008, p.10), 1,9% dos indivíduos possuía carteira assinada, valor

115 Segundo a *PNPSR* (2008), 24,8% dos entrevistados não possuíam qualquer tipo de documentação pessoal. Trataremos os aspectos vinculados ao roubo de documentação e outros bens no capítulo 7.

160

¹¹⁴ Segundo o documento oficial (2008, p.6), foram identificados 31922, dentre os quais, 13,4% dos abordados se negaram a realizar a entrevista. Assim, 27,645 sujeitos foram entrevistados. Acerca dos aspectos que envolvem as dinâmicas econômicas vinculadas ao trabalho e a renda (2008, p. 10), 70,9% declararam realizar alguma atividade em questão.

que se aproxima do obtido na presente pesquisa, no qual apenas 2% dos indivíduos (3) estavam empregados de maneira formal¹¹⁶.

Acerca dos rendimentos que envolvem as práticas laborais, também é interessante apontar alguns aspectos. Segundo a *PNPSR*, 52,6% dos indivíduos apresentavam uma renda que variava entre 20 e 80 reais semanais (2008, p.7). Pensando o aspecto da diferenciação das rendas médias entre as próprias cidades, o aumento do salário mínimo nacional nestes últimos seis anos e o período em que foram realizados os trabalhos de campo, esses aspectos poderiam afetar os dados da presente pesquisa para a área central da cidade do Rio de Janeiro.

De fato, a *PNPSR* (2008) aponta uma única informação em relação aos aspectos da renda, impossibilitando assim, traçar possíveis análises sobre os outros 47,4% dos indivíduos que estariam em outras faixas de renda. Outro aspecto relacionado às práticas laborais se caracteriza pela diversificação destas atividades. Nesse sentido, ainda que tal aspecto não esteja presente na *PNPSR* é necessário apontar que as diferentes atividades e até mesmo a sua diversificação pode apresentar diferentes ritmos na cidade, assim como, o próprio desejo/necessidade de buscas por alternativas junto às próprias práticas laborais e de aquisição de recursos.

3%
☐ Uma (39)
☐ Duas (41)
☐ Três (17)
☐ Quatro (3)

Gráfico 5 - Diversificação das atividades laborais ou de aquisição de recursos, segundo os entrevistados nos últimos sete dias

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

¹¹⁶ A ausência de documentos que comprovem um endereço fixo dificulta a abertura de contas bancárias, além de gerar a desconfiança ou o preconceito do possível empregador.

Com base no gráfico é possível notar que, uma parte dos entrevistados possui um caráter altamente especializado, o que acaba por estabelecer um forte vínculo espaço-temporal em torno de uma única atividade. Por outro lado, outros veem na diversificação das próprias atividades uma forma de assegurar recursos provenientes de diferentes formas, com base nos diferentes movimentos e ritmos espaço-temporais da própria cidade. Por fim, um último aspecto se insere, a partir das lógicas de mobilidade vinculada ao trabalho e a aquisição de recursos.

Somente no Centro (75)

Centro e Zona Sul (10)

Somente na Zona Sul (10)

Somente na Zona Norte (3)

Centro e Zona Oeste (1)

Centro e Zona Norte (1)

Gráfico 6 – Atividades laborais, aquisição de recursos e Mobilidade Espacial

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

A partir do gráfico, é possível notar que a área central se constitui como uma importante referência espacial para a questão laboral e a aquisição de recursos, demonstrando a própria importância e centralidade diferencial deste recorte espacial em relação às oportunidades para esta população. Entretanto, essas mobilidades e práticas extrapolam esse próprio recorte da área central, tendo em vista que, 28% dos entrevistados (25) realizaram deslocamentos com esses fins, para outras setores/zonas da cidade.

Assim, a partir de alguns elementos relacionados às práticas laborais e a de aquisição de recursos, é possível demonstrar o forte caráter ativo, ainda que marcado por uma série de distintas estratégias e práticas cotidianas desta população e suas espacialidades na área central da cidade do Rio de Janeiro.

4.1 - "Garimpando": entre territorialidades itinerantes e mobilidades territorializadas

Garimpar é uma expressão recorrente no vocabulário da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. No sentido literal da palavra, o seu significado está vinculado à atividade de exploração de pedras preciosas, mas também de qualquer atividade que busque meticulosamente algo de valor em algum lugar.

Ao associar o vocabulário deste segmento populacional com a materialidade dos aspectos cotidianos emerge um complexo sistema de significados e de dimensões espaciais, pois esta "atividade de mineração" é praticada entre calçadas, caçambas e latas de lixo, locais onde tais materiais são descartados e depositados nos espaços públicos. Assim, os resíduos não aproveitados e, portanto, sem importância, tornam-se a principal fonte de renda de uma parte desta população¹¹⁷.

A atividade de coleta de materiais recicláveis envolve uma série de aspectos, como a especialização dos tipos de materiais a serem coletados, os padrões de mobilidades e as territorialidades produzidas através das próprias ações nos espaços públicos. Nesse sentido, durante a pesquisa foram observadas duas grandes tendências na organização da referida atividade e suas respectivas associações com a dimensão espacial, que foram denominadas de *territorialidades itinerantes* e de *mobilidades territorializadas*.

A primeira delas pode ser sintetizada a partir da imagem de um homem com um saco plástico nas mãos caminhando pelas ruas da cidade. Ele se aproxima de cada lixeira, olha no seu interior ou introduz diretamente seus braços em busca de algum material. Mesmo com todos os riscos envolvidos, revira e vasculha os sacos de lixo ou recolhe determinados materiais que foram jogados no chão pelos transeuntes.

Estes corpos em mobilidade, cada vez que se abaixam para aumentar os seus ganhos produzem um ruído do choque das latas contra o solo, chamando a atenção, e, até mesmo, gerando o espanto por parte daqueles que cruzam suas trajetórias pela

¹¹⁷ É interessante salientar que a prática da coleta de materiais recicláveis como um meio de aquisição de recursos não se apresenta como uma possibilidade para a população em situação de rua em muitos países. Estas impossibilidades são os resultados das políticas públicas de gestão de resíduos, muitas vezes, controladas por empresas que inviabilizam a venda por meio de ações individuais.

cidade. Assim, este conjunto indissociado de imagens, sons, movimentos e ritmos decorrentes da coleta de materiais recicláveis por esta população se caracteriza como uma marca na paisagem da área central da cidade do Rio de Janeiro.

De um modo em geral, esta prática costuma ser extremamente individual, ainda que tenha sido observada a presença de algumas duplas, seja formada por casais ou por pessoas com fortes vínculos de amizade que se estendem, inclusive, para as dimensões laborais da coleta de materiais recicláveis.

Durante a pesquisa, foi constatado por meio da observação, que esta prática está presente em toda a área central, mas é intensificada, principalmente, ao cair da tarde, quando centenas de indivíduos se dedicam, especialmente, no setor comercial e financeiro da área central.

Assim, um primeiro movimento para a realização desta atividade é conseguir um saco para carregar os materiais recolhidos¹¹⁸. Diante desta busca, alguns se deslocam para os ferros-velhos existentes na área central, pois sempre ao final das coletas, além de venderem os materiais, também deixam os sacos utilizados no próprio local. Outra estratégia utilizada é a retirada dos sacos das próprias lixeiras públicas para tal atividade. Por fim, alguns entrevistados revelaram ainda, que em determinadas áreas do Centro, alguns estabelecimentos comerciais descartam grandes sacos que podem ser utilizados para esta atividade.

Sendo assim, a partir da obtenção destes recipientes, a atividade pode ser iniciada. Um segundo movimento é o deslocamento para as áreas de coleta. De fato, por meio dos diálogos e entrevistas, foi possível constatar que o conhecimento espacial por meio de experiências anteriores participa diretamente na área que será percorrida, assim como em toda a delimitação do circuito, desde o início de percurso até o local da venda do material.

¹¹⁸ Durante a pesquisa, nenhum dos indivíduos afirmou ter recipientes guardados consigo, e, portanto, realizavam uma busca diária para consegui-los.

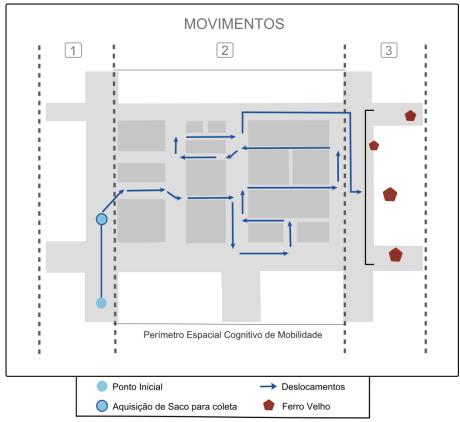


Figura 7 – Padrão de deslocamento dos catadores em itinerância

Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Produção Técnica) Grupo de Pesquisa Território e Cidadania.

É interessante notar que as decisões sobre estes circuitos também são reorganizados conforme os próprios ritmos da área central. Assim, de segunda a sextafeira, especialmente entre às 07:00 horas e às 19:00 horas, há uma dinâmica marcada pelo grande afluxo de pessoas, se diferenciando dos finais de semana, devido ao fechamento dos comércios, serviços e demais órgãos e instituições ganha outras orientações. A partir disso se desenvolvem outros arranjos espaço-temporais nos espaços públicos que ressignificam diretamente esta atividade específica, como pode ser observado a partir da sexta-feira na Lapa, nos períodos diurnos no Aterro do Flamengo e nas praias da Zona Sul. Acerca dessas trajetórias elucidam alguns entrevistados:

Minha rotina é pegar papel. Quando "dá" umas cinco horas, eu junto uma faixa de cinco a dez quilos. No outro dia, eu já tiro o café da manhã e o almoço do Garotinho. Eu pego na Rio branco, Uruguaiana, Rua do Rosário, Buenos Aires, Rua da Carioca, Largo São Francisco, Gonçalves Dias, Alfândega e Presidente Vargas. Eu não tenho ponto. Eu fico rodando e trago pro um local e amarro. Em média dá uns 15 a 18 reais. (Ignácio, 57 anos).

O senhor tem feito algum trabalho ou conseguiu algum dinheiro? Eu cato latinha e papelão. Hoje, o senhor já fez algum trabalho? Sim, fiz. Eu catei umas latinhas e ganhei dois reais. No Centro? Foi na Cinelândia, Carioca e Praça XV; Começou que horas e terminou que horas? Este negócio de catar

latinha começa depois que o pessoal começa a almoçar, depois de meio-dia. Aí eu vou pra rua. Foi de meio dia até umas duas e tal. *Todo dia o senhor cata latinha?* Todo dia. *Hoje, o senhor conseguiu dois reais. E ontem?* Mais ou menos uns três a quatro contos. Varia também o dia da semana. De segunda a quinta é uma coisa, mas a partir de sexta-feira aqui na Lapa já tem muita latinha. *E nestes dias?* Aí já é entre 15 e 20 reais. Se tiver um tempo bom, a gente também parte pra lata. (Guilherme, 57 anos).

Eu vou trabalhar daqui a pouco. Catar *pet*, papel, lata, papelão. Hoje eu só faço Castelo. Começo na Praça dos Professores e vou até o Teatro Municipal. Começo hoje as 16:00 até umas 21:00. Eu faço em média, uns 40 até 50 reais. Ontem eu fiz este mesmo trabalho. Vou pra lá também, por que foi bom. Eu acho legal. Eu não gosto de pedir dinheiro não. Dinheiro só trabalhando. Eu morro de vergonha de pedir dinheiro pro outros. Tá maluco! (Hamilton, 38 anos).

Ontem eu fiz uma reciclagem. Foi na altura da Lapa, Gamboa, no Bairro de Fátima, Largo da Carioca, Candelária e Central do Brasil. Estas intermediações. Eu comecei era nove e meia da manhã e terminei já era umas duas horas da tarde. Pra ganha pouco. Nesta brincadeira foi 8 reais. Tem uma galera que consegue mais por que rouba cobre. Tá entendendo? Lógico, se eu ver um rolo de fio de cobre eu vou pegar. (...) O final de semana eu estava fazendo correria, eu estava catando lata. (...) Eu tinha ficado na sexta, sábado e domingo no Aterro do Flamengo. Ali dá muita lata e muita *pet*. (Salomão, 36 anos).

Ainda em relação à mudança de ritmos, cabe destacar como os eventos esporádicos rompem com a dinâmica ordinária destas atividades, principalmente aquelas relacionadas à coleta das latas de alumínio. Assim, a ocorrência de manifestações políticas, desfiles, shows, comícios e eventos religiosos na área central ou em suas proximidades reorganizam a espacialidade desta prática por esta população, especialmente por que estes eventos são fontes importantes de recursos excepcionais.

Você vai trabalhar hoje? Hoje não. Ontem, você fez algum tipo de trabalho? Ontem eu catei latinha. (...) Quais foram as ruas? Bom, dias assim, de ensaio no Sambódromo. Ah então você vai para o Sambódromo? Sambódromo. No dia de ensaio? Isso. Só quando tem alguma festa em algum canto assim, no MAM (Museu de Arte Moderna), quando tem alguma festa. Entendi. E na área do Centro você faz? Não, faço não, na área do Centro não faço não. Então você faz mais nos lugares que tem evento? Mais nos lugares que tem evento, essas coisas assim. E como é que você fica sabendo desses eventos? Sempre eu compro um jornalzinho ali, sempre vem no jornal. Sempre vem alguma coisa no jornal. Aí você "fica ligado"? É. Aí eu fico ligado já. (...) Você cata durante quanto tempo? Durante mais ou menos, umas seis, sete horas. Começa, mais ou menos, umas sete horas da noite às oito horas e vai até duas horas da manhã no máximo. Dá uns 40 reais. (Eduardo, 24 anos).

Retornando à lógica ordinária dessas ações, além dos próprios aspectos que envolvem as escolhas sobre as áreas que serão percorridas e os circuitos dentro destas próprias áreas, é interessante destacar as diferenciações de cada um dos projetos relacionados com esta atividade, para cada um destes indivíduos. Assim, enquanto

alguns a realizam diariamente, incluindo os finais de semana, outros possuem uma periodicidade inconstante e a própria atividade possui um peso pouco significativo em suas vidas.

Assim, enquanto alguns entendem que o dinheiro desta atividade se caracteriza como um *desejo/necessidade* imediato para a aquisição de algo, para outros, este aspecto possui menor importância, principalmente, porque possuem outras fontes de renda. É importante destacar que alguns têm na coleta de materiais recicláveis sua atividade principal, outros como atividade complementar e, ainda, há aqueles para os quais ela se configura como uma atividade esporádica.

Neste sentido, a venda nos ferros-velhos é um aspecto fundamental no interior das relações e suas mobilidades. Levando em conta a relativa oferta destes espaços, alguns sujeitos constroem fortes vínculos pessoais com funcionários e vendem seus materiais somente para um único ferro-velho.

Hoje, eu estava ali pra fazer biscate. Eu sempre cato latinha, mas tem muita gente. Eu catei pela área do Centro mesmo. Eu começo pela Regente Feijó. Aí da Feijó, eu sigo em direção daquela parte da Lapa e do Aterro e aí vou pra li. Ali eu cato e tem um ferro-velho por ali, onde o cara é legalzinho, o rapaz atende bem e não te explora. Eu vendo ali. É assim: às vezes eu tô com fome, aí eu começo a catar latinha. (Isaac, 30 anos).

Entretanto, o preço pago pelos materiais também é um fator decisivo para a grande maioria. Vale destacar que entre os próprios indivíduos ocorre a troca de informações sobre os valores e os locais que estão pagando mais no momento. Assim, gera-se uma constante reorganização da mobilidade espacial, que depende principalmente das relações pessoais, das diferenças pagas em determinados momentos nos ferros-velhos e a quantidade de dinheiro ao final de uma jornada de trabalho.

Outro fator importante é que alguns dos ferros-velhos, devido ao grande volume de materiais que chegam aos locais, não possuem dinheiro para pagar esta população no momento exato da venda. Este fato marca uma diferenciação entre aqueles que aceitam um crédito¹¹⁹ que poderá ser resgatado depois de algumas horas e aqueles que necessitam imediatamente do dinheiro, obrigando assim, a realização de um novo

¹¹⁹ Em alguns ferros-velhos ocorre a distribuição de um papel com o valor e a assinatura do responsável. Dessa forma, o sujeito poderá resgatá-lo quando chegar a remessa de dinheiro para o ferro-velho ou quando o próprio sujeito sentir a necessidade de resgatar o valor obtido.

deslocamento até algum outro ferro-velho que pague imediatamente no momento da venda¹²⁰.

Legenda:
Localização de
Ferros- velhos

€ Ferro - velho

Imagem 3 – Localização dos Ferros-velhos na área central

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

Sobre a localização dos ferros-velhos, é interessante notar a posição periférica destes lugares junto à área central, pois mais de 50% destes lugares estão concentrados em uma área bastante degradada próxima à área da Central do Brasil. Ainda sobre estes estabelecimentos, apenas um destes lugares permanece aberto 24 horas por dia. Entretanto, alguns indivíduos optam por dormir com os próprios materiais e esperam até o amanhecer, quando podem escolher o estabelecimento que melhor se adeque aos seus interesses.

⁻

¹²⁰ Independente das diferenças entre os ferros-velhos, um elemento em comum é a desconfiança das balanças de pesagens. Para os catadores, estas balanças estão "viciadas", pois uma mesma quantidade de materiais pode representar pesos diferentes. Todavia, os mesmos afirmam não poder comprovar tal acusação. Sobre este aspecto, alguns catadores afirmam que não podem mais vender seus materiais em alguns ferros-velhos devido a discussões e a acusação dos responsáveis de ladrões.

Cabe frisar uma particularidade sobre a prática do "garimpo": aqueles que dedicam na busca por objetos pessoais. Assim, uma pequena parte desta população realiza a procura de roupas, sapatos, brinquedos, livros, carregadores de bateria ou quaisquer objetos nos sacos de lixo que possam ser vendidos no "shopping chão"¹²¹.

Este tipo de prática diversificada envolve uma estratégia diferenciada em relação aos especialistas em materiais recicláveis, pois é necessária a minuciosa abertura dos sacos, seguido da decisão sobre a potencialidade da venda dos objetos. Cabe reforçar que este perfil de catadores realiza a prática do "garimpo" somente no período noturno, pois comercializam os seus objetos no período diurno. Desta maneira, ao término do "garimpo" noturno, o material reciclável é vendido e são guardados os objetos para serem comercializados pela manhã no "shopping chão".

Existe ainda um conjunto de práticas tão particulares que parecem beirar o infinito, principalmente pelo seu caráter improvável e atípico por meio da atividade de coleta, ainda que nem seja de materiais recicláveis. Uma destas práticas foi identificada por meio de um diálogo ocasional, no qual um homem afirmou recolher garrafas vazias de água mineral que estivessem em ótimo estado, inclusive com os rótulos, para um esquema de adulteração e venda de garrafas de água mineral na própria área central.

Ainda no âmbito de práticas extraordinárias e, até mesmo, assumindo um caráter anedótico, um sujeito revelou que capturava pombos, principalmente de cor branca e os vendia a cada quinze dias para algumas casas de religiosidades e de animais na cidade do Rio de Janeiro¹²². Algumas destas atividades possuem uma lógica tão particular que parecem ser reproduzidas somente em uma escala individual e um dado recorte específico e a sua relação direta com o próprio fenômeno da população de rua.

Por fim, levando em consideração as espacialidades gerais das práticas cabe ressaltar que, para cada mobilidade individual, se acumulam centenas de outras mobilidades similares e cruzamentos de trajetórias às quais produzem uma lógica

O "Shopping chão" se caracteriza como um espaço organizado por meio de pequenas unidades informais de comércio de objetos usados. Nesta atividade, os produtos são postos diretamente no chão e vendidos a preços muitos baixos, principalmente ao longo da Rua Senador Pompeu. Parte significativa dos trabalhadores deste local está em situação de rua.

¹²² O mais interessante neste caso, além da própria atividade, o caráter técnico da captura, que era feito com as próprias mãos e a ocorrência desta prática em uma área de grande visibilidade na área central, era o fato de não chamar qualquer atenção dos demais transeuntes que passavam pelo local.

territorial em movimento. Certamente estas territorialidades não podem ser pensadas como um aspecto de controle ou domínio absoluto de uma área, mas sim por meio de uma corporalidade de repetições, ritmos e com base no movimento e sua influência espacial junto a um fenômeno (SACK, 1986, p.19).

Assim, estas territorialidades em movimento representam geograficamente para a vida cotidiana de alguns destes sujeitos uma espécie de "trunfo" relacionado ao espaço (RAFFESTIN, 1993, p.47) frente às adversidades vividas, principalmente em relação a recursos materiais. Pensando na particularidade da coleta de materiais recicláveis em movimento e à luz das contribuições teóricas acerca do território, Bonnemaison (1981, p.253-254) *apud* Haesbaert (2004, p.280) aponta que,

(...) um território, antes de ser uma fronteira, é primeiro um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. (...) A territorialização (...) engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade, em outras palavras, tanto os itinerários quanto os lugares.

Estas territorialidades em rede se sobrepõem e participam em sua respectiva escala, do controle e dos fluxos de resíduos recicláveis na área central, mesmo sem possuírem um domínio com base na exclusividade. Neste sentido, de modo efêmero, flexível, fluído e descontínuo, tais territorialidades têm na interconexão entre os pontos, nas repetições das ações, ainda que não coordenada em conjunto por aqueles que produzem esta configuração espacial, uma dinâmica extremamente complexa e com pouca visibilidade em sua totalidade, mas que estão sincronizadas e circunscritas cotidianamente nos espaços públicos.

De um modo bastante diferenciado se apresenta um segundo grande padrão espacial vinculado à atividade da coleta de materiais recicláveis, intitulado como *mobilidades territorializadas*. Como síntese maior deste padrão, caracteriza-se a expressão "n*inguém mexe não*", que foi repetida inúmeras vezes pelos sujeitos envolvidos nestas práticas.

De fato, todo território tem uma história (HAESBAERT, 2004) e na rua não é diferente. Sendo assim, se o movimento que produz uma territorialidade em rede se configura como uma das formas de organização espacial da coleta de materiais

recicláveis na área central da cidade do Rio de Janeiro, existem também algumas áreas dominadas fortemente sobre um regime de exclusividade¹²³.

Alguns estabelecimentos, como escritórios e lojas comerciais, descartam ao final dos dias laborais, grandes quantidades de papelão e de papel branco. Diferentemente das poucas e dispersas latas de alumínio, garrafas *pet* ou caixas de papelão postas nas calçadas, esta dinâmica envolve "a queda" de centenas de quilos em uma pequena área que é transformada em um território. O domínio destas áreas normalmente não é controlado por lógicas individuais, mas sim por pequenos grupos, que a partir de relações de poder dominam o espaço (SOUZA, 1995; RAFFESTIN, 1993).

Neste sentido, foi possível observar em determinadas ruas e avenidas da área central a organização de duplas ou mesmo de grupos com até cinco pessoas que controlavam exclusivamente uma área e, ao mesmo tempo, permaneciam integrados em uma forma específica de mobilidade espacial. Esta lógica espacial ocorre devido a enorme quantidade de materiais, seja em relação ao peso, volume e ao próprio deslocamento, que não pode ser realizado por meio de bolsas ou com as próprias mãos. Assim, a presença de veículos improvisados, chamados popularmente de "burrinhas" se inserem nesta dinâmica sócio-espacial.

De fato, estas mobilidades são produzidas por meio de lógicas espaço-temporais bastante específicas para a realização de suas ações, que se circunscrevem especificamente ao cair da tarde. Neste período, os estabelecimentos comerciais e os escritórios colocam o "lixo pra fora", se configurando como o momento de chegada para a coleta. Diante deste quadro é produzido um primeiro deslocamento do local onde estes veículos estão guardados até a área em questão. Entretanto, cabe ressaltar que, em grande parte, estes veículos não estão sob o controle destes sujeitos.

Um primeiro motivo relacionado a este aspecto se configura pelas perseguições das autoridades do Estado, pois estes veículos não possuem qualquer regulação, além de impactar o caótico sistema de circulação viária da área central, devido à baixa velocidade, os tipos de trajetórias realizadas e suas permanências nas vias públicas, fatores que dificultam a mobilidade dos veículos e pedestres. Assim, há forte

¹²³ Cabe destacar que a prática da coleta de materiais recicláveis não se caracteriza como a única forma de controle espacial territorializada com base na aquisição de recursos. Estas lógicas espaciais também estão presentes nas atividades de prostituição, no domínio de "pontos" de flanelinhas (guardadores de carro) e de modo auxiliar nos "pontos de taxi" no Bairro da Lapa.

fiscalização, inclusive com apreensão destes veículos, que raramente são recuperados pelos seus respectivos proprietários. Pela própria força da lei e da localização destes depósitos, muitas vezes, extremamente afastados da área central dificulta o resgate dos proprietários¹²⁴.

Assim, os proprietários destes veículos temem o recolhimento dos mesmos pelas forças de controle urbano ou de serem roubados pela própria população em situação de rua enquanto estão dormindo. Deste modo, uma alternativa frente às adversidades existentes é a negociação entre os proprietários destes veículos e os donos de ferrosvelhos que permitem guardá-los no depósito, nos períodos que não realizam as atividades, mas em troca mantém uma relação exclusiva de venda.

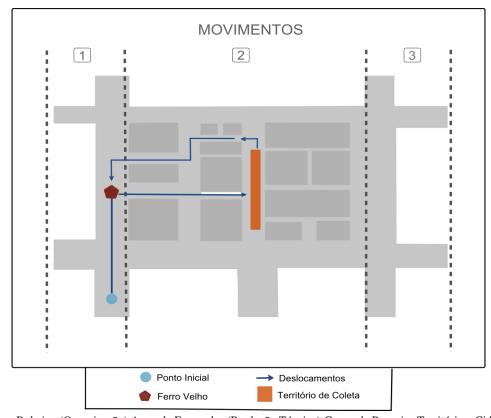


Figura 8 – Padrão de deslocamento dos catadores territorializados

Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Produção Técnica) Grupo de Pesquisa Território e Cidadania.

A exclusividade da venda também pode ser realizada por meio do empréstimo ou aluguel dos veículos que os próprios ferros-velhos possuem e disponibilizam para

172

¹²⁴ Em diálogos com alguns proprietários destes carrinhos, alguns deles, inclusive que não estão em situação de rua, afirmaram grandes dificuldades para o resgate destes veículos, pois além de documentações que comprovem a propriedade e alguns parâmetros legais para a sua utilização, a localização dos depósitos pode estar a dezenas de quilômetros da área central.

alguns as práticas de coleta e venda. Esta atividade possui, em sua mobilidade, os movimentos iniciais e finais no mesmo ponto e a consolidação de um circuito mais rígido, diferentemente dos catadores em itinerância.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o caráter duradouro dos territórios constituídos por e a partir destas práticas. A partir dos diálogos, foi identificado que alguns destes espaços são controlados por mais de 20 anos, ainda que os indivíduos envolvidos tenham se modificado ao longo do tempo¹²⁵. Assim, a presença de mais de um integrante pode ser pensada como um elemento material, mas principalmente simbólico, de proteção da área contra possíveis iniciativas concorrentes e em um sistema fortemente marcado pelas ideias de herança, hierarquia e pertencimento.

Acerca da proteção da área, é interessante notar a existência de acordos entre os envolvidos diretamente com a coleta e os seguranças ou zeladores dos edifícios onde estes territórios estão presentes. Assim, os "donos do ponto" têm, na figura destes seguranças e zeladores, um sentimento de proteção e a garantia da permanência e controle destes espaços. No entanto, existem outros aspectos relacionais em torno destes acordos. Assim, caso o sistema de coleta regular de resíduos municipais não passe por algum, estes seguranças ou zeladores pedem para que estes indivíduos retirem o lixo. Acerca destas relações em torno de um destes territórios da coleta de materiais recicláveis, elucida um dos entrevistados:

Eu faço as "minhas correrias" na Avenida Rio Branco. Metade da Rio Branco sou eu que faço. É do número cento e vinte e três até a entrada da Cinêlandia. É ponto antigo. Coleta de papel é muito antigo aqui no centro. As pessoas tem ponto certo. No meu ponto eu já estou há quatro anos. Os rapazes que deixaram o ponto comigo estavam há mais de 20 anos. A reciclagem não é ruim não. Na reciclagem eu tiro 40, 50 reais todo dia. No mínimo. Tem muito pai de família que trabalha o mês inteiro e não ganha isto. Pode variar, até 200 reais por dia. Mas aí tem uma obra no prédio e desce ferro, tem cabo de rede. Eu queimo e é cobre. Se Deus abençoar, consegue. (...) Eu faço de segunda a sexta, porque sábado e domingo não cai papel. O meu carrinho fica guardado na Leandro Martins. *Você tem burrinha ou você aluga o carro?* Eu tenho uma burrinha. Comprei por 300 contos. *Esse é o preço em média?* Né nada. Peguei barato. Tem carrinho de 800 e até mesmo de 1000. O Centro do Rio é valorizado. (...) Eu pego só no meu ponto. Eu tenho que dar exemplo,

A mudança dos indivíduos em um mesmo território ocorre principalmente por que os antigos "donos do ponto" conseguiram sair das ruas, migraram para outra cidade ou simplesmente morreram. Assim, a vaga no ponto é concedida por meio de amizade, normalmente estabelecida nos lugares de permanência que os indivíduos estejam vinculados. Por outro lado, não foi detectada nenhuma mudança a partir de relações de disputa e conquista de territórios na área central ao que se refere aos territórios de materiais recicláveis.

porque senão os outros vão querer aloprar na minha área. De vez em quando tem uns "abusadinhos". Eu dou o papo, eu sou educado. Eu chego e falo que eu estou fazendo isto já algum tempo. Se o maluco fala que lixo não tem dono. Aí eu já troco uma ignorância, mas nem precisa, porque tem os seguranças que já dá uma moral e não deixa ninguém mexer não. (Ivo, 25 anos).

Sobre este sistema de coleta ocorre também a existência de uma forte relação na própria dinâmica da mobilidade, principalmente relacionada ao conhecimento espaçotemporal de outras dinâmicas na área central. A coleta de lixo ocorre diariamente, mas sempre no período da noite. Os catadores de um modo em geral reconhecem no ritmo uma possibilidade, mas também um risco, pois a antecipação do serviço de coleta regular ou o atraso pessoal desde o deslocamento do ferro-velho até um destes territórios pode significar a perda de recursos de um dia inteiro de trabalho. Deste modo, os envolvidos com esta prática possuem o conhecimento das trajetórias dos serviços oficiais de coleta, gerando uma antecipação espaço-temporal, que não gere qualquer impacto sobre a potencialidade das áreas em questão. Como elucida um dos entrevistados:

Eu calculo o horário do lixo cair. É tudo regulado. Por exemplo, o lixo vai cair oito horas, então, tu tem que passar o mais rápido possível. Eu sei exatamente o horário que recolhem os lixos todinhos. Na Uruguaiana ali, o lixeiro cai 6 horas, por trás já cai as 8 horas. Tem que antecipar da comlurb. Por que se o gari¹²⁶ ver você mexendo no lixo dá confusão, eu mesmo, já caí na porrada com um deles no meio da rua. Eles querem discriminar os outros na rua por que é usuário, mas eu não aceito as coisas do meu irmão, eu vou aceitar dos outros na rua. A ideia é o seguinte: é eu correr o mais rápido possível pra não bater de frente com eles e antes deles. Quando eles vêm, eu já passei. (Danilo, 43 anos).

É interessante notar que este tipo de prática territorializada por meio de zonas se diferencia daqueles que possuem a organização espacial por meio da itinerância. Assim, por um lado, a aparente desordem individual destes sujeitos pelos múltiplos pontos é o que produz uma territorialidade em rede, por outro lado, no caso dos que possuem uma única área delimitada, a permanência espaço-temporal e os diferentes acordos são decisivos para a manutenção do território. Deste modo, para os que controlam estes territórios não se pode correr o risco de abandonar o "ponto", para não dar chance da possível chegada e permanência de outrem.

¹²⁶ Nome dado popularmente ao profissional que realiza a coleta regular do serviço de resíduos sólidos na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, ao término da coleta destes materiais ocorre o deslocamento para o ferro-velho, onde todo o material é pesado e convertido em dinheiro. Como parte final da atividade, é realizada a divisão entre os envolvidos e o veículo é guardado para o dia seguinte. A partir deste momento, são produzidas diferentes trajetórias, que passam a ser novamente individuais, pois os *desejos/necessidades* se diferenciam no quadro sócio-espacial da noite e estes territórios somente se materializarão no próximo dia.

Quadro 9 – Tipologia dos catadores de materiais recicláveis

Tipo de Catador	Especialização dos objetos e materiais	Espacialidade
Territorializados	 1.Especializados em Papel Branco; 2. Especializados em Papelão. 	Domínio de determinada(s) área(s) na própria área central (Contínua ou descontínua)
Itinerantes	1.Especializados em Latas de Alumínio; 2. Mistos de Recicláveis (Papel, papelão, lata e Garrafas Pets); 3. Mistos gerais (Materiais recicláveis e objetos - roupas, sapatos, livros, brinquedos, carregadores de celulares etc.).	Deslocamentos em trajetórias mais ou menos estabelecidas em um perímetro espacial. Estas trajetórias podem restringir-se ao Centro, assim como, transbordar a própria área central e também abranger partes da Zona Sul da cidade.

Fonte: Igor Robaina.

Com os processos de revitalização na área central da cidade do Rio de Janeiro e a consequente valorização dos imóveis, a tendência é que os degradados galpões e casarões antigos onde estão localizados os ferros-velhos deem lugar a outras atividades, acarretando no desaparecimento destes espaços ou o seu deslocamento para áreas mais periféricas da área central. Pode-se considerar, então, que serão produzidas novas lógicas espaciais, portanto, novas mobilidades em torno destas práticas, assim como, novas possibilidades na organização espacial da vida cotidiana desta população frente a este recurso tão importante e disponível nos espaços públicos.

Em relação a dimensões territorializadas, ainda foram observadas, mesmo que de maneira menos profunda, as territorializações produzidas por guardadores de carro. Esta prática marcada pelo controle de zonas, denominadas como *pontos*, principalmente em determinados horários e dias da semana, possui um caráter que envolve fortes hierarquizações e o caráter misto, na qual a população em situação de rua se articula e/ou disputa com outros indivíduos que não estão nesta mesma situação sócio-espacial.

A manutenção e o controle também são elementos de significativa importância nestes espaços, inclusive gerando significativos conflitos e ações de violência.

Na Xxxxx, eu começo nove horas da manhã e termino seis horas. Lá é dia sim, dia não. A noite é na Xxxxx. Começo mais tarde, na hora do teatro. trezentos por semana e trezentos e cinquenta na Xxxxx. Eu já estou naqueles pontos oito anos. O parceiro que tomava conta morreu. Aí ele deixou comigo. E tem um chapa que saiu de cadeia e que eu tô deixando ele me dá uma bola. (...) Tem vagabundo que chega e tenta botar uns carros. "Tu nunca pode dar" água pra camelo e nem carne pra leão. "Tu deixa" o cara botar um, aí "tu deixa" botar dois. Ele vê que o dinheiro tá entrando e pode te fazer alguma coisa. (nonato, 40 anos).

A prostituição masculina também é uma atividade presente no cotidiano de parte desta população, ainda que fortemente marcada pelos aspectos morais e estigmatizantes que são também reforçados entre os próprios sujeitos que realizam estas práticas. Assim, muitas vezes, a prostituição masculina entre a população em situação de rua possui um caráter sigiloso, pois o praticante busca não revelar para os demais esta atividade, pois grandes são os riscos de um possível isolamento, inclusive no interior dos lugares de permanência desta população.

Manguear é igual o programa, tem dia que você pede, pede e pede e não ganha nenhum real. Tem dia que você pede 10 centavos e a pessoa te dar 50 reais. Programa é a mesma coisa. Tem dia que você fica o dia inteiro e não consegue nada e outros dias, você mal sai na rua e têm vários, fica até cansado de fazer programa. É mais na central, porque tem mais movimentação. (Renato, 24 anos).

Assim, este conjunto de ação, que se diferencia tanto em relação à prática, mobilidade e relações produz lógicas espaciais com relações mais vinculadas com o controle como princípio das próprias estratégias para garantir o recurso e a atividade nos espaços públicos. Algo que possui algumas similaridades com as práticas de mendicância e suas espacialidades na área central.

4.2 – Mangueando: a mendicância como permanência simbólica de um fenômeno em movimento

- Oi amigão, tudo bom, boa tarde, não vou mentir pra você não. Eu estou passando necessidade, tô passando um tempo na rua, não tem como você me dar uma ajudinha aí? A senhora tem como me arrumar alguma coisa por que eu tô passando um momento difícil? Depende da sinceridade e do olhar. (...) Manguear é o momento. É o momento. Tem o *time*, por exemplo, ali foi a coroa que me conhece e chegou - *toma aí pra você comer*. Ela sabe e me conhece. Sabe que eu sou tranquilo e não sou de usar droga. Eu manguei

também, claro, Tem que manguear, se não manguear não tem graça; e quando tá a fim de beber uma, como é que vou fazer? Se não tem latinha e não tem nada? E se tu passar, eu vou chegar em você e peço pra beber mesmo. Às vezes tu tem que mandar um papo reto. Tem dia que eu arrumo até mais de cem reais, mas tem dia que não arruma nada. (Leonardo, 32 anos).

A prática da mendicância nos espaços públicos talvez defina a principal expressão material e simbólica do fenômeno da população em situação de rua, ainda que esta atividade não seja entendida como uma prática laboral *stricto sensu*. Distintos são os trabalhos que abordam, em variados níveis, o fenômeno da mendicidade (CASTEL, 1998; ESCOREL, 1999; GEREMEK, 1989; FABRE, 2013, MOLLAT, 1989; NEVES, 1983; SNOW e ANDERSON, 1998, STOFFELS, 1976), bem como diferentes são os aspectos que envolvem as suas práticas, perfis e temporalidades. Segundo Snow e Anderson (1998) a mendicância:

Trata-se de estratégias compensatórias de subsistência que são criadas ou buscadas na sombra do trabalho mais convencional devido à exclusão de mercados de trabalho existentes, porque a participação nesses mercados deixa de proporcionar uma remuneração de subsistência, porque a assistência pública é insuficiente ou porque essas estratégias proporcionam um meio mais confiável de sobrevivência. (1998, p.239)

A ideia de mendicância, como já apontado no primeiro capítulo deste trabalho, esteve historicamente associada às características ou configurações individuais que envolvem teoricamente dificuldades ou incapacidades para a sobrevivência individual (CASTEL, 1998) e aos próprios estigmas que legitimavam este tipo de prática. De fato, esta população tem sofrido mudanças significativas no próprio perfil, assim como na organização de suas próprias estratégias e práticas sócio-espaciais que se distinguem, em alguns casos, da dimensão clássica do fenômeno de outrora.

No caso da área central da cidade do Rio de Janeiro, a prática da mendicância é significada por meio da expressão *manguear*¹²⁷, entendida como um conjunto de estratégias e práticas que tem como fim obter algum tipo de recurso por meio de pedidos nos espaços públicos. De fato, a lógica dos pedidos na área central possui configurações bastante distintas e subdivisões que se relacionam com o tipo de estratégia vinculado à própria atividade e suas lógicas espaço-temporais.

¹²⁷ O Dicionário Eletrônico Houaiss define o verbo como "usar de artifícios, especialmente para obter o que se deseja; engodar, iludir".

Segundo a *PNPSR* (2008), no Brasil, 15,7% dos entrevistados possuía na mendicância a principal prática para obtenção de recursos. No caso da presente pesquisa, 39% dos entrevistados (43) realizavam pedidos, sendo que somente 9,2% dos mesmos (10) afirmaram ter nesta prática a única e exclusiva forma para a obtenção de recursos.

Inicialmente foram identificados três padrões temporais em relação à recorrência a desta prática. A primeira delas está vinculada àqueles aqueles que realizam esta prática de forma permanente e as tem como principal atividade para obtenção de recursos; aqueles que possuem uma regularidade em relação a esta prática, seja em relação aos dias da semana, horários e lugares, estabelecendo um ritmo espaço-temporal em torno desta atividade e, por fim, aqueles que as recorrem de modo eventual, ou seja, somente quando necessitam de recursos em algum quadro de caráter emergencial.

Sobre a espacialidade destas práticas, vale salientar que esta população mantém relações com outros perfis de pedintes que não estão necessariamente em situação de rua. É muito comum a forte territorialização de mendicantes profissionais em determinados pontos específicos da área central, como em frente de igrejas católicas, restaurantes, bancos e farmácias. Nesse sentido, algumas destas áreas são transformadas em territórios por possuírem grande importância para os mendicantes e gerarem tensões, conflitos e até mesmo violências provocadas por qualquer tipo de nova aproximação. Nesse sentido, esse primeiro padrão espacial por meio desse tipo de prática que está fortemente vinculado ao caráter de fixidez e permanência em um determinado ponto para a sua realização.

Diante desse quadro, foi possível observar o caráter de fixidez e permanência desta prática, em torno de áreas de grande circulação e fluxos de pessoas. Também foi possível identificar por meio da observação e alguns diálogos realizados, a ocorrência de uma fixidez e permanência espacial destes sujeitos em locais de grande e permanente afluxo de pessoas, como nas saídas das estações de metrô, terminais rodoviários e a estação hidroviária da área central.

Entretanto, existe outro padrão espacial que está vinculado às estratégias de mobilidade. O primeiro deles identificado durante a pesquisa se configurou por meio da produção de circuitos espaciais. Estes dois circuitos foram identificados a partir da ação desta população em torno dos pontos de ônibus e dos bares, lanchonetes e restaurante.

O Primeiro deles, ou seja, em relação aos pontos de ônibus, os sujeitos com algumas moedas na mão se aproximam daqueles que aguardam os seus respectivos transportes pedindo qualquer tipo de ajuda e com o discurso da necessidade de retornar para casa ou mesmo, para poderem comprar algum alimento.

Ao termino dos pedidos em um primeiro ponto de ônibus, o mesmo se desloca para o ponto seguinte, e assim sucessivamente, mas tendo um raio de ação para esta prática, que normalmente retorna ao seu ponto inicial depois de um determinado período. Nesse sentido, estes sujeitos produzem um circuito espacial de um conjunto de pontos e com um determinado ritmo especifico, de modo que ao reiniciarem este mesmo circuito por uma segunda vez, provavelmente, nenhum daqueles que foram abordados inicialmente estarão mais presentes.

O Segundo circuito está vinculado a partir dos pedidos em bares, lanchonetes e restaurantes. Diferente do retorno para a casa, a justificativa central é a fome e o pedido está relacionado com a compra do alimento. Assim, determinados recortes espaciais na área central, devido a maior concentração destes estabelecimentos se tornam privilegiados para a realização desta prática, demonstrando o próprio caráter de seletividade das ações desta população na organização espacial da vida cotidiana.

Segundo os entrevistados e alguns diálogos realizados, a prática deste circuito específico pode gerar alguns eventuais transtornos, pois, ao invés da obtenção do dinheiro como objetivo central do pedido, podem receber a oferta do próprio alimento como resultado da solidariedade alheia, gerando fortes tensões e constrangimentos. Assim, alguns destes sujeitos são deparados com a oferta do alimento e não do dinheiro e devido a uma questão moral, se sentem constrangidos em negar a ajuda, ainda que não consumam o alimento no exato momento e saiam imediatamente do local.

De modo distinto, outro padrão espacial que envolve a prática da mendicância e não está vinculada à produção de um circuito estabelecido com uma ordem entre pontos é estabelecido por meio da definição de um perímetro específico e a realização de pedidos de modo abrangente no interior da área. Assim, opta por uma lógica de mobilidade em uma área restrita de ação como estratégia para obtenção de recursos. Acerca das configurações espaciais da prática do manguear:

Eu também peço. Dou uma "mangueadazinha". (...) Eu chego em qualquer um e falo. Se eu ver que ele vai comprar alguma coisa, eu chego e falo: Ai sangue bom, um minuto de sua atenção. Eu não sou daqui, não tem como você me arrumar alguma coisa? Ás vezes é dinheiro, Às vezes é comida. Mesmo se eu não tiver com fome, eu pego e guardo. Em algum momento a fome vai voltar de novo. (Osvaldo, 28 anos).

Eu vou lá na Lapa. Arrumo um dinheiro lá, que lá é meu lugar de arrumar dinheiro. *Você "cai" lá na Lapa?* Lá eu peço dinheiro, tiro trinta, quarenta reais, rápido. Isso é rápido. Se eu demorar, arrumo cem num dia, duzentos. *Como você consegue?* Pedindo, de vinte em vinte centavos, nego me dá cinco, me dá dois, tem uns que dá cinco centavos, mas a maioria da um real, dois. *Então, tu costuma pedir na Lapa?* Na Lapa. *Como é que tu chega pra pedir dinheiro? Qual o esquema? A estratégia?* Chega assim: - "Guerreirão", boa noite! Desculpa está incomodando o senhor, guerreiro! Pô, o amigo é que eu tô cheio de fome. Num quero nem muito não. Será que senhor tem condições de inteirar com vinte centavos pra mim comer alguma coisa? Tem uns que dá comida, às vezes eu não tô com fome e dou pro outros. Quero fumar. Às vezes eu tô com fome e como. Às vezes me dão dinheiro pra mim comprar, eu guardo dinheiro e sei que vou arrumar mais comida na frente. É assim. (Carlos, 19 anos).

Deste modo, além dos aspectos temporais e espaciais, os aspectos vinculados às dimensões interacionais participam diretamente deste processo. Não restam dúvidas que os sucessos destas práticas são possíveis, porque esta população reconhece os códigos, imaginários e as representações produzidas sobre eles e dos lugares já consolidados em torno desta atividade. Os conhecimentos sócio-espaciais se tornam um importante suporte para a obtenção de recursos por meio dos pedidos. Este fato acaba produzindo diferentes lógicas relacionadas às estratégias de abordagem. Foi possível identificar dois grandes perfis. O primeiro está vinculado a uma dimensão clássica da piedade e da compaixão do próximo e o segundo relacionado às configurações de coação que envolve o medo na própria cidade.

Independente da dimensão espaço-temporal e das representações relacionados a própria prática dos pedidos, estes comportamentos frente às abordagens se definem como centrais na lógica de organização dos pedidos. De maneira tradicional, muitos daqueles que realizam estas práticas apresentam um comportamento de submissão, jugo e docilidade no sentido de afetar os sentimentos de piedade dos transeuntes na área central. Conforme elucida um dos entrevistados a seguir:

É chegar e falar a história triste: Eu tô no abrigo, por que não tenho onde ficar, onde morar e estou desempregado. As pessoas começam a falar que vão buscar um emprego pra mim. Tô buscando um emprego, mas tá difícil. A pessoa começa a ficar triste. Ás vezes, eu nem peço dinheiro. A pessoa que chega e dá o dinheiro. Eu já falo que eu não uso droga. E as pessoas que me dão, falam que se descobrir que eu uso drogas, não me dão mais. (...) Ontem mesmo foi lá na Xxxx. Eu conheço muita gente aqui no Centro. Até porque eu já trabalhei na Xxxxx. Quando chega próximo ao período de pagamento,

eu apareço. Às vezes, as pessoas quando me veem e perguntam: *Como você está? Oi tá sumido?* E eu já começo a manguear (Marcos, 38 anos).

De fato, inúmeras são as histórias que buscam impactar e sensibilizar os transeuntes neste processo de interação social. Todavia, como resultado da grande quantidade de pedintes na área central e, principalmente, por serem especificamente do sexo masculino e, muitos deles, aparentarem condições para a realização de atividades laborais convencionais esta estratégia necessita ser repetida inúmeras vezes para a obtenção de algum sucesso. Assim, devido às recorrentes recusas, e até mesmo humilhações públicas por parte dos transeuntes, parte desta população se nega a realizar pedidos a desconhecidos.

Eu não peço não. Uma vez fui pedir dinheiro e o cara falou pra mim: *toma vergonha, um cara forte deste, cheio de saúde, vai trabalhar*. Fiquei com a cara grande, cheio de vergonha. Cheio de vergonha mesmo. (Paulo, 57 anos).

Eu tenho vergonha de pedir dinheiro. Eu pedi uma vez um pão pra comer e o cara falou alto e todo mundo escutou: *Porra*, *caralho*, *nego só vem me pedir dinheiro*. *Minha mulher morreu hoje!* (Ignácio, 57 anos).

Eu não tenho coragem de pedir nada. Uma vez que eu pedi pro cara pagar um café pra mim, o cara falou: *tu com este corpão aí. Vá buscar um trabalho!* (Isaías, 33 anos).

Outra estratégia relacionada a esta prática é marcada pelos próprios sentimentos de medo e violência na área central. A grande incidência de roubos, muitos deles, com uso de violência física faz com que a população que frequenta a área central fique bastante apreensiva. Assim, a população em situação de rua com base nestes conhecimentos se utiliza da surpresa como uma primeira estratégia deste tipo de abordagem. Foi observado, principalmente em alguns pontos de ônibus, que este tipo de aproximação foge, muitas vezes, de um contato visual inicial, ou seja, estes pedintes abordam os transeuntes sem que os mesmos estejam esperando. É interessante notar que esta estratégia se parece com algumas das estratégias utilizadas por assaltantes, ainda que o neste caso específico, a abordagem seja para a obtenção de recurso por meio do pedido.

Outro aspecto interessante se relaciona com as expressões corpóreas e da fala neste tipo de abordagem. Diferentemente do olhar humilde e de uma fala baixa, típica do mendicante, esta estratégia pode ser dirigida com um tom de voz imponente e com uma corporalidade agitada, jogando com as representações e imaginários do dependente de substâncias químicas e de um potencial assaltante.

De certo modo, este tipo de comportamento por meio da coação e da incerteza por parte do abordado coloca em dúvida se o que está ocorrendo é somente um pedido ou uma ação de roubo. Assim, grande parte dos abordados, como uma forma de se livrar da situação, concedem algum dinheiro para que o pedinte se afaste. Curiosamente, este tipo de estratégia pode ser realizado em dupla, intensificando ainda mais este cenário de medo.

Eu e meu colega, que 'tava' sentado ali. O de boné? Não, o de casaco e capuz. Ele parece ser gente boa. Ele é. Gosto dele pra caralho. Só que o foda é que ele não consegue chegar nas pessoas e falar, não tem uma educação. Já você é educado? É, eu acho. (...) Eu uso a cabeça. Quando eu chego perto de uma pessoa pra pedir dinheiro, rapidinho já olha na minha cara e vê que eu tenho cara de viciado, aí já pensa errado, aí quando eu quebro a pessoa pelo modo de falar, chegando perto de você. Ela já sabe que eu vou pedir dinheiro, porque pela minha aparência, você imagina que é de algum usuário de drogas. Rapidinho já olha assim pra mim, eu já mando aquele caô assim: "Não falei nada disso", mas é o que me aparenta, pra mim e qualquer outra pessoa. Aí já vou pedindo pra pessoa, nego me dá atenção e confiança. Quando a pessoa me dá confiança, aí conto minha história. Comecei, apertava mão, ia embora, levantava de carro. "Tu é um cara educado", outro dia o cara falou: "Não vai abusar, tu não vai pedir dinheiro?". Rapidinho botou a mão no bolso e deu 20 reais. Aí eu pensei: "Ah, esse é meu!". Depois de quase 10 minutos de conversa. (Beto, 24 anos).

É interessante notar que este tipo de estratégia se apropria da ideia de sobreposição de estigmas e da própria noção de medo vinculada à cidade, em que esta população é vista como suja, usuária de drogas e potencialmente capaz de realizar crimes violentos, caracterizando-se como um importante instrumento simbólico para a aquisição de recursos.

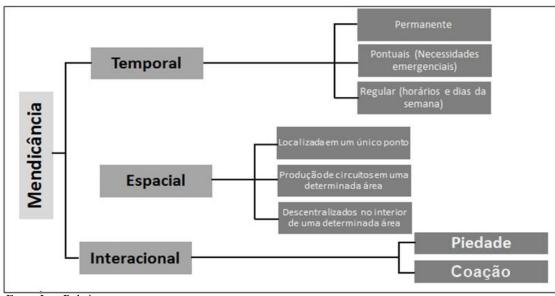


Figura 9 – Aspectos variáveis das práticas de mendicância

Fonte: Igor Robaina.

Por fim, é interessante notar que a prática da mendicância é bastante heterogênea, seja em relação à frequência temporal, a espacialidade e a estratégia de abordagem. Assim, desde aqueles que permanecem fixos em um determinado local, passando por aqueles que produzem circuitos por meio de pontos precisos e já estabelecidos até os que optam pela permanência em um determinado perímetro aponta para a importância e diferenciação do espaço na forma de organização desta atividade. Posto assim, mesmo que mais da metade dos entrevistados na área central não se utilize da mendicância para a obtenção de recursos, aqueles que recorrem a esta prática nos espaços públicos parecem optar por um forte processo de especialização, a partir do conjunto de variáveis possíveis, especialmente aquelas vinculadas às dimensões espaciais.

4.3 – "Vi um trabalho no meio do caminho, no meio do caminho peguei um trabalho": sobre imprevisibilidades e oportunidades nos espaços públicos

Nada é certo na rua. Tudo é uma incerteza. Eu não tenho como te falar. Tudo é uma surpresa. Do nada, aparece uma pessoa e te pede pra fazer algo. Você não está esperando e aí aparece. (Silvio, 38 anos).

Você vai deitar pra dormir, você tem que pensar. Amanhã eu posso dormir e amanhecer chovendo. (Plínio, 38 anos).

Um terceiro aspecto que envolve as práticas laborais deste segmento não se compõe especificamente como um único tipo, mas sim, a partir de uma variedade significativa de possíveis atividades que tem como aspectos centrais: uma irregularidade e uma baixa previsibilidade espaço-temporal. Diferente das lógicas espaciais da coleta seletiva e da prática dos pedidos, que possuem padrões bastante definidos, ainda que marcadas por fortes disparidades internas, estas atividades com base na imprevisibilidade se caracterizam também como um elemento constituinte na organização espacial da vida cotidiana da população em situação de rua.

De um modo em geral, a população em situação de rua, ao realizar suas mobilidades, a partir de sua rede de lugares de permanência, pode se deparar com determinadas configurações momentâneas que garantem a realização de uma atividade e, consequentemente, a obtenção de algum recurso. Desse modo, algumas dessas mobilidades não são aleatórias, pois são estabelecidas em um determinado perímetro e seus respectivos deslocamentos. Entretanto, como resultado específico, essas

espacialidades se apresentam, mais uma vez, como o resultado do encontro de trajetórias (MASSEY, 2008).

Desse modo, como resultado dessas convergências, a população em situação de rua se depara com pequenas atividades pontuais que, na maioria das vezes, tendem a não se repetirem do mesmo modo e nos mesmos lugares. De fato, ao longo da presente pesquisa foram identificados três padrões espaciais relacionados a estas atividades laborais efêmeras iniciadas nos espaços públicos.

A B C

Sujeito Oportunidades laborais e atividades

→ Deslocamento → Ofertas

Figura 10 – Padrões espaciais de imprevisibilidade laborais

Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Produção Técnica) Grupo de Pesquisa Território e Cidadania.

Em síntese, estes padrões podem ser definidos como:

A) Trajetórias de imprevisibilidade de encontro

Estas trajetórias são resultados da total imprevisibilidade, em que o sujeito é abordado em mobilidade no próprio espaço público para a realização de uma atividade laboral.

B) Trajetórias de buscas na imprevisibilidade

Esta trajetória se configura de modo *stricto sensu* como uma *trajetória de possibilidade*. Assim, o próprio sujeito é o responsável pela ação de produzir trajetórias de deslocamentos, mais ou menos definidas, em busca de alguma situação ou oportunidade laboral.

C) Trajetórias de capturas referenciais

Esta trajetória é marcada pela espera em um lugar de permanência já estabelecido para a oferta de pequenos trabalhos pontuais por empregadores que necessitam de ajudas emergenciais de serviços de baixa qualificação.

No primeiro tipo de mobilidade, a população em situação de rua pode ser abordada durante o seu deslocamento, sendo então proposta uma atividade com compensação financeira. Nesse sentido, a demanda existente ao longo do percurso captura a trajetória dos sujeitos em mobilidade. É interessante notar que a própria trajetória original é interrompida e a mesma poderá ser retomada em um momento posterior. Sobre a dimensão eventual destas atividades, elucidam alguns entrevistados:

Eu estava descarregando um caminhão lá. Na quarta-feira. Um caminhão de cerveja e água mineral. Comecei as três horas e terminei as cinco. Foi quinze reais, mais uma cerveja. Hoje eu descarreguei água mineral para um cara aí. Ganhei 5 reais. (Pepe, 26 anos).

Ontem à noite eu tirei uns entulhos e catei um papelão. Tinha uma obra lá na Uruguaiana. Começamos as sete até oito e meia. Pagaram 40 reais. Eu fiz os dois juntos. Ao mesmo tempo que tirava o entulho, e o que eu queria de papelão e metal, eu peguei. (Ignácio, 57 anos).

Além de catar lata, o senhor consegue dinheiro de outra forma? Não, porque eu não peço e não tem outro modo. Só se um amigo chama pra trabalhar em um carrinho ou alguém precisando de alguma ajuda. Hoje de manhã, por que eu sou viciado em cigarro e eu estava catando bituca¹²⁸ de cigarro. Porque eu estava sem cigarro, e tinha um amigo que é camelô, que me pediu pra eu levar o carrinho da Rua Riachuelo até o depósito e me deu 10 reais. (Guilherme, 57 anos).

Hoje eu não consegui nenhum real. Na segunda eu ajudei o cara botar uma areia pra baixo e ganhei trinta reais. (Osmar, 35 anos).

O segundo tipo está relacionado com a eventualidade de atividades laborais que ocorre de maneira contrária ao caso anterior, pois os sujeitos percebem nas próprias configurações espaciais uma possibilidade concreta e se oferecem para a realização da atividade. Deste modo, esta população se oferece para a possível atividade e busca negociar os possíveis valores para a realização da mesma.

É interessante ressaltar que este movimento também possui uma diferenciação interna, levando em consideração a capacidade dos próprios sujeitos, por meio de experiências anteriores, de perceber a possibilidade no próprio espaço. Acerca destes dois padrões de mobilidades:

_

¹²⁸ Caracteriza-se como a parte restante do cigarro ou charuto. Pode ser Conhecido também como *guimba*.

Eu fiz um trabalho pra uma mulher, dois dias, lá mesmo perto do Antares. Eu vi uma tijolada. E chamei a moça e perguntei se ela estava precisando. Ela falou que o pedreiro dela tinha sumido. Trabalhei dois dias, ganhei 150 reais. (Ismael, 52 anos).

Eu trabalho também com carrinho de camelô. Carreto de mercadorias. Estes carretos são vários. Praça XV, Carioca, Cinelândia. Pego os carros e levo pros depósitos, na Tiradentes, na cruz vermelha. Eu faço estes carretos, quando os caras faltam. É sempre antes de começar a minha jornada. Eu passo por lá e se faltar alguém, eles pedem pra mim. (Júlio, 29 anos).

Eu também geralmente, de vez em quando, eu descarrego um caminhão de bala, de água, ali na central também. O cara pagam bem. Sessenta reais. Meio dia nós tá com um galo¹²⁹ já no bolso. Sai uma carreta dessa aí de doze, isso aí é caixa levinha, você topa seis caixas. Não dá trinta quilos. Aí leva pra dentro da loja, mas né todo dia que pinta não (Gilberto, 21 anos).

(...) Domingo eu empurrei um carrinho e ganhei 15 reais. Ás vezes eles tão cansados da barraca por que trabalharam o dia interior e arrasta o carrinho até o estacionamento. Sexta-feira eu empurrei carrinho também. Foi 15 reais também. Eu pedi. A pessoa perguntou se eu queria o dinheiro ou o alimento, mas eu escolhi o alimento. (Leandro, 30 anos).

Ainda sobre as imprevisibilidades, o terceiro tipo de mobilidade espacial desta população é marcado pela própria lógica dos lugares de permanência. Desse modo, a perenidade do fenômeno nestes lugares passa a ser uma referência espacial para aqueles que buscam mão de obra barata, disponível e isentas dos direitos trabalhistas e sociais. Acerca desta configuração específica elucidam dois entrevistados:

Ontem eu descarreguei um caminhão de cimento. Foi lá na Uruguaiana, Em uma obra perto da igreja. Começou 14:30 até 18:00 horas. Ele pagou 60 reais. Quarta-feira eu fui no médico. Terça-feira não. Segunda-feira eu fiz nada também não. Sábado também não. Sexta-feira eu fiz. O cara chamou a gente pra descarregar areia lá no Morro da Providência. O cara foi lá no Campo de Santana pra oferecer trabalho. Foi de 9:00 da manhã até 18:00. Foi 130 reais. Era descarregar, encher e carregar areia. (Josué, 25 anos).

Domingo, eu trabalhei em uma parada que foi trinta reais. Foi uma distribuição de panfleto. Lá em Jacarepaguá. É um rapaz que busca a gente aqui no centro sábado e domingo. Paga trinta reais. É de 8:00 as 18:00; é uma loja. (Marcos, 38 anos).

Desta maneira, com bastante regularidade, estes sujeitos permanecem sentados à espera de uma eventual proposta. Assim, esta estratégia de permanência e visibilidade garante que os possíveis contratantes se aproximem e negociem os dias, os horários, as atividades e os valores. Foi constatado por meio dos diálogos realizados que, muitas vezes, estas esperas tornam-se frustradas, pois não ocorre nenhum tipo de proposta ou as mesmas não são atrativas, mesmo diante da vulnerabilidade e a necessidade

¹²⁹ Expressão referente a uma nota de cinquenta reais.

econômica na vida cotidiana desta população¹³⁰. Acerca dos aspectos de exploração e da própria posição social deste perfil de mão de obra, Snow e Anderson (1998) elucidam:

O que é mais imediatamente frustrante para o trabalhador morador de rua do que não receber benefícios, no entanto, é a possibilidade de receber menos que a remuneração negociada. A pessoa moradora de rua raramente está em posição de discutir a respeito dessa exploração (...).(SNOW e ANDERSON, 1998, p.212-213)¹³¹.

A imprevisibilidade destas atividades está associada às próprias configurações simbólicas e materiais que estão circunscritas aos próprios sujeitos. Assim, em sua maioria, estas atividades se constituem por poucas horas de trabalho e é marcada por uma excepcionalidade que dificilmente se repetirá da mesma forma e no mesmo lugar. Assim, ainda que algumas destas atividades durem alguns dias e o próprio contratado se torne uma referência em um determinado lugar pelos bons serviços prestados parece não alterar as possibilidades de ruptura com as dinâmicas das ruas.

Por outro lado, estão presentes outras lógicas espaciais fortemente vinculadas com base nos ritmos e expectativas futuras. Uma importante atividade laboral para a população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro se caracteriza por meio da montagem e desmontagem de infraestruturas provisórias no espaço urbano. Esta atividade exige um grande esforço físico e, portanto, não é realizada por todos aqueles que estão nesta situação. A primeira destas atividades se relaciona ao comércio informal de camelôs territorializados nos espaços públicos da área central e dos vendedores de bebidas, aluguel de cadeiras e guarda-sóis nas praias da Zona Sul.

Um primeiro aspecto que envolve esta atividade diz respeito ao caráter diferencial da espacialidade, pois aqueles que montam e desmontam barracas para os camelôs possuem suas atividades na própria área central, enquanto aqueles que trabalham nas praias devem se deslocar para a área vizinha ao centro. Além da mobilidade, existem diferenças significativas entre estas duas práticas em termos de temporalidades. Como aspectos comuns, é interessante destacar o movimento inicial, normalmente antes das sete horas da manhã, quando os mesmos devem se apresentar nos depósitos para retirar as barracas e os materiais.

Outro aspecto que os autores apontam está relacionado aos riscos que envolvem acidentes de trabalhos e a fuga de responsabilidade por parte dos "empregadores".

-

¹³⁰ Em diálogo com alguns indivíduos, os mesmos reclamam que ainda que estejam em situação de rua ocorre uma tentativa de exploração, pois os contratantes oferecem valores irrisórios para a realização de determinadas atividades laborais que demandam muitas horas, esforços físicos e riscos laborais.

Ao saírem dos depósitos com os materiais, os sujeitos devem montar as barracas e auxiliar na organização dos produtos. Neste momento ocorre uma segunda diferenciação. Normalmente, para aqueles que montam as barracas de camelôs, uma vez realizada a montagem e a colocação dos produtos, se encerra a primeira parte do trabalho, o qual será concluído somente ao final do dia, quando desmontam e carregam todo o material novamente para o depósito. Para aqueles que trabalham na praia, além de montar as barracas, devem buscar as cadeiras, os guarda-sóis, os produtos e iniciar a rotina de atendimento aos clientes, permanecendo na própria área de trabalho.

Aqueles que trabalham nas praias possuem uma jornada contínua, enquanto aqueles que atuam junto aos camelôs estão vinculados somente a prática de montagem e desmontagem, e, portanto, possuem um longo intervalo laboral, que possibilita a realização de outras atividades, inclusive laborais. Os sujeitos que lidam diretamente com camelôs na área central, trabalham para mais de um empregador e podem realizar inúmeras montagens e desmontagens diariamente em uma mesma área, enquanto que aqueles vinculados às atividades nas praias se dedicam somente a um único empregador e um determinado período do dia¹³².

Em relação ao pagamento, há significativas diferenças, pois aqueles que trabalham com camelôs recebem um preço fixo por cada barraca montada e desmontada, enquanto aqueles que trabalham nas praias possuem um ganho variável, definido a partir da arrecadação final da barraca em um dia de trabalho, ou segundo as avaliações sobre o desempenho do contratado pelo contratante; ou mesmo pela empatia com o trabalhador.

Antes eu estava trabalhando na praia de Copacabana. Eu vinha e dormia na hospedaria. Lá agente ganhava variado. Depende do patrão e da quantidade de trabalho que rolava. Uma praia boa é 100, uma praia mais ou menos é 60, 50. (Nelson, 31 anos).

Eu só trabalho com este negócio de carregar barraca, fazendo reciclagem, faço frete. Cato latinha quando tem evento. Hoje mesmo eu estou carregando barraca. Não todas, mas algumas. Aqui atrás da igreja. Meu trabalho é montar e desmontar. Eu ganho pouco. Ganho cinco Reais por cada barraca. Hoje eu fiz três barracas. (Silvio, 38 anos).

¹³² A respeito da montagem das barracas de camelôs, normalmente existe uma fidelidade dos proprietários com os seus montadores, assim como o respeito entre os mesmos. A montagem da barraca de outro montador somente ocorre depois de um atraso significativo e o pedido da proprietária, autorizando a atividade para outro montador.

Além das particularidades de cada uma destas atividades, uma característica fundamental se vincula às condições meteorológicas que participam diretamente das próprias mobilidades e ritmos espaciais. As estações do ano ou a disposição momentânea do tempo são fatores que impactam a atividade laboral em questão e a própria renda. Conforme elucidam os entrevistados em relação às condições atmosféricas e os aspectos da sazonalidade junto a esta atividade específica.

Olha só, eu só trabalho quando o tempo tá bom. Eu puxo cadeira, alugo cadeira, abrindo guarda-sol, levando bebida. Este é o meio que eu faço pra sobreviver. La em Copacabana no posto X. Eu ganho noventa, cem reais. É de sete da manhã às oito da noite. Eu monto e desmonto e ainda levo pro depósito. Nesta última semana, eu só trabalhei um dia, por causa do tempo. Às vezes eu peço dinheiro, pra comer. Onde eu estiver, mas é só pra garantir o almoço. Não pratico pequenos delitos. (Murilo, 34 anos).

Bateu verão, pra ganhar mais do que eu tem que ter estudo, tem que ser graduado ou tem que roubar. A policia ganha sei lá, uns dois e quinhentos é o que um cana deste aí ganha. A minha diária na areia da praia é 150 reais. Eu de garçom. São seis meses de verão e seis meses de inverno, mas no inverno eu só ganho 80 reais. (...) Eu sou um dos garçons em uma das barracas em Copacabana, posto X, na barraca do Xxxxxx. A parada é o seguinte: deu sol, eu estou na areia. Sem sol, o que eu tenho que fazer coleta de material reciclável. Eu deixo parte do meu salário com o meu patrão. Eu estou fazendo isto aí, por que está chegando o inverno. Está entrando o inverno. Eu não vou ter dinheiro todo dia na praia. Eu sou guerreiro da areia. Eu sou garçom. Eu faço reciclagem e tenho um papel político, pois estou limpando a cidade. Se o sol ameaçar a brilhar, eu já vou pra Copa. (Plínio, 38 anos).

É interessante notar, na fala de *Plínio*, que a sazonalidade, mas também as condições meteorológicas participam na organização espacial da vida cotidiana, levando-os a realizar outras práticas laborais para a aquisição de recursos ou estratégias particulares, como guardar dinheiro com o próprio patrão. A dimensão vinculada à sazonalidade impõe praticamente um ritmo que participa diretamente no conjunto estratégico das ações de parte desta população ao longo do ano em relação à atividade laboral e aquisição de recursos.

Outro aspecto gerador de instabilidades destas atividades vinculadas a montagem e desmontagem das barracas está relacionado a uma possível falta do proprietário da barraca. Assim, a não realização da atividade, independente do fator, resulta automaticamente na não obtenção de recursos e, consequentemente, na reorganização momentânea da espacialidade cotidiana.

Ontem, não. Eu não fiz nada. Sábado é a mesma coisa também. Eu faço igual. O bom mesmo é o frete. No frete ganha mais. Eu não tenho burrinha, mas tem um colega que tem e eu trabalho com ele. Sábado mesmo, foi aqui por perto. As pessoas querem levar um motor ou alguma coisa. Aqui é assim, é por cada conhecido. Cada um tem o seu trabalho. Você já tem a pessoa certa. Não são todas. São só as três. Depende da pessoa. A gente fica aqui. A pessoa chega e nós vamos pegar e montar. Se a pessoa não vier, nem adianta. (Silvio, 38 anos).

Sobre outras lógicas de montagens, desmontagens e o caráter da imprevisibilidade, alguns entrevistados afirmaram ser "contratados" esporadicamente por grandes empresas de logísticas para a realização de eventos musicais ou esportivos nos espaços públicos. Diferentes das outras duas configurações, estas atividades não estão permanentemente disponíveis e, quando ocorrem, normalmente possuem uma duração de alguns poucos dias¹³³. Acerca destes aspectos:

Ultimamente eu tenho feito algum serviço com eventos. Eu trabalho com montagem e desmontagem de palco. Eu estava neste evento de Copacabana do *réveillon*. Do Rio+20 pra cá eu tenho trabalhado bastantes dias com esse pessoal, só que é *free lance*. Trabalha e ganha. Eu fiz o Forte de Copacabana. Fiz o Natal de Queimados e o último show que teve em Niterói do ano, no caminho Niemeyer. A diária por evento é 50 reais, independente do evento. Eu trabalho de carregador. Começa as 8:00 da manhã e vai a 20:00 da noite. (Ivan, 42 anos).

Você costuma pedir dinheiro? Eu estava trabalhando em montagem de palco. Nestes dias todos nada. Não tenho feito nada. A última vez foi no sábado. Eu desmontei palco lá na Apoteose. São 12 horas de serviço. 8 da manhã às 8 horas da noite. São 60 reais, mais o almoço. Às vezes eu peço dinheiro sim. Se eu tiver que almoçar e tiver ruim, eu peço. (Nicolau, 41 anos).

De fato, a relação entre as práticas laborais e a imprevisibilidade possui tamanha força na vida cotidiana desta população, que qualquer tentativa de controlá-la ou classificá-la parece ser pouco prudente e eficaz. Todavia, outras duas práticas vinculadas a esta dimensão parecem ter alguma relevância para o caso da área central da cidade do Rio de Janeiro.

Na primeira delas, os próprios sujeitos se configuram como uma espécie de ponto de apoio frente pequenas necessidades de trabalhadores locais em uma determinada área. Devido a estes trabalhadores não poderem abandonar seus postos de trabalho em determinados momento, pedem para que tais sujeitos realizem alguns serviços e, em troca, recebem pequenas quantias de dinheiro.

¹³³ Em alguns poucos casos, os entrevistados afirmaram que podem ser aproveitados em uma *turnê* e realizar deslocamentos para outras cidades e permanecer por até alguns meses, mesmo diante de um caráter temporário e informal.

Esta estratégia é realizada, por um lado, devido à confiança conquistada por estes sujeitos ao longo do tempo, mas, por outro, revelam a forte relação de permanência dos mesmos, ao ponto de se tornarem uma referência espacial nestas áreas e, até mesmo, reforçando um caráter de aprisionamento no próprio lugar. Assim, independente dos aspectos em questão, alguns destes sujeitos possuem uma ampla rede de pessoas/estabelecimentos que necessitam de "favores", ainda que os mesmos possuam um caráter instável e irregular nas margens de ganhos. Acerca destes elementos, elucida um dos entrevistados sobre esta questão:

(...) Tu faz a prática de manguear então? É. Mangueio bastante. Pô, eu gosto mais de falar com o vereador né!? Eles ajudam mais. Eles já me conhecem também. Todo mundo me conhece. (...) Se eu fizer um favor pra alguém, alguém me ajuda. Tem vários lá que pede pra mim comprar. O sapateiro mesmo manda eu ir na loja comprar cola de sapato pra ele. O sapateiro ali da Xxxxx. Mesmo quando precisa pra comprar um cola, comprar um cadarço. Vou lá na Central pra ele e ele me dá 10 reais. Tem mais algum outro tipo assim de ajuda? Tem. Os caras da lanchonete bota cartão no telefone, esses negócios, porque eles não conseguem sair do trabalho, aí eu ajudo eles. Eu Faço também, quando eles pedem um bico, jogo de bicho também. Aí eles me dão cinco reais e me dá um rango também. Um dia desse o cara deixou o telefone comigo, o Iphone. O cara vendeu pra ele bloqueado e ele não sabia, aí deixou comigo (...) Fiquei três dia pra vender esse *Iphone* dele, mas vendi. Vendeu por quanto? Não. Vendi por cento e cinquenta, dei os cem dele. Ele falou que só queria cem. Aí eu falei pra ele: vendi por cento e cinquenta. Ele falou que só queria cem, me deu os cinquenta. Nessa daí eu ganhei mais força com ele. (Durval, 31 anos).

A segunda atividade vinculada a imprevisibilidade está relacionada com a venda de drogas. De fato, aqueles que realizam estas práticas não se constituem como narcotraficantes no sentido estrito do termo ou possuem qualquer vínculo com as facções criminosas que controlam esta na cidade do Rio de Janeiro. A prática realizada se configura, a partir da eventualidade de algum usuário que queira consumir estas substâncias, mas devido ao medo ou desconhecimento da localização das "bocas de fumo", utilizam-se dos conhecimentos e dos "menores riscos" sofridos por que esta população em relação à cidade, para a realização da compra. Em contrapartida, o pagamento deste serviço pode ser realizado por meio de dinheiro ou de uma quantidade da própria droga.

É interessante notar que este tipo de prática ocorre em diferentes espaços na área central e possui um destaque significativo no cenário noturno do bairro da Lapa. Desta maneira, determinados comportamentos e práticas por parte desta população, como o uso de maconha nos espaços públicos, desperta o interesse de outros usuários que veem

nesta população uma forma de aquisição destas substâncias sem maiores riscos pessoais.

Nesse sentido, parte dessa população, principalmente, no bairro da Lapa, pode realizar estes serviços algumas vezes durante uma noite, conseguindo significativas quantias de dinheiro e alguma integração social. Por outro lado, alguns sujeitos estabelecem a negociação e "aceitam" o trato, mas ardilosamente fogem com o dinheiro e não regressam mais ao local combinado.

A droga vem fácil. Os "gringos" chega e manda comprar. Muita gente na pista ganha dinheiro e droga assim. Manda pegar pra eles, principalmente nos finais de semana. Sexta, sábado e domingo na Lapa. Eles querem usar, mas não tem peito, aí manda os caras de rua. Esta semana mesmo, um cara pegou o dinheiro do gringo e não voltou. Meteu o pé com cem conto. Mandou comprar cem conto de cocaína. Dava pra dez papelote de dez. (Jair, 30 anos).

Um cara me deu dez reais pra eu apanhar um pó de vinte pra eles. Motorista de ônibus. O cara me deu trinta conta. Ai maluco tu não tá afim de dá um não? Eu não tô afim agora não. Busca lá pra mim, tem de quanto lá? Na cidade não vende nada de cinco. É tudo de dez pra cima. Pega lá pra mim, tu vai voltar, tu não vai me sacanear não? - Tu vai me dar quanto? Dez conto. Me dá essa porra aí. Fui lá e busquei a parada. (Arthur, 32 anos).

Por fim, é possível apontar que a maior parte das atividades realizadas por esta população possui, por um lado, o caráter da informalidade, que independente dos ganhos, ainda que em média sejam baixos, tendem a serem irregulares. Esta lógica reforça a vulnerabilidade e os riscos vinculados com os possíveis acidentes pessoais e as enfermidades.

Neste sentido, este conjunto de elementos reforça ainda mais as dificuldades para a construção de um projeto com base em horizontes concretos de saída das ruas por meio da lógica laborais, criando, muitas vezes, mecanismos de reprodução que reforçam muito mais a manutenção da própria situação do que uma ruptura da sua própria situação sócio-espacial.

CAPÍULO 5 - "SACO VAZIO NÃO PARA EM PÉ E É PRECISO CORRER ATRÁS": SOBRE ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS ESPACIAIS DA ALIMENTAÇÃO E DO CONSUMO DE ÁGUA

Cara, a alimentação na rua, não tem preocupação não, sabe? Café da manhã é de graça, almoço de graça, tem as igrejas, é banho, é roupa, almoço, tudo de graca. A gente janta de segunda à sexta. Tem o Farol da Lapa, ali na igreja. O culto e depois o jantar. De terça a sexta, tem a Cristolândia, que tem banho, roupa, corte de cabelo, almoço e café da manhã. Aí tem lá em Botafogo, sábado tem aqui no seu Ivan, na Cruz Vermelha. Dá banho, corte de cabelo, café da manha e almoço. Domingo tem café da manhã na Catedral, no Farol da Lapa, a noite tem a Toca de Assis. Tem o Garotinho e a Candelária. Então, todo dia, sabendo os horários, de segunda a segunda tem comida. Tem o Restaurante ali também. Quando eles fecham o restaurante, é só chegar com a vasilha. A galera faz a fila, o cara vai colocando e só comida boa... Então, não tem dificuldades pra comer, é tranquilo... Então vocês não passam dificuldades com a alimentação na rua? Quem sabe dos lugares não, quinta feira, tem na Praça da DPCA, dão comida e roupa arregada também. Na Rua Uruguaiana de segunda a segunda à noite dão roupa, jantar direto. Largo da Carioca também... Só quem não sabe os horários e lugares né? É certo! Então tem esta questão dos horários e dos lugares? É lógico, mas não dá pra ficar assim, se não fica igual pombo, correndo atrás de comida aqui e ali o tempo todo, né? (Bruno, 29 anos).

A expressão inicial que intitula este capítulo esteve presente em grande parte dos diálogos e observações realizadas durante a pesquisa. Mesmo considerando o fato de que todo ser humano necessita de alimentos para a garantia de sua sobrevivência, inúmeros são os aspectos socioculturais relacionados a esta atividade cotidiana, para além de uma dimensão natural e biológica.

Foi possível identificar que o tema da alimentação possui grande centralidade na organização espacial da vida cotidiana da população em situação de rua. De fato, a dinâmica geral analisada possui um conjunto de aspectos que se distingue, em grande parte, dos demais grupos e segmentos sociais existentes no espaço urbano. Nesse sentido, o modelo orientado pela compra e com base na provisão possui restrições, pois inúmeras são as dificuldades para o armazenamento dos alimentos com base nas relações de fixidez e permanência. Desse modo, a decisão de carregar produtos e objetos dificulta, significativamente, a mobilidade espacial devido ao peso, ao volume e às próprias dificuldades objetivas para o preparo dos alimentos como prática sociocultural. Sendo assim, como resultado de tais aspectos limitantes, a prática de alimentação possui um caráter prático e objetivo em sua lógica cotidiana.

_

¹³⁴ Possui o sentido de fartura.

Diante dessa complexidade, faz-se necessário compreender como esta população organiza tais práticas cotidianas. Quais são as suas prioridades? Quais estratégias e práticas realizam? Quais os significados envolvidos? E, principalmente, quais são as relações entre as práticas cotidianas vinculadas à alimentação e as configurações que envolvem as permanências, as mobilidades e os ritmos sócio-espaciais.

Desse modo, buscando compreender a organização espacial da vida cotidiana sobre esse aspecto construiu-se as indagações iniciais: "você já comeu hoje?" e "Por que escolheu esse local?". Os referidos questionamentos possibilitaram o reconhecimento de uma série de elementos sócio-espaciais, bem como os significados desta atividade para o cotidiano desta população.

5.1 - *A alimentação diurna:* A centralidade do almoço no Restaurante do "Garotinho"

Eu não consegui porque eu não tive emprego. Eu como no "Garotinho", que é um real. Às vezes a gente tem que recorrer às *bocas de rango*¹³⁵. Hoje mesmo eu comi no "Garotinho". Na semana passada também. Tem este irmãozinho que tá ajudando a gente. Ele foi demitido, mas ainda tem o *riocard*. Ele consegue passar o bilhete e pegar o dinheiro. Com este dinheiro, ele paga o nosso almoço. Todo dia no "Garotinho". Sábado e domingo pra almoçar com o "Garotinho" fechado é muito difícil. Nem no sábado nem no domingo nós não almoçamos. (Ivan, 42 anos).

A área central da cidade do Rio de Janeiro se caracteriza como o espaço mais importante de uma região metropolitana com mais de 11 milhões de habitantes¹³⁶. Esta configuração socioeconômica e espacial expressa, como uma de suas características, uma grande quantidade de estabelecimentos destinados à venda de refeições ou comidas rápidas (*fast-food*), especialmente no período diurno¹³⁷.

Entretanto, parte da população trabalhadora que se desloca diariamente para a área central da cidade do Rio de Janeiro e carece de recursos econômicos enfrenta grandes dificuldades para garantir as condições mínimas para a realização do almoço como prática cotidiana. Assim, como resposta e medida sócio-assistencial dos governos municipais e estaduais, em todo o Brasil, foram criados os Restaurantes Populares.

13

¹³⁵ Expressão utilizada para designar espaços de distribuição de alimentos.

¹³⁶ A Região Metropolitana do Rio de Janeiro se constitui como a segunda mais importante Região Metropolitana do Brasil, em relação aos aspectos econômicos ou demográficos, sendo superada somente pela Região Metropolitana da cidade de São Paulo.

¹³⁷ Segundo Góis (2015) a área control de cidade de Bio de Região Metropolitana da cidade de São Paulo.

¹³⁷ Segundo Góis (2015), a área central da cidade do Rio de Janeiro possui 2456 estabelecimentos associados as atividades de alimentação.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, a unidade localizada na Central do Brasil foi implantada pelas ações do governo estadual no ano 2000 e ficou conhecido popularmente como Restaurante do "Garotinho"¹³⁸, apelido do antigo governador Anthony "Garotinho¹³⁹. Todavia, a partir do ano de 2003, todos estes os restaurantes foram integrados e subsidiados em nível federal à *Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN)*, ao *Plano Nacional de Segurança Alimental e Nutricional (PNSAN)* e ao programa *Fome Zero*¹⁴⁰. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS):

Os Restaurantes Populares são estabelecimentos administrados pelo poder público que se caracterizam pela comercialização de refeições prontas, originadas nutricionalmente balanceadas, de processos preponderantemente com produtos regionais, a preços acessíveis, servidas em locais apropriados e confortáveis, de forma a garantir a dignidade ao ato de se alimentar. São destinados a oferecer à população que se alimenta fora de casa, prioritariamente aos extratos sociais mais vulneráveis, refeições variadas, mantendo o equilíbrio entre os nutrientes (proteínas, carboidratos, sais minerais, vitaminas, fibras e água) em uma mesma refeição, possibilitando ao máximo o aproveitamento pelo organismo, reduzindo os grupos de risco à saúde. (O MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2004, p.5).

Um aspecto interessante sobre a expansão dos Restaurantes Populares em nível federal é que, além do próprio direcionamento a um público-alvo específico, também é levado em consideração uma orientação geográfica que estabelece alguns parâmetros para a implantação destes serviços no território. Com base nas orientações da política nacional, a localização desses estabelecimentos deverá ser conduzida a partir de um levantamento específico que garanta um maior impacto sócio-espacial deste serviço assistencial nas principais áreas urbanas do país¹⁴¹.

_

¹³⁸ No estado do Rio de Janeiro existem atualmente dezesseis unidades dos Restaurantes Populares, sendo que nove delas estão localizadas no município do Rio de Janeiro, enquanto as outras unidades estão localizadas, respectivamente, nos municípios de Barra Mansa, Campos do Goytacazes, Duque de Caxias, Itaboraí, Niterói, Resende e Volta Redonda.

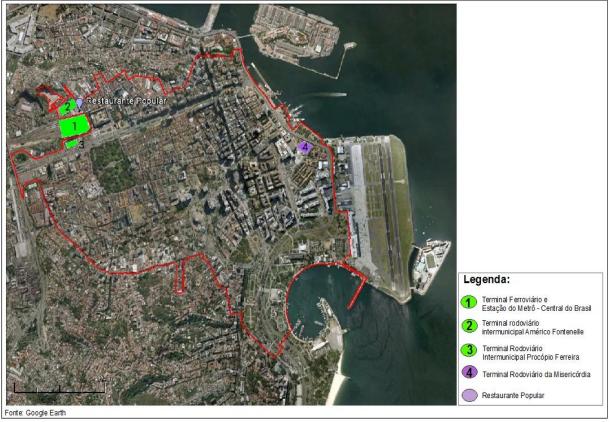
¹³⁹ Foi governador do estado do Rio de Janeiro entre 1999 e 2002.

¹⁴⁰ O programa *Fome Zero* se caracteriza como uma política intersetorial, que possui como objetivo central: eliminar o fenômeno da fome sob todo o território brasileiro. Dentre as medidas estão desde incentivos à agricultura familiar, passando por atuações especificas contra a desnutrição materno-infantil e a concessão de dinheiro para as populações mais necessitadas para a compra de alimentos.

¹⁴¹ Uma das ênfases do programa também está relacionada aos possíveis impactos sobre pequenos estabelecimentos comerciais de refeições e diminuição de empregos e de renda.

Os Restaurantes Populares devem estar localizados em regiões de grande movimentação de pessoas de baixa renda, como por exemplo, áreas centrais da cidade, próximas a locais de transporte de massa e/ou em áreas de grande circulação de população de baixa renda. A instalação deve permitir que os usuários não tenham que utilizar meios de transporte para a realização de deslocamentos no horário de almoço. (O MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2004, p.7).

Imagem 4 – Localização do Restaurante Popular e dos Terminais de Transportes na Área Central da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

O período de funcionamento da unidade do Centro é de segunda-feira à sextafeira, das 10:00 horas da manhã às 14:00 horas da tarde e o seu sucesso está especialmente vinculado ao baixo custo do serviço¹⁴². Desse modo, faz-se presente um grande número de usuários, gerando enormes filas e, em alguns momentos, a espera de mais de uma hora para realização das refeições.

Um aspecto observado se relaciona com a grande quantidade de comida servida nos pratos. Durante as observações, muitos usuários extrapolavam a capacidade suporte

¹⁴² É cobrado o valor de um real por cada refeição.

do prato como recipiente físico e, em alguns casos, a própria quantidade de alimentos servidos indicava que alguns destes usuários, devido aos seus pequenos portes físicos, não conseguiriam comer todo o alimento, observação que se tornou extremamente equivocada.

O aspecto supracitado poderia ser explicado, levando em consideração, o fato que muitos destes usuários necessitam de grandes quantidades de energia, seja devido aos esforços diários vinculados ao tipo de atividade laboral ou ao fato de esta ser a única ou a principal refeição do dia.

De fato, o almoço se caracteriza como a principal refeição no período diurno da população brasileira e no caso da população em situação de rua, este elemento não foge a regra. Durante a pesquisa, foi constatada a grande preocupação e a demarcação espaço-temporal dessa prática diariamente entre este segmento populacional. Do mesmo modo, foi constatado que o Restaurante Popular da Central do Brasil se constitui como o principal *lugar de referência* para a prática do almoço, no interior da rede de lugares produzidos por esta população na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, 75% dos entrevistados (81) revelaram ter utilizado o Restaurante Popular "do Garotinho" alguma vez nos últimos sete dias. Esse dado em particular gera uma série de reflexões, principalmente em relação à *Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua* (2008). Considerando as desproporcionalidades da amostra e da escala, esta política nacional revelou que, em média para todo o Brasil¹⁴³, somente 4,3% deste segmento populacional utilizava os Restaurantes Populares. Tais dados contrariam os da presente pesquisa.

Outro aspecto importante está vinculado ao raio de influência do Restaurante Popular da Central do Brasil junto à população na cidade do Rio de Janeiro. Estes espaços também possuem, originalmente, uma área de abrangência territorial, que no caso da unidade em análise foi planejada estrategicamente para cobrir toda a área central. Todavia, foi observado que para aqueles que utilizam esta unidade, a área de influência territorial extrapola os limites do próprio Centro, redefinindo, inclusive, uma

¹⁴³ A pesquisa realizada foi composta por 71 municípios, sendo 23 capitais e 48 municípios com população superior a 300 mil habitantes.

lógica de centralidade e importância para o próprio fenômeno na cidade do Rio de Janeiro.

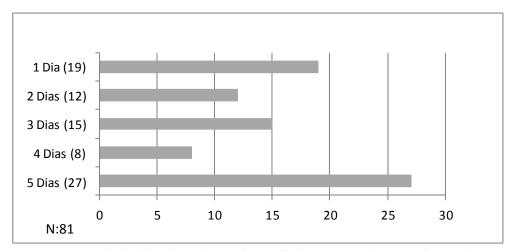
Essa consideração foi obtida como resultado de encontros com alguns sujeitos nessa situação para a realização de refeições no próprio Restaurante Popular. Saindo do Campo de Santana e chegando à unidade na Central do Brasil, devido a enorme quantidade de pessoas, a estratégia realizada por parte desta população não era convencional, ou seja, o de posicionamento ao final da fila para entrar no local. Pelo contrário, a estratégia utilizada era justamente oposta, ou seja, a de percorrer a fila desde seu início, sempre buscando encontrar alguém conhecido que permitisse a entrada na frente dos demais usuários, ainda que esta estratégia pudesse gerar algum conflito 144.

Neste percurso que buscava a optimização do tempo, inúmeros foram os comentários sobre as origens geográficas de outros usuários, como foi o caso de *Isaías*, 33 anos, indicando a origem de um dos grupos que passavam pela fila: "estes caras aí são lá da Zona Sul". Foram presenciados também encontros diretos entre aqueles que se identificavam como pertencentes da área central, mas conheciam e estabeleciam diálogos com os indivíduos "da Zona Sul". Questionando um dos entrevistados sobre este aspecto, Osvaldo, 28 anos, explicou o fenômeno da seguinte forma: "os maloqueiros tudo se conhecem aqui na pista".

Uma segunda experiência está associada à prática do futebol realizada semanalmente pelo *Centro Pop Barbara Calazans*, no Aterro do Flamengo. Assim, constatou-se ao final de algumas semanas que grande parte dos frequentadores vinculava-se espacialmente à área central e todos os demais participantes eram "da Zona Sul". Algumas vezes, ao término da atividade, caminhou-se do Aterro do Flamengo até o Centro e alguns daqueles que realizavam uma *trajetória direta-objetiva* em direção ao Restaurante Popular da Central do Brasil, onde almoçariam. A questão da frequência também indica alguns aspectos diferenciais a respeito do cotidiano, suas práticas e estratégias espaciais.

¹⁴⁴ Foi possível observar que, além desta população, usuários pertencentes a outros grupos e segmentos sociais também se utilizam desta estratégia, inclusive, sendo reproduzida como alguma regularidade entre parte da população em geral, nos diferentes estabelecimentos de serviços e comércio no Brasil.

Gráfico 7 – Frequência dentre os que utilizaram o Restaurante Popular nos últimos sete dias



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

O gráfico aponta diretamente uma forte centralidade desse espaço junto a população, por exemplo, relacionado aos 25% do total dos entrevistados (27) que almoçam diariamente e o constitui como a principal referência espacial para a prática da alimentação diurna. Essa centralidade se relaciona ao baixo preço do serviço, da fácil acessibilidade e da regularidade do funcionamento do estabelecimento¹⁴⁵.

Hoje eu almocei no restaurante popular. 1 real. *E ontem?* Todo dia eu almoço, eu dou um jeito e como no "Garotinho". Todo dia. Eu cato pet, se eu não conseguir, eu peço, até os viciados e os moleques de rua pagam (Arthur, 32 anos).

Como é o seu dia? A primeira coisa quando eu acordo, eu lavo o rosto e vou pro "Garotinho" almoçar. As 10 horas, 11 horas ou meio-dia. Tem horário não. Eu acordo e vou pra lá. (Cristiano, 33 anos)

"Sempre eu vou no Garotinho". *Sempre vai lá?* Vou lá porque não tem jeito, não tem outro lugar *Não tem outro lugar pra ir?* No bar é caro, botequim ou outro lugar. Se você não tiver dez, quinze reais, você não come. *E aí no garotinho é barato?* Um real. É bem mais fácil (Fabrício, 62 anos).

Eu como no garotinho, que é um real. Às vezes a gente tem que recorrer às bocas de rango. Hoje mesmo eu comi no garotinho. Na semana passada também. Tem este irmãozinho que tá ajudando a gente. Ele foi demitido, mas ainda tem o *Riocard*. Ele consegue passar o bilhete e pega o dinheiro. Com este dinheiro, ele paga o nosso almoço. (Ivan, 42 anos).

Almocei hoje no garotinho e to guardando o outro 1 real pra poder almoçar na segunda-feira. Ontem almocei no garotinho também. Um rapaz de rua que pagou pra mim. A rapaziada da rua também fortalece. (Marlon, 47 anos).

_

¹⁴⁵ Durante a pesquisa, o Restaurante Popular passou por um pequeno problema e comunicou que não funcionaria em uma das sexta-feiras de novembro, com a justificativa de uma pequena reforma. Esse fato se tornou um boato com grande dimensão, pois se propagou a notícia que o mesmo seria fechado permanentemente, gerando no âmbito da população em situação de rua, uma grande apreensão.

5.2 – Comprando, pedindo ou sendo "agraciado": outros ritmos e microcentralidades espaciais da alimentação diurna

Ainda que o Restaurante Popular do Garotinho seja o lugar de maior centralidade junto às práticas de alimentação diurna da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro, outros lugares, práticas e estratégias espaciais participam diretamente na organização dessa atividade específica no cotidiano.

Assim, foi observado durante a pesquisa um caráter flexível em relação à espacialidade desta população, dada as possibilidades, escolhas e o caráter hierárquico das mesmas. O caráter laboral desta população participa diretamente neste processo. Com base nos dados da presente pesquisa, 29,6% dos entrevistados (27) realizavam práticas laborais e de aquisição de recursos fora da área central, o que poderia impossibilitar o uso permanente do Restaurante Popular. Outro aspecto presente nas entrevistas foi o fato de não frequentar ou evitar o Restaurante Popular devido às grandes filas e ao longo tempo de espera. Conforme elucidam os entrevistados:

Foi no garotinho esta semana? Eu não gosto do Garotinho não. Daqui onde eu estou é muito ruim pra chegar lá. Imagina só, eu tenho que ir lá pegar a fila e depois voltar. (Fábio, 23 anos).

O senhor almoçou hoje? Eu de vez em quando eu vou ao Garotinho. É um real. Mas lá também a fila é muito grande e tem gente que se desentende muito que vive na rua lá. Onde eu como é tranquilo. Eu vou lá e pego na lixeirinha, mas é limpinho. (Guilherme, 57 anos).

Você almoçou hoje? Não. Mas eu fui ao Garotinho. Estava uma fila e eu voltei. Estava uma fila do caramba lá. Daqui a pouco tem a sopa das irmãs ali. (Henrique, 34 anos).

Hoje eu não almocei, porque a fila tá muito grande no Garotinho. A fila tá grande pra caralho. Tomei até uma cachaça pra parar com a fila. Eu cheguei e pensei que era a fila do ônibus, aí eu vi que era do garotinho. Eu voltei. (Pedro, 32 anos).

Outras configurações estão presentes no interior das práticas, lógicas e estratégias de alimentação no período diurno e vinculadas às dinâmicas de mobilidade, permanência e ritmos espaciais. Destacam-se assim, os espaços assistenciais, os pedidos e a compra das próprias refeições.

Em relação aos espaços assistenciais, o primeiro exemplo está relacionado aos *espaços de solidariedade*, que se apresentam como uma alternativa para aqueles que não possuem qualquer tipo de recurso momentâneo ou não desejam dispender quaisquer gastos com a alimentação. Este fato é fundamental, tendo em vista que, o dinheiro como

um recurso pode também ser empregado em qualquer outro *desejo/necessidade* cotidiana. Assim, a pesquisa revelou que 44% dos entrevistados (47) afirmaram ter recorrido aos *espaços de solidariedade* alguma vez nos últimos sete dias.

Esses espaços são organizados por grupos de diferentes orientações religiosas, mas também por algumas Organizações Não-Governamentais, que garantem a alimentação como serviço principal¹⁴⁶. Com menor impacto e de maneira eventual, estes espaços também proveem, em menor proporção, de outros serviços sociais, como aqueles relacionados à higiene pessoal, doação de roupas e cortes de cabelo.

Diferentemente de outras ações solidárias que ocorrem no período da noite e de modo itinerante junto à área central, estes grupos de solidariedade possuem locais fixos para a realização de suas ações no período diurno e são organizadas por meio de uma série de rígidas normas e regras do convívio sócio-espacial¹⁴⁷.

Em relação às dinâmicas, esses espaços possuem uma lógica quase ritualística, no qual, antes da realização das refeições ou dos demais serviços, ocorrem diferentes diálogos e, logicamente, práticas políticas ou religiosas nesses espaços. Ao final de todo o processo, os frequentadores são contemplados, ainda sob uma lógica de controle e poder, pois aqueles que realizam determinadas práticas e/ou comportamentos interpretados como inaceitáveis podem ser impedidos de frequentar estes espaços e de não recebem mais qualquer benefício ou solidariedade.

O elemento central que orientam estes espaços está relacionado à ideia de um convívio social "normal" e "estável", garantido através dos serviços, mas principalmente a partir dos diálogos e aspectos simbólicos ligados ao político ou ao sagrado. Assim, estas ações proporcionariam uma mudança na própria vida cotidiana desta população. Cabe destacar que alguns dos *espaços de solidariedade* estão fortemente integrados a uma ampla rede assistencial, que possibilita, por exemplo, o ingresso em *Centros de Tratamento de Toxicodependência* e a indicação para o mercado de trabalho.

_

¹⁴⁶ No caso da área central da cidade do Rio de Janeiro, se destaca principalmente a presença de grupos de evangélicos e espíritas kardecistas nas ações de solidariedades.

¹⁴⁷ Grande parte destes espaços utilizam antigas casas na zona periférica do centro e as refuncionalizam como espaços religiosos, políticos e com caráter assistencial.

Por outro lado, a relação dos sujeitos com esses espaços possui fortes diferenciações internas. Alguns depositam, nestes lugares, esperanças materiais e simbólicas para a transformação de suas vidas; enquanto outros somente se beneficiam de modo objetivo, para a satisfação de algumas de suas necessidades pontuais (banho, alimentação, corte de cabelo, troca de roupas e descanso), sem estabelecerem maiores vínculo pessoais ou compromissos ideológicos e institucionais.

Por fim, existem aqueles que se negam ou evitam frequentá-los, devido a um conjunto de regras existentes, que variam desde incompatibilidades ideológicas e morais às questões temporais. Frequentemente, tais espaços possuem uma programação que podem durar horas. Esse período resulta, para alguns, a impossibilidade da permanência, especialmente, entre aqueles que possuem um conjunto de atividades laborais ou interesses específicos vinculados a outros lugares concomitantemente às ações desses espaços de solidariedade.

Legenda: Espaços de Solidariedade Missão Batista Cristolândia 2 Instituto Paulo Estevão Missionárias da Caridade Centro de Convivência Monte Alverne

Imagem 5 – Localização dos Espaços Fixos de Solidariedade

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

Com base no mapa, é relevante salientar que os *espaços de solidariedade* estão localizados distante dos centros financeiros e políticos existentes na área central, e paralelamente próximos às áreas desvalorizadas, degradadas e, portanto, inseridas na zona periférica do Centro.

Sobre o aspecto temporal, vale ressaltar que tais *espaços de solidariedade* não estão permanentemente disponíveis para a referida população em situação de rua e, por isso, estabelecem um ritmo em relação a sua acessibilidade e rede de conhecimento por parte desta população. O fato é que alguns destes espaços também realizam diferentes ações assistenciais com outros grupos ou segmentos marginalizados no espaço urbano; além das práticas religiosas e políticas dos próprios integrantes dos grupos de solidariedade. Nesse sentido, dos quatro principais *espaços de solidariedade* que mantêm regularidade em suas ações, somente dois realizam atividades quatro dias por semana, enquanto os outros dois, as realizam somente uma vez por semana. Nesse sentido, para parte da população em situação de rua, os espaços de solidariedade se configuram como *lugares de referência* a serem acionados em determinados momentos ou configurações no quadro espacial da área central da cidade do Rio de Janeiro.

Uma segunda estratégia alternativa frente ao desejo/necessidade de satisfação está relacionada à prática do pedido. Esta prática está tradicionalmente vinculada à imagem da mendicidade, ainda que grande parte desta população busque fugir de qualquer comparação ou aproximação a este tipo de imagem, mas principalmente da identidade de *mendigo*. A partir da sistematização das entrevistas constatou-se que 19% dos entrevistados (20) realizaram alguma vez, considerados os últimos sete dias, pedidos para poderem se alimentar no período diurno.

Entretanto, a prática associada à mendicância merece atenção, principalmente pelo conjunto diferencial de estratégias espaciais para tais realizações. A primeira delas se constitui por meio da produção espacial de circuitos em torno de bares, lanchonetes e restaurantes, no qual se busca, por meio de inúmeras tentativas, o pedido diretamente aos clientes.

De um lado, o discurso da fome, da necessidade material e do desemprego se caracterizam como elementos centrais na interação para a conquista de uma refeição, principalmente quando os mesmos justificam não desejar qualquer quantia de dinheiro.

Como resultado, os entrevistados revelaram que esta estratégia não possui grandes dificuldades, ainda que seja necessário repeti-la, algumas vezes, para obter sucesso.

Pra viver na rua, você te quem se virar. Tem que pedir. Igual o padre falou: Peçam, mas não roubem. Tu vai pedir pra 20 pessoas, 19 vão negar, mas um vai te dar. Por isto que eu já manjei. Eu peço aqui pro segurança, depois na pastelaria, alguém vai dar. Por exemplo, chega ali no bar. Por exemplo, tu tá com fome e vê uma pessoa com uma quentinha, você chega é pede, a pessoa diz não, mas depois tu chega em outra pessoa e fala que tá doido pra tomar um café, uma vai negar, outro vai negar, mas alguém vai te dar. (Edir, 49 anos).

De vez em quando eu peço. Eu peço em qualquer lugar e dou uma ideia - o negócio é o seguinte, eu tô na rua e tô correndo atrás de um trabalho. Se tiver como, de coração, arrumar qualquer coisa pra eu almoçar entendeu? É assim que eu peço. (Hermes, 33 anos).

Eu peço dinheiro também. Se eu tiver, vamos supor, eu vou catar latinha, mas eu não consegui nem latinha. Se eu tiver com muita fome e a pessoa tiver comendo alguma coisa eu peço. Pelo amor de deus! Eu não falo pelo amor de deus nem nada, eu só chego e falo que tô com fome: - Eu sei que olhando pra mim, parece que eu sou um descarado, mas eu digo que eu tô com fome e será que você poderia pagar um lanche pra mim? (Isaac, 30 anos).

Eu só peço pra comer. Eu chego e falo: - seu moço, olha só, eu to trabalhando, mas eu estou sem dinheiro. Tem como o senhor pagar uma quentinha pra eu comer? Aí os caras perguntavam se eu não queria o dinheiro? Eu falava que eu queria a comida, até porque que eu não uso droga. (Tadeu, 52 anos).

Nesses últimos sete dias você ficou algum dia sem comer? Não. Só não tomo café todo dia por preguiça mesmo, mas o almoço e janta, todo dia. Dá pra comer todo dia? Dá. É só chegar lá na padaria e pedir a pessoa pra pagar um café. Tem uns que vão falar que não, mas sempre tem um que vai falar que sim, que vai pagar. (Durval, 31 anos).

Por outro lado, um dos problemas revelados nesta prática está vinculado à truculência dos gerentes e dos proprietários dos estabelecimentos comerciais. Segundo alguns diálogos, os atos truculentos podem ser desde humilhações verbais que expõem publicamente a situação de marginalidade sócio-espacial, passando por ameaças de chamar a polícia e, até mesmo ações de violência física.

Uma segunda estratégia relacionada aos pedidos e que busca romper com os possíveis impasses entre esse segmento populacional e os proprietários desses estabelecimentos são estabelecidos por meio de negociações. Segundo a própria população, diferentes estabelecimentos¹⁴⁸ separam a comida que não foi vendida em

_

¹⁴⁸ Ainda que tenha sido realizado o mapeamento de inúmeros pontos deste tipo de prática, os mesmos não serão revelados para proteger a manutenção das próprias estratégias, além do fato de que estes estabelecimentos comerciais podem sofrer sanções legais e a população em situação de rua ser impactada por perder pontos de apoio de alimentação diurna.

sacos plásticos exclusivamente para a população de rua¹⁴⁹. Este acordo possui uma dimensão espacial bastante subterrânea, levando em consideração que existem regras entre ambas as partes. Na prática, um funcionário coloca os sacos de comida na calçada como se fossem resíduos comuns. Depois de alguns minutos, os sacos são resgatados do local e deslocados para uma determinada área relativamente afastada do estabelecimento, promovendo a distribuição entre aqueles que fazem parte do esquema.

É importante salientar que este tipo de acordo é estabelecido, muitas vezes, por um vínculo consolidado entre um único sujeito e um funcionário do estabelecimento. Como parte das obrigações da população em situação de rua, é a de não molestar os clientes. Curiosamente, tais acordos não são abertamente revelados e conhecidos por todos os que estão diante dessa situação na área do Centro. O sigilo, o controle e as regras desses acordos são fundamentais para a garantia e o controle deste recurso em particular¹⁵⁰.

Os restaurantes daqui distribuem comida para o pessoal da rua? Só aquele ali. Eles colocam a comida em um saco, junto com os sacos de lixo. Vai um lá, bota o lixo pra fora, e depois a gente pega a comida. (Edir, 49 anos).

Tem um cara na Rua *Xxxxx* que coloca todo dia a comida pra gente. Ele bota no saco aquela comida quente pra gente. Ontem eu não tomei um café da manhã e não almocei, mas comi a comida do restaurante que os caras dão (...). (Ignácio, 49 anos).

No *Xxxxx* é a comida que sai das quentinhas. Lá na *Xxxxxx* é pra morador de rua mesmo. Tá lá na sacolinha, tudo pendurado. Mas tem uma parada, lá tem ética, porque não pode colocar a mão na comida não. Tem que botar a mão na sacolinha e colocar a quantidade que você quer e em uma vasilha sua. É comida limpa (Plínio, 38 anos).

A gente já sabe onde vai dar comida, onde a gente vai arrumar a comida. O restaurante que fecha e que manda buscar. (...) Eu acabei de almoçar. Eu consegui a comida lá no restaurante. O cara bota pra fora, do que sobra das panelas, do que sobra do restaurante, não é que é sobra, porque é a comida é boa, vem até quente. Todo dia tem sido no restaurante. (Sandro, 24 anos).

Nem todo dia eu como no garotinho, porque eu tenho meus lances de rua, nos restaurantes. Pega no saco, lá na *Xxxxx* e na *Xxxxx*. Na sexta-feira eu peguei no saco lá na *Xxxxx*. O *Xxxxxx* é o melhor que tem. (...) Eu tenho também a minha fonte de salgados na *Xxxxx*. Eu tenho um padrinho lá e ele sempre me dá uns salgados. (Vitor, 47 anos).

Uma última estratégia vinculada ao pedido, e presente na fala de 15,7% dos entrevistados (17), ganha um contorno sócio-espacial bastante particular devido às

_

¹⁴⁹ Esta distribuição ocorre principalmente a partir das 15:00 horas.

¹⁵⁰ Um aspecto comum nos três casos observados foi que o indivíduo responsável pelo acordo possui certo prestígio e respeito dentre os demais de suas respectivas por mediar este tipo de prática.

interações entre a população em situação de rua e os clientes de dois restaurantes localizados em um espaço público de grande visibilidade para a cidade do Rio de Janeiro. Entende-se que esta prática não está vinculada a qualquer tipo de acordo entre esta população de rua e os estabelecimentos comerciais. Portanto, optou-se por revelar os respectivos nomes e suas localizações no quadro espacial da cidade.

• Amarelinho
• Verdinho

Google earth

Imagem 6 - Localização dos Restaurantes na Praça da Cinelândia

Fonte: Igor Robaina (Organização)

De fato, essa prática vinculada ao pedido no período diurno coincide com o horário do almoço dos clientes em ambos os restaurantes. Essa estratégia possui uma forte dimensão espacial, pois está vinculada indissociavelmente aos padrões de mobilidade e permanência, e se constituindo como uma importante referência espacial do cotidiano desta população na área central da cidade do Rio de Janeiro. Segundo alguns entrevistados, a prática ocorre da seguinte forma: posteriormente ao pedido, a realização da refeição e ao fato que estes estabelecimentos servem grandes quantidades, muitos clientes levam o que não foi comido em um recipiente descartável. Assim, quando ocorre a saída do estabelecimento pelos clientes, os sujeitos realizam a abordagem e o pedido do recipiente

Outro aspecto considerado foi a expressiva presença desta população concentrada neste local¹⁵¹. Foi observado que alguns clientes, ao serem abordados, ficavam bastante assustados e a entrega do recipiente era quase uma forma de se livrar do contato direto ou de qualquer diálogo com os sujeitos. Por outro lado, havia clientes que pareciam estar bastante acostumados e eram conhecedores desta estratégia pela população em situação de rua. Dessa maneira, agiam com toda naturalidade e pareciam, inclusive, conhecer alguns deles. Infere-se, sobre isso, que alguns dos clientes pediam para levar o que não foi consumido intencionalmente, justamente para entregar a esta população, mas esta informação não foi averiguada durante a pesquisa.

Uma das curiosidades acerca desta dinâmica em particular foi saber como esta população se organizava no próprio local. Posteriormente ao diálogo foi revelado que não havia nenhuma espécie de fila de chegada ou hierarquia relacionada ao pedido, ou seja, não se estabelecia uma lógica de luta no espaço pelo controle de recursos. A lógica de organização era livre, sendo simplesmente uma questão de pedir e caso fosse bem sucedida à ação, realizar a própria refeição.

Mesmo caso dos anteriores, ainda que não tenha sido possível observar diretamente por meio dos trabalhos de campo, foi observado que, às vezes, era estabelecido um contato visual entre o cliente dentro do estabelecimento e o pedinte no espaço público. Quando o cliente saía do estabelecimento, o recipiente já possuía um dono. Outro aspecto apontado pelos entrevistados foi que, na maioria das vezes, as refeições obtidas eram divididas de algum modo com os outros participantes. Assim, pessoas com maiores vínculos entre si poderiam ficar durante horas abordando clientes, conseguindo a alimentação e se alimentando coletivamente no próprio local.

Foi observado também que esta prática chega a tal nível de impacto na paisagem dos espaços públicos que passa a ser concebido como um problema de ordem urbana. Assim, em determinados momentos, a Polícia Militar ou a Guarda Municipal é chamada para dispersar a própria população em situação de rua. Em linhas gerais, alguns entrevistados apontam suas relações com esta prática específica neste lugar:

¹⁵¹ Durante os trabalhos de campo, observou-se a presença de aproximadamente trinta indivíduos em frente aos dois restaurantes. Acerca do posicionamento espacial, os indivíduos mantinham o contato visual com os clientes no interior do estabelecimento.

No Amarelinho é o seguinte. A pessoa tá saindo do bar. Quem chegar primeiro, pega. Você consegue fisgar a pessoa. Ela já está direcionada pra dar. Tem outras que saem conversando, aí você aborda. (Pablo, 47 anos).

Como você consegue comer aqui no Amarelinho? O esquema é assim, uma galera fica aqui na hora do almoço. Você é o cliente e chega para almoçar. Aquela comida que sobra, é limpa, porque eles pedem uma travessa grande. Então aquela comida que sobra da travessa, você pede para fazer uma quentinha. (...) Eu pego direto com a galera, divido com todo mundo. Tem miséria não. Eu estou Cansado de pegar duas, três quentinhas e divido com a rapaziada. Daqui a pouco, eles pegam e dividem comigo também. De pouquinho em pouquinho, a gente vai comendo, até que sai mais uma quentinha e comemos com a rapaziada. (Davi, 34 anos).

Como é que você consegue comer no Amarelinho? Como é que eu consigo? Quem te falou? Alguém mais te falou isso aí? Eu geralmente fico lá sentado e espero a pessoa que tiver almoçando lá, entendeu? E aí o que sobra lá, a gente dá um toque pra eles, que a gente tá com fome. Aí eles pedem pro garçom pra pegar aquela sobra que sobrou. Não do prato deles. Entendeu? O que ele não comeu, mas o que tá na bandeja, entendeu? O garçom vai lá e faz uma quentinha. Aí quando ele sair lá de dentro, ele pega a quentinha e dá pra pessoa. Mas tu já dá uma olhada ou fala alguma coisa? Às vezes eu falo, às vezes nem precisa. Às vezes a pessoa que você não vê tá saindo com a quentinha; você vai lá e pega e a pessoa te dá. Ou às vezes eu tô passando ali mesmo, na calçada da Cinelândia, sentido do Verdinho pro Amarelinho, entendeu? A pessoa que para e me dá. A pessoa que já viu você então né!? Sem eu pedir, sem nada. Ela pega e me dá. (Everaldo, 39 anos).

Eu imbico de manhã pra Nova Holanda, tomo um café do Garotinho e busco um bagulho na favela. Venho pro centro e depois, na hora do almoço, eu venho aqui pra Cinelândia, pro Amarelinho. Eu chego ali, tu para ali com cara de pidão, daqui a pouco sai uma comida na sua direção e tu agarra. Só aguardando a quentinha. (Osmar, 35 anos).

Desse modo, a prática da compra das próprias refeições se constitui como uma forma de se livrar dos possíveis impasses anteriores. Este aspecto ganha ainda mais força, quando comparado às demais práticas e estratégias de alimentação. No caso da área central, conforme apontado anteriormente, existe uma grande oferta de estabelecimentos comerciais de refeições, com uma grande diversidade de valores e tipos, principalmente no período diurno.

A questão da compra está fortemente vinculada à ideia de autonomia da população em situação de rua como um valor frente a qualquer tipo de serviços, caridade ou assistência social. Como afirmou Júlio, 29 anos: "eu só como no Garotinho quando eu estou com pouco dinheiro. Tem muita fila. Esta semana eu comi lá três vezes, mas eu prefiro comprar". Dessa forma um dos aspectos fundamentais é manter a ideia de "ser capaz de garantir a própria sobrevivência", principalmente por meio do consumo como qualquer outro cidadão. Sobre o aspecto da compra da própria alimentação:

Quando eu tô com um dinheirinho melhor, eu compro ali na Rodoviária. É seis reais a refeição. Eu levo uma vasilha e o cara bota na vasilha e enche. Porque se comer lá é só um pratinho. Agora se tu levar a vasilha vem cheio, dá pra três comer. Ele enche por seis reais. Eu como por aqui quando eu estou ruim, entendeu? No ruim de tudo, aí eu chego ali e peço dois reais, pra almoçar. E a galera daqui mesmo empresta. Sempre rola. (Cícero, 42 anos)

Quando eu faço um dinheiro, eu não fico dependendo de ninguém não. Já compro uma quentinha logo. (Fábio, 23 anos)

No sábado, eu comprei comida lá na Praça XV, porque eu estava trabalhando lá. (Humberto, 35 anos).

Na sexta-feira, quando eu tô trabalhando com o Sérgio, eu compro com o dinheiro das vendas. Quando eu tô no Castelo e sem dinheiro, eu espero por lá porque passa, se eu não dormir lá, eu vou onde passa. (Pablo, 47 anos).

Em suma, ainda cabe ressaltar que, se durante os dias laborais, a área central da cidade do Rio de Janeiro possui alguns padrões, com suas respectivas práticas e estratégias espaciais para a obtenção de alimentos, nos períodos noturnos, e, principalmente aos finais de semana, novas configurações espaciais fazem parte da vida cotidiana da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro.

5.3 – "Procurando uma fonte": beber água é muito mais que a ingestão de líquidos

Antes de avançarmos sobre as espacialidades da alimentação no período noturno e aos finais de semana, serão tratados os aspectos de consumo de água por esta população. Um primeiro aspecto importante se deve ao fato que na área central da cidade do Rio de Janeiro não existem bebedouros nos espaços públicos. Esse fator reorienta toda a lógica espacial dessa população, de modo que a obtenção da água como um recurso apresenta um caráter de adversidade e reflete na própria recorrência com que os envolvidos apontam que é necessário "correr atrás das fontes".

Essa expressão extremamente geográfica pôde ser sistematizada a partir dos diferentes diálogos e entrevistas que revelaram um conjunto de estratégias e práticas cotidianas em relação ao consumo de água. Assim, a principal forma de obtenção de água por esta população é por meio de pedidos em bares, lanchonetes e restaurantes. Esta prática corresponde a 55,5 % dos entrevistados (60) e possui, espacialmente, um caráter difuso, pois cada estabelecimento comercial é um local em potencial para a obtenção deste recurso e satisfação desse *desejo/necessidade*. Na prática, estas ações são conduzidas a partir do pedido por um "copo de água" ou levando uma garrafa plástica para enchê-la com o conteúdo necessário.

De fato, alguns entrevistados revelaram que mesmo sendo uma tarefa aparentemente fácil, necessitam realizar inúmeras tentativas para conseguir efetuá-la com sucesso. A justificativa central da dificuldade está relacionada ao fato de que muitos estabelecimentos se negam a dar água para esta população. Nesse sentido, alguns entrevistados apontaram preferir ter uma garrafa plástica em suas mochilas, pois assim diminuiria o constrangimento de pedir muitas vezes ao dia, o que, consequentemente, aumentaria as possibilidades de rechaço por parte dos comerciantes.

Seguindo a ideia de constrangimento, alguns entrevistados assinalaram também que evitavam pedir água em bares, lanchonetes e restaurantes. Por um lado, esta negação se justifica devido a grande probabilidade de sofrerem um rechaço, mas especialmente por sofrerem alguma exposição pública que remeta a sua situação de rua. Por outro lado, outros entrevistados alegaram que muitos funcionários disponibilizam a água morna que sai diretamente da bica. Outros revelaram, ainda, que a própria água da bica possui uma aparência duvidosa em relação às condições sanitárias.

Como você faz pra beber água? Pra beber água? É a única coisa que é difícil. O que as pessoas fazem é a maior "esculhambação". Um dia destes, Eu peguei uma garrafa que estava cheia de negocinho preto dentro. Só porque uma pessoa está morando na rua? Quando tu vai pegar a garrafa de água tá cheia de porcaria. Água é complicado. O que eu faço é chegar a um lugar mais social. Eu não explico a situação, por que a pessoa pode se assustar e falo que eu estou com sede, que estou morrendo de sede. Aí ele vem e me dá água. Você tem sempre que calcular, fazer uma metragem, pra conseguir uma água pra beber. (Isaac, 30 anos).

Pra beber água é horrível. Estou falando sério, porque você tem que pedir no bar e os outros te olham com aquela cara, como se fosse um leproso. (João, 48 anos).

Pra beber água é difícil. Elas tiram água fervendo da bica e te dão. Eles acham que eu estou na marra. Eu pego a água quente que eles me dão e jogo na cabeça. Água quente da bica? Não deixa nem a água esfriar da torneira. É desumano mané! (Leandro, 30 anos).

Pra beber água, o morador de rua sofre. Sofre mesmo. É muito difícil. Eu não sei o que passa na cabeça dos lojistas e donos de lanchonetes. Talvez por que tem muita gente que fica pedindo. Você tem os dois lados também. Mas geralmente as pessoas te negam. Não tem espaços públicos que você possa beber uma água. Não tem lugares públicos, pra você beber uma água. Os banheiros são todos pagos, onde poderia beber água da bica. Então, você tem que fazer igual ao camelo, você achou o lugar, bebe bastante água pra ficar no seu reservatório, porque as pessoas, a maioria das pessoas te nega água. (...) As pessoas não querem que "estas pessoas" cheguem perto dos estabelecimentos. Elas preferem excluir mesmo. Tem outros que são também abusados e não sabem respeitar. Tem lugar que você chega e a pessoa percebe que você é morador de rua e te expulsa logo de vez. Não deixa nem a gente falar. (Otávio, 38 anos).

Frente a um sentimento de constrangimento e estigmatização vinculado à prática dos pedidos em lanchonetes, bares e restaurantes, a população em situação de rua busca outras estratégias e práticas, como a utilização de estabelecimentos públicos. Desse modo, 38% dos entrevistados (41) revelaram que utilizaram esses estabelecimentos alguma vez nos últimos sete dias para o consumo de água.

Defensoria Pública (1)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (1)
Delegacias (7)
Museus e Centros Culturais (14)
Hospitais, Clínicas e Postos de Saúde (18)

0 5 10 15 20
N: 41

Gráfico 8 - Estabelecimentos Públicos utilizados para beber água

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Um importante aspecto relacionado à utilização dos estabelecimentos públicos vincula-se a qualidade da água, que segundo os entrevistados, "além de filtrada, está gelada". Todavia, um aspecto ainda mais central junto ao uso desses estabelecimentos públicos é que, mesmo diante da grande vulnerabilidade dessa população no espaço urbano, se busca, mesmo que de maneira simbólica, um sentimento de satisfação pelo viés da integração sócio-espacial de compartilhamento, ainda que precário, dos fundamentos da cidadania. Essa posição ganha destaque, devido ao fato de que os estabelecimentos privados na área central impedem a entrada e até mesmo a aproximação dessa população, sendo que muitos desses espaços estão dotados de bebedouros e banheiros "públicos".

Como você faz pra beber água? Beber água a gente vai ali, por exemplo, vamos dizer, eu vou lá Banco do Brasil, porque você pode entrar naquele negócio do Banco do Brasil. Você pode entrar qualquer hora, de camiseta, de chinelo, pode entrar. Como é o nome daquilo? Não sei se é livraria, sei que é um negócio de cultura, e que todo mundo pode entrar. E tem uma porção de outros cantos que a gente pode entrar, qualquer um pode entrar porque é público. Aí eu vou beber água, tem água gelada, tem banheiro, tem isso tudo. No Banco do Brasil tu pode entrar, pode entrar sujo, limpo, porque que ninguém vai te parar ali pô. Quase ninguém não sabe, mas tu pode entrar, porque o banco é do Brasil. (Edgar, 38 anos).

E pra beber água? Eu vou ao McDonald's ou eu encho uma garrafa no museu ali da Cinelândia. "Nós sobe" porque é público. Se eu quiser dou uma

olhada em uns quadros que tem lá. Mas eu não entendo aqueles quadros de lá não, porque é lá de são Paulo. (Elias, 19 anos).

Pra beber água, como é que o senhor tem feito? Bebo quando eu vou à delegacia. Aí eu bebo água lá. É um bom local pra beber água? É bom demais. É Gelada. Além da delegacia tem algum outro lugar que o senhor bebe água? Tem. Lá na Defensoria Pública, eu bebo também. A água é gelada, é boa. (Fabrício, 62 anos).

É interessante a utilização dos distintos estabelecimentos, variando desde centros culturais, hospitais, postos de saúde, museus, delegacias, fóruns até bibliotecas públicas. Por outro lado, ainda que os entrevistados revelassem satisfação em entrar nestes estabelecimentos públicos, os mesmos apontaram também para a existência da ideia de interdição espacial simbólica (SILVA, 2008), que impede a entrada desta população, mesmo quando não são proibidas de entrar¹⁵².

Legenda: Estabelecimentos Públicos Centro Cultural Banco do Brasil Casa Franca Instituto de Filosofia e Ciências Sociais IFCS - UFRJ 1ª Delegacia de Proteção à Criança e Adolescente Hospital Municipal Souza Aquiar Unidade de Pronto Posto de Assistência Médica Oswaldo Cruz - PAM 5ª Delegacia de Polícia Civil Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro Centro Cultural da Justiça Federal Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro

Imagem 7 – Estabelecimentos Públicos usados pela População em situação de Rua

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

1.

¹⁵² É importante destacar que, segundo os entrevistados, ainda que muitos prédios sejam públicos, a população em situação de rua é impedida literalmente de entrar, ou seja, a condição cidadã é negada, mesmo que a acessibilidade seja uma das bases fundamentais desses espaços.

Para além da prática de pedidos e da utilização de estabelecimentos públicos, ainda que em menor medida, esta população possui como referência espacial para este tipo de prática, os espaços religiosos, principalmente, aqueles vinculados às igrejas católicas e evangélicas na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Sobre esse aspecto, 12% dos entrevistados (13) afirmaram utilizar esses espaços em particular. Um caso bastante específico das ações religiosas ocorreu por meio da presença de uma igreja protestante que deixava entre as grades do portão principal, que se encontrava fechado, um bebedouro ativo, onde a população em situação de rua poderia obter água, mesmo nos períodos em que a mesma não estivesse em funcionamento.

Acerca dos estabelecimentos privados, 5,5% dos entrevistados (6) afirmaram utilizar os bebedouros de mercados e mercearias localizados na área central, principalmente, onde costumavam comprar algum produto. Nesse sentido, esta população também reforça, em alguma medida, o direito de utilização do serviço pelo viés do consumo, mesmo que seja em escala esporádica e reduzida nestes locais.

Por outro lado, 7,4% dos entrevistados (8) revelaram utilizar os bebedouros ou mesmo as bicas dos postos de gasolina para satisfazer essa necessidade. Outro aspecto relevante, mesmo que pouco representativo, compõe-se a partir de relações particulares e isoladas dos sujeitos com alguém que trabalha em um estabelecimento comercial ou de serviço na área central.

Desse modo, 11,1% dos entrevistados (12) revelaram possuir algum "esquema", como, por exemplo, em floriculturas, salões de beleza, estacionamentos ou com seguranças de prédios. Bastante notável é a dimensão de discrição sobre esta relação, pois estes acordos não devem ser revelados, caso contrário, ocorreria uma ruptura desta ajuda. Acerca de alguns desses acordos como estratégias espaciais:

E como é que você faz pra arrumar a água? A água? A água é o seguinte: A gente que tá na rua, a gente tem consideração e tem gente que sabe, que a gente trabalha. Eu Vou lá no mercado, lá tem água gelada. Eu vou lá compro um suco. Eu chego lá e vou logo com uma garrafa de dois litros. Eu falo com o segurança: - Segurança dá pra arrumar uma água gelada "pra mim fazer um suco"? Aí ele fala: - pode, vai lá, vê se tem lá. Aí eu vou lá, eu bato na porta do maluco lá, Aí eu despejo o pozinho. Faço o suco e todo mundo bebe. (Geovane, 42 anos).

O segurança ali, que já conhece a gente, vê que a gente é mais tranquilo, não é ladrão, ele deixa a gente pegar água lá e a água é gelada, entendeu? Ou Então quando eu tô com sede e vou com uma garrafa de água e vou pro

supermercado. Ah eu peço em bar cara, mas água de torneira ali, entendeu? essa água já é filtrada. (Gabriel, 36 anos).

Por fim, duas outras práticas reveladas pelos entrevistados ao longo da pesquisa chamaram atenção pela particularidade. A área central da cidade do Rio de Janeiro possui um forte comércio informal ambulante em que são vendidos, desde bebidas e alimentos, até roupas e eletrônicos.

O comércio de bebidas informal está praticamente presente em cada esquina da área central e esses pequenos comerciantes utilizam caixas de isopor com gelo para manter a temperatura dos produtos. Esse tipo de atividade se desenvolve nos espaços públicos, mas não possui qualquer tipo de legalidade e, portanto, sofre com inúmeras sanções das forças de controle e ordem urbana. Entretanto, devido às altas temperaturas da cidade do Rio de Janeiro, ocorre o derretimento do gelo utilizado para a conservação e, nesse momento, surge à possibilidade dessa estratégia em particular.

Desse modo, 7,4% dos entrevistados (8) utilizaram esta prática, que consiste na aproximação junto aos comerciantes de bebidas, com um copo ou uma garrafa plástica descartável, para pedir um pouco da água derretida. Segundo os entrevistados, a maioria dos comerciantes não se queixa em dar um pouco de água, principalmente, porque este gelo derretido seria descartado das caixas de isopor.

Essa estratégia bastante particular reenfatiza um caráter simbólico, pois esta água proveniente dos isopores está gelada e teoricamente filtrada. Assim, tal fato representaria uma ideia de prazer e satisfação, além de se configurar como um elemento compartilhado com os demais cidadãos integrados na sociedade, mesmo diante da precariedade de como a mesma é adquirida.

Uma segunda estratégia, apontada por apenas 3,7% dos entrevistados (4), é realizada por meio do consumo direto dos canos perfurados do sistema de abastecimento da cidade, assim como dos lagos e fontes existentes em espaços públicos. Essa estratégia, segundo os entrevistados, ainda que revele a precariedade da própria prática, inclusive em relação à saúde, se justifica por não desejarem manter qualquer nível de dependência frente a um recurso tão elementar como a água para a satisfação de um desejo/necessidade cotidiano.

Desse modo, o consumo de água se caracteriza como um elemento particular e de grande centralidade na dinâmica espacial cotidiana da população em situação de rua,

e se organiza por meio de uma série de conhecimentos sobre estratégias, pontos e horários na área central da cidade do Rio de Janeiro.

5.4 – "A comida que chega de Deus": a centralidade das carreatas e as mobilidades na alimentação noturna

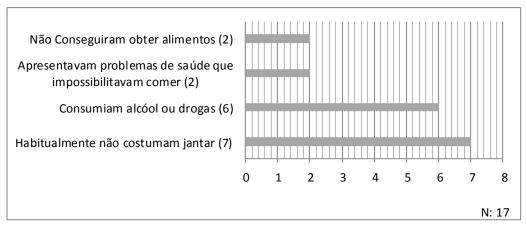
Geograficamente, muitas áreas centrais, dentre elas, a da cidade do Rio de Janeiro possuem em suas dinâmicas, características muito expressivas e antagônicas. Por um lado, o período diurno é marcado pela forte presença de estabelecimentos comerciais, de serviços e instituições públicas, que geram, como resultado, uma grande concentração de pessoas. Todavia, no período noturno ocorre uma grande inversão, com o resultado da drástica redução dos fluxos e densidades, seja em relação à permanência ou às mobilidades espaciais.

Nesse sentido, a prática de alimentar-se no período noturno para a população em situação de rua é marcado por outro ritmo, no sentido de não poderem se utilizar das mesmas práticas e estratégias disponíveis no período diurno. O Restaurante Popular não está acessível, pois sua funcionalidade está relacionada com a própria dinâmica econômica e laboral do Centro no período diurno, assim como os demais restaurantes, bares e lanchonetes devido à redução da população na área central e, com isso, a prática dos pedidos se torna mais difícil de ser executada, inclusive pelo forte sentimento topofóbico que se intensifica no período da noite. Entretanto, mesmo diante do quadro sócio-espacial caracterizado, diferentes configurações existentes, a prática de jantar parece não ser comprometida, segundo as informações dos entrevistados.

Assim, mesmo diante destas configurações, 84% dos entrevistados (91) afirmaram ter realizado, pelo menos uma vez nos últimos sete dias, a prática do jantar. A pergunta inicial esteve vinculada ao jantar como uma atividade cotidiana, principalmente, a partir da emergência enunciativa dos próprios sujeitos.

Dessa maneira, 19% dos entrevistados (17) revelaram que não jantaram nos últimos sete dias. Todavia, ao serem indagados acerca dos motivos de não terem se alimentado à noite, os mesmos revelaram aspectos que contrariam a ideia tradicional das dificuldades na aquisição de alimentos.

Gráfico 9 – Fatores que levaram os sujeitos a não jantarem nos últimos sete dias



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Em linhas gerais, a alimentação no período noturno não se fundamenta como um entrave no cotidiano dessa população, mas ao mesmo tempo, não se configura como uma atividade que possui uma centralidade em relação a própria prática da alimentação. É interessante notar que a ideia de *jantar* ou de *não jantar*, parece estar mais associada a quaisquer outros fatores, levando em consideração que somente 1,8% dos entrevistados (2) apresentaram dificuldades para a aquisição de alimentos.

Entretanto, considerando a grande maioria dos entrevistados que realizaram as refeições noturnas, foi constatado através dos trabalhos de campo, mas principalmente das entrevistas, a importância das *Carreatas*¹⁵³ na dinâmica da alimentação noturna na área central.

Com base nas entrevistas, 64% dos entrevistados (69) declararam ter jantado alguma vez, nos últimos sete dias, por meio da solidariedade desses grupos. Estas atividades são organizadas, principalmente, por grupos religiosos que preparam as refeições em suas unidades operacionais e as distribuem nos principais *lugares de permanência* noturna da população ou em locais que se sintam seguros para a realização de ações nesse período. Cabe apontar, que a quantidade de *carreatas* na área central é tão expressiva que se optou por não mapeá-las em relação às suas origens, trajetórias e frequências, ainda que se reconheça a necessidade de maiores conhecimentos,

¹⁵³ Alguns dos entrevistados também denominam tais ações solidárias como *caravanas*.

explicações e pesquisas futuras¹⁵⁴. Sobre a importância das carreatas na espacialidade cotidiana da população em situação de rua, elucida um dos entrevistados:

Eu não fico com fome nenhum dia. Jantar, eu como nas carreatas que dão comida. Quatro horas, agora eu vou à Lapa, pra comer a comida das irmãs. Dou uma descansada. Quando forem umas nove horas, eu vou pra Praça dos Professores buscar uma quentinha. Ontem eu também jantei na Praça dos Professores (Oswaldo, 28 anos).

Buscando maiores conhecimentos sobre a atividade das carreatas, alguns sujeitos apontaram, como um elemento central, a heterogeneidade destas próprias ações. Assim, algumas carreatas possuem regularidade precisa e mesmo diante de condições extremamente adversas, como em fortes dias de chuva, distribuem as refeições. Por outro lado, algumas destas ações não possuem qualquer periodicidade ou "compromisso", chegando a falar em ações que são únicas, por nunca terem visto as pessoas envolvidas, e, por isso, geram certa desconfiança entre a própria população 155. Acerca dos aspectos que envolvem a regularidade destas ações:

No dia da semana que eles não passam é por causa da chuva, mas agora neste momento é por que vai ter um feriado. Todo mundo viaja e não chega a comida aqui. Choveu diminui. Só aqueles que têm o temor de deus. Ninguém tem obrigação de vir. Uns vem por causa de promessa, outros por que Deus bate no coração deles. No feriado não passa nada e está tudo fechado (Isaías, 33 anos).

Outro aspecto diferencial está na variedade e na qualidade das refeições. Segundo os entrevistados, a maioria das *carreatas* distribuem refeições com arroz, feijão, macarrão e carne ou somente sopa. Em relação aos recipientes, estes podem ser servidos em embalagens descartáveis conhecidas como *quentinhas*, em recipientes plásticos ou, até mesmo, caixas *Tetra Brik* reutilizadas. Ainda em menor número, outros grupos distribuem sanduiches, biscoitos e frutas. Foi apontada, também, a diferença da qualidade entre elas, pois algumas carreatas servem refeições excelentes, enquanto outras distribuem refeições que não podem sequer serem consumidas. Nesse sentido, o conhecimento das ações solidárias e suas rotinas em relação aos pontos de distribuição,

¹⁵⁴Foi realizado o mapeamento de algumas organizações, mas optamos por não revelá-lo no corpo da tese devido às orientações políticas da visibilidade de suas ações e pelos poucos contatos, muitos deles superficiais realizados com alguns integrantes dos grupos.

¹⁵⁵ Em uma das conversas informais, mais especificamente na Rua Uruguaiana, foi apontado que se não conhecem a *carreata* ou se desconfiam de algo, recebem o alimento, mas não o comem. Outros revelaram que, ainda que estejam com fome, aguardam os outros comerem para ver se ocorre algum problema. Esse tipo de atitude está associado a um histórico de envenenamento já vivenciado por alguns e, ao mesmo tempo, difundido entre a própria população em relação à doação de alimentos.

dias e horários participam diretamente das próprias escolhas individuais e de suas mobilidades.



Imagem 8 – Principais pontos de distribuição das carreatas

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

A partir da imagem, é possível perceber que a maior parte das carreatas, mesmo realizando suas atividades por meio de circuitos que a própria área central, organiza-se em torno dos principais lugares de permanência noturna e, portanto, reforçam a própria referência espacial dessas áreas no Centro. É interessante notar que outros lugares de permanência¹⁵⁶ desta população no período noturno não recebem qualquer assistência, principalmente pelo caráter afastado e mal iluminado da própria área, fazendo com que a própria população nestes lugares se desloque para outras áreas onde ocorra a distribuição de alimentos.

Segundo os próprios sujeitos, as *carreatas* não possuem qualquer articulação, algumas delas, inclusive, se encontram no mesmo dia e local distribuindo refeições para a população em situação de rua. Ainda no diálogo com os sujeitos, foi revelada uma

¹⁵⁶ Destaca-se, especialmente, o entorno do Museu de Arte moderna – MAM.

superabundância em determinados momentos, fato que gera um sentimento de impotência e até de culpa, pois mesmo aceitando estas refeições para não fazerem "desfeitas", reconhecem que não poderão comê-las e, pior, terão que descartá-las no período da noite ou no início da manhã seguinte.

O aspecto da superabundância no período noturno se contrasta com os dois momentos de carência durante a semana na área central. O primeiro deles se relaciona com as noites de terça-feira, quando ocorre, drasticamente, a redução do número de carreatas; o segundo, por sua vez, configura-se a partir de todo o período do final de semana.

Segundo a própria população, nas noites de terça-feira ocorre uma significativa redução das carreatas e as poucas que realizam suas ações recebem uma grande procura, por vezes não conseguindo contemplar a todos que se deslocaram para os seus pontos ¹⁵⁷. Sobre as dificuldades referentes ao aspecto das carreatas em particular, estabelecendo um ritmo junto à população em situação de rua, elucidam alguns entrevistados:

(...) A janta, eu já venho pra cá, aqui já corre uma carreata aqui. Se a carreata não passar e eu estiver com fome, eu compro, pois eu tenho um dinheiro guardado, porque eu tenho minhas economias guardadas. O único dia que é mais ou menos é terça-feira. É um dia meio complicado. Hoje é quarta, com certeza vai passar. *Porque você acha que na terça-feira não passa?* Eu não sei não. (Edir, 49 anos).

(...) *E pra jantar?* Jantar, eu pego aqui na praça com as carreatas mesmo, menos na terça-feira, que não passa comida, nem roupa. *Como foi esta terça, por exemplo?* Nesta terça eu não comi nada (Fábio, 23 anos).

Você jantou ontem? Jantei lá na Praça dos Professores. (...) passou umas três carreatas lá ontem. Sobrou comida? Não dá pra comer tudo. Da pra comer as três? Dá. Passa de uma em uma hora. Agora, na terça, terça-feira não passou comida nenhuma não. Terça é ruim pra contar. Terça é um dia ruim? É, a Xxxx não solta, não. É tipo a folga pra eles. Ah, então é folga pra eles na terça feira? É. Toda terça só tem lá na rua ali perto do Banco Itaú. Mas você comeu alguma coisa à noite? Acho que pipoca, eu acho. (Gilberto, 21 anos).

Ontem eu jantei na Praça dos Professores. No domingo foi o peixe, mas eu fiz um macarrão com legumes também. Na sexta, eu jantei na Praça dos Professores. Todo dia eu janto lá. Só na terça-feira que não tem. Quase não passa. Aí na terça-feira eu comi com o dinheiro do garimpo. (Oswaldo, 28 anos).

Acerca da irregularidade das refeições às terças-feiras, ou de esporadicamente não conseguirem realizar uma refeição noturna, esta população possui uma série de

¹⁵⁷ Devido à falta de maiores diálogos ou entrevistas com estes grupos de solidariedades, não foi conhecido o exato motivo, mas esta redução pontual, afeta de maneira direta, a organização espaçotemporal da alimentação desta população neste recorte espacial da cidade.

outras estratégias. Uma destas práticas alternativas, frente a uma eventual ausência das carreatas, está diretamente ligada ao comércio informal e ambulante de alimentos.

Ainda que a área central sofra um esvaziamento significativo após às 19:00 horas, alguns trabalhadores permanecem até 23:00 horas. Como reflexo das permanências, são acompanhados pelo setor do comércio informal de alimentos. Nesse sentido, barracas de salgados, churrasquinhos, cachorro-quente, pipoca, churros, entre outros, aguardam até os últimos movimentos de retorno do fluxo residual de trabalhadores.

Assim, ao término do dia, muitos dos pequenos comerciantes necessitam de ajuda para empurrar os carrinhos até os depósitos, e a população em situação de rua se insere diretamente neste circuito. Desse modo, ao final de cada deslocamento, recebem uma compensação em dinheiro pelo serviço¹⁵⁸ e os alimentos que não foram vendidos e não poderão ser comercializados no dia seguinte. Acerca dessa estratégia, segundo os entrevistados, aqueles que conseguem os alimentos, retiram uma parte para si e distribuem o restante entre os demais no lugar de permanência onde dormem.

Por fim, a ação da compra das próprias refeições se configura como estratégias frente à carência. Assim, principalmente na área da Central do Brasil, que possui alguns bares e restaurantes abertos vinte e quatro horas, tornam-se uma importante referência espacial para esta população. Todavia, cabe ressaltar que alguns sujeitos revelaram evitar a circulação por esta área, isso se deve aos aspectos de violência ou por causa da distância em relação aos seus respectivos lugares de permanência.

Desse modo, a alimentação desta população no período noturno, se comparada com as lógicas diurnas, é impactada pela própria dinâmica urbana, mas possui o trunfo das ações de solidariedade e os próprios fluxos residuais de uma grande metrópole. Entretanto, com a chegada dos finais de semana, o cenário se inverte totalmente e se abre uma série de novas espacialidades vinculadas à alimentação na área central da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁵⁸ Os valores correspondentes variaram entre cinco e dez reais por deslocamento.

5.5 – Entre a autonomia e a fé: a abertura e a produção de novas espacialidades aos finais de semana

Como apresentado nas seções anteriores, de segunda-feira à sexta-feira existe um conjunto de estratégias e práticas relacionadas à alimentação diurna e noturna; todavia, aos finais de semana, desenham-se outros arranjos particulares e conhecimentos espaciais na área central.

Assim como no período noturno, durante todo o final de semana o Restaurante Popular está fechado. No mesmo sentido, a maioria dos bares e restaurantes opta por não abrir devido ao menor fluxo de transeuntes nestes dois dias. Um terceiro aspecto se caracteriza diante do fato de que as ações solidárias das *carreatas* sofrem uma drástica redução, pois os envolvidos na preparação e distribuição são voluntários e também veem nos finais de semana, os seus respectivos dias de descanso e lazer. As ações religiosas, ao contrário, permanecem nos finais de semana, especialmente da Igreja Católica.

Aos sábados e domingos, sob a iniciativa da Arquidiocese do Rio de Janeiro¹⁵⁹ e da ação direta da Pastoral Social do Povo de Rua¹⁶⁰, ocorre a distribuição na própria Catedral Metropolitana de um café da manhã para a população em situação de rua. Nestes dois dias, há uma convergência espacial dessa população, vinda de diferentes lugares de permanência da área central, e até mesmo, da Zona Sul, para esses dois eventos.

De fato, estes eventos são extremamente importantes para esta população, ao ponto de alguns entrevistados afirmarem realizar as demais atividades cotidianas somente depois da distribuição do referido *café da manhã*¹⁶¹. Também segundo a própria população em situação de rua, o *Café da Catedral* se configura geograficamente como um lugar de encontro, onde são estabelecidas interações, diálogos e até mesmo reacendem antigas desavenças, ainda que dificilmente ocorram ações de violência, fato

¹⁵⁹ A arquidiocese se constitui como uma circunscrição territorial organizada pela Igreja Católica para o conjunto de suas ações político-religiosas no espaço. Uma Arquidiocese pode possuir várias dioceses e esta "Província Eclesiástica" é governada pela atuação de um arcebispo nomeado pelo Papa.

¹⁶⁰ Segundo o Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), as Pastorais Sociais se constituem como ações voltadas concretamente para os diferentes grupos ou facetas da exclusão sociais que se apresentam no campo, na cidade, no mundo do trabalho e da mobilidade humana. No Brasil, existem 11 Pastorais Sociais, que são: *Pastoral da Terra, operária, da criança, do menor, da saúde, carcerária, do povo da rua, dos pescadores, dos migrantes, da mulher marginalizada* e dos nômades (2008, p.40).

¹⁶¹ Normalmente, o evento pode reunir mais de cento e cinquenta pessoas ao longo da atividade.

que pode ser explicado devido ao respeito com a dimensão religiosa e assistencial do lugar.

Nos sábados, ocorre também a distribuição de um café-da-manhã em outro espaço religioso, este coordenado pelos espíritas *kardecistas*. Todavia, este local possui uma importância mais periférica devido a dois motivos. O primeiro deles é a menor capacidade de atendimento pelo reduzido espaço que possuem, e o segundo aspecto, já apontado anteriormente, caracteriza-se por um conjunto de atividades religiosas que podem ocorrer e uma parte deste segmento que não está disposto a participar.

Aos sábados, mesmo com a redução dos ritmos da área central é possível almoçar em alguns poucos restaurantes que permanecem até as 14:00, mas, no domingo, praticamente todos os estabelecimentos comerciais estão fechados, o que garante uma centralidade ainda maior das ações assistências da Catedral Metropolitana. Por outro, devido a menor regulação do Estado sobre os espaços públicos, também são organizadas formas espaciais bastante específicas: as atividades do almoço preparado pela população em situação de rua nos espaços públicos.

No caso brasileiro, esta prática não se restringe à cidade do Rio de Janeiro, pois foi identificada por outros pesquisadores, como analisado na cidade de São Paulo (FRANGELLA, 2010 e KASPER, 2006). Uma das possíveis explicações é que este tipo configuração não seja possível nos dias laborais na área central da cidade do Rio de Janeiro, isso devido ao enorme controle das políticas de ordem urbana. Aos domingos, entretanto, diante do baixo fluxo de pessoas na área central, e por uma redução do próprio efetivo de policiais e guardas municipais, esta prática se faz bastante presente e ocorre simultaneamente em diferentes locais da área central.

Independentemente das inúmeras estratégias e do o caráter altamente individual nas atividades da alimentação cotidiana, esta prática de organização coletiva nos espaços públicos se caracteriza por ser uma atividade coletiva. Segundo os entrevistados, a primeira ação é a busca por utensílios, talheres e temperos, dentre aqueles que farão parte da atividade. Sob a organização dessa prática, alguns entrevistados revelaram possuir esses objetos escondidos no próprio espaço público¹⁶².

Por conseguinte, os envolvidos estabelecem algumas responsabilidades para a aquisição de alimentos para a própria refeição. Estas ações são estabelecidas de duas

-

¹⁶² Trataremos os aspectos relacionados aos utensílios e os pertences pessoais no próximo capítulo.

maneiras. A primeira delas ocorre por meio da arrecadação de pequenas quantias de dinheiro entre os envolvidos, em que cada um contribui como pode. Esta prática é conhecida como *vaquinha* ou *ratatá*. Posteriormente à arrecadação, os envolvidos se deslocam para as mercearias ou pequenos mercados localizados na zona periférica do centro, que permanecem abertos aos domingos, e compram a quantidade de mantimentos possíveis com o dinheiro arrecadado.

Para aqueles que não possuem qualquer quantia de dinheiro, mas desejam participar do evento, a estratégia é ir à Feira da Glória. Este evento ocorre todos os domingos e reúne uma grande quantidade de pessoas, principalmente para compra de alimentos frescos¹⁶³. Segundo os entrevistados, a principal estratégia é por meio do pedido de alimentos, seja para os clientes ou para os feirantes. Após conseguir uma quantidade desejada de alimentos, principalmente carnes, verduras e legumes, retornam para o lugar onde será realizada a refeição¹⁶⁴.



Imagem 9 - Locais de Refeições Improvisadas e a Feira da Glória

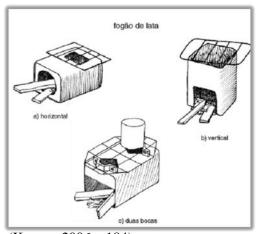
Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

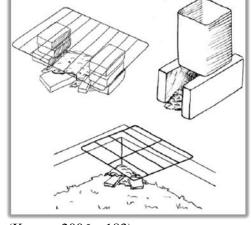
¹⁶³ Cabe ressaltar, que mesmo aqueles que contribuíram com algum dinheiro, também foram para a feira livre buscar alimentos para o preparo destas refeições coletivas.

¹⁶⁴ Alguns entrevistados afirmaram que, mesmo não participando das refeições coletivas, recorrem à Feira da Glória para a obtenção de alimentos, seja por meio da compra ou de pedidos.

Como já analisado por Kasper (2006), o processo de cozimento é realizado de modo improvisado, mas seguindo alguns padrões. Normalmente, o fogo é produzido por meio da utilização de caixotes de madeira encontrados com certa facilidade na área central da cidade do Rio de Janeiro¹⁶⁵. Como recipiente, as grandes latas metálicas de vinte litros, que normalmente armazenam manteiga, óleos comestíveis e doces são refuncionalizadas para cozer os alimentos, tanto por meio de fogareiros quanto por fogões de lata.

Figura 11 – Modelos de fogareiros adaptados pela população em situação de rua encontrados na área central da cidade do Rio de Janeiro





(Kasper, 2006 p.184).

(Kasper, 2006 p.183).

Na prática, ainda que não seja o objeto central da presente investigação, foi observado que a presença feminina ganha destaque diante desse quadro, principalmente por centralizar o preparo dos alimentos. Todavia, nos casos que havia somente existia a presença de homens, as mesmas práticas também ocorreram sem maiores transtornos.

Em geral, ao final de todo o preparo ocorre a distribuição das refeições, no horário entre às 14:00 e 15:00 horas. Assim, cada um dos envolvidos, tendo em mãos suas respectivas *cascudas*¹⁶⁶, serviam as suas próprias refeições. Cabe ressaltar que algumas pessoas que não participaram do processo, e chegaram posteriormente ao local, também se alimentaram sem qualquer tipo de diferenciação.

¹⁶⁵ Este aspecto se diferencia daqueles analisados por Kasper (2006). Segundo o autor, os caixotes de madeira eram centrais para alguns como fonte de renda principal na cidade de São Paulo. Relação que não apresentou qualquer destaque na área central da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁶⁶ A cascuda se constitui como qualquer objeto que ressignifique a funcionalidade de um recipiente.

Por fim, a última noite da semana também é marcada pelas ações assistenciais da Igreja Católica, mas, desta vez, presidida pela Ordem Religiosa dos Franciscanos. Tradicionalmente, esta ordem possui fortes vínculos com grupos e segmentos marginalizados e práticas assistenciais e solidárias nos espaços públicos.

No caso da área central, os Franciscanos distribuem alimentação em dois lugares concomitantemente e de importância icônica na dinâmica recente da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro deles é a Praça da Candelária, onde se localiza uma das mais importantes igrejas patrimoniais do Brasil, mas, também, cenário de uma emblemática chacina sobre essa população. O segundo ponto é a Central do Brasil, um dos espaços mais estigmatizados da área central, inclusive internamente para a própria população, apresentando um forte estereótipo do usuário de crack.

Legenda:
Atuação Franciscana Domingo à noite

Central do Brasil
Praça da Candelária

Imagem 10 - Atuação da Ordem dos Franciscanos aos domingos à noite

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

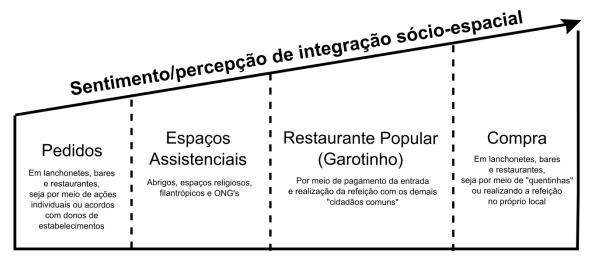
Assim, esses dois pontos de distribuição são importantes referências espaciais para a alimentação noturna aos domingos, além de concentrar parcela significativa da população em situação de rua na área central. A regularidade da distribuição, sobretudo em um dia com poucas ofertas, faz com que muitos não troquem a certeza da refeição

em um dos dois lugares supracitados pelas dúvidas das carreatas, que, algumas vezes, não passam neste dia específico da semana.

Em suma, as diferentes estratégias e práticas dessa população frente ao aspecto da alimentação revelam, por um lado, a importância do conhecimento do espaço e de sua composição de lugares e horários, assim como, dos comportamentos, exigências e ideologias vinculadas ao espaço.

De fato, a alimentação na área central, ainda que possua certa irregularidade das ofertas em determinados momentos da semana e da própria qualidade das refeições, está longe de ser considerado um problema central na organização espacial da vida cotidiana dessa população. Nesse sentido, a própria ideia de fome aparece no discurso dos entrevistados de maneira pouco expressiva e um tanto quanto esporádica, por exemplo, quando não consegue realizar, por alguma eventualidade, uma das refeições do dia.

Figura 12 – Percepção hierárquica de integração sócio-espacial da alimentação



Fonte: Igor Robaina (Organização) Amanda Fernandes (Desenho Técnico). Grupo de Pesquisa Território e Cidadania

Diante desse quadro, é possível concluir que a prática da alimentação não se caracteriza somente como uma necessidade biológica, pois está dotada de fortes elementos socioculturais e lógicas espaciais que variam hierarquicamente desde a submissão, dependência e estigmatização incondicional, por meio dos pedidos e ações assistenciais, até a autonomia, liberdade e o sentimento de cidadania pelas opções/escolhas por meio da compra em bares ou restaurantes, em determinados momentos específicos ou períodos na área central.

Ao final deste capítulo foi possível constatar que, além das diferentes estratégias e práticas espaciais que envolvem os aspectos da alimentação, os processos de escolha e hierarquizações dependem da própria situação em que os indivíduos se encontram, no que tange aos aspectos econômicos, físicos e psicológicos em questão. As escolhas que estão indissociavelmente vinculadas ao espaço estão relacionadas diretamente a uma ideia de satisfação, mas principalmente, de integração, ou pelo menos, na busca por este sentimento na organização espacial de suas vidas.

CAPÍTULO 6 – SOBRE OS CUIDADOS DE SI E AS ESPACIALIDADES DA HIGIENE, EXCREÇÃO E DOS PERTENCES PESSOAIS

Não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária. (FOUCAULT, 2006, p.271)

As dificuldades no campo objetivo para os cuidados de si (*Ibidem*, 2006), aqui organizados nos seguintes aspectos: *higiene corporal*, *necessidades excretoras*, *utilização e limpeza das roupas* e a *manutenção dos pertences pessoais*, tornam-se efetivamente um desafio na organização espacial da vida cotidiana da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro.

De fato, diferentes são as percepções, as estratégias e as práticas dos sujeitos para enfrentar as distintas configurações da vida cotidiana na garantia de determinados aspectos da apresentação pessoal pública (GOFFMAN, 2012, 2011, 1985). A vulnerabilidade vivida por cada um destes sujeitos pode os levar, de alguma maneira, à busca desesperada pela saída das ruas até a aceitação frente às questões estruturais e suas cargas estigmatizadoras (*Ibidem*, 1975) como marcas de interação social, também representada espacialmente na vida cotidiana.

Na prática, em razão das múltiplas adversidades, criam-se inúmeras estratégias e práticas relacionadas aos cuidados de si, esses sempre com base nas relações com o espaço. De maneira significativa, a população em situação de rua precisa lidar de diferentes formas diante das adversidades e estigmatizações vividas. Essas lógicas são operadas de modo bastante diferenciado dos demais grupos e segmento populacionais que possuem uma relação de maiores permanências com os espaços domiciliares e de suas potencialidades materiais e simbólicas como um lugar o cotidiano.

Diferente dos imaginários e das representações sociais estabelecidas sobre essa população, esses sujeitos também são conhecedores das mesmas imagens e representações estigmatizadoras que recaem sobre eles nesta situação, inclusive, compartilhando muitas delas, pois, em alguma medida, já possuíram outros padrões de organização espacial da vida cotidiana e os valores morais em relação ao próprio fenômeno.

Algumas das ideias construídas histórico-socialmente em torno da higiene podem ser associadas, por exemplo, com as noções de pureza, poluição e perigo

propostas por (DOUGLAS, 1966) e como estas se apresentam, se expressam e demarcam uma fronteira frente às dimensões de integração e segregação sócio-espacial. No caso da população em situação de rua, o próprio fato de permanecer grande parte do tempo nos espaços públicos já se caracteriza como um aspecto aglutinador de outras categorias sociais degenerativas, bem como a precariedade infraestrutural destes dos *cuidados de si* que intensificam, ainda mais, a repulsa e os efeitos da estigmatização. Acerca de tais ideias, e com base na noção de nojo, elucida Rodrigues:

A reação de nojo é uma reação de respeito pelas convenções que classificam e separam. Assim como o ato de purificar é um ato de retirar as manchas que borram as linhas de demarcação dos limites de cada categoria — porque é necessário haver separação para haver comunicação e haver sentido para a poluição ter sentido. Uma coisa nojenta é sempre uma coisa que cruza indevidamente uma linha demarcatória, estabelecendo-se em um lugar impróprio e deslocado do sistema de ordenação. A reação do nojo é uma reação de proteção contra a transgressão da ordem. (RODRIGUES, 2006, p.125).

Desse modo, esse conjunto de elementos, para o caso particular da pesquisa, pode ser definido como um aspecto importante na organização espacial da vida cotidiana desta população, principalmente por que a sua ausência, ou mesmo a precariedade, na forma da apresentação pública pode revelar publicamente a própria situação de rua. A maioria dos sujeitos foge permanentemente dessa estigmatização, já que alguns aspectos que envolvem a apresentação pública, como por exemplo, a falta de calçados pode dificultar ainda mais a própria manutenção da vida cotidiana. Como este fenômeno se configura de modo extremamente heterogêneo, diferentes são as práticas e as estratégias espaciais para satisfazer tais *desejos/necessidades* cotidianas.

Assim, a questão da higiene vinculada à limpeza corporal e das roupas é um dos elementos fundamentais que tange a cotidianidade da população em situação de rua. A imagem de um indivíduo sujo, com as roupas rasgadas, grandes barbas e cabelos desgrenhados, descalço e com os pés escurecidos, resultantes da falta de banho e das fuligens das ruas, assim como a presença de fortes odores associados à falta de limpeza, é uma representação recorrente no imaginário sobre este segmento populacional 167.

¹⁶⁷ Este conjunto de imagens e representações está, muitas vezes, associado àqueles que apresentam graves problemas psiquiátricos e se configuram como figuras icônicas e sintetizadoras que reforçam os processos de segregação e estigmatização social.

6.1 – "Como manter um corpo limpo em uma rua suja?" O lugar do banho nos espaços públicos

A partir da dimensão empírica da pesquisa, seja por meio da observação e dos diálogos, mas principalmente pela realização das entrevistas, revelou-se claramente o desejo/necessidade por parte desta população de expor que a atividade do banho é parte fundamental e constituinte de suas vidas cotidianas.

Cabe ressaltar que mesmo essa atividade possuindo um caráter extremamente precário e com inúmeras adversidades para a realização, esta população manifesta claramente o *desejo/necessidade* da atividade e as aspirações por melhores condições e qualidades mínimas para a sua realização. Acerca da importância do banho para esta população, elucida um dos entrevistados:

Pra tomar banho eu vou lá no MAM (Museu de Arte Moderna). Tem uma fonte de água que é limpa, que se renova. Eu vou lá e tomo um banho. Tem que andar limpo, né?! Não é por que eu estou na rua que eu tenho que ficar sujo. A maioria procura andar limpo. A gente procura andar limpo. A gente já não tem nada, se andar sujo, as pessoas desvalorizam a gente mais ainda. (Iago, 28 anos).

Nesse sentido, 94% dos entrevistados (101) afirmaram ter realizado a prática pelo menos uma vez nos últimos sete dias. No entanto, quando analisados os dados referentes à frequência dessa atividade no mesmo período, constatou-se diferenças significativas entre os entrevistados.

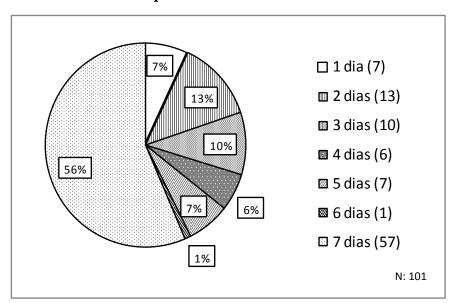


Gráfico 10 – Frequência de Banho nos últimos sete dias

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Com base no gráfico, um primeiro elemento de extrema importância, e que rompe com algumas ideias do senso comum sobre esta população, foi que mais da metade dos entrevistados informaram que realizam esta prática de modo sistemático em suas vidas cotidianas, mesmo diante de significativas adversidades.

Buscando compreender alguns fatores que poderiam explicar as próprias diferenciações internas acerca da atividade de banho e suas frequências, optou-se por inserir a variável *renda semanal* como uma possível chave elucidativa entre os próprios sujeitos que compõem o fenômeno. Com base nessas variáveis, chegou-se a seguinte informação:

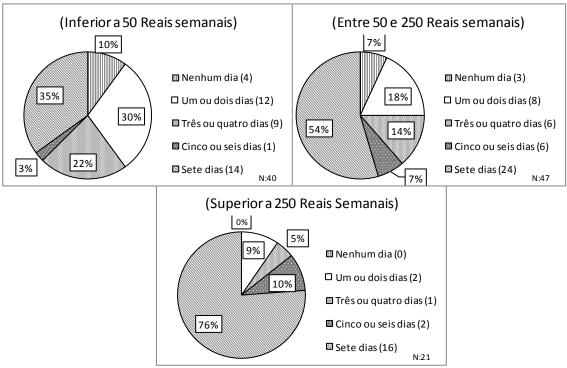


Gráfico 11 – Relação Entre a Frequência de Banho e a Renda Semanal

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Estas informações, ainda que não possam ser decisivas, parecem indicar que, possivelmente, quanto maior as aquisições de recursos, maior autonomia e menor as adversidades materiais cotidianas. Efetivamente, a falta de recursos dificulta de forma sensível a aquisição de materiais de limpeza, como sabonetes, escovas e pastas de dente. Esse aspecto também reduz drasticamente as possibilidades de pagar para a realização do serviço de banho disponibilizados em pensões e hospedarias existentes na área

central da cidade do Rio de Janeiro. Como já apontado anteriormente, os aspectos relacionados com a higiene estão vinculados à ideia de integração social, e diante dos diálogos realizados durante a pesquisa, foi observado que aqueles que não realizam esta prática sofrem contundentes processos de segregação e distinção sócio-espacial, inclusive entre a própria população em situação de rua¹⁶⁸.

Em casos extremos, foi revelado por meio de diálogos, até mesmo, que algumas pessoas em situação de rua se negam em dividir determinados espaços, como bancos de praças, sentar em calçadas ou dormir nos mesmos lugares com aqueles que possuem aspectos associados à falta de higiene¹⁶⁹. Acerca dos aspectos distinção social sobre a questão da higiene, elucida um dos entrevistados:

A gente sempre toma banho. Os caras que andam com a gente, andam em bonde. Se um falar que vai tomar banho, vai todo mundo. Agora os "cracudos" não gostam de tomar banho, dormem sujos. Eu escovo os dentes todo dia. Já tá na rua, ainda vai ficar todo sujo, largado, sem escovar os dentes. "Pra tu ver", a menina perdeu a linha. Ela nem imagina que eu durmo na rua. Ela deve pensar que eu deva dormir em algum lugar e eu durmo na rua. Agora se eu ficar sem escovar dente, não fizer a barba e não cortar o cabelo. "A gente já é discriminado" por estar aqui, ainda ficar deste modo. (Diogo, 28 anos).

Um segundo elemento de destaque está vinculado àqueles que não realizaram a prática do banho nos últimos sete dias. Apesar de tal perfil ser pouco significativo, representando somente 6,5% do total dos entrevistados (7), alguns revelaram as dificuldades para a realização desta atividade e seus rebatimentos em relação à dignidade, enquanto outros apontavam que, devido a percepção de não estarem sujos, não seria necessário a prática de banho naquele determinado período.

Todavia, utilizando-se de uma base comparativa junto a uma pesquisa sobre a cidade de São Paulo, Frangella (2005) observou que a prática da higiene pode variar individualmente em relação a determinados períodos. Segundo a autora, alguns sujeitos

1/

¹⁶⁸ Este aspecto já havia sido apontado por Frangella (2010 p.187), pois, segundo a autora, no "mundo da rua, estar mais limpo do que o outro, cuidar-se mais do que o outro, como já dito, marcam diferenças nas formas de estar nas ruas". Todavia, um aspecto revelador associado à dimensão espacial é que aqueles que mantêm uma regularidade nas práticas de banho evitam frequentar os mesmos lugares que aqueles que possuem uma menor relação com tais práticas.

As questões que envolvem o caráter psiquiátrico parecem participar diretamente deste processo. Ainda que não seja objeto central da presente análise, pareceu evidente que aqueles que apresentam problemas psiquiátricos crônicos, inclusive com a característica de isolamento social, também apresentavam fortes evidências de ausência de higiene pessoal. Desse modo, pode-se inferir que os aspectos relacionados à falta de higiene corporal poderiam intensificar, ainda mais, o isolamento social desse perfil que compõe a população em situação de rua nos espaços públicos e assistenciais.

que se apresentavam limpos durante algumas semanas, principalmente quando estavam em áreas próximas aos abrigos públicos, em semanas posteriores poderiam apresentar traços de degradação pessoal em relação à higiene pessoal.

No caso da presente pesquisa, observou-se também essa configuração, principalmente nos discursos sobre os dependentes químicos de álcool e de crack, que, devido a suas dependências ou "recaídas", e pelo intenso uso destas substâncias, poderia ocorrer uma menor preocupação com os aspectos de limpeza e higiene pessoal. Nesse sentido, 81% dos entrevistados (88) afirmaram utilizar algum tipo de substância que causa dependência. Acerca dos aspectos relativos à utilização dessas substâncias, foi relacionada a variável *renda semanal* para averiguar a existência de alguma relação dela com a prática de banho entre os entrevistados ¹⁷⁰.

(Não Usuários) (Usuários) 0% 8% ■Nenhum dia (0) ■Nenhum dia (7) □Um ou dois dias (6) □ Um ou dois dias (14) 30% 16% ■Três ou quatro dias (2) ■Três ou quatro dias (14) 51% 55% 16% ■Cinco ou seis dias (1) ■Cinco ou seis dias (8) 10% N:20

Gráfico 12 – Relação entre a utilização de substâncias que causam dependência química e a frequência de banhos

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Por um lado, os dados não conseguem apontar que aqueles que utilizam algum tipo de substâncias toxicodependentes possuam menores relações com as práticas de banho, principalmente pensando naqueles que afirmaram ter realizado estas atividades todos os dias da semana. Por outro lado, somente dentre aqueles que utilizaram algum tipo de substâncias ocorreu a não realização da prática do banho no mesmo período.

De fato, para a centralidade da pesquisa, talvez as informações relativas às práticas de banho, os respectivos perfis e as variáveis envolvidas possuam um caráter

¹⁷⁰ O aspecto do uso de substâncias químicas se constituiu como um importante aspecto na organização espacial da vida cotidiana desta população e foi transformada em uma categoria complementar para a compreensão das espacialidades vinculadas a outras atividades cotidianas.

periférico junto à dimensão espacial destas próprias estratégias e práticas vinculadas ao banho e a higiene pessoal na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, um aspecto de extrema importância, e que afetará em grande parte as dinâmica espaciais desta população, é o fato de que a área central da cidade do Rio de Janeiro não possui nenhum lugar de assistência específico onde os mesmos possam tomar banho. Os abrigos ou albergues públicos mantidos pelo Estado e destinados a esta população estão localizados a grandes distâncias da área central, e o Centro Pop Bárbara Calazans, por sua vez, sofre significativamente com a falta de infraestrutura, impossibilitando que seus usuários possam realizar essa prática nesse equipamento social.

Desse modo, produz-se uma espacialidade totalmente distinta na área central da cidade do Rio de Janeiro, em comparação a inúmeras outras grandes cidades brasileiras que possuem estes equipamentos assistenciais e possibilitam as atividades da higiene corporal.

Diante desse fato, esses equipamentos não se caracterizam como a principal referência espacial relacionada à prática de banho e higiene corporal. A partir do conjunto de entrevistas e da sistematização dos dados, chegou-se aos seguintes espaços de utilização para a prática do banho pela população em situação de rua no recorte espacial da presente pesquisa:

□ Espaços Públicos (102)
□ Pensões e Hospedarias (17)
□ Quiosques, postos de gasolina ou bares (17)
□ Abrigos Públicos (16)
□ Casa de amigos ou familiares (15)
□ Espaços de solidariedade (13)
□ No local de trabalho (6)

Gráfico 13 – Locais utilizados como pontos de banho nos últimos sete dias

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Levando em consideração o quadro político que envolve a frágil presença infraestrutural da assistência social na área central da cidade do Rio de Janeiro, no que

tange o aspecto de apoio às práticas de higiene para esta população, estas lógicas estão claramente diferenciadas com base nos espaços públicos e nos espaços privados para a realização das atividades de higiene corporal e banho cotidianamente.

Inicialmente em relação aos espaços públicos, um conjunto de equipamentos, como chafarizes, lagos e fontes, assim como galerias de águas pluviais e tubulações de distribuição e abastecimento público que apresentam problemas de vazamento são alguns exemplos de apropriações por esta população. Cabe ressaltar, entretanto, que apesar da utilização de tais equipamentos transformados em referências espaciais concretas, esta população também apresenta dinâmicas específicas que exigem uma série de outras estratégias e comportamentos, estes últimos pautados em diferentes regras de acesso e ritmos para a permanência destas práticas no cotidiano.

Posteriormente ao conjunto de informações, constatou-se inicialmente que essas práticas nesses lugares não podem ser realizadas permanentemente por essa população, uma vez que são interditadas por um conjunto de ordens morais e poderes que podem reagir inclusive de modo violento, mediadas pelas forças de controle urbano e da própria sociedade civil.

Legenda:
Prática de BanhoLugres Públicos

1 Lago 1- Campo de Santana
2 Cascata- - Rua da Ajuda
3 Nascente' Rua Francisco Muratori
4 Chafariz da Candelária
5 Praga Marchal
Dedoro da Fonseca
6 Lago 2- Museu de Arte
Moderna (MAM)

Imagem 11 – Principais lugares reapropriados para o banho nos espaços públicos

Fonte: Igor Robaina (Organização) Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

Em relação aos possíveis conflitos da apropriação destes lugares pela população em situação de rua, principalmente fontes e chafarizes, por possuírem um forte caráter estético e patrimonial, revelam, por um lado, claramente uma disputa em torno da paisagem desejada e sem qualquer forma de "poluição". Por outro lado, revelam as próprias contradições da cidade, a marginalização sócio-espacial e as próprias dificuldades do Estado em lidar com as demandas existentes por esta população. Segundo Frangella (2005, p.63), apoiada nas teorias da corporalidade:

(...) O corpo do morador de rua desorganiza a concepção de uso público do espaço urbano, tornando-se uma ameaça simultaneamente ideológica – porque sua presença desafia a própria definição de público – e física – esse corpo materializa tal ameaça.

Nesse sentido, a prática do banho nos espaços públicos é duramente coagida pelas forças de controle e ordem urbana em determinados momentos e configurações. Todavia, ainda que estas práticas sejam proibidas oficialmente, as mesmas são efetivadas com base em negociações, ou seja, uma espécie de "permissão não oficial" pelas mesmas forças que as reprimem, indicando a consolidação de um ritmo espaçotemporal de "permissão" dessas práticas nos espaços públicos.

Em conformidade com os diálogos e as entrevistas, identificou-se que lagos e chafarizes são os principais lugares onde se materializam estas atividades "permitidas", mesmo que baseadas em um conjunto de regras, normas de conduta e comportamento.

O primeiro dos elementos de destaque está relacionado com os horários. Assim, foi enunciado que as práticas dos banhos são realizadas, durante os dias laborais, entre as 22:00 horas da noite até às 6:00 da manhã. Aos finais de semana e feriados, o ritmo é modificado, pois além do horário de uso se estender, possui ainda uma continuidade, permanecendo "liberado" após o meio-dia do sábado e durante todo o domingo.

Os períodos são justificados porque a área central já está "totalmente esvaziada" de suas principais dinâmicas e fluxos e, consequentemente, da circulação pendular de seus transeuntes. Por outro lado, um aspecto que interessa à própria população em situação de rua se deve ao fato que a mesma se sente menos constrangida devido ao caráter de relativa privacidade e intimidade dessa atividade nesses nos período's noturno, uma vez reduzida as visibilidades gerais na área central.

Um segundo aspecto se relaciona com os comportamentos dos próprios usuários nestes lugares. Ainda que esta prática seja "permitida" nos períodos noturnos dos dias laborais, aos sábados, domingos e feriados não é permitido que os banhos sejam tomados sem roupas ou que tenham uma conduta que chame muita atenção, como, por exemplo, ficar gritando no local.

Tais comportamentos são passíveis de punição com ações de violência, e, aqueles que procedem de tal modo, correm o risco de ser impedidos de frequentá-los em outras ocasiões. Associado tais aspectos se acumulam, também, questões relativas ao próprio estigma destas práticas nos espaços públicos. Sobre estas duas questões, elucidam alguns entrevistados:

Onde você tem tomado banho? Hoje mesmo foi lá na piscina perto do metrô, Onde o cara entrou e não conseguiu sair. Todos os dias você toma banho ali? Todo dia eu tomo banho ali, mas não sou só eu, tem mulher, homem, criança. Você só toma banho ali ou tem outro lugar? Só tomo banho ali. Que horário você toma banho ali? Tomo banho ali só depois das 22 horas. Por quê? Porque é mais calmo, o tempo é da gente ali. E também o pessoal que fica andando na rua... (silêncio) vocês que tem casa; e aí esse horário tem pouca gente ali. (silêncio) Ali ó, mulher e criança ali, imagina passando e vendo aquilo. (Felipe, 23 anos).

Pra tomar banho é complicado. A gente toma aqui na Rua da Ajuda. Só de madrugada. Ali também no Flamengo. Eu tomo banho todo dia, mas só tardão, por que tem gente passando e tem a Guarda Municipal. Você pode ficar de short, é mais "tranquilão" (Ignácio, 57 anos).

Pro banho está sendo terrível, já estou três dias sem tomar banho. Eu fico até com vergonha de falar isto. (...) Pra tomar banho tem que ser o horário de menos movimento. Imagina só, a gente tomando banho no meio da rua e todo mundo vendo. Não dá né?! (Vinícius, 21 anos)

Como é que tem sido pra tomar banho nesses últimos sete dias? Eu tomo banho lá na Piscina da Rua da ajuda. Quando foi que você tomou o seu último banho? Hoje. Eu tomo banho todo dia. Todo dia? Todo dia. E todo dia na Rua da Ajuda? Todo dia na Rua da Ajuda. Qual é o horário mais ou menos que você costuma tomar banho Geovane? Quatro horas da manhã. Porque esse horário é só fazer assim oh... Eu tenho um short, eu ando com sunga de praia, entendeu? Eu não posso chamar atenção da nação, das pessoas, entendeu? Eu tenho que saber onde é o meu espaço, pra respeitar o espaço dos outros, entendeu? Aí assim: um dia eu "tava" tirando a água assim. (...) Aí o segurança chegou - o Geovane, tu vai tomar banho assim?(Segurança) Meu filho, eu tô com sunga de praia e eu quero tomar um banho pra ficar limpo. Aí ele falou - Maluco, vai mais pra frente ali que o pessoal tá passando aqui. (Segurança) E eu "entendo ele". Ele não tá errado. Cheguei lá e tomei banho. Tomei banho, cheguei lá e despejei uma cumbuca daquelas de coca cola, botei no meio, me ensaboei umas duas ou três vezes, que eu gosto de tomar banho. E fiquei limpo. (Geovane, 42 anos).

Pra tomar banho "tu tem" que dar teu jeito. Eu pego três garrafas de dois litros e tomo o meu banho aqui mesmo. Eu tomo banho de bermuda, porque tu não vai tomar banho pelado, porque passa família. Gente da comunidade, até por que, na Central, quem manda "é os bandidos", não é a polícia. Entendeu? Se nego souber... tem que respeitar. Não é a questão que a polícia

vai te pegar. Em outros locais "nego" chama a polícia, aqui a ordem é outra, tá ligado? (Danilo, 43 anos)

Cabe destacar alguns aspectos nas falas dos entrevistados. A primeira delas, além da questão temporal e moral de uma população que reconhece os próprios estigmas e a transgressão em relação a uma atividade tão íntima e privada nos espaços públicos, é o reconhecimento deste próprio ritmo no espaço urbano. No depoimento de *Felipe, 23 anos*, a expressão "porque é mais calmo e o tempo é da gente ali" elucida claramente o caráter assimétrico das relações, mas, ao mesmo tempo, também revela a força dos processos de negociação em relação às permanências, ritmos e práticas cotidianas nos espaços públicos. Assim, a atividade da higiene corporal é marcada fortemente por estas aberturas vinculadas as relações de poder no espaço e as moralidades que compõem e organizam a complexidade da vida cotidiana desta população em coetaneidade sócio-espacial com o Estado, outros segmentos e grupos sociais.

Um terceiro aspecto, relacionado às lógicas de permanência desta população e que organizam estes lugares como referências espaciais para a prática do banho, estão relacionadas com algumas atitudes e comportamentos que podem gerar desaprovação ou, até mesmo, intervenções violentas entre os próprios sujeitos, sobretudo aquelas vinculadas à poluição do local. Mesmo que a água em muitos destes lugares não apresentem uma qualidade confiável do ponto de vista sanitário, ações como lançar sabão no interior dos chafarizes, fontes e lagos ou realizar necessidades fisiológicas próximas a essas áreas, são dois exemplos de regras que normalmente são respeitadas.

Acerca da realização de banhos em chafarizes, fontes, lagos e outros corpos d'água artificiais localizados nos espaços públicos, há aqueles que utilizam as águas oriundas dos vazamentos do sistema de abastecimento público que caem diretamente sobre o Canal do Mangue. Sobre essa prática na área central, os pontos de vazamento estão localizados ao longo da Avenida Presidente Vargas e possuem uma forte dimensão de privacidade, pois, ao se posicionarem as margens das obras de retificação fluvial, possuem menor visibilidade em relação ao olhar público.

Todavia, um aspecto que afeta diretamente essa estratégia está relacionado à dinâmica das marés. Esse fato leva em consideração que o canal deságua a poucos metros da Baía de Guanabara. Assim, quando a dinâmica da maré está em preamar, avança diretamente sobre o canal, aumentando o volume de água e impossibilita a

entrada desta população junto às margens retificadas e a utilização da mesma. Sobre a particularidade dessas condições de uso, elucida um dos entrevistados:

E o banho, como você faz? Banho eu tomo lá na Leopoldina, perto da Cidade Nova, onde tem um cano grandão. Esse cano tem bastante água. A água vem lá de cima, você entra embaixo ou tem um buraco na beira do valão, bem assim, quando a água do valão tá cheia, não dá pra entra lá dentro, mas quando tá vazia, tem um buraco quadrado, que é onde sai a água limpa da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos), que enche o caminhãopipa. Mas tem que tá com a maré baixa? Mas tem que tá com a maré baixa. Isso aí moleque, tá estudando, tá ligado. (Risos). Isso aí. 'Toma' um banho na moral, já sai limpinho. (Beto, 24 anos).

Nesse sentido, o conhecimento sobre as diferentes dinâmicas participa diretamente na organização desses lugares por essa população, que produz intencionalmente suas mobilidades, permanências e ritmos com base nesses aspectos. Acerca do conhecimento espacial junto à atividade específica do banho e da higiene pessoal, esclarece um dos entrevistados.

Pra tomar banho, como é que você faz? Pra tomar banho tem que se virar também. Vai lá no chafariz, vai no MAM (Museu de Arte Moderna), lá tem tipo uma lagoa, a água é limpinha pra tomar banho. Tem uns lugares assim na cidade, tem uns bueiros. Quais são estes locais? Tem a Praça do Cavalo, sei lá, eu acho que é a estátua de Duque de Caxias. (...). Na Rua Uruguaiana, tem tipo um chafariz. Aqui na cidade é incrível, tem uns buracos cheios de água. "Tu levanta" e é água pluvial. Às vezes, até mesmo eu tomo. "Tu abre" o bueiro é água corrente. Toma um banho e lava roupa. É só um tampão. Tira o tampão e já tá a água ali já. (Edir, 49 anos).

Apesar do conhecimento de uma rede de lugares para a higiene, de suas possibilidades e restrições em relação aos usos nos espaços públicos, existem fortes sistemas hierárquicos, marcados, muitas vezes, por um caráter subjetivo que os distinguem internamente no próprio quadro da área central. Um desses aspectos diferenciadores se relaciona à qualidade da água, ainda que não exista um consenso entre a própria população em situação de rua em relação à classificação hierárquica da qualidade do recurso atributo¹⁷¹.

Ainda sobre os aspectos do banho e sua relação entre a dimensão simbólica e espacial, durante o período dos trabalhos de campo, um morador em situação de rua foi

¹⁷¹ Este processo classificatório gira em torno de chafarizes, lagos, fontes e "buracos d'água" existentes na área central. Cabe ressaltar que as tubulações com vazamento não se enquadram nesta na comparação acerca da qualidade da água, levando em consideração que saem diretamente do sistema de abastecimento e não houve qualquer contestação em relação à sua qualidade.

encontrado morto no interior de um dos principais lugares para essa atividade nos espaços públicos¹⁷². Independente da causa-morte, o evento afastou significativamente parte dessa população nesse lugar, alterando assim, a importância relacional do próprio lugar como uma referência espacial no interior de uma rede de lugares existente.

Um segundo aspecto espacial se vincula à noção de proximidade e moralidade a partir da rede de lugares existentes, que são produzidas e hierarquizadas por cada um dos sujeitos na organização espacial da sua vida cotidiana. Assim, estas relações compõem uma lógica de mobilidades, permanências e da produção de outras estratégias nos espaços públicos.

Desse modo, como às escolhas destes lugares e à própria prática está vinculado aos aspectos da segurança e dos riscos de utilização de alguns dos lugares disponíveis em determinados momentos, principalmente em alguns horários específicos do dia. Assim, determinados lugares, ainda que acessíveis, são evitados ou acessados somente em casos especiais, caso contrário, se opta por realizar outras trajetórias de mobilidade, inclusive com maiores distâncias junto a outros lugares para essa atividade.

Agora mesmo eu vou lá na biquinha, no pé da lapa, no pé do morro aqui do lado. Nessa rua aqui mesmo. Tem uma água muito boa também. (...) Mas de vez em quando eu vou lá. *Tem uma bica lá?* Bem ali. *Ai você de vez em quando vai lá também?* Vou lá, vou lá. Mas nem toda vez eu vou não porque é meio perigoso lá. Quando eu vou lá, o dia tá amanhecendo já, com cuidado. Eu vou com cuidado. De longe, eu olho quem é e quem não é, não sei né?! (Fabrício, 62 anos).

Como você tem feito para tomar banho? Era lá no XXXX, mas o cara me deu soco no olho e riu, o "policia". Era um dos caras que também vivem na pista? Não, foi o "polícia" que me bateu. Tomando banho lá, ele já me deu logo um "socão" e inchou na hora. A Civil foi lá. Estava tendo muito roubo lá e começou a tirar foto de todo mundo. Aí botou todo mundo pra ralar, agora também nem banho pode tomar lá. Pode tomar assim, quando não tiver muita gente. Tem um cara lá. Tem um cara lá que ele bota pra correr. Já tem outro que não bota, não. Ontem foi o plantão bom, hoje já é o dele. Quando alguém toma banho, toma choque. Aí nem vou mais lá. De vez em quando eu tomo banho no Campo do Santana mesmo. Tem uma bica que sai água lá no final. Tomo banho todo dia. Dá não, fico colando. (Gilberto, 21 anos).

Como uma prática alternativa e vinculada a escolha de não realizar qualquer tipo de mobilidade junto a estes lugares disponíveis nos espaços públicos pela maior oferta de água para o banho, assim como, motivada por uma questão de distância, tempo

¹⁷² Posteriormente ao fato ocorrido, duas hipóteses surgem no âmbito da população em situação de rua. A primeira delas foi que o mesmo entrou no local e não conseguiu sair, pois o corpo hídrico está cercado por grades. A segunda hipótese, é que ele teria sido violentamente afogado no próprio local.

gasto, exposição pública ou riscos de violência, se opta pela utilização do banho com a utilização de garrafas plásticas no próprio lugar de permanência noturna, como uma estratégia espacial.

Como você faz para tomar banho? Banho eu vou pegando umas garrafas de água. Quando os pássaros começam a cantar são quatro horas da manhã. Quando a Garrincha canta são quatro horas da manhã. Aí eu levanto. Este é o meu despertador. Levanto, tomo o meu banho. Boto o meu uniforme e vou trabalhar. Todo dia eu pego uma garrafa de plástico no posto de gasolina, mas isto bem cedo. Eu tomo um banho e escovo os meus dentes. (...) Minha estratégia são as garrafas, por que eu tenho medo de tomar banhos nestes lugares, pra não ser chamado atenção pelos guardas municipais. Eu não gosto de ser chamado atenção, entendeu? Eu fico com vergonha. (Tadeu, 52 anos).

Esses aspectos vinculados à população em situação de rua revelam, por um lado, a importância dessa prática, e por outro, as próprias dificuldades 173. Como resultado destes arranjos nos espaços públicos, alguns entrevistados apontaram que, diante de maiores dificuldades momentâneas para a realização da prática do banho, se opta, ao menos, por molhar o corpo, seja por meio de mergulhos ou por meio da utilização de chuveiros públicos nas praias da Zona Sul 174. Além disso, alguns entrevistados revelaram que podem se molhar ou tomar banhos rápidos em situações casuais, quando os mesmos se deparam com porteiros e zeladores de prédios que estão utilizando a mangueira de água nas calçadas e que permitem rapidamente tal prática. Por fim, ainda podem utilizar garrafas de águas para, ao menos, lavar os pés, as mãos, o rosto e o órgão genital.

Diante das adversidades que envolvem o banho nos espaços públicos, a população em situação de rua recorre a uma série de estratégias nos espaços públicos. Desse modo, 9% dos entrevistados (17) revelaram pagar pela utilização de banheiros privados em hospedarias e pensões para realizar a higiene e tomar banho. Tais estabelecimentos estão principalmente associados aos circuitos da prostituição e a hospedagem de trabalhadores em trânsito com baixo poder aquisitivo e, eventualmente, à população em situação de rua¹⁷⁵. Ainda que esses estabelecimentos tenham como

. .

¹⁷³ Muitos sujeitos revelaram não ter materiais de higiene, como, sabão e esponjas para esfregar o corpo. Outros objetos foram enunciados em relação aos aspectos da higiene e dos cuidados pessoais, como desodorantes, perfumes, escovas de dente, barbeadores e cortadores de unha.

¹⁷⁴ Devido à proximidade geográfica, destaca-se a Praia do Flamengo no quadro espacial das praias da Zona Sul e o próprio aspecto da mobilidade espacial em torno desta atividade cotidiana.

¹⁷⁵ As hospedagens em tais locais variam entre valores de 15 e 35 reais.

principal objetivo a hospedagem, alguns deles permitem que seja realizada a prática de banho como uma atividade complementar¹⁷⁶.

A partir dos diálogos e das entrevistas realizadas, os valores do serviço variam entre dois e cinco reais. Aqueles que acessam este serviço salientam a grande comodidade, pois, além da presença do chuveiro, algumas vezes com água aquecida, existe a privacidade da porta e também a possibilidade de lavar concomitantemente algumas peças de roupa.

Em relação a esse conjunto de práticas associadas à higiene pessoal, 9% dos entrevistados (17) também afirmaram ter utilizado postos de gasolina, bares e quiosques. Cabe ressaltar, todavia, a utilização destes espaços para a atividade do banho é estabelecida por meio de processos de negociação social. Desse modo, em todos os casos, existia uma relação prévia com funcionários ou proprietários dos estabelecimentos e a negociação, na maioria das vezes, é estabelecida por meio da realização da limpeza de todo o local, ao término da utilização, como um elemento de troca.

Acerca dos *espaços de solidariedade*, 7% dos entrevistados (13) afirmaram acessar Igrejas e Organizações Não Governamentais em determinados momentos da semana, mas revelaram que estes lugares não estão permanentemente acessíveis, seja em relação aos horários ou aos dias da semana, além de possuírem menor privacidade.

Por fim, 8% dos entrevistados (15) afirmaram ter recorrido à casa de familiares ou amigos para a realização das práticas relacionadas aos cuidados de si, principalmente aos finais de semana. Essa lógica, além de revelar a manutenção, ainda que em diferentes escalas, dos vínculos familiares, se apresenta também como uma possibilidade frente às adversidades infraestruturais dessas práticas nos espaços públicos, além de se caracterizar quase como uma exigência para a própria permanência nos espaços domiciliares e no convívio familiar¹⁷⁷.

Este serviço secundário não é somente utilizado pela população em situação de rua. Muitos trabalhadores da área central não possuem banheiros com chuveiro em seus locais de trabalho.

¹⁷⁷ Com base em alguns diálogos, o aspecto do banho também se destacou em relação ao ritmo entre o espaço das ruas e o espaço doméstico dos familiares. Nesse sentido, quase como uma regra, esta população quando acessa os domicílios de seus familiares possuem a necessidade de "chegarem limpos", como um elemento de integração social para o convívio no espaço familiar.

Desse modo, a atividade do banho se revelou bastante significativa no cotidiano da população em situação de rua população, levando em consideração que estas práticas e estratégias estão indissociavelmente vinculadas a dimensão espacial e são, principalmente, marcadas pelo aspecto da intimidade e os ritmos espaço-temporais da própria prática cotidiana nos espaços públicos.

6.2. — "Entre a limpeza e o descartável": as diferentes espacialidades em relação ao papel das roupas na vida cotidiana

A prática do banho se caracteriza como um forte elemento na vida cotidiana. Entretanto, outro aspecto complementar que envolve os cuidados de si está vinculado à utilização, obtenção, manutenção e limpeza das roupas. Como já apontado anteriormente, a população em situação de rua foge das diferentes representações já consolidadas sobre o fenômeno no imaginário social, dentre elas, aquelas vinculadas à falta de higiene e a degradação da apresentação pessoal. Não há dúvidas que as dificuldades materiais relacionadas à aquisição de novas peças do vestuário se somam aos aspectos associados a própria manutenção e limpeza das mesmas.

Os elementos espaciais da vida cotidiana são fortemente marcados por uma lógica de mobilidade, permanência e conhecimento dos ritmos que possibilitam organização de diferentes estratégias e práticas para a satisfação das necessidades/desejos cotidianos. Uma primeira lógica em torno da aquisição de roupas na área central da cidade ocorre por meio das ações de solidariedade das *carreatas* nos espaços públicos.

De fato, por meio das ações de carreatas, chegam um considerável volume de roupas, que normalmente estes sujeitos se deslocam nos respectivos dias, horários e lugares para a obtenção das mesmas. Entretanto, ainda que estas ações se configurem como a principal forma de aquisição de roupas, um elemento em comum no discurso dos sujeitos são as reclamações sobre as peças doadas, pois, muitas vezes, as roupas apresentam uma aparência desgastada, cores desbotadas e as fibras deterioradas.

Quando esta população recebe uma "peça nova" proveniente de doação, na maioria das vezes, ela já possui uma aparência velha e inapropriada, dentro de um conjunto de aspectos que envolvem a preocupação com a imagem e a apresentação pessoal nos espaços públicos. Sobre esse aspecto, cabe salientar a forte relação das

roupas e a sua importância nas dinâmicas que envolvem as esferas públicas e privadas. Nesse sentido, se para parte significativa da sociedade existe alguma distinção entre as "roupas para sair e roupas para ficar em casa", esta seletividade e hierarquização é impossibilitada para a população em situação de rua, pois esta população possui na esfera pública seu principal período de permanência, às vezes, o único, de apresentação sócio-espacial.

Em linhas gerais, quanto mais deterioradas forem às peças em relação aos seus aspectos materiais, maior será o grau de degradação e estigma social que os sujeitos também poderão sofrer por meio das roupas. Por outro lado, principalmente pensando as dimensões simbólicas relacionadas à efemeridade feroz das próprias tendências (LIPOVETSKY, 2009), as mesmas roupas, às quais, as dinâmicas forçosas do tempo as consomem social e culturalmente, pois, diante de suas lógicas, devem ser progressivamente retiradas do âmbito da apresentação pública, devido ao fato que já não terão mais o mesmo impacto da aceitação social na esfera da apresentação pública.

Com o permanente processo de renovação do vestuário, buscando garantir a continuidade de uma boa apresentação pública, algumas das peças passam a não ser mais utilizadas e perdem o sentido simbólico na própria vida cotidiana, tanto na vida pública, quanto na vida privada e, portanto, necessitam ser descartadas. Em grande parte, são justamente estas roupas obsoletas que são doadas para a população em situação de rua, e que, consequentemente, já não possuem os dois quesitos de qualidade junto às dinâmicas no mundo social.

Um terceiro aspecto, a partir do circuito de doações, caracteriza-se a partir do tamanho das peças do vestuário. Com alguma regularidade, ocorrem reclamações, pois, devido à necessidade de "roupas novas", esta população é obrigada a aceitar peças que também não correspondem às suas medidas, gerando um efeito estético inadequado para uma boa apresentação pública¹⁷⁸ e que pode ser detectado facilmente no mundo social, principalmente, pela forte relação da utilização das roupas nos espaços públicos.

Por outro lado, parte da população em situação de rua também obtém roupas por meio de compras e, assim, destaca-se a presença do *shopping chão*. Estes espaços

¹⁷⁸ Cabe ressaltar que, com alguma regularidade, os sujeitos também realizavam a compra de peças de roupa, principalmente por meio da venda informal de roupas usadas, comercializadas nas áreas próximas da Estação da Central do Brasil.

vinculados a venda de produtos usados de modo informal em algumas calçadas na área central, principalmente em áreas degradas é uma possibilidade, devido aos preços extremamente baixos e pela significativa oferta de variedade em relação aos modelos e tamanhos¹⁷⁹.

Além do aspecto de compra das roupas, mas pensando na manutenção das mesmas e relacionadas aos cuidados de si, ou seja, como esta população lida com as roupas que já possuem, indagou-se em relação à limpeza das roupas na organização da própria vida cotidiana. Nesse sentido, 67% dos entrevistados (72) afirmaram ter realizado a limpeza das roupas alguma vez nos últimos sete dias.

Com base nesse aspecto, abriu-se uma forte divisão entre aqueles que realizam a atividade de limpeza das roupas, mesmo apresentando diferentes ritmos temporais, que variam desde uma prática diária até composições eventuais, e aqueles que não a realizam quaisquer esforços neste sentido e, portanto, a limpeza não se configura como um elemento relevante nos cuidados de si na vida cotidiana.

Dentre os 67% daqueles que realizaram a limpeza das roupas (72), esta atividade é apontada a partir de inúmeras adversidades. Segundo os diálogos e as entrevistas, os enfrentamentos consistem na própria dificuldade dos deslocamentos e dos ritmos possíveis, relacionados à limpeza e a secagem das roupas. Em relação à lavagem, destacou-se com alguma regularidade, a falta de produtos específicos para a limpeza, como a presença de sabão e escovas, assim como de objetos facilitadores da própria prática, como baldes ou outros recipientes, onde poderiam deixar as roupas para desencardi-las e afetando significativamente, a qualidade da limpeza das roupas.

É importante salientar a espacialidade daqueles que realizam essas práticas, pois além das dificuldades de conseguir tais produtos ou objetos facilitadores da limpeza, ainda se colocam as adversidades relacionadas para guardá-los ou escondê-los no espaço público, assim como os transtornos na mobilidade ao carregar tais pertences.

Além da própria dinâmica da lavagem, um segundo aspecto está relacionado à secagem das roupas nos espaços públicos. Assim, uma expressiva adversidade está relacionada aos ritmos espaço-temporais, principalmente porque esta atividade está vinculada indissociavelmente com a atividade dos banhos, ou seja, no período noturno.

¹⁷⁹ Em alguns diálogos foi apontado o desejo/necessidade da compra de roupas novas, inclusive, por alguns sujeitos, aquelas associadas a determinadas marcas.

Segundo 55% dos entrevistados que realizam as limpezas das roupas (42), esta prática possui um caráter indissociável da prática do banho, ocorrendo de modo simultâneo na organização espacial vida cotidiana.

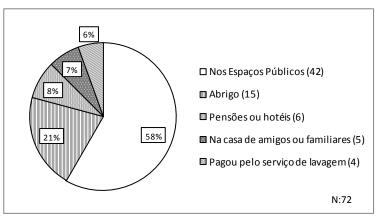


Gráfico 14 – Onde ou como você lavou as suas roupas?

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Nesse sentido, devido à falta de alternativas viáveis, posteriormente às roupas serem lavadas, estas peças podem permanecer abafadas no interior de uma sacola plástica até o amanhecer do dia, quando se busca um lugar ensolarado para a secagem das mesmas. Outro elemento em torno dessa prática é que durante o período diurno, principalmente nos dias laborais, as roupas não podem ser estendidas em quaisquer locais da área central, pois estas ações são passíveis de medidas coercitivas, que podem ter como consequência, a apreensão das próprias roupas pelas forças de ordem urbana. Assim, se faz necessário o conhecimento das dinâmicas e lugares com menor visibilidade e pressão para a realização de tais práticas. Por fim, tem-se ainda as adversidades relacionadas às condições meteorológicas, pois os períodos chuvosos ou nublados dificultam e desestimulam a prática da limpeza e, consequentemente, da secagem das roupas.

Frente a esse quadro de transtornos cotidianos vinculados indissociavelmente às dimensões espaciais, ainda soma-se aspectos internos em relação ao próprio fenômeno. Nesse sentido, alguns entrevistados revelaram que, ao colocarem suas roupas para secar

¹⁸⁰ A ação de estender as roupas para secagem ocorria, sobretudo na Zona Periférica do Centro, principalmente em praças, terrenos baldios ou em casas e estabelecimentos abandonados. Foi possível observar essa prática nos gramados localizados na extensão do Aterro do Flamengo, seja sobre os gramados, nas as pedras da faixada litorânea e nos divisores de pistas de rolamentos.

em determinados locais, são obrigados a permanecerem até o final do processo, pois, caso contrário, aumentam-se as chances das mesmas serem roubadas pela própria população em situação de rua. Assim, a prática da secagem das roupas e a necessidade de permanência e vigilância das mesmas inviabiliza a realização de outras atividades, sobretudo diante dos riscos da perda material.

Diante destas configurações, são produzidas estratégias que buscam romper com essa lógica de imobilidade em relação à secagem das roupas. Assim, durante os trabalhos de campo e nas falas de alguns entrevistados, era realizada a prática de limpeza das roupas e sua posterior utilização, ainda molhadas, sobre o corpo, principalmente nos dias de calor¹⁸¹.

Eu lavo todo dia, pois toda vez que eu saio pra catar material. Quando não tem roupa limpa, eu lavo e boto molhada mesmo no corpo (Adriano).

E as roupas, como é que tem sido? Você lava suas roupas? Lavo. Eu mesmo lavo minha roupa. *Onde você costuma lavar?* Costumo lavar no MAM (Museu de Arte Moderna). Às vezes eu vou lá à noite. Eu vou lá à noite, aí guardo na sacolinha de plástico, quando é no outro dia, eu boto pra secar. Aí eu lavo uma, "visto ela". Fico com ela molhada, que ela seca no corpo. (Everaldo, 39 anos).

Já estou uma semana com esta bermuda. "Lavo ela", "torço ela" e já coloco ela molhada mesmo. Eu lavo geralmente onde eu tomo banho (...) essa aqui eu vou despachar já-já. (Arthur, 32 anos).

A regra pra lavar roupa é sujar o mínimo que puder. É procurar estar próximo de alguma água, estar perto de coisas que você consiga se manter limpo. Em um lago daquele ali, seus pés e suas mãos sempre estarão limpos. A roupa é lá no túnel. Eu lavo e visto molhada e no outro dia também a mesma coisa. (Isaac, 30 anos).

Uma interessante justificativa para tal prática é que, uma vez que a roupa seca no próprio corpo, a mesma não apresenta uma aparência amarrotada. Este aspecto se constitui positivamente para a boa apresentação pública, principalmente relacionada com o estar mais próximo possível das imagens pessoais compartilhadas pelos demais cidadãos que circulam pela área central da cidade do Rio de Janeiro¹⁸².

Outra estratégia, também vinculada com a secagem, seja em relação a estar seca, mas também passada, relaciona-se com a utilização das saídas de ar do metrô localizadas em diferentes pontos da área central. Esta estratégia utilizada,

¹⁸¹ É interessante notar a preferência por roupas que apresentam tecidos leves e de fácil secagem, principalmente pelo seu caráter prático vinculado a estas estratégias espaciais.

¹⁸² Ainda que possa ser uma informação elementar, é preciso destacar a dificuldade de apresentação pública com base neste aspecto, pois essa população não possui instrumentos técnicos, como ferros de passar ou vaporizadores que auxiliem nesse processo.

principalmente, no período noturno, demonstra o caráter criativo e adaptativo em relação ao uso do espaço frente às adversidades cotidianas da população em situação de rua. Acerca dessa estratégia, sintetiza um dos entrevistados:

Eu tenho lavado a roupa à noite na Rua da Ajuda ou lá no estacionamento. E pra secar a gente busca um local perto de onde sai aquele vento do metrô até secar. Secou a gente volta pra onde dorme. É o jeito mais rápido pra secar. Demoram uns vinte minutos. Prende com uma pedra e rapidinho seca. (Nicolau, 41 anos).

Por fim, um último aspecto relacionado à limpeza das roupas está vinculado ao caráter da temporalidade envolvida na realização da própria prática.

□ Conforme a necessidade (66)
□ Diariamente (4)
□ Aos finais de semana (2)
N:72

Gráfico 15 – Temporalidade da Lavagem das Roupas

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Mesmo diante das diferentes relações que envolvem a limpeza das roupas, um caráter fortemente destacável é que a temporalidade não obedece a uma lógica calcada com base nos dias da semana, mas sim pelos aspectos subjetivos da percepção sobre este próprio *desejo/necessidade* da ideia de se manter limpo. Assim, foram identificadas três configurações que afetam, em alguma medida, essa lógica perceptiva sobre os momentos para a realização da limpeza das roupas.

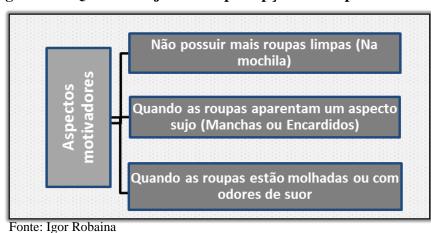


Figura 13 – Quadro subjetivo das percepções de limpeza das roupas

Desse modo, ainda que em diferentes graus, as supracitadas percepções afetam diretamente as atividades de limpeza das roupas. Entretanto, para além da grande maioria que realiza essas práticas nos espaços públicos, outras possibilidades, ainda que menos significativas, são abertas diante da necessidade/desejo da limpeza.

Complementarmente, 21% dos que praticam a limpeza das roupas (15) revelaram que utilizam os abrigos públicos para a realização desta prática, principalmente devido a grande disponibilidade de água e espaços livres para a secagem das mesmas¹⁸³; em menor proporção, 7% dos entrevistados (5) revelaram realizá-las nas casas de familiares e amigos e 8% praticaram a limpeza em pensões, hospedarias e hotéis (6). Acerca das últimas duas modalidades vinculadas aos espaços privados, um aspecto relevante, e em comum nos diálogos e entrevistas, baseia-se justamente na tranquilidade de estender as roupas e poder esperar com maior tranquilidade pela secagem das mesmas.

Eu lavo roupa no hotel. Lavo no banheiro, ligo o ventilador de teto e deixo secar. Eu lavo todo dia. Roupa na pista suja muito. Quanto mais eu que trabalho com reciclagem. Mexo no lixo, sujo muito. (Ivo, 25 anos).

Por fim, 6% dos entrevistados (4) revelaram pagar pelo serviço para lavadeiras que vivem em favelas inseridas na área central. Desse modo, essas informações revelam claramente a existência de um esforço no sentido de manter-se limpo, ainda que um conjunto de aspectos dificulte a viabilização de tal prática. Assear-se, ou ao menos aparentar este aspecto de apresentação pessoal, constitui-se como parte do cotidiano da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro, ainda que este empenho, na prática, possa não ser bem sucedido.

Por outro lado, outra parte desta população opta por não realizar a limpeza das roupas e se inserir em circuitos de aquisição e permanente descarte das mesmas. Acerca do aspecto descartável das roupas, apontam alguns entrevistados:

Ah cara, roupa é assim, eu não gosto de carregar mochila não. Roupa para mim é descartável. Eu uso, fico uns dois dias com ela. Venho aqui, compro uma peça e troco. Eu fico dois dias, três dias no máximo e troco. Não dá para ficar com a roupa. Porque na rua é sujo. Se você sentar em algum lugar, a bermuda vai ficando preta. Eu vou ali na Central, compro uma bermuda e uma camiseta e tomo um banho em outro lugar. Compro um sabonete, um

¹⁸³ É interessante destacar que o aspecto da permanência junto a secagem é um elemento que se reproduz no espaço dos abrigos, pois abandonar as roupas pode culminar na perda/roubo das mesmas.

barbeador e uma escova de dente. (...) Eu venho aqui na Xxxxx para tomar banho e trocar a roupa. (Leandro, 30 anos).

Tem lavado roupa? Se você me dê uma escova e um sabão de côco, eu lavo porra! "Minhas roupas é tudo descartável". Usou, jogou fora. Depois arruma outra. (Fabiano, 44 anos).

Eu não lavo não. Minhas roupas são "descartável". Esta aqui eu tô com ela desde ontem. Amanhã eu já tiro esta e pego outra. Eu pego outras. (Pedro, 32 anos).

Eu não lavo roupa não. É descartável. Eu consigo roupa nova com o pessoal que passa dando nas carreatas. (Michel, 60 anos).

Roupas, como você faz? Quando tiver, troca, quando não tem não troca. O pessoal que tá dormindo ali, cada um ajuda o outro. Um dá pro outro quando tem. Você não lava as suas roupas? Onde? Onde que eu vou lavar roupa? (Caio, 60 anos).

Cabe destacar que, principalmente para estes sujeitos, existe uma forte necessidade de busca por roupas, que envolve uma série de mobilidades espaciais. Além da própria lógica das carreatas que também distribuem roupas, ocorre o deslocamento junto aos espaços religiosos e instituições filantrópicas que garantem essa necessidade material. Por outro lado, esta população também se insere na lógica comercial do "shopping chão", na qual, a aquisição de roupas pode ser feita mediante compra ou troca com outros objetos de valor nesse mercado.

Todavia, o mencionado caráter descartável das roupas, mesmo dentre aqueles que não realizam a limpeza das mesmas, pode possuir uma dimensão relativa, caso se produza algum vínculo simbólico com determinadas peças. Por diferentes vezes, foi observado, ainda que temporariamente, existe uma preocupação especial, principalmente, relacionadas às camisas de clubes de futebol, roupas de marcas que possuem alguma visibilidade na sociedade de consumo ou que possuíam quaisquer aspectos pessoais com o próprio passado antes de se chegar às ruas. Conforme elucida alguns dos entrevistados a seguir:

E pra lavar roupa, você tem lavado? É tudo descartável. Só não descartei essa aqui por que é de mergulhador. *Essa aqui que você não descarta?* É. Essa aqui eu não descarto mesmo. (Francisco, 52 anos).

Eu não lavo roupa não. É tudo descartável. Têm vários locais que dão roupa. Lavar roupa na rua é foda. Só se for uma peça de roupa que eu goste. (Renato, 24 anos).

Você lava roupa? Não, roupa é mais descartável, eu uso e jogo fora, às vezes quando eu gosto de uma pecinha, eu vou ali e lavo (...). (Bruno, 29 anos). As roupas que eu gosto mais, que duram mais, eu guardo bem, lavo elas. Essas que são vagabundas eu jogo fora, sem pena. Era pra eu ter muita, mas a maioria é descartável. (Beto, 24 anos)

Desse modo, o aspecto das roupas, mas principalmente as espacialidades em torno da limpeza e da aquisição de roupas, demonstram claramente, as intencionalidades de integração em torno de uma apresentação pública que busque minimizar os estigmas sócio-espaciais existentes na vida cotidiana da população em situação de rua.

6.3 - "As ruas não tem banheiros": entre (in)visibilidades e ritmos nas práticas das necessidades excretoras

Uma primeira consideração preliminar sobre este aspecto está relacionada às adversidades cotidianas para a realização das práticas de excreção e a reflexão das mesmas, para além dos meros reducionismos em torno de dimensões biológicas nos espaços públicos.

Como prática individual, a excreção está associada contemporaneamente ao uso de banheiros em espaços privados. De fato, o banheiro como um lugar de significativa importância na vida cotidiana passou por profundas transformações, remontando desde a Antiguidade e possuindo uma expressiva carga no mundo social (GOMES, 2005). Todavia, devido a um conjunto de aspectos morais, principalmente associados ao cristianismo, passou por uma grande modificação social e sanitária entre o final da Idade Média a meados do século XVIII (REVEL, 1991), sendo retomado contemporaneamente sobre uma lógica burguesa de privacidade do corpo e dos próprios comportamentos sociais.

Assim, o segmento populacional da presente pesquisa sofre com as dificuldades e irregularidades do acesso a esses lugares como suporte permanente para a realização das práticas específicas dos *cuidados de si*. Diante desse quadro, são produzidas novas estratégias e práticas espaciais frente a essa necessidade/desejo cotidiano.

Constatou-se, com base nos trabalhos de campo, que havia apenas a presença de três desses equipamentos nos espaços públicos de toda a área central da cidade do Rio de Janeiro¹⁸⁴. Entretanto, nenhum deles encontrava-se em funcionamento. Os únicos momentos em que se constatou o funcionamento dos equipamentos sanitários, no recorte espacial analítico da presente pesquisa, foram nos períodos especiais festivos, especialmente no carnaval.

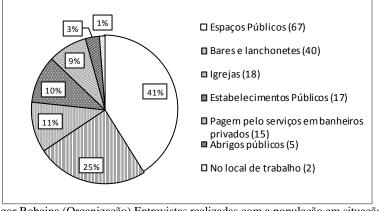
¹⁸⁴ Os respectivos banheiros estavam localizados no Campo de Santana, Largo de São Francisco e Candelária.

No período extraordinário de festa na cidade, o poder público distribui equipamentos sanitários na forma de banheiros químicos no entorno do Sambódromo e nas vias de maior concentração de foliões, principalmente, nas ruas por onde os principais blocos carnavalescos se deslocam pela cidade. Outro momento em que foi constatada a presença desses equipamentos públicos ocorreu durante alguns eventos musicais esporádicos na região da Lapa. Cabe ressaltar ainda, que, em ambos os casos, os equipamentos eram móveis, tanto espaciais quanto temporalmente, e atendiam única e exclusivamente aos eventos. Ao término dos espetáculos, os mesmos eram retirados dos espaços públicos.

Desse modo, fora do período que envolve o carnaval e os eventos esporádicos, os cidadãos que circulam na área central da cidade do Rio de Janeiro são obrigados a buscar um espaço privado ou um estabelecimento público¹⁸⁵ para a realização de tal necessidade.

O caso da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro, como nos demais aspectos que envolvem a vida cotidiana, é marcado por uma série de estratégias e práticas espaciais cotidianas, muitas vezes alternativas e pouco usuais quando comparadas aos demais grupos ou segmentos sociais, para solucionar o caráter relacionado ao desejo/satisfação das necessidades fisiológicas.

Gráfico 16 – Locais de realização das necessidades fisiológicas do sistema excretor



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

¹⁸⁵ Não foram considerados os banheiros localizados no interior dos estabelecimentos públicos como banheiros públicos propriamente ditos. Essa opção ocorreu devido aos banheiros dos estabelecimentos públicos cumprirem a função de atender originalmente aos cidadãos que se dirigem ao próprio estabelecimento para solucionar questões específicas e aos próprios funcionários que trabalham no local, ou seja, não possuem um caráter estritamente funcional para os cidadãos que transitam com outros fins pela cidade.

Um primeiro aspecto se refere ao caráter invasivo da presente pesquisa. Ao perguntar sobre esta prática em particular, relacionada à excreção, para a população em situação de rua, muitos entrevistados apontaram um forte estranhamento e acharam que se tratava, até mesmo, de uma "brincadeira". Assim, alguns foram extremamente breves em suas respostas, enquanto outros, mesmo com algum constrangimento, se dispuseram a falar e, até mesmo, levaram com bom humor uma questão considerada tão sensível e íntima da vida cotidiana.

Um elemento central na fala de todos os entrevistados foi a dificuldade de conseguir um local para a satisfação desta necessidade, principalmente devido a forte carga simbólica que o banheiro possui como lugar normatizado para a realização das práticas excretoras no mundo social. Nesse sentido, a partir das entrevistas, o espaço público, aqui entendido como ruas, praças e esquinas, caracterizou-se como o principal lugar para a realização dessa prática.

Não restam dúvidas que as adversidades infraestruturais refletem significativamente junto a essa população que utiliza o espaço público para esse fim, ainda que outros elementos estejam inseridos nessa dinâmica. Um dos aspectos se configura a partir da clara distinção entre urinar e defecar e sua relação com os espaços públicos.

Segundo os entrevistados, a prática de urinar no espaço público é algo recorrente, não somente entre a população em situação de rua, mas também por uma parte da população masculina que frequenta a área central. Desse modo, poucos são os constrangimentos ou desconfortos em realizar essa prática nos espaços públicos, ainda que possa gerar riscos significativos, isso no caso de ser flagrado pelo controle de ordem urbana¹⁸⁶. Por outro lado, mesmo diante das correspondentes implicações do ato de urinar em espaços públicos, muitos entrevistados afirmaram não conseguir defecar nos espaços públicos, mais pela vergonha de serem vistos pelas demais pessoas do que

-

¹⁸⁶ A Secretaria Especial de Ordem Pública – SEOP enquadra a ação de urinar ou defecar nos espaços públicos, no Artigo 233 do Código Penal Brasileiro, como Ato obsceno. A pena pode variar de três meses a um ano de detenção, mas é passível de fiança. No caso dos entrevistados, algumas são as questões envolvidas. A primeira delas é o receio de ser conduzido para a delegacia, principalmente por que alguns apresentam conflitos com a lei em aberto, assim como gera um grande temor que não se tenha a quantia para o pagamento da fiança, caso a ação seja levada a cabo. Todavia, os mesmos entrevistados revelaram que, normalmente, quando são pegos realizando tais práticas são expulsos do local ou até agredidos pelas forças policiais, mas não são conduzidos para a delegacia por ser um problema menor no entendimento dos policiais na área central.

por qualquer implicação legal. Com base nesses aspectos, elucidam alguns entrevistados:

Para ir ao banheiro, como você tem feito? Eu estou três dias sem ir ao banheiro. Porque você não tem ido? Aqui tem vários banheiros, mas tudo cobra. Aqui é um real, ali é um real e quarenta. Eu estou me segurando. Mas que dói, dói. Eu não consigo fazer na rua não. Vou tentar arrumar um dinheiro. Eu não faço na rua. Eu não faço na rua não. Mesmo com mais de 20 anos na rua, eu não faço na rua. Eu peço pra "cagar" em um banheiro. Eu não tenho como. (Caio, 60 anos)

Como você faz para ir ao Banheiro? Banheiro? Eu vou no Xxxx. Eu sento e "cago" a vontade. Eu não consigo "cagar" na rua não. "Mijar" eu "mijo" em qualquer lugar, mas "cagar" não dá não. (Sandro, 24 anos)

Como você faz para ir ao Banheiro? Às vezes tem que arrumar um dinheiro, por que eu não consigo ir na rua não. Tenho vergonha. São 60 centavos ali na Central. Eu também já trabalhei lá na Central e eu tenho um pouquinho de conceito. (Iago, 28 anos).

Como você tem resolvido a questão de ir ao banheiro? Urinar só no "meio do mato", nas árvores. Tá cheio de árvore por aí. Agora no número dois ¹⁸⁷, eu vou lá na Catedral. Na rua não. (Vinícius, 21 anos).

Nesse sentido, 38% dos entrevistados (41) afirmaram nunca utilizar os espaços públicos para a realização desta prática. Entretanto, 48,1% dos entrevistados (52) apontaram utilizar mais de uma estratégia para satisfazer esta necessidade fisiológica, evitando, em última instância, a realização dessa prática em ruas, praças e parques públicos.

Diante desse quadro, 62% do total dos entrevistados (67) revelaram ter utilizado os espaços públicos para a realização de suas necessidades excretoras, sendo que 27,7% dos mesmos (30) disseram que frente às necessidades de excreção utilizam os espaços públicos como única possibilidade. Desse modo, cabe ressaltar que defecar no espaço público envolve uma série de estratégias e práticas bastante particulares, principalmente vinculadas ao espaço. Todavia, um elemento frente a esse aspecto gira em torno do caráter de invisibilidade ou pelo menos de sua busca nos espaços públicos.

A questão da vergonha e do constrangimento de serem vistos pelos demais cidadãos nos espaços públicos é algo presente em grande parte dos discursos. Nesse sentido, 56,7 % dos indivíduos (38) que utilizaram os espaços públicos, em algum

1

¹⁸⁷ Nos últimos anos, uma maneira bastante particular de revelar as práticas que envolvem as necessidades do sistema excretor ocorre por meio de uma codificação numérica, em que o número um representa urinar e o número dois representa defecar.

¹⁸⁸ A invisibilidade é entendida como uma estratégia utilizada, em determinados momentos, frente a algumas configurações específicas, como dormir nos espaços públicos. Para melhores detalhes sobre o tema, ver Robaina (2011).

momento nos últimos sete dias, revelaram que utilizam locais escondidos e de baixa visibilidade justamente para terem algum tipo de privacidade. Conforme a enunciação de alguns entrevistados:

Pra ir ao banheiro, eu vou em qualquer lugar, mas não é qualquer lugar à vista. Eu por exemplo, vou aqui na caverna Campo de Santana ¹⁸⁹. Eu vou lá nas árvores "escondidonas" mesmo. É a questão da necessidade. Porra, mas é ruim pra caralho. Eu já estou 22 anos vivendo esta vida. Eu saí de casa com 11 anos de idade. Eu saí pirralho de lá. (Cristiano, 33 anos).

Bom, agora no momento, eu paguei, tinha um dinheirinho no bolso, eu paguei 1,20. Já aproveitei, bebi uma água da bica mesmo e passei uma água no cabelo. *Você costuma ir em outros lugares?* É meio precário, pois você vai a um bar e já tem uma placa que é só para cliente. Aí a gente se vira. Tem uns cagões aí. Depois de um teco¹⁹⁰ me deu uma vontade de "cagar" e deu aquele revertério. Aí, eu caguei na rua mesmo. "Tu vai" no banheiro do bar e o cara não deixa. Quando a situação tá difícil, nós vamos na rua, mas não na frente dos outros. A gente busca um lugar maneiro, onde você possa se proteger. Quando eu acho um bagulho de obra, eu caio para dentro e faço mesmo (risos), mas é só quando está muito ruim. Você tem que dá uma solução rápida, até mesmo atrás de um carro (risos) (Rafael, 42 anos).

Quais são os locais que o senhor tem ido ao banheiro? Não tem banheiro nenhum. "Nós caga" na rua mesmo. Atrás de alguma loja, "nós caga" na rua mesmo. Sente vontade, "nós caga". Vê só se não tem ninguém passando, e depois se limpa. (Josué, 25 anos)

Como você tem resolvido à questão do banheiro? Olha o banheiro aí. Eu vou no meio da rua mesmo. Se tiver com vontade. Agora eu vejo se não tem mulher e criança e faço mesmo. (Pedro, 32 anos).

Onde o senhor tenho ido ao banheiro? Eu costumo ir por aí mesmo. Lógico que eu não deixo ninguém ver (Paulo, 57 anos).

Desse modo, dois elementos se destacam junto a essa prática. O primeiro deles está vinculado aos ritmos espaços-temporais da própria área central da cidade do Rio de Janeiro. Foi elucidado por meio de diálogos e entrevistas que muitos realizam suas necessidades fisiológicas somente nas primeiras horas da manhã ou no período da noite, quando a área central possui menor fluxo de pessoas e o baixo controle das forças de ordem urbana. Demonstrado, assim, uma lógica bastante particular em relação em relação a essa atividade nos espaços públicos.

O segundo elemento está vinculado à utilização de locais com menor visibilidade, destacando-se: entre automóveis, atrás de árvores, locais em construção ou abandonados. Cabe notar que alguns desses lugares escolhidos possuem uma lógica extremamente dinâmica no período da manhã e parece ser pouco provável que alguém

¹⁸⁹ A caverna evocada pelo entrevistado se caracteriza como uma gruta construída artificialmente no parque público do Campo de Santana.

¹⁹⁰ Expressão referente à utilização de cocaína.

possa utilizá-los especificamente para uma atividade excretora. Nesse sentido, pode-se constatar a importância do papel espacial da intimidade junto a esta população, mesmo que seja nos espaços públicos, levando em consideração que essas atividades não são realizadas de modo aleatório, em qualquer lugar e sob quaisquer circunstâncias. Outro aspecto de destaque sobre essas práticas nos espaços públicos está relacionado com a questão da higiene, a preocupação com o espaço público e com os demais cidadãos.

Foi afirmado por aqueles que defecam nos espaços públicos, que nunca realizam esta prática diretamente ao solo, pois consideram um desrespeito, uma falta de educação e, em alguma medida, uma questão ética, pois os mesmos também dormem no chão. Desse modo, afirmaram utilizar sacolas plásticas, folhas de jornal ou pedaços de papelão para a realização da prática e, posteriormente, as recolhem e as lançam em uma lixeira mais próxima. Ainda sobre a questão da higiene, revelaram também que, para se limpar depois destas práticas, utilizam desde o papel higiênico¹⁹¹, que carregam em suas próprias mochilas, até folhas de jornal ou alguma peça de vestimenta antiga que não será mais utilizada. Acerca desses aspectos, enunciam alguns entrevistados:

Como é que você tem feito para ir ao banheiro? Catedral. É, pra mim é sempre lá. Às vezes quando a Catedral tá aberta. Eu marquei, é a primeira direita, e depois à esquerda e eu tô lá. Você costuma usar o banheiro da catedral? Isso, corretamente. Existe mais algum outro lugar que você costuma ir? Às vezes tinha um banheiro ali, mas só que os "cracudos" sujaram lá na Carioca. Na Carioca? Aí eles fecharam com cadeado. Agora é só na Catedral. Às vezes, quando eu tenho assim, às vezes quando eu não tenho onde eu parar, eu cato dois jornais, três, chego assim e faço. É a realidade. E chego lá com o jornal. Pego o jornal, jogo dentro do lixo. (Geovane, 42 anos).

Pra ir ao banheiro, tem que dar um jeito. Ir ao cantinho, fazer as fezes, se limpar no jornal. Bota numa caixa de papelão, Joga no lixo pra não deixar no chão. É na rua mesmo. (Jorge, 30 anos).

Quando tinha os banheiros químicos era tranquilo, mas agora, eu faço um *voador*. Pega uma sacola, "caga" dentro e lança no lixo. (Leonardo, 32 anos).

E pra ir no banheiro? É por aqui mesmo, nos cantos. Ontem mesmo foi lá mesmo no tanque, lá próximo. Peguei uma sacola, "caguei" e joguei fora no lixo. Porra, não dá pra "cagar" no chão, senão estraga até mesmo o seu banho. Se todo mundo fizesse isto seria melhor pra todo mundo. Tem muito cara que faz cocô na rua e fica tudo sujo. Era só pegar uma sacola e jogar no lixo. Tanta lixeira próxima. (Davi, 34 anos).

E pra ir ao banheiro, como é que o senhor tem feito? (Risos) Meu amigo, quando é a nossa necessidade, por exemplo, tá vendo esta banca de jornal, então não é esta aqui não. Em uma situação difícil, eu não faço no chão, mas não no chão. Eu forro, faço, embrulho, boto num saco e jogo no lixo. (Fabiano, 44 anos).

¹⁹¹ Acerca do papel higiênico, alguns afirmaram comprar, mas principalmente pegá-los, seja todo o rolo ou pedaços, em centros culturais, museus, delegacias e outros estabelecimentos públicos.

Segundo parte dos entrevistados, os mesmos evitam utilizar os espaços públicos, como já apontados anteriormente, pelo aspecto da vergonha, além de priorizarem o conforto e a privacidade que o banheiro possui. Desse modo, estes estabelecimentos públicos, como museus, centros de cultura e unidades de saúde se apresentam como uma alternativa viável frente às adversidades existentes nos espaços públicos.

Um segundo ponto a respeito desses estabelecimentos públicos está demarcado pela forte presença de igrejas nas áreas centrais que são utilizadas com essa finalidade. Todavia, cabe notar que cada uma dessas igrejas possuem períodos específicos de funcionamento e um conjunto de ordens que podem variar conforme a liderança local que assume as instituições, que oscilam desde uma acessibilidade irrestrita em relação aos usos até uma total proibição da utilização pela população em situação de rua.

Em relação aos estabelecimentos privados, como bares, lanchonetes e postos de gasolina, as restrições são bastante delimitadas na figura do "cliente", e, em linhas gerais, esse segmento populacional não possui um perfil para qualquer que seja o estabelecimento comercial. Todavia, segundo alguns entrevistados, principalmente nos bares, é possível utilizar um banheiro privado por meio de duas estratégias. A primeira delas ocorre por meio da manutenção de uma apresentação pública satisfatória, que produza uma imagem de cidadão que se confunda com um próprio cliente no estabelecimento ou de um cliente em potencial. A segunda estratégia é expondo a própria necessidade de utilização do serviço, mas se oferecendo para realizar o serviço da limpeza de todo o ambiente ao término do uso, como uma espécie de troca de favor. Assim, cabe destacar que, além do caráter de negociação que envolve a transferência mútua de interesses, é de fundamental importância a manutenção do segredo entre as partes.

Desse modo, essa população tenta organizar a realização dessa prática, principalmente relacionada ao aspecto de defecar, a partir do conhecimento de um conjunto de lugares, bem como dos horários de funcionamento e as suas possibilidades, seja no período diurno, no noturno ou caso haja algum tipo ocorrência, que necessite de uma tomada de ação emergencial¹⁹². De modo geral, a população estabelece uma dinâmica particular acerca desses aspectos, tentando, na maioria das vezes, reconhecer

¹⁹² Foram destacadas, em muitos diálogos, os recorrentes casos de diarreias e infecções gastrointestinais agudas, algumas delas, que necessitaram de hospitalização por parte da população em situação de rua, possivelmente devido aos aspectos de ingestão de água e a alimentação.

uma rede de lugares e horários para não sofrerem nenhum tipo de enfrentamento ou maiores dificuldades para a realização de suas necessidades fisiológicas.

Vecessidades Público

Busca por Estabelecimentos (Públicos ou Privados)

Período Diurno

Período Noturno

Realização em Espaços Públicos com baixa Visibilidade

Figura 14 – Aspectos Gerais das Necessidades Fisiológicas

Fonte: Igor Robaina

6.4 – Ter ou não ter? Carregar ou não carregar? Repensando o lugar dos pertences pessoais na vida cotidiana

Um último aspecto vinculado aos cuidados de si está diretamente associado aos pertences pessoais. O fenômeno da população em situação de rua se depara diretamente com uma dimensão material, mas também simbólica, em relação a um conjunto de objetos (des)necessários/(in)desejáveis para a organização da vida cotidiana.

De modo geral, estas decisões são marcadas por uma série de elementos relacionados espacialmente como a visibilidade e a mobilidade individual e, portanto, possuem grandes diferenças internas relacionadas a este aspecto na vida cotidiana.

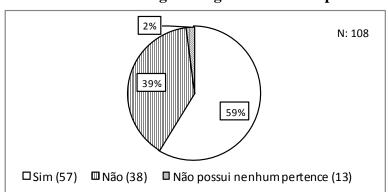


Gráfico 17 – Você carrega consigo todos os seus pertences?

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Nesse sentido, a relação material e simbólica entre possuir, mas, principalmente, o que possuir, ou mesmo não possuir nada, é resultado de um conjunto complexo de intencionalidades. De fato, 53% dos entrevistados (57) possuíam algum tipo de pertence pessoal que os auxiliavam na manutenção dos cuidados de si e na organização de suas vidas cotidianas.

Um aspecto em particular acerca dos pertences pessoais é a relação entre peso, volume e mobilidade espacial. Foi apontado por meio de diálogos e entrevistas que o fato de carregar muitos pertences nos espaços públicos, além de revelar a própria "situação" de rua, potencializava os riscos de maiores investidas das ações públicas e o recolhimento dos materiais.

Um segundo aspecto se relaciona à dificuldade de combinar o deslocamento com as próprias práticas laborais, pois, além de não poderem carrega-los para todos os lugares, ainda se acumulam e dificultam a realização de algumas atividades laborais, como, por exemplo, a coleta seletiva de materiais recicláveis. Por outro lado, o fato de não possuir muitos pertences também se enquadra estrategicamente como uma forma de garantir o anonimato, ou seja, o de ser visto como mais um cidadão pobre que trabalha na área central da cidade do Rio de Janeiro 193.

Nesse quadro bastante particular, a mochila aparece como um objeto central em relação aos pertences pessoais. Assim, para aqueles que decidem possuir pertences pessoais, mas que, ao mesmo tempo, querem garantir o anonimato e a invisibilidade da sua própria situação frente à sociedade, é necessário estabelecer a quantidade de objetos e seu volume diante da capacidade que possui a mochila¹⁹⁴.

Por outro lado, 35% dos entrevistados (38) afirmaram não carregar todos os seus pertences nas mochilas ou outros recipientes, mas os guardam com alguém ou em algum local. Essa configuração também possui grandes diferenças internas, principalmente a partir das múltiplas redes estabelecidas com a própria população em

Outros aspectos referentes à importância da mochila na organização espacial da vida cotidiana desta

¹⁹³ Acerca destas dimensões que envolvem o anonimato e a quantidade de pertences pessoais, foi observado que muito daqueles que possuem graves transtornos psiquiátricos possuem quantidades demasiadas de sacolas, carrinhos, mochilas, que, além de chamar atenção nos espaços públicos pela visibilidade dos materiais, também dificulta a própria mobilidade pelas ruas da cidade.

população foram tratados no capítulo 3.

situação de rua, com amigos familiares ou outras pessoas pertencentes a outros grupos e segmentos sociais.

"Com algum conhecido" (13)

Abrigo (7)

Esconderijos nos espaços públicos (7)

Na casa de amigos ou familiares (6)

Pensões ou hotéis (4)

Gráfico 18 – Onde você guarda os seus pertences?

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Dentre aqueles que guardam seus pertences, 35% (13) os deixam com algum conhecido e esta relação está vinculada, principalmente, às dinâmicas de trabalho. Assim, estrategicamente, deixam seus pertences nos depósitos, armários ou mesmo escondidos no local de trabalho, inclusive sem o conhecimento do próprio patrão. Em outra classe, 16% deste perfil (7) deixam seus pertences na casa de amigos ou familiares, o que revela certa continuidade, ainda que frágil, com redes de proteção próximas.

Acerca dos abrigos públicos, como é o caso do Abrigo de Paciência (*Antares*), ainda que não existam armários particulares onde esta população possa guardar os seus objetos pessoais, alguns profissionais, reconhecendo a gravidade dos roubos entre a própria população, se responsabiliza por guardar os documentos pessoais daqueles que "pedem este favor".

Algo que também chama bastante atenção em relação à prática de guardar os pertences pessoais é, sem dúvida, a utilização de esconderijos nos próprios espaços públicos. Com alguma recorrência, esta população se utiliza dos sistemas subterrâneos de energia elétrica, telefonia, água, esgoto, assim como monumentos e árvores para guardar seus pertences.

Essa estratégia é bastante conhecida por parte dos integrantes do referido segmento populacional, ainda que nem todos sejam adeptos, pois, na maioria dos casos,

este conhecimento espacial é conhecido e compartilhado pelos demais. Portanto, existe um significativo risco de furtos dos respectivos objetos guardados, uma vez que grande parte desta população é conhecedora dos lugares utilizados como esconderijos.

E você tem sabonete? Tenho sabonete guardado, em um buraco, não comigo aqui andando agora. Isso que eu ia te perguntar. Você é um cara que eu vejo que anda sem pertences. Você tem coisa guardada? Não os documentos, mas coisas guardadas eu tenho. Dois sabonetes, umas pasta, a escova de dente eu perdi, mas vou comprar outra. Quer uma? Quero. Toma aqui. É mesmo? Toma aí, está dada. De presente. Você tem pasta, sabonetes, escova, mais o quê? Só. Roupa tem? Ah, roupa eu tenho duas bermudas. Estão guardadas aonde? No esgoto. Esses buracos de esgoto. Pode chover que a chuva 'não entra dentro'. Esse que você guarda as suas paradas? Porque ali naquele esgoto alí, tem um cano pequeno assim ó, que ele, se estivesse sendo utilizado, estaria cheio de água, mas ele tá desativado. É um buraco de esgoto. Mas é um buraco de esgoto elétrico. Ali que eu boto as paradas e nem rato entra. Porque os ratos vão tomar choque. (Beto, 24 anos).

Eu tenho pertences, mas tá tudo entocado num buraco, eu não estou carregando mais nada. Eu só tô carregando só eu mesmo. (Fabiano, 44 anos).

As minhas roupas eu coloco num bueiro lá na praça XV, mas a caixa sempre eu levo comigo. (Humberto, 35 anos).

Eu tenho coisa guardada lá no Aterro do Flamengo. Lá encima da árvore (risos). *E o que você tem?* Tá tudo dentro de um saco. Tem a panela, uma espumadeira, uma cumbuca, dois garfos e uma colher. Se deixar no chão, nego passa e leva. Dificilmente nego olha pro alto. (Osvaldo, 28 anos).

Por fim, 12% revelaram não possuir ou carregar nenhum tipo de pertences, tendo como justificativa o fato de terem sido roubados, além de ser mais uma coisa com que se preocupar frente às adversidades já vividas.

Desse modo, a população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro demonstra o quanto é importante os aspectos vinculados aos cuidados de si na organização espacial da vida cotidiana. Nesse sentido, foi possível constatar uma série de estratégias e práticas espaciais diretamente vinculadas à mobilidade, ritmos e as fortes referências espaciais que visam diferentes esforços frente as necessidades/desejos de manter-se limpo.

A ideia de apresentação pública e higiene pessoal possui uma grande complexidade, que envolve um caráter extremamente subjetivo e relacional entre a própria população em situação de rua, mas que reitera desde a sua efetivação de diferentes formas até os elementos de mera aspiração em relação a esse aspecto diante da falta de infraestrutura e precariedade existente na organização da vida cotidiana.

CAPÍTULO 7 - "A NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS E TEM MEDO DE ÁGUA QUENTE": SOBRE AS PRÁTICAS DE DORMIR E O SENTIMENTO TOPOFÓBICO NO PERÍODO NOTURNO

Tu vê a maldade no olhar, tá entendendo? Tu vê a maldade do homem no lugar. Tu tem que ver quando o olhar do cara é de maldade ou não é. Eu já tenho estas maldades já. O mundo me ensinou. O mundo que eu digo é a cadeia e a rua. Quanto mais tu vai ficando aqui, mais maldoso tu vai ficando. Mais maldoso eu estou. É tipo assim, parece outro mundo totalmente diferente dentro sua casa, conforme você vive no seu local. Em casa não tem esta maldade toda. Aqui é maldade em cima de maldade. É um olho no gato e outro no peixe. (Cícero, 42 anos).

Com a chegada da noite, os diferentes ritmos vinculados às atividades e às dinâmicas laborais na área central vão progressivamente perdendo intensidade. O período noturno, entretanto, mesmo recaindo exatamente sobre a mesma área ocupada durante o dia, produz uma série de espacialidades distintas, assim como diferentes dinâmicas e práticas sociais (WILLIANS, 2008). Nesse sentido, geograficamente, a noite é mais do que somente um período rítmico-cíclico no interior de vinte e quatro horas.

A noite na área central do Rio de Janeiro não é marcada pela completa ausência de atividades, mas por uma redução das densidades e uma nova organização sócio-espacial. Trabalhadores noturnos, como seguranças e vigias, estão no interior dos inúmeros estabelecimentos ou caminhando entre as principais ruas do comércio popular; comerciantes ambulantes de alimentos vendem seus produtos até altas horas da madrugada; e, principalmente, nos quarteirões do bairro da Lapa, centenas de trabalhadores e frequentadores ocupam os espaços públicos aos finais de semana.

Desse modo, ainda que marcados por diferenças, todos aqueles que foram citados acima estão vinculados à vida noturna e possui, como elemento comum, a lógica do trabalho e do lazer. Distinguindo-se, portanto, da população em situação de rua em relação ao conjunto de elementos associados a uma maior permanência e à prática de dormir nos espaços públicos.

Grande parte desse segmento populacional tem nos espaços públicos da área central seu lugar de descanso, incluindo as práticas de dormir. Assim, para permanecer nos espaços públicos no período noturno, é necessário conhecer inúmeros aspectos e dinâmicas existentes para poder produzir estratégias que envolvem a possibilidade de

uma comodidade mínima para o descanso, mas, ao mesmo tempo, também para a obtenção de segurança pessoal.

Um desses aspectos está vinculado ao reconhecimento, por parte desse segmento populacional, em relação as suas vulnerabilidades, pois, devido às suas permanentes exposições nos espaços públicos e do desgaste depois de um dia inteiro acordado e em mobilidade, é necessário buscar proteção e o descanso diante das intempéries, como a chuva, o vento e o frio. Dessa maneira, essa população escolhe determinados lugares que garantam requisitos mínimos para o sono e descanso, como, áreas embaixo de grandes marquises, sobre bancos públicos ou locais com baixa circulação de correntes de ar.

Pode-se indicar, de antemão, que a população em situação de rua não dorme de maneira aleatória nos espaços públicos. No entanto, a prática de dormir nas ruas da cidade é uma situação mais complexa, que não está somente relacionada às intempéries naturais do clima e do tempo. De maneira geral, busca-se, por meio da presente análise, romper com os aspectos meramente biológicos, pois a própria prática se configura como um hábito culturalmente produzido, como por exemplo, vinculado à noite. Todavia, associado com este período do ciclo diário, também estão vinculados, indissociadamente, um conjunto de práticas, representações e significados. E, com elas, emergem outras categorias importantes, como a de desvio, de proibido e de transgressivo (CRESSWELL, 1998).

Um dos aspectos centrais que convergem às discussões sobre a noite e seu caráter topofóbico está vinculado historicamente à própria ideia de escuridão (DELUMEAU, 1989; TUAN, 2005)¹⁹⁵. De todo modo, mesmo diante de um conjunto técnico que venceu grande parte desses imaginários, o medo ainda persiste como um sentimento fortemente presente no cotidiano da população em situação de rua nos espaços públicos.

¹⁹⁵ Em diferentes culturas e seus imaginários, o período da escuridão esteve controlado por forças ocultas e animais selvagens que ocasionavam violência, destruição e morte. Assim, a noite era compreendida como um território do medo e, tendo na própria escuridão, uma espécie de cúmplice frente a tais acontecimentos nefastos. A técnica do controle do fogo e, posteriormente, da energia elétrica fizeram com que as cidades perdessem parte de seus significados místicos, ainda que fossem ressignificados em relação às próprias práticas humanas, como nas ações de roubos, homicídios e violações.

Delumeau (1983) aponta que o sentimento do medo no ocidente esteve sempre acompanhado pelo sentimento de vergonha e Tuan (2005), por sua vez, completa que esta mesma vergonha se constitui como um importante aspecto para a extensão da própria potencialidade do medo. De modo notável, mas não contraditório, quando os entrevistados foram questionados sobre o tema do medo em relação à noite nos espaços públicos, todos negaram, inicialmente, qualquer proximidade com este sentimento.

Nesse sentido, a ação de expor o medo publicamente foi bastante expressiva na presente pesquisa, principalmente, porque todos os envolvidos são do sexo masculino. Esse fato leva em consideração todas as representações de gênero que recaem sobre cada um dos sujeitos e suas imagens públicas. Acerca do medo como um sentimento concreto e um esforço de conceituação, Delumeau (1987) sintetiza:

No sentido estrito e estreito do termo, o medo (individual) é uma emoçãochoque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage por uma mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca, sobretudo, modificações endócrinas. Com toda emoção, o medo pode provocar efeitos contrastados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa: a aceleração dos movimentos do coração ou sua diminuição; uma respiração demasiadamente rápida ou lenta; uma contração ou uma dilatação dos vasos sanguíneos; uma hiper ou uma hiposecreção das glândulas; constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, um comportamento de imobilização ou uma exteriorização violenta. Nos casos-limites, a inibição irá até uma pseudoparalisisa diante do perigo (estado cataléptico) e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos desatinados e inadaptados, característicos do pânico. Ao mesmo tempo manifestação externa e experiência interior, a emoção do medo libera, portanto, uma energia desusada e a difunde por todo o organismo. Essa descarga é em si uma reação utilitária de legítima defesa, mas que o indivíduo, sobretudo, sob o efeito das agressões repetidas nossa época, nem sempre emprega com discernimento. (DELUMEAU, 1987, p.23)

De fato, o medo opera cognitivamente como um estado de consciência, ou seja, ele está presente na mente humana (TUAN, 2005). Todavia, a consciência não está vinculada somente às dimensões do imaginário, pois a mesma opera diante de experiências concretas em processos históricos e da vida cotidiana.

Segundo Pain (2000), a partir de sua leitura geográfica sobre as práticas de crime, medo da violência e relações com o lugar, aponta que a população em situação de rua se configura, dentre todos os segmentos existentes, como a que mais sofre com a insegurança e, também, o mais vulnerável a sofrer práticas de crime e violência na sociedade. Ao longo dos trabalhos de campo, os temas relacionados à noite, ao dormir,

ao medo e à violência estiveram fortemente presentes nos discursos da organização espacial da vida cotidiana.

Nesse sentido, antes de serem apontadas as lógicas específicas que envolvem as diferentes práticas e estratégias espaciais em relação à atividade de dormir nos espaços públicos, serão elucidados alguns aspectos que orientam formas de organização espacial com base nas dinâmicas de violência nas ruas da área central. Essa atenção em especial é o reflexo recorrente de um conjunto de eventos na vida cotidiana dessa população nos espaços públicos. De fato, o período noturno impõe um novo ritmo sócio-espacial para essa população e, portanto, o medo e a violência reorganizam geograficamente o próprio modo de organização espacial da vida cotidiana.

7.1. O período noturno como risco: a topofobia e a violência como objetos concretos aplicados ao espaço

Com alguma regularidade, a população em situação de rua convive com diferentes formas de violência física nos espaços públicos. Ao longo da pesquisa foram presenciados inúmeros eventos violentos, como discussões e, até mesmo, confrontos corporais. Observou-se também, dentre aqueles que compõem essa população, braços ou pernas quebradas, pontos cirúrgicos, cicatrizes espalhadas e diversos tipos de hematomas e coágulos. Tais marcas reveladoras da violência tinham como explicação: a presença de conflitos e sua resolução por meio de violência ou, simplesmente, o fato de terem sido agredidos por alguém 196.

Para essa população, a violência e a noite possuem uma relação íntima. Segundo alguns diálogos, muitos dos problemas que ocorrem no período da manhã são "resolvidos" principalmente no período da noite. Conforme apontado anteriormente, grande parte da área central sofre um significativo esvaziamento no período noturno, inclusive da segurança pública realizada pela Guarda Municipal e pela Polícia Militar. Assim, é preciso justificar que, mesmo que os elementos relacionados a violência e ao medo estejam permanentemente presente na lógica cotidiana da população em situação

¹⁹⁶ Todos os entrevistados relataram alguma experiência acerca de eventos violentos, mesmo que fosse como espectador. Cabe ressaltar, ainda, que se tomou o conhecimento de três pessoas em situação de rua que foram assassinadas no período dos trabalhos de campo.

de rua é justamente no período noturno que ganha contornos mais expressivos e exigem maiores cuidados nos espaços públicos.

O sentimento de insegurança torna-se crescente e proteger-se passa a ser um aspecto central, especialmente no período noturno. Como resultado dessa configuração, alguns foram os relatos daqueles que afirmavam andar permanentemente com facas ou as mantinham escondidas em algum local, caso precisassem solucionar um grave conflito¹⁹⁷. Outro aspecto em relação à posse desses objetos é decorrente de inúmeros aspectos, como o baixo preço para a aquisição¹⁹⁸ e a facilidade para a obtenção, devido aos inúmeros estabelecimentos existentes e a ausência de qualquer restrição uma vez que também são caracterizados como utensílios domésticos.

Tem uns caras que acham que é mais homem que os outros. Puxam faca pros outros. Mas eu já estou experiente nesta vida. Se fizer comigo tem que me matar. Eu vou correr atrás, porque eu não sou nenhum santo não. Eu já fiz merda pra caralho nesta vida. Não é querendo ser mais do que ninguém não, mas já matei também, papo reto, pra me defender. Já matei e nunca fui preso por este crime. Graças à Deus. Já tentaram tirar a minha vida. Agora, a rua está mais calma. Tinha uma época atrás, que o bicho era sério. Cada um com uma faca na cintura. Qualquer problema, se alguém se estranhava resolvia deste modo. *Você anda com uma faca?* Não, eu só ando quando for necessário. *Mas você tem uma?* Não, eu compro. Porque faca é barata, vou no mercado e pego. Faca é a coisa mais fácil que tem. É mais fácil que comprar um revólver. (Cristiano, 33 anos).

Desse modo, cotidianamente as facas podem ser utilizadas como potencializadoras de ações violentas. Assim, além das facas, pedaços de paus e pedras são utilizados quando os conflitos chegam as *vias de fato* nos espaços públicos.

Acerca da objetivação da violência, as pedras se configuram como um elemento particular e ocasionam, talvez, o maior temor dentre a referida população. Foi revelado que grande parte dos conflitos pode ficar latente por tempo indeterminado. Uma das justificativas para esse tipo de comportamento é fazer com que o outro envolvido se esqueça do acontecimento e, portanto, fique mais vulnerável contra uma ação vindoura. Assim, quando o evento "cair no esquecimento", o sujeito deverá atuar sorrateiramente, buscando eliminar o desafeto como forma de garantir a sua própria segurança. Uma

-

¹⁹⁷ Durante a pesquisa, em duas oportunidades foi explicitada, por parte dos entrevistados, a presença de objetos cortantes. De modo curioso, nas duas situações, as facas estavam enroladas em uma camisa e guardadas em uma mochila. Grande parte dos diálogos apontava que esses objetos são utilizados somente em caso de legítima defesa, ainda que muitos temam carrega-los permanentemente diante dos riscos de uma abordagem policial e e de detenção.

¹⁹⁸ Com base em diálogos, "uma boa faca" poderia ser comprada por um valor entre 8 e 15 reais.

primeira estratégia é a investigação para saber onde o opositor está dormindo e se ele mantém uma permanência estável no espaço. Uma vez identificada a localização, a fase seguinte é espreitar a situação e as condições do entorno para estabelecer o processo de aproximação e, consequentemente, realizar tal ação.

Estabelecidos os requisitos, a execução é realizada e, na maioria das vezes, com o auxílio de uma pedra paralelepipedal utilizada nos calçamentos urbanos que é desferida contra o crânio. Segundo os diálogos, normalmente, uma única pedrada é suficiente para assassinar a vítima, mas caso isso não ocorra, desfere-se novamente um segundo golpe ou, mesmo de maneira auxiliar, utiliza-se uma faca. Sobre a realização dessa prática, um dos entrevistados descreve uma experiência vivida¹⁹⁹:

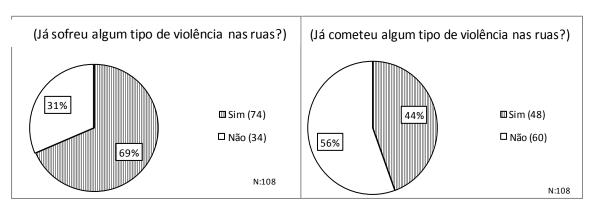
Eu já vi um cara ser morto, foi paralelepípedo. Eu conhecia todos os dois. Eles tomavam conta de um estacionamento lá na Lapa. Eles bateram boca e um tacou uma pedra na cabeça do outro. O que tomou a pedrada ficou internado mais de três meses. O outro que deu a pedrada dormia lá no Ministério da Fazenda, perto da Praça XV. O que tomou a pedrada falou que ia cobrar. Ele estava com a cabeça toda enfaixada. Eles evitavam bater de frente depois disto. Estava eu, o *pretinho*, também estava o *Barbicha*, o *Maranhão*, o *João da Amélia* e o *Maceió*²⁰⁰. E eu só escutei eles falando. Olhei e vi que não era comigo. Eles falavam: é ele, não é não. É sim. É ele mesmo. Foi lá, Pegou o paralelepípedo e deu na cabeça. Amassou tudo assim. Ele estava de bruços. Deu a segunda e deu a terceira. Ele ainda levantou e foi pra perto da banca de jornal, golfou sangue e caiu. Eles ainda deram mais duas pedradas depois dele caído. Eles ainda estavam com faca na mão. Nós levantamos, todo mundo que estava dormindo e fomos pro outro lado da rua. Ninguém se meteu, até por que tá todo mundo por aí na rua. (Ismael, 52 anos).

Ainda que esteja marcada como uma potencialidade, a prática supracitada se configura como um caso extremo e poucos são os conflitos que chegam a tal escala de premeditação e violência. A maior parte afirma evitar qualquer tipo de conflito, ainda que tenham sido vividas diferentes tipos de experiências nos espaços públicos.

¹⁹⁹ A mesma prática pode ser realizada com a utilização de produtos inflamáveis, principalmente o álcool, a gasolina e o *tinner*, assim como: barras de ferro ou madeiras utilizadas na construção civil. Esta prática é tão aterrorizante por duas razões: a primeira delas é o fato da própria morte como uma preocupação central, a segunda, por não ser possível qualquer reação ou autodefesa frente à ação violenta que está sendo sofrida.

²⁰⁰ Todas as cinco pessoas envolvidas tiveram seus nomes modificados.

Gráfico 19 - Relações de violência no cotidiano



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Por outro lado, mesmo que a maioria afirme evitar qualquer tipo de conflito que leve a uma possível luta corporal e, como última consequência, o assassinato de alguém ou a própria morte, o comportamento violento parece ser um importante componente na organização da vida cotidiana da população em situação de rua, principalmente, no período noturno. Desse modo, ser violento ou ao apresentar "disposição" para enfrentar uma situação de violência e oferecer risco a quem quer que seja, segundo a própria população, pode minimizar a possibilidade de surgimento de conflitos.

Nós que mora na rua, nós que é dono. Se tiver a tua atitude, ninguém vai tirar a onda contigo. Se você respeita todo mundo, todo mundo vai te respeitar. Se tu chegar com educação com os outros, vão ter educação contigo. Ninguém vai extrapolar pra cima de tu ou vai chamar de vacilão 201. A única coisa que não pode deixar é na reta. Saber falar, saber dialogar com as pessoas. Porque nem todo mundo que tá na rua é bobo. Tem nego aqui que é nervoso. Tudo é na faca e no pedaço de pau. Tudo é violência. Então tem que saber driblar os problemas, tá entendendo? Não é questão que o cara vai vir falar contigo, tu estando certo, vai marcar e baixar a cabeça e colocar o rabinho entre as pernas. Tu não vai. Se tiver de tomar a atitude, você vai tomar a atitude. Tu mete a mão na faca e vê se o cara tá preparado mesmo. Eu falei com um, outro dia: eu tô aqui na rua, mas não tô de bobeira não. Tu não me conhece e não sabe onde que eu fico, então, tipo assim, tu leva a tua vida, que eu levo a minha vida. Meu biombinho²⁰² estava armado ali. Eu estava dormindo ali. Ele chegou pegou meu bagulho, minhas roupas e saiu chutando. Eu falei: que porra é essa aqui? Se eu faço isto no seu biombo, tu iria gostar? Eu ia bagunçar ele, mas foi Deus que me deu controle, porque senão, eu tinha feito uma desgraça com ele aqui. Hoje, ele veio me pedir desculpas. Porque tipo assim, ele sabe que eu não vou marcar pra ele, ele viu como é que eu sou. Eu sou um cara pacífico, mas totalmente perigoso, mas ele não sabe o meu grau

-

²⁰¹ O termo *vacilão* é destinado para aquele que comete algum tipo de atitude incorreta com alguém.

²⁰² Na rua, o *biombo* se caracteriza como um espaço para dormir. É produzido com caixas de papelão, garantindo a privacidade individual ou de um casal no espaço público.

de periculosidade. E eu não vou demonstrar o meu grau de periculosidade pra ele, porque tipo assim, aqui você não pode ficar plantando vantagem, plantando marrar. Eu fico na minha, quando tiver que fazer, chego e faço logo. (Cícero, 42 anos)

Nesse sentido, alguns sujeitos com históricos de violência, principalmente por terem realizado homicídios, eram extremamente "respeitados"; especialmente por aqueles que conheciam o passado e o comportamento agressivo dos mesmos. Outra característica é que alguns dos mesmos carregavam *alcunhas de rua*, vinculadas às dinâmicas da violência, como personagens de filmes de terror ou nomes de objetos cortantes ou perfurantes. Acerca dos aspectos descreve um dos entrevistados:

Aqui no centro não tinha ninguém pior que o da *Navalha*²⁰³ não. Roubava direto e era sinistro. Uma vez ele brigou com dez de uma vez só na Central e matou um. Pra tu ter ideia, ele furou a mulher dele grávida. Ele é um cara problemático, "nós respeitava ele". Se o cara furou a mulher dele grávida, imagina o que ele ia fazer com a gente. (Eduardo, 24 anos).

A maior parte dos sujeitos opta pela resolução dos conflitos em um momento mais propício. Segundo alguns diálogos, algumas contendas não são resolvidas imediatamente devido à situação de adversidade, como por estar numericamente em desvantagem, desarmado ou com más condições de saúde. Sobre essa configuração, forma-se a *bronca* ou a *cobrança de rua*.

Os conflitos adormecidos podem entrar no esquecimento devido aos riscos envolvidos, ou serem "cobrados" futuramente de modo a reaver a honra e o respeito entre a população em situação de rua, mas, principalmente, para garantir a segurança como uma forma de autoproteção. Normalmente, quando o conflito é sério e não é resolvido imediatamente, a consequência espacial direta é a saída de um ou até mesmo dos dois envolvidos dos respectivos lugares de permanência onde dormem.

Cabe notar os aspectos que desencadeiam os possíveis conflitos. As desavenças podem ser resultados de aspectos sensíveis, como divergência de opiniões e a posição nas filas de doação de alimentos e roupas. No entanto, atitude do desrespeito com a "mulher dos outros", a delação e o furto de pertences pessoais são aspectos centrais que dificilmente "são deixados cair no esquecimento".

²⁰³ Sobre este sujeito em particular, o seu apelido foi alterado buscando preservar a identidade. Foi também estabelecido um diálogo inicial com o mesmo, mas, na semana seguinte, ele foi preso por cometer um roubo.

A "perda" dos pertences resultantes de furtos se constitui como um aspecto extremamente relevante no cotidiano, ainda que os sujeitos não compreendam como uma forma de violência. Nesse sentido, mesmo que 31% dos entrevistados (34) tenham informado nunca ter sofrido qualquer tipo de violência física no período em que estiveram nas ruas, todos afirmaram terem sido furtados alguma vez nos espaços públicos ou assistenciais.

Uma possível explicação para esse fato está relacionada ao modo como as ações são realizadas²⁰⁴. Segundo diferentes relatos, estas ações ocorrem mediante quadros particulares de vulnerabilidade e fragilidades momentâneas, como por exemplo, quando alguém está sob o efeito de alguma substância entorpecente ou, mesmo, quando está dormindo. De tal modo, ao acordar, o sujeito já se encontra absolutamente sem os pertences.

Ontem eu fui pegar umas latinhas e "roubaram nós". Catamos latinha a noite toda. Aí paramos pra tomas umas cachaças e caímos. Quando nós acordamos não tinha mais nada. Não tinha mais lata e não tinha mais mochila. Não tinha porra nenhuma. (Orlando, 41 anos).

Quais são os pertences que você possui? Só carrego minha bolsa, meu chinelo, minha camisa, minha calça e mais nada. *Tem cobertor?* Roubaram o meu cobertor, meus documentos, meu relógio, e agora já arrumei outro (risos). (Gaspar, 40 anos).

O que aconteceu? Roubaram o senhor? Você dorme e acorda sem caralho nenhum. Foi na marra que o cara levou? Não, não tira na marra não. Tira não. As Latas, até as latas levaram. Levaram a mochila, levaram tudinho ontem, levaram o saco de lata. Eu não tenho roupa porque levaram a mochila. Aí eu dormi lá do outro lado ali no cantinho ali. (...) O senhor garimpou o dia todo e levaram as latas do senhor? E não foi uma lata só não "compadre", várias latas. Levaram três sacos de lata. É mesmo? Levaram do Mangaba²⁰⁵ também essa semana. (Francisco, 52 anos).

Já sofreu algum tipo de violência na rua? Ser roubado ou agredido? Agredido não, mas roubado, eu já tomei umas cervejinhas a mais e levaram a minha bolsa. Eu doidão, cheio de cerveja, os caras passam e levam. Foram umas três vezes que me levaram. Fui roubado. O cansaço da cerveja, junto com o trabalho. Foi umas cinco ou seis vezes. Aí tu senta aqui, o cansaço, mais a cerveja é fogo. (Edir, 49 anos)

Sabe o que fizeram? Levaram a minha bolsa com dezessete reais e porrada. *Hoje levaram sua bolsa?* Levaram. *Mas você sabe quem foi, não sabe?* Não sei. Eu estava dormindo. Os caras que garimpam trabalham das sete as quatro da madrugada, sempre dormem, e dormem em cima da bolsa, só que eles levaram. *Você dormiu em cima da bolsa?* Em cima da bolsa. Eles puxaram. Puxaram a bolsa. Mas você me pergunta quem fez isso. *Quem fez isso?* Eu

²⁰⁴ Observou-se, em uma única oportunidade, o furto de uma sandália no Campo de Santana. Aquele que praticou a ação se aproximou lentamente, puxou as sandálias, as experimentou para ver se eram confortáveis e compatíveis com o seu próprio tamanho e saiu tranquilamente caminhando do local.

²⁰⁵ O verdadeiro nome foi alterado para impedir a identificação e preservar a identidade.

não sei. Eu não sei quem foi. Tem "cracudo", entendeu? Que não pode ver nada. Quando eu acordei, eu estava sem nada. E daí como é que eu vivo? (Geovane, 42 anos)

No abrigo é foda. Já me roubaram lá. Roubaram minhas paradas lá dentro. Lavei minhas coisas no abrigo e botei no varal, quando eu vi, levaram tudo. Até a minha mochila que eu comprei roubaram. Ali é brabo. Ali é brabo mesmo. Nego rouba lá dentro (Pepe, 26 anos).

Outro aspecto notável em relação a essas ações é que, por um lado, as mesmas são entendidas como algo rotineiro na dinâmica interna dessa população, mas, por outro, quando perguntado se os mesmos já cometeram esse tipo de prática alguma vez, todos revelaram ser incapazes de realizar tais medidas, devido aos aspectos morais envolvidos à própria situação compartilhada sócio-espacialmente de viverem nas ruas.

O fato de terem sido furtados enquanto estavam dormindo dificulta a identificação do eventual suspeito, ainda que dois quadros se abram em relação a essa configuração. O primeiro deles é quando um objeto identificado está no corpo ou junto a posse de alguém e o segundo é por meio da delação de outrem.

Muitas vezes, os furtos realizados são observados discretamente pelos demais, mas, por representarem questões alheias, evita-se qualquer intervenção para não se envolver em um novo conflito. As intervenções somente ocorrem caso exista algum vínculo mais próximo ou se existir algum "pacto de proteção" nos lugares de permanência. Na rua, a expressão "ninguém vê, ninguém escuta e ninguém fala" possui grande força, ainda que a inserção do sujeito indeterminado também se insira nos fatos ocorridos.

O "alguém viu, escutou ou falou que foi fulano que roubou" é bastante comum. Esta evidência indeterminada se abre também para duas novas eventuais questões. A primeira delas é a veracidade da acusação e a oportunidade do prejudicado "correr atrás do seu prejuízo". A segunda é que esta indicação se configura como uma insídia, colocando aquele que, além da perda material, diante um novo conflito devido a uma falsa acusação, bem como, as consequências em torno dos aspectos de dignidade, o prestígio e a honra existente nas ruas²⁰⁷. As "armadilhas" construídas entre a população

²⁰⁶ Em alguns lugares de permanência ocorre uma espécie de ajuda mútua frente a possíveis ataques violentos. Assim, caso alguém seja atacado, os demais interviriam em defesa do mesmo.

²⁰⁷ Ser acusado de ladrão é moralmente um ato gravíssimo entre parte da população em situação de rua e fato suficiente para o desencadeamento de um conflito.

em situação de rua são conhecidas como *mancadas*. Nesse sentido, elucida um dos entrevistados:

Você já sofreu violência na rua? Já briguei com um cara já. Foi briga com pau. Ele veio me dá uma paulada. Eu tomei o pau dele. E comecei dar umas pauladas nele também. Ele me acertou uma paulada na cabeça. E qual foi o motivo da confusão? O motivo foi que eu passei e vi uns ferros no chão. Só olhei e falei que quem estava com aqueles ferros ia arrumar um dinheiro. Depois fui embora. Fui lá no meu antigo trabalho, pedi dois reais e fui almoçar. Aí voltando, um maluco falou que eu peguei os ferros. Aí este cara falou que ia me matar. Então eu falei que ele tinha que me matar, porque ele também dormia de cara para o alto. Ele falou que ia me matar. Esperei ele pra me matar. Aí começamos a discutir. Ele pegou um pau e deu na minha cabeça. Fiquei tonto. Por sorte, tomei o pau e dei umas pauladas nele também. Veio a policia, tomou o pau da minha mão e mandou a gente vazar. (Iago, 28 anos).

Sem embargo, tais *cobranças*²⁰⁸, principalmente como resultado de furtos, tem como objetivo central estabelecer uma espécie de ordem, segurança local ou, na escala individual, garantir o respeito e o prestígio frente aos demais. Desse modo, alguns entrevistados relataram suas experiências pessoais acerca das cobranças resultantes de furtos.

Aqui é tranquilo, mas se vacilar o pau comeu. Aqui não tem muita violência por que nós costuma saber o que é o certo e o que é errado, entendeu? Agora, quem tiver errado tem que ser cobrado, porque é a norma da rua. Se vacilar tem que ser cobrado. Porque se vacilar com nós, pode vacilar com gente pior que nós, que vai matar e arrancar dedo. Nós não vamos matar direto ou arrancar dedo. Aqui é só um susto, é só um "se liga." *E o que seria um tipo de vacilação de rua?* É roubar os outros dormindo, "quilingar" chinelo dos outros, roubar negócio de comer dos outros. É ter a disciplina de chegar e pedir pro amigo do lado uma comida. Tá entendendo? É outra coisa. Tu não tá roubando. Tu tá pedindo e nós que tá dando. Se não fizer assim, nós tem que bater. A primeira, tu dá o papo. Ele faz a segunda, nós deixa passar batido. Aí na terceira vez, não é erro seu, é o erro do outro. Aí nós bate. Ele já deu mole por parte dele. Ele não soube trabalhar com a mente e deixou o corpo se levar. É por isto que nós bate (Baltazar, 23 anos).

O Capixaba levou o meu telefone. Ele pediu o meu telefone pra ele ouvir música. Quando foi de manhã, cadê o Capixaba? Sumiu. Eu encontrei ele lá em Copacabana. *E at*? Nós cobrou ele. Mas por toda consideração que eu tinha por ele, eu relevei. Dei umas porradas, mas foi devagar e falei com ele que tinha que me devolver o celular. Se ele não me devolvesse e eu encontrasse da próxima vez, ele ia ver que ia ser sério. Era um aparelhinho muito vagabundo, não tinha nem maquina de tirar foto. Telefone vagabundo. E este telefone era Tim, eu podia ligar pra minha mãe e pra minha mulher.

²⁰⁸ A *cobrança* pode ser compreendida como uma diferença, um conflito ou práticas e comportamentos compreendidos como incorretos que, quando cometidos por alguém, mas que não foram esquecidos podem ser cobrados em algum momento mais propício.

Quilingue é uma expressão utilizada por aqueles que roubam dentro da cadeia, mas também é reproduzido e utilizado no cotidiano da população em situação de rua.

Na verdade, este já é o quarto telefone que eu perdi aqui na rua. (Diogo, 28

Briga não. Só uma vez que eu dei uma facada no cara. Uma vez de noite, eu estava meio que dormindo e vi que o cara roubou a minha mochila. Deixei ele ir. Na hora que ele virou as costas, eu pedi a minha mochila, ele mandou eu me foder. Dei logo uma facada nas costas e deixei a mochila pra lá e meti o pé. Foi ali no Castelo. (Pedro, 32 anos).

Um dia destes, eu dormindo com uma caixinha desta, os caras cortaram a cordinha da caixinha de engraxate e levaram. Depois eu descobri quem foi. Foi morador de rua também. Não tem disposição pra roubar um playboy e vem roubar a gente que tá na pista. Descobri e fui cobrar, dei umas pauladas pra ele aprender. (Fábio, 23 anos).

Por conseguinte, nem toda violência sofrida pela população em situação de rua é decorrente de conflitos internos. Nos diferentes diálogos foram relatados inúmeros históricos de violência com seguranças de estabelecimentos privados, Policiais Militares, Guardas Municipais, profissionais da Secretaria Especial de Ordem Pública (SEOP)²¹⁰ e, até mesmo, com profissionais da Secretaria Municipal de Assistência Social.

> Aí, tá vendo, por isso que eu gosto de dormir em buraco, os caras do *Choque* de Ordem 'vem acordar nós' na rua, dormindo bem, com papelão, cobertor e quer levar à força, pra mostrar serviço. Bate e "os caralho" em nós. Dá porrada. É mesmo? É. Pra entrar na Van. Por isso só contrata pessoal malhador, fortão, "saradão". Você já foi levado à força? Já. Eu já. Pra Antares? Pra Antares. (Beto, 24 anos).

> Você já sofreu alguma violência na rua? Não. O que você tá falando, é briga? Briga sim. Já tive uns conflitos com a polícia. (...) eu falei com uma menina que era linda. Aí o cara falou que era namorada dele. Eu perguntei se eu estava desrespeitando ela. Nisso, eu e o cara ficamos meio que debatendo. Do nada, veio o segurança e meteu a mão no meu peito. Eu falei pra ele que não mão não dava conta não, mas que eu ia voltar. Eu fui e peguei uma pedra pra dar uma pedrada nele e tinha uma viatura como daqui lá no poste e ele com a arma de choque na mão. Eu joguei a pedra no chão e ele veio atrás de mim pra me dar o choque. Eu corri, mas nisso, lá também tem um posto da Guarda Municipal. Aí tinha um cara a paisana que tentou me parar. Aí eu soltei um soco na cara dele. Do jeito que eu estava correndo eu mandei. Ele caiu rolando, só que eu tropecei nele e cai com a costela no meio fio e arrebentei o braço todo. No caminho, eles foram me dando choque. Eles ficaram me ameaçando falando que ele era P2²¹¹. Nisto eu comecei a chorar dizendo que tinha quebrado a minha costela e fingindo que não estava nem conseguindo pisar no chão. Eu depois deitei e comecei a rolar gritando que estava quebrada. O que eles fizeram: me levaram pro hospital e me deixaram por lá. Tirei um raio x e não deu nada. Peguei o remédio e sai de lá. (Diogo, 28 anos)

²¹⁰ Na cidade do Rio de Janeiro, esta secretaria realiza as operações de "choque de ordem", conhecida popularmente como o "rapa". Parte significativa dos sujeitos afirmaram que tiveram seus pertences pessoais, como cobertores, lonas e até mesmo roupas recolhidas e jogadas em uma viatura, e, que posteriormente, não conseguiram reavê-los.

²¹¹ Referência utilizada para os profissionais do serviço de inteligência da polícia e que tem como uma das características o caráter a paisana diante de sua não identificação pública.

Eu tenho raiva mesmo é de guarda-municipal. Uma vez eu estava pedindo e ele veio e me empurrou. Eu tampei ele na porrada. Fui para lá na 5ª dp (Delegacia de Polícia). Eu falei pro delegado que eu era sujeito homem e estava pedindo porque estava com fome. Ele ficou quieto. Na hora que eu ia sair, o delegado pediu pra eu ficar, por que senão, os guarda ia fazer uma covardia comigo. Fiquei meia-horinha lá, tomei até um cafezinho. (Pedro, 32 anos).

Por outro lado, se a violência é um aspecto extremamente presente na vida cotidiana dessa população, ocorre, concomitantemente, a ressignificação de um conjunto de práticas e estratégias com base na dimensão espacial de tal fenômeno na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Essa lógica produz, geograficamente, um quadro de localizações e limites mais ou menos preciso. A partir da ideia de segurança e riscos frente às possibilidades de uma maior ocorrência de perigos concretos contra as suas próprias vidas, indagou-se aos entrevistados sobre a relação de medo, receio ou cautela em caminhar em algumas áreas do centro. Como resultado, 63% dos entrevistados (68) revelaram possuir estes sentimentos diante de alguns lugares.

Assim, parte significativa dos entrevistados, mesmo diante da vergonha envolvida e das próprias contradições que envolvem uma população que teoricamente está federada "por viver nas ruas", revelou sentir medo, principalmente pelos inúmeros riscos e as vulnerabilidades existente. Conforme elucidam alguns entrevistados sobre esse aspecto em particular:

Porque na rua, na pista, ela tem "judaria" É a lei do cão mesmo. Eu tenho medo da "judaria". Tu tá dormindo do nada, na onda da droga e fazem uma "judaria" contigo. (Benedito, 22 anos)

Se eu te falar que eu não tenho medo, estou mentindo. Eu tenho medo. Eu tenho medo pô. Qualquer dia destes, os caras vai tirar a minha vida, ainda que o cara seja lutador e saiba bater "à vera". É ainda pior, por que nego mata ele dormindo. Na covardia. É uma pedrada, é uma paulada, é uma facada no pescoço. Da outra vez que eu briguei, sorte que a porrada que eu dei foi forte, não deu nem pra ele reagir. Não deu tempo nem dele meter a mão na faca. Porque além da minha força, eu coloquei o peso do meu corpo. Eu dei um jab, muito bem colocado. Quando eu vi era muito sangue no rosto. O queixo dele caiu e era muito sangue. Ele jurou que ia me matar. Eu queria mostrar que eu batia mais. Conclusão: agora eu durmo assombrado. Não durmo mais aquele sono de dormir direito. Agora eu peço a Deus para nego não me matar. Eu durmo de dia. Pego e deito. Mas eu deitar de noite e dizer que vou dormir tranquilo é mentira. Eu não durmo tranquilo. Sempre tem um que quer fazer uma covardia. Não tem como escapar. Uma hora você não escapa. Nem Jesus escapou. Ontem mesmo, era meia noite, todo mundo dormindo e eu mesmo, acordado. Eu me arrependo, porque agora eu não posso dormir. Eu tenho medo de morrer. Eu errei e quero me recuperar. Os caras podem até

dizer que não tem medo de morrer, mas tem sim. De noite, na hora dormir, qualquer um pode morrer na rua. (Isaías, 33 anos).

Em termos de segurança, na cidade, você tá aí, tá vulnerável a qualquer coisa acontecer, você nunca sabe, as vezes por causa de uma camiseta, de uma bermuda, neguinho pode te pegar. Só de saber que você tem alguma coisa na mochila que pode resultar em algum valor, o cara te rouba (Antônio, 44 anos).

Nesse sentido, o conjunto das entrevistas revelou que, o próprio aspecto geral da topofobia está relacionado com algumas configurações específicas de violência que ocorrem nos espaços públicos e que afetam o caráter psicológico desta da população em situação de rua na área central.

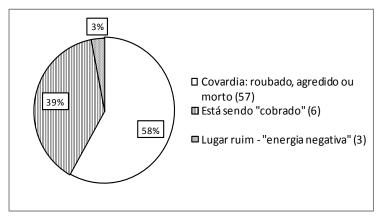


Gráfico 20 - Motivos do Medo nos Espaços Públicos

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Sem dúvida, a ideia de *covardia*²¹² foi evidenciada como um elemento central nos diferentes diálogos e entrevistas realizadas, inclusive junto àqueles que afirmaram não ter qualquer medo, mesmo reconhecendo o perigo concreto deste tipo de. A ideia de perigo se relaciona diante de um quadro de desvantagem, no qual o sujeito terá poucas chances de se defender e, o dano pessoal, se configura como uma certeza em concreto diante das vulnerabilidades que envolvem a exposição permanente nos espaços públicos. Nesse sentido, as topofobias possuem uma delimitação espacial concreta na área central da cidade, principalmente, pelo reconhecimento de determinadas configurações e a probabilidade elevada na ocorrência de atos violentos. Assim, a partir da enunciação geográfica das topofobias elaborou-se o seguinte gráfico:

²¹² Em alguns casos, a ideia de *covardia* possui como expressão similar *judaria*.

Praça Mauá (1) Largo São Francisco (1) Praça Cruz Vermelha (1) Abrigo de Antares (1) Praça dos Professores (2) Castelo (3) Largo da Carioca (2) Praça XV (2) Ruas desertas do Centro (4) Museu de Arte Moderna (6) Lapa (9) Favelas (10) Medo Generalizado (12) Central do Brasil (27) 10 15 20 25 30

Gráfico 21 - Espaços de Medo pela população em situação de rua

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

É relevante destacar que, exceto os espaços das favelas e a configuração de ruas desertas, todos os demais espaços enunciados se constituem como os próprios lugares de permanência dessa população. Tal aspecto aponta claramente que o medo nos espaços públicos participa diretamente nas lógicas de mobilidade e permanência, e, portanto, constitui-se como mais um fator explicativo da espacialidade da população em situação de rua população.

Acerca das dimensões mais concretas, a área que envolve a Central do Brasil se constitui como o espaço mais anunciado acerca da topofobia, principalmente no período da noite. Cabe ressaltar que nesse setor está localizado o Restaurante Popular, principal referência espacial para a realização do almoço. Portanto, no período noturno, ainda que sem a presença do serviço do Restaurante Popular do "Garotinho", concentram-se vários sujeitos nesse espaço, mas poucos são aqueles que se deslocam de outros *espaços de referência* para realizar quaisquer tipos de práticas no seu entorno.

Outro aspecto sobre o caráter topofóbico é justamente a sua dimensão inversa, ou seja, topofílica. Assim, as ambiguidades em torno de um mesmo lugar apresentam um aspecto extremamente complexo em relação às próprias configurações sócioespaciais da população em situação de rua. Desse modo, seguem dois trechos relacionados à Central do Brasil. O primeiro é de um entrevistado que tem nesse lugar a

sua principal área de permanência e, o segundo, de um sujeito que não permanece mais nessa mesma área:

O clima aqui na central é pesado, mas eu paro aqui direto, desde que eu era menor. Quando eu tinha oito anos de idade, eu já vinha pra cá. A central é muito mal falada. Na verdade, tudo o que não presta está aqui. Aqui tem que saber conviver. Por que aqui o bagulho é doido. Escreveu e não leu, o pau comeu. Eu durmo aqui, eu durmo "tranquilão". Porque aqui se vacilar, fodeu, neguinho te dá uma facada. (Diego, 21 anos).

Qual é a área mais braba? Lá é o pior tipo que tem. É "cracudo". Nego não respeita. É um esfaqueando o outro. Brigando por causa de merreca. As vezes até taca fogo no outro. Falo isto por que eu já vi. Aqui tem mais um pouco de respeito. (...) *Tu já dormiu na central?* Já, mais lá não é lugar de gente. É roubo. É muita violência. É um local que era pra ser bom, porque é bem vigiado com o batalhão ali. Ali só tem roubo, miséria e pobreza. É muita droga. Entendeu? É muita cachaça também. (Davi, 34 anos).

Acerca das favelas como espaços de medo, a presença das organizações criminosas e suas territorializações violentas se constituem também como elemento de destaque, seja devido aos aspectos de rivalidade entre as próprias facções, mas principalmente devido a um eventual engano por parte dos criminosos. Assim, como resultado de uma possível ação violenta, parte dessa população qualquer tipo de proximidade com os espaços das favelas ou, pelo menos, estabelece uma relação topofóbica relacionada às favelas localizadas no entorno da área central e nas demais zonas da cidade do Rio de Janeiro.

Aqui no centro, eu não tenho medo de nada. Na facção que eu me encontro, eu não tenho medo de nada, mas eu não vou pra outros lados de outras facções. (Benedito, 22 anos).

Eu fico meio bolado na área de outras facções. *Mas você tem problema com facção?* Não, mas eu não gosto de andar próximo de favela que não seja do Comando. (Leonardo, 30 anos).

tu evita de andar, tu não anda, tu fica com receio de andar ou fica meio bolado de andar em alguma área aqui do Centro? Na Laura. Na Laura tu fica bolado de andar? Porque lá é Alemão. Lá é Alemão. Lá é o que, Terceiro? Lá é ADA. Lá é ADA. E você é de outra área? E aqui é Comando Vermelho (Celso, 21 anos).

Tudo que é favela eu não entro. *Por quê?* Pode ser que os caras não gostam de mim ou me confundem, entendeu? (Anderson, 26 anos).

Desse modo, a presença de um conjunto de diferentes aspectos vinculados às dimensões espaciais, e que se apresentam na área central, gera uma série de riscos e tensões em relação aos espaços públicos no período noturno. Entretanto, como um dos produtos e reflexos mais diretos desse processo, está no modo como essa população se

organiza em relação à prática de dormir no período noturno, entendido como o período de maior vulnerabilidade da vida cotidiana nos espaços públicos.

7.2. Entre a segurança e topofobia: modos de dormir nos espaços públicos

Na rua ninguém dorme tranquilo. Acordado você já anda pra lá e pra cá e não sabe o que vai acontecer. Nem um pai de família aqui no Centro não sabe se vai voltar pra casa. *Mas na rua é pior?* É muito pior. Tá cheio de nego ruim por aí. Tem polícia e bandido pra fazer uma maldade. As vezes tem um cara drogado. Teve um cara que estava doidão, jogou *tinner* e tentou tacar fogo. Sorte que nego saiu e pegou o maluco. O outro já levantou e botou a mão na faca. Na rua é foda. (Arthur, 32 anos).

Dormir nos espaços públicos pressupõe, a priori, a não existência de um quarto, uma porta ou qualquer fechadura. A permanente exposição não está somente relacionada aos múltiplos aspectos da intimidade, mas, também, a dos possíveis riscos existentes. Entretanto, frente a tal quadro sócio-espacial, as relações de proteção, segurança e tranquilidade associadas ao espaço no período noturno, mais especificamente para a atividade de dormir, adquire outras configurações bastante particulares entre a população em situação de rua na área central da cidade. Buscando conhecer melhor os aspectos que envolvem as práticas de dormir, relacionadas aos padrões de escolha, suas possibilidades e as vulnerabilidades existentes, elaborou-se o seguinte quadro a partir da sistematização das entrevistas realizadas:

Somente nos espaços públicos (64)

Nos espaços públicos e no Abrigo de Antares (15)

Somente em pensões e hospedarias (7)

Pensões, hospedarias e espaços públicos (6)

Somente no Abrigo de Antares (4)

Espaços públicos ou casa de amigos e familiares (6)

Outras combinações (6)

Gráfico 22 – Locais de Pernoite nos últimos sete dias

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Um primeiro aspecto a ser destacado é a expressiva diversificação que envolve a prática de dormir nos espaços públicos. Nesse sentido, diferente do que se imagina, nem toda a população em situação de rua dorme permanentemente nos espaços públicos, se aproximando de um conceito mais amplo e complexo, como aqueles propostos pelos pesquisadores europeus. Em alguma medida, o gráfico rompe também com a ideia de que a única alternativa frente aos espaços públicos seriam os espaços assistenciais.

Desse modo, 10,2% de todos os entrevistados (11) não dormiram nos últimos sete dias nos espaços públicos, sendo que somente 3,7% dos mesmos (4) revelaram utilizar permanentemente os espaços assistenciais e 14,8% dos entrevistados (16) utilizaram o abrigo, alguma vez, nos últimos sete dias. Estes dados divergem significativamente da *Pesquisa Nacional Para a Inclusão da População de Rua*, revelando que para a média nacional, 20% dormiam somente em espaços assistenciais (BRASIL, 2008, p.10)²¹³. Diante desses dados, haveria maior probabilidade que, para o caso da área central da cidade do Rio de Janeiro, os abrigos públicos se apresentassem como uma referência espacial ainda menor para a prática de dormir no período noturno.

Essa informação ganha ainda mais importância devido ao fato de que 15,7% dos entrevistados (17) utilizaram hospedarias e pensões pelo menos uma vez nos últimos sete dias para pernoitar²¹⁴. De fato, Esses estabelecimentos privados possibilitam um conjunto de comodidades que os espaços públicos e os abrigos não possuem.

Por um lado, a hospedaria representa, concreta e simbolicamente, a ideia de conforto, sendo caracterizados pela presença de uma cama, um colchão, além da possibilidade de realização do banho²¹⁵, da limpeza das roupas e a utilização de ventiladores ou de cobertores. Por outro lado, diferentemente do abrigo, onde um mesmo recinto pode ser compartilhado por até centenas de pessoas, na hospedaria o

²¹³Nesta mesma pesquisa, dentre aqueles que optavam por dormir nos albergues, 67,6% revelaram que o medo foi o principal fator da escolha.

Constatou-se, com base na renda dos entrevistados, algumas diferenças em relação à utilização dos estabelecimentos privados. Em média, o valor cobrado variava entre 17 e 35 reais. Desse modo, ratifica-se a proposição inicial, considerando que apenas 19,5% de todos os entrevistados (21) receberam valores superiores a 250 reais semanais, ou seja, estando inseridos na faixa superior de rendimentos semanais. Assim, esse perfil representou 41,2% do total (7) daqueles que pagaram para dormir nesses estabelecimentos. Em seguida, dentre aqueles que ganharam entre 50 e 250 reais semanais (faixa média), correspondendo a 43,5% dos indivíduos (47), representaram 52,9% dos indivíduos (9) que pagaram por esse serviço. Por fim, somente um indivíduo (5,9%), dentre os 37% do total dos entrevistados (40) com rendimentos semanais de até 50 reais, revelou ter utilizado hospedarias ou pensões para dormir.

²¹⁵ Segundo os diálogos e as entrevistas, a maioria destes locais possuem chuveiros com aquecimento, representando um conforto a mais, principalmente em dias frios.

grau de privacidade garante maior intimidade e reforça o sentimento de segurança, uma vez que as chances de qualquer imprevisibilidade no período do sono são pouco prováveis.

O aspecto relacionado à segurança também afeta diretamente o tempo e a qualidade do sono. Tanto no abrigo, como nos espaços públicos, a permanência do dormir e o tempo de uso são mediados diretamente pelas forças institucionais que controlam o espaço. Assim, independentemente do horário que se durma na noite anterior, a população acaba sendo acordada, seja pelos funcionários nos abrigos, seja pelos responsáveis e donos de estabelecimentos privados, pela Polícia Militar ou pela Guarda Municipal nos espaços públicos. Conforme elucida um dos entrevistados:

Eu fiquei só estes dois dias mesmo na hospedaria. Fiquei lá "me guardando". Me deu uma vontade de ficar mais tranquilo. Dormir até a hora que eu quiser. O restante dos dias eu dormi lá na Praça dos Professores. (Elias, 19 anos).

Ainda que estes estabelecimentos privados e os abrigos públicos se constituam como lugares importantes e demonstrem a complexidade das formas de dormir e sua relação com o espaço por essa população, os espaços públicos reiteram, mais uma vez, sua centralidade na organização espacial de suas vidas cotidianas. Nesse sentido, identificou-se que 59% de todos os entrevistados (64) dormiram somente nos espaços públicos e que 89% dos mesmos (96) utilizaram pelo menos uma vez, nos últimos sete dias, as ruas da área central para dormirem²¹⁶.

A prática de dormir nos espaços públicos possui uma complexidade que os abrigos ou hotéis e pensões não possuem. Essa proposição deriva do fato que os dois referidos espaços, possuem um conjunto de ordens pré-estabelecidas e que são controladas pela lógica empresarial ou institucional. Nesse sentido, a população em situação de rua é somente consumidora ou usuária desses serviços. No caso dos espaços públicos, toda a produção e organização em torno da prática de dormir são realizadas pelos próprios sujeitos, mesmo com múltiplas relações externas, seja com as forças de

maior relevância vinculado ao espaço.

²¹⁶ Cabe ressaltar que, mesmo para aqueles que no período específico das entrevistas afirmaram não ter dormido nos últimos sete dias nas ruas da área central, revelaram já ter realizado esta prática em algum momento de suas vidas. De fato, dormir nos espaços públicos, para esta população, mesmo que em diferentes graus, se constitui como uma experiência em comum para todo o fenômeno e um dos temas de

controle urbano do Estado ou de outros grupos e segmentos sociais, mas se diferenciando individualmente a partir das vivências, percepções e concepções do espaço.

Para aqueles que dormem nos espaços públicos no período noturno, a insegurança se constitui como um aspecto central e, ao mesmo tempo, um alicerce fundamental para um conjunto de diferentes estratégias e práticas espaciais. Diante desse quadro, grande parte dos diálogos e das entrevistas pode ser sintetizada pela seguinte expressão: "na rua, não se dorme, se cochila". Nesse sentido, o "forrar o papelão²¹⁷", conseguir um cobertor e buscar uma área protegida do vento e da chuva é somente o primeiro passo de todo o processo.

A população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro produz uma série de lógicas com base em estratégias e práticas espaciais frente ao sentimento de insegurança e os riscos de violência ao dormir nos espaços públicos. O primeiro deles se orienta por meio da dualidade entre *dormir junto ou separado?* Assim, um primeiro aspecto observado em relação às práticas e estratégias espaciais de segurança está vinculado às ideias de concentração ou de isolamento sócio-espacial. Desse modo, tanto o dormir junto quanto o dormir separado possui diferentes aspectos, mas ambos estão apoiados na questão da proteção pessoal.

Nesse sentido, 84% dos entrevistados optaram por dormir juntos (81) nos lugares de permanência²¹⁸. Esta forma de organização sócio-espacial concentrada representa, material e simbolicamente, uma forma de segurança frente a uma possível agressão. Outra ideia em torno dessa concentração espacial está relacionada ao fato de que, em alguns lugares, se cria uma espécie de "pacto de proteção", ou seja, caso ocorra alguma eventual violência, os demais pertencentes ao espaço protegeriam fisicamente aquele que está sendo agredido.

Um último aspecto ainda se relaciona ao fato que a existência de uma grande quantidade de pessoas aumenta a possibilidade de sempre ter alguém acordado, que

²¹⁷ Esta expressão é a ação de buscar materiais, como papelão, jornal, colchonetes e outros materiais para cobrir o solo, isolando ou diminuindo as baixas temperaturas do chão.

²¹⁸ Na área central da cidade do Rio de Janeiro foi observado que estes lugares de permanência noturna podem variar de densidade conforme o período do ano ou devido aos quadros específicos de condições meteorológicas. Todavia, em média, estes lugares de permanência possuíam entre 15 e 50 pessoas.

pode ser um $assombrado^{219}$ ou um $hibernando^{220}$, ou seja, mais uma estratégia de defesa.

Por que o senhor tem escolhido esse lugar pra dormir aqui na Central? Mais protegido. Mais protegido? É muito mais protegido. Porque aqui todo mundo que dorme aqui é unido. Um toma conta do outro. Mas quem escolhe? Não, não é escolhido certo não! Isso já é o calor da gente memo. Sempre tem alguém acordado vendo. Sempre tem um parceiro. (...) Na rua, lá fora é muita violência. (Cássio, 42 anos).

Entretanto, se a concentração pode ser uma fonte de proteção, a sua visibilidade também é causadora de outros riscos e, por isso, parte desta população opta por dormir de maneira isolada ou em pequenos grupos de duas ou três pessoas. Um dos medos está associado à própria lógica de produção de um lugar de permanência noturna e sua potencialidade de se tornar um alvo, como, por exemplo, das chacinas que ocorrem nesses espaços. Essa configuração do medo é explicada devido o envolvimento de alguns sujeitos com atividades ilegais. Assim, a "mistura" pode fazer com que a cobrança por parte de alguém faça com que todos sejam punidos com a própria vida.

Quem é ladrão tu tem que ficar esperto. A gente aparentemente dorme junto, mas depois que ele dormir, eu saio fora e vou dormir sozinho. (89)

Eu tô contigo aqui, mas já estou lendo tudinho o que está acontecendo no entorno. Se chegar aqui alguém com o baseado, eu já disfarço e levanto rapidinho. Se alguém roubou ali e chegou aqui perto, eu já levanto e digo que vou ali e já volto. Mas sem sair correndo. Eu vivo no meio, junto, mas eu não me enturmo, que usar droga, usa, quer roubar rouba, mas eu sempre escorregando. Se eu vê alguma coisa diferente eu já aviso. Se tiver dois caras diferentes olhando, eu já aviso. Eu já desenhei, já fiz minha parte. Eu já saio daqui e vou pra Cinelândia, se eu tiver na Cinelândia, eu vou pra Lapa. Eu já não fico (Edir, 49 anos).

De fato, dormir nesses lugares de permanência é assumir os possíveis riscos de um *morticínio*. Diferentes são os relatos da população em situação de rua na área central que já ouviram algum episódio, acompanharam nos meios de comunicação ou vivenciaram de maneira muito próxima esses eventos de horror.

O problema da rua é a cobrança. E isto não está muito longe de acontecer no Rio de Janeiro de novo não. Na hora que a chapa esquentar, todo mundo vai rodar. (Ivan, 42 anos).

220 Esta

²²⁰ Esta expressão se caracteriza por aqueles que não dormem por estarem utilizando drogas, principalmente o *crack*.

Nas expressões utilizadas nas ruas, o assombrado é aquele que está em um estado paranoico em relação à permanente eminência de uma possível violência.

Nesse sentido, *Isaías*, *33 anos*, como um exemplo emblemático, sintetiza o quadro de *assombramento* nos espaços públicos da área central no período noturno. Sua experiência está vinculada, diretamente, ao maior evento de violência sobre a população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro, a *Chacina da Candelária*.

(...) Pra dormir, eu durmo onde tem mais gente. Mas aí é por segurança. Não que eu esteja seguro com aquele pessoal ali. Vamos supor, eu durmo no meio. A chacina quando vem, ela não vem pelo meio. Ela vem pelo começo, ou por um lado ou por outro. Dá tempo de eu me levantar. Eu costumo ficar no lugar mais povoado, mas no meio. E onde eu durmo na Uruguaiana pega pra todos. O que der pra um dá pra todo mundo. Se der uma briga comigo, dá pra todo mundo. Tinham uns "cracudos" que iam lá pra Uruguaiana pra roubar. Se vier nego de fora, que ninguém conhece, botamos pra fora. É uma regra. Quer usar sua droga, tu sai e volta. Tem regra. Toda vez que o *Choque de Ordem* vem, eles me pegam em pé. Eu não durmo não. Eu sou o sentinela da Uruguaiana. Só quando é umas duas e meia, três horas, eu dou uma relaxada. Não durmo não, mas fico mais tranquilo. Quando for umas seis horas eu levanto. (...) (Isaías, 33 anos).

Eu estava no Massacre da Candelária. Eu estava com 14 anos. Eu dormia ali. Foi a maior sorte que naquela noite, eu dormi em outro lugar. Mas eu não usava *tinner* não, porque todo mundo ali, todo mundo usava *tinner*. Eu ficava ali, por que eu achava que no meio deles eu estava forte e protegido. Eu pensava que estava bem. É o seguinte. A molecada roubava muito. Um dia desses, eu vi a reportagem do massacre na *tevê* e rolou uma lágrima no olho do homem (silêncio) (Isaías, 33 anos).

Entretanto, diferentemente de *Isaías*, 16% dos entrevistados (15) que dormiram nos espaços públicos, alguma vez nos últimos sete dias, optaram por dormir fora desses lugares de permanência noturna e de seus respectivos riscos. Todavia, um dos aspectos enunciados por aqueles que optaram dormir isolados é que esta estratégia possui como aspecto central o caráter de invisibilidade²²¹.

Falar contigo, onde você dormiu hoje? Eu dormi onde eu durmo sempre. No mesmo lugar de sempre? Onde? No mesmo. Embaixo do viaduto, tem um buraco que eu entro dentro. Que viaduto é esse? Viaduto ali da quitanda Aquele ali assim? É. E porque você escolhe aquele viaduto? Porque é um local movimentado. Eu tenho muitos inimigos na pista, então, não muitos, mas várias outras paradas. É inveja, intriga. Porque você escolhe ali, cara? Ali especificamente?(...) porque é um lugar escondido. Ali ele é caído. Aí já tem um buraco, só a entrada que é difícil. Pra você entrar é de lado. Bota as pernas primeiro e depois entra. lá dentro dá até pra ficar sentado assim, tá ligado? Tranquilão. Educador Social: Aí tu bota a madeira né? Bota a madeirinha, é melhor, tá ligado? Então, nesses últimos 7 dias você só dormiu ali? Sim. Todos os dias. Me sinto seguro lá. (Beto, 24 anos).

²²¹ Acerca das invisibilidades produzidas pela população em situação de rua nos espaços públicos, ver Robaina (2013).

Hoje eu acordei no Aterro do Flamengo, em frente ao Hotel Glória. A gente se destaca, porque no MAM tem muita gente drogada. Escolhemos ali perto da praia, porque foi o lugar mais tranquilo. Eu não gosto de ficar no tumulto. No sábado, eu dormi no Píer Mauá. Porque a gente faz evento ali também. Porque ali você se esconde e ninguém te vê. Eu vou lá pra dentro, perto do armazém cinco. Ali tem uma sala de bombas e ninguém me ver. Eu fico escondido mesmo. Sexta, quinta e quarta foi no Hotel Glória. (...) Quando eu estou trabalhando, eu fico dentro de uma pensão ou alugo um quarto em comunidade. (Ivan, 42 anos).

Por outro lado, a opção por dormir sozinho pode facilitar ações de *covardia* e menores chances de defesa. Por isto, algumas das estratégias buscam espacialmente configurações inusitadas, de modo que se possa jogar com as ideias de extraordinário ou inimaginável junto às práticas de dormir nos espaços públicos.

Outro aspecto importante junto às lógicas de concentração e isolamento está associado ao caráter de mudança vinculado ao espaço. Determinados arranjos podem fazer com que se deixe de dormir em um lugar de permanência e se opte pelo isolamento ou vice-versa. Assim, a expressão "hoje não deu pra dormir lá" pode ser resultado do excesso de uso de drogas, brigas, permanência daqueles que cometeram algum tipo de prática ilegal, pessoas estranhas que rondam o lugar ou sensações pessoais e subjetivas que mudam a percepção e concepção do espaço.

"Coé" irmão, primeiro eu vou procurar uma calçada aí, mas vai depender do clima que estiver, "né doido". Se tiver muito lotado de gente, anda mais um pouco. Se tiver muito embaçado²²², o pessoal bebendo de mais, querendo arrumar briga, eu não fico não (Vinícius, 21 anos).

Eu gosto de dormir lá atrás no MAM, porque ali é tranquilo, não tem muita cabeça, não tem muita aglomeração. Durmo sozinho. Ali no MAM é um lugar pesado, é perigoso. É *danger*. Perigo. Ali eu já presenciei nego esfaqueando os outros. Na mesma hora eu saí dali, chamei o SAMU (Serviço de Atendimento móvel de Urgência) e fui pro Aeroporto. Eu durmo perto do navio. (Sandro, 25 anos)

Por fim, um elemento bastante particular se estabelece na inter-relação entre distância e proximidade. Nesse sentido, alguns sujeitos procuram estar nem tão longe e nem tão perto dos lugares de permanência para dormirem, buscando mediar os riscos de cada uma das distintas configurações e as possibilidades de violência.

Lá no Castelo passa mais comida. Eu acho que é mais por causa disto. Eu conheço uma galera também e tem mais gente. *Então você se acha mais seguro?* (...) eu também não gosto de ficar com muita gente. É meio estranho, mas você fica mais tranquilo. Eu não durmo perto, mas fico um

²²² A expressão *embaçado* significa que está perigoso ou que pode proporcionar algum tipo de risco.

pouco afastado e você vê os outros dormindo (...) já fica melhor. Eles dormem em uma porta e eu durmo em outra. (Vinícius, 21 anos).

Um segundo grande padrão espacial em relação à atividade de dormir nos espaços públicos se organiza em torno da escolha entre descansar nos *mesmos lugares ou em lugares diferentes*. Este aspecto reorienta totalmente as lógicas de mobilidade em relação ao período noturno e as práticas de dormir. Existem ainda aqueles que optam por certa estabilidade nos lugares de permanência e de isolamento e outros decidem por um padrão mais flutuante e instável espacialmente.

Desse modo, 75% dos entrevistados (72) optaram por permanecer nos mesmos lugares para dormir no período noturno. Um dos fatores que participam dessa seletividade espacial está relacionado à própria acumulação de experiências e a relativa previsibilidade junto a estes lugares.

Hoje eu dormi no Castelo. Eu fiquei lá, porque a galera é de respeito. *Nestes últimos sete dias, você dormiu no mesmo lugar?* O meu vínculo está relacionado com as pessoas, não com os lugares. (Pablo, 47 anos).

Nesse sentido, a espacialidade do fenômeno ganha ainda mais expressão, levando em consideração que é a própria população que produz esses lugares. Assim, dependendo das configurações ou da emergência de algum evento extraordinário, as referências espaciais podem ser desfeitas e reaparecerem em outra rua, praça ou esquina da área central²²³. As novas referências espaciais podem ser transformadas em outro lugar de permanência ou reaparecer na mesma área, mas com outros contornos e características totalmente distintas em um momento anterior.

Por outro lado, 25% dos entrevistados (24) optaram por não manter uma permanência junto aos lugares de dormir nos espaços públicos, selecionando uma rede de lugares que são acessados conforme as percepções de segurança e riscos. Desse modo, quando analisada a espacialidade específica daqueles que não optam por dormir em um mesmo lugar, constatou-se que 42% deste perfil (10) dorme somente em dois lugares, enquanto 58% (14) optaram por mais de dois lugares.

Reorientando as perspectivas da análise em torno da ideia de lugar, poderíamos pensá-la junto ao conceito de território, mais especificamente nos processos de territorialização, reterritorialização e desterritorialização propostos por Deleuze e Guatarri (1996, 1997), e, principalmente, pelos refinamentos geográficos elaborados por Haesbaert (2003, 2004) e Haesbaert e Bruce (2002).

Existem algumas lógicas diretamente associadas ao padrão de circulação e itinerância vinculada aos lugares. A primeira delas, como já apontada anteriormente, está vinculada ao "clima", ou seja, à configuração social existente nos espaços públicos. Todavia, o aspecto central dessa lógica reside na ideia de garantir a própria imprevisibilidade frente aos demais sujeitos em situação de rua na área central, principalmente, diante das possíveis ações de covardia.

Eu tenho dormido na Avenida Chile. Lá é melhor, porque quando chove não molha. Domingo eu não dormi. Fiquei pernoitado. (...) Eu não escolho o lugar assim neste sentido não. Maloqueiro não pode dormir no mesmo lugar. Na rua a gente não dorme, a gente cochila. É o perigo. A gente tem que dormir com um olho aberto e outro fechado. Tem que dormir atento. Vai que neguinho chega e joga um álcool e taca fogo. É diferente de dormir em quatro paredes. Eu durmo uma, no máximo duas semanas em cada lugar. Depois eu saio. Porque depois vai chegando gente, vai chegando cracudo, gente que rouba e fica pra se esconder. Isto faz com que você fique acomunado. Uma vez na Chile, os malucos roubavam e iam pra lá. um maluco que estava roubando pulou debaixo da minha coberta e eu tomei até um susto, mas tu vai falar o que? Eram outros que chegavam lá fumando crack. O cheiro daquela fumaça. Tu não pode falar por que a rua é pública. Se eu vejo que tá perigoso eu vazo. Eu vou ficando no lugar até eu ver que está ficando perigoso. Aí eu saio. (Renato, 24 anos).

Hoje eu dormi na casa desta mulher. Terça-feira, eu dormi em Benfica, lá em frente ao Arará. Eu não gosto de dormir duas vezes no mesmo lugar. Se eu dormir no centro hoje, amanhã eu não vou dormir aqui. Qual é o motivo de você fazer isto? Covardia, né. Rola muita covardia um com o outro. É um tipo de inveja. Você não pode nem começar a se levantar e o cara já que te destruir. Que nem uma vez eu estava tomando banho. E tinha mais dois amigos. Fui tomar banho e, deixei meu documento ali no chão e fui trocar de roupa. Quando eu voltei perguntei pelos meus documentos. O maluco falou que não viu. Só que de longe eu vi ele se esconder atrás do poste e depois voltou. Desconfiei dele, mas não fui lá ver. Depois de tarde, eu passei pelo mesmo lugar e me deu a vontade de ir lá ver onde ele tinha se escondido. Quando eu vi estava meu CPF (Cadastro de Pessoa Física) e minha Identidade toda rasgada no canto. Ele só teve o prazer de rasgar minha identidade e o meu CPF. Este tipo de gente não se declara contra você na rua. Fala que é teu amigo. Quer ficar do teu lado, mas tá doido pra te foder, tá doido pra te fazer mal. É por isto que não é bom tu dormir no mesmo lugar. Hoje, o cara passa e te ver dormindo aqui. Amanhã de novo. O cara tá te vigiando. No dia que tu der mole, ele vai fazer uma merda contigo. É por isto que eu faço isto. Eles não vão ficar te seguindo 24 horas. (Iago, 28 anos).

Um último aspecto em relação ao dormir nos espaços públicos está vinculado a uma série de elementos externos ao próprio fenômeno, mas que são apropriados espacialmente como alternativas frente aos riscos e às topofobias existentes.

Uma primeira estratégia espacial está associada à utilização de unidades públicas de saúde no período noturno. As péssimas condições dos sistemas públicos de saúde

brasileira fazem com que as áreas de recepção dos hospitais públicos permaneçam lotadas de acompanhantes e pacientes à espera de atendimento.

Essa população reconhece a precariedade do sistema, no qual um paciente pode esperar por horas na fila, o que possibilita a estratégia de permanência na própria recepção, utilizando-se da própria lógica do anonimato e podendo dormir sentado nas cadeiras sem maiores problemas em um estabelecimento público. Acerca dessa estratégia, elucida alguns entrevistados:

Agora tá tranquilo porque eu estou no Hotel Santana, mas antes, eu andei fazendo o seguinte: eu estava dormindo no UPA (Unidade de Pronto Atendimento), tipo paciente. Fazia a ficha e ficava esperando. Quando chegava a minha vez, eu não entrava. Ficava dormindo na cadeira, cochilando. Dava certa hora, o vigilante me levantava e dizia que não podia dormir ali. Eu saia era umas cinco horas de manhã e já ia pro trabalho. (Jair, 30 anos).

Eu estou dormindo no Souza Aguiar²²⁴. Na entrada, em um banco que tem ali. *Porque você escolheu em dormir exatamente ali?* Por que em de inicio tem segurança e dormir na rua é embaçado e humilhante. As pessoas passarem e te ver dormindo no chão. Por que lá tem um vigilante, é a emergência, tem muita gente toda hora. *Você dormiu somente lá no Souza Aguiar?* Dormi também no UPA. Tem uma parada também. Se não chover, eu vou pro UPA, por que tem uma tela, mas não protege da chuva, mas no Souza Aguiar tem uma proteção maior. Lá tem banheiro, tem também uma água, o pessoal não discrimina. No UPA tu pega um papelão e dorme, os guarda não te perturba, é tranquilo. (Marlon, 47 anos).

Eu dormi no posto de saúde, lá na Frei Caneca. Lá eu achei mais tranquilo. Mas a gente não dorme, a gente só cochila. A gente fica com medo, não sabe o que vai acontecer, né. *Você tem medo de quê?* A gente ouve muita história né, tem medo de nego te cobrar. Tu tá dormindo e chega alguém e te mata. Tem muita reportagem de gente que morre que mora na rua. (Manoel, 43 anos).

A ideia de topofobia também estimula a busca de estratégias com base em algumas ideias compartilhadas pelos demais cidadãos no espaço urbano. Assim, mais do que apenas as distintas lógicas de concentração e isolamento, e de estabilidade e movimento na escolha dos lugares, os aspectos vinculados ao *monitoramento e ao policiamento* de alguns espaços ganham bastante destaque nos espaços públicos.

Um primeiro fator, de modo paradoxal, se estabelece pelo fato de que muitos entrevistados afirmaram não gostar de policiais, seja porque já foram agredidos na área central, sejam pelos próprios históricos vinculados à cultura das facções criminosas por alguns desses sujeitos. Nesse sentido, mesmo diante dessa configuração, faz-se

²²⁴ O Hospital Souza Aguiar é o maior hospital de emergências da área central e um dos maiores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

extremamente presente a permanência de parte dessa população próxima às cabines de polícia, delegacias ou batalhões no período da noite.

Segundos alguns diálogos e entrevistas, ainda que possa haver desavenças entre a população em situação de rua e a polícia, a ideia central seria a de que os policiais não permitiriam acontecer uma chacina próximo a eles, pois os mesmos seriam responsabilizados por não terem agido em defesa do cidadão.

Eu prefiro ficar onde tem bastante guarda e bastante policia. Porque qualquer coisa, eu posso pedir um socorro, gritar. Porque nem todos os policiais vão pensar que eu sou um cracudo. Na minha terra é um usuário. Eles aqui humilham muito os usuários de crack. (Lázaro, 28 anos).

Hoje mesmo eu dormi lá perto do DPCA (Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente), porque eu tenho medo de dormir na rua. Eu não durmo em qualquer lugar. Só ando sozinho, com medo, de alguém vir e fazer uma covardia. Agora eu com os documentos todinhos. (...) quando eu durmo, coloco os documentos na cueca. (...) na rua tu não dorme, na rua tu só cochila. (...) Quando eu acordei, estava maior barulhão, a cidade já estava acordando. Levantei, coloquei a sandália dentro da bolsa, coloquei um tênis e parti. (Arthur, 32 anos).

Seguindo essa mesma lógica, alguns acreditam que a presença de seguranças privados diminua a ocorrência de violências no local, principalmente porque em alguns desses lugares de permanência se estabelecem inúmeros diálogos sobre as regras de comportamento. A despeito desse fato, para os seguranças privados, a presença da população em situação de rua em frente aos estabelecimentos comerciais aumentaria o receio por parte de assaltantes, que teriam que arrombar os estabelecimentos em frente a um grande grupo de testemunhas/espectadores.

Associado a esse fator, a presença das câmeras de monitoramento também possui uma grande participação pela escolha dos lugares de permanência noturna, inclusive relacionada ao seu possível posicionamento e raio de ação. Assim, os sujeitos acreditam que, ao estarem no enquadramento das câmeras, podem inibir as tentativas de realização de atos violentos, pois a exposição gerada pelas câmeras poderia levar os executores a serem julgados e condenados. Acerca da presença dos seguranças e das câmeras de monitoramento:

Eu só durmo lá na Uruguaiana. De domingo a domingo. É mais tranquilo. Tem segurança. Polícia constante. (Isaías, 33 anos).

(...) a gente tem segurança, muita câmera, segurança fica passando pra lá e pra cá, de cinco em cinco minuto. Aí já não te acontece nada, nego te dar uma pedrada na cara e a câmera também tá gravando. (...) Aí o Civil foi lá com o delegado e conversou "com nós". Ele sabe quem é ladrão e quem não é pô. Aí quem não é pode dormir ali à vontade. O segurança trabalha armado mesmo. Aí nós fica mais despreocupado, agora nos outros lugar é pouca

câmera e assalto toda hora. Aí você fica ali pode vim um mandado lá e te dá uma pedrada. (Gilberto, 21 anos).

De ontem pra hoje eu dormi na rua Uruguaiana. Ali eu já conheço. É uma questão de segurança também. Ali tem uns vigilantes que dão uma moral pra gente. Eles ficam vigiando as lojas. (Nelson, 31 anos).

Desse modo, a atividade de dormir no período noturno envolve múltiplos aspectos relacionados às percepções e experiências²²⁵ que tornam a atividade de dormir nos espaços públicos ainda mais complexa e por uma série de intencionalidades vinculadas ao espaço.

Diante desse contexto, ainda emerge como um terceiro e último ponto vinculado à atividade de dormir, o lugar do Abrigo de Antares como o principal espaço de acolhimento social para a população em situação adulta no município e exemplo emblemático da política assistencial da cidade do Rio de Janeiro. Esse lugar é dotado de muitos significados e representações, participando diretamente das lógicas de organização espacial do dormir, assim como de outras configurações relacionadas à organização espacial dessa população na área central da cidade do Rio de Janeiro.

7.3 - "Vou e não vou": múltiplas espacialidades em torno do Abrigo de Antares

De modo geral, a criação de abrigos públicos se caracteriza como uma tentativa de garantir espacialmente um lugar onde a população em situação de rua possa dormir no período noturno e satisfazer um conjunto de necessidades/desejos frente às dificuldades cotidianas. Nesta última seção do presente capítulo, justificamos a reflexão sobre o Abrigo de Antares devido a complexidade que ultrapassa somente a ideia de dormir no período noturno e o coloca também diante de distintas relações sócioespaciais, estas vinculadas desde as lógicas de frequentação de seus usuários até as respectivas práticas realizadas nesse abrigo.

Em teoria, a lógica política que orienta os espaços assistenciais é a de estabelecer uma condição padrão de estabilidade sócio-espacial para que essa população possa sair das ruas. Entretanto, o abrigo não se constitui como uma casa no sentido de

²²⁵ Como guisa de considerações sobre tal prática, parte dessa população por meio de diálogos e entrevistas, afirmaram permanecer extremamente cansados durante o período diurno e optam por dormir e descansar em parques públicos ou ruas movimentadas durante o dia como uma estratégia complementar, principalmente se o período noturno tiver sido atribulado de aspectos de insegurança.

um lar, pois funciona como um espaço transitório, de não enraizamento, mas, ao mesmo tempo, ele é um suporte espacial onde esta população pode obter com maior tranquilidade um emprego formal, sair da situação de vulnerabilidade socioeconômica e, por fim, dos próprios espaços públicos e assistenciais²²⁶.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, o *Abrigo de Antares*, conhecido oficialmente como *Unidade de Acolhimento Rio Acolhedor*, possui capacidade para quatrocentas pessoas de ambos os sexos, sendo assim, o maior espaço assistencial para a população em situação de rua adulta na cidade do Rio de Janeiro.

Abrigo de Antares

Abrigo de Antares

Para Sol Novas US Navy NGA GEBCO

Google earth

Imagem 12 – Localização do Abrigo de Antares e o recorte espacial de análise

Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

Esse espaço é marcado por inúmeras tensões, sendo a primeira delas vinculada à própria capacidade, pois tais espaços deveriam ter no máximo cinquenta pessoas por

²²⁶ Em geral, os espaços assistenciais dispõem de um lugar para dormir, tomar banho e alimentação. Em alguns casos, ainda se disponibilizam ambientes de recreação, apoio jurídico, de saúde, qualificação profissional e colocação no mercado de trabalho.

unidade, contrariando os parâmetros do Conselho Nacional de Assistência Social. Um segundo aspecto está relacionado à própria localização do Abrigo de Antares. Essa unidade foi implantada no bairro de Paciência, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o levantamento realizado em 2008, esse setor da cidade possuía a menor presença da população sem situação de rua de todo o município, apresentando somente 6,5% dos identificados. Por outro lado, a localização do abrigo foge às orientações oficiais, por estar a 48 km da Área Central.

As unidades devem estar inseridas na comunidade e em locais onde haja maior concentração de pessoas em situação de rua. As estruturas devem ser acolhedoras, de forma a não estigmatizar ou segregar os (as) usuários (as). Recomenda-se que os locais não tenham placas de identificação e sejam estruturas próprias e não alugadas. (Texto de Orientação para reordenamento do Serviço de Acolhimento para População Adulta e Famílias em Situação de Rua. 2012, p.4.)

A localização pode ser explicada por distintos argumentos espaciais. Por um lado, a localização no bairro de Paciência poderia ser justificada devido à dificuldade de grandes espaços disponíveis na área central e os altos valores dos imóveis existentes²²⁷. Por outro lado, a referida localização também seria uma estratégia espacial que busca isolar, reduzir a visibilidade e deslocar a população em situação de rua das áreas mais privilegiadas da cidade.

Diante desse quadro, perguntou-se aos entrevistados sobre suas relações com esse espaço assistencial ao longo de suas trajetórias de vida nos espaços públicos. Assim, 87% dos entrevistados (94) afirmaram já ter frequentado o Abrigo de Antares para dormir alguma vez nas suas vidas. No entanto, quando realizada a mesma pergunta, mas levando em consideração a escala temporal dos últimos sete dias, revelou-se que somente 29% dos mesmos (27) utilizaram esse espaço assistencial. Os dados parecem indicar que o uso desse espaço pela população na área central é pouco heterogêneo, irregular e seletivo.

De fato, frequentar o Abrigo de Antares não parece ser somente uma atitude voluntária. A partir do ano de 2009, com a criação da Secretaria Especial de Ordem Pública - SEOP foram intensificadas as ações de controle urbano, intituladas de "Choque de Ordem". Assim, quaisquer atividades que gerassem alguma forma de desorganização pública sofreriam intervenções e seriam removidas do espaço urbano.

_

²²⁷ O atual Abrigo de Antares utiliza as dependências de uma antiga unidade do Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (SENAI).

Diante desse contexto, a população em situação de rua também se tornou alvo da atuação da SEOP e as ações de *abordagens sociais de rua*²²⁸ passaram a ter um caráter cada vez menos assistencial. Afirmou-se, a partir dos diferentes diálogos e entrevistas, em períodos anteriores a 2012, que os processos de "acolhimento" não eram mais liderados pela assistência social, mas sim pela Secretaria Especial de Ordem Pública, a Guarda Municipal e a Polícia Militar.

Nesse período em especial, grande parte das abordagens possuíam aspectos truculentos, o que envolvia desde o acolhimento compulsório até a tomada de pertences pessoais e documentações. Dois entrevistados relatam seus históricos com as ações do "choque de ordem":

Você já foi levado à força pelo choque de ordem? Vou te falar como é a situação. É abordagem, certo. Os caras vem e nos dá uma ideia. Ele conhece a gente. Tem plantão que os caras são legais. Eu não posso me queixar de plantão nenhum. Eles estão trabalhando, entendeu. Tem que levar. Imagina só, eles chegam aqui com uma van e chegam lá com os bancos vazios. Eles que trabalham na van, pelo menos comigo, eles fazem na ideia. O erro é do prefeito, morô? Eles não esculacham ninguém, a não se os caras reagir. Olha só, os caras chegam aqui pra recolher e diz que não pode estar deitado, caralho e tal. Olha só, onde a gente tá deitado, do lado de um restaurante. Aí vem uns malucos tudo sarado. Tu não vai? Aí os caras encrespam e eles querem agredir. Tem policial no meio. O bagulho é complicado. (Guilherme, 57 anos).

Porra o choque de ordem levaram tudo, até a minha lona. Os caras já chegaram abrindo a porra da minha lona. Não tem respeito com o morador de rua. Tem morador de rua que é só falar choque de ordem, os malucos saem correndo. Deixa roupa, bolsa e comida e vai embora. Tem a galera que tem medo dos caras. Não são todos não, mas tem uns caras muito ignorantes. (Fábio, 23 anos).

Outro aspecto que demarcava as tensões e ilegalidade dessas ações se relacionava com a prática de *sarqueamento*, que consiste em uma operação de deslocamento dos sujeitos para averiguações policiais em delegacias próximas antes de serem encaminhados para os abrigos²²⁹. Com base nessas irregularidades, o Ministério

2

²²⁸ A Abordagem Social de Rua se caracteriza como um serviço sócio-assistencial de reconhecimento desta população e as possíveis medidas de proteção, dentre elas, a orientação e convite para a permanência nos abrigos públicos.

Tais ações, além de romperem com as ideias assistenciais, ainda reforçam as lógicas de constrangimento, estigmatização e retrocesso nas formas de tratamento dos problemas sociais em "casos de polícia".

Público do estado do Rio de Janeiro estabeleceu um Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta (TAC) frente às irregularidades constatadas²³⁰.

Mesmo diante dessa configuração, 47,2% dos entrevistados (51) afirmaram nunca terem sido levados à força, em contraposição 39,8% que já foram compulsoriamente levados (43) alguma vez para os espaços assistenciais. Quando questionados sobre a própria voluntariedade dessas mobilidades aos espaços assistenciais, 67,6% dos entrevistados (73) afirmaram que já se dirigiram espontaneamente, em contraposição a 19,4% dos entrevistados (21) que afirmaram serem compulsoriamente levados a esses espaços.

Assim, cabe notar que nem todas as mobilidades são forçadas, mas, ao mesmo tempo, parte daqueles que já foram voluntariamente também já foram forçados a realizarem esse tipo de mobilidade. Entretanto, quando perguntado para aqueles que optaram por ir ao Abrigo de Antares, chegou-se aos seguintes dados:

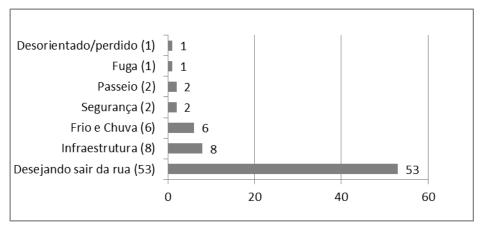


Gráfico 23 – Qual foi à razão você optou ir ao Abrigo de Antares?

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Diante desse quadro, a partir das entrevistas foi possível identificar três grandes perfis da relação entre a população em situação de rua e o Abrigo de Antares. Assim, população foi diferenciada em frequentadores assíduos, frequentadores circunstanciais e não- frequentadores²³¹.

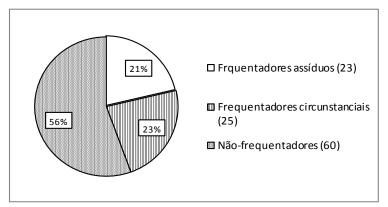
²³⁰ Documento assinado em 25 de maio de 2012 e presente nos anexos do presente trabalho. Os trabalhos de campo foram realizados entre janeiro de 2012 e agosto de 2013, e, portanto, foi possível acompanhar o processo de luta e transição nos comportamentos dessas operações.

²³¹Não foi possível visitar o Abrigo de Antares, pois não foi dada autorização pela Secretaria Municipal

de Assistência Social, além da existência de inúmeros conflitos do crime organizado na região.

É relevante notar que a percepção de cada sujeito acerca do espaço varia a partir das experiências vividas e compartilhadas no mundo social. No caso do Abrigo de Antares essa proposição ganha um caráter extremamente ambíguo, onde permanecer e dormir nesse espaço assume disparidades tão significativas que parecem não representar o mesmo lugar.

Gráfico 24 – Perfis de percepção desta população em relação ao Abrigo de Antares



Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Os *não-frequentadores* compõem 56% dos entrevistados (60) e possuem um sentimento de grande repulsão junto ao referido espaço assistencial. Suas experiências anteriores nesse lugar ou histórias negativas produziram marcas traumáticas, impossibilitando o retorno, mesmo que para usos eventuais. Esses sujeitos, quando são conduzidos para tal unidade, retornam imediatamente para a área central.

Eu já fui pra Antares e foi o pior ambiente que eu já passei na vida. É um ambiente que você não fica tranquilo. É muita droga e é muito ladrão lá dentro. É nego usando droga, bebendo cachaça. Até matar nego lá dentro já matou. Quando eu fui, eu fui porque eu quis. Eu fui porque eu estava no Parque União todo sujo. Eu acordei e falei com um guarda municipal que eu estava precisando de ajuda pra me recuperar. De tarde, eu vi a van do Antares e perguntei se era pra ir pro abrigo. Dei os meus dados todinhos. Passei uma semana lá. Eu não gostei não. Vi uns caras sinistros. Vi nego andando de faca. Cachaça lá dentro. Tem percevejo. É um negócio que coça pra caramba. Eu meti o pé e vim pra rua e nunca mais voltei lá. Já tentaram me levar à força, mas eu dei um perdido nos caras. Foi lá na Central do Brasil. Eu estava deitado e veio dois negão e tentaram me levar a força. Nisto, eles começaram a acordar outro cara, eu sai de fininho, fui pra trás de um ônibus e fui embora. (Davi, 34 anos).

O Abrigo de Antares se constitui como a primeira referência de espaço assistencial para aqueles que estão recentes na situação de rua ou não conhecem a cidade do Rio de Janeiro. Conforme elucida um dos entrevistados:

Eu fui pra Antares por que eu quis. Quando eu fui pra rua, eu estava desorientado. Não tinha lugar pra ficar. Eu estava quatro dias na rua. Fiquei sem comer nada. Aí eu cacei a van. No início é mais difícil. Se não procurar os lugares certos. *Como você foi aprendendo?* Você vai perguntando, e os caras da rua vão te orientando. Quando eu cheguei mesmo, os caras falaram: - tu que tá chegando agora é melhor tu ir pro Antares. Lá não é bom, mas dá pra tu comer alguma coisa. Agora eu não volto pra lá não. Pro antares nunca mais. (Osvaldo, 28 anos).

Efetivamente, inúmeros são os aspectos sobrepostos que produzem diferentes sentimentos acerca desse espaço assistencial. O primeiro deles se vincula à ideia de posição geográfica. Como já destacado, a localização do Abrigo no Bairro de Antares, Zona Oeste do Rio de Janeiro se torna um obstáculo para a mobilidade, levando em consideração os grandes esforços para a pendularidade de tal movimento.

Além da distância, outro aspecto está vinculado às dimensões do entorno. Este espaço está cercado por favelas de diferentes facções criminosas, que, além de conflitos territoriais e com a polícia, promovem uma série de violências contra a própria população.

Fica difícil de conviver num lugar daquele. Saí e não quis ir mais. Tinha que tirar aquele abrigo lá de dentro. Tem hora que você não pode nem sair. Rola uns tiroteios quando a policia invade. É perigoso até para moradores mesmo. De um lado tem miliciano. Se eles cismar contigo, eles te batem. Se os caras dentro da favela cismar contigo, eles te matam. É uma situação difícil ficar lá dentro. (Nicolau, 41 anos).

Assim, a presença dessa população em circulação nesses territórios pode ser confundida como ações de "espionagem" de facções rivais ou até mesmo por eventuais enganos de outros usuários de drogas na própria favela. Inúmeros são os relatos de violência, dentre eles, de homicídios cometidos contra a população em situação de rua. Dois entrevistados revelaram os seus relatos pessoais:

Eu estava no abrigo. Eu estava lá no Antares. Eu estava passando perto do movimento e os caras me confundiram e me bateram e me cortaram. Aí o cara me deu um tapa nas costas. E eu falando que não fiz nada pra eles. Aí o outro falou que não foi eu não, era parecido com ele, mas não tinha sido eu não. E o cara que ia me matar me pediu desculpas. (Hermes, 33 anos).

Este acidente foi no dia dois de dezembro de dois mil e doze. Eu estava em Campo Grande. Quando eu cheguei me cercaram no Antares. Sabe o que o pessoal (tráfico) do Antares faz? O pessoal da favela não gosta do pessoal de rua. Tá sumindo muita gente nossa. Tão matando. Tão batendo. Eles não gostam. Tá entendendo? (...).Eu estava saindo do abrigo. Tinha acabado de chegar os malucos. Agarraram o primeiro bonde da frente e levaram pra dentro da favela, no mato. Daqui a pouco, veio o grupo e eu estava lá perto. Depois eles falaram: vêm cá vocês dois. Vamos quebrar vocês no pau. Eu vi que estava alguma coisa errada, tinha algum bagulho acontecendo, pois eu comecei apanhar na rua. Eu não estava fazendo nada de errado, não devo nada pra ninguém, certo? Sou dono da minha inteligência. O que eu vou fazer

no meio do mato com 10 caras batendo, tudo drogado? Eles tentaram me levar pra dentro do mato, mas eu falei que ia apanhar no meio da rua mesmo. Se tiver de morrer, vou morrer ali mesmo. Apanhei, apanhei, certa hora eu não aguentei. Isto durou uns vinte minutos. Teve um que agarrou a minha perna e começou a bater, nesta perna aqui. Eles pegaram a minha perna e falaram é pra quebrar. - Quebra esta perna pra levar pra lá depois. Não foi "pauladinha" pra quebrar o osso, era pra matar mesmo. Pois se pega na cabeça, conforme eu desviei de uma que pegou raspando. Sorte que eu sou um cara móvel, já fui bailarino e tenho um conhecimento mínimo. O mínimo pra se defender. Porque eu já fiz tai chi chuan. Já que eu vou apanhar, eu vou apanhar em uma posição que não é mortal. Primeiro eles quebraram esta perna aqui. Nisto depois começou a aparecer o povo na rua. Eu e outro ainda conseguimos sair, mas os outros dois, eu não vi sair de lá não. Eu tô assim, na cadeira de roda e outro tá todo remendado também. O Antares foi o pior lugar que já me levaram na vida. E aí aconteceu uma tragédia. (João, 48 anos).

Por outro lado, a própria lógica territorial é entendida como um problema por parte dessa população. Segundo os entrevistados, a presença de drogas, inclusive levadas escondidas para o interior do abrigo, é um atenuante para a permanência, principalmente para aqueles que afirmam estar fugindo da proximidade em relação às drogas²³².

Eu não gosto de ficar perto das pessoas que usam droga não, por isto que eu não gosto de ficar em Antares. Logo ali, tem uma boca de fumo em frente do abrigo. Aí é foda. A pessoa que está querendo mudar de vida. Sem condições. Não tem como mudar de vida. (Nivaldo, 31anos).

(...) Tem que derrubar aquilo ali. Eu tirava aquilo ali. Ou tira o abrigo ou a boca de fumo. A boca de fumo não vai sair. É mais fácil o abrigo sair que a boca de fumo, porque é no Antares e lá é perigoso. A boca de fumo não vai sair dali. Pode ter polícia e UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) que não sai. Tem que ter um abrigo em um lugar fora de drogas, pra que a pessoa não possa ter proximidade. Tem gente que fuma maconha e tem gente que gosta de cheirar. Tem que ter um abrigo longe das drogas. (Edir, 49 anos).

Eu não quero ficar no Abrigo de Antares. É fonte de drogas. Você sai pra procurar o trabalho, a primeira coisa que o viciado vê é droga na frente dele. Ele consegue cinco reais pra conseguir um trabalho, passa na frente da boca e escuta: - pó de cinco, carga nova. Pra quem é viciado mesmo, se perde. Por mais forte que você seja, mas se você passa todo dia na frente desta parada. Uma hora você cai. E aí perde o emprego. Por que tu não vai trabalhar em um dia e no outro também. Por isto que eu não volto pra lá. Eu evito ir pra lá. (Iago, 28 anos).

Você costuma ir em Antares? Eu já fui pra lá, mas não dá pra ficar lá não. Eu fiquei sete meses lá, eu fiquei uma caveira. Eu cheirava todo dia lá. Eu ia pro Garotinho de Campo Grande. Eu ficava mangueando lá em Campo Grande,

²³² Um entrevistado apontou a ida para Abrigo de Antares como problemática devido à influência dessas organizações e os riscos de ser classificado e confundido como alguém que faça parte de uma facção rival. Segundo Ivo, 25 anos: "Hoje em dia, já não leva na marra. Tem gente que não pode ir pra lá. Por que tem certas pessoas que não podem ir pra por causa dos problemas de facção. Lá é comando vermelho e os caras complicam, por que os caras não entendem. Não pode".

mas os amigos que chegavam com droga. Eu quase morri lá 233 . (Eduardo, 24 anos).

Sobre as condições de dormir, uma das críticas se orienta pela ausência de infraestrutura local. Segundo os entrevistados, a ala masculina é constituída de um grande galpão que reúne até centenas de pessoas. Além disso, é grande a presença de pessoas enfermas, como, por exemplo, com tuberculose, o que gera uma paisagem sonora marcada por incessantes tosses que dificultam a qualidade do sono. Outro aspecto está demarcado pela presença de parasitas. Segundo os entrevistados, um pequeno animal intitulado de *percevejo*, além de picar os usuários, deixam pequenas feridas e também impactam a qualidade do sono. Acerca das reclamações de antigos usuários acerca do Abrigo de Antares:

O abrigo é aqui e a boca de fumo é ali. Pô, se o cara melhorar de vida, fica difícil. Ali cheio de drogas, os caras tuberculosos, o banheiro todo sujo, quebrado. É um ambiente igual ou até pior que cadeia. Tem presidio que até tá melhor que tá lá. De noite tu tá dormindo, os caras tudo tossindo, cheio de coceira, os caras tudo drogados. Aquilo não é lugar pra mim. (Edir, 49 anos). Primeiro tem que limpar os percevejos lá. Não dá pra dormir com aqueles bichos não. Aquilo gera até doença. Chupa o sangue dos outros e depois chupa o seu sangue. Tu acorda e tem que tirar os bichos do corpo. (Reginaldo, 29 anos).

Ainda sobre os galpões, outro aspecto de preocupação são as movimentações noturnas, que geram desconfiança e um sentimento de insegurança. As questões associadas à convivência também se constituem como um ponto conflitivo devido aos inúmeros roubos e as brigas recorrentes. Segundo *Paulo*, 57 anos: "Lá não tem respeito. Você lavou a sua calça ali, tem que ficar o tempo todo olhando, se tu 'der bobeira', já foi. Tá todo mundo no mesmo barco, tá entendendo? Ali não é o meu lugar." Por fim, segundo os entrevistados, existe uma grande quantidade de pessoas com transtornos mentais, o que dificulta ainda mais a permanência no espaço assistencial.

Alguns entrevistados ainda apontaram a falta de camas para todos, principalmente para aqueles que acabam de chegar por meio das ações de *abordagens sociais de rua;* portanto, os recém-chegados seriam obrigados a dormir em um colchão ou até mesmo no chão liso. A questão dos banheiros também se constitui como um

²³³ A partir deste último relato abre-se um grande leque de reflexões, principalmente acerca das diferentes espacialidades do fenômeno em distintos setores da cidade do Rio de Janeiro e a centralidade ou, pelo menos, a importância dos Restaurantes Populares na organização da vida cotidiana desta população.

grave problema, principalmente em relação à higiene e o cuidados dos mesmos. Conforme elucidado pelos entrevistados a seguir:

Aí chegou o "Choque de Ordem": - *Bora, dentro da van!* Aí eu chego lá no Antares, sabe o que ele fala pra mim? - *Se tu quiser ir embora, vai, se não dorme no chão.* Como é que eu vou dormir no chão cara? Se é pra dormir no chão, eu durmo aqui mermo. (Geovane, 42 anos).

Quando você chega no abrigo, você vai pro chão, entendeu? Aí, o que acontece? Quem tá no chão, eles acordam a gente cinco e meia da manhã e o último a tomar café são as pessoas que dormem no chão, entendeu? Primeiro são os idosos, as mulheres, os "viados", quem tá nos quarto, as beliche, depois as camas, depois a galera que tá no chão, entendeu? Então você acorda cinco e meia da manhã, você toma o café as nove, entendeu? Não acho certo não. Entendeu? Aí acaba que você fica puto com o lugar meu, você começa a tomar raiva do lugar, você fica num regime ali que não é certo "brother". Você começa a ficar puto, você fica doido pra ir embora daquele lugar ali e o lugar é perigoso pra caramba. (Gabriel, 36 anos).

O senhor acha que precisaria mudar alguma coisa lá em Antares? Eu acho que pra melhorar higiene lá dentro, dá nojo. Tu chega na porra do vaso e tu não consegue nem sentar de tanta sujeira. Tu dá a descarga e não sai porra nenhuma. Eu passei oito dias lá, eu preparei um vaso só pra mim, limpei todinho, joguei água e ficou limpinho. Aí depois, ele tava de um jeito que eu nao conseguia nem sentar. Aí eu pensei: vou ficar nessa porra aqui pra quê? (Gaspar, 50 anos).

As perspectivas de mudanças vinculadas também se configuram como um entrave para os entrevistados Assim, a permanência não possibilitaria um quadro de transformações de suas vidas. Segundo os entrevistados:

Aquele abrigo é mandado. O cara tem parar ali só pra descansar. Por que se ele ficar lá ele não vai pra lugar nenhum. Se abarga²³⁴. Tem comida prontinha, quentinha. Café da manha, almoço, lanche, janta e a ceia de noite, dez horas. Tem a televisão. (...) (Arthur, 32 anos).

Porque tu não quer ficar no abrigo? Eu vou ficar dentro de uma boca de fumo, é melhor ficar na rua. Pra usar droga, eu fico por aqui. Lá é uma merda. Lá eu vou ficar comendo e bebendo. Olha o que o abrigo ensina, a comer, beber e dormir. O cara vai sair dali viciado em comer, beber e dormir. Vai sair dali e vai querer roubar. Lá não tem nada nos galpão. Lá é grande pra caralho. Não tem uma fábrica de vassoura. Eles não botam nada pra ganhar dinheiro e ter uma profissão. (Cristiano, 33 anos)

Um último aspecto se caracteriza a partir de informações obtidas nas próprias ruas sobre os problemas existentes no abrigo. Dentre os 56% dos entrevistados (60) que não desejam ir para o Abrigo de Antares, 11,6% dos mesmos (7) apontaram que a opção foi decorrente de histórias negativas do próprio lugar.

²³⁴ Espécie de rede que funciona como uma armadilha para capturar peixes.

O abrigo pode ser uma possibilidade pra eu poder sarar e também me recuperar pra arrumar um emprego. Por que eu tenho um bom comportamento e posso conseguir um trabalho. Até porque eu tenho facilidade para conviver em grupo. Eu só não queria ir pro Antares. Por que lá tem muito envolvimento. Tá faltando colchão. Na estrada a gente já sabe de tudo. No trecho os comentários já rolam. No centro todo mundo sabe de tudo. (Luciano, 34 anos).

Você já frequentou o Abrigo de Antares? Não. Porque você nunca quis ir? O negão ali já era de lá e passou a visão. Falou que é um esculacho danado. Então, até os caras do choque de ordem falou que ele era cria da casa e só ia quando queria. Ali nem centro de recuperação é. Quando eu frequentava ali no Antares (Favela), entrava e saia pra usar droga. As pessoas só vão pra lá, pra comer, beber e dormir. As pessoas saem pra comprar drogas do lado de fora. Então você nunca vai se recuperar. Não estou falando de todos, porque vai da mente de cada pessoa. Se você vai na intenção de se recuperar, pode ser o que for, que você não vai se misturar, mas você vendo, tipo assim, os usuários de crack, o cara que vai ali pra se recuperar e vê outras pessoas queimando. Como que você vai se recuperar se você tá sentindo o cheiro da droga. É aquilo que instiga. Já fui traficante e eu sei. (Cícero, 42 anos)

O pessoal fala muito mal de lá, então eu não quero ir. Pro abrigo eu quero ir, mas não quero ir pra santa cruz. Lá tem muita coisa errada. Você já esteve lá? Não, mas as pessoas falam muito. Dizem que lá é horrível. Não é discriminando não, mas lá não é lugar pra mim. Eu tô querendo mudar. Eu nunca fui pra antares e nem quero ir. (Marlon, 47 anos).

Desse modo, parte dessa população opta por dormir e permanecer nos espaços públicos mediante um conjunto de problemas existentes nos espaços dos abrigos públicos. Entretanto, outra parcela dessa população, mesmo diante das configurações esperadas opta pelo Abrigo de Antares e o ressignifica como uma importante referência espacial na organização de suas vidas cotidianas.

Mesmo com todos os problemas relatados, existem *frequentadores assíduos e circunstanciais* no Abrigo de Antares, totalizando 44% dos entrevistados (48). As vivências e percepções em torno do abrigo, inclusive pelos sujeitos que os frequentam, também possuem diferentes significados.

Assim, 21% dos entrevistados (23) são definidos como *frequentadores assíduos*. É interessante destacar que esse perfil, mesmo reconhecendo os atuais problemas, não enxerga radicalmente qualquer impedimento, inclusive moral, para a realização de uma visita, seja para dormir nos períodos noturnos, ou seja, para permanecer por determinado período.

Por outro lado, se para parte dessa população a presença das drogas é compreendida como um problema, este mesmo aspecto pode ser valorizado, pois as

favelas contíguas ao espaço do abrigo vendem entorpecentes a preços mais baixos e em maiores quantidades que na área central.

Um aspecto em espacial para toda esta população, mas principalmente em relação àqueles que optam por permanecer no Abrigo de Antares para dormir, está vinculado à própria lógica de mobilidade entre o espaço assistencial e a área central da cidade do Rio de Janeiro.

De fato, só é possível chegar ao Abrigo de Antares por meio das ações realizadas pelas *Abordagens sociais de rua*²³⁵ em seus circuitos diários pela cidade, principalmente, pela área central, com o apoio de veículos utilitários.

As ações assistenciais ocorriam até três vezes por dia, principalmente, a partir das 14 horas. Nesse sentido, a partir das 13:30, esta população começava a chegar aos poucos, se sentava nos bancos ou perguntavam para os profissionais do *Centro Pop Bárbara Calazans* se a "van pra Antares já havia passado"²³⁶.

Com a proximidade da hora e a não chegada dos veículos, o nível de ansiedade aumentava entre a população no local. Presenciou-se a ausência dos veículos somente duas vezes durante o período da pesquisa e, devido ao Campo de Santana fechar às cinco horas da tarde, alguns sujeitos afirmavam que se deslocariam para um ponto específico no Bairro do Catete, na Zona Sul da cidade, onde teriam a última chance de retorno. Caso contrário, teriam que buscar um lugar nas ruas para dormir naquela noite, pois não poderiam entrar no abrigo sem a presença das ações da *Abordagem Social de Rua*²³⁷.

Desse modo, essa população recebe um importante suporte de mobilidade para chegar ao Abrigo de Antares, entretanto, o inverso não acontece, ou seja, as mesmas vans não saem do espaço assistencial em direção à área central. Assim, individualmente se deve buscar uma alternativa para conseguir chegar ao centro. Efetivamente, segundo todos os entrevistados e os diálogos estabelecidos, a mobilidade de retorno era realizada por meio do sistema ferroviário, especificamente pelo ramal de Santa Cruz.

²³⁵ Esta lógica se diferencia de inúmeros outros espaços assistenciais no Brasil e no mundo, onde os usuários são livres para satisfazerem suas necessidades/desejos e a partirem quando achar necessário.

²³⁶ É relevante destacar que, no momento da chegada dos veículos, ocorre um grande frenesi por um lugar na janela, pois, segundo alguns diálogos, pode-se observar o movimento e receber o vento no rosto.

²³⁷ Segundo os profissionais da Assistência Social, as eventuais faltas eram resultado dos conflitos territoriais na região ou da reorientação da própria secretaria para outras atividades emergenciais.

Diferente da ideia inicial, quando esta população apontava retornar para a área central por meio de trens, era pensado que o deslocamento ocorria de modo formal, em que a assistência social ou os próprios pagavam seus bilhetes para embarcar. Enganosamente, essa mobilidade também esteve vinculada por meio de ilegalidades produzidas pela influência territorial do crime organizado no local.

Assim, em uma das favelas que faz limite com a linha férrea foi aberto um buraco no muro que funciona de "atalho" para embarque nos trens. Mesmo com a relativa presença dos seguranças da empresa, que controla o acesso aos veículos, parece haver uma espécie de temor por parte da empresa, pois esse ocorre de modo recorrente, até mesmo entre alguns moradores locais. Entretanto, para a população em situação de rua, esse movimento gera algum risco, pois podem ser surpreendidos por alguma ação violência dos narcotraficantes ao cruzarem a área da favela. Acerca do aspecto de mobilidade, elucidam alguns entrevistados:

Eu venho pro Centro passando pelo buraco. Eu não sei. Eu acho que é errado, mas todo mundo passa, eu também passo. Eu não tenho dinheiro para pagar passagem. (Luís, 30 anos).

O pessoal da boca mesmo fez um buraco no trem. Pra morador mesmo é liberado. Eu não sou morador não, mas eu sou usuário, eu também compro na boca e tenho direito de comprar. *Então você compra lá também?* Eu sou usuário de drogas né? Quando eu tenho dinheiro, eu compra lá também, pego o trem e venho embora. (Salomão, 36 anos).

Entendi. Como é que você fez pra chegar do centro pra cá, do abrigo pra cá pro Centro? Cara, não. Ali tem um, tem um buraco no muro da, da, como é que chama a empresa que administra mesmo...? Tem um buraco ali, na linha de trem, passei pelo buraco ali É quanto tempo o buraco do abrigo? Menos de 5 minutos. Já cai na linha do trem, cai na estação. (Gabriel, 36 anos).

Como que você faz pra vir pro Centro? Venho de metrô, é gratuito! É gratuito? É. Até umas quatro horas é gratuito. Aí pego o metrô e venho. Não sabia que era gratuito não. Você chega e passa pela roleta direto? Na roleta não! Tem roleta não! É um buraco lá. (Alex, 24 anos).

Assim, os frequentadores do Abrigo de Antares utilizam essa estratégia espacial específica para realizarem suas mobilidades de retorno, caso contrário, sofreriam maiores dificuldades e estariam em um quadro de maior vulnerabilidade social, devido as maiores dificuldades e restrições da mobilidade espacial.

Nesse sentido, independentemente do quadro sócio-espacial em questão, o Abrigo de Antares é uma opção, por mais precária que possa parecer. Efetivamente, existe uma diferença marcante entre os *frequentadores assíduos* e os *frequentadores*

circunstanciais sobre o próprio espaço assistencial. Os problemas existentes são identificados pelos dois perfis, ainda que os *circunstanciais* possuam uma dimensão mais crítica em relação à infraestrutura e às lógicas do entorno.

Cabe destacar que a ideia de assiduidade não está ligada a uma permanência no espaço assistencial, até porque os sujeitos realizam permanentemente seus deslocamentos para a área central. A ideia principal é a de que o Abrigo de Antares se constitui como o mais importante espaço assistencial da cidade. Desse modo, no caso dos *frequentadores assíduos*, ainda que os mesmos afirmem não permanecer por longos períodos, gostam do Abrigo, das atividades existentes e o relacionam como um lugar de descanso. Segundo os entrevistados:

Já foi pra Antares? Antares é a minha casa. Você gosta de Antares? Lá é minha casa. Conheço os educadores todinhos. Vira e mexe tu vai pro abrigo? De vez em quando eu vou lá, durmo, volto. Lá eu sou conhecido pra "caraca". A galera é tranquila contigo lá? Lá eles são tudo "tranquilão". Porra neguinho! Antares é a minha casa. Quando você escolhe ir para o abrigo? É quando eu estou cansado de ficar aqui na pista. É quando eu quero relaxar o corpo. Aí eu fico lá uma semana, duas semanas. Até eu recuperar. Já têm umas duas semanas que eu não vou lá. Às vezes eu fico até um mês lá. Relaxando o corpo. Engordar o corpo. Depois volta de novo pra pista. Eu vou também, pra vagabundo esquecer um pouco a tua cara. Entendeu? É mais ou menos isto. (Diego, 21anos).

Quando foi a última vez que você foi a Antares? Semana passada, fiquei três dia lá semana passada. Eu fui na segunda e voltei na quarta. Por que você optou por Antares nesse momento? Por quê? É porque eu estava no centro e aproveitei pra tomar banho, lá eu vou direto e eu conheço todo mundo lá. Aí eu fico dois, três dias, quatro dias só pra descansar mesmo. E lá eu descanso. Certo que seis horas da manhã, quem tá no galpão, eles acordam e tal, mas sete e meia tu toma teu café e tal. Aí eles liberam a sala de televisão. Tem o monte de cadeira, igual uma escola que tem aquelas cadeirinha lá. Aí na cadeira mesmo o cara descansa. Bota lá o seu filminho. Onze horas eles desligam a televisão. Lá é disciplina também, eles desligam tudo e aí tira todo mundo, recolhe todo mundo da sala de televisão. Aí onze e meia começa já poder almoçar e tudo, só que aí tem muita gente. Lá é umas quinhentas pessoas lá. Aí até todo mundo almoçar. É meio dia e meia, aí eles liberam de novo a sala de televisão. Aí quatro horas da tarde, aí eles pó, aí só depois da janta que é de sete as sete e meia. Aí libera de novo a televisão, aí onze horas, meia noite, todo mundo vai dormir. Lá, não falo não é um lugar de tu morar, mas lá tem hora que o cara que tá na rua necessita de ir lá. Porque lá tu descansar, lava tuas roupas. Eles limpam a cozinha, tu toma um banho, lá tem banheiro exclusivo toda hora pra tu tomar banho. Bebedor de água, lá tem uns quatro ou cinco, água gelada, aquele "bebedor" grandão assim, entendeu? Lá, não é também essa coisa que os outros falam. (Henrique, 34 anos).

Aquele Antares, nego fala ma, mas quebra um galhão. Tem uns caras maneiro, sou sempre recebido bem. Eu nunca apanhei. Eu nunca fui recebido mal lá no meu Antares. (...) Eu gosto de fumar o meu baseadinho. Eu sou um cara viciado na maconha. Não tem como ir pro Antares duro. Ficar vendo a galera fumando e tu olhando. (...) Eu fui e gostei. Eu gosto de lá. Eu nunca fui levado à força. Só no inicio ele levavam, mas agora não. Eu gosto de lá. O problema lá é a minha graninha. (Vitor, 47 anos).

De modo ambíguo, outro aspecto que garante a presença dos frequentadores está justamente relacionado a um maior sentimento de segurança frente aos riscos nos espaços públicos, o caráter de imprevisibilidade em relação à alimentação e, até mesmo, das próprias abordagens do "choque de ordem". Segundo alguns entrevistados:

Eu sempre fui voluntário. Eu quis ir pro abrigo pra não ficar na rua. Por que na rua é triste demais. Não tem como você se higienizar direito. Fora a alimentação que é incerta pra caramba. Uma hora você tem, uma hora você não tem. Fora meios de banheiro e estas coisas assim. No albergue te dá mais uma segurança. Entre aspas, você acha que ali, nada vai te acontecer. (Otávio, 38 anos).

Eu quis ficar lá, por que é melhor. Porra, de noite é muita covardia parceiro. Tu tá dormindo vem nego e taca fogo, dá paulada, que te dar facada, porrada, tiro. No abrigo é tranquilo, tem gente morrendo lá também. Agora tá chovendo. É melhor ficar lá também por causa disto. É melhor ficar no sol que na chuva. (Pedro, 32 anos).

O abrigo pra mim é bom. Pra mim tá sendo bom, porque eu não estou na rua e não sou daqui. Melhor lá que eu não tô na rua. Lá eu tô protegido e estou guardado, porque aqui na rua tu toma uma paulada, uma pedrada (Saulo, 32 anos).

Em relação aos *frequentadores circunstanciais*, vale destacar que a ida para o abrigo está vinculada a uma série de quadros adversos, como, por exemplo, quando há chuva e frio. Ainda que a cidade do Rio de Janeiro não possua baixas temperaturas, nos meses de inverno, e em alguns períodos de frentes frias, há quedas térmicas que impactam a dinâmica espacial desta população. Longos períodos de chuva, também são um fator importante para a busca por um lugar no Abrigo de Antares a partir do Campo de Santana²³⁸.

Eu quis ir pro abrigo. Eu fui pra ver se arrumava um abrigo. E estava chovendo e no abrigo é mais tranquilo pra dormir. Eu estava com fome também. (...) Eu não quero falar sobre o abrigo não. Eu não sei muita coisa do abrigo não. (Pascoal, 22 anos).

Eu estou querendo ir pro abrigo por que está chovendo demais. Se eu tivesse dinheiro eu iria para a pensão. (Mário, 32 anos).

(...) Eu tô querendo ir porque o cara que vive na rua, não vive, vegeta, mano. Fazer o que na rua? É isso aí, Droga, cachaça. Tô correndo disto. Eu quero é solução pra minha vida (...) ficar aqui fazendo o quê? Tá chegando a época do frio e da chuva (Arthur, 32 anos).

A força, eu nunca fui levado. Fui por que quis mesmo. Eu fui pro abrigo, eu não tenho pra onde ir. Com esta chuva. Se o tempo estivesse bom, eu estava trabalhando. Eu tô indo pra abrigo por causa da chuva. Eu trabalhando, eu tenho dinheiro e com o dinheiro eu consigo ir pra algum lugar. (Murilo, 34 anos).

²³⁸ Observou-se, uma única vez, a ocorrência de uma procura maior que a capacidade suporte dos veículos que realizavam os deslocamentos para o Abrigo de Antares partindo da Área Central.

Outro aspecto que marca a dinâmica circunstancial de uso do abrigo está vinculado com a ideia de refúgio e de fuga. Ainda que existam favelas com tráfico de drogas ao lado do Abrigo de Antares, alguns sujeitos, que são dependentes químicos, buscam este espaço assistencial como uma forma de fuga das drogas, pois a falta de recursos diminuiria as possibilidades de acesso a estas drogas.

Identificou-se, ainda, que a ideia de fuga pode estar vinculada a três outros aspectos. O primeiro deles se relaciona aos graves conflitos ocorridos nos espaços públicos da área central, seja em relação às brigas, seja no que diz respeito às ameaças de morte ou algum tipo de cobrança. Um segundo aspecto se relaciona ao caso de terem cometido pequenos delitos e se sentirem temerosos em permanecer na área central. O terceiro se vincula aos graves problemas de saúde e a impossibilidade de permanecerem nos espaços públicos. Nesses três casos a permanência se caracteriza como uma estratégia espacial de proteção, na qual a expressão "dar um tempo" é uma forma de "esfriar" o quadro em questão ou de fortalecer o próprio corpo para um retorno posterior.

Às vezes muita gente usa o abrigo como uma forma de se esconder também. Às vezes o cara tem passagem pela polícia, tem uma bronca com algum, com o morro onde ele mora, então ele vai pra onde, Ele e vai para o abrigo. (Antônio, 44 anos).

Porque você quis ir pro abrigo? Porque eu estava precisando ir pro abrigo. Porque eu estava usando muita droga e roubando muito. Eu precisava dar um tempo no abrigo pra não rodar e não morrer. Era farinha pra caralho. *Quando a situação está ruim tu vai pro abrigo?* Não. Só daquela vez. (Elias, 19anos).

Você já foi pro Antares? Já. Perdi um bom tempo ali. Quando eu estive Acidentado eu estava lá, fiquei quase um mês aqui no hospital (Bruno, 29 anos).

Por fim, a frequência circunstancial ao espaço assistencial pode também estar relacionada ao lazer e à sociabilidade. Alguns entrevistados afirmaram ir ao Abrigo de Antares para rever antigos amigos, para praticarem futebol, usar drogas e para a realização de atividades sexuais.

Hoje eu vou subir, tomar um banho pra ficar bem arrumadinho,, até pra arrumar alguma coisa. Faço a barba e fico com uma boa aparência. (...) Eu vou pro abrigo, mas eu não gosto de morar lá não. Eu vou pra buscar pó na favela. É 0800 pra ir pra lá na van. Você bota 10 reais aqui. Se tu quiser comprar uma maconha de dez reais aqui e você vai lá. A de lá muito melhor e maior. Mil vezes. Às vezes eu vou lá tomar um banho, lavar uma roupa. Fica lá, almoça. Apanhar uma maconha e fica no campão lá fumando. Eu já fiquei bastante no passado. (Joaquim, 31 anos)

Eu costumo ir dentro do abrigo para zoar, porque as "cracudas" tá lá dentro do abrigo (Nonato, 40 anos).

Ao final dos inúmeros aspectos que envolvem o Abrigo de Antares foi possível identificar diferentes espacialidades em torno de percepções, vivências e significados em relação a uma importante referência espacial, inclusive para a prática de dormir, para a população em situação de rua adulta da cidade no Rio de Janeiro.

Em linhas gerais, a atividade de dormir para a população em situação de rua se orienta de modo complexo e heterogêneo nos espaços públicos. Essa complexidade se estabelece a partir de uma série de estratégias espaciais vinculadas à concentração, ao isolamento, à permanência, à rotatividade e outros aspectos que reorientam a produção de lugares de permanência noturna para esta atividade específica. Nos espaços domiciliares, nas pensões e nas hospedarias privadas se produzem outros ritmos e mobilidades espaciais, assim como da própria relação diferencial com os espaços assistenciais, mais especificamente com o Abrigo de Antares.

Em suma, o dormir para a população em situação de rua está diretamente vinculado com uma série de lógicas relacionadas às ideias de conforto, segurança, visibilidade e aspectos morais. Em conjunto, esses elementos participam nas decisões sobre a escolha das estratégias e dos lugares frente às configurações existentes no espaço urbano a fim de não se tornarem alvos e, portanto, garantir as bases para a realização das demais atividades cotidianas no período diurno.

CAPÍTULO 8 - "NEM TUDO SÃO DORES E EU VOU SAIR PRA ZOAR": SOBRE AS PRÁTICAS DO LAZER E DO TEMPO LIVRE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Na sexta-feira eu fui lá pra Glória. Levei dois lençoizinhos e um cobertor. Fomos pra área ali atrás do aeroporto pra ver os aviões decolar e aterrissar. Peguei uma maconha e levei um maço de cigarros. Fomos andando, passamos pela Lapa, aí olhamos a Lapa, mas ainda estava vazio e fomos pra Glória ver os aviões decolar. Ficamos lá até 3 horas da manha. Dormimos lá e tudo. Foi tipo um piquenique. Ela tá querendo ir pra lá de novo. Ela gosta do som do avião quando levanta e desce também. Ela gosta de ver. (Cícero, 42 anos)

Você foi para algum lugar se divertir nestes últimos sete dias? Eu fui na Lapa sexta-feira à noite. Eu encontro todos eles na Lapa. Seja pra comida ou na noite. Eu vou também na Praia do Flamengo. Eu jogo bola com o pessoal da assistência. De vez em quando eu vou lá na Praça Tiradentes, pois tem dois malucos lá do abrigo que param lá. Vou lá trocar uma ideia. Quando eu vou na Barra ou no Leblon, eu vou mais pra zoar mesmo e ir pra praia (...) Sábado eu fui tomar uma cerveja lá no Parque União. (Osvaldo, 28 anos).

O último capítulo do presente trabalho trata das atividades de lazer e do tempo livre da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. Este tema foi resultante das inúmeras enunciações dos próprios sujeitos durante a pesquisa, no sentido de destacarem a importância dessas práticas na organização de suas vidas cotidianas.

O quadro sócio-espacial de adversidades em que essa população está inserida, grande parte delas já apontadas nos capítulos anteriores, pode gerar certo estranhamento e desconforto em alguns leitores, levando em consideração os imaginários socialmente construídos sobre esta população, a partir de uma única ideia relacionada ao sofrimento humano.

São incontestáveis os enfrentamentos cotidianos dessa população cotidianamente, entretanto, durante a fase exploratória dos trabalhos de campo, não era sequer imaginado que esses aspectos poderiam emergir como um ponto de análise. Os permanentes diálogos e as observações se mostraram como ricos cenários da própria pesquisa, contrapondo-se, até mesmo, às impressões iniciais e elevando a discussão para um patamar ainda mais complexo.

Ao buscar uma aproximação às contribuições teóricas sobre o tema do lazer, do ócio e do tempo livre, constatou-se a forte relação complementar entre este tema e as lógicas relacionadas ao trabalho. Ocorre, no entanto, que o tema do lazer e do tempo livre tem sido abordado a partir de uma sociedade padrão, em que os envolvidos teriam

uma vida estável e estariam protegidos socialmente. Assim sendo, grande parte desses trabalhos não possibilitam maiores reflexões para se pensar o caso da população em situação de rua. Dumazidier (1979) e Huizinga (2000), como importantes representantes nas reflexões sobre o tema, apontam que muitos são os desacordos entre os próprios pesquisadores sobre a maneira de se pensar tais práticas, dinâmicas e as propriedades do que, efetivamente, constituiria o próprio fenômeno do lazer de modo mais amplo.

O lazer e o tempo livre não devem ser entendidos da mesma forma, ainda que mantenham fortes inter-relações entre si. A ideia de tempo livre deve ser pensada, principalmente, a partir de uma perspectiva de trabalho sob uma lógica moderna e industrial, e sendo compreendida como uma forma de garantir o direito ao descanso do próprio trabalhador.

Segundo Elias e Dunning (1992), a visão do descanso pode ser criticada ou, ao menos, sofrer alguma consideração, levando em conta que alguns teóricos apontam que esta lógica estaria vinculada à própria ideia de trabalho e serviria como base para a minimização das tensões causadas pelas rotinas das práticas laborais ou mesmo para potencializar a própria capacidade do trabalhador.

Em contraposição à posição de alguns teóricos, Morin (2002) aponta que esses aspectos são parte das conquistas e resultados de profundas lutas sociais, principalmente dos sindicatos e do papel do Estado na garantia da redução expressiva das jornadas de trabalho, afiançando não somente o repouso, mas também uma maior inserção e tempo para a realização da lógica de consumo.

Dessa maneira, independente das profundas transformações nos últimos séculos é preciso reconhecer que, mesmo com o aumento do tempo livre, inúmeras são as demandas e necessidades que se apresentam no período de um não-trabalho, mas que não estão associados diretamente ao prazer ou à diversão. Assim, aspectos como o deslocamento diário de casa para o trabalho, a realização de pagamentos de contas ou a realização de compras podem não ser propriamente vivenciadas como formas de lazer, e muito menos de ócio, mas que integram os múltiplos aspectos da vida cotidiana.

O lazer e o ócio podem ser diferenciados pela dimensão prática das ações do próprio sujeito, ainda que sob algumas controvérsias. Se o ócio pode ser pensado a partir da falta ou da negação de uma ocupação em detrimento de um não-trabalho, pode

também ser visto como uma prática que proporciona prazer e diversão, igualando-se, assim, à própria dimensão do lazer.

Nesse sentido, Elias e Dunning (1992) refletem sobre a tendência de que a ideia do ócio e do lazer, como uma forma de "relaxamento das tensões laborais", podem ter como resultado uma própria negação do descanso e uma busca por novas tensões, ainda que estas possuam como base fundamental o seu caráter de prazer e deleite.

A presente pesquisa entende que esses elementos, mesmo diante de suas diferentes práticas, constituem-se como uma forma de buscar por uma melhor qualidade de vida e de bem estar pessoal, independente do quadro político e social em que os sujeitos estejam inseridos.

Como já apontado anteriormente, um dos elementos que despertou o interesse sobre o tema do lazer e do tempo livre surgiu a partir da emergência dos próprios sujeitos. Seja observado pelo próprio pesquisador, ou ao serem indagados diretamente, era-nos apontado a recorrente prática de "sair pra zoar"²³⁹ em um determinado lugar, dia da semana e horário. Esta evidência proporcionou como estabeleciam diferentes ideias e inter-relações das atividades vinculadas à diversão, mesmo diante de um quadro de grande vulnerabilidade cotidiana da população em situação de rua.

No caso da população em situação de rua não se pode pensar essas atividades de um modo formal, a partir de certa rigidez, como uma atividade que se inicia após as obrigações profissionais, laborais, familiares, sócio-políticas e espirituais, como propôs Dumazidier (1979).

A presente pesquisa, por meio dos diálogos, mas principalmente das entrevistas, identificou algumas das práticas de lazer e ócio, principalmente em relação às dimensões temporais, espaciais e de seus significados na organização da vida cotidiana dessa população.

Inicialmente, mensurou-se que 89% dos entrevistados (96) realizaram algum tipo de atividades prazerosas vinculadas ao lazer, ainda que se apresentassem de diferentes formas e graus de concepção das mesmas. Antes de avançar sobre os aspectos que envolvem as dimensões do lazer e do tempo livre, serão tratados os aspectos particulares daqueles que afirmaram não ter realizado nenhum tipo de prática. Nesse

-

²³⁹ A expressão *Zoar* pode ser entendido popularmente como uma forma de ocupar-se do tempo de maneira prazerosa, ou seja, relacionada principalmente à diversão.

caso, 11% do total dos entrevistados (12) revelaram não ter realizado nenhum tipo de atividades com esse caráter, reforçando, de algum modo, a imagem de um segmento marginalizado e sem nenhuma forma de prazer em suas vidas. A principal justificativa dos mesmos, representando 66,6% (8), seria o próprio fato de estar em situação de rua, o que impossibilitaria pensar em qualquer forma de lazer ou diversão. Conforme afirmou Marlon, 47 anos: "infelizmente a gente que está nesta situação, não tem cabeça pra isto. Eu mesmo gosto de ficar sozinho. Pensar nas coisas que fiz de errado".

Foi possível perceber no depoimento de *Marlon*, 47 anos, uma enorme carga de culpa pela própria "situação", e até mesmo uma ideia de punição frente os erros cometidos no passado²⁴⁰. Cabe ressaltar que alguns dos entrevistados, quando foram questionados se não teria nada que os proporcionasse algum tipo de prazer, ficaram bastante contrariados. Assim, optou-se imediatamente por interromper as perguntas relativas ao tema, levando em consideração os riscos da não continuidade e do término das entrevistas.

Outro aspecto que emergiu em torno da não realização dessas atividades também possuía um caráter temporário que era justificado com as atuais condições de saúde vividas. Nesse sentido, 16,6% dentre aqueles que não realizaram esta prática (2) justificaram estas ausências devido a enfermidades naquele determinado períodos para a realização das atividades de lazer²⁴¹.

Por fim, acerca desse perfil minoritário, outros dois entrevistados, representando 16,6%, que não realizaram nenhum tipo de práticas de lazer ou ócio, mesmo negando inicialmente estes elementos, estabeleceram em seus diálogos algum tipo de transição, passagem ou mesmo possíveis formas vinculadas ao prazer ou à diversão. Assim, por meio destas duas respostas, mesmo que inicialmente negativas, tinha como sequência algum tipo de vínculo que poderia ser relacionado as práticas de lazer e ócio:

Você tem feito alguma coisa pra se divertir nestes últimos sete dias? Não tem como se divertir não. É mais ficar bebendo cachaça com os amigos daqui mesmo (Caio, 60 anos).

2

²⁴⁰ Segundo BECK (2004, p.239): "os problemas sociais podem ser transformados diretamente em disposições psicológicas: em sentimentos de culpa, ansiedade, conflitos e neuroses".

²⁴¹ Os dois entrevistados que afirmaram este aspecto relacionado às dimensões de saúde; um deles sofria com uma fratura na perna que necessitou de uma implantação de pinos metálicos para a recuperação óssea e o outro que afirmara utilizar fortes medicamentos e, como consequência, passava por graves problemas estomacais.

Fez alguma coisa ou foi pra algum lugar pra se divertir nestes últimos sete dias? Não, eu fico só por aqui mesmo. Eu pego uma pedra e fico com a minha mina (Carlos, 19 anos).

Por outro lado, dentre aqueles que afirmaram ter realizado algum tipo de prática relacionada ao lazer e ao tempo livre, correspondendo a 89% do total dos entrevistados (96), suas práticas estiveram fortemente relacionadas a determinadas configurações espaciais.

Desse modo, com base na enunciação dos lugares e dos registros vinculados a cada um dos entrevistados, buscou-se uma análise com base nos principais ritmos espaços-temporais, tipos de práticas e comportamentos associados a essa atividade nos espaços públicos.

Sambódromo (1) Hospedarias e Pensões (2) Feira de São Cristóvão (2) Museus (2) Lanhouses (3) Prostíbulos (3) O Abrigo de Antares (6) Casas de Familiares e Amigos (7) Igrejas Protestantes (8) Malocas (15) O Campo de Santana (16) Favelas e Cracolândias (16) O Aterro do Flamengo (25) Praias (27) As noites da Lapa (28) N:145 10 15 20 25 30

Gráfico 25 - Lugares frequentados para as práticas de ócio e lazer?

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

É importante destacar que os aspectos que envolvem o lazer e o tempo livre na vida cotidiana da população em situação de rua não podem ser pensados de modo aleatório ou desconexo do conjunto da própria sociedade. Assim, para esta população, tais atividades são marcadas por uma série de normas e regras relacionadas às suas próprias práticas laborais e de obtenção de recursos, mas, também, à própria configuração das dinâmicas em todo o conjunto da sociedade carioca.

Constatou-se, inicialmente, que esta população também elege os finais de semana como o principal período para a realização destas atividades específicas, tendo como ideia principal, o lazer associado a uma forma de quebrar a rotina da vida cotidiana.

Assim, um aspecto em geral que marcou a importância desta atividade e sua dimensão sócio-espacial se caracterizou por meio da recorrente expressão "sair pra zoar". Desse modo, mesmo permanecendo a maior parte do tempo nos espaços públicos, a relação dos sujeitos faz com que determinados lugares ganhem outros estatutos com base nas ideias de lazer e revelando uma mudança nos ritmos, posição, práticas e comportamentos relacionados as formas de interação sócio-espacial.

Com base nesses aspectos, optou-se por analisar três configurações espaçotemporais com base em uma relação de períodos e tipos de práticas que demarcam diferentes espacialidades, com base no lazer e no tempo livre, na organização da vida cotidiana da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro.

8.1. O sol, a praia e o futebol: elementos de convergências diurnas aos finais de semana

Nestes sete dias, você foi pra algum lugar pra se divertir ou pra dar uma relaxada? Nestes últimos sete dias eu fui pra praia. Eu vou mais no sábado e no domingo. No sábado de manhã, eu estou livre e costumo ir pra praia, mas como este sábado e este domingo o tempo estava ruim, eu não fui. Eu costumo ir no Flamengo, Botafogo e em Copacabana. As praias que são mais perto pra mim. Este é o meu lazer. O meu negócio é mais praia. (Edir, 49 anos).

Um final de semana ensolarado possibilita a abertura de um novo ritmo na vida da população em situação de rua vinculada às atividades de diversão na cidade do Rio de Janeiro. Diante desse pressuposto, 18,6% de todas as enunciações realizadas pelos entrevistados estiveram vinculadas aos espaços das praias da Zona Sul da cidade.

É incontestável que as praias na cidade do Rio de Janeiro assumem um lugar especial em relação ao lazer e a diversão, principalmente, aos finais de semana. O seu caráter público garante uma grande diversidade de segmentos e grupos em relação aos diferentes aspectos econômicos e sociais da cidade. O reconhecimento destes espaços como lugares democráticos em relação ao acesso e a permanência faz com que esta população também mantenha nesses espaços, uma referência espacial importante nas práticas que envolvem o lazer e o tempo livre nas suas vidas cotidianas.

Outro aspecto sobre esse segmento populacional, principalmente daqueles que não são oriundos da própria cidade do Rio de Janeiro e de sua região metropolitana, define-se diante do forte papel do imaginário coletivo sobre as maravilhas da cidade carioca. Este título de "maravilhosa", inclusive junto à escala internacional, tem nas praias que cortam o seu litoral um dos aspectos de atração da população em situação de rua em relação alguns de seus movimentos migratórios²⁴², como pode ser observado nos trechos a seguir:

Eu queria conhecer o Rio de janeiro. Queria ver o carnaval, ver as praias. Eu queria saber se era assim mesmo. Se a cidade era muito maravilhosa. (Mário, 32 anos).

Na verdade, eu vim mais pra conhecer aqui o Rio de Janeiro, pra conhecer as praias do Rio. Cheguei aqui mergulhei de cabeça, porque não tinha dinheiro pra voltar. Não consegui voltar. (Reginaldo, 25 anos).

O que você queria conhecer no Rio de Janeiro? Eu queria conhecer as praias, eu queria ir no Cristo Redentor, eu queria conhecer tudo aqui. (Diogo, 28 anos).

No entanto, nem todas as praias são iguais ou possuem o mesmo nível de centralidade e importância no quadro espacial da cidade. A cidade do Rio de Janeiro possui uma grande extensão litorânea, com a presença de inúmeras praias e grandes diferenças entre elas, seja em relação à extensão, a morfologia ou ao entorno. Nesse sentido, quando foram analisadas as entrevistas relacionadas a essas práticas, chegou-se a seguinte caracterização das praias mais frequentadas por essa população na área central:

□ Praia do Flamengo (22)
□ Praia de Copacabana (12)
□ Praia de Ipanema (6)
□ Praia de Botafogo (2)

Gráfico 26 – Praias frequentadas pelos entrevistados

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

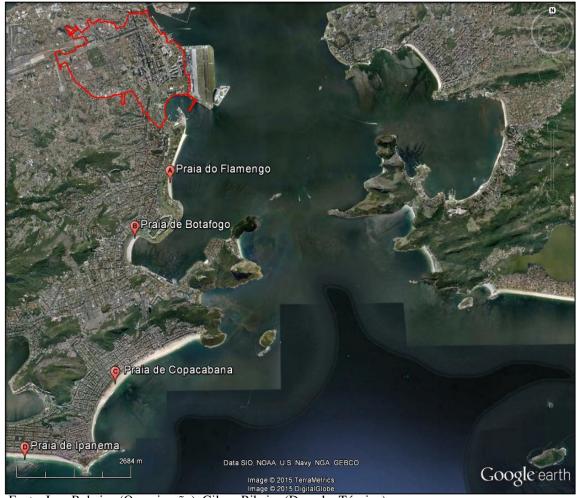
intensificação dos pedidos de ajuda por parte dessa população para o retorno as suas cidades de origem. 312

²⁴² Em diálogo com profissionais da Assistência Social, identificou-se que ocorre um aumento da população em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro com a chegada do verão, seja devido às maiores oportunidades, amenidades e de uma própria lógica de circuito produzido por alguns sujeitos. Entretanto, os mesmos profissionais apontaram que, ao término do período do carnaval, ocorre a

É importante analisar geograficamente a importâncias dessas praias e suas relações para o caso do referido segmento populacional na área central da cidade do Rio de Janeiro. A Praia do Flamengo teve 52% das enunciações (22) e um dos aspectos vinculados a esta [essa] opção está diretamente relacionado à proximidade geográfica com área, onde estes sujeitos podem realizar o deslocamento caminhando em poucos minutos e sem a utilização de qualquer meio de transporte.

Cabe ressaltar que a Praia do Flamengo é banhada pela Baía de Guanabara, ou seja, possui sérios problemas relacionados às questões ambientais e a balneabilidade do próprio local. Desse modo, grande parte dos frequentadores que vai ao local se concentra na faixa do cordão arenoso, mas principalmente no parque público do Aterro do Flamengo que também integra a própria praia como sua extensão.

Imagem 13 - Recorte espacial da pesquisa e as Praias frequentadas pelos entrevistados



Fonte: Igor Robaina (Organização). Gilson Ribeiro (Desenho Técnico).

Entretanto, em dias ensolarados, nos finais de semana, a Praia do Flamengo possui um significativo número de frequentadores, ainda que exista um forte caráter diferenciador da utilização entre os mesmos. O setor norte da Praia do Flamengo, que nos interessa especificamente, é frequentado, principalmente pela população que vive em favelas localizadas na área central ou próximas ao Aterro do Flamengo. Nesse setor específico, ocorre uma maior entrada dos frequentadores na água e, aparentemente, um conhecimento maior entre os próprios frequentadores no local.

De certo modo, parte da população em situação de rua que opta por este setor específico da praia porque ocorre uma maior aceitação e menor rejeição sócio-espacial pelos demais frequentadores. Assim, pode-se observar essa população participando de atividades esportivas, como práticas de "altinho"²⁴³, partidas de futebol na areia e "competições" de nado. Além disso, alguns dos sujeitos permaneciam por longos períodos deitados na areia e expostos ao sol, assim como sentado nas pedras próximas ao mar contemplando a natureza e/ou refletindo sobre um aspecto qualquer.

Outro elemento importante em relação às praias é a intersecção entre as atividades laborais e as práticas de divertimento. Nesse sentido, o grande fluxo de pessoas para esses lugares, especialmente nas Praias de Ipanema e Copacabana atrai a população em situação de rua para as práticas de coleta de materiais recicláveis, principalmente, [retirar vírgula] latas de alumínio, ou para auxiliar na venda de bebidas, aluguel de cadeiras e guarda-sóis em barracas.

Eu fiquei dormindo de manhã e a tarde acordei e fui pra praia. Dormi a noite na praia, já pra catar no domingo de manhã. De noite eu fiquei na moral vendo a tevê no Quiosque da Rede Globo²⁴⁴. (Diego, 21 anos).

Entretanto, diferente de alguns casos, a mobilidade em relação às praias supracitadas possui como objetivo específico a busca pelo prazer vinculado à ideia de lazer e do tempo livre, como pode ser observada a partir da fala de um dos entrevistados e a sua relação específica com uma dessas praias.

_

²⁴³ Constitui-se como uma atividade coletiva, na qual os envolvidos devem controlar, por meio de toques com os pés, a permanência de uma bola o maior tempo possível sem tocar o solo.

²⁴⁴ A Rede Globo de Televisão patrocina um quiosque na Praia de Copacabana.

Eu vou na praia, mas não é pra fazer corre²⁴⁵ não. Eu arrumo um dinheiro ali, mas vou pra praia. (...) Copacabana, eu nem ligo. Pra mim não significa nada. Agora a Praia do Flamengo. Ali todo mundo já me conhece, eu sou bem tratado. Eu paro. Tomo banho de mar. Tem umas mulherezinhas que descem do morro. (63)

Ainda com base nesses aspectos, cabe ressaltar que aqueles que optam pelas praias de Ipanema e Copacabana, principalmente, buscam evitar relações de dependência nas práticas de pedidos no período em que estão respectivamente vinculados ao ócio, ao lazer e ao tempo livre.

Eu fui pra praia de Copacabana, fumei maconha e tomei cerveja, mas sozinho. Tô com vontade de ir amanhã. Só que eu tenho que arrumar uma merreca. (Pedro, 32 anos)

Voce foi em algum lugar fora do Centro, nesses ultimos sete dias? Não. Fui pra Copacabana, acho que foi na segunda feira! Ou no sábado e na segunda-feira. Peguei o ônibus com ela e fui pra praia. Eu gosto de Copacabana. Só vou quando tô com dinheiro, porque pra arrumar alimentação ali é ruim e ficar pedindo em restaurante e barzinho também é muito chato, mas quando eu estou com dinheiro eu vou. Às vezes eu levo bijuteria, umas mercadoriazinhas pra ir oferecendo. Aí eu vou, ali é gostoso. (Bruno, 29 anos).

Por fim, é necessário salientar que, mesmo as praias constituindo-se como importantes referências espaciais para este segmento em relação ao lazer e ao tempo livre, diferentes são as percepções e as práticas dos próprios sujeitos, assim como, das lógicas de permanência, frequência e temporalidade. Conforme as entrevistas a seguir:

Domingo é meu dia de lazer, eu vou pra praia e tomo uma cervejinha. É o meu lazer. (Edir, 49 anos).

Nesses últimos sete dias, você foi pra algum lugar pra conversar com uma galera, pra beber, pra encontrar pessoas, pra fazer sexo, foi na praia, jogou bola? Na praia eu vou todo dia. Você vai à praia todo dia? Todo dia eu vou na praia. Só de manhã, aí marco um dez. Quando for umas dez horas venho pra cá. Aí fico aqui descansando o dia todo. Todo dia eu vou pra Praia do Flamengo. Mas fica fazendo o que? Nado e fico lá na areia jogado no sol mesmo. Então tem todo dia isto também. (Gerson, 41 anos).

Eu fui na praia dá um mergulho, mas eu estou desesperado com esta situação. (Raimundo, 23 anos).

Por fim, é interessante destacar que para a população em situação de rua da área central da cidade do Rio de Janeiro, a praia assume um lugar especial, sobretudo em relação ao papel de integração e aceitação na sociedade carioca. Desse modo,

_

²⁴⁵ Expressão normalmente utilizada para referir-se a uma atividade laboral e que possui outra expressão paralela que é "*correr atrás*", significando a busca pela satisfação, principalmente de dinheiro, mas pode ser a respeito da alimentação ou qualquer outra necessidade em questão.

reforçando o seu caráter público e democrático, como elucidado por um dos entrevistados a seguir:

A praia é uma área de multidão, de pessoas. Você pode conversar um pouco, se expressar dependendo da pessoa que você pega pra conversar. Pra desabafar um pouco. É uma área aberta, que você pode chorar, pode rir, fazer qualquer coisa ali, que ninguém vai ficar te observando. É mais pra descarregar um pouco este peso que fica nas costas. Ali você não é o único. Ninguém fica te prestando atenção. Porque daqui a pouco já tão prestando atenção no outro. Ninguém te percebe. (Otávio, 38 anos).

Além das praias como espaços públicos, o Parque do Aterro do Flamengo se constitui como um das mais importantes referências espaciais no recorte espacial da pesquisa. Este parque foi o terceiro mais enunciado, contabilizando 17,2% de todos os lugares mencionados pelos entrevistados. O Parque está dotado de diferentes equipamentos e superfícies que garantem uma gama significativa de atividades e uma centralidade que atrai milhares de frequentadores aos finais de semana, inclusive de alguns municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Um elemento de destaque no Parque do Aterro do Flamengo é a significativa presença dos campos e quadras poliesportivas que atraem, majoritariamente, indivíduos do sexo masculino para as práticas de esportes coletivos, com destaque para o basquete e o futebol. Dentro do perfil da população da presente pesquisa, estas práticas no Parque do Aterro do Flamengo aparecem como uma importante referência para o lazer e o tempo livre.

Foi possível observar, durante os trabalhos de campo, que a população em situação de rua consegue realizar essas atividades com outros segmentos, grupos e classes sociais. Uma destas experiências ocorreu em um dia atípico de pesquisa, quando o pesquisador e um acompanhante foram convidados a sair da área central da cidade para jogar futebol de salão em uma das quadras poliesportivas no Aterro do Flamengo em uma tarde de sábado.

Chegando ao local, não foi feito nenhum tipo de restrição pelos demais participantes, ainda que fosse necessário obedecer algumas regras que normatizavam o espaço e que poderiam se diferenciar na organização das próprias práticas esportivas

entre as quadras existentes²⁴⁶. Posteriormente à espera e ao ingresso da equipe formada pela população em situação de rua e o pesquisador, as partidas pareceram ter um ritmo normal e não se gerou nenhum tipo de diferenciação ou preconceito²⁴⁷.

Desse modo, essa atividade, principalmente no referido lugar em particular, possibilitou uma espécie de inserção ou, ao menos, uma forma de aceitação da população em situação de rua. Alguns entrevistados afirmaram que conseguiam realizar a prática do futebol em espaços mais restritos, onde determinados grupos, que poderiam envolver vizinhos ou classes profissionais, organizavam [essa] prática periodicamente em determinados dias e horários do final de semana, inclusive com a cobrança de taxas entre os envolvidos. O processo de inserção desta população junto a este tipo de atividade ocorre de maneira bastante periférica, levando em conta que a mesma pode não ocorrer dependendo de certas configurações.

O fato é que alguns dos sujeitos buscam estes espaços para observar a partida, mas tendo a esperança de serem convidados para entrar em algum momento do jogo. Normalmente, este ingresso ocorre somente quando falta alguém para completar um dos times, devido alguma contusão ou quando o excesso de cansaço impedia a continuidade de algum dos "atletas". Por fim, mesmo reconhecendo o caráter imprevisível de sua participação, alguns dos mesmos dedicam o seu tempo à esta prática como uma forma de lazer e de tempo livre.

Eu joguei bola com o pessoal na sexta, no sábado e no domingo. Às vezes eu estou por lá. É o pessoal que chega lá. Falta gente. Falta um goleiro e eu cato no gol. No final de semana eu durmo pelo campo. (Salomão, 36 anos).

É importante ressaltar que nem todas as atividades no Aterro do Flamengo estão relacionadas à prática do futebol. Assim como para o caso da Lapa, o Aterro do Flamengo também possui, para a população em situação de rua, uma relação de lazer e diversão vinculados às práticas laborais. O fato de esta área receber milhares de frequentadores aos finais de semana possibilita a atividade de coleta de materiais recicláveis, principalmente de latas de alumínio.

_

²⁴⁶ É interessante notar que o tempo das partidas, a quantidade de gols e os tipos de infrações podem variar e ter efeitos distintos sobre tais espaços esportivos. Normalmente, estas regras são estabelecidas no início da atividade e pelo grupo que utiliza esse espaço com maior regularidade.

A atividade foi encerrada como uma espécie de acordo em comum pelo desgaste da maioria dos participantes, inclusive com cumprimentos de despedidas entre os envolvidos.

Por outro lado, não relacionado aos finais de semana, o Aterro do Flamengo recebe uma atividade esportiva organizada pela Secretaria Municipal de Assistência Social, mais especificamente o Centro Pop Bárbara Calazans. No período que envolveu os trabalhos de campo, a equipe de profissionais se deslocava com um veículo do Campo de Santana, com os interessados em participar da atividade, até o Aterro do Flamengo. Chegando ao local, estavam presentes também aqueles que se deslocavam por conta própria para a participação no evento. Durante esse período, a atividade foi realizada em determinados momentos às terças-feiras e em outros períodos às quintas-feiras, sempre das 9:00 às 12:00 horas²⁴⁸.

Em média, a frequência dos sujeitos girava em torno de trinta pessoas, e as partidas possuíam tons acalorados de disputa que precisavam ser contidas algumas vezes pelos educadores sociais. Essa atividade parecia servir como uma espécie de válvula de escape e possuía significativa importância na vida cotidiana de alguns dos sujeitos que, em dias que antecediam ao evento, alguns participantes perguntavam se realmente aconteceriam em tal dia e horário. Em uma das entrevistas, uma vez questionado "o que o futebol representa pra você?", o mesmo respondeu: "Eu jogo futebol e fico "tranquilão". Eu tiro o meu estresse. Minha quinta-feira já fica reservada" (Durval, 31 anos).

Desse modo, o período diurno dos finais de semana, sobretudo aqueles com boas condições meteorológicas para a frequentação das praias e dos parques públicos se tornam um lugar de grande importância para as atividades de lazer e tempo livre desta população. Todavia, a prática de esportes, a visitação às praias e as atividades laborais relacionadas aos espaços de lazer se constituem somente como um dos possíveis padrões de interação junto a estas práticas, pois, com a chegada da noite, principalmente a partir da sexta-feira, são abertas novas possibilidades e mudanças de ritmo na vida cotidiana da população em situação de rua.

²⁴⁸ Cabe ressaltar que esta atividade se constituiu como o instrumento mais importante para a entrada e aceitação dos envolvidos junto a prática da pesquisa.

8.2. O sexo, as drogas e o "batidão" nas noites cariocas: Outras mudanças e convergências dos ritmos nos finais de semanas

Eu costumo ir no pagode. Eu dou umas curtidas (...). A Lapa é do povão. A Lapa é do povo. Todo mundo tá lá e não tem "caô". (Hamilton, 38 anos).

A noite para a população em situação de rua não se configura somente como um período para a realização das práticas de dormir ou marcada por um forte sentimento de medo nos espaços públicos. Nesse sentido, o período noturno fortes vínculos relacionados ao prazer e, no caso da área central da cidade do Rio de Janeiro, esses aspectos ganham força, especialmente, a partir das noites de sexta-feira.

A partir da presente pesquisa foi possível constatar que estas práticas associadas ao lazer e ao tempo livre no período noturno se orientam, principalmente, por meio de três importantes aspectos, a saber: o sexo, as drogas e o Funk. Entretanto, as buscas vinculadas a ideia de prazer, de diversão e de entretenimento possuem, como elemento em comum, a acessibilidade e a possibilidade de interação com um caráter público. Assim, três espaços se destacam nesse cenário: a Lapa, os bailes funk de favelas e as "cracolândias".

A Lapa foi citada por 19,3% (28), dentre os entrevistados que realizaram alguma atividade vinculada ao lazer e o tempo como o lugar mais enunciado. Este bairro integrado a área central se constitui como uma dos principais centros de vida noturna na cidade do Rio de Janeiro. Lugar da antiga boemia carioca e de emblemáticas paisagens desviantes, a referida área também foi tradicionalmente marcada pela presença de mendicância e da população em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro.

De fato, esse setor da cidade, elevado oficialmente à condição de bairro no ano de 2012, passa por rápidos processos de transformação e, consequentemente, por inúmeros conflitos e tensões, dentre eles, o da gentrificação. Carregando, como permanência, o próprio imaginário da antiga boemia e dos grupos marginalizados presentes na noite carioca.

Diante desse cenário, esse segmento populacional também se apresenta como mais um segmento social que possui na Lapa um lugar de lazer e diversão na vida noturna. Alguns aspectos são fundamentais para compreender a importância da Lapa nesse contexto. O primeiro deles está vinculado à localização, pois além de integrada à área central da cidade do Rio de Janeiro, os principais lugares de permanência desta

população estão extremamente próximos e os mesmos podem chegar caminhando facilmente até o local, devido a curta distância envolvida.

Um segundo aspecto se relaciona às condições de acessibilidade. Ainda que esse setor seja fortemente marcado por espaços privados, como bares, restaurantes e casas de show, alguns deles, com cobrança de taxas para o ingresso, muitas das atividades se realizam nos espaços públicos. Assim, destacam-se os shows patrocinados pelo poder público, rodas de capoeira, de samba e de jongo, possibilitando que essa população se insira nestas atividades.

Eu fui ontem à noite na Lapa. Fui jantar lá. Aí fiquei escutando umas paradas. Joguei uma capoeira também. Tá de bobeira. Eu sou baiano legítimo. (Pepe, 26 anos).

Outro aspecto que também é decorrente do próprio modo de organização sócioespacial da Lapa se caracteriza por meio da extrapolação dos sons produzidos nos estabelecimentos privados que chega aos espaços públicos, o que permite algum tipo de interação por meio da música.

Um quarto aspecto se constitui por meio da própria opção de muitos frequentadores em permanecer especificamente nas ruas consumindo bebidas alcoólicas e interagindo socialmente em um ambiente aberto para a possibilidade de novos contatos.

Esse modo de organização das interações sociais nos espaços públicos permite que diferentes grupos e segmentos sociais, inclusive com poucos recursos econômicos, possam permanecer e compartilhar espacialmente de uma "mesma" vida noturna, ainda que sob condições de consumo diferentes.

Por outro lado, Cabe destacar que, para a população em situação de rua, o lazer na Lapa ganha contornos a partir das práticas laborais e outras estratégias para a obtenção de recursos, inclusive como uma forma de ampliar as interações. Nesse sentido, a Lapa é entendida pelos seus frequentadores como um tipo de "território de diversidades e tolerâncias" e para essa população como um "lugar de oportunidades".

Com base nos diálogos e nas entrevistas, foi possível identificar diferentes possibilidades para a obtenção de recursos vinculados ao lazer. A forma mais tradicional, e com grande visibilidade no próprio espaço público, é através da coleta de materiais recicláveis, especialmente as latas de alumínio. Assim, alguns sujeitos

realizam giros permanentes em todo o perímetro e descansam nos pontos onde se concentram outros sujeitos na mesma situação para o consumo de álcool.

Vou te fazer uma pergunta: nesses últimos sete dias, você saiu para algum lugar pra se divertir? Não. Eu costumo não fazer isso. Às vezes eu saio pra ir ali na Lapa. Nesta sexta- feira eu fui, mas não foi pra divertir, foi pra trabalhar, pra ganhar dinheiro. Já é nós no mesmo lugar. No mesmo lugar a festa rola. Cada um compra, outro compra outra e assim vai. "Assim nós se diverte entre nós mesmo". Não tem briga, não tem confusão. Às vezes rola uma desavença assim, mas só bate boca. (Everaldo, 39 anos).

Outra estratégia vinculada ao lazer e a possibilidade de obtenção de recursos está relacionada ao consumo de drogas. Nesse sentido, a vida noturna na Lapa mantém estreitos vínculos com a utilização de substâncias entorpecentes e a população em situação de rua pode se inserir como mediadora entre o consumidor e o traficante. Desse modo, é oferecido por alguns daqueles que frequentam a Lapa, ou é requerida por alguns frequentadores, a busca de drogas em "bocas de fumo" próximas ou a realização da compra com vendedores locais. Em troca, o pagamento pode ser uma quantia de dinheiro ou ainda, uma quantidade da droga²⁴⁹.

Ainda sob a lógica da busca por recursos, outra atividade está relacionada com os serviços de taxi. Assim, alguns dos sujeitos abordam frequentadores que desejam regressar às suas casas e os encaminham para determinados veículos e, em contrapartida, recebem, dos taxistas, quantias que variam desde dois até cinco reais.

Sábado eu passei no Centro, lá na Lapa. Sexta eu passei na Lapa. Toda sexta e sábado eu passo na Lapa. Lá é uma fonte de dinheiro. Eu paro taxi e outras correrias. (Iago, 28 anos)

Por fim, são praticadas outras duas atividades. A primeira delas está relacionada ao furto. Assim, proprietários com olhares desatentos e/ou vulneráveis devidos aos excessos podem sofrer a perda de seus objetos. A segunda atividade é relativa aos pedidos, dinheiro, bebida, cigarros e drogas.

Desse modo, Cabe notar que as atividades laborais ou as diferentes estratégias realizadas nesse espaço tem um objetivo diferenciado das demais dinâmicas que organizam o cotidiano, pois estão vinculadas as satisfações do próprio lazer.

_

²⁴⁹ Alguns sujeitos afirmaram que esta estratégia de buscar drogas para frequentadores pode proporcionar algum tipo de aproximação, e em alguns casos, garantindo a interação e a permanência durante toda a noite. O uso das drogas em determinadas áreas da Lapa pode possibilitar também outros tipo de aproximações, como aquelas vinculadas a dimensões afetivas e sexuais.

Assim, as práticas laborais e a obtenção de recursos nesse período e lugar assumem características particulares, pois estão direcionadas para a lógica de consumo e de lazer no próprio espaço, seja com a população em situação de rua ou com pessoas que não fazem parte de tal universo. Nesse sentido, essas atividades são realizadas de modo indissociado com a própria ideia de interação e de lazer, pois são os modos possíveis frente às adversidades e aos estigmas existentes. Acerca de outras experiências em relação à Lapa:

O que tem a Lapa de diferente? A Lapa é nossa. "Nós bebe" e "nós cheira". Na lapa, nós tá duro e aparece dinheiro. (Eduardo, 24 anos).

Na sexta-feira eu estava na Lapa, bebendo, cheirando e zoando. (Diego, 21anos).

Como que é em relação à "correria", pra arrumar um trabalho, fazer algum dinheiro? Hoje, você já arrumou algum dinheiro? Só mais tarde na Lapa, que tá quente, eu vou com meu pandeiro, com minha latinha, meu espetinho e fico: tec, tec, tec... Aí eu formo um pagode lá e a galera bota uma moedinha (...) (Fabiano, 44 anos).

Vim pra cá na Lapa, pra tomar uns negócios com uns irmãos de rua. (Oseias, 43anos).

Além da Lapa, as atividades vinculadas ao lazer pela população em situação de rua ganham evidência por meio dos espaços das favelas e cracolândias, com 10% dentre todos os espaços enunciados (16) associados a tais atividades. Entretanto, algumas são as diferenciações entre estes dois espaços e as suas respectivas práticas vinculadas ao lazer o ao tempo livre por parte da população em situação de rua.

As favelas na cidade do Rio de Janeiro, além de sofrerem o domínio de organizações criminosas de tráfico varejista de drogas, possuem como uma dinâmica de lazer, os bailes funk²⁵⁰. Estes espaços se ativam principalmente aos finais de semanas e, muitas vezes, são financiados pelo tráfico de drogas, funcionando como uma forma de integração, lazer e cultura da população local por meio das festas que envolvem música e dança.

As atividades podem ser organizadas pelas organizações criminosas para o aumento da visibilidade e da venda de drogas para além de uma escala local. Além disso, muitos chefes locais dessas organizações possuem como estratégia a realização de

²⁵⁰ Cabe ressaltar que uma parte desses bailes funk organizados em favelas são financiados por narcotraficantes. Entretanto, alguns dos eventos são organizados por Associação de Moradores, clubes ou Escolas de Samba existentes nas próprias favelas e não possui qualquer vínculo ou associação com atividades ilegais.

eventos como uma forma de manter vínculos simbólicos com a própria população residente e, ao mesmo tempo, atrair novos consumidores.

Os bailes Funk mobilizam grande quantidade de jovens, que aguardam ansiosamente a realização desses eventos semanalmente. Tais bailes passaram por profundas transformações ao longo de sua história, desde a dimensão política em torno das questões étnicas e políticas em busca de justiça e direitos sociais, dentre eles, aqueles relacionados ao lazer público, à violência e a desigualdade.

Entretanto, ainda tratando dos bailes funk nos espaços das favelas, é interessante notar o seu caráter público em relação ao acesso. Estes eventos ocorrem, em sua grande maioria, nas praças, ruas ou em campo ou quadras de escolas de samba locais e sem a cobrança de qualquer taxa para o ingresso ou participação na atividade. Cabe ressaltar, entretanto, que mesmo apresentando o caráter irrestrito da acessibilidade, existem diferenciações no que se refere à permanência no local, pois, em alguns dos bailes, principalmente aqueles controlados por narcotraficantes, são produzidos espaços de exclusão; normalmente intituladas como *VIP's (very important person)*.

Nesse sentido, além da complexidade e heterogeneidade existente, esses bailes se tornaram importantes referências para as populações pobres e marginalizadas de toda a cidade do Rio de Janeiro. No caso da população em situação de rua, acessada por meio dos diálogos e das entrevistas, dois elementos foram fundamentais como referências para a permanência vinculada ao lazer: o funk e a droga.

Os bailes que ocorrem principalmente às sextas-feiras e sábados estão previamente agendados no possível programa de atividades dos próprios sujeitos. Sem embargo, cabe salientar que um elemento fundamental para efetivação das mobilidades em direção aos lugares de ocorrência desses eventos é a obrigatória obtenção de recursos para a realização do consumo de alimentos, de álcool e de drogas.

Outro aspecto vinculado à realização da mobilidade nos lugares de lazer para a população em situação de rua está relacionado à apresentação pública, levando em consideração questões que envolvem a higienização corporal e as vestimentas. Assim, chegar limpo e arrumado é uma condição fundamental para a prática relacionada aos eventos de funk, pois, por mais que sejam gratuitos, necessitam de uma série de códigos sociais. Por fim, também se destacam os aspectos da filiação simbólica dos sujeitos às

próprias facções criminosas, que abrem um determinado número de possibilidades no quadro espacial da cidade.

Por outro lado, esses sujeitos possuem, como uma prática recorrente em relação à frequentação desses espaços, a lógica de marcar previamente o encontro com outros sujeitos na mesma situação para um determinado baile²⁵¹. Assim, no caso específico da análise, foi observada a marcação do dia e do horário para sair da área central em direção a um dos possíveis eventos distribuídos em diferentes favelas localizadas em um dos quatro setores da cidade.

No domingo eu chapo direto. Por isto na segunda feira eu fiquei o dia todo dormindo. Fui pra Copacabana. Fui com uns grandes, aí. Foi na segunda-feira. Tomamos um café no Flamengo e do Flamengo fomos pra Copacabana. Fomos curtir uma praia. Sábado e domingo fui na Lapa. Eu gosto mesmo é do baile do PU²⁵². É da hora. Não existe melhor não. Na Lapa eu faço dinheiro e no PU eu vou gastar. Tem baile lá na sexta e sábado. Eu acho da hora lá. Tu tira o stress. (Joaquim, 31 anos).

Eu fui só pro baile da Nova Holanda, mas não é uma forma de se divertir, é mais uma forma de relaxar (André, 19 anos).

Além das favelas, mas como um rebatimento direto das territorialidades do narcotráfico sobre outras áreas da cidade, as "cracolândias" emergem como um espaço vinculado ao lazer e ao tempo livre por parte da população em situação de rua. Inúmeras críticas podem ser tecidas sobre a ideia de permanência nas cracolândias com base no lazer, levando em consideração que tais práticas seriam espacialidades da intensa dependência química dos próprios sujeitos nos respectivos territórios psicotrópicos (FERNANDES, 1998).

O Crack como substância psicotrópica que causa dependência passou a ganhar visibilidade a partir da década de 90 do século passado. A força da dependência química somada ao baixo preço fez com que esta droga não fosse vendida, durante muito tempo, pelos próprios narcotraficantes em algumas favelas cariocas²⁵³.

Com a comercialização e expansão do uso do Crack, principalmente, a partir do ano de 2000, emerge a produção de espaço conhecidos popularmente como

²⁵² *PU* é uma sigla referente à favela do Parque União, localizada no Conjunto de Favelas da Maré, e que está a aproximadamente seis quilômetros da área central da cidade do Rio de Janeiro.

²⁵¹ Cabe destacar que, em todos os casos identificados nessa população que frequentava bailes funk, estes sujeitos foram acompanhados por outros sujeitos na mesma situação.

²⁵³ Durante a década de 1990 do século passado, praticamente todas as facções criminosas impediam o comércio do crack na cidade do Rio de Janeiro. Cabe destacar que, ainda hoje, um pequeno número de favelas proíbem a venda e o consumo de crack em seus territórios e áreas de influência.

"cracolândias". Esses espaços, ainda que próximos, não estão localizados no interior das favelas, justamente por motivo que os chefes locais do tráfico de drogas não permitem a concentração de usuários e a utilização dessa substância psicotrópica no interior da favela.

Uma possível explicação está associada ao caráter estigmatizado de degradação pessoal dos usuários e uma dimensão de moralidade junto à própria população local, que apresenta um grande descontentamento de vincular aos espaços da favela, a mais este tipo de imagem. É incontestável que a presença destes usuários gera uma grande visibilidade espacial, pois os consumidores de outras drogas normalmente compram suas mercadorias e saem imediatamente das favelas.

Assim, os usuários de crack se apropriam de áreas periféricas e degradadas no entorno das próprias favelas que vendem o produto, como ao longo de linhas ferroviárias, grandes artérias de circulação rodoviária, áreas abaixo de viadutos ou terrenos baldios. Estas territorializações, ainda que pareçam ser degradantes e vulneráveis, sofrem permanentes intervenções do Estado que buscam desterritorializálos a todo custo, ainda que depois de alguns dias, ou até mesmo de algumas horas, já tenham se reterritorializado em outros espaços.

Cabe ressaltar que, durante a pesquisa, o uso do crack e a concentração sócioespacial dos seus usuários nas "cracolândias" não estiveram restritos aos finais de
semana, ainda que a partir das sextas-feiras ocorra uma intensificação das próprias
dinâmicas²⁵⁴. Entretanto, além do próprio uso da droga, outros elementos estiveram
integrados à mobilidade e à permanência dos sujeitos nesses espaços. Assim, levando
em consideração o perfil dos entrevistados, que são adultos e do sexo masculino, o
aspecto secundário, além do próprio consumo, esteve vinculado à prática das relações
sexuais. Nesse sentido, um ponto de destaque é que nem todos aqueles que vão às
"cracolândias" com o intuito do sexo são consumidores da própria droga. Por outro
lado, aqueles que são usuários de crack também veem nas relações sexuais uma
complementariedade vinculada ao espaço de consumo do entorpecente.

-

²⁵⁴ Com base em diálogos e entrevistas, alguns usuários afirmaram utilizar o crack de maneira intensiva e ininterrupta durante todo o final de semana. Essa dinâmica é denominada "hibernar".

De fato, a relação sexual possui uma grande importância para os homens que estão em situação de rua, e mesmo aqueles que não realizam recorrentemente tal prática a possui virtualmente como um projeto ou uma possibilidade²⁵⁵.

Vale destacar que, por meio dos diálogos, foi notado que uma das formas de se realizar a prática sexual está ligada ao uso das drogas. Desse modo, o crack passa a ser a principal moeda de troca, principalmente para as mulheres, ainda que algumas pessoas do sexo masculino também se prostituam em troca das pedras.

Assim, por mais que a droga se apresente como a moeda de troca para as práticas sexuais, diferentes são as estratégias em torno destas próprias relações. Um dos aspectos de diferenciação está no nível de degradação pessoal. Segundo os mesmos, quanto mais "suja", "feia" e "degradada", menor será a quantidade de drogas a ser oferecida, assim como ao tipo de relação sexual que será realizada mediante o acordo.

Outro aspecto interessante se relaciona à temporalidade da própria atividade e outras práticas, estratégias e mobilidades envolvidas. Assim, segundo alguns sujeitos, até mesmo pessoas que não vivem nas ruas oferecem às mulheres usuárias de crack a possiblidade de irem a motéis, pensões e hospedarias para a prática sexual e, como moeda de troca, além das pedras, condições para tomar banho, se alimentar e dormir em um lugar tranquilo durante a noite. Desse modo, independentemente de a pessoa ser ou não dependente da droga, se reconhece na dependência do outro e na droga uma moeda de troca, uma possibilidade de ganho sobre a vulnerabilidade contida nessa relação.

Por outro lado, as próprias mulheres, reconhecendo os elementos materiais e simbólicos dessa relação buscam subverter o sistema produzido e os respectivos padrões de negociação, pois prometem para aqueles que propõem o acordo, a realização da prática sexual somente depois do uso da droga, o que, segundo os diálogos e entrevistas, nem sempre acontece. Diante dos diferentes aspectos, alguns entrevistados expõem algumas de suas experiências acerca da dinâmica do crack, os espaços das cracolândias e as relações sexuais.

-

²⁵⁵ Além das práticas sexuais vinculadas as "cracolândias", 2,7% dos entrevistados (3) revelaram ter frequentado prostíbulos para a realização de práticas sexuais.

(...) estas mulheres que estão na mesma situação, tem algumas que dá mole. São da rua também. Me dá molinho, eu já chego. Se elas quiserem drogas tu tem que dar droga, se elas gostam de cachaça, tu dá a cachaça. Tu tem que pegar o ponto fraco delas. Tem que pegar o ponto fraco. Se ela gosta de fumar maconha, tu chega e fala que tá com baseado aqui, eu não uso, mas eu estou com baseado, aí nós transamos. É isto e aquilo, mais dez conto. Ou senão, ou vou lá na Vila mimosa, mas lá tem que pagar mais. Esta ultima semana eu não fiz nada não. Eu to seco mesmo, é só trabalho. (Edir, 49 anos).

(...) como eu vou pegar um crack ainda hoje, eu vou comer uma boceta. Hoje você vai fazer um sexo? Vou. (risos) Com mulher. Hoje vai pegar uma mulherzinha. Você faz com camisinha ou sem? Varia muito. Varia muito? Se no momento, o pau subiu e a mulher também deixou abrir. 'Se eu ver' que a mulher tem menos doença que eu - "Opa, essa aí já dá pra eu enfiar" (risos). Aqui na cidade é o bicho, fico comendo a buceta dessas mulheres cracudas gostosas, que tem casa, tem tudo, trabalho, mas usa 'unzinho'. Aí fica sem dinheiro, dá um rolezinho na cracolândia, porque sabe que alguém vai querer jogar um pra ela. Aí é o momento que ela vira fácil. "Pode vir usar essa aqui, colega, só deixar eu comer essa xoxotinha."(...) O que eu faço, quando ela tá de cara, eu já dou um pedacinho de droga, que eu já vou oferecer pra comer ela. Com outra droga no bolso fechado. Por exemplo, peguei duas pedras de dez reais, uma vai no bolso fechado e outra eu já pego pra estalar²⁵⁶. Aí ela vai vim olhando pra mim, eu sei que ela quer fuma, é cracuda. Ela vai olhar pra mim e vai fala assim: "Queria dar pra um cara, qual vai ser?", "Queria pelo menos 5 ou 10 reais". Tem umas que mandam assim: "Pô, quero 10". Aí eu falo: "10 eu não posso te dar não, mas pô, tem uma droga aqui pra nós fumar, maneira, nós dois no sapatinho.". Aí ela vai falar: "Droga eu não troco não". Aí eu falo: -"Deixa, precisa não". Aí dou um pedacinho pra ela sem compromisso, que eu sei que ela vai começar a se tremer, olhar assim... Vai ver que eu tenho mais quantidade de droga na mão, já vou intrigar ela. É boa a droga pra ela soltar elas 'fica' assim mesmo. Tem umas que tem pedra no peito, começam a tirar o sutiã na tua frente, aí nisso geral fica olhando, eu já fico de pau duro: "Oh, olha só". (risos) Muito bom o sexo de quarta feira. (Beto, 24 anos).

Nestes últimos sete dias, você fez sexo? Sexta-feira eu dormi no hotel, eu já levei uma mulher pra lá. É uma usuária, mas não é aquela cracuda toda suja não, cheia de bactéria. Igual assim, se eu tô com um dinheiro maneiro, eu quero usar uma droga e curti com uma puta legal. Na sexta-feira, como foi? Eu paguei a droga. eu falei: Tu quer usar a droga? Então, tô com o hotel pago e você já sabe como é que é. (Benedito, 22 anos).

No domingo foi à vera. Eu fui para os lados da Gamboa. Nós já apanha umas drogas por ali mesmo, e tem umas "mulherzinhas". Eu gosto de lá por que lá é mais tranquilo e não é muito visado, porque a cracolândia da Central é brabo. Eu não gosto de usar sozinho não. *Mas e aí, qual foi o lance?* Eu fiz um sexo, mas foi com camisinha. *Mas você pagou?* Não. Pago não. É naquele esquema. É um tirinho e depois já sabe. Tem mulher que é foda, ela quer dá um tirinho e depois ela mete o pé. Eu só deixo dar um tirinho e depois já sabe. As vezes eu só dou uma fumaça e depois eu dou pra ela. No sábado eu fui pra lá também (...) Ás vezes dá até vontade de pagar a hospedaria, mas pra ficar um dia só? Não dá né. É melhor arrumar um negócio pra comer e depois já sabe. Fui na sexta, fui na quinta também. Eu tô direto. É o crack e a mulherada (Narciso, 33anos).

²⁵⁶ A expressão *Estalar* possui o significado de usar, pois a pedra, quando de sua queima pelo seu usuário, emite pequenos.

²⁵⁷ Tirinho é uma expressão comumente utilizada pelos usuários de crack, referindo-se a uma tragada.

Assim, o período noturno dos finais de semana se apresenta de modo extremamente heterogêneo, no sentido de variar desde a opção pelo espaço de maior centralidade e simbolismo de interação e sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro, passando pelas centenas de bailes funk distribuídos em favelas pela cidade, até os aspectos totalmente desviantes em torno das "cracolândias". Entretanto, estas três configurações possuem, em comum, um desejo/necessidade dos sujeitos de estarem juntos e interagirem com outras pessoas, sejam elas em situação de rua ou não, pautando-se na ideia de lazer, tempo livre e entretenimento, nos espaços públicos.

8.3. Nas mesmas praças, mas de outro modo: o lazer e o tempo livre "entre iguais" nos espaços públicos

(...) Se divertir só nas malocas, zoar, brincar. *Onde que são essas malocas?* As malocas são aí onde que tem, no Castelo, vou pro Castelo, vou pra Praça dos Professores, no MAM. A rapaziada tá ali, tá bebendo, tá zoando no sábado e domingo, de dia, todo mundo bebendo, zoando, todo mundo se zoa ali. A gente se diverte, esse é um divertimento. *Então a diversão é entre a galera mesmo?* É entre a galera mesmo. Castelo e Professores durante a noite e no MAM durante o dia (Edgar, 38 anos).

Aqui você se distrai mais. Tem mais árvores. A paisagem é mais bonita, como eu posso dizer, aqui é mais tranquilo de tudo. Tem paz. Porque na cidade não tem espaço pra sentar, pra conversar. Aqui você tem oportunidade de ficar tranquilo. (...) Todos os dias eu estou aqui. Quando eu não estou fazendo um bico, eu tô aqui. Não é que eu gosto daqui, eu queria estar em casa. Mas, dentro do que eu preciso, eu gosto. Aqui traz mais paz que lá fora. Eu vou ficar sentado na rua, sentado na calçada, os outros já te olham com maus olhos, alguma coisa de errado. Acham que você é um bandido. De vez em quando dá pra dar uma voltinha lá pra cima. Mas é lugar de gente rica, e a gente todo mal vestido assim, eu prefiro ficar aqui no parque mesmo." (Vinícius, 21 anos) ²⁵⁸.

Diferente dos casos anteriores, que envolviam algum tipo de interação com aqueles que não estavam em situação de rua aos finais de semana, o terceiro caso possui, em particular, uma organização espacial interna orientada pelas "malocas".

Esses espaços, que podem se caracterizar como os próprios lugares de permanência desta população, representaram 9% das enunciações realizadas pelos entrevistados (15). Esse termo está vinculado originalmente à materialidade dos espaços habitacionais indígenas, mas para o caso da população em situação de rua ganha contornos relacionados à permanência nos espaços públicos, assim como, vinculados

²⁵⁸ Referência ao espaço público do Campo de Santana.

aos períodos de lazer e tempo livre. Acerca desses aspectos, elucida Adorno (2011, p.552-553):

No cerne da sociabilidade das pessoas que tomam o espaço das ruas para firmar sua sobrevivência encontra-se a instituição da "maloca". O termo "maloqueiro" tem um sentido pejorativo, mas é usado como categoria nativa entre os moradores de rua para referir-se àqueles que compõem as malocas, ou seja, "lugares" encontrados nos espaços da cidade que possibilitam arranjos para formar uma "casa" na qual um grupo passa a coabitar, ali dormindo, cozinhando e sobrevivendo como um grupo. A maloca pode ser chamada também de "mocó". As malocas costumam ser constituídas e dissolvidas dependendo de conflitos ou da mobilidade dos que a formam.

Adorno (2011) entende a sociabilidade de modo extremamente amplo e bastante diferente daquela proposta por Simmel (2006), e, para o caso da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro, possui significativas distinções se comparada com áreas de concentração do próprio fenômeno em outras cidades Brasileiras.

A maloca observada na presente pesquisa não possuía aspectos necessariamente materiais da produção de formas habitacionais, como aquelas que utilizam lonas, madeiras, plásticos ou quaisquer outros materiais ou formas. Assim, a maloca por ser o resultado das próprias práticas, comportamentos e permanências dos sujeitos em determinados lugares nos espaços públicos²⁵⁹. Nesse sentido, principalmente aos finais de semana, esses lugares são reorientados por meio de um conjunto de práticas, nas quais os próprios sujeitos se deslocam ou recebem aqueles provenientes de outras áreas localizadas no centro ou até mesmo de fora dele.

Dessa maneira, a maloca se amplia e se torna também um lugar de lazer, de ócio ou de uso do tempo livre dentro de uma lógica interna, levando em consideração que também é produzida e organizada sob esta lógica pelos e para os próprios sujeitos nesta situação. A realização dos diálogos como "bater papo e jogar conversa fora", jogos de cartas, improvisações musicais, realização de refeições coletivas e consumo de álcool se caracterizavam como as principais práticas realizadas nesses lugares.

(...) Eu no sábado fiquei com o pessoal lá na maloca no Castelo mesmo (Reginaldo, 25 anos).

No sábado e no domingo tu fez alguma coisa? Tu se recorda? Eu dei uma comida ali na Praça do Cavalo. Com a rapaziada. Fomos na feira, catamos

²⁵⁹ Estes espaços podem ser tanto orientados para dormir quanto para determinadas atividades laborais e de interação social junto ao lazer ou ao tempo livre.

um negócio lá, fizemos um rango pra nós. É normal fazer isso domingo? É normal. Todo domingo tem a comida? Sábado e domingo. Que horas mais ou menos? Assim lá pras duas horas da tarde a hora que da pra fazer uma comida. (Eduardo, 24 anos).

Eu fico por aqui mesmo com os amigos e tomo uma cachaça e trocando ideia. (Geovane, 42 anos).

Eu fico mais tomando um negocinho aqui com o pessoal mesmo. (Guilherme, 47 anos)

Diante desse quadro, destacam-se dois casos relacionados à interação desta população nos espaços das malocas. O primeiro deles esteve vinculado a um sujeito que possui ganhos semanais superiores a 250 reais semanais referentes à atividade de coleta de materiais recicláveis e há alguns anos faz uso das hospedarias para dormir. É importante salientar que, mesmo apresentando diferenças significativas acerca da renda e aos locais de dormir, se comparadas com a média dos demais sujeitos nesta situação, o mesmo possuía nas malocas uma referência espacial importante por meio de antigos vínculos de amizade.

Gosto de ficar com a rapaziada da Candelária mesmo. São meus amigos de muitos anos. Todo dia eu dou um pulo lá. Depois do trabalho. Eu vou no hotel, deixo minhas coisas, pago o pernoite e vou pra lá. Eu não durmo cedo. Eu já acostumei lá. (Ivo, 25 anos).

O segundo caso se relaciona com um sujeito que, mesmo optando por permanecer nos espaços assistenciais, mais especificamente no Abrigo de Antares, realiza um deslocamento semanal, que em média tem a duração superior a uma hora até a área central, para permanecer com determinados sujeitos em situação de rua com os quais possui um vínculo de amizade associado ao lazer e ao tempo livre.

Eu estava lá em Antares, mas sábado e domingo eu fiquei por aqui. Só que eu andei bebendo. E quando a gente bebe e belisca alguma coisa. *Bebeu sozinho?* Eu já fiz um ambiente aqui na rua. Tem uma galera da central e da lapa. Eu já conheço um pessoal lá. Eles tão bebendo alguma coisa, tão comendo alguma coisa. Vim pra cá na Lapa, pra tomar uns negócios com uns irmãos de rua. (Oseias, 43 anos).

Nesse sentido, é importante apontar que, para o caso desses lugares e quando assumem essa função, especialmente aos finais de semana, diferenciam-se dos demais dias devido às grandes dinâmicas e fluxos. Desse modo, aos sábados e domingos é possível produzir outras maneiras de organização, sem a interferência dos órgãos de controle e ordem pública.

Além das malocas como lugares de lazer e tempo livre por parte desta população, o Parque da República, também conhecido popularmente como Campo de

Santana, evidenciou-se como um espaço público de destaque e foi enunciado por 11% dentre todos os lugares vinculados a esta atividade (16).

Cabe ressaltar que o Campo de Santana possui algumas regras de funcionamento como um espaço público. A primeira delas é que ele não está disponível permanentemente para os frequentadores. O parque funciona diariamente das seis horas da manhã até às dezessete horas. Ainda em relação à acessibilidade, o parque está cercado por grades que, ao mesmo tempo, impedem a entrada de frequentadores nos horários em que está fechado e a fuga dos animais em direção às ruas de grande circulação de automóveis que circundam o espaço.

Em relação à organização interna, o parque é composto por vias de circulação cimentadas que integram as diferentes áreas de gramados, os lagos e grutas, onde os frequentadores compartilham o espaço com diferentes espécies de animais existentes. O parque possui a grande presença de bancos em áreas de sombreamento, onde os frequentadores podem descansar e contemplar um ambiente mais ameno em meio à grande velocidade da área central. Outro ponto a ser destacado é a significativa presença da Guarda Municipal e da Polícia Militar, que vigiam e controlam o parque, mas nem sempre conseguem impedir os desvios da lei²⁶⁰.

Cabe ressaltar que, diante desse cenário, a população em situação de rua possui nesse lugar uma importante referência para o lazer em seu tempo livre. Uma vez iniciadas as rotinas com o início de cada manhã, ocorre, consequentemente, um forte impacto nas composições de privacidade junto aos lugares de permanência nos demais espaços públicos que expõem e revelam a situação destes sujeitos no espaço público. Desse modo, as diferentes rotinas que esse segmento realiza fazem com que muitos destes sujeitos tenham no Campo de Santana, um lugar de refúgio, de prazer e de tranquilidade.

Sendo assim, uma destas práticas realizadas no Campo de Santana como uma forma de satisfação vinculada ao lazer, e ao tempo livre são os atos de descansar e de dormir no lugar.

_

²⁶⁰ Por meio das observações diretas e das entrevistas foi possível constatar a presença do tráfico de drogas, de roubos e da prostituição no interior do parque, ainda que esta última prática não se constitua como um delito em si mesmo.

Desse modo, alguns carregam consigo pedaços de papelão e cobertores, enquanto outros se deitam diretamente sobre os gramados, mas todos optam pelas áreas sombreadas. Esta prática ocorre tanto nas primeiras horas do dia, assim como posteriormente ao horário do almoço, onde realizam uma "soneca" que se estende até o horário de fechamento do parque.

É importante ressaltar que, ainda que reproduzida com bastante frequência, esta prática é coagida pela Guarda Municipal. Isso faz com que os sujeitos acabem por buscar relativa invisibilidade, permanecendo entre os arbustos, em áreas de menor fluxo de circulação de pessoas ou por meio de um permanente movimento no interior do parque. Acerca desses aspectos enunciam alguns entrevistados:

Minha rotina é acordar. Depois eu vou no "Garotinho", vendo o meu papelão e tomo o café. Vou na Xxxxx²⁶¹. Depois eu vou pro Campo de Santana dormir um pouco, se o guardar deixar. (Ignácio, 47 anos).

Depois que eu almoço, eu fico por aqui descansando até cinco horas e depois eu saio pra catar pet. (Pepe, 26 anos).

Minha vida é isto mesmo. Acordo 12:00. Vou comer uma parada e venho pro Campo de Santana. Aqui é tranquilo. Aqui é público. Não tem esta história que tem que vazar e sair daqui. Eu fico aqui e tiro uma soneca. Quando dá cinco horas e vou buscar minha burrinha pra começar a reciclagem. (Ivan, 42 anos).

A interação entre a população em situação de rua é outra atividade relacionada a esse espaço. Assim, parte da mesma população, quando não está realizando nenhum tipo de atividade laboral, desloca-se para um dos bancos, principalmente no setor norte do parque e usa drogas, mais especificamente maconha²⁶².

Acerca do aspecto de interação e diálogo, o Campo de Santana também se destaca como um lugar/território de espera. Assim, parte significativa da referida população, quando não possui nenhum tipo de atividade em um período relativamente longo, opta por se deslocar e permanecer no lugar até a chegada do respectivo horário de suas atividades.

Nesse sentido, o Campo de Santana, além de ser um parque com grandes áreas verdes, sombreadas e repletas de bancos, também funciona como um ponto de apoio móvel da Secretaria Municipal da Assistência Social. Assim, muitos dos sujeitos, quando necessitam de alguma demanda emergencial, como documentações,

²⁶¹ Nome de uma instituição religiosa que garante assistência à população de rua.

²⁶² Acerca de tal aspecto, foi possível observar a interação dessa população com outras pessoas que não estão em situação de rua com o mesmo fim específico.

encaminhamento médico-hospitalar ou abrigos públicos, buscam esta unidade que funciona também como um lugar de referência para o apoio assistencial.

Desse modo, o Campo de Santana possui uma permanente presença dessa população ao longo de todo o seu horário de funcionamento e um conjunto de relações, comportamentos e práticas, inclusive com outros segmentos e grupos sociais que minimizam a carga própria de estigmatização, quando comparado com outros espaços públicos localizados na área central da cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, é interessante notar que essa população reconhece o Campo de Santana como um espaço público que envolve, por um lado, o descanso, o lazer e a contemplação, e, por outro, um lugar onde a própria permanência é tolerada. Assim, esse parque assume para essa população um caráter legitimo e democrático da dimensão pública, principalmente em relação aos aspectos do lazer e do tempo livre. A partir desses elementos, seguem alguns trechos relacionados aos vínculos dos entrevistados com o Campo de Santana:

Este é o meu trajeto. Eu acordei e tomei um café. Fui na lan-house na Rua da Ajuda até 11:00 e depois comi no garotinho. Depois eu venho pro Campo de Santana. O Campo de Santana é um lugar de descanso. De natureza. Fiquei até as 16:00. Depois tomei um limão e fui pro trabalho. (Júlio, 29 anos).

E no sábado, eu fico o dia todo aqui no Campo de Santana. No domingo também. (Cristiano, 33 anos).

Saio do Garotinho e foi pro Campo de Santana. Ali estava tão bom naquelas árvores, tal, me sentei num banco lá (Fabrício, 62 anos).

Eu acabo de comer e venho aqui para o Campo de Santana. Entre uma hora e duas da tarde. Fico amarrado até umas 16:00 e 16:30. Depois eu saio e vou na COMLURB (Companhia de Limpeza Urbana) beber água. Eu venho pra cá, porque dá pra pensar na vida, ficar mais tranquilo do que ficar andando pelo meio da rua igual um maluco. Aí eu fico pensando na vida, fico conversando com uns cara aí. Distrai a mente." (Jair, 30 anos).

Quando eu não trabalho, eu fico no Campo de Santana o dia inteiro. (Plínio,38 anos).

Quando eu venho almoçar no garotinho, eu venho aqui no Campo de Santana pra conversar com o pessoal aqui. (Pascoal, 22 anos).

Além dos casos anteriores, ainda se destacou com 5% de todos os lugares enunciados (8), as igrejas protestantes como lugares para passar o tempo livre e até mesmo como uma forma de lazer. Cabe apontar que, para a população em situação de rua, frequentar igrejas protestantes, além de ter uma dimensão sagrada, está diretamente relacionado à ideia de esperança de sair da própria situação de marginalidade, mas

também como uma forma de proteção e fuga dos possíveis problemas existentes na rua, como os conflitos corporais e o uso de drogas.

Sempre chega um, qual é mané, vamos dá uma ali, vem. E eu com o meu no bolso. E tu pensado, até quando meu irmão? E pra fugir desta situação, eu tenho corrido pra Igreja, eu vou pro culto, ou de manha, ou de tarde ou de noite. Quando não tem nada pra fazer, eu entro em uma igreja, entro na outra. (Arthur, 32 anos).

O meu lazer é ir na igreja. Eu vou na igreja 4 vezes na semana: na terça, na quinta e no sábado duas vezes. (Pablo, 47 anos)

Estou indo na igreja. Nem tanto pela alimentação, mas pela palavra que alimenta às vezes mais que a própria comida. Tá entendendo? Foram os outros caras de rua que falaram que lá é legal e dão uma comida. Eu cheguei pros caras, eu perguntei, tu sabe um lugar que dá uma comida por aqui? Aí os caras me falaram o local e o horário. Eu fui. Era na igreja. O culto era legal. Pedi perdão. Falei meus pecados. Mesmo meu coração meio fechado, caiu umas lágrimas. Foi legal pra caramba. Se você é um cara que tem fé. O diabo te toca, mas o diabo não te leva. (Luciano, 34 anos).

A casa dos familiares e amigos teve 4% de todos os enunciados. Assim, principalmente aos finais de semana são realizadas visitas como uma forma de romper a própria dinâmica cotidiana das ruas. Esses sujeitos apontam que disfrutam dos elementos relacionados ao conforto, à proteção e outras possibilidade, tais como a limpeza das roupas, a alimentação, assistir televisão, acessar computadores e internet, mas também auxiliam em algumas atividades domésticas como uma forma de justificar a sua presença naquele lugar.

Eu vou pra casa da minha mãe. Todo o final de semana eu ajudo a fazer a casa da minha irmã com o meu cunhado. (Sandro, 25 anos).

Um último lugar, que aparece com 2% das enunciações (3), são as lan-houses. A utilização dos computadores, e do uso da internet por parte desta população, aponta para outras possíveis conexões e escalas em relação às interações sociais, como aquelas relacionadas à utilização das redes sociais como possibilidade de investigações futuras²⁶³. Acerca da utilização das lan-houses:

Quando eu tô com dinheiro eu saio. Fui na Lapa. Fui na sexta, mas era bem tarde. (...) Agora, internet e Computador é Todo dia, de segunda a sexta, eu vou pra *lan-house*. Eu acordo e vou pra lá. Lá na Rua da Ajuda. (60)

Eu vou pra *lan-house*. Eu fico lá só ouvindo música. Pago e fico lá uma meia hora. Escuto Led Zeppelin e Paul MacCartney. Eu tô gostando da Lady Gaga também. (104).

_

²⁶³ Ao longo dos trabalhos de campo, observou-se a presença de celulares entre alguns daqueles que foram abordados durante a pesquisa e suas mobilidades em direção aos lugares com acesso gratuito a internet por meio de redes wi-fi.

Cabe destacar que os aspectos que envolvem o lazer e o tempo livre possuem uma espacialidade complexa, levando em consideração os diferentes lugares acessados e suas configurações específicas que não envolvem somente a área central, mas toda a região metropolitana do Rio do Janeiro.

As atividades se relacionam diretamente com os recursos adquiridos durante a semana, questões meteorológicas, eventos festivos e as próprias obrigatoriedades cotidianas. Nesse sentido, além das próprias práticas e seus respectivos lugares, realizou-se também a frequência de lugares acessados pelos entrevistados.

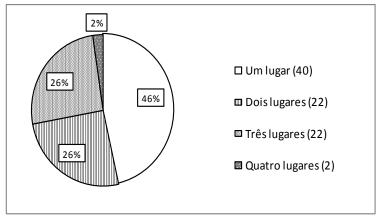


Gráfico 27 – Variação dos lugares de lazer e diversão

Fonte: Igor Robaina (Organização) Entrevistas realizadas com a população em situação de rua na área Central da cidade do Rio de Janeiro entre julho de 2012 e agosto de 2013.

Desse modo, é relevante notar que 54% dentre aqueles que afirmaram ter se divertido ou realizado alguma atividade vinculada ao lazer e ao tempo (46) frequentaram mais de um lugar na escala cotidiana dos últimos sete dias. Nesse sentido, pode-se afirmar que, mesmo diante do alto grau de vulnerabilidade que a população em situação de rua vive, o lazer e o tempo livre se constituem como atividades importantes na organização espacial da vida cotidiana.

Fui pegar uma puta no sábado. Eu peguei duas cracudas. Eu cherei pó e fumei crack no *desirée* ²⁶⁴ (...) No domingo de tarde eu tomei um banho de mar no Aterro. Fiquei lá até escurecer. E depois eu fui pra Cinelândia. (...) Quando eu não trabalho, eu fico no Campo de Santana o dia inteiro. (sociabilidade) Na quarta feira eu fui trabalhar e de noite eu fui pegar uma mulher. eu só gosto de cracuda. Eu me amarro nas cracudinha. Eu paguei pedra. (...) No sábado eu fui pra Lapa. Eu fiz praia e depois eu fui pra Lapa (Plínio, 38 anos).

Eu fui dois dias pra Lapa. Eu fui no sábado e no domingo. Eu fui dar uma zoada com a rapaziada. Eu fui beber e usar uma droga. na quinta-feira, eu fui

²⁶⁴ O *Desirée* se constitui como a combinação uma droga que insere a pedra de *crack* triturada no cigarro de maconha, aumento assim, o poder de entorpecência.

jogar um futebol lá no aterro do flamengo. Eu jogo carta de vez em quando ali na Praça dos Professores. (Davi, 34 anos).

Por fim, cabe destacar as múltiplas espacialidades e trajetórias relacionadas aos projetos, aos programas e as possibilidades de realização com base em dimensões econômicas, físicas, relacionais e até mesmo psicológicas. Assim, o tempo livre e o lazer, ainda que de modo bastante particular, constitui-se como um aspecto importante na vida cotidiana da população em situação de rua. Depreende-se que, mesmo diante das adversidades, existe um forte desejo/necessidade da interação social e lúdica, a partir dos lugares, para a realização de atividades de prazer consigo mesmo e com outros sujeitos nos espaços públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esta pesquisa, não possuíamos nada além de uma hipótese e algumas informações incipientes sobre o fenômeno da população "em situação" de rua na área central na cidade do Rio de Janeiro. Reconhecemos que grandes foram os esforços envolvidos ao longo da pesquisa, pois, durante os vinte meses de trabalhos de campo, inúmeros foram os percursos, permanências, registros de observação, diálogos e, principalmente, as entrevistas realizadas com os próprios sujeitos que revelaram inúmeros aspectos e questões importantes. Por outro lado, temos a sensação que uma vida inteira de investigação sobre o próprio tema neste recorte específico de análise não conseguiria esgotar as questões levantadas como elementos centrais da presente pesquisa, além da suspeição de que novos elementos parecem surgir a todo instante e a beirar o infinito, e, portanto, muitas delas escaparam das nossas apreciações.

De fato, a preocupação central do presente trabalho esteve vinculada à dimensão espacial desta população, mais especificamente, por meio da organização da vida cotidiana. A ideia consistia em buscar algumas lógicas sócio-espaciais nas diferentes atividades e rotinas destes sujeitos, sejam vinculadas a um processo de luta para sair das ruas ou à própria permanência nas mesmas. Diante deste quadro, partimos da hipótese que o espaço teria importância na organização da vida cotidiana desta população e que a mesma não estaria totalmente "perdida", "vagueando" e "perambulando" pelas ruas da cidade. Esta hipótese foi resultado das observações preliminares realizadas muito antes do próprio ingresso no doutorado, e, logicamente, dos apontamentos que revelavam uma diferenciação da localização e distribuição geográfica desta população pelo levantamento oficial da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2008.

Assim, tivemos como desafio analisar e compreender como esta população vivia cotidianamente e como o espaço participava de algum modo na organização de suas vidas. Diante destes questionamentos iniciais foi possível perceber com algumas poucas semanas de realização dos trabalhos de campo na pesquisa, a existência de aspectos espaciais desta população, ainda que não soubéssemos exatamente como.

A tarefa foi árdua e reconheço que fiquei perdido e desorientado diversas vezes na área central da cidade do Rio de Janeiro buscando compreender estas formas de organização espacial. A complexidade destas permanências, mobilidades e ritmos se

constituiu verdadeiramente como um desafio para a pesquisa. Observei atentamente em diferentes momentos, fluxos de chegadas, partidas e permanências em determinados lugares e períodos. Entretanto, estas mesmas dinâmicas não assumiam nem uma mesma regularidade e, portanto, não apresentavam o mesmo ritmo, ao ponto de não sabermos exatamente o que fazer em alguns momentos, quando sequer não deixavam quaisquer marcas nos dias seguintes. Era como se esta população deixasse de existir, o que gerava uma série de outras indagações em relação ao espaço e ao próprio fenômeno. Para onde foram estes sujeitos? O que foram fazer? Por que não permaneceram aqui no dia de hoje? Por que permanecem em diferentes lugares no interior da área central? Estas foram algumas perguntas que guiaram a nossa sensibilidade e curiosidade geográfica junto ao tema e possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa.

Assim, pouco a pouco fui constatando que o espaço era cada vez mais importante, todavia, era preciso elucidar de modo mais preciso e sistemático como se organizavam estas lógicas espaciais na vida cotidiana desta população. As atividades ordinárias do cotidiano serviram como entrada fundamental para a compreensão desta espacialidade, e ainda que as mesmas pudessem ser consideradas heterodoxas como meio de entrada para uma pesquisa geográfica, se tornaram o meio mais acessível de atravessar a fronteira junto a esta população e, portanto, mais coerente para compreender esta particularidade do fenômeno, diante das inúmeras dificuldades atribuídas a este tipo de pesquisa.

De algum modo, as estratégias de pesquisa vinculadas à identificação, mas principalmente, à aproximação foram marcadas por uma série de encontros, desencontros e imprevisibilidades que ao final possibilitaram uma relativa entrada e aceitação de parte desta população, ao ponto que alguns dos mesmos permitiram e contribuíram com os diálogos e as entrevistas. Diante desta configuração busquei reconstruir os últimos sete dias relacionados ao conjunto de suas atividades cotidianas e os respectivos significados espaciais envolvidos. Assim, o processo de sistematização e sobreposição de como estas atividades eram realizadas, seja relacionado às suas estratégias e práticas, seja relacionado aos lugares, garantiram a convergência de uma série de imagens geográficas sobre a espacialidade deste fenômeno tão particular no espaço urbano.

Assim, foi revelado, de modo pontual e específico para a área central da cidade do Rio de Janeiro, como se organizava um conjunto de práticas e estratégias para a satisfação destas necessidades/desejos vinculados a cada uma destas atividades cotidianas e, para a minha surpresa, o espaço se constituía como um elemento central na organização da vida desta população. Dessa maneira, foi possível constatar em todas as atividades, que o aspecto espacial esteve fortemente presente na organização do cotidiano, seja em relação às mobilidades que eram necessárias para se chegar a determinado ponto ou do próprio modo como a atividade era realizada por meio de mobilidade, e dos ritmos que alteravam as duas lógicas anteriores, devido às transformações cíclicas decorrentes do dinamismo da própria cidade.

Diante disso, a pesquisa revelou aspectos precisos das espacialidades da alimentação, do dormir, das práticas laborais e das formas de aquisição de recursos, dos cuidados de si, das relações com a assistência social, mais especificamente, com o *Abrigo de Antares* e das lógicas do lazer e do tempo livre. Assim, foi possível perceber o caráter espacial de cada uma destas atividades que revelam uma Geografia extremamente complexa em relação às configurações que poderiam envolver os lugares e seus respectivos horários, comportamentos, práticas, estratégias e conflitos no espaço urbano.

Deste modo, como resultado das reflexões em torno das espacialidades da população "em situação" de rua, mais especificamente, por meio das mobilidades, permanências e ritmos podem ser apontados de modo mais sistemático, como contribuições teóricas, os cinco seguintes pontos:

O primeiro deles está vinculado à ideia de **inteligência espacial**. Neste sentido, com a "chegada" de cada um destes sujeitos às ruas da cidade, independente do conjunto de fatores que os levaram a tal situação, um elemento em comum para todos eles é a ruptura com um padrão de organização sócio-espacial baseado na casa como uma fundamental referência espacial de apoio e proteção para a organização da vida cotidiana. Assim, para alguns, este lugar deixa totalmente de existir nesta nova forma de organização espacial do cotidiano, enquanto para outros, assume um papel periférico ou secundário, mas independentemente das diferenciações internas, a rua se torna a principal referência e a base onde estes sujeitos necessitarão reorganizar as suas vidas.

Deste modo, é necessário ver as ruas a partir de uma nova perspectiva, assim como uma necessidade indissociável de sensibilidade e racionalidade espacial para reconhecer um conjunto de pontos com base em diferentes fatores, ressignificá-los, transformá-los em lugares e, por conseguinte, agrupá-los dentro de uma lógica espacial de permanências e mobilidades que compõe o cotidiano. Por outro lado, não se pode esquecer que estas lógicas se inserem em um conjunto de possibilidades existentes no espaço urbano, seja na luta para conseguirem sair desta própria situação ou para poderem permanecer nas ruas com as menores dificuldades possíveis.

Como apontamos ao longo deste trabalho, esta inteligência espacial é operada com base em uma série de fatores, como o tempo, distância, risco, custo, acessibilidade, qualidade e a necessidade/desejo da inserção destes lugares, seja em relação às escolhas ou às rupturas dos mesmos no interior das próprias redes produzidas, nunca se esquecendo do caráter relativo, relacional e transitório destas intencionalidades que organiza a própria vida cotidiana.

Esta inteligência espacial também é marcada pelo caráter altamente seletivo, ou seja, de diferenciação e fragmentação produzida por uma dimensão cognitiva do agir no mundo/espaço urbano. De fato, esta população reconhece na complexidade da própria lógica espacial, a necessidade de transformar estes lugares em outras configurações espaciais, como na produção de redes, circuitos e território. Esta inteligência reconhece a impossibilidade de permanecer em um único lugar para a garantia de uma condição mínima da vida cotidiana diante desta configuração de vulnerabilidade no espaço urbano.

Por outro lado, esta inteligência espacial está associada ao fato que estes lugares não estão disponíveis permanentemente e não podem ser acessados ao mesmo tempo e da mesma forma, e, portanto, estes sujeitos necessitam estabelecer um caráter de seletividade e diferenciação sócio-espacial nas suas práticas cotidianas.

Assim, é necessário realizar escolhas com base nas próprias lógicas de permanências, mobilidade e de como esses ritmos se apresentam e são percebidos na cidade para cada um destes sujeitos em relação a estas atividades, sem esquecer que as mesmas devem estar integradas em maior ou menor medida e participam das próprias decisões em conjunto por estes sujeitos.

Estas afirmações talvez tenham ganhado força, principalmente porque muitas vezes escutamos frases condicionais, como por exemplo, "hoje eu comi em tal lugar porque vou trabalhar tal hora", "hoje farei isto porque tenho que ir pra lá depois". Estas configurações relacionais sempre estiveram presentes nos discursos de justificações das próprias formas de organizar as suas vidas e demonstram como a mobilidade espacial desta população é produzida por um raciocínio espacial e se constitui como fundamental na organização cotidiana.

Esta população está a todo tempo acompanhando os ritmos da própria cidade e reconhecendo suas mudanças, para nela poderem agir. Foi possível perceber por meio da enunciação dos próprios sujeitos como determinadas atividades são organizadas e produzem respectivas tendências e padrões com alguma regularidade, ainda que a própria dinâmica urbana apresente um caráter imprevisível e também se insira como mais um elemento integrado às próprias lógicas de ação para as permanências e mobilidades espaciais desta população. Colocando assim, a organização espacial sempre no sentido de novas possibilidades.

Por outro lado, foi possível perceber que fatores de diferentes naturezas, como por exemplo, situações meteorológicas, de saúde ou de recursos pessoais participam destes processos de escolha dos lugares, das próprias mobilidades e dos ritmos espaciais. Definindo assim, composições hierárquicas no espaço urbano.

Portanto, fechamos este primeiro ponto com uma hipótese sobre a própria ideia de inteligência espacial. Esta proposição caminha no sentido que, quanto maior for à inteligência espacial daquele que está em situação de rua, no sentido da capacidade de organizar suas atividades espacialmente, menores seriam as adversidades enfrentadas cotidianamente. De fato, a pesquisa não optou por esta pergunta como centro das indagações geográficas e, portanto, os dados reunidos e analisados são insuficientes para confirmarmos tal proposição, mas ela nos coloca diante de uma nova questão que esperamos respondê-la em alguma medida no futuro.

O segundo ponto está vinculado à **heterogeneidade espacial** desta população. De fato, discussões já tradicionais apontam para questões associadas aos aspectos etários, sexuais, e psiquiátricos, além dos diferentes esforços classificatórios nas propostas de tipificação sobre esta população e seus possíveis diálogos e rebatimentos com as políticas assistenciais.

O presente trabalho, dedicado especificamente em analisar um perfil específico, mas majoritário junto à representação do próprio fenômeno, ou seja, de indivíduos adultos e do sexo masculino, revelou uma grande complexidade e diversidade em relação à dimensão espacial, e, portanto, também se constituiu como um elemento de diferenciação, principalmente calcado nas ideias de permanência, mobilidade e ritmos.

Longe da vontade de estabelecer qualquer tipificação, principalmente, diante da complexidade do próprio fenômeno e do risco do engessamento sobre as formas de compreensão do mesmo foi possível constatar que estas diferenciações estão fortemente demarcadas internamente no próprio fenômeno e produzidas pelos próprios sujeitos que o compõe.

Assim, um dos aspectos deste processo de diferenciação se configura por meio das dimensões morais que estiveram fortemente presentes em relação a cada uma das atividades e suas respectivas práticas, estratégias, comportamentos e atitudes junto aos determinados lugares e a importância dos mesmos na vida cotidiana desta população. Estes aspectos morais que participam destas escolhas e organizações são tão significativos que alguns lugares, ainda que fossem reconhecidos como parte constituinte desta população e representassem uma centralidade fundamental na organização espacial da vida cotidiana, para alguns não se constituíam sequer como uma virtualidade.

Estas moralidades, ou seja, como resultado direto destas práticas e estratégias sócio-espaciais vinculadas a certas atividades cotidianas eram capaz de produzir uma geografia calcada em uma diferenciação interna entre os próprios sujeitos e de mecanismos que buscavam concomitantemente reconhecer, classificar, unir e segregar por meio de rebatimentos espaciais. Assim, estas moralidades e configurações estiveram, em alguns momentos, tão indissociáveis da dimensão espacial, que a própria permanência em determinados lugares estabelecia uma marca social no interior do fenômeno.

Com base nestas diferenciações internas em relação aos lugares de permanência, as práticas, estratégias e comportamentos, também foi possível constatar com base nas mobilidades desta população, a produção de múltiplas formas e padrões de organização espacial. Assim, algumas mobilidades possuíam raios de ação que estavam circunscritos somente na área central, enquanto outras possuíam uma espacialidade que integrava

diferentes setores do município e, até mesmo, da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Neste sentido, uma série de possibilidades se apresenta no quadro sócio-espacial da área central. Como já apontado no ponto anterior, cada um destes sujeitos possui uma escala hierárquica de escolhas em função de suas condições momentâneas e possibilidades, em relação aos recursos disponíveis, tempo, distância, localização ou estado de ânimo. No entanto, cabe ressaltar que alguns lugares, estratégias e práticas espaciais ganham destaque, ainda que suas posições sejam diferenciais para cada um dos sujeitos investigados.

O último aspecto a ser destacado sobre este ponto se relaciona com a diferenciação na ideia de ritmos por esta população. De fato, os diferentes projetos que operam lógicas de permanências e trajetórias de mobilidades fazem com que estes sujeitos percebam as próprias dinâmicas no espaço urbano, mas também operem diante desta configuração. Um exemplo bastante emblemático e que talvez sintetize esta ideia se relaciona aos ritmos estabelecidos por esta população em relação à visitação dos familiares ou amigos. Estes se diferenciam desde um ritmo regular aos finais de semana até intervalos mensais ou em períodos festivos, como o natal, o ano novo, aniversários e feriados. Por outro lado, outras lógicas também participam deste processo, como a da frequência em bailes funk, da praia, do futebol e das atividades sociais.

Neste sentido, apontamos que as dimensões espaciais se constituem como mais um dos aspectos de diferenciação que compõem esta população e que necessitam de maiores reflexões, pois podem revelar inúmeros outros aspectos relevantes, inclusive para outros campos disciplinares do conhecimento que estão mais vinculados tradicionalmente com este tema e podem servir de subsídios para as próprias políticas assistenciais.

O terceiro ponto está relacionado aos diferentes processos de **negociação** estabelecidos por esta população e a dimensão espacial dos mesmos na organização de suas vidas cotidianas. Foi possível constatar, com base na presente pesquisa, que, diferentemente do que se imagina sobre esta população, ela busca estabelecer uma série de articulações em diferentes escalas e acordos que visam algum tipo de benefício.

Assim, estas negociações se desdobram de diferentes formas. Nas relações com outros sujeitos nesta mesma situação, os acordos envolvem desde solidariedades em

relação à alimentação até pactos de proteção em determinados períodos e horários. Entretanto, o elemento mais destacado sobre este aspecto está relacionado com as diferentes negociações com aqueles que não estão em situação de rua. Deste modo, donos e funcionários de estabelecimentos, policiais, camelôs, traficantes de drogas, seguranças e porteiros de prédios são alguns dos atores que possibilitam estas articulações por meio de um mutualismo e que é parte constituinte da organização da própria vida cotidiana desta população.

Outro aspecto que denota a importância desta população é o caráter de sua significativa permanência nos espaços públicos e sua capacidade de captação e compreensão das diferentes dinâmicas que ocorrem no espaço urbano, o que, ao mesmo tempo, se torna um trunfo e um risco, principalmente por sua própria exposição, mas que também se configura como a peça-chave deste processo.

É interessante ressaltar que estas negociações, acordos e tratos também operam de diferentes modos e muitos deles ocorrem de modo subterrâneo, dificultando o mapeamento e a identificação destas estratégias no espaço. Assim, alguns destes acertos envolvem a necessidade de novas lógicas de permanências, mobilidades e ritmos com base nos interesses em comum e que possuem um caráter altamente individual, mas também um caráter que pode variar em relação à frequência, regularidade, imprevisibilidade e efemeridade das próprias relações.

Neste sentido, a própria ideia de exclusão sócio-espacial em seu sentido mais amplo e absoluto deve ser ressignificado, principalmente levando em conta as diferentes escalas de negociação estabelecidas, desde as práticas de banho, dormir, alimentar-se, segurança e lazer. Assim, o que está no centro destas negociações para a população em situação de rua é a possibilidade de acessar, permanecer, circular e controlar determinados lugares e as suas respectivas vantagens para a vida cotidiana.

Por fim, este aspecto revela a própria complexidade do espaço urbano em relação às funções, formas, estruturas, processos, significados e regras de interação social dos diferentes sujeitos e segmentos sociais que participam e produzem as dinâmicas urbanas e a população em situação de rua, demonstrando que esta possui uma significativa importância junto a uma série de aspectos que, em conjunto, produzem o espaço.

O quarto ponto está relacionado com as ideias de **efemeridade e instabilidade** das espacialidades desta população, mais especificamente em relação às lógicas de mobilidade, permanência e ritmos. Um primeiro aspecto vinculado com a efemeridade desta população é o resultado da própria organização espacial das respectivas práticas e estratégias espaciais para a realização das atividades cotidianas.

De fato, este modo de organização apresenta um padrão descentralizado, altamente descontínuo e talvez seja o mais atípico e particular dentre todos aqueles segmentos existentes no espaço urbano. E ainda que não seja exclusivo da população "em situação" de rua, parece ser o mais representativo e intenso na forma de organização espacial da vida cotidiana.

Neste sentido, a própria forma e relação como estes sujeitos realizam suas atividades nos respectivos lugares ganha uma singularidade e visibilidade específica seguindo alguns padrões e ritmos que não se apresentam permanentemente do mesmo modo e nos mesmos lugares nos espaços públicos, ainda que cognitivamente esta população construa esta organização de modo integrado, coerente e coeso cotidianamente.

Assim, o registro destas Geografias efêmeras e a busca utópica pela totalidade de sua organização espacial são desafios devido ao seu caráter fragmentado, instável, mas articulado com outros espaços e segmentos. Trata-se de uma ordem espacial que se ativa de modo seletivo e diferenciado em relação aos próprios lugares da vida cotidiana e, portanto, torna-se de difícil identificar cada uma dessas marcas, como pegadas em um deserto.

Neste sentido, em determinados momentos, é possível descrever e compreender com clareza concentrações, fluxos e significados desta população em determinados lugares ou as relações entre eles, como, por exemplo, nas práticas de dormir no período noturno. Entretanto, em outros momentos, estas mesmas atividades são realizadas de modo tão fugidio que, passadas algumas horas, já não se podem perceber marcas que indiquem a sua realização.

Entretanto, esta lógica de ocupar diferentes lugares em diferentes períodos e com o objetivo de satisfazer determinados desejos/necessidades se constitui quase como um imperativo para esta população. Este padrão de ocupação revela as possibilidades que se delineiam a partir das adversidades existentes, mas também dos riscos e interdições para reproduzir determinadas práticas no espaço urbano.

A ideia de **instabilidade** espacial desta população em relação às lógicas de mobilidades, permanências e ritmos evoca um sentimento de insegurança que está permanentemente presente no cotidiano desta população. De fato, um mesmo lugar de permanência pode ser reproduzido por anos e se tornar uma importante referência espacial e até mesmo identitária desta população em determinado recorte ou setor da cidade. Entretanto, algumas configurações no espaço urbano podem alterar esta lógica e impossibilitar a continuidade destas permanências, e, por conseguinte, das mobilidades e dos ritmos desta população, como ocorreu de modo significativo, com o espaço em torno da Candelária, lugar da mais emblemática chacina contra esta população na cidade do Rio de Janeiro que alterou as lógicas espaciais de toda esta população.

Entretanto, a instabilidade também pode resultar de intervenções urbanas que alteram a morfologia, os usos e significados; de ações de controle urbano, na proibição ou reorientação de ações assistenciais em determinados lugares; de conflitos com proprietários de estabelecimentos e associações de moradores, ou até mesmo da abertura ou fechamento de um novo estabelecimento comercial, ONG ou Igreja.

Assim, esta população reconhece a fragilidade e a instabilidade dos seus lugares de permanência como meios de proteção duradouros. Uma vez que esta população não possui maiores expectativas de que estes lugares funcionem como base suficiente de sustentação, torna-se necessário estabelecer um conjunto potencial de pontos secundários e alternativos no interior da rede de lugares possíveis.

Por fim, destacamos, como último ponto, o caráter da **resiliência** desta população. De fato, ela enfrenta uma série de adversidades cotidianas que comprometem, inclusive, a própria existência e continuidade material e simbólica de cada um destes sujeitos. Entretanto, esta população possui um impressionante caráter criativo, adaptativo e desafiador da "ordem urbana" e, por meio de experiências anteriores, mas também produzidas permanentemente na própria dinâmica que envolve o cotidiano, visualizam novas possibilidades e produzem novos lugares para a satisfação dos desejos/necessidades que orientam a vida cotidiana. Um ponto desfeito impacta diretamente na realização destas atividades, o que faz com que estes sujeitos busquem

imediatamente reorganizar suas redes, por meio da inserção de um novo lugar ou de lugares que antes ocupavam uma posição secundária no espaço.

Deste modo, o conjunto de adversidades, que parecem ser incontornáveis e permanentemente imprevisíveis na vida cotidiana desta população, se torna central para a compreensão do próprio fenômeno e seu caráter resiliente, ou seja, no sentido de inverter ou, pelo menos, minimizar a "má sorte". A própria forma de perceber, conceber e agir no mundo está orientada no sentido de compor o espaço como uma possibilidade para reestabelecer permanentemente um equilíbrio, ainda que o mesmo continue a ser vulnerável e precário e, mais do que isto, recompô-lo rapidamente devido à urgência que caracteriza a vida cotidiana.

Por fim, acreditamos que os elementos analisados ao longo desta pesquisa nos permitem concluir que a vida cotidiana desta população no espaço urbano denota uma ordem espacial, rompendo com qualquer ideia de aleatoriedade e perambulação. Para estes sujeitos, saber por onde passar, quando passar, onde permanecer, reconhecer posições, limites e fronteiras deles próprios e de outros segmentos e grupos que compõem as próprias dinâmicas da cidade, é uma prova clara deste processo altamente complexo que passa obrigatoriamente pela dimensão espacial da sociedade.

Sobre a vida cotidiana e sua importância para a análise do mundo social, nos parece claro que a mesma, quando é tratada a partir das categoriais que emergem dos próprios sujeitos, ganha outro estatuto e revela aspectos invisibilizados ou desconhecidos como aqueles que foram analisados na presente pesquisa.

A espacialidade humana, como elemento central de nossas preocupações geográficas, é mais que somente uma palavra ou expressão "jogada ao vento". Trata-se de um elemento que reforça o caráter humano de dar sentido à vida, não somente no plano cognitivo, mas também no campo prático que envolve a organização do cotidiano em suas diferentes esferas que compõem o mundo.

Deste modo, a população "em situação" de rua, por meio de suas mobilidades, permanências e ritmos, em meio às suas adversidades e incertezas, se configura como um exemplo emblemático de como a luta pela vida e pelo espaço se organiza e ganha contornos distintos que beiram o inacreditável, mas que coexistem e passam despercebidos em cada rua, esquina, embaixo de cada marquise, cotidianamente ao nosso lado.

9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, I. No safe place to go: LGBTQ Youth Homelessness in Canada: Reviewing the Literature. Canadian Journal of Family and Youth, 4(1), pp 29-51. 2012.

ABREU, M, A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação - contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. RBG56 (1/4): 112-122, jan-dez, 1994.

ADORNO, R. Atenção à saúde, direitos e o diagnóstico como ameaça: políticas públicas e as populações em situação de rua. Etnográfica, v.15, n.3. Lisboa. Junho, 2011.

ALLPORT, G. La naturaliza del prejuicio. Editorial Universitaria de Buenos Aires: Buenos Aires, 1971.

ALVIM, R. Meninos de rua e criminalidade: usos e abusos de uma categoria. In: ALVIM, R. Candelária 93: um caso limite de violência social. NEPI/LPS/IFCS/UFRJ, 1993.

AMORIM, C. Comando Vermelho. A história secreta do crime organizado. Rio de Janeiro: Record. 1993.

ANDERSON, N. On Hobos and Homelessness. Chicago, University of Chicago Press, 1998.

ANTUNES, R. Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho. 6ª edição. Ed. Boitempo, São Paulo, 2002.

ASSEMBLEIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Relatório De Visita Aos Abrigos Da Secretaria Municipal De Assistência Social Do Rio De Janeiro.** 2012. Disponível em: http://www.cressrj.org.br/download/arquivos/abrigos-final-5.pdf

ASSIS, M. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Edições 70. Lisboa. 1994.

BARTOLY, F. Da lapa boêmia à lapa reificada como lugar do espetáculo: uma análise de dois períodos da história da produção do lugar na cidade do rio de janeiro. Revista Geográfica de América Central. Volume 2, no 47E. 2011.

BACHELARD, G. A poética do espaço. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BACHILLER, S. Significados del espacio público y exclusión de las personas sin hogar como un proceso de movilidad forzada. Reis (Revista Española de Investigaciones Sociológicas), No. 128, pp. 125-137 (Octubre-Diciembre) 2009.

BAUMAN, Z.	Confiança	e medo na	cidade . Ri	o de .	Janeiro: .	Jorge	Zahar,	2009.

_____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2005.

_____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Editora Zahar: Rio de Janeiro. 2003.

BECK, F; LEGLEYE, S; SPILKA, S. L'alcoolisation des personnes sans domicile: remise en cause d'un stéréotype. Économie et Statistique, numéro spécial sur les sans-domicile, présentation de l'enquête. SD2001, n°391-392, p. 131-149, 2006.

BECKER, H. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEIER, A y OCOBOCK, P (Orgs.). Cast out: vagrancy and homelessness in global and historical perspective. Atenas, Ohio: Ohio University Press. 2008. 396p

BENTO, A.; BARRETO, E. **Sem-Amor, Sem-Abrigo**. Lisboa: Climepsi Editores. 2002.

BERGER, P, LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 24ª ed. Petrópolis, Vozes, 2003.

BERHO, M. Esbozo para una etnografía del vagabundo. CUHSO, 4 (1): 38-43. 1998.

BOBBIO, N. A era dos direitos. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOSCH, J. **Homelessness among Migrants in Spain**. European Journal of Homelessness. Volume 4, p.139-154, 2010.

BOTTI, N; CASTRO, C; SILVA, A; SILVA, M. OLIVEIRA, L; CASTRO, A; FONSECA, L. Avaliação da ocorrência de transtornos mentais comuns entre a população de rua de Belo Horizonte. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 33, 2010.

BOURDIEU, P. Capital Simbólico e Classes Sociais. Novos Estudos, 96. Julho. 2013.

_____. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo Eduso; Porto Alegre, Zouk, 2007.

Ra	zões práticas	: sobre a t	teoria da	ı ação. (Campinas:	Papirus,	1996.

The social space and the genesis of groups. Theory and society. Vol 14, no6 (nov., 1985) pp.723-744

BRASIL. **Texto de Orientação para reordenamento do Serviço de Acolhimento para População Adulta e Famílias em Situação de Rua**. Disponível em: http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/mural/arquivos/texto-de-orientacao-eordenamento-pop-rua-08-05-2012.pdf.

BRASIL. **Política Nacional Para Inclusão Social Da População Em Situação De Rua Brasília**: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. MDS. 2008; Disponível em: http://www.mds.gov.br/institucional/secretarias/ secretariade-avaliacao-e-gestao-da-informacao-sagi/pesquisas>. Acesso em: 01/12/2011.

BRASIL. Caderno de Orientações técnicas sobre o Centro de Referência Especializado para a população em Situação de Rua (Centro Pop) e sobre o Serviço Especializado para pessoas em Situação de Rua. Ministério do Desenvolvimento Social. Brasília, DF, Setembro de 2011.

BRASIL.. Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - CENTRO POP. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social Brasília. Vol 2. 2011. 52p.

BRASIL.. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social Brasília, 2009.

BRASIL. **Pesquisa Nacional Sobre População em Situação de Rua**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. Brasília, DF. Abril de 2008.

BRASIL. 1º Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira. Secretaria Nacional Antidrogas. 2007.

BRASIL.. Norma Operacional Básica/ Sistema Único de Assistência Social (NOB/SUAS). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social Brasília, 2005

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social - PNAS/2004.** Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: 2004.

BRASIL. **Decreto n° 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências .http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acessado em: 12/12/2013.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1998.

BROWN, R. Prejudice: Its social psychology	Oxford.	Wiley-Blackwell,	2010
Group Processes , Londres. Blackwell	. 1988.		

BUNGE, W. Theoretical geography. Lund, Gleerup. 1962.

BURSZTYN, M. **Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua**. In Bursztyn, M. (org.) No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Editora Garamond. 2003.

BUTTIMER, A. **Grasping the Dynamism of Lifeworld**, Annals of the Association of American Geographers, 66: 277-92. 1976.

BÜSCHER, M e URRY, J. **Mobile Methods and the Empirical**. European Journal of Social Theory. 12(1): 99–116. 2009.

CABRERA, P. Huéspedes del Aire. Sociología de las personas sin hogar en Madrid. Madrid: Universidad Pontificia Comillas. 1998.

_____. Conflict, Homelessness and the Use of Public Space in Spain. FEANTSA - European Observatory on Homelessness - Thematic Report. 2006.

CABRERA, P e MALGESINI, G. Inmigrantes y Sinhogarismo. Informe Nacional 2002. Disponível 2001–2002. FEANTSA. em www.feantsa.es/IMG/pdf/FEANTSA_2002_Informe_espanol_Migraciones.pdf CABRERA, P. MARTÍN, M e VELASCO, E. Las personas sin hogar en la comunidad de madrid: hacia la visibilidad de la exclusión social extrema más allá de las fronteras de las grandes metrópolis. Universitas. Revista de Filosofía, Derecho y Política, nº 6, julio 2007. CAMPOS, A. Do Quilombo à Favela: a produção do "espaço criminalizado no Rio de Janeiro". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. CANO, I. Seis por meia dúzia? um estudo exploratório do fenômeno das chamadas milícias no Rio de Janeiro. In: Justiça Global (Org.). Segurança, Tráfico e Milícias no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2008. CAPEL, H. Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción a la geografía. Barcelona: Barcanova, 1981. CARNEIRO JUNIOR, N. et al. Serviços de saúde e população de rua: contribuição para um debate. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 47-62, ago./dez.1998. CASTEL, R. Los desafíos de las mutaciones sociales, políticas y económicas del siglo XXI. Temas y Debates. Revista Universitaria de Ciencias Sociales, Año 11, Nº 13, Facultad de Ciencia Política y RR.II., Universidad Nacional de Rosário. 2007. _. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes.1998. ___. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à "desfiliação". Cadernos CRH, nº 26 e 27, pp. 19-40, 1997. .De la exclusión como estado a la vulnerabilidad como proceso. Archipiélagos: Cuadernos de crítica de la cultura 21:27-36. 1995. CASTLES, S., Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: Dos trabalhadores convidados às migrações globais. Lisboa: Fim de Século, 2005. CASTRO. J. Geopolítica da Fome. 3.ed Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954. . Geografia da Fome. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1967. CASTRO, I e TEIXEIRA, A. Imagens públicas da desordem no Rio de janeiro: Uma nova ordem ou o "ridículo de pascal"? In: Cidades. Vol 5, n°7, 2008. CEFAÏ, D. Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua em Paris. Lua Nova, São Paulo, 79: 71-110, 2010. CLAVAL, Paul. Evolución de la geografía humana. Barcelona: Oikos-Tau, 1974. _____. A geografia cultural. Florianópolis: UFSC, 1999.

CONSELHO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 19º plano pastoral do

_____. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora. UFSC, 2011

secretariado geral. São Paulo: Paulinas, 2008..

- CONSTANCIO DE CASTRO, A. La Geografía en la vida cotidiana: de los mapas cognitivos al prejuicio regional. Barcelona: Edicioces del Serbal, 1997.
- COOPER, B. Shadow People: the reality of homeless in the 90's. Sydney City Mission: Sydney, 1995.
- CORDERO DEL CASTIHO, P. Los "Sin Techo" En España. Humanismo y Trabajo Social, volumen 006. Universidad de León. España. 2007.
- CORDESCHI, I. A Exclusão Social e o Espaço Urbano: um estudo da ocorrência de moradores de rua em União dos Palmares AL. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia) Universidade Estadual de Alagoas. 2010.
- CORREA, R. **Reflexões sobre Paradigmas, Geografia e Contemporaneidade**. Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 59-65, out. 2011.
- _____. **Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais**. Cidades, v.4, n.6, 2007, p.62-72
- _____. **Espaço: um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, I, GOMES, P, CORRÊA, R (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Bertrand: Rio de Janeiro, 1995.
- _____. Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3,p. 115-122, jul/set, 1992.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismos nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, p.92-123, 1998.
- COSTA, D. Morte e vida nas ruas de São Paulo a biopolítica vista do centro. Monografia apresentada ao departamento de Geografia da Universidade de São Paulo USP. 2009.
- COUTO, B, R. O direito social e a assistência social na sociedade brasileira: uma equação possível? 3ª Ed São Paulo: Cortez, 2008.
- CRANG, M. Rhythms of the city: temporalised space and motion. in: TimeSpace: geographies of temporality / [edited by] Jon May and Nigel Thrift. Routledge: London, 2001.
- CRESSWELL T. **Towards a politics of mobility**. In: African Cities Reader II: Mobilities and Fixtures. ed. / EdgarPietrese, p.159-171, 2011.
- _____. On the move: mobility in the modern western world. Nova Iorque: Routledge, 2006.
- _____. **Night discourse: producing/consuming on the street**. In FYFE, N. Images of the steet: planning, identity and control in public space. London an New York, 1998.
- DA COSTA, J; MELARA, E; DORNELES, P; HEIDRICH, A. Território e qualidade de vida: complexidades sócio-espacial do morador de rua em Porto Alegre, RS, Brasil. Hologramática Facultad De Ciencias Sociales, Buenos Aires, Año IV, número 7, V1, 2007.
- DA MATTA, R. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997.

DALY, G. Homelessness and the street: observations from Britain, Canada and the United States. In: FYFE, N. (org.). Images of the street: planning, identity and control in public space. London and New York: Routledge. 1998.

_____. Migrants and gate keepers: the links between immigration and homelessness in Western Europe. Cities, Vol. 13, No. 1. p.11-23, 1996.

DANTAS, M. Construção de Políticas Públicas para População em Situação de Rua no Município do Rio de Janeiro: Limites, Avanços e Desafios. Dissertação de mestrado em Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2007.

DE CERTEUAU, M. La invención del cotidiano 2: Habitar, cocinar. Cidade do México: Universidade Iberoamericana, 1999.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3ª edição, Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

DEAR, J, TAYLOR, M. Not on Our Street: Community Attitudes to Mental Health Care. London: Pion; New York. 1982.

DE LISI, M 2000. Who is more dangerous? Comparing the criminality of adult homeless and domiciled jail inmates: a research note. International journal of offender therapy and comparative criminology. vol 44(1): 59–69.

DE VERTEUIL, G, MAY, J e MAHS, J. Complexity not collapse: recasting the geographies of homelessness in a 'punitive' age. Progress in Human Geography. No 33, 2009.

DELGADO RUIZ, M. **Etnografia del espacio público**. Revista Experimental de Antropologia, nº2, Universidad de Jaen, 2002.

DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DI FLORA. M. Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados? Petrópolis: Editora Vozes. 1985

DOHERTY, J. *et al.* **Homelessness and Exclusion: Regulating public space in European Cities.** Surveillance & Society, 5(3): 290-314. 2008.

DOYAL, L e GOUGH, I. A Theory of Human Need, London: MacMillan. 1991.

DOUGLAS, M. Purity and danger, an analysis of concepts of pollution and taboo. London: Routledge, 1966.

DUMAZIDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

DUPAS, G. **Tensões contemporâneas entre público e privado**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 124, p. 33-42, jan./abr. 2005.

DURKHEIM, É. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ECHENBERG, H; JENSEN, H. **Risk factors for homelessness**. Library of parliament – Social affairs division. Otawa, 2012.

ELIAS, N; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global, 1986.

ESCOREL, S. **Vivendo de teimosos: Moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro**. In: BURSZTIN, M (ORG). Nômades, Excluídos e viradores: no meio da rua. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

_____. Vidas Ao léu: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 1999.

EZAWA, A. Japan's New Homeless. Journal of Social Distress and Homeless. Vol 11, No. 4. 2002.

FABRE, M. De transeuntes, vagabundos y mendigos: um estúdio sociológico de la indigência em Zaragoza em el trânsito del siglo. Tesis de la Universidad de Zaragoza. 115, 2013.

FEANTSA. Strategies to combat homelessness in Western and Eastern Europe: Trends and traditions in statistics and public policy. Nairobi, Prepared for UNCHS (Habitat). 1999.

FEANTSA. ETHOS - European Typology of Homelessness and Housing Exclusion, Bruselas, Federación Europea de Organizaciones Estatales que Trabajan con las Personas sin Hogar. 2007. Acessado em 13 de janeiro de 2011. Disponível em: [">http:/

FELIPPE, M. Casa: uma poética da terceira pele. Psicologia & Sociedade; 22 (2) p.299-308, 2010.

FELIX, A. **Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna**. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFRJ/PPGG, 2014.

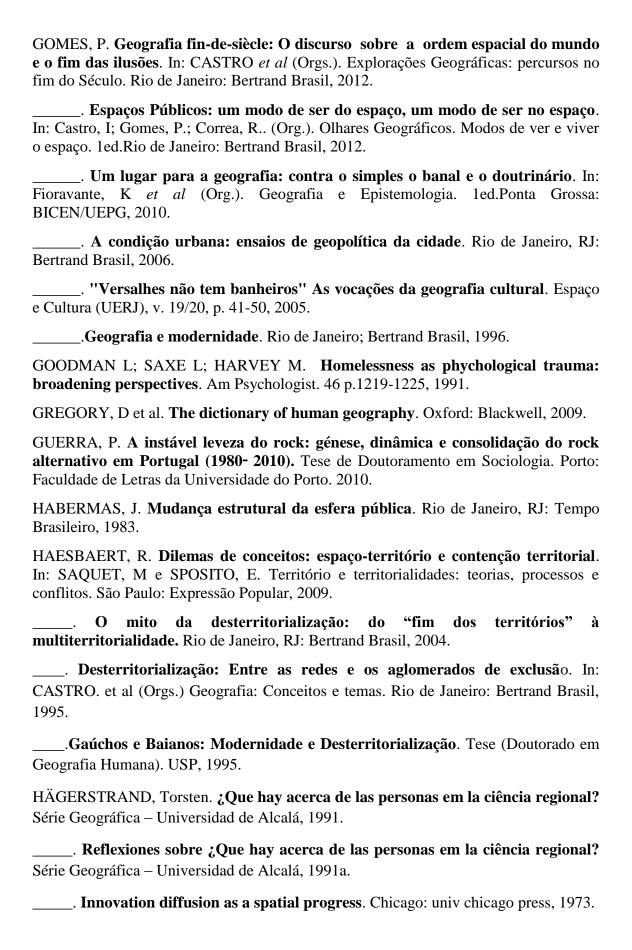
FERNANDES, L. O sítio das drogas. Lisboa: Editorial Notícias. 1998.

FORRESTER, V. O Horror econômico. São Paulo, SP: Edusp, 1997.

FOUCAULT, M., O Governo de si e dos outros: Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo. Editora Martins Fontes, 2010.

	. Segurança, Território, População: Cursos dado no collège de France
(1977-1	978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
	. Los Anormales. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
2006.	. Ética, sexualidade, política. 2ª edição. Rio de Janeiro: forense universitária,
	. Em defesa da sociedade . São Paulo: Martins fontes, 2005.
	. La ética del cuidado de sí como práctica de la libertad. Nombres, Revista de la 10, 5, Córdoba. 2000.
1985.	. História da sexualidade. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro:Edições Graal,

Vigilar y castigar. México. 1979.
FRANCISCO, W. Migrantes em situação de rua: o caso do Setor Campinas em Goiânia-GO . Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual de Goiás. 2008.
FRANGELLA, S. Corpos urbanos errantes: Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.
Moradores de rua na cidade de São Paulo: vulnerabilidade e resistência corporal ante as intervenções urbana. Cadernos Metrópole, São Paulo, N. 13, p.199-228, 1° sem. 2005.
FREHSE, F. Erving Goffman, sociólogo do espaço . Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 23, n. 68, Oct. 2008 .
FREIRE, J. Sociologia da moral, ação coletiva e espaço público . In: WERNECK, A, OLIVEIRA, L (Orgs.) Pensando bem: estudos de sociologia e antropologia da moral. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2014.
FREIRE, P. Criando método de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, C (Org.) <i>Pesquisa Participante</i> . São Paulo: Brasiliense, 2001.
FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS (FIPE).SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (SAS), Estimativa do Número de Pessoas em Situação de Rua da Cidade de São Paulo em 2003 . SAS, 2003.
FURINI, L. Modernidade, Vulnerabilidade e População de Rua em Presidente Prudente (SP) . Dissertação (mestrado) Depto. de Geografia Unesp — Presidente Prudente. 2003.
GARFINKEL, H. 2006. Estudios en Etnometodología . Anthropos, México: UNAM. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
GEREMEK, B. La piedad y la horca: historia de la miseria y de la caridad en Europa. Madrid:Alianza, 1989.
GIL, M. As territorialidades de crianças e adolescente nas ruas do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Geografia do Instituto de Geociência da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.
GIORGETTI, C. Moradores de rua: uma questão social? São Paulo: FAPESP; EDUC, 2006.
GOFFMAN, E. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise . Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis:Ed. Vozes. 2011
Internados: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
A Representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
Estigma: notas Sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.



HANNAM, K, SHELLER, M. e URRY, J. Editorial: **mobilities, immobilities and moorings**, Mobilities, 1(1), pp. 1–22, 2006.

HANSON, S. Perspectives on the geographic stability and mobility of people in cities. The Proceedings of the National Academy of Sciences 102, 15301-15306. 2005

HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____.Space as a keyword. In: Castree, N. e Gregory, D. (org.) David Harvey: a critical reader. Malden e Oxford: Blackwell. 2006

_____. D. **O espaço como palavra-chave**. Revista GEOgraphia. Rio de Janeiro: UFF, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2012.

HARTSHORNE, R. Questões Sobre a Natureza da Geografia. Rio de Janeiro. Instituto Pan-americano de Geografia e História, 1969.

HECKERT, U e SILVA, J. **Psicoses esquizofrênicas entre a população de rua**. Rev. Psiq. Clín. 29 (1): 14-19, 2002.

HELLER, Á **Sociología de la vida cotidiano**. Barcelona: Península. 1991.

_____. **Historia y vida cotidiana: aportación a la sociologia socialista**. Ediciones Grijalbo: Barcelona – Mexico , D.F. 1972

HERTZBERT, E. The homeless in the United States: conditions, tipology and interventons. Internatrional social Work. no 35, p.148-161, 1998.

HETTNER, A. **A geografia como ciência corológica da superfície terrestre**. Revista GEOgraphia: PPGEO/UFF, Niterói, vol. 13, n. 25, p. 136-152, 2011.

HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

JESSICA, L (et al) the chameleon effect as social glue: evidence for the evolutionary significance of nonconscious mimicry. Journal of Nonverbal Behavior 27(3), 2003.

JOHNSEN, S; MAY, J e CLOKE, P. Imag(in)ing homeless places: using auto-photography to (re)examine the geographies of homelessness. Area, Vol. 40, No. 2. p. 194-207. 2008.

JORDAN, T. La Psicología de La Territorialidad en los Conflictos. Psicología Política, Valencia, Nº 13, 29-62. 1996.

JUSTO, M. "Exculhidos": ex-moradores de rua como camponeses num assentamento do MST. Tese (Doutorado) — Depto. de Geografia, FFLCH/USP, São Paulo. 2005.

KAKITA, Y. Homeless People in Japan: Characteristics, Processes and Policy Responses. The Annuals of Sociological Association, Osaka City University, N°.5, 2004.

KASPER, C. **Habitar a Rua**. Tese de doutorado em Ciências Sociais - Unicamp, Campinas. 2006.

KAUFMANN, V. **Re-Thinking Mobility**. Contemporary Sociology. Aldershot:Ashgate. 2002.

- KONRAD, A. **Territorialização dos Moradores de Rua da Cidade de Rondonópolis MT**. Monografia apresentada ao departamento de geografia Universidade Federal de Mato Grosso. 2008.
- KUHN, R; CULHANE, D. Applying cluster analysis to test a tipology of homelessness by pattern of shelter utilization: results from the analysis of administrative data. American Jourbal of community psychology. 26(2). p.207-232, 1998.
- KUNSCH, G. **A rampa antimendigo e a noção de site-specificity**. Caderno CEAS, n°231 (Julho/setembro) 2008. Acessado em 22 de novembro de 2012. Disponível em: http://www.ceas.com.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/121.
- LE GOFF, J. Lo Maravilloso Y Lo Cotidiano En El Occidente Medieval. Editorial Gedisa. Barcelona, tercera edición, 1996.
- LEE R and SMITH, D. Introduction: Geographies of morality and moralities of geography. In R Lee and D M Smith (eds) Geographies and Moralities(pp.1-15). Oxford: Blackwell, p. 1-15. 2004.
- LEFEBVRE, H. Élements de rythmanalyse introduction à la connoaissance des rythmes. Paris: Éditions Syllepse, 1992.

La production de l'espace. Paris: Anthropos, 1974.	
Critique de la vie quotidienne III: De la modernité au modernisme (Poune métaphilosophie du quotidien, Paris: L'Arche. 1981.)UI
la vida cotidiana en el mundo moderno. Madrid: Alianza Editorial, 1980.	
, Critique de la vie quotidienne. Vol.II : fondements d'une sociologie de quotidinneté, Paris. L'arche, 1961.	: la
Critique of everyday life. Volume I. Londres- Nova Iorque: Verso. 1991.	
Crtitique de l avie quotidienne. Bernard Grasset, paris, 1947.	

- LEITE, L. A razão dos Invencíveis. Meninos de rua: o rompimento da ordem (1554/1994). Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 1998.
- LEVANTAMENTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, Cadernos de Assistência Social. Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2008
- LÉVY, J. **Actores, objetos, entornos: investar el espacio para ler el mundo**. In: Giros de geografia humana: desafios y horizontes. LINDÓN, A. HIERNAUX, D. Barcelona, Anthropos. 2010.
- _____. **Os novos espaços da mobilidade**. Geographia, Niterói, ano III, n.6, p.07-20, jul./dez. 2001.
- LINDÓN, A. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia um renovado betweenness. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n. 33, pp. 698-723, Dezembro de 2012.

La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento. Revista Latinoamericana de estudios sobre Cuerpos, emociones y sociedad. N1. Vol. 1, 2009.
Los imaginarios urbanos y el constructivismo geográfico: los hologramas espaciales, EURE vol. XXXIII, nº 99, Santiago de Chile, 2007.
La espacialidad de la vida cotidiana: hologramas sócio-territoriales de la cotidianidad urbana. In: Nogué, J, Romero, J. (Orgs.) Las Geografías. Valencia: Tirant lo blanch, 2006.
<u>Las huellas de Lefebvre sobre la vida cotidiana</u> , Veredas. Revista del Pensamiento Sociológico, núm. 8, Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, pp. 39-60. 2004.
La Vida Cotidiana y su espacio-temporalidad . Anthropos Editorial: México.
LIMA, T. Moradores de Rua-Imigração e Cidadania: um estudo de caso na cidade de Santos. Trabalho de Conclusão apresentado a Universidade Católica de Santos. 2004
LIPOVETSKY, G. Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
LYNCH, K. A imagem da cidade. Edições 70: Lisboa, 1986.
LOSA, M. El estúdio delas personas sin hogar em geografia. Um estado de la cuestión. Documents d'anàlísi geográfica. Volume 56/3, p.583-605. 2010.
LOUGON, M. Desinstitucionalização da assistência psiquiátrica: uma perspectiva crítica . In: Physis – revista de saúde coletiva. Vol 3, número 2, 1993.
LUCCHINNI, R. A criança em situação de rua: uma situação complexa . In: RIZINNI, Irene (coord). Vidas nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis? São Paulo: Loyola, 2003, p.45-84.
LUCENA, W. Território de exclusão: a distribuição espacial da população de rua do Centro de Patos/PB . Monografia apresentada ao departamento de geografia da FIP - Faculdades Integradas de Patos. 2011.
MAGNANI, J. Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole . In: MAGNANI, J & TORRES, L (Orgs.). Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.
MALTA, N. A territorialização do movimento nacional da população em situação de rua na cidade de São Paulo. Monografia apresentada ao departamento de geografia Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2011.
MARX, K. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. Manuscritos Econômicos- filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo, Abril Cultural, Coleção "Os Pensadores". 1974.

_____.O Capital: crítica da economia política. São Paulo, Nova Cultural. 1988.

MARTINS, M. A caminho da rua: o encontro com as redes de assistência e a formação dos laços a sociais entre o moradores de rua em Belo Horizonte. Tese (Doutorado) — Depto. de Geografia, FFLCH/USP, São Paulo. 2001.

MARULANDA, W. Camuflaje: la imagen que seduce. Revista KEPES, año 2 No. 1, pp.47-55, 2005.

MATTOS, R e RIBEIRO, M. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, RJ v.59, n°1, Jan-Jun. 2005.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, A (Org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.

MAY, J; JOHNSEN, S; CLOKE, P. 'Alternative cartographies of homelessness: rendering visible British women's experiences of 'visible' homelessness', Gender, Place and Culture 14 (2) 121–40. 2007.

_____. 'Re-phasing neo-liberalism: New Labour and Britain's crisis of street homelessness', Antipode 37 (4): 703–30. 2005.

MAYOCK, P; SHERIDAN, S. Migrant Women and Homelessness: Key Findings from a Biographical Study of Homeless Women in Ireland. Dublin: School of Social Work and Social Policy and Children's Research Centre, Trinity College Dublin. 2012.

MELONI, J; LARANJEIRA, R. **Custo social e de saúde do consumo de álcool** . Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.26, suppl.1 São Paulo, 2004. 26

MENDONÇA, A. População em estado de rua e as estratégias de sobrevivência na área central da cidade de Niterói-RJ. Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — Campus São Gonçalo. 2009.

MILLER, A. **Historical and contemporary perspectives on stereotyping**. In: MILLER, A, G (Org.) In the eye if the beholder: contemporary issues in stereotyping. Praeger, New York. 1982

MINAYO, M. **O** desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª Ed. São Paulo: Hucitec,2008.

_____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro. 1992.

MINAYO, M, C; SANCHES, O 1993. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Caderno de Saúde Pública 9(3):239-262.

MIRANDA, N. Espaços públicos de Salvador: uso e apropriação pelos moradores de rua uma análise do espaço concebido, vivido e percebido. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia. 2006.

MITCHELL, D. The Right to the City: Social Justice and the Fight for Public Space. New York: The Guildford Press. 2003.

The annihilation of space by law: the roots and implications of anti-Homeless laws in the united states. Antipode. no 29, p.303-334.1997. MOLLAT, M. Os pobres na Idade Média. Rio de Janeiro: Campus, 1989. MONTEIRO, M. Pobreza extrema no espaço urbano: o caso dos moradores de rua de Fortaleza, CE. Dissertação (Mestrado) Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE. 2012 MORIN, Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand. 2002. . Introdução ao Pensamento Complexo. Tradução de Dulce Matos. 5ª Edição. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. NATIONAL COALITION FOR THE HOMELESS. **Mental Illness** and Homelessness. NCH Fact Sheet #5. 2006. Retrieved from: http://www.nationalhomeless.org/publications/facts/Mental Illness.pdf NEVES, D. Mendigo: o trabalhador que não deu certo. Revista Ciência Hoje Vol. 04, Rio de Janeiro, SBPC, 1983, p. 15-27. . A trajetória da população de rua e suas estratégias de sobrevivência. In: I Seminário de População de Rua, 1995, São Paulo. População de Rua Brasil e Canadá. São Paulo: HUCITEC, 1995, p. 61-70. . A miséria em espetáculo. Serviço Social e Sociedade nº 47. AnoXVI, abril de 1995. São Paulo, Editora Cortez, p. 79-88. _. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. Caderno CRH, Salvador, BA, n°31, Jan/Dez., 1999. _.Habitantes de rua e vicissitudes do trabalho livre. In. Antropolítica. Niterói. n. 29, 2° sem. p. 99-130. 2010a.

OLIVEIRA, M. Redes-território de autonomia compartilha e sonhos possíveis: por uma educação e uma Geografia da indignação, resistência-ousadia e anunciações no cotidiano político-pedagógico de espaços públicos. XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre. 2010

(Mendigos, vagabundos, população em situação de rua). n. 29, p. 9-35, 2° sem.

2010b.

_. Categorizações Deformantes: patrimônio de gestão dos pobres

OLUFEMI, O. Street homelessness in Johannesburg inner-city: A preliminary survey. Environment and Urbanisation, 10 (2), 223–234. 1998.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UUNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948.

O'SULLIVAN, E. **Criminalizing People who are Homeless?** Homeless in Europe, Brussels: FEANTSA, Summer. 2007.

PAIN, R. Place, social relations and the fear of crime: a review. Progress in Human Geography. 24. pp.365-387. 2000.

- PAIN, R; FRANCIS, P. Living with crime: spaces of risk for homeless young people. Children's Geographies 2, 1, 95-110. 2000.
- PARK, R. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. The American Journal of Sociology. Volume XX, número 5, marco, 2015.
- _____. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G.(org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar 1973.
- PEET, R. O desenvolvimento da geografia radical nos Estados Unidos. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982.
- PERL, L. Veterans and homelessness Congressional Research Reports or People. 2012. https://www.fas.org/sgp/crs/misc/RL34024.pdf [consulta: 20 de diciembre de 2013].
- PERROT, M. As mulheres ou os silêncios da história, Bauru, SP, EDUSC. 2005.
- PEZATTI, E. G. A gramática da derivação sufixal: os sufixos formadores de substantivos abstratos. Alfa, v.34, p.153-174, São Paulo, 1990.
- PICKLES, J. Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- PIMENTA, C. **Educação: um território dos meninos de rua.** Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. 1997
- PINTO, S. A construção da territorialidade da população de rua na cidade do **Recife/PE.** Dissertação (Mestrado) Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPE, 2000.
- PIRES DO RIO, G. A. **Trabalho de campo na (re) construção da pesquisa geográfica: reflexões sobre um tradicional instrumento de investigação.** GEOgraphia (UFF), v. 13, p. 42-56, 2011.
- PROCTOR, J. D; SMITH, D. M. (eds). **Geography and Ethics: Journeys in a Moral Terrain**. London: Routledge. 1999.
- RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- RAOULT, D; FOUCAULT, C e BROUQUI, P. **Infections in the Homeless.** The lancet Infectious Diseases. Vol 1, September. p.77-84, 2001.
- REVEL, J. Os Usos da Civilidade. In: CHARTIER, R. (Org.). História da Vida Privada. Vol. III: Da Renascença ao Século das Luzes. Tradução de: FEIST, Hildegard. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RIAL,V; RODRÍGUEZ, E e VOMERO, F. Varones jóvenes en situación de calle Entre el estigma y la marginalidad. In: GORSKI, S (org.). anuário social y cultural en uruguay. 2007. Unesco, 2007.
- RIO, J. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Ed. Martin Claret. 2007.

streets. Rio de Janeiro: Loyola Ed., Ed. Puc-Rio. 2003. ROBAINA, I. A Invisibilidade Como Estratégia Espacial De Sobrevivência Das Populações De Rua Na Cidade Do Rio De Janeiro. Revista Espaço Aberto, v. 2, p. 45-56, 2012. 'daninhas'? .Populações Contenção territorial e estratégias sobrevivência das populações de rua nos espaços públicos das grandes metrópoles. Revista Entre-Lugar (UFGD. Impresso), v. 2, p. 137-163. 2011. .Por uma geografia das populações de rua: tipologia, territorialidades e estratégias de sobrevivência em espaços públicos na área central da cidade do rio de janeiro. (Projeto de Doutorado aprovado pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense), 2010. _. Territorialidades da insegurança, do medo e das resistências: uma análise sobre as populações de rua no espaço urbano contemporâneo. In: Alcindo José de Sá. (Org.). Nas geografias da Violência... O renascer dos espaços de civilidade? Nas geografias da Violência... O renascer dos espaços de civilidade? Recife: CCS, v. 1, p. 449-466. 2009. RODRIGUES, J. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. ROSA, C. Vidas nas ruas. São Paulo: Hucitec/Rede Rua, 2005. SACK, R. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. ___. Homo Geographicus: A Framework for Action, Awareness and Moral **Concerns.** Balitmore and London: the Johns Hopkins University Press. 1997. _. A Sketch of a Geographic Theory of Morality. Annals of the Association of American Geographers Volume 89, Issue 1, pages 26–44, March. 1999. SAIZAR, M. Homeless en Buenos Aires. Nuevas formas de exclusión social. Scripta Ethnologica. N° 24, 2001. SANTOS, A. Crack e gestão municipal do Rio de Janeiro: discursos e práticas. Dissertação de Mestrado em Ciencias Sociais - PUC-RJ. 2014 SANTOS, M. A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. ___. Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, RJ: Record. 5^a Edição. 2001. . Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec. 1998. __. O espaço geográfico como categoria filosófica. Em Terra Livre Nº 5., São Paulo, Editora Marco Zero, 1988.

RIZZINI, I. et al. Life on the streets: life trajectories of children and youth on the

_____. Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

SARLET, I, W. **A eficácia dos direitos fundamentais**. 6ª ed., Porto Alegre : Livraria do Advogado, 2006

SAUER, C, O. **A morfologia da Paisagem**. In: CORRÊA, R.L;ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio deJaneiro: EdUERJ, 1998. p.12-74.

SCHNABEL, P. **Down and out: social marginality and homelessness**. The International Journal of Social Psychiatry, n.1, v.38, p.59-67, 1992.

SCHOR, S, VIEIRA, M. **Principais resultados do perfil socioeconômico da população de moradores de rua da área central da cidade de São Paulo**. São Paulo: FIPE/ Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 2010.

SCOTT, J. Los dominados y el arte de la resistência. Pais Vasco: Txalaparta, 2003.

SCOTT, M; B, L, STANFORD, M. Accounts. In: Dilemas, v.1, 2008, p. 139-172.

SCHÜTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHUTZ, A; LUCKMANN, T. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires: Amorrortu. (2003)

SEAMON, D & BUTTIMER, A, 1980. The Human Experience of Space and Place. London: Croom Helm.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Levantamento de populações em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro. Cadernos de assistência social, volume 18, 2008.

SENNETT, R. O declínio do homem público. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1988.

SERPA, A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. Geousp — Espaço e Tempo, São Paulo nº 15, 2004.

SILVA, D. **População em Situação de Rua, Educação e Direito a Cidade**. Monografia de Especialização apresentada junto ao programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, M. **Reflexão sobre o conceito de problema social**. Análise Social. Vol.5, no.17 – 1° trimestre, p.5-22, 1967.

SILVA, M, L. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez. 2009

SILVA, L. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. Soc. estado. vol.19 no.1 Brasília Jan./June. 2004.

SILVA, J. A cidade dos Corpos transgressores da heteronormatividade. In: GeoUERJ, vol 18, p.118, 2008.

- SILVA, H; MILITO, C. Vozes do meio-fio: etnografia sobre a singularidade dos diálogos que envolvem meninos e adolescentes ou que tomam a adolescência e a infância por tema e objeto nas ruas da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.
- SILVA FILHO. D. **Degredados Filhos De Eva- População De Rua E Economia Da Miséria No Rio De Janeiro**. (Tese de Doutorado Ciências Sociais) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ. 2007.
- SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SIMÕES, L. Estudo semântico e diacrônico do sufixo '-dade' na língua portuguesa. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa. 2009.
- SMITH. C. **Public problems: the management of urban distress**. New York and London: the Guilford press, 1988.
- SMITH, D. **Geography and ethics: a moral turn?** Progress in human geography. 21, 4 p.583-590. 1997.
- SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: Veículos dos sem-tetos e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antônio (Org.) O espaço da diferença. Campinas, Sp. Papirus, 2000.
- SNOW, D; ANDERSON, L. **Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 1998.
- SNOW, D; BAKER, S e ANDERSON, L Criminality and Homeless Men: An Empirical Assessment. In: Social Problems 36, no. 5: p.532–49. 1989.
- SOJA. E. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. The Spatiality of Social Life: Towards a Transformative Retheorisation, in Gregory, D. and Urry, J. (eds.) Social Relations and Spatial Structures. Houndmills: Macmillan.1985.
- _____. **Different Spaces, Interpreting the spatial organization of societies**, in J. PEPONIS, J. WINEMAN, and S. BAFNA, eds., Proceedings, 3rd International Space Syntax Symposium, pp. s1.1-s1.7, A. Alfred Taubman College of Architecture and Urban Planning, Michigan. 2001.
- SOUZA, M, L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO. Et al (Orgs.) Geografia: Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.
- _____. Fobópole: **o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- _____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro Bertrand Brasil. 2013.

- _____. Com o Estado, Apesar do Estado, Contra o Estado: os movimentos sociais e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta. Revista Cidades, Presidente Prudente, n. 11, v. 7, p. 13-47, 2010.
- _____. Redes e sistemas do tráfico de drogas no Rio de Janeiro: uma tentativa de modelagem. In: Anuário do Instituto de Geociências V.19 1996. p.45-60.
- SPOSATI, A. Exclusão social abaixo da linha do Equador. São Paulo, PUC. In: Seminário sobre exclusão social, abril de 1998.
- SPRINGER, S. Homelessness: A proposal for a global definition and classification, Habitat International, 24(4): 475–84. 2000.
- STIGLITZ, J. E. **La economia del sector público**. 3º Edição. Antoni Bosch Editor. Barcelona, 2000
- STODDART, D. R. **Topophilia.** Annals of the Association of American Geographers 76 (2): 283–283. 1986.
- STOECKLIN, D. Metodologia de pesquisa qualitativa junto às crianças em situação de rua. São Paulo, 2000.
- STOFFELS, M. Os **Mendigos na cidade de São Paulo**.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 295p.
- TAJFEL, H. Differentiation between social group. London: Academic Press. 1978.
- _____. **Individuals and groups in social psychology**. British jornal of social and clinical psychology. 18. 183-190. 1979.
- TOMAS, F. La ciudad y las estrategias socioespaciales. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 56, No. 4 (Oct. Dec), pp. 209-225. 1994.
- TOSI, A. Homelessness and the control of public space criminalising the poor? European journal of homelessness FEANTSA. Vol. 1, December 2007.
- TUAN, Yi-Fu. **Geografia humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) Perspectivas da Geografia. São Paulo, Difel, 1982.
- _____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo. Difel. 1983.
- _____.Morality And Imagination:Paradoxes Of Progress. MADISON: WISCONSIN UNIV, 1989.
- . **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- UN-HABITAT. Strategies to combat homelessness. United Nations Centre for Human Settlements (Habitat). Nairobi: Publications Unit. 2006.
- URRY, J. Mobilities. Cambridge: Polity, 2009.
- VALA, J. CASTRO, P. **Pensamento social e representações sociais**. In Vala, J. Monteiro, M. B. (Eds.), Psicologia social (9ª edição revista e actualizada) (pp. 569-602). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.
- VALLIM, D. As Políticas Públicas Municipais Voltadas ao Enfrentamento de Crack na Cidade do Rio de Janeiro. In: Congreso Latinoamericano de Ciencia

- Política, 2012, Quito. As Políticas Públicas Municipais Voltadas ao Enfrentamento de Crack na Cidade do Rio de Janeiro. Quito: Flacso, 2012.
- VELHO, G. Rio de Janeiro: Cultura, Política, Conflito. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2008.
- VIDAL, L, MUSSET, A e VIDAL, D. Sociedades, mobilidades, deslocamentos: os territórios da espera. O caso dos mundos americanos (de ontem a hoje). Confins. 13. Numéro 13. 2011.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. **Principios De Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1946.
- VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M., (Orgs). **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- WACQUANT, L. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. Novos Estudos, 96, 2013.
- WARANDA, V. Liminaridade, bebidas alcoólicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde, Universidade de São Paulo, 2009.
- WARANDA V, ADORNO, R. **Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde**. Saúde e Sociedade; 13:56-69. 2004.
- WERLEN, B. Society, action and space: an alternative human geography. London: Taylor e Francis, 2003
- WERNECK, A. Sociologia da moral, agencia social e criatividade. In: WERNECK, Alexandre, OLIVEIRA, L (Orgs.) Pensando bem: estudos de sociologia e antropologia da moral. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2014.
- WHYTE, W, F. Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- WILLIAMS, R. Night Spaces: Darkness, Deterritorialization, And Social Control. Space and Culture. 2008; 11; 514.
- WOLCH, J. From global to local: the rise of homeless in Los Angeles during the **1980s** In: FYFE, N and KENNY, T (orgs.). The urban geography reader. London and New York: Routledge, 2005.
- _____. **Urban homelessness: an agenda for research**. Urban Geography, 12,2, p. 99-104. 1991.
- WOLCH, J, DEAR, M. J. Landscapes of Despair: From Deinstitutionalization to Homelessness. Princeton, New Jersey: Princeton University Press. 1987.
- WOLF, M. Sociología de la vida cotidiana. Madrid: Catedra Teorema. 1979.
- ZALUAR, A. "Comentário" e "Comentários dos assessores sobre o perfil da população de rua". In: ROSA, Cleisa M.M. (org.). População de Rua: Brasil e Canadá. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo, Brasiliense. 1985.







TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NOS EQUIPAMENTOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO

O Centro de Capacitação da Política de Assistência Social autoriza a realização da pesquisa "Por uma Geografia das Populações de Rua: Tipologia, Territorialidades e Estratégias de Sobrevivência em Espaços Públicos na Área Central da Cidade do Rio de Janeiro" da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ que será realizada pelo aluno Igor Martins Medeiros Robaina.

A pesquisa tem por objetivo "promover o esforço para analisar os indivíduos que estão em situação de rua, suas estratégias e práticas espaciais", tendo como ação inicial do projeto a compreensão de como a Secretaria Municipal de Assistência Social — SMAS organiza espacialmente (socioterritorial) a sua política específica para esse segmento da população, sobretudo no que se refere a lógica de distribuição das unidades de acolhimento e a lógica das abordagens, realizada pelos CREAS. Sendo assim, inicialmente o pesquisador fará uma consulta a registros e dados da Subsecretaria de Proteção Especial sobre os as abordagens e os acolhimentos. Prosseguirá com a realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais da SMAS, com focos no processo e no acolhimento da população em situação de rua. Finalizando pretende acompanhar algumas abordagens de acolhimento.

Frente ao exposto foi acordado, por sugestão da Subsecretaria de Proteção Especial que a pesquisa seja desenvolvida num primeiro momento nos CREAS Simone de Beauvoir, Maria Lina, Zilda Arns e nos Centro Pop Bárbara Clazans e José Saramago.

Declaro que foi apresentada a minuta do projeto com especificação da metodologia de pesquisa e que a mesma se constitui em campo de estudo de interesse desta Secretaria.

O pesquisador foi orientado quanto aos procedimentos éticos necessários à realização da pesquisa com pessoas e que deverá apresentar o relatório final da mesma aos órgãos pesquisadores, bem como disponibilizar um exemplar para a Biblioteca do Centro de Capacitação.

Rio de Janeiro, 14 de maio de 2012.

Ana Lúcia da Silva Garcia Ana Lúcia da Silva Garcia Gerente do Centro de Capacitação de Política da Assistência Social



FICHA DE OBSERVAÇÃO



ENTRE MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS: UMA ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES COTIDIANAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

1. CARAC	CTERIZAÇÃO GERAL DA OBSERVAÇÃO
NÚMERO DA OBSERVAÇÃO	
DATA E HORÁRIO INICIAL	
PERÍODO DE OBSERVAÇÃO	() Manhã () Tarde () Noite
LOCAL NA ÁREA CENTRAL (RUA, AVENIDA, PRAÇA, BECO ETC)	
	() Aberto () Semi Encoberto () Encoberto
CONDIÇÕES DO TEMPO	() Chuvoso () Não Chuvoso
HORÁRIO FINAL	

2. PEI	RFIL DEMOC	GRÁFICO D <i>e</i>	A POPULAÇÂ	Ŏ	
NÚMERO APROXIMADO DE PESSOAS	(1) 05-10	() (2) 11-20 () (3) 21 - 30 (() (4) 31 - 40 () ((5) >40 ()
		Crianças	Jovens	Adultos	Idosos
COMPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA	Homem				
	Mulher				

3. DIMENSÕES MORFOLÓGICAS E COMPORTAMENTAIS Item Descrição DATA E HORÁRIO INICIAL Características das edificações no entorno (densidade, fluxo de circulação de pessoas, nível de conservação das edificações, estabelecimentos fechados) Existência de produções materiais da população em situação de rua (Malocas, caixas de madeira ou papelão, burrinhas, roupas penduradas ou espalhadas) Tipo de uso (dormir, dialogar, cozinhar, lavar etc) Forma de ocupação (concentrada, em grupos, dispersos etc)







ENTRE MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS UMA ANÁLISE DAS ESPACIALIDADES COTIDIANAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO *Esta entrevista possui como objetivo central compreender a espacialidade/mobilidade espacial das populações de rua através de suas rotinas cotidianas nos últimos sete dias em uma semana típica normal. I – Dados Iniciais 1- Data: ____/ 2013 2- Horário inicial da entrevista: 3- Local da Entrevista (Avenida, Rua, Praça, Beco, Viela etc): *Especificar exatamente o local e caso necessite, o ponto de referência, tendo em vista o mapeamento que será realizado posteriormente. 4- Idade: 5- Cidade de Origem: 6- Nível educacional: Analfabeto () Ens. Fundamental () Ens. Médio () Ens. Superior () 7- Você tem parentes no RJ () Sim ()Não *Em caso positivo, quem e onde (Bairro) II - Dimensões do Trabalho **1.a)** Você trabalhou ou trabalhará no dia de hoje? Sim () Não () *Caso positivo, seguir para 2.A **1.a.b**) Você realizou algum tipo de trabalho no dia de ontem? Sim () Não () *Caso positivo, seguir para 2.a **1.a.c)** Você realizou algum tipo de trabalho nos últimos sete dias? Sim () Não () *Caso positivo, seguir para 2.a

372

'Caso negativo, seguir para 2.b.1 2.A) No que você <u>trabalhará/trabalho</u>	<u>u</u>)?
Onde você trabalhou/trabalhará? P re	cisão da informação
*Caso este tipo de atividade exija um pela cidade realizar a pergunta 2.a.a	a mobilidade espacial, ou seja, seja preciso se deslocar
2.a.a) Q uais são os lugares/ou as rutrabalho? <i>Por exemplo, primeiro voc</i>	as, praças etc, que você percorre no seu dia-a-dia de ê para onde, depois, você vai para)
	npo durou/durará?
Qual o valor conseguido (Quanto voc	rê ganhou?
Quantas vezes nos últimos sete dias v	você realizou este tipo de atividade?
Todos os dias () 6 () 5 () 4 () 3	3 ()2()1()
2.a.1) Você trabalhou ou obteve algu	ma quantia de dinheiro além dessa atividade?
Sim () Não ()	
*Caso positivo, quais foram estas ativ	vidades, lugar(es), período(s), valores e frequência.
2.a.b - Você promove/promoveu a pr	ática de pedir dinheiro nos últimos sete dias?
Sim () Não () * Caso positivo, leia	o asterisco e escreva no espaço do 2.b.2
2.b.1) Você conseguiu algum dinheir	o nos últimos sete dias? (Não perguntar para aqueles
que promoveram algum tipo de tra	balho nesta pergunta e na 2.b.2)
*Caso positivo, seguir para 2.b.2.	
2 h 2) Como você conseguiu este din	heiro?

Pedido () Roubo () Aposenta	doria ou benefício () Outros ()
Especifique	
*Em caso de mendicância, roubo ou	outras atividades, pergunte em quais locais ou área, os
dias e o(s) horário(s) que ele desenve	olve esta atividade
III – Necessidades Cotidianas	
3) Você realizou alguma refeição no I	Restaurante Popular nestes últimos sete dias?
Sim () Não ()	
Caso positivo, Quantas vezes você foi	? 7 6 5 4 3 2 1
3.1) Você almoçou/almoçará no dia de	hoje?
Sim () Não ()	
3.1.2- Quais foram os lugares que vo	cê realizou suas refeições (almoço) nos últimos sete dias.
(buscar a precisão dos locais, como a r	rua e o nome do espaço de alimentação)
Dia 7- Lugar:	Valor:
Dia 6- Lugar:	Valor:
Dia 5- Lugar:	Valor:
Dia 4- Lugar:	Valor:
Dia 3- Lugar:	Valor:
Dia 2- Lugar:	Valor:
Dia 1- Lugar:	Valor:
3.1.3- Você jantou/jantará no dia de ho	oje?
Sim () Não ()	
3.1.4- Quais foram os lugares que vo	ocê realizou suas refeições (Jantar) nos últimos sete dias.
(buscar a precisão dos locais, como a r	rua e o nome do espaço de alimentação)
Dia 7- Lugar:	Valor:
Dia 6- Lugar:	Valor:
Dia 5- Lugar:	Valor:
Dia 4- Lugar:	Valor:
Dia 3- Lugar:	Valor:
Dia 2- Lugar:	Valor:

Dia 1- Lugar:	vaior:
3.1.5- Caso o entrevistado não te	nha realizado alguma refeição durante a semana, perguntar a
seguinte frase: Quais os motivos p	or você não ter realizado a refeição nestes dias?
Não possuía dinheiro () O lugar e	estava fechado () A distância era grande até o local ()
Não havia um lugar disponível () Outros () Especifique:	Estava sem fome () Havia comido outra coisa ()
3.2 - Como você faz para beber ág motivos pela escolha destes lugare	gua? Aponte três lugares que você utilize para beber água e os
motivos pera esconia destes lugare	S.
3.3 - Quantas vezes você tomou ba	anho nestes últimos sete dias?
7 6 5 4 3 2 1	
Quais são os locais que você utiliz	a para tomar banho?
1	Horário:
2	Horário:
3	Horário:
4	Horário:
5	Horário:
3.3.1 - Porque você escolhe estes l	ugares e horários?
3.4 - Quais são os locais que voc	cê utiliza para (Ir ao banheiro) realizar as suas necessidades
fisiológicas?	
1	Horário:
2	Horário:
3	Horário:
3.5 - Você realiza a lavagem das s	uas roupas?

Sim () Não () *Caso Negativo, Voc	ê fica quanto tempo com as mesmas roupas?
E depois, o que voo	cê faz?	
		que você utiliza para realizar a lavagem?
1	Hor:	Dia da sem:
2	Hor:	Dia da sem:
3	Hor:	Dia da sem:
	escolhe estes lugares	
3.5.3 - Qual é a fre	quência que você realiz	za esta atividade?
Todos os dias () I	Dias alternados () Uma	a vez por semana () Finais de semana ()
3.6 – Você fez uso	de algum tipo de bebid	la alcoólica nos últimos sete dias?
Sim () Não ()		
Qual a frequência:	Diariamente () Uma	vez por semana () Finais de semana () outros ()
Você faz usou algu	m tipo de drogas nos ú	ltimos sete dias?
Sim () N	Jão () *Caso	positivo, Que tipos de drogas você usou?
Qual a frequência?	Diariamente () Uma v	vez por semana () Finais de semana ()
3.6.1 – Foi já estev	e preso ou por alguma	passagem policial?
Sim () Não () *	Caso positivo, ainda ex	xiste alguma pendência? Sim () Não ()
3.6.2 - Você nos t	íltimos sete dias foi pa	ara algum lugar (conversar, beber, encontrar amigos,
fazer sexo, ir à prai	a, jogar futebol, cartas,	usar drogas, ouvir músicas etc?)
1	Hor:	Dia da sem:
2	Hor:	Dia da sem:
3_	Hor	Dia da sem:

3.6.3 - Por que você es	colheu estes lugares?
3.7 - Onde exatamento referência)	e você dormiu no dia de hoje? (Buscar a rua, praça, beco etc e alguma
3.7.1 - Por que você es	colheu este lugar?
	omente neste lugar nos últimos sete dias ou dormiu em outros lugares?
Sim () Não ()	
	3.7.3) Quais foram os locais que você dormiu nos últimos sete dias e os
•	cisão dos locais, como a rua e a referência da proximidade)
Dia 7	Motivo:
Dia 6	Motivo:
Dia 5	Motivo:
Dia 4	Motivo:
Dia 3	Motivo:
Dia 2	Motivo:
Dia 1	Motivo:
3.8 – Você carrega cor	nsigo todos os seus pertences ou guarda em algum lugar?
IV- Relações com a as	ssistência social
4.1 - Você já foi algur) Não ()	ma vez para um dos abrigos públicos (prefeitura ou do estado)? Sim (
Caso positivo, Você fo	i levado à força (choque de ordem) ou pediu para ir?
À força () Voluntaria	amente () Ambos ()

4.2- Você esteve no Abrigo de Antares nos últimos sete dias?
Sim () Não () *Caso positivo, 4.2.1 - Porque você quis ir para o abrigo?
4.2.2 - Como você faz para vir para o centro?
Caso negativo, 4.3 - Por que você não utilizou os abrigos públicos da prefeitura ou do estado nos últimos sete dias?
4.4 - Aponte três aspectos (coisas) que precisariam mudar para você frequentar os abrigos?
5 - Porque você escolheu o Centro da Cidade e não outras partes da cidade? (Madureira, Bar da tijuca, Méier ou Ilha do Governador)
5.1 - Você prefere ou evita não passar por alguma (área, rua, beco, praça) aqui no Centro e determinado horário do dia ou da noite? Sim () Não () Justifique
5.2 – Você já sofreu algum tipo de violência na rua (agressão, xingamento, humilhação etc) Sim () Não () *Caso positivo, 5.2 – Como foi, onde foi e quem cometeu?
da tijuca, Méier ou Ilha do Governador) 5.1 - Você prefere ou evita não passar por alguma (área, rua, beco, praça) aqui no Centro e determinado horário do dia ou da noite? Sim () Não () Justifique

VI – Redes de solidariedade

1	horário:
2	horário:
3	horário:
4	horário:
5	horário:
VII- Considerações f	inais: outras questões
perguntado?	s ou atividades que você tenha feito nos últimos sete dias que não f
perguntado?	
perguntado?	
perguntado? 7.1- Você saiu do Cen	
perguntado? 7.1- Você saiu do Cen Sim () Não () *En	tro da cidade nos últimos sete dias?
7.1- Você saiu do Cen Sim () Não () *En 7.1.1 – Para onde você	tro da cidade nos últimos sete dias? m caso positivo, perguntar:
7.1- Você saiu do Cen Sim () Não () *En 7.1.1 – Para onde você	tro da cidade nos últimos sete dias? m caso positivo, perguntar: e foi e qual foi o motivo?

Anexo 4 - Lista dos Pseudônimos

Antônio (44 anos) Alex (24 anos) Anderson (26 anos) Adriano (23 anos) André (19 anos) Arthur (32 anos) Bruno (29 anos) Breno (36 anos) Beto (24 anos) Baltazar (23 anos) Benedito (22 anos) Benito (21 anos) Carlos (19 anos) Cássio (42 anos) Celso (21 anos) Cícero (42 anos) Caio (60 anos) Cristiano (33 anos) Daniel (22 anos) Danilo (43 anos) Diego (21 anos) Diogo (28 anos) Davi (34 anos) Durval (31 anos) Eduardo (24 anos) Edgar (38 anos) Everaldo (39 anos) Ezequiel (23 anos) Elias (19 anos) Edir (49 anos) Francisco (52 anos) Fábio (23 anos) Felipe (23 anos) Fernando (54 anos) Fabiano (44 anos) Fabrício (62 anos) Gabriel (36 anos) Gérson (41 anos) Gilberto (21 anos) Gaspar (50 anos) Geovane (42 anos) Guilherme (57 anos)

Hélio (28 anos) Henrique (34 anos) Hugo (35 anos) Humberto (35 anos) Hermes (33 anos) Hamilton (38 anos) Ignácio (57 anos) Isaías (33 anos) Isaac (30 anos) lago (28 anos) Ivo (25 anos) Ivan (42 anos) Ismael (52 anos) Jorge (30 anos) João (48 anos) Jair (30 anos) Joaquim (31 anos) Júlio (29 anos) Josué (25 anos) Leandro (30 anos) Leonardo (32 anos) Lauro (21 anos) Luís (30 anos) Lázaro (28 anos) Luciano (34 anos) Marcos (38 anos) Mário (32 anos) Michel (60 anos)

Manoel (43 anos)

Marlon (47 anos)

Murilo (34 anos)

Nelson (31 anos)

Nivaldo (24 anos)

Nonato (40 anos)

Narciso (33 anos)

Nicolau (41 anos)

Otávio (38 anos)

Oscar (23 anos)

Oseias (43 anos)

Osvaldo (28 anos)

Orlando (41 anos)

Ney (46 anos)

Osmar (35 anos) Pedro (32 anos) Paulo (57 anos) Pablo (47 anos) Plínio (38 anos) Pepe (26 anos) Pascoal (22 anos) Rafael (42 anos) Renato (24 anos) Renan (50 anos) Reinaldo (29 anos) Raimundo (23 anos) Reginaldo (25 anos) Sandro (25 anos) Salomão (36 anos) Sandro (24 anos) Saulo (32 anos) Sérgio (49 anos) Silvio (38 anos) Tadeu (52 anos) Thiago (29 anos) Tarcísio (22 anos) Vitor (47 anos) Vinícius (21 anos)